



O CÓDIGO DE ATLÂNTIDA

CHARLES BROKAW

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Um professor de linguística de Harvard e um ramo ultrassecreto da igreja católica estão em uma corrida para ver quem consegue descobrir primeiro os segredos da cidade perdida de Atlântida. As ruínas dessa sociedade avançada tecnologicamente prometem fama e reconhecimento a quem conseguir encontrá-las, mas também guardam segredos que podem destruir tudo o que acreditamos sobre as origens da humanidade.



✦
Moscou, Rússia
21 de agosto

Odessa, Ucrânia
23 de agosto

✦
Leipzig, Alemanha
28 de agosto a 3 de setembro

✦
Londres, Inglaterra
21 de agosto a 14 de setembro

✦
Paris, França
5 de setembro

✦
Veneza, Itália
28 de agosto

✦
Alexandria, Egito
16 de agosto

✦
Câmara de Cordas
Cádiz, Espanha
14 de setembro

A viagem de
Thomas Lourds em
**O Código
de Atlântida**

✦
Dacar, Senegal
6 de setembro

✦
Lagos, Nigéria
11 de setembro

✦
Ile-Ifé, Nigéria
11 de setembro

CAPÍTULO

1

KOM AL-DIKKA

ALEXANDRIA, EGITO

16 DE AGOSTO DE 2009

Thomas Lourds abandonou o conforto da limusine com relutância e um senso incomum de mau agouro. Ele geralmente apreciava as oportunidades que surgiam para falar sobre seu trabalho, isso sem mencionar a possibilidade de solicitar financiamento para programas arqueológicos em que acreditava e sobre os quais era consultado.

Mas não hoje.

Sob o calor escaldante do sol egípcio no pico do meio-dia, ele largou a seus pés a mochila de couro riscada de cicatrizes e contemplou o enorme teatro romano que as legiões de Napoleão Bonaparte haviam descoberto ao fazer escavações para construir uma nova fortificação.

Embora o sítio arqueológico de Kom Al-Dikka tivesse sido explorado durante os últimos duzentos anos, primeiro por caçadores de tesouros, e, depois, por homens instruídos que procuravam o conhecimento dos tempos antigos, a missão polonês-egípcia que havia sido estabelecida aqui há mais de quarenta anos continuou a fazer novas e surpreendentes descobertas.

Escavado no chão, Kom Al-Dikka mantinha-se como um anfiteatro semicircular não muito longe da estação de trem em Alexandria. Os passageiros que saíam da plataforma ferroviária só precisavam atravessar uma curta distância para observar com atenção o antigo palco. Os carros passam perto pelas ruas Nabi Daniel e Hurriya. Aqui, os mundos antigo e moderno estavam lado a lado.

Construído com treze camadas de mármore onde cabiam até oitocentos espectadores, com cada assento cuidadosamente numerado, a história desse teatro se estendia profundamente pelo passado e por todo o mundo antigo. Suas pedras de mármore branco foram extraídas

da Europa e trazidas para a África. A Ásia Menor havia fornecido o mármore esverdeado. O granito vermelho havia sido extraído de Aswan. Desenhos de mosaicos geométricos cobriam as alas. As casas e os banhos romanos se estendiam por trás dele. Todo o complexo era um símbolo do alcance global do grande império que o havia construído.

Lourds estudou a vasta estrutura de pedra. Quando Ptolomeu ainda era jovem e seus maiores trabalhos o aguardavam muitos anos adiante, Kom Al-Dikka já estava aqui, recebendo peças teatrais e musicais e — caso as inscrições nas colunas de mármore tivessem sido traduzidas corretamente, o que Lourds acreditava que sim — espetáculos de luta.

Ele sorriu ao pensar que Ptolomeu pudesse ter se sentado nos assentos de mármore e ali trabalhado em seus livros. Ou pensado sobre eles, pelo menos. Teria sido algo absurdo, como se um professor de linguística de Harvard frequentasse os eventos de UFC. Lourds era um professor desses, e não seguia o UFC. Mas ele gostava de pensar que Ptolomeu o fizesse, em seu tempo.

Embora Lourds já tivesse visto esse lugar várias vezes, sua visão nunca deixava de agitar dentro dele um desejo de saber mais sobre as pessoas que viveram aqui durante os anos em que o teatro era novo e atraía multidões. As histórias que haviam sido contadas mal sobreviveram àqueles dias. Quanta coisa havia sido perdida quando a Biblioteca Real de Alexandria fora destruída.

Por um momento, Lourds imaginou como deve ter sido andar pelos corredores da grande biblioteca. Suas coleções supostamente incluíam pelo menos meio milhão de pergaminhos. E acreditava-se que esse acervo contivesse todo o conhecimento do mundo até então. Eram tratados sobre matemática, astronomia, mapas antigos, criação de animais e agricultura, todos os assuntos estavam representados aqui. Assim como as obras de grandes escritores, incluindo as peças perdidas de Ésquilo, Sófocles, Eurípedes, Aristófanes e Menandro, artistas de tal poder e capacidade que suas obras sobreviventes continuavam a ser representadas até os dias de hoje. E mais.

Homens experientes e sábios tinham vindo de todas as partes do mundo para dar suas contribuições à antiga biblioteca e aprender com ela.

No entanto, tudo isso foi destruído e queimado.

Dependendo da última rodada do ensino politicamente correto, a destruição da Grande Biblioteca foi ordenada ou pelo imperador romano Júlio César, ou por Teófilo de Alexandria, ou pelo Califa Umar. Ou talvez por todos eles, ao longo do tempo. Quem quer que tenha sido o responsável, o fato é que todos esses escritos maravilhosos tinham sido queimados, destroçados ou estavam desaparecidos. Juntamente com os segredos e a sabedoria que eles continham. Ou, pelo menos, por agora. Lourds ainda tinha esperanças de que algum dia, em algum lugar, um tesouro oriundo dessas obras — ou de cópias delas — ainda pudesse existir. Ele achava que era perfeitamente possível que alguém, durante esses anos perigosos, se preocupasse em proteger uma parte dos pergaminhos, escondendo-os ou fazendo cópias que teriam sido escondidas enquanto a biblioteca era destruída.

O enorme deserto em torno dessa cidade ainda continha segredos, e as areias secas e quentes eram ótimas para a preservação de rolos de papiro. Tesouros desse tipo de vez em quando apareciam, em diversas ocasiões nas mãos de bandidos, mas às vezes sob a supervisão de arqueólogos. Os estudiosos podiam então ler os pergaminhos que novamente viam a luz do dia. Mas quem poderia dizer quantas relíquias mais ainda jaziam por lá, esperando para serem encontradas?

— Professor Lourds?

Ele apanhou sua mochila pousada a seus pés e virou-se para ver quem tinha chamado seu nome. Ele sabia o que seu interlocutor estava vendo. Era um homem alto, magro por causa dos anos de prática de futebol. Um cavanhaque negro aparado curto enquadrava o queixo forte e suavizava as feições rígidas do rosto. Seu cabelo ondulado negro era comprido o suficiente para descer pelo rosto e cair sobre as orelhas. As visitas ao barbeiro costumavam tomar tempo demais de seu dia, então ele só iria vê-lo quando os cabelos realmente não pudessem continuar sem um corte. E esse tempo estava chegando, percebeu Lourds ao afastar as longas mechas da frente dos olhos. Ele estava usando bermudas cáqui, uma camisa cinza, botas de caminhada, um chapéu australiano de camurça e óculos de sol. Tudo um pouco roto e desgastado nas beiradas. Ele se parecia, pensou, com um egiptólogo a

trabalho, muito diferente dos turistas e vendedores ambulantes que perambulavam pelos anfiteatros.

— Senhorita Crane? — Lourds cumprimentou a mulher que o chamara.

Leslie Crane caminhou na direção dele. O pescoço dos homens costumava virar para segui-la enquanto ela passava. E Lourds não podia culpá-los. Leslie Crane era bonita, de cabelos dourados e olhos verdes, vestindo bermuda e uma camiseta de linho branca sem mangas, que enfatizava sua figura esbelta e a pele morena de sol. Lourds calculou que ela deveria ter uns 24 anos, talvez, o que significava que a moça era quinze anos mais nova do que ele.

Ela pegou a mão do professor e o cumprimentou:

— É tão bom enfim conhecê-lo pessoalmente.

Leslie tinha um nítido sotaque britânico, e em sua voz de contralto, luxuriante, o efeito era tranquilizador.

— Também estava ansioso por isso, e-mails e telefonemas não substituem você realmente conversar com a pessoa ao vivo — respondeu ele. Apesar de esses dois meios de comunicação serem rápidos em colocar as pessoas em contato, Lourds preferia conversar pessoalmente ou escrever em papel. Ele era uma espécie de anacronismo ambulante, porque ainda dedicava tempo a escrever longas cartas aos amigos, que respondiam da mesma forma. O professor acreditava que as cartas, especialmente quando a pessoa queria defender um ponto de vista e uma linha de pensamento sem interrupções, eram importantes.

— Apertar as mãos é um ato que tem lá suas vantagens.

— Oh — disse ela. Como se apenas agora percebesse que ainda segurava a mão dele, ela a soltou. — Desculpe.

— Não tem problema.

— Você achou o hotel adequado?

— Claro. É maravilhoso. — A rede de TV o havia hospedado no Sheraton Montazah, um hotel cinco estrelas na cidade. Com o litoral do Mediterrâneo ao norte e o palácio de verão do rei Farouk ao sul, com seus esplendorosos jardins, a experiência estava sendo incrível. — Mas é perto o suficiente para que tivesse vindo andando até aqui. Embora a

limusine tenha sido sensacional. Um professor universitário não é exatamente o mesmo que um astro do rock...

— Bobagem — disse Leslie. — Aproveite. Queríamos que você soubesse o quanto estamos ansiosos para trabalhar com você neste projeto. Você já esteve lá antes?

— Não — Lourds balançou a cabeça, negando. — Eu sou apenas um humilde professor de linguística.

— Não despreze a sua formação ou a sua experiência. Isso foi uma coisa que nós não fizemos — Leslie lançou-lhe um deslumbrante sorriso. — Você não é apenas um professor de linguística. É alguém que leciona em Harvard e estudou na Universidade de Oxford. E sua experiência não tem nada de modesta. Você é o maior especialista do mundo em línguas antigas.

— Bem, pode acreditar numa coisa, Leslie — retrucou ele. — Não são poucos os estudiosos que contestam essa afirmação.

— Isso não acontece com Ancient Worlds, Ancient People — retrucou Leslie. — Quando completarmos essa série, o mundo vai enxergar você como exatamente é.

Ancient Worlds, Ancient People era o título da série de TV produzida pela Janus World View Productions, uma afiliada da BBC (British Broadcasting Corporation) no Reino Unido. A série trazia histórias interessantes sobre pessoas, e lugares e os programas eram apresentados por comentaristas joviais como Leslie Crane, que já havia entrevistado estudiosos reconhecidos em vários campos do conhecimento humano.

— Você riu — comentou Leslie com um sorriso largo que a fez parecer ainda mais jovem. — Está duvidando de mim, professor Lourds?

— Não, de você não — respondeu ele. — Talvez eu duvide da generosidade do público espectador. E, por favor, me chame de Thomas. Você se importa se nós caminharmos? — Ele esticou o queixo em direção a uma área de sombra. — Pelo menos para sair deste sol?

— Claro — disse Leslie, caminhando ao lado dele.

— Você disse que tinha um desafio para apresentar-me nesta manhã — lembrou Lourds.

— Nervoso?

— Não muito. Eu gosto de um desafio. Mas os enigmas me deixam um pouco... Curioso.

— Não é a curiosidade a melhor ferramenta de um professor de linguística? — perguntou ela.

— Paciência, eu acho, é a melhor ferramenta. Embora ela seja aquilo que mais lutemos para conseguir... Os registros intelectuais de uma nação ou de um império, sejam eles história, matemática, artes ou ciências, levam tempo para ser transcritos pelos escribas. E, infelizmente, leva ainda mais tempo para os estudiosos de hoje conseguirem decifrar as obras antigas, especialmente quando não temos mais acesso às línguas em que foram escritas. Por mais de mil anos, por exemplo, não havia ninguém no planeta que fosse capaz de ler os hieróglifos egípcios. Foi preciso muita paciência para encontrar a chave certa, e, em seguida, mais paciência para decifrar o código do seu significado.

— Quanto tempo você demorou para quebrar as Confissões da alcova?

Agora na sombra e fora do brilho direto do sol, Lourds sorriu tristemente e esfregou a nuca. A tradução desses documentos lhe havia rendido muita atenção, tanto negativa como positiva. Ele ainda não sabia se o tempo gasto com elas foi um marco na carreira ou um passo em falso.

— Na verdade — respondeu ele — esses documentos não se chamavam Confissões da alcova. Esse foi o apelido infeliz que o pessoal dos meios de comunicação de massa deram a eles ao cobrir a história...

— Desculpe, não tive a intenção de ofender...

— Sei disso...

— Mas esses documentos — tornou Leslie — eram as histórias de conquistas sexuais do autor, correto?

— Possivelmente. Talvez fossem apenas suas fantasias. Walter Mitty¹ dando uma de Hugh Hefner. Seja como for, eram relatos bastante vívidos.

— E surpreendentemente explícitos...

— Você já os leu? — perguntou Lourds, sem conseguir disfarçar a

surpresa.

— Já... — as bochechas bronzeadas de Leslie se inflamaram. — E eu devo dizer que são bastante... Hã... Convincentes...

— Então você também deve saber que alguns críticos chamaram minha tradução de pornografia da mais pobre qualidade. Uma versão antiga da Penthouse Forum.²

Os olhos verdes de Leslie brilharam divertidos:

— Agora você está se confessando um devasso.

— Como assim? — Lourds ergueu as sobrancelhas inocentemente.

— Um professor universitário com conhecimento da revista Penthouse?

— Bem, antes de ser professor — respondeu Lourds — eu fui estudante universitário. Na minha experiência, os estudantes universitários do sexo masculino têm pelo menos uma breve passagem por ela.

Leslie continuou:

— Mesmo que essa tradução o tenha levado a ser atacado pelo público docente, conheço vários professores renomados que avaliam que foi um trabalho importante em um documento difícil.

— Foi um desafio. — Lourds agora se mostrava mais entusiasmado para discutir o tema, quase nem percebendo a presença dos transeuntes. Vozes na rua ofereciam algumas pechinchas em árabe, inglês, francês e dialetos locais, mas ele não dava a mínima atenção. — O documento original foi escrito em copta, que era um idioma usado no Antigo Egito e cujo alfabeto tratava-se de uma versão modificada do alfabeto grego. O homem que criou esse documento acrescentou ainda uma série de letras, algumas das quais foram usadas apenas para palavras que estavam originalmente em grego. O documento, escrito por alguém que se chamava Antônio, sem dúvida em homenagem ao santo, embora fosse mais um sátiro do que um homem — ou pelo menos era assim que se via — num primeiro momento, parecia sem sentido.

O professor parou um momento e depois continuou:

— Outros linguistas tentaram traduzi-lo, mas nada disso fazia sentido. Você descobriu que ele foi escrito em código. Eu não sabia que existiam códigos já naquela época tão distante... Os primeiros códigos

conhecidos são atribuídos aos romanos. Júlio César usou uma substituição simples de letras, ou mudança de posição na frase, para mascarar mensagens a seus comandantes militares. Sua mudança mais comum era a de três espaços.

— O A vira D — comentou Leslie.

— Exato.

— Nós costumávamos fazer isso quando éramos crianças.

— Naquela época — continuou o professor — aquele esquema era inteligente, mas logo os inimigos de César o descobriram. E é assim hoje. Os códigos de substituição não são mais usados por qualquer pessoa interessada em manter as coisas verdadeiramente secretas. Eles são muito fáceis de quebrar. No idioma inglês, a letra mais usada é E, e a segunda mais utilizada é T. Assim que você conseguir determinar esses valores em um bloco de texto, o restante das letras acaba caindo em seu lugar certo.

— Mas as Confis... Quero dizer, o documento que você decifrou, ele era incomum.

— Bem — respondeu Lourds —, se o compararmos ao que descobrimos até agora daquela época, sim. E tendo em vista o conteúdo, o autor tinha todos os motivos para codificar suas palavras.

— O que tornou a leitura de sua tradução ainda mais interessante para mim foi saber que os coptas eram uma seita extremamente religiosa. Mesmo pelos padrões de hoje, esse documento é um pouco chocante. Portanto, algo assim teria sido bastante... — Leslie vacilou nas palavras, evidentemente sem ter certeza de quanto poderia ser obscena.

— Exótico... — ajudou-a o professor. — Ou inflamatório, dependendo de seu ponto de vista. Claro que os padrões de hoje estão muito mais restritos, por assim dizer, do que eram no mundo antigo, o que foi um legado deixado por Santo Agostinho, os vitorianos e os puritanos, entre outros. Mas mesmo pelos padrões antigos, eram documentos inflamatórios. Possivelmente até mesmo perigosos para a vida do escritor. Concorro. Acho que por isso ele foi cuidadoso. Além da codificação, o documento foi também escrito em saídico.

— Mas qual é a diferença? — perguntou Leslie. — Esta não era uma

língua copta?

— Mais ou menos. O dialeto saídico foi um desdobramento da linguagem copta original.

— A que começou do grego.

Lourds assentiu. Ele gostou da jovem. Ela era rápida e experiente, e parecia genuinamente interessada no que ele tinha a dizer. Algumas das dúvidas que sentia com relação a concordar com esta reunião começaram a desvanecer-se. A universidade estava sempre procurando maneiras de aumentar sua exposição ao público, mas isso nem sempre se revelava favorável aos professores colocados na linha de fogo. A maioria dos jornalistas e repórteres só ouvia durante o tempo suficiente para detectar uma palavra ou frase que pudesse ser explorada, mesmo que fora do contexto, a fim de confirmar fosse qual fosse o ponto de vista deles sobre qualquer assunto. Lourds já tinha visto bastante do que podia acontecer quando um professor era mastigado pela mídia. Isso não era uma cena bonita. Até agora, ele tinha ficado meio oculto, mas seu trabalho com as Atividades de alcova o colocara mais em evidência do que ele gostaria.

— O dialeto saídico foi originalmente chamado de tebaico e começou a ser usado em forma literária em torno de 300 d.C. Grande parte da Bíblia foi traduzida para esse dialeto, e o copta tornou-se o dialeto padrão para a Igreja Ortodoxa Copta. Mais tarde, no século XI, Hakem b'Amr Allah praticamente aboliu a fé cristã, perseguiu-a até que os remanescentes se escondessem.

— Que tumulto... — comentou Leslie.

— Isso aconteceu aqui e no resto do mundo. Os conquistadores muitas vezes procuram destruir a linguagem da civilização que eles dominaram. Veja o que aconteceu com o gaélico quando os ingleses dominaram os escoceses. Os clãs eram proibidos de se comunicar em gaélico, de usar suas roupas que vinham por herança, e até mesmo de tocar suas gaitas de foles. Ao matar seu idioma, o conquistador quebra a conexão do povo conquistado com sua história.

— Tira o seu conhecimento, você quer dizer? — perguntou Leslie.

— Mais do que isso — respondeu Lourds. — A língua é arraigada nas pessoas. Creio que lhes dá um senso de quem são e para onde estão

indo... Eu acho que a língua... Ela molda a vida das pessoas.

— Por essa definição, até cantores de rap criam uma linguagem.

— Não — retrucou o professor. — Eles não estão exatamente criando algo. Estão na verdade elevando essa língua a partir de seu grupo, procurando transformá-la em uma forma de arte única. Assim como Shakespeare fez com o idioma inglês.

— Comparando cantores de rap com Shakespeare? Isso seria considerado escandaloso em alguns círculos acadêmicos. Mesmo perigoso...

Lourds sorriu tristemente.

— Talvez. Provavelmente eu seria acusado mais de uma violação flagrante da bolsa de estudos do que de uma questão de assassinato. Mas é verdade. Se um grupo de pessoas se separa da maioria, a tendência é que esse grupo desenvolva sua própria linguagem. Assim como professores universitários e jornalistas — cada um com um campo de ação definido — desenvolvem palavras especializadas que fornecem uma espécie de estenografia dentro de seu grupo. Ou então quando uma cultura pode desenvolver uma linguagem totalmente nova para evitar ser compreendida por uma população maior dentro da qual eles vivem. Um caso importante que exemplifica essa tese são os ciganos.

— Eu sabia que eles tinham sua própria língua — comentou a jornalista.

— E você sabe como eles surgiram?

— Hum... Por meio de mamãe e papai ciganos? — brincou ela.

Lourds riu.

— Em determinado momento, claro que sim... Mas, bem no começo, eles eram provavelmente hindus de baixa casta que foram recrutados por um exército de mercenários para lutar contra os conquistadores islâmicos. Ou eles podem ter sido escravos tomados pelos conquistadores muçulmanos. De qualquer maneira, independentemente do fato de uma dessas hipóteses estar correta, os ciganos se tornaram seu próprio povo e criaram seu próprio idioma.

— Você está sugerindo que um povo subjugado é levado a criar sua própria linguagem? — perguntou Leslie.

— Sim, ou leva à destruição de uma. A linguagem é uma das

ferramentas e um dos conjuntos de habilidades mais evoluídos que a humanidade foi capaz de forjar. A língua pode unir ou separar as pessoas mais rápida e facilmente do que a cor da pele, as propensões políticas, as crenças religiosas ou a riqueza. — Lourds olhou para ela, surpreso consigo mesmo por falar tanto. E pelo fato de os olhos da jovem ainda não estarem vidrados. — Desculpe-me, você me pegou num momento-palestra. Já ficou aborrecida?

— Pelo contrário — respondeu Leslie. — Estou mais fascinada do que nunca. E eu não posso esperar para mostrar-lhe o nosso desafio misterioso. Você já tomou café da manhã?

— Não.

— Ótimo. Então eu estou convidando você para tomar o café comigo.

— Estou honrado — disse ele. — E com fome.

E esperançoso de conseguir uma refeição interessante aqui, pensou, apesar de ele não dizer nada disso à sua anfitriã.

Lourds levantou a mochila que carregava e soltou-a sobre seu ombro. A mochila continha seu notebook e vários livros e papéis que sentia que não podia viajar sem eles. Boa parte da informação que eles continham estava duplicada no disco rígido do computador, mas o professor adorava a sensação e o cheiro dos livros quando podia escolher entre o texto virtual e o real. Alguns desses livros tinham viajado com ele por mais de vinte anos.

Ele caminhou ao lado de Leslie enquanto abriam caminho através do tráfego de pedestres e vendedores, ouvindo as vozes dos ambulantes gritando as vantagens dos seus produtos. Alexandria estava em pleno funcionamento, apressando-se para viver mais um dia entre turistas e ladrões.

Uma sensação desconfortável de estar sendo observado desenvolveu-se no meio das costas de Lourds. Graças aos anos de viagens a países estrangeiros, incluindo muitas nações localizadas nas partes mais distantes do globo, aprendera a dar atenção a essa advertência. Por uma ou duas vezes, esses avisos lhe salvaram a vida.

Ele fez uma pausa e olhou para trás, tentando perceber se alguém no meio da multidão estava mostrando algum interesse indevido nele. Mas tudo o que viu foi um mar de rostos, todos eles se movendo e se

acotovelando enquanto se contorciam no meio do tráfego de pessoas.

— O que foi? — perguntou Leslie.

Lourds balançou a cabeça. Ele estava imaginando coisas. Isso que dá ficar lendo um romance de espionagem no avião, repreendeu a si mesmo.

— Nada — respondeu, alcançando o passo e se colocando ao lado da jornalista enquanto cruzavam a rua Hurriya. Ninguém parecia estar seguindo os dois. Mas aquela sensação não foi embora.

*

— Ele viu você?

De pé no movimentado cruzamento da rua Hurriya, Patrizio Gallardo ficou observando enquanto o alto professor universitário caminhava para longe. Gallardo deixou escapar um suspiro tenso. Ele ainda não sabia tudo o que estava acontecendo. Seu contato, Stefano Murani — cardeal Murani, nos dias de hoje — ficava de boca fechada com os seus segredos. Foi assim que seus patrões o haviam ensinado a se comportar.

Ambos haviam sido recrutados pela Sociedade de Quirino por causa de suas respectivas forças. Murani tinha vindo de uma família aristocrática que vivia da fortuna acumulada pelas gerações passadas. Usando essa posição como degrau, ele entrou na Igreja Católica e subiu rapidamente na hierarquia até se tornar um cardeal. Em sua posição na Cidade do Vaticano, Murani teve acesso a documentos secretos e outros papéis que nunca tinham sido apresentados aos olhos do público.

Gallardo chamou a atenção da Sociedade de outra maneira. Seu pai, Saverio Gallardo, fazia parte de uma família do crime organizado na Itália que recolhia dinheiro dos incautos. Patrizio Gallardo tentara o caminho do crime organizado, mas não tinha sido muito feliz trabalhando sob o comando do pai, apesar de seu talento para o negócio.

Ele gostou dessa função e, trabalhando para as pessoas certas, descobriu que poderia ganhar realmente bem. Qualquer um poderia

enfiar uma arma na cara de alguém e exigir seu dinheiro. Mas nem todos tinham culhões para puxar o gatilho e depois limpar o sangue que espirrava em seu rosto. Patrizio Gallardo tinha. E foi isso que ele fez para a Sociedade. E era isso que estava preparado para fazer hoje. Tudo o que a Sociedade precisaria fazer era apontar.

E hoje, eles haviam apontado para o professor Thomas Lourds.

— Ele viu você? — perguntou Cimino novamente.

Gallardo ficou olhando para sua presa. Desta vez, não olhou diretamente para o homem, mas avaliou toda a cena da rua. Lourds continuava em seu caminho, conversando amigavelmente com a mulher.

— Não — respondeu Gallardo.

Ele usava um fone de ouvido pequeno e que estava na maior parte escondido pelo colarinho da camisa. Tinha quase 1,85 metro de altura, um homenzarrão rude em seus quarenta anos. Bronzeado pelo sol do deserto, com cicatrizes de batalhas contra pessoas que tentaram tirar alguma coisa dele e das pessoas das quais ele tinha tirado outras coisas, tinha um rosto redondo com cabelos pretos e grossos, queixo com barba por fazer, e uma pesada sobrancelha disposta em uma carranca sobre um par de olhos muito juntos. Qualquer um que encontrasse esse homem pela frente geralmente atravessava a rua para sair de seu caminho.

— A gente podia armar uma emboscada pra esse cara — disse Cimino. — Matar esse sujeito seria moleza, e então era só pegar o que viemos buscar.

— Se a gente matar o Lourds agora — apontou Gallardo —, há uma boa chance de não encontrarmos o artefato que estamos procurando. O homem não está com ele. Vai ser preciso esperar que a mulher nos leve até onde está.

Ao sair da calçada, Gallardo acenou com a mão.

Três quarteirões abaixo na movimentada via pública, um caminhão de carga com dez anos de uso veio subindo, saindo de uma rua lateral, e percorreu a rua Hurriya. Estacionou no meio-fio e Gallardo subiu para a boleia, no banco do passageiro. O para-brisas sujo suavizava a inclemência dos raios de sol. O ar-condicionado chiava como se tivesse

asma e trazia apenas um ligeiro alívio contra o calor implacável.

Gallardo enxugou o rosto com um lenço, amaldiçoando o calor. Ele olhou para o motorista:

— E como está o nosso convidado?

DiBenedetto balançou a cabeça e jogou fora a bituca de seu cigarro turco. Ele era jovem e durão, mas mantinha uma dependência de morfina constante que um dia seria o seu fim. Ele era um assassino cruel por escolha, ainda pior do que Cimino porque a droga lhe roubara a maioria de seus sentimentos. Só permaneceu leal a Gallardo porque este lhe trazia uma quantidade suficiente da droga para manter seu vício satisfeito.

— Ele ainda não falou? — perguntou Gallardo.

DiBenedetto virou-se e sorriu para Gallardo. Seu rosto era jovem, apesar da droga. Estava com 22 anos. Mas seus olhos azuis e gelados eram estranhos e pareciam de uma pessoa mais velha. Se a humanidade e a compaixão algum dia habitaram ali, havia muito tinham ido embora.

— Ele grita — respondeu o jovem assassino. — E chora, e implora. Às vezes, ele até tenta adivinhar o que queremos saber. Mas ele não sabe — o jovem encolheu os ombros. — É patético. Ainda assim, Farok gostou da batalha para fazê-lo falar.

Gallardo abriu o painel que conectava a cabine do caminhão com a área de carga.

Seu convidado estava na parte de trás. Seu nome era James Kale. Ele era um dos produtores do programa de TV Ancient Worlds, Ancient People. Perto dos 40 anos, fora um homem bonito antes dos açougueiros de Gallardo o terem capturado. Agora, seu cabelo da cor de gengibre estava salpicado com seu sangue, o rosto dilacerado por um soco inglês e um dos olhos arrancados. Eles também haviam amputado os dedos de sua mão direita e o castrado.

A última coisa fora um toque pessoal de Farok. O árabe era um homem cruel, que tirava prazer na tortura que infligia.

Kale estava enrolado em uma bola fetal, com a mão mutilada apertada contra o peito. Suas calças estavam escuras de sangue. Mais sangue cobria o interior do espaço da carga, espalhado pelo piso e

espirrado pelas paredes até no teto. O produtor estava se equilibrando perigosamente na borda da vida, prestes a dar seu último mergulho no abismo.

Farok sentou-se com suas costas voltadas para o espaço e fumou um cigarro. Devia estar em seus 50 anos, um homem sombrio e duro vestido em um albornoz que agora estava salpicado de sangue. Havia fios grisalhos em sua barba, também manchada de sangue. Ele levantou os olhos para Gallardo e sorriu:

— Ele ainda insiste — disse o árabe com um sotaque gutural — que não sabe nada sobre esse tal artefato que a mulher vai mostrar ao professor. — Ele deixou cair sua mão sobre a coxa de Kale.

Kale gemeu e puxou para longe a perna trêmula.

Farok moveu-se para diante e acariciou a perna do produtor:

— Tenho que admitir que, depois de ter reivindicado suas bolas, comecei a acreditar nele.

Aquela visão sangrenta enojou Gallardo. Ele já tinha visto coisas assim antes. Na verdade, ele mesmo havia feito coisa parecida, e faria de novo se não tivesse alguém que ocupasse seu lugar. Mas não era isso que lhe importava agora. Ele olhou para Farok. E então traçou uma linha sob o queixo com o indicador.

Sorrindo, o árabe tirou uma navalha de dentro de seu albornoz. Deixando cair cinzas do seu cigarro, ele se inclinou para frente, alisou o cabelo de Kale, fazendo com que o homem recuasse e gritasse de medo. Segurando um punhado de cabelo, Farok puxou a cabeça da vítima para trás e cortou com a faca sua garganta exposta.

Gallardo virou-se e fechou o painel. Ele concentrou-se em observar o professor e a mulher da televisão.

1. Walter Mitty é um personagem criado pelo escritor americano James Thurber em 1942. É um sujeito tímido e retraído, mas com uma imaginação muito fantasiosa: em poucas páginas, ele se vê como um piloto de guerra, um cirurgião e um assassino perigoso. (N. do T.)

2. Versão mais jornalística e menos pornográfica da famosa revista americana Penthouse, concorrente da Playboy com fotos mais explícitas. (N. do T.)

CAPÍTULO

2

—Oi, aqui é o James Kale. Se você está ouvindo esta mensagem, então é óbvio que não posso atender ao telefone. Ou estou ocupado, ou estou sem sinal. Deixe uma mensagem e eu retornarei assim que puder. E mãe, se for você, eu te amo.

Ouvindo essa mensagem familiar, Leslie Crane franziu a testa. James era alguém confiável. Ele se orgulhava de estar sempre disponível para as pessoas com quem trabalhava. Por isso, deveria estar atendendo ao telefone. A menos que tivesse deixado a coisa ficar sem bateria, de novo. Não seria a primeira vez que James faria isso. Leslie iria amarrar o recarregador de celular no braço do sujeito um dia desses...

— Algum problema? — perguntou Lourds.

Ele estava sentado em frente a ela, a pequena mesa do café ao ar livre que ela escolhera entre os dois.

O tráfego passava lentamente e era acompanhado por homens montados em camelos e cavalos. Mulas puxavam carroças com pneus de bicicleta de borracha em direção aos *sugs*.¹ Os mercados ao ar livre atraíam muitos dos habitantes locais, bem como os turistas. Os moradores compravam legumes e vegetais frescos enquanto os turistas compravam lembranças e presentes para seus parentes. Mesmo tendo estado naquela cidade já por muitos dias, Leslie ainda se sentia maravilhada pela forma como uma cidade tão moderna parecia de alguma forma presa a um modo de vida que existia há milhares de anos.

O garçom levou seus pratos após uma refeição variada que incluía *molokhiyya* (sopa de espinafre com coelho), *torly* (cozido de legumes com cordeiro), peito de pombo grelhado recheado com arroz temperado, fatias de melão e uvas, seguido de bolo de passas embebidas no leite e servido quente, e xícaras de café turco com toques de chocolate.

— Estava tentando ligar para o meu produtor — explicou Leslie.

— Ele está hospedado por perto? — perguntou Lourds. — De repente a gente podia dar uma passada por lá e ver como ele está.

— Não será preciso, tenho certeza de que ele está bem — respondeu ela. — O James já é crescido e eu não sou a mãe dele. Ele deve estar na locação ou no estúdio. Vejo com ele o que aconteceu quando chegarmos lá.

— Então, me conte, o que a levou a entrar nesse negócio do entretenimento? — perguntou ele.

— Hum... Detectei desaprovação?

Lourds sorriu:

— Talvez cautela fosse uma palavra melhor.

— Você não gosta de televisão?

— Até gosto — respondeu o professor —, mas acho algo egoísta demais, egocêntrico demais.

Sentindo-se provocada, Leslie disse:

— Pois eu amo estar na frente das câmeras. Adoro me ver na televisão. Mais do que isso, meu pai e minha mãe também gostam de me ver. Então tento aparecer o máximo que posso — ela sorriu. — Que tal, é egocêntrico o bastante para você?

— Sim, é... E mais honesto do que eu esperava.

— Bem, e quanto a você? — perguntou ela. — Por que está disposto a fazer parte desta série? Será que ela tocou em alguma parte oculta de sua vaidade?

— Nem tanto assim, Leslie — respondeu ele. — Se não fosse pelo reitor e pelo conselho de administração insistindo para que eu viesse, teria gentilmente recusado o convite. Realmente só estou aqui por insistência da universidade. E por que isso me deu a chance de voltar à Alexandria. Eu adoro este lugar.

Intrigada, Leslie descansou o queixo sobre as mãos cruzadas, cotovelos apoiados sobre a mesa. Ela olhou fundo naqueles olhos cinzentos e quentes.

— Mas se você não tivesse concordado, não teria sido capaz de desfrutar deste lugar encantador.

— Nem a mulher bonita que me trouxe aqui — os olhos de Lourds

encontraram os dela e se fixaram por alguns instantes.

Um calor espalhou-se por Leslie e não tinha nada a ver com o sol da tarde. *Oh, você é bom, professor. Vou ter que tomar cuidado quando estiver perto de você.*

*

DiBenedetto estacionou o caminhão em um beco a apenas alguns quarteirões do café ao ar livre onde Lourds agora fazia sua refeição com Leslie Crane. Antes de o caminhão parar por completo, uma Mercedes alemã com cinco anos de uso deslizou para o beco atrás deles. Gallardo avistou o carro no retrovisor.

Ele procurou por baixo de sua leve jaqueta e segurou a pistola de nove milímetros que estava no coldre de ombro.

— Pietro — ele chamou ao fone de ouvido.

— Sim — a voz rouca de Pietro respondeu. — Sou eu. Não atire.

Relaxando um pouco, Gallardo manteve a mão sobre a pistola enquanto a Mercedes deslizava até parar atrás do caminhão. Ele olhou através do vidro esfumaçado e viu a massa impressionante de Pietro sentada atrás do volante do carro de luxo.

Gallardo saiu do caminhão, DiBenedetto desceu um passo atrás dele. Ambos abriram as portas do carro e sentaram-se em seus lugares.

Farok também desceu do caminhão vestindo um albornoz limpo. A vestimenta sangrenta havia sido deixada na traseira do veículo. Por um momento, ele ocupou-se de fechar a porta atrás de si com cuidado. Mesmo após a traseira do caminhão estar bem trancada, o cheiro de gasolina ainda se espalhava pelo beco. Satisfeito com seu trabalho, Farok acelerou voltando ao seu ritmo habitual e se juntou a eles no carro. Fedia à gasolina também.

— Tudo certo? — perguntou Gallardo.

Farok acenou com a cabeça e passou a Gallardo a identificação, o passaporte e os objetos pessoais de James Kale. O cadáver tinha sido deixado completamente limpo.

— Sim, está tudo pronto — disse Farok. — Encharquei o caminhão com gasolina e detergente e armei um sinalizador na porta. Quando

alguém abrir a porta da carroceria, o interior do caminhão vai explodir em um inferno.

Gallardo assentiu. A mistura de gasolina e detergente era um substituto até razoável para o napalm. Iria queimar de forma rápida e concentrada, tornando muito difícil a identificação do corpo, já bastante complicada com a ausência de todos os seus documentos, que estavam agora em suas mãos. O caminhão havia sido roubado na noite passada, em preparação para seu uso, esta manhã. Não havia nada nele que pudesse conectá-lo ao seu pessoal.

Pietro dirigiu até o lado oposto de beco e saiu para a rua, buzinando furiosamente para os demais motoristas e assustando um camelo.

- Cimino — chamou Gallardo pelo rádio.
- Aqui — respondeu o outro. — Eles estão em movimento de novo.
- Ainda estão a pé?
- Sim.
- Você, saia do circuito. Peça a alguém para entrar.
- Tudo bem.

O estômago de Gallardo se contraiu. Eles seguiram por oito meses a trilha do artefato que Stefano Murani os contratara para encontrar. A trilha finalmente os levara do Cairo, onde o artefato tinha sido apenas um sussurro, até Alexandria, onde Gallardo achava que a coisa devia estar de qualquer modo.

O problema com esses artefatos ilegais era que eles não deixavam pistas, nem mesmo uma trilha por mais irregular que fosse. E se alguns deles não tivessem se mexido demais, como tinha acontecido com este — o comerciante que o vendeda tinha contado que o negócio havia ficado numa prateleira de um quarto dos fundos durante dezessete anos —, então a trilha seria mascarada pela passagem do tempo.

Mesmo antes que tivessem matado o produtor, três homens mortos jaziam ao longo do rastro de sangue que os seguia desde o Cairo. Todos eles haviam sido comerciantes de antiguidades raras, e roubadas.

- Eles estão voltando para o estúdio — alertou Cimino.

Uma explosão oca veio da esquerda, na direção do lugar onde eles haviam deixado o caminhão. Voltando a cabeça, Gallardo viu um

cogumelo de fumaça subindo aos céus bem acima do telhado dos edifícios. As sirenes começaram a soar logo depois.

— Bem... — ponderou DiBenedetto do banco de trás — até que não demorou muito, não é? Esta cidade está cheia de canalhas ladrões.

— Agora tem um pouco menos deles — brincou Farok.

Eles saudaram um ao outro batendo as mãos espalmadas.

Gallardo ignorou a sede de sangue de seus mercenários. Aquilo era normal para eles, e foi por isso que ele os empregou. Então, voltou seus pensamentos para as salas do estúdio. Ele e seus homens já tinham estado lá uma vez em preparação. Conheciam a disposição dos móveis e das salas. Entrar lá hoje seria fácil.

*

— Coloquem ali — orientou Leslie. — E enquanto preparamos tudo, alguém tem notícias de James?

— Não, mas ele aprovou o cenário e a disposição das câmeras ontem à noite — respondeu um dos membros da equipe. — Ele estaria fora hoje, checando algumas novas locações.

— Ótimo — disse Leslie. — Avisem-me quando ele voltar.

Ela voltou então sua atenção para o arranjo dos objetos que ela desejava que Lourds olhasse.

Sentado a uma pequena mesa ao fundo do enorme salão, Lourds observava os preparativos da jovem com interesse crescente. Ela obviamente estava se esforçando para fazer uma apresentação elaborada dos artefatos que lhe prometera mostrar. Os outros jovens estavam até filmando o evento.

Um dos homens, um rapaz alto de ascendência egípcia, atravessou o salão puxando atrás de si uma mala de alumínio com rodas, como as que são usadas pelos pilotos.

Com um ar teatral que lhe teria servido perfeitamente para a vida no palco no Kom Al-Dikka, o homem retirou uma chave de dentro de seu bolso das calças e enfiou-a nas travas que fechavam a mala. Abriu-as com um estalo e guardou a chave.

Lourds teve sua atenção desviada apenas parcialmente pelo som dos

veículos de emergência atendendo a um problema nas proximidades. Um dos membros da equipe de Leslie tinha informado que havia um veículo pegando fogo a apenas algumas quadras dali. As viaturas oficiais estavam fervilhando como moscas, de acordo com um dos rapazes.

Movendo-se lentamente, o homem vasculhou dentro da mala e retirou seis objetos, colocando-os com reverência sobre a mesa na frente de Lourds. Quando o homem terminou, ele curvou-se a Leslie, que agradeceu, e o homem então se postou nas proximidades.

Lourds olhou ao redor, incapaz de evitar um sorriso. Seis jovens, homens e mulheres, estavam de pé ao lado de Leslie, esperando para ver o que o professor iria fazer. Ele se sentiu como se fosse um garoto brincando em seu jogo favorito.

— O que você achou de tão engraçado? — perguntou Leslie.

— Isto — respondeu ele, apontando para os seis objetos sobre a mesa. — Todo ano na universidade os alunos me trazem itens para ler. Normalmente réplicas, no entanto. Nunca os artigos de verdade.

— Minhas fontes vão um pouco mais profundamente do que a média dos estudantes universitários — a voz de Leslie denotava uma nota de determinação. Era evidente que ela não estava preparada para ver seu investimento em tempo e em pesquisas descartado tão rapidamente.

— Parece mesmo... — e Lourds fez com que isso soasse como um elogio. — Mas ainda assim, isto é como um mágico num jantar. Ele não foi lá para entreter, porém, logo que as outras pessoas descobrem o que ele faz, querem que ele realize alguns truques para que elas sintam algum deslumbramento.

— Ou talvez queiram pegá-lo num fiasco qualquer, fazendo-o cair de bunda no chão — disse um dos jovens. Sua cabeça era raspada e ele ostentava tatuagens pelos dois braços.

— É isso o que a Srta. Crane está esperando? — perguntou Lourds.

— Que eu dê um furo?

O jovem encolheu os ombros:

— Sei lá. Apostei umas libras com ela que você não ia ler eles todos. Mas acho que ela espera o contrário, que decifre tudo...

— Não vou ficar triste de conseguir algumas libras a mais, Neil —

respondeu Leslie. — Tenho certeza de que o professor Lourds é exatamente o que Harvard diz que ele é. Proficiente em todos os idiomas antigos conhecidos.

— Em vários — corrigiu Lourds. — Proficiente em vários idiomas antigos...

Embora possa me virar muito bem em todos eles, emendou para si mesmo. Ele não era de se gabar. Ele podia mesmo.

— Parece que ele já está preparando as suas desculpas — disse Neil, sorrindo.

O edifício era um dos mais antigos na cidade. Ar-condicionado aqui era apenas um pensamento longínquo... Como resultado, a sala era confortável, mas não hermeticamente selada como os ambientes do hotel que Lourds deixara mais cedo naquele dia. Eles estavam em um escritório de canto. Um conjunto de janelas fazia vista para o Mediterrâneo cinza-esverdeado e o outro tinha uma bela vista da cidade de Alexandria. Lourds estava disposto a apostar que ele poderia provavelmente ver Kom Al-Dikka da janela.

Leslie dissera-lhe que o escritório tinha sido despojado e configurado para lidar com as necessidades da produção do programa de televisão. Um pequeno cenário, iluminado e pronto, ocupava um dos lados da sala, que estava com as janelas bloqueadas para que pudessem controlar a luminosidade. Era um cenário decorado para se parecer com o escritório de uma pessoa, com estantes repletas de livros falsos por trás da mesa onde Lourds tinha sido orientado para se sentar. A mesa era melhor e maior do que aquela que ele possuía em seu próprio escritório em Harvard. Coberta com um conjunto de equipamentos de informática que parecia capaz de lançar naves espaciais, era algo que se ajustava ao *status* de estrela do rock que o programa aspirava lhe emprestar.

O outro lado da sala e a maior parte do espaço restante estavam cobertos de câmeras, microfones e equipamento de som colocados lado a lado. Fios encapados serpenteavam em todas as direções e pareciam estar frouxamente mantidos sob controle. Todo o salão era um pouco intimidante, achava Lourds.

O professor pegou o primeiro item, uma caixa de madeira de cerca de

seis centímetros de comprimento por quatro de largura por dois de profundidade. Hieróglifos coloridos acompanhavam o topo e as laterais. Ao abrir a tampa, Lourds encontrou uma pequena estatueta de uma múmia.

— Sabe o que é isso?

Lourds virou a pequena caixa para frente a fim de poder exhibir seu conteúdo para o pessoal da televisão.

— Uma *shabti* — respondeu Leslie.

— Muito bem. E você sabe o que é uma *shabti*?

— Uma peça para dar boa sorte e que era deixada nas tumbas egípcias.

— Não exatamente — disse Lourds, dando tapinhas na figura. — Supõe-se que as estatuetas *shabti* representavam o mordomo do falecido, seu servo principal e que iria realizar as tarefas do seu amo na vida após a morte.

— Tudo bem, uma coisa é saber o que é essa estatueta — sugeriu Neil —, mas outra é conseguir ler o que está escrito.

— É do Capítulo Seis do Livro dos Mortos — Lourds estudava a inscrição, não querendo assumir a tradução caso alguém tivesse alterado a redação que deveria estar lá. Mas tudo parecia estar no lugar em que deveria. E leu os hieróglifos com facilidade. — Se N for chamado para fazer qualquer dos trabalhos que sejam realizados no submundo, então as marcas (na lista dos trabalhos) são impactadas sobre ele assim como o são no homem (a seu serviço) e devem ser contadas como sendo dele a qualquer momento que possam ser feitos, como cultivar a margem do rio, irrigar os campos ribeirinhos, transportar areia para leste ou oeste. “Estou fazendo isso, veja, estou aqui”, você está dizendo.

Leslie olhou para seu *notebook* e, em seguida, entregou-o a Neil.

— Então ele acertou uma... — disse Neil, devolvendo o *notebook*. — Mas tudo bem, ele poderia ter memorizado essa passagem.

Lourds foi para o item seguinte: uma réplica de um papiro escrito em copta e que lhe parecia familiar demais. Ele olhou para Leslie:

— Isto aqui veio do documento codificado que eu traduzi.

— É — concordou ela. — Como não existe uma versão desses

documentos em audiolivro, achei que seria interessante termos uma apresentação oral...

Neil virou a cabeça para ela:

— Essa é aquela coisa cheia de sacanagem da qual me falou?

— Isso mesmo — e os brilhantes olhos verdes de Leslie não deixaram de encarar os de Lourds.

Um desafio, hein? Lourds sentiu-se intrigado e divertido ao mesmo tempo, tentando adivinhar até onde ela o deixaria prosseguir. Afinal, ele já fora obrigado a apresentar essa peça um bom número de vezes em diferentes comissões, incluindo a sala do reitor para uma celebração na aceitação da tradução. A leitura, proferida com a habilidade de um orador que se desenvolveu naturalmente a partir dos muitos anos de Lourds como professor, tinha sido um grande sucesso e feito inúmeras línguas acadêmicas balançar para fora da boca escandalosamente. Ela não conhecia o mundo em que ele vivia se pensava que meras palavras poderiam constrangê-lo ou assustá-lo aqui.

Ele leu o primeiro trecho do documento em voz alta e então traduziu. Leslie deteve Lourds antes que a primeira seção das preliminares se tornasse mais séria:

— Tudo bem — disse ela, corando. — Você conhece o texto, vamos para o próximo.

— Tem certeza? — perguntou Lourds. — Estou bem familiarizado com este aqui...

Ele não esclareceu propositalmente se estava familiarizado com o texto... Ou com a técnica apresentada. Suas palavras foram tão desafiadoras quanto as dela.

— Tenho certeza de que sim — retrucou Leslie — Só não quero que os figurões da rede fiquem se coçando de nervoso.

— Uau, cara... — disse Neil sorrindo de orelha a orelha. — Isso é do grande... Não sabia que pornô podia ser tão... Ter tanta... Putaria.

Lourds não se preocupou em corrigir a distorção sobre o significado da peça. Não foi a intenção do autor escrever pornografia, não exatamente. Aquilo era mais um diário sobre as experiências do escritor, lembranças do seu passado. Mas lendo em voz alta agora, seu uso tinha se alterado. Uma vez que o ouvinte captava as palavras, elas e seu

significado se tornavam subjetivos, aplicados à opinião que aquele indivíduo tinha sobre a vida e sobre seu momento. Para Neil, aquilo era provavelmente pornografia.

A terceira peça na mesa era etíope, escrita em Ge'ez, que era um abugida. Como um grafema transcrito em sinais, denotava consoantes com vogais inerentes arrastadas. Além da Etiópia, esse alfassilabário fora também usado por certos povos indígenas americanos e canadenses — os algonquinos, atapascas e inuítes —, bem como na família de idiomas bramânicos — no sul e sudeste da Ásia, do Tibete e da Mongólia. Havia penetrado no Oriente tão longe quanto a Coreia. A peça tinha o comprimento da tromba de um elefante e fora usada por um comerciante para gravar sua jornada pelo lugar então chamado de Chifre da África. Pelo que Lourds foi capaz de recolher daqueles registros, havia sido concebido como um presente para o filho mais velho do homem, um marcador e um desafio para que o rapaz fosse mais longe e ousasse mais do que o pai tinha feito.

Evidentemente a tradução de Lourds se equiparou ao que Leslie tinha em suas notas, porque ela ficava balançando a cabeça enquanto ele lia.

A quarta peça prendeu completamente a atenção de Lourds. Era um sino de cerâmica, provavelmente usado certa vez por um sacerdote ou xamã para chamar a comunidade para a oração ou para fazer seus anúncios. Era um sino dividido em duas partes: havia um badalo que descia do topo e, na parte inferior, um reservatório para colocar as ervas. Um leve cheiro de gengibre estava agarrado à peça, indicando que havia sido usada recentemente. Um anel no topo convidava à especulação de que aquele sino pendia do cajado de um pastor ou de um bastão forjado num formato similar. A peça tinha o aspecto polido de um objeto que tinha sido tratado e cuidado continuamente ao longo de muitos séculos, talvez até mesmo ao longo de milênios. O reservatório poderia até ter sido usado para conter óleo em certa época, a fim de servir de lanterna para um de seus antigos portadores.

A inscrição do sino realmente o diferenciava das outras peças que Lourds tinha dispostas diante dele. Na verdade, o aspecto mais fascinante sobre o sino foi aquela inscrição que o circundava.

Ele não conseguia lê-la. E não apenas isso, ele jamais tinha visto algo parecido em toda a sua vida.

*

No beco atrás do prédio onde o pessoal da televisão tinha alugado seus quartos, Gallardo saiu do carro. Ele foi rapidamente para a traseira do veículo, seguido por Farok e DiBenedetto.

Pietro abriu a tampa do porta-mala apertando um botão no painel. Ela se ergueu lentamente, revelando as mochilas que estavam escondidas lá dentro. Abrindo o zíper da mochila que estava por cima, Gallardo pegou uma Heckler & Koch MP5. Ele acrescentou um silenciador especialmente adaptado para a arma ao mesmo tempo em que Cimino se juntou a eles.

Cimino era um homem compacto e atarracado, que passava todo o seu tempo livre em academias. Sua droga predileta eram os esteroides, e ele se mantinha dolorosamente perto do uso excessivo, ficando a um passo apenas do lado saudável e sadio. A cabeça quadrada era raspada. E óculos de aviador dividiam seu rosto ao meio.

— Eles estão lá dentro? — perguntou Gallardo.

— Estão — Cimino escolheu uma pistola automática também.

— Seguranças?

— Só os do prédio, e poucos. — Cimino enfiou um silenciador no lugar certo de sua arma com a facilidade adquirida pela prática.

— Parece bom para mim — Farok carregou uma das pistolas automáticas e atirou-a dentro de um saco de lona que pendurou no ombro.

— Tudo bem — disse Gallardo, sentindo uma emoção chiar através de seu estômago, em antecipação da ação e do sucesso que ele sabia que estava se aproximando e que seria seu. Ele fechou a mochila e então atravessou a entrada lateral do edifício.

*

Sentindo que alguém estava tentando fazer um truque maldoso,

Lourds examinou a inscrição mais de perto, pensando que talvez tivesse sido gravada recentemente sobre um sino antigo, o que teria sido uma tolice levando-se em conta as circunstâncias, porque tal ato teria destruído o enorme valor intrínseco do próprio sino, e só para enganá-lo. Mas se aquilo fosse uma falsificação, ele seria obrigado a reconhecer que tinha sido uma obra-prima. A inscrição seria suave ao toque. Havia lugares em que parecia tão gasta que praticamente desaparecera.

É. Se fosse uma farsa, era danada de boa.

Operando por instinto, Lourds alcançou sua mochila, que estava pendurada em sua cadeira, e tirou um lápis de grafite macio e algumas folhas de papel vegetal para desenho. Colocando uma folha de papel sobre o sino, ele esfregou o lápis contra a superfície, criando uma imagem negativa da inscrição.

— O que você está fazendo? — Neil perguntou.

Lourds ignorou a pergunta, consumido pelo quebra-cabeça que estava diante de si. Ele pegou uma pequena câmera digital de sua mochila e tirou fotos do sino de todos os lados. O *flash* da câmera, especialmente quando usado em cerâmica lisa, nem sempre permitia que a foto pegasse todos os detalhes das marcas rasas. Foi por isso que ele tinha feito os decalques.

O professor estava tão envolvido que nem percebeu quando Leslie se aproximou e parou do outro lado da mesa.

— O que está acontecendo? — perguntou ela.

— Onde conseguiu isso? — Lourds respondeu com outra pergunta, virando o sino na mão. O badalo resvalou suavemente contra a lateral do objeto.

— Numa loja.

— Que loja?

— Um antiquário do pai dele — respondeu Leslie, apontando com o queixo o homem magro encostado em uma parede, parecendo um pouco preocupado.

Lourds quis imobilizar o homem com seu olhar, não desejando perder tempo com bobagens. Se isso fosse uma bobagem, é claro. Mas estava a meio caminho de se convencer de que não era uma brincadeira. Parecia elaborada demais. O sino parecia real.

— De onde veio isso? — perguntou Lourds em árabe.

— De meu pai — respondeu o homem educadamente. — A moça pediu que nós colocássemos algo realmente antigo com os outros itens. Para melhor testá-lo, disse ela. Meu pai e eu dissemos a ela que não conseguíamos ler o que estava escrito no sino, e por isso não sabíamos o que ele dizia — ele hesitou. — A moça disse que tudo bem.

— E onde seu pai conseguiu esse sino?

O rapaz sacudiu a cabeça:

— Não sei. Está na loja há muitos anos. Ele me diz que ninguém parece saber de onde veio nem o que é.

Lourds virou-se para Leslie e voltou ao inglês:

— Quero falar com o pai dele. Ver a loja de onde veio esse sino.

Leslie pareceu surpresa:

— Tudo bem, tenho certeza de que podemos organizar isso. Mas o que há de errado?

— Não consigo ler isso.

Lourds olhou para o sino mais uma vez, ainda não acreditando que aquilo poderia ser autêntico.

— Está tudo bem — disse Leslie a ele. — Eu não acho que alguém vá realmente acreditar que você pode ler todas as línguas. Você sabia um monte das outras. As pessoas que assistem a nosso programa ainda vão ficar impressionadas. Eu mesma estou impressionada.

Lourds disse a si mesmo para ser paciente. Leslie realmente não entendia o problema.

— Ouça, eu sou uma autoridade nas línguas faladas aqui — disse a ela. — A civilização como nós a conhecemos começou não muito longe de onde estamos. As línguas utilizadas, vivas e mortas, são tão familiares para mim como minha própria mão. Tendo isso em conta, estas inscrições deveriam ter sido escritas em um dos idiomas altaicos. Turco, mongólico ou tungúsico.

— Sinto muito, mas não sei do que você está falando...

— Isso é uma família de línguas — explicou Lourds. — E ela englobava esta área. E toda a linguagem da região surgiu a partir daqui. Embora o tema seja muito contestado por linguistas. Alguns deles acreditam que a linguagem altaica resultou de um idioma geneticamente

herdado, com palavras e ideias, e talvez até alguns símbolos, que estão gravados em algum lugar de nosso código genético.

— Como é? A genética predispõe a língua? — Leslie arqueou uma sobrancelha com surpresa. — Nunca ouvi nada parecido com isso...

— Nem deveria, mesmo. Eu mesmo não acredito que seja verdade. Existe outra razão, e mais simples que essa, pela qual tantas línguas compartilham traços comuns em dado momento — Lourds acalmou-se um pouco. — Todas essas pessoas, com todos os seus diferentes idiomas, viviam em estreita proximidade. Eles trocavam mercadorias, todos procurando praticamente as mesmas coisas. E eles então teriam que ter palavras em comum a fim de poder fazer isso.

— Mais ou menos como a explosão dos computadores pessoais e da internet — comentou Leslie. — A maior parte dos termos da informática é em inglês, porque foram os Estados Unidos que desenvolveram grande parte da tecnologia, e em outros países simplesmente usaram as palavras em inglês porque não tinham palavras em sua própria linguagem para descrever as peças de computador e sua terminologia.

Lourds sorriu.

— Exatamente. Uma analogia muito boa, por sinal.

— Obrigada...

— Essa teoria é chamada de *Sprachbund*.

— O que é o *Sprachbund*? — perguntou Leslie.

— É a área de convergência de um grupo de pessoas que, em última análise, acabam partilhando parcialmente um determinado idioma. Durante as Cruzadas, nas batalhas entre cristãos e muçulmanos, ocorreram trocas de um lado e de outro de linguagem e de ideias, e essa troca foi tão intensa quanto as flechas e os golpes de espada. Tais guerras eram desencadeadas tanto para expandir o comércio quanto para proteger a Terra Santa.

— Você está me dizendo que eles acabaram falando a língua uns dos outros?

— Sim — respondeu Lourds. — Pelo menos as pessoas que guerreavam ou que faziam comércio. Partes dos idiomas. Nós ainda carregamos a história do conflito em algumas palavras do inglês moderno. Palavras como assassino, azimute, algodão, até mesmo as

palavras cifras e decifrar. Essas duas vêm do arábico *sifi*, que é o número zero. O símbolo para zero era central para muitos códigos. Mas este artefato não tem nada a ver com as linguagens nativas desta área, ou com qualquer outra linguagem que eu já tenha visto ou ouvido. — Lourds levantou o sino — Naqueles primeiros anos, os artesãos, especialmente aqueles que escreviam e guardavam seus registros, faziam parte desse *Sprachbund*. Isso é uma suposição lógica. Mas este sino? — Balançou a cabeça. — É uma anomalia. Eu não sei de onde veio. Se não for uma falsificação, e ele não parece ser uma, o que estamos vendo é um artefato de algum outro lugar que não o Oriente Médio.

— Que outro lugar? — indagou Leslie.

Lourds suspirou.

— Esse é o problema. Eu não sei. E eu deveria saber isso também...

— Você acha que nós temos aqui um verdadeiro achado, não é? — a excitação fazia os olhos de Leslie brilhar.

— Um achado — Lourds concordou provisoriamente — ou uma aberração.

— Como assim, o que você quer dizer?

— A inscrição no sino... Ela poderia ser uma... Mistificação, por falta de um termo melhor. Simplesmente alguma coisa sem sentido feita para enfeitar o sino...

— Mas você não saberia, se fosse o caso? Não seria algo fácil de identificar à primeira vista? — perguntou Leslie.

Lourds franziu a testa. Leslie o encurralara. Mesmo uma língua artificial exigiria uma base na lógica. Como tal, ele deveria ser capaz de detectar isso também.

— Bem? — apertou ela.

— Sim — assumiu ele. — Eu seria capaz de identificar... Isso parece autêntico para mim.

Leslie sorriu novamente e se inclinou para o sino, avaliando-o agora com mais intensidade.

— Se isso está realmente escrito em uma língua até então desconhecida — disse ela —, então nós realmente fizemos uma descoberta surpreendente.

Antes que Lourds pudesse responder, a porta de repente foi arrancada das dobradiças. Homens armados irromperam na sala, apontando para as pessoas.

— Todo mundo, parado! — um homem gritou em um inglês com sotaque.

Todos congelaram em seus lugares.

Lourds pensou ter reconhecido um sotaque italiano nas palavras do homem.

Os quatro homens armados apressaram-se para dentro da sala. Eles usaram seus punhos e as armas para conduzir toda a equipe da televisão para o chão. Todas as pessoas da equipe de Leslie se encolheram e ali ficaram, imóveis.

Um dos homens, aquele que tinha gritado, atravessou a sala em passos largos e pegou Leslie pelo braço.

Lourds instintivamente se levantou, incapaz de ficar sentado calmamente e observar a jovem se machucar. Mas ele não fora treinado para esse tipo de coisa. Claro, ele tinha passado um tempo em partes bem violentas do mundo. Mas teve sorte. A pior onda de violência que ele já tinha experimentado pessoalmente tinha sido uma alteração durante uma partida de futebol.

O homem colocou o cano da pistola na cabeça de Leslie.

— Sente-se de volta, professor Lourds, ou essa jovem bonitinha morre agora.

Lourds sentou-se, mas o fato de que aquele homem sabia seu nome o deixou nervoso.

— Muito bom — disse o homem. — Coloque as mãos sobre sua cabeça.

Lourds obedeceu e começou a sentir uma acidez no estômago. Por mais selvagens que as coisas tivessem ficado algumas vezes enquanto estivera estudando línguas em terras instáveis, nunca tivera uma arma apontada para ele.

— Para baixo — ordenou o homem, arrastando Leslie para o chão.

Quando ela estava deitada, ele olhou para os itens que estavam sobre a mesa. Sem hesitar, pegou o sino.

Foi quando cometeu seu primeiro erro. Ele e seus homens tiraram os

olhos de Leslie.

Antes que Lourds compreendesse completamente tudo o que estava acontecendo, ela se colocou de pé e se atirou contra um dos homens. Leslie o derrubou e pegou a arma dele, em seguida mergulhou por baixo da pesada mesa que ficava ao fundo do cenário em um único movimento fluido.

Esse movimento pegou os bandidos de surpresa. Era bastante claro que eles não estavam esperando que uma simples mulher fosse revidar dessa forma.

Os bandidos a haviam subestimado, mas eram todos profissionais e logo se recobram.

Os sons dos tiros encheram a sala, e a mesa recebia uma punição para a qual não havia sido destinada. As balas encheram a sala de lascas de madeira.

Leslie atirou de volta. Os tiros que sua arma disparava faziam um som muito mais alto do que os de seus atacantes, e ela parecia saber muito bem o que estava fazendo. Buracos de bala rastreavam os bandidos na parede, fazendo saltar baforadas de pó de gesso que pareciam surreais a Lourds.

Enquanto isso, a equipe da televisão se arrastava em busca de proteção.

O mesmo fizeram os ladrões.

Não! Pensou Lourds. *Nenhum artefato vale a morte de todas essas pessoas.*

Então ele ouviu o *ping* familiar do telefone por via satélite de Leslie.

Talvez pudesse telefonar pedindo ajuda.

No meio do caos, Lourds rolou pelo chão e mergulhou atrás da mesa, ao lado de Leslie.

— Enquanto eu falo, você atira. Ou nós dois vamos morrer.

— Bem pensado — respondeu ela.

Ela lhe entregou o telefone, já marcado em um número de emergência. Mais disparos. E então, um grito. Lourds esperava que tivesse vindo de um dos assaltantes e não do pessoal da televisão.

Quando uma explosão de palavras assustadas em árabe saiu do telefone preso firmemente em sua mão, Lourds começou a falar.

Antes que tivesse terminado a segunda frase, o som de sirenes vindo da rua se intensificou.

A ajuda já estava a caminho.

Os bandidos também ouviram.

E foram embora, um deles deixando atrás de si um rastro de sangue.

Leslie correu atrás deles, não atirando mais até que tivesse uma chance clara de disparar.

Lourds seguiu-a bem a tempo de tirá-la do caminho quando uma rajada final disparada pelos ladrões dividiu ao meio a porta do escritório.

No chão, apavorado mas ainda inteiro, Lourds passou seus braços em torno de Leslie. Ele sentiu a doce pressão da carne feminina contra seu corpo e decidiu que, se tivesse que morrer naquele instante, haveria maneiras piores de isso acontecer.

Ele segurou a mulher, prendendo o corpo dela sob o seu.

— O que achava que estava fazendo? — questionou à mulher. — Você queria morrer, é isso?

— Eles estão fugindo! — Leslie tentava escapar daquela pressão.

— Sim, e ainda bem. Que eles fujam para bem longe. Eles têm armas automáticas, além de terem mais armas do que nós, e a polícia está chegando... E a julgar pela quantidade de sirenes, deve ser a maior parte da força policial da cidade. Você nos salvou e acho que já fez demais. Coloque essa arma de lado e deixe que os profissionais assumam.

Leslie relaxou o corpo nos braços dele. Por um momento, o professor achou que seria agora que a jornalista iria reclamar dele e chamá-lo de covarde. Lourds tinha descoberto, no calor do momento, que o bom-senso foi muitas vezes confundido com covardia por aqueles que veem de fora.

Dois dos rapazes da produção espiaram do lugar onde estavam se escondendo. Como não foram atingidos por nenhum disparo, o professor concluiu que já deveria ser seguro ficar de pé. Ele fez isso, ajudando Leslie a se colocar ao lado dele.

Caminhando pelo salão, Lourds observou os buracos de bala que marcavam o fim do corredor, bem como as paredes, o teto e o chão. Os bandidos não eram bons atiradores, mas eles certamente espalharam

balas suficientes pela vizinhança em geral para fazer uma declaração.

— Vá chamar a polícia — disse Lourds a um dos jovens árabes. — Diga-lhes que os ladrões já foram embora, e que os únicos aqui somos nós. Queremos que eles estejam cientes disso quando chegarem aqui, ou as coisas poderão ficar emocionantes outra vez...

Um dos membros da equipe, já pálido, mergulhou para pegar seu telefone.

Leslie se afastou de Lourds e correu até uma janela. Ela olhou para a cidade.

Lourds foi se colocar ao lado da jovem, mas não viu nada.

— Perdemos o sino — disse ela. — E antes mesmo de sabermos o que era.

— Bem, isso não é totalmente verdade — respondeu Lourds. — Tirei cópias das inscrições quando fiz os decalques, e também tirei diversas fotos do sino com minha câmera digital. Sem dúvida nós perdemos o sino em si, mas não os segredos que ele pode conter. E, sejam quais forem esses segredos, ainda não estão completamente fora de nosso alcance.

Mas ele não conseguiu deixar de se perguntar se perseguir aquele quebra-cabeça não iria colocá-los de novo diante das armas de alguém. Esse alguém desejava aquele sino com tanto ardor que não hesitaria em matá-lo e a toda a equipe da televisão. E será que eles matariam para colocar as mãos na pesquisa sobre o sino também? Um professor de linguística supostamente não se envolveria nesse tipo de coisa.

Nem estaria conversando com uma centena de excitados policiais egípcios.

Mas, a julgar pelo som de passos no corredor, parecia que ele estava prestes a aprender todos os tipos de coisas novas hoje.

1. *Suq* é um termo árabe que geralmente designa um mercado ou feira nos países árabes. A palavra equivalente em turco é *bazar*. (N. do T.)

CAPÍTULO

3

PRAÇA SÃO PEDRO
CIDADE-ESTADO DO VATICANO
17 DE AGOSTO DE 2009

Menos de mil pessoas viviam dentro dos muros da Cidade do Vaticano, mas milhões de turistas e fiéis visitavam visitar o local a cada ano, vindos de todos os lugares do mundo. Consequentemente, a menor nação da Europa também apresentava o maior índice de criminalidade per capita do planeta. Todo ano, juntamente com os turistas e fiéis, os punquistas e batedores de carteira compareciam em massa.

O Cardeal Stefano Murani era um dos residentes da Cidade Santa e, na maior parte do tempo, adorava viver lá. Era sempre muito bem tratado e respeitado, seja vestindo sua indumentária de trabalho ou um terno Armani, que era o que usava frequentemente quando não estava paramentado. Hoje não estava usando sua vestimenta cardinalícia porque cuidava de negócios pessoais e não pretendia ser lembrado mais tarde como um agente da Igreja Católica Romana.

Com 1,80 metro de altura, era um homem de boa aparência. Ele sabia disso, e sempre procurava fazer com que se mostrasse da melhor maneira possível. Seu cabelo castanho escuro, aparado uma vez por semana pelo cabeleireiro pessoal que vinha até sua suíte privada para fazê-lo, era liso. Uma linha fina de barba acompanhava a mandíbula e se alargava brevemente no queixo para se juntar depois ao bigode raspado com navalha. Olhos negros dominavam o rosto e eram deles que a maioria das pessoas que conhecia Murani se lembrava depois. Alguns lhe disseram que os olhos eram frios e impiedosos. Outros, que não eram tão experimentados no pior que o mundo poderia oferecer, achavam que seus olhos eram meramente diretos e firmes, um claro sinal de sua fé em Deus.

Sua fé em Deus, assim como sua fé em si mesmo, era perfeita. Ele

sabia disso.

Seu trabalho era obra de Deus, também.

No momento, o menino de dez anos de idade lutando contra o aperto firme de Murani estava convencido de que o próprio demônio se apoderara dele. Ou era isso que o garoto tinha dito antes de Murani silenciá-lo. Agora o terror alargara os olhos do menino e arrancava choramingos plangentes de sua alma. Aquele era um projeto de menino, não mais do que ossos e trapos.

Murani achava que um moleque daqueles não deveria ter tido permissão de entrar na Cidade do Vaticano. Ele deveria ter sido detido e afastado de uma vez por todas logo na entrada. Qualquer um poderia ter visto que era um ladrãozinho qualquer, um batedor de carteiras que estava começando a aprender seu ofício. Mas havia aqueles que acreditavam que era preciso apenas uma visita à Cidade do Vaticano para alterar para sempre a vida dos homens. Ou seja, até mesmo os vermes das ruas, como esse espécime, tinham permissão para entrar aqui. Quem sabe, diziam os crentes na misericórdia, eles encontrassem Deus.

Mas Murani não se colocava entre os tolos que pensavam dessa forma:

— Você sabe quem sou eu? — exigiu saber do moleque.

— Não — respondeu ele.

— Você devia conhecer o nome do homem cujo bolso pretende roubar — continuou Murani. — Isso poderia ajudá-lo a escolher seus alvos. Uma vez que não conheço você, sua punição será rápida e leve. Vou quebrar apenas um de seus dedos.

Assustado, o garoto tentou chutar o cardeal.

Mas Murani esquivou-se para um lado, de forma que o tênis esfarrapado passou a apenas alguns centímetros dele. E partiu o indicador do menino em dois, como se fosse uma vareta.

O garoto caiu no chão e começou a uivar.

— Nunca me deixe vê-lo novamente — alertou Murani. Aquilo não era uma ameaça, era um fato, e ambos sabiam disso. — Se isso acontecer, vou quebrar mais do que um dedo na próxima vez. Entendeu?

— Sim.

— Agora, levante-se e saia daqui.

Sem dizer uma palavra, o menino lutou para ficar de pé e mergulhou no meio da multidão, segurando a mão ferida.

Murani se levantou e tirou a poeira de seus joelhos, fazendo isso com calma até ter certeza de que o tecido escuro estava outra vez limpo. Ele olhou em volta para a Cidade do Vaticano, ignorando os olhares dos turistas. Essas pessoas eram nada, não muito mais dignas do que o jovem ladrão que ele tinha acabado de libertar. Curiosos e dóceis como ovelhas, eles viviam em respeito e temor ao verdadeiro poder. E ele fazia parte desse poder.

Um dia, acreditava, ele seria todo esse poder.

Atravessou a Praça de São Pedro, sua presença física diminuída pela enorme massa da Capela Sistina à esquerda e do Palácio do Governo atrás dele. O Escritório das Escavações e a Sacristia e o Tesouro ficavam bem à frente, à direita, ladeados pelos Correios do Vaticano e o estande de informações na entrada. A Pietá de Michelangelo estava diante dele.

Gian Lorenzo Bernini criou o efeito geral da praça na década de 1660, projetando a área em um trapézio. A fonte desenhada por Carlo Maderno tornou-se um foco primário enquanto as pessoas caminhavam pela área, mas as enormes colunas dóricas enterradas em profundidade chamavam a atenção de todos imediatamente. As colunatas produziram um ar imperial, definindo espaços para tudo, especialmente os Jardins Barberini. No centro da área aberta, um obelisco egípcio de quase 45 metros de altura se impunha. O obelisco havia sido esculpido 1300 anos antes do nascimento do Santíssimo, tinha passado um tempo no Circus de Nero e então Domenico Fontana o mudara para a praça em 1586.

Ao longo dos séculos, a Praça de São Pedro tinha recebido acréscimos e alterações. A via de paralelepípedos tinha sido retirada. Linhas de mármore travertino alteraram o projeto visual. Pedras circulares adicionadas em 1817 foram espalhadas pelo pavimento ao redor do obelisco, criando um relógio de sol alto demais. Mesmo Benito

Mussolini tinha ficado impressionado com a praça e havia demolido edifícios para proporcionar uma nova entrada para a área, a Via della Conciliazione.

Murani viera pela primeira vez à Cidade do Vaticano ainda menino, com o pai e a mãe. Ele havia sido preenchido com uma admiração que nunca o tinha deixado. Quando disse ao pai que ele ia viver no palácio algum dia, ele apenas riu.

Sendo filho de quem era, Murani poderia ter escolhido sua moradia entre as mansões e casas espalhadas pelo mundo. Seu pai era um homem rico, rico várias vezes. Quando era criança, tinha ficado impressionado com os milhões do pai. As pessoas tratavam seu pai muito bem e com respeito onde quer que fosse, e muitos deles ainda o temiam. Mas seu pai tinha seus próprios medos também. Esses temores incluíam outros homens tão cruéis quanto ele, e a polícia.

Apenas um homem caminhava pela Cidade do Vaticano sem medo, e Murani esperava um dia ser esse homem. Ele queria ser o papa. O papa tinha dinheiro. A Cidade do Vaticano rendia mais de um quarto de bilhão de dólares anualmente por meio de seus dízimos diversos, coleções e empresas comerciais. O dinheiro não era o que queria Murani, no entanto. Ele queria o poder do papa. Mesmo quando a posição de papa tinha sido ocupada por homens dobrados pela idade, por doenças e por outras enfermidades, o respeito pelo papado continuava. Eles eram poderosos.

As pessoas, ou seja, os crentes e o mundo em geral, pensavam que a palavra do papa era a lei. Isso vinha sem uma demonstração de força, sem qualquer tentativa de demonstrar o poder que o papa exercia.

O cardeal Stefano Murani era um dos poucos que realmente sabiam a quantidade de poder que o papa poderia reunir se ele assim o escolhesse. Infelizmente, o atual papa, Inocêncio XIV, não acreditava em flexionar o poder do cargo. Ele estava tentando pregar a paz, apesar dos constantes ataques terroristas e da devastação econômica que perturbavam o mundo.

O velho tolo.

Ainda na mais tenra idade, Murani havia sido atraído pela Igreja Católica. Ele serviu como coroinha na igreja na qual crescera, em

Nápoles, e adorava a maneira organizada como os padres realizavam suas funções. Ele não deveria ter se tornado um sacerdote. O pai tinha outras ideias para o filho. Mas quando, na juventude, explorou os interesses de seu pai nos negócios e sentiu que isso não o preenchia, voltou-se para a vida do clero.

O pai naturalmente ficou com raiva quando recebeu o anúncio, e até mesmo tentou arrancar essa ideia da cabeça do filho. Pela primeira vez, em 25 anos, Murani descobriu que sua vontade era mais forte do que a de seu pai: ele poderia suportar toda a violência que o pai usasse e ainda assim não vacilar. Mas não achou que o treinamento recebido em casa, conforme os negócios da família, tivesse alguma utilidade em sua nova carreira. Quando foi ordenado, continuou seus estudos no campo dos computadores e se destacou. Ele foi rapidamente enviado para a Cidade do Vaticano e logo fez carreira, assumindo o cargo mais alto na divisão de computadores, onde agora estava servindo. Finalmente, foi feito cardeal, um dos homens que tinham o poder de eleger um papa. Ele quase ficou de fora da última convocação papal, mas tomou parte da reunião de cardeais que colocaram Inocêncio XIV no poder.

Durante os últimos três anos, poucos dias antes de seu aniversário de 41 anos, foi trazido para a Sociedade de Quirino, o mais poderoso grupo clandestino da Igreja, composto por homens que ocupavam os segredos mais bem guardados dentro dela.

A maioria desses segredos eram assuntos de menor importância — casos de erros papais e de crianças nascidas fora do casamento cujos pais eram cardeais, ou de altos sacerdotes da Igreja que se interessavam demais pelos coroinhas. Essas eram coisas que poderiam ser tratadas calmamente, embora mesmo isso estivesse ficando mais difícil nesses tempos de atenção instantânea da mídia. As histórias de má conduta sexual perseguiam a Igreja nos dias de hoje, levando-a para a sarjeta e fazendo-a parecer enfraquecida. Em 2006, um padre até tinha sido condenado por cometer um homicídio particularmente abominável.

Essas cicatrizes imputadas à sua amada Igreja incomodavam Murani.

Nos últimos três anos, Murani havia se convencido de que os papas antes dele — e ele pensava em si mesmo como papa, pois sabia que

iria estar entre eles um dia, sem dúvida — haviam desperdiçado seu poder, recuando constantemente e deixando de garantir o que era seu por direito. As pessoas precisavam de fé. Sem fé, não podiam compreender todas as coisas confusas que fazem parte de simplesmente estar vivo. As grandes massas tinham um pânico animalesco com relação a eles atualmente. Mas ser verdadeiramente fiel significava estar verdadeiramente contrito e temente.

E o medo perfeito era uma coisa maravilhosa.

Ele adorava infligir o medo.

Murani tinha a intenção de trazer de volta ao mundo esse medo do papado.

Quando era criança, ele ficava sentado nos joelhos da mãe, ouvindo as antigas histórias da Igreja. Naquele tempo, a bênção do papa poderia fazer reis mais poderosos, guerras durarem mais tempo ou acabar abruptamente, e estimular conquistas e destruir impérios. O mundo havia sido um lugar mais bem organizado e dirigido durante aqueles anos em que o papado era o comando supremo.

Murani ansiava por esse poder. O pai havia se afastado do filho, mas a mãe era rica da mesma forma, tendo herdado a fortuna do próprio pai. Então, aquilo que o pai não lhe daria, a mãe de Murani o faria.

Um dia, quando fosse o papa, e Murani tinha certeza de que esse dia não tardaria em chegar, iria quebrar seu pai e obrigá-lo a reconhecer o fato de que o curso que escolhera... Não, que seu o destino... Tinha lhe trazido mais poder do que todos os ganhos ilícitos do pai.

Concentrando-se em seu objetivo, Murani saiu da Cidade do Vaticano e viu o Hummer azul-escuro de Gallardo esperando estacionado ao meio-fio.

Gallardo esticou-se sobre o banco do passageiro e abriu a porta. Murani pisou no estribo e deslizou para o assento.

— Você teve alguma dificuldade adicional em Alexandria? — perguntou Murani.

Gallardo olhou por cima do ombro, verificou que havia uma calma passageira no tráfego e saiu suavemente pela rua. Ele balançou a cabeça e franziu a testa:

— Não. Escapamos limpos. Não deixamos nada para trás que

pudesse trazer a polícia até nós. O pessoal da TV vai atrás da próxima grande história. Eles sempre fazem isso. E o Lourds é um professor universitário. Uma pulga na grande escala das coisas que realmente importam. Que tanto de problema ele poderia ser?

— Ele é também um dos homens mais eruditos na face do planeta quando se trata de línguas.

— Então, ele sabe como dizer: “Por favor, não atire em mim!” em várias línguas. — Gallardo sorriu. — Eu não posso dizer que estou impressionado com esse cara. A mulher que estava com ele vale dez professores. Só ela nos impediu de matar as testemunhas. Mas ela é apenas uma mulher. Na verdade, ela encontrou algo que você quer.

— Onde está?

— Há um compartimento secreto. — Gallardo apontou um dedo carnudo para o assoalho do lado do passageiro.

— No carro? — Murani procurou com atenção no carpete detalhado.

— Sim. Basta empurrar para baixo. Forte. E torcer para a direita.

Murani fez isso e uma parte do assoalho subiu de forma quase imperceptível. Se ele não estivesse procurando por isso, e com instruções precisas para localizá-lo, provavelmente não teria encontrado.

As mãos do cardeal tremeram um pouco quando alcançou dentro do esconderijo, atrás da caixa. O tremor dos dedos o surpreendeu. Ele não era dado a debilidade física de qualquer espécie. Crescer com um padrão duro como seu pai obrigou-o a impedir que suas emoções se mostrassem, a menos que quisesse assim.

Gallardo deu-lhe o código para abrir a caixa.

Murani pressionou a sequência de números e ouviu o zumbido do mecanismo da trava. Fazia apenas alguns dias, tinha descoberto o sino enquanto vasculhava sites na internet dedicados a discussões arqueológicas. O cardeal vinha procurando esses instrumentos musicais desde que tinha ouvido falar deles nas conversas com outros membros da Sociedade de Quirino. Ninguém entre eles tinha pensado em fazer as buscas pela internet, acreditando que os instrumentos ou haviam sido destruídos ou tudo era apenas um mito.

Eles se contentaram apenas em proteger seu segredo. A maioria

deles eram homens velhos, sem muitos anos pela frente. A ambição e o desejo haviam sido extraídos de seus ossos antigos em troca da segurança e de migalhas de reconhecimento que lhes eram atiradas pela Igreja.

Murani tinha ambição suficiente por todos eles.

Ele passou seus dedos cobiçosos sobre a superfície do sino. A inscrição que existia de ambos os lados estava gasta, parecendo suave sob seus dedos, em vez de afiada. Ele supunha que, depois de cinco mil anos ou mais, o simples fato de o sino ter sobrevivido já era um milagre.

Um ato de Deus?, pensou. Se assim fosse, então era o Deus do Antigo Testamento, e não aquele do Novo. O Deus que tinha permitido que esse sino viesse a existir era vingativo e ciumento o suficiente para ter afogado o mundo em inundações... Não uma, mas *duas* vezes.

Os segredos do sino eram muitos. Murani sabia um pouco de sua história, mas ele não sabia tudo... E certamente não sabia o suficiente sobre o seu uso.

— Você consegue ler? — perguntou Gallardo.

Murani negou com a cabeça.

— Não consigo.

Ele havia estudado diversas línguas, tanto orais quanto escritas, além de seu trabalho em linguística no campo da informática. De acordo com a lenda, apenas aqueles poucos especiais nascidos a cada geração podiam ler o que estava escrito em qualquer um dos instrumentos.

— Então, por que você quer tanto isso?

Suavemente, Murani recolocou o sino em sua caixa, fechando-a cuidadosamente.

— Porque este sino é uma das cinco chaves que abrirão o maior tesouro da história da humanidade. — Ele olhou para o sino. — Com isso, estaremos mais perto de saber a Vontade de Deus do que nunca.

O telefone celular do cardeal vibrou em seu bolso. Ele respondeu-o sem agitação, escondendo a emoção que percorria seu corpo.

— Vossa Eminência — saudou o secretário de Murani, um homem jovem e resoluto.

— O que é isso? — rugiu Murani. — Dei ordens expressas que eu não queria ser incomodado esta tarde.

— Eu entendo, Eminência. No entanto, o papa pediu que todos de seu gabinete dessem uma declaração por escrito apoiando uma escavação em Cádiz. Ele quer essa declaração agora.

— Por quê?

— Porque a escavação arqueológica está atraindo o fogo de alguns meios de comunicação.

— Certamente o papa pode emitir uma declaração em nome da Igreja. — ponderou o cardeal.

— O papa considera que está há pouco tempo na função e sente que todas as declarações devam ser também assinadas pelos membros mais experientes de sua equipe. Seu nome foi um dos selecionados.

Murani concordou, disse que cuidaria disso em sua volta e desligou o celular.

— Problemas? — perguntou Gallardo.

— O papa está preocupado com os esforços do padre Emil Sebastian em Cádiz.

— Há vários comentários na imprensa, especulando o motivo do Vaticano demonstrar tanto interesse nessas ruínas em Cádiz.

Em um semáforo perto da Piazza Del Popolo, Gallardo procurou no assento traseiro um exemplar do *La Repubblica*. Abriu o jornal de circulação nacional para Murani ver. A manchete proclamava:

O VATICANO ESTÁ PROCURANDO OS TESOUROS PERDIDOS DE ATLÂNTIDA?

Murani fez uma careta.

— O jornal está zombando do interesse da Igreja — disse Gallardo.

Desdobrando o jornal, Murani leu rapidamente a reportagem que informava como os anéis concêntricos nos pântanos perto de Cádiz haviam sido localizados por meio de imagens de satélite. O local estava não muito longe dos Parques Naturais, perto da bacia do rio Guadalquivir, ao norte de Cádiz.

Cádiz era a cidade mais antiga da Espanha. Em 1100 a.C., a cidade começou como um posto de troca. Os fenícios a chamaram de Gadir, e a maioria das mercadorias exportadas de lá eram prata e âmbar. Os cartagineses vieram em seguida, fazendo a cidade crescer com a construção do porto e aumentando o comércio ainda mais. Os mouros

chegaram, mas Cádiz nessa altura já conseguia andar pelas próprias pernas e era aceita como o principal porto de comércio para realizar negócios com o Novo Mundo. Duas das viagens de Cristóvão Colombo foram lançadas a partir das docas da cidade. Mais tarde, a cidade foi invadida por Sir Francis Drake. Napoleão Bonaparte foi quase levado para lá por seus inimigos.

E agora, talvez, a Atlântida tivesse sido encontrada naquela região. Durante milênios, desde que Platão tinha escrito pela primeira vez sobre aquela fabulosa cidade que havia sofrido algum tipo de perturbação ambiental e afundou no mar, toda a humanidade tinha falado das glórias que poderiam ser encontradas na civilização perdida. Eram alegações de que a Atlântida era uma cidade habitada por supercientistas, magos e até extraterrestres vindos de outro sistema solar, todas elas constantemente circulando pelos sites conspiratórios na internet.

Ninguém sabia a verdade.

Ninguém, exceto a Sociedade de Quirino.

E o cardeal Stefano Murani.

E ele não planejava compartilhar seu conhecimento.

— Sinceramente, eu mesmo me perguntava qual seria o interesse da Igreja por lá — disse Gallardo.

Murani não disse nada enquanto lia a história. Felizmente, não havia nada mais profundo, apenas especulações. Não havia nenhum fato concreto, apenas conjecturas da parte do repórter. O padre Emil Sebastian, diretor da escavação, foi citado dizendo que o Vaticano estava interessado em recuperar quaisquer artefatos que pudessem ter um dia pertencido à Igreja. Um box lateral, muito mais factual, documentava o envolvimento anterior do padre Sebastian com vários esforços arqueológicos. Ele foi listado como um arquivista na Cidade do Vaticano.

— A Igreja trabalha em maneiras misteriosas — disse Murani, mas pensando que o repórter do jornal teria se interessado mais, talvez até se mostrasse mais obstinado em sua busca pela verdade, se soubesse qual era o real campo de estudo do padre Sebastian.

O título de arqueólogo mal arranhava a superfície do que ele fez. O homem havia escondido muito mais segredos do que jamais revelou.

— O que você deve fazer para o padre Sebastian? — perguntou Gallardo.

Murani dobrou o jornal e colocou-o no banco de trás mais uma vez.

— Escrever uma carta elogiando os esforços do padre Sebastian.

— Seus esforços para fazer o quê?

— Restaurar o passado da Igreja.

— A Igreja tinha uma presença nessa área? — Gallardo balançou a cabeça em dúvida. — Pelo que tenho lido e visto na CNN, aquela região de pântanos na Espanha ficou debaixo d'água ou próximo a isso por milhares de anos.

— Provavelmente.

— A Igreja estava lá?

— Possivelmente — respondeu Murani. — A Igreja tem estado presente por toda a Europa desde os seus primórdios. Nós muitas vezes realizamos novas escavações notáveis.

Gallardo dirigiu em silêncio por um tempo.

Murani pensou sobre os últimos acontecimentos. Ele não contava com a escavação em Cádiz gerar tanta atenção. Isso poderia ser um problema. Os negócios da Sociedade deviam ser conduzidos em sigilo absoluto.

— Eu poderia ir para Cádiz — sugeriu Gallardo. — Dar uma olhada nas coisas e depois lhe contar o que descobri.

— Ainda não. Eu tenho outra coisa para você fazer.

— O quê?

— Localizei outro objeto e quero que você o consiga para mim.

— Que objeto?

Murani pegou um DVD e uma folha de papel do bolso interno de seu paletó:

— Um címbalo.

— Símbolo do quê? — perguntou Gallardo.

Desdobrando o papel, Murani mostrou ao outro homem o címbalo de barro, um disco cinza esverdeado fotografado sobre um fundo preto.

— Você terá mais informações no DVD sobre a localização do címbalo.

Gallardo pegou o DVD e enfiou no bolso de seu casaco, perguntando

ao mesmo tempo:

- Qualquer um pode encontrar isso?
- Se souberem onde procurar.
- Então, quanta concorrência devo esperar?
- Não mais do que você teve em Alexandria — respondeu o cardeal.
- Um de meus homens ainda está vomitando depois que aquela bala perfurou seu estômago.

- E você se importa com isso?
- Não... — Gallardo olhou para ele.
- Então continue procurando — Murani embalou a caixa contendo o sino.

- Isso vai sair caro — disse o outro homem.

Murani deu de ombros:

- Me avise se for precisar de mais dinheiro.

Gallardo assentiu e perguntou:

- E onde está esse címbalo?
- Ryazan, na Rússia. Você já esteve lá?
- Sim.

Murani não ficou surpreso. Gallardo era bem viajado.

- Eu tenho um endereço aqui da Dra. Yuliya Hapaev. O címbalo está com ela.

Gallardo assentiu.

- Ela é doutora de quê?
- Arqueologia.
- Você parece estar focando linguistas e arqueólogos.
- É onde esses itens apareceram — retrucou Murani. — Eu não tenho controle sobre essas coisas.

- Essa Hapaev e o Lourds se conhecem?

- Sim, como colegas e amigos — as pesquisas que Murani fizera tinham apontado essa conexão. — A Dra. Hapaev consulta o professor Lourds muitas vezes.

- Isso é um problema, então — refletiu Gallardo. — Essa conexão pode começar a fazer as pessoas ficarem intrigadas. Primeiro o Lourds perde um artefato, e em seguida a Hapaev... Assumindo que eu tenha sucesso...

— Tenho a maior fé em você — disse o cardeal.

Gallardo sorriu.

— Estou lisonjeado. Mas ainda temos o problema da conexão. A Hapaev tem estado em contato com Lourds sobre o sino?

— Não.

— Ela não tem nenhuma razão para suspeitar que alguém poderá vir procurá-la?

Murani negou com a cabeça.

— Então, quando eu viajo? — perguntou Gallardo.

O cardeal respondeu:

— Quanto mais cedo, melhor.

CAPÍTULO

4

MONTAZAH SHERATON

ALEXANDRIA, EGITO

10 DE AGOSTO DE 2009

A batida na porta do quarto do hotel trouxe Lourds de volta para o mundo real e para fora do lugar tranquilo em que ele habitualmente entrava quando tentava desvendar um problema particularmente complicado. Sua frequência cardíaca imediatamente acelerou. Olhando através das janelas da sacada, viu que a noite já tinha descido sobre a cidade. Já era tarde. Especialmente para alguém que chegava sem mandar um aviso prévio.

Embora o ataque à equipe da TV tivesse ocorrido há três dias e Lourds confiasse na segurança do hotel, uma onda de pânico ainda percorreu seu corpo. Ele a empurrou de volta para o canto escuro de sua mente de onde tinha vindo. E então se levantou, sentindo a dor familiar em suas costas e ombros de ficar debruçado sobre a mesa por muito tempo.

Com a ajuda da equipe de Leslie Crane, o professor tinha conseguido ampliar as fotos do sino. Depois de colar as fotos na parede diante de sua mesa no quarto do hotel onde se hospedara, em seguida colocou-as de volta sobre a mesa para estudá-las e tentar, em vão, quebrar aquela linguagem misteriosa. Não tinha dúvidas de que, cedo ou tarde, conseguiria fazer isso, mas, ao que parecia, o sucesso levaria tempo.

Atravessando o quarto na ponta dos pés, vestido com uma camiseta e bermudas, Lourds parou antes que sua mão chegasse até a maçaneta da porta, pensando melhor o que fazer e considerando os últimos eventos. Ele entrou no armário ao lado da porta. Sua mão enrolou-se no ferro de passar que estava montado na parede. Não era uma arma muito poderosa, mas pelo menos, com isso na mão, já não se sentia tão vulnerável.

Ah, Lourds, no fundo, você é um homem de Neandertal, não é? Ele sabia que não era, entretanto. Caso contrário, não teria ficado tão incomodado com o fato de quase ter sido morto há três dias. O que ocorria é que ele não era civilizado o suficiente — ou tolo o suficiente — para acreditar que a polícia de Alexandria tivesse tudo sob controle, não importando muito o que eles dissessem. Eles ainda não tinham a menor pista sobre quem tinha invadido o estúdio da TV.

Ou quem tinha assassinado o pobre James Kale. A visão do corpo queimado do homem no necrotério do hospital, com os dedos de uma mão cortados, ainda assombravam os sonhos de Lourds. Ele tinha ido com Leslie e os membros da equipe naquele dia, para identificar os restos mortais.

A batida soou novamente.

Lourds percebeu que ele tinha se escondido, mas se esquecera de perguntar: “Quem é?”. Ficou constrangido com a forma como sua voz falhou, como se estivesse atravessando a puberdade mais uma vez.

— Leslie.

Agora que ele sabia que a jovem estava do lado de fora de sua porta, Lourds deixou de se preocupar em levar uma bala na cabeça assim que espiasse pelo olho mágico. Ele olhou através da lente olho de peixe, viu somente Leslie ali fora de pé, e abriu a porta.

Ela estava vestida para o calor, usando sandálias, calças capri cor de bronze e uma miniblusa verde-limão que deixava entrever um delicado diamante preso em seu umbigo. A gema piscou para Lourds de uma maneira fascinante. Durante os últimos três dias que passou com ela, ele não teria imaginado que Leslie poderia usar uma coisa assim.

Algo muito primitivo e muito interessado agitou-se dentro dele, deslocando para longe todos os pensamentos sobre o produtor morto.

— Por acaso eu peguei você passando roupa? — perguntou Leslie.

Perplexo, Lourds olhou para a garota e se perguntou sobre o que ela estava falando. Foi só então que ele se lembrou de estar segurando sua poderosa arma, o ferro de passar.

— Perdão, é que eu estava me sentindo meio inseguro — respondeu ele. — Normalmente não recebo as visitas com um ferro nas mãos.

O professor virou-se e recolocou o ferro de volta a seu lugar, no

armário.

— Pessoalmente, prefiro um taco de golfe — retrucou Leslie.

— Você joga golfe?

Leslie sorriu:

— Não tão bem quanto gostaria, mas meu pai me deu um taco de ferro para me proteger em casa. Na verdade, eu pedi uma Glock.¹ Ele me deu um taco de golfe...

Leslie encolheu os ombros, claramente abreviando um comentário do tipo “E o que eu poderia fazer?”.

— Mas onde você aprendeu a atirar? — perguntou Lourds.

— Com o tempo, meu pai acabou aceitando minha admiração por armas de fogo. E finalmente me ensinou a fazer as duas coisas, jogar golfe e manejar armas. Ele passou um tempo nas Forças Especiais, e depois serviu como instrutor antes de se aposentar. Ele é um grande professor. Coisa boa, hein?

— Depois do incidente no outro dia, eu tenho que concordar — disse Lourds. — Você não vai entrar?

Leslie entrou e olhou em volta. Lourds estava curioso. Nos três dias que Lourds estava lá, ela nunca tinha estado ali antes.

— Estou impressionada — disse ela.

— Com o quê? — perguntou o professor.

— O quarto está limpo — respondeu Leslie. — Eu pensei que as coisas não estivessem tão arrumadas, você sendo um professor e *solteiro*.

— Procurando um estereótipo? O professor distraído?

— Esperando encontrar um, suponho — disse ela.

— Bem, eu não faço o tipo, nem sou ranzinza — Lourds apontou para ela as cadeiras na varanda. O quarto era bem dividido entre uma área de trabalho e uma de lazer. — Se você não se importa, talvez a gente pudesse se sentar lá fora. A vista é incrível, e sua empresa está pagando por isso.

A noite envolvia Alexandria, e a cidade brilhava como um porta-joias na escuridão. A lua cheia estava pendurada bem no alto, um disco de prata em meio a nuvens escuras espalhadas pelo céu negro. Ao norte, a luz da lua beijava os rolos brancos que rodavam vindos do

Mediterrâneo. Muito abaixo, o ruído discordante do tráfego noturno e os gritos de alegria dos turistas que haviam se excedido preenchiam as ruas.

Lourds puxou uma cadeira para a jovem e sentou-a perto da mesa circular:

— As noites egípcias estão cheias de mistérios exóticos. Enquanto estamos aqui, você deveria sair e visitar o máximo da cidade e dos arredores que puder. É incrível. Você sabe quem é C. S. Forester?

— Um romancista — respondeu Leslie. — Ele escreveu os livros de Horatio Hornblower.

Boquiaberto, Lourds deixou-se cair na cadeira de vime no lado oposto de Leslie. Nos últimos três dias ele havia ficado bastante encantado com sua inteligência, seu charme e sua personalidade. E conseguia compreender facilmente por que os produtores da televisão haviam escolhido a ela para ser a moderadora do programa.

— Você leu os livros?

Leslie sacudiu a cabeça e pareceu um tanto envergonhada:

— Assisti aos filmes no A&E. Não sou uma leitora muito assídua. Não tenho tempo...

— E é fã de filmes antigos? — *Pelo menos isso seria alguma coisa*, pensou Lourds. — Acho que o Gregory Peck estava muito bem naquele filme.

— Eu não assisti à versão clássica — respondeu Leslie. — Apenas a versão com Ioan Gruffudd. Eu comprei os DVDs.

— Não podem ser tão bons quanto os romances. — Lourds fez um sinal com a mão, como se afastasse a ideia de tão estapafúrdia. — Seja como for, C. S. Forester escreveu: “A melhor maneira de conhecer Alexandria é vagar sem rumo”.

Leslie inclinou-se sobre a mesa e colocou o queixo sobre os dedos entrelaçados:

— Certamente, se eu tivesse um guia daria para conhecer bem a cidade.

Seus olhos verdes brilhavam.

Lourds colocou os cotovelos sobre a mesa e se inclinou na direção dela.

— Se você encontrar-se na necessidade de um guia — disse ele —, basta me falar.

Leslie sorriu, com um ar meio travesso, e respondeu:

— Farei isso.

— Bem, e então, o que a trouxe aqui?

— Curiosidade.

— E sobre...?

— Todas as noites depois do jantar, você desaparece. E eu estava começando a pensar que de alguma forma o ofendi — ela hesitou. — Ou que talvez você estivesse passando seu tempo com sua amada ao telefone. Ou até mesmo enviando fotos pela internet.

— Não — respondeu Lourds. — De forma nenhuma, você não me ofendeu. E eu não tenho ninguém, nem estou evitando você. É que me sinto consumido pelo quebra-cabeça do sino.

— Quando entrei no quarto e vi todas as fotos em sua mesa, eu entendi. E o sino é um dos motivos pelos quais decidi passar por aqui hoje. Achei que talvez você precisasse de um desvio no pensamento.

— Um desvio?

— Quando encontro algum obstáculo em um projeto — explicou Leslie — normalmente tento sair daquele ambiente de trabalho e vou conversar com meus amigos. Às vezes isso faz emergir alguma coisa da minha mente subconsciente e que está esperando por uma chance de sair.

— Você está sugerindo o que, um passeio? Eu e você?

— Sim... — o olhar de Leslie encontrou o de Lourds diretamente.

Lourds olhou para a parede coberta com as fotografias do sino. E não se preocupou muito por deixá-las onde estavam. O sino parecia ser apenas aquilo mesmo: uma curiosa antiguidade.

A questão era: ele estaria disposto a deixar de lado o quebra-cabeça do sino pelo tempo suficiente para ficar com uma mulher interessante e bonita em uma das cidades mais românticas do mundo?

Parecia que estava...

— Vou me vestir e me encontro com você lá embaixo — disse ele.

— Bobagem, você está ótimo.

Lourds sorriu para ela:

— Então, pelo menos me deixe calçar os sapatos.
Ele ficou pronto em menos de um minuto.

*

RYAZAN

RÚSSIA

19 DE AGOSTO DE 2009

Frustração e emoção perturbavam a professora Yuliya Hapaev enquanto ela se sentava à minúscula escrivaninha no escritório do porão que havia tomado emprestada junto à Universidade de Ryazan enquanto trabalhasse em seu projeto favorito. A sala no porão guardava um frio que ela não havia sido capaz de afastar, mesmo usando um suéter por baixo do jaleco do laboratório.

Sem qualquer esperança real de encontrar uma resposta, Yuliya verificou seu *e-mail*. Mais uma vez. E ficou olhando para as cinzentas paredes industriais enquanto aguardava que o servidor resgatasse as últimas mensagens.

Aproveitou para ver as horas, descobrindo que eram quase onze da noite. Ela gemeu. Havia prometido a si mesma que iria voltar mais cedo esta noite para o dormitório que lhe tinha sido atribuído enquanto estivesse trabalhando. A sensação de que havia se esquecido de mais alguma coisa a incomodava, embora não conseguisse imaginar o que poderia ter sido. Sua família estava em Kazan. Ela não tinha que preparar refeições, nem cuidar da roupa, não havia nada fora do seu trabalho para distraí-la.

Ficar trabalhando quatorze ou quinze horas por dia em seu campo escolhido era para ela quase como tirar férias. O marido não gostava muito disso, mas ele entendeu porque se sentira do mesmo modo com relação a alguns projetos de construção dos quais havia participado.

A sorte sorria para ela quando fora aprovada a subvenção para estudar os artefatos descobertos recentemente na escavação arqueológica na colina entre os rios Oka e Pronya. Embora a área

houvesse sido isolada em 2005 e novas escavações proibidas, uma série de coisas não tinham sido devidamente catalogadas por ocasião das escavações originais.

E alguns itens tinham sido descobertos apesar da proibição.

A área entre os rios Oka e Pronya tinha sido um local de encontro, ou o caldeirão, de uma miríade de culturas desde os tempos do Paleolítico Superior até o início da Idade Média. Uma estrutura de madeira que guardava semelhanças com Stonehenge da Grã-Bretanha tinha sido descoberta em 2003 por Ilya Akhmedov, um arqueólogo contemporâneo de Yuliya. Os cientistas acreditavam que a estrutura tinha sido utilizada para o mapeamento das estrelas.

A coisa que mais havia interessado Yuliya, e a enfurecido além de qualquer medida, fora o címbalo de barro que atualmente jazia sobre uma das mesas do laboratório. Aquilo era definitivamente cerâmica celadon, lembrando os delicados instrumentos musicais japoneses e chineses. Mas a peça apresentava algumas inscrições que ela não conseguira decifrar. Nem nenhum dos linguistas russos aos quais tinha acesso.

No fim, ela sacou algumas fotos do címbalo e enviou-as a Thomas Lourds, na esperança de que sua experiência em línguas antigas pudesse trazer uma resposta ao enigma que ela enfrentava.

Quando o objeto tinha sido descoberto no local, havia sido trancado numa caixa para a proteção de ossos. Os restos daqueles ossos se espalhavam agora ao redor do címbalo. A caixa fora destruída ou, simplesmente, se decompusera com o passar dos anos. Yuliya não sabia ao certo qual dos dois acontecera. Estava esperando pelos resultados da análise de datação por carbono dos fragmentos de ossos que enviara. O artefato era antigo. Quem sabe até impossivelmente antigo.

A lista de novos *e-mails* deu sinal, avisando que novas mensagens haviam chegado. Desta vez, Yuliya havia recebido uma resposta da assistente de Lourds, Tina Metcalf.

Suas mãos tremiam quando ela clicou para abrir o arquivo.

Yuliya sabia bem como era Lourds sobre *e-mails*. Ela nunca conheceu ninguém que detestasse mais as comunicações eletrônicas que ele. A professora frequentemente trocava longas cartas com Lourds, por correio normal, claro, discutindo os diferentes achados dos quais ambos participaram, bem como as ramificações desses estudos. Ao longo dos anos, ela tinha guardado todas essas cartas, tendo de fato usado algumas delas nas aulas de arqueologia do último período que lecionava na Universidade Estadual de Kazan.

Ela adorava as suas cartas, e amava a mente de Lourds. Isso era algo que o marido de Yuliya, que era construtor, invejava às vezes. Mas Yuliya também sabia que nenhuma mulher jamais poderia reivindicar completamente o coração de Lourds. O verdadeiro amor do professor era o conhecimento, e ele passaria a vida inteira procurando o que foi perdido na Biblioteca Real de Alexandria. Nenhuma simples mulher poderia competir com uma paixão desse porte. Ainda assim, algumas jovens pareciam chamar sua atenção ocasionalmente, e outras chamavam mais que sua atenção por um tempo.

Se ele tivesse a inclinação, pensou ela, Lourds poderia ser um competidor à altura de Don Juan. Mas a mensagem de Tina continuava:

Entretanto, posso lhe passar o e-mail de contato dele em Alexandria.

Alexandria, hein? Riu-se Yuliya. Lourds parecia ter sido atraído de volta para os braços de sua verdadeira amante, a busca de vestígios da grande biblioteca. Ela se perguntou como é que essa amante o estaria tratando...

Ele está lá gravando um programa da BBC. Um documentário sobre idiomas ou algo parecido com isso. O reitor ficou empolgado com a coisa toda e tentou forçá-lo a participar do negócio, mas a BBC não recebeu o professor até que a empresa que estava produzindo o documentário concordasse em filmar em Alexandria. A cidade estava na lista deles de possibilidades de locações. Você sabe como ele é acerca de Alexandria! A biblioteca e tudo o mais. Depois de algum tempo, tudo o que você pode ouvir quando ele abre a boca é blá-blá-blá.

Yuliya suspeitou que a jovem senhorita Metcalf também houvesse sido fisgada pelo professor, e estava uma pouco irritada com o fato de

que ele não tinha notado que sua assistente era do sexo feminino e estava disponível. Yuliya tinha visto mulheres quase desmaiarem quando Lourds entrava na sala. Não que ele percebesse...

Acho que ele vai ficar por lá por algumas semanas. Ainda não tenho um número de telefone de contato, e você sabe que ele se recusa a andar com um celular. Aquele homem!

Se precisar de mais alguma coisa (ou se descobrir uma maneira pela qual eu possa fazer contato com ele), por favor, me informe.

Cordialmente,

TINA METCALF
ASSISTENTE DE PÓS-GRADUAÇÃO DE
THOMAS LOURDS, Ph.D
Professor de linguística
Departamento de Linguística
Boylston Hall
UNIVERSIDADE HARVARD
Cambridge, MA 02138

Bem, sem Thomas. Talvez por semanas.

Irritada, Yuliya abandonou o computador e caminhou de volta para seu laboratório emprestado. O objeto de barro ainda ocupava o centro de uma das mesas.

Era quase como se o címbalo a estivesse provocando com escárnio: “Desvende-me!”, ele dizia.

Ela só queria poder fazer isso...

O teto baixo do porão parecia opressivo, como se o peso do velho edifício estivesse afundando lentamente por cima dela.

Depois de um momento, Yuliya teve a nítida sensação de que alguém estava olhando para ela.

Estranho.

Ninguém deve estar na universidade nesta altura da noite. E ela não era do tipo de sofrer de fantasias ridículas.

Em seguida, outro pensamento a atingiu. A segurança, mesmo nos lugares onde havia em profusão, tendia a ser abissal pela maioria dos padrões.

O medo pisoteou através do corpo de Yuliya, preenchendo seu

sistema nervoso com um enorme bombeamento de adrenalina. Estupro e assassinato ocorriam nos campi universitários com uma regularidade espantosa.

Agindo de forma natural, Yuliya estendeu a mão para a pequena faca que tinha usado para limpar a inscrição misteriosa e alucinante que havia encontrado. Sua mão enrolou-se em torno do cabo de madeira.

— Se eu realmente quisesse machucar você, seria demais. Na verdade, você provavelmente já estaria morta.

A raiva explodiu dentro de Yuliya quando reconheceu a voz zombeteira. Ela girou o corpo para enfrentar a algoz.

Natashya Safarov estava encostada contra a parede na boca da escada.

Pelo menos ela não se aproximou de mim e tocou a minha nuca! Yuliya absolutamente odiava quando sua irmã mais nova fazia isso.

— Você está me espionando? — exigiu saber Yuliya.

Natashya encolheu os ombros e mostrou a Yuliya uma expressão desinteressada:

— Talvez.

Aos vinte e oito anos, dez a menos que a doutora, Natashya era uma amazona. Tinha 1,65 metro, dez centímetros mais alta que a irmã. Os cabelos vermelhos escuros caíam sobre os ombros e emolduravam o rosto de uma modelo. Olhos castanhos faiscantes revelavam seu divertimento. Vestia calças e uma blusa por baixo de um comprido guarda-pó negro. E parecia estar usando Dior.

Era irritante.

Mas amava sua irmã de qualquer maneira.

— Natashya, o que você está fazendo aqui?

Yuliya colocou a faca em cima da mesa e foi até sua irmã. Elas se abraçaram, de modo intenso, porque sempre foram próximas uma da outra, por mais que raramente se vissem atualmente.

— Liguei para o Ivan e descobri que você estava por aqui — respondeu Natashya. Ivan era o cunhado. — Já que estava nas vizinhanças, resolvi passar por aqui.

— Tenho um pouco de café. E uns biscoitos quase frescos. Quer um pouco?

Natashya assentiu e seguiu sua irmã para o escritório. Ela pegou uma das cadeiras de encosto reto estacionada ao lado de uma das mesas. Para Yuliya, ela parecia a realeza sentada ali, apesar da decoração miserável da pequena cozinha.

Depois de aquecer o café e os biscoitos no micro-ondas, Yuliya colocou os pratos e as xícaras sobre a mesa e sentou-se.

— Isso me lembra de quando éramos meninas — disse Natashya ao pegar um biscoito. — Você fazer café para nós antes de irmos para a escola. Lembra-se disso?

— Lembro.

A tristeza tocou o coração de Yuliya. Sua mãe tinha sido tirada delas muito jovem por causa de uma doença respiratória. Às vezes, tarde da noite, Yuliya pensava estar ouvindo o chiado agonizante da mãe. E ela se lembrou da noite em que o som de repente foi embora... Para sempre.

Yuliya tinha 14 anos e Natashya, 4. Embora tentasse, Natashya não conseguia se lembrar direito da mãe. Ela era uma mulher enorme que adorava cozinhar, e as recordações vinham basicamente das fotografias e das histórias que a irmã contava. O pai havia trabalhado em um armazém.

— Pelo que me lembro — continuou Yuliya — você sempre me atrasava todos os dias.

— Pois pelo que me lembro, você se atrasava porque ficava se enfeitando para algum menino...

— Eu sempre me enfeitei para o Ivan — retrucou Yuliya. — E deu certo, a gente se casou e teve dois filhos maravilhosos.

— Claro, são parecidos com a tia — sorriu a irmã.

— Nada disso — declarou Yuliya, indo em frente com a velha piada. — Isso você não vai tirar de mim. Eu sou a mãe deles, e eles puxaram a mim!

As duas mordiscaram os biscoitos e tomaram um gole de café em silêncio por um momento.

— Sinto falta de você fazer o café da manhã para mim — disse Natashya calmamente, depois de uma mordidela.

Pelas palavras da irmã, Yuliya sabia que Natashya havia estado em algum canto do mundo que havia brevemente se inflamado em um

inferno particular para ela. Yuliya sabia melhor do que ninguém que não devia perguntar nem onde nem como, porque Natashya nunca iria falar sobre isso.

— Bem, então — afirmou Yuliya com naturalidade —, da forma como eu vejo as coisas, você só tem duas escolhas.

— Duas? — Natashya arqueou as sobrancelhas.

Yuliya assentiu, continuando a falar:

— Você pode contratar uma empregada, a quem eu possa treinar para cuidar de você...

— Treiná-la?

— Claro. É o único jeito. Mas para fazê-lo corretamente, ela terá que passar alguns anos comigo.

— Sei — comentou Natashya — alguns anos...

— Claro, se quiser que ela seja treinada do meu jeito.

— Entendo.

Yuliya quase riu e estragou o momento. Natashya sempre foi assim, no controle de si mesma, e sempre capaz de manter uma cara séria:

— Ou... — prosseguiu Yuliya.

— Que bom que tem um “ou” — disse Natashya — porque não liguei para a outra sugestão.

— Ou... — Yuliya continuou imperturbável — ... você pode mudar e vir morar comigo e com Ivan.

Natashya ficou quieta e imóvel.

Yuliya sabia que ela tinha ousado demais, mas não conseguiu se conter:

— As crianças vão adorar. Elas amam você, porque é a tia favorita delas.

— Elas têm bom gosto — replicou Natashya.

— Além do mais, é a única tia — Yuliya não resistiu a esse cutucão adicional.

Elas eram irmãs e nunca se permitiram ter uma postura pretensiosa demais. Ivan tinha três irmãos e nenhuma irmã. Até agora, nenhum dos irmãos tinham se casado. Ela sentia uma saudade imensa de sua irmãzinha, e não apenas por causa da ausência de relações de sangue do sexo feminino atualmente em sua vida.

Natashya sorriu.

— Obrigada. Mas eu só iria me intrometer — ela pegou outro biscoito e o quebrou ao meio. — Conte-me o que anda fazendo por aqui. Ivan me disse que você encontrou o prato sujo de alguém.

Tristemente, Yuliya deixou cair no esquecimento o assunto de sua irmã compartilhar sua casa, sabendo que Natashya nunca mais falaria disso, e recostou-se na cadeira:

— Não é um prato sujo, é um címbalo. Com vários milhares de anos, a julgar por sua aparência. Quem sabe até mais do que isso. Estou esperando a confirmação.

Natashya balançou a cabeça em tristeza simulada:

— Minha pobre irmãzinha mais velha, que foi para a universidade para aprender a fuçar no lixo de alguém.

As duas brigaram por alguns momentos, como sempre faziam, e então Yuliya contou a história daquele disco, pelo menos até onde a conhecia. E, como sempre, Natashya estava mais interessada do que pensava que estaria.

E, neste caso, todo aquele interesse foi merecido.

*

ALEXANDRIA, EGITO

19 DE AGOSTO DE 2009

— **V**ocê acredita que há mais de um idioma no sino? — Leslie andava de braço dado com Lourds, descendo uma das ruas laterais não muito longe do hotel.

— Sim, e pelo menos dois — concordou ele.

— E você não conhece nenhum dos dois?

— Não... Pelo menos, não até agora. — Lourds olhou para ela e sorriu. — Isso abala um pouco sua confiança em mim?

Leslie olhou em seus olhos cinza-claros. Eram lindos olhos, quentes e honestos e... Sensuais. Definitivamente sensuais. Bastava que olhassem para ela e Leslie começava a formigar.

— Não — respondeu ela. — Isso não abala a minha confiança de maneira nenhuma.

— Eu vou decifrar essas línguas — disse ele.

— Bem, é esse o seu trabalho, então...

— Sim, é — Lourds mastigou um pedaço da *baklava*² que eles tinham comprado em um café que servia até tarde da noite. — Você já ouviu falar da Pedra da Roseta?

— Claro.

— O que você sabe sobre isso?

— Foi uma coisa... — Leslie pensou na resposta. — Uma coisa importante.

Lourds riu.

— Sim, foi.

— E essa pedra está guardada no Museu Britânico em Londres.

— Isso é verdade também. — Lourds deu outra mordida na *baklava*. — A coisa importante sobre a Pedra da Roseta é que suas inscrições foram feitas em duas línguas diferentes, egípcio e grego.

— Pensei que tivessem sido três... — comentou Leslie.

— Foram duas línguas, mas eles usaram três escritas. Hieróglifo, demótico egípcio e grego. Quando o exército de Napoleão encontrou a pedra, o artefato nos deu, finalmente, um caminho para a compreensão da língua do Antigo Egito. Sabíamos o que a inscrição em grego dizia. E, então, ao assumir que todas as passagens diziam as mesmas coisas, os estudiosos conseguiram decifrar o significado dos hieróglifos. Tudo o que os sábios precisaram fazer para quebrar o código hieroglífico foi combinar os hieróglifos com os significados que possuíam das outras duas partes. A descoberta dessa pedra nos permitiu a decifração e a tradução de todos os escritos do Antigo Egito que tínhamos observado há milênios enfeitando as tumbas e as paredes dos templos, sem termos a menor pista do que diziam. Claro que esse processo demorou, foram necessários mais de vinte anos e um grande grupo de mentes privilegiadas para chegar lá, e mesmo com a existência da pedra.

— E você acha que esse sino pode ser algo parecido com a pedra?

— as ramificações dessa hipótese propagaram-se rapidamente pela mente de Leslie. — Uma carta vinda da antiguidade e que foi escrita em

dois idiomas, esperando para ser traduzida?

— Não sei... — replicou Lourds. — Eu não sei, por exemplo, se as duas linguagens estão dizendo a mesma coisa. Essa foi uma das razões pelas quais a Pedra da Roseta foi tão importante. A mensagem se repetia nas duas línguas. E eu não consigo ler nem uma, nem a outra língua, mais uma razão pela qual a Pedra da Roseta significou tal avanço. A gente sabia traduzir do grego. Mas, de meu lado, não tenho nenhuma referência. A única coisa que sei é que duas linguagens estão escritas sobre o sino e eu não consigo entendê-las. E não gosto disso. Não estou acostumado a passar em branco com idiomas antigos.

— Nossa, seria maravilhoso se o sino fosse uma espécie de Pedra da Roseta! — disse Leslie.

— Na Pedra da Roseta tinha apenas uma linguagem que não entendíamos. E a mensagem era uma só, repetida por três vezes. Não acho que seja esse o caso aqui.

— Quer dizer que você acha que podem ser duas mensagens diferentes?

— Não sei ainda... — respondeu Lourds. — Mas a extensão das passagens e as diferenças de estrutura no texto indicam-me que pode ser o caso. Isso tudo significa que vai demorar mais tempo dedicado a isso do que eu gostaria. E peço desculpas antecipadamente pela minha distração, mas é que esse é um enigma que me chama.

— Sem problemas, eu compreendo perfeitamente — disse Leslie, terminando a *baklava*. — Mas saiba que você não está sozinho nisso, entendeu? Quando poste as fotos do sino na internet em listas e fóruns acadêmicos e envie por *e-mail* para todos os estudiosos que conheço, ninguém soube me dizer qual idioma era aquele. Ou idiomas, seja como for.

Lourds parou de andar e se virou para ela:

— Quer dizer que você postou as fotos do sino na internet?

— Sim.

— E por acaso alguém respondeu à sua postagem? — perguntou Lourds.

— Sim, algumas pessoas, elas...

Empolgado, Lourds pegou o cotovelo de Leslie e a girou. E seguida,

olhou em volta, avaliando onde estavam — só então Leslie percebeu que estavam seguindo o conselho de E. M. Forster, e vagando sem rumo pela cidade — e voltou para o hotel.

— Onde estamos indo? — perguntou ela.

— De volta para o hotel — respondeu o professor. — Acho que acabo de descobrir como é que os ladrões nos localizaram.

*

RYAZAN

RÚSSIA

19 DE AGOSTO DE 2009

Gallardo esperou na van de carga de fabricação russa GAZ-2705 do lado de fora da Faculdade Estadual de Medicina de Ryazan, onde a professora Yuliya Hapaev estava trabalhando. Os dizeres nas laterais da van indicavam que era de uma companhia de limpeza local que tinha contratos com a universidade.

Mudando de posição no assento, Gallardo se forçou a permanecer distanciado do problema e não assumir aquela longa espera como uma coisa pessoal. Ele tinha esperado que a mulher saísse do prédio muito antes e retornasse ao dormitório onde ela estava hospedada.

Mas então onde estava ela? Mesmo uma *workaholic* não iria trabalhar até tão tarde.

— Alguém vem vindo — anunciou Farok no rádio.

Gallardo pegou os binóculos de visão noturna que estavam dentro do porta-luvas.

— É ela — disse Farok.

Focalizando os binóculos na figura solitária que saiu do edifício, Gallardo a estudou. A capacidade de visão noturna das lentes lavou todas as cores da mulher, transformando tudo em um verde suave. Ele não poderia dizer se a professora era morena ou não, mas o tamanho e a forma pareciam corretas.

Gallardo sabia que Farok e a equipe de DiBenedetto iriam se

aproximar e pegar a mulher:

— Ela está carregando alguma coisa?

— Não — respondeu Farok.

Gallardo refletiu um segundo sobre isso:

— O objeto deve estar ainda dentro do prédio.

— Sim.

Gallardo abriu a porta da van e saiu. A luz não veio sobre ele porque havia removido a lâmpada do teto do carro, apenas por precaução. Teve um breve vislumbre da mulher caminhando diretamente para o estacionamento, e então ela desapareceu.

— Pegue a mulher — ordenou Gallardo — e eu pegarei o prêmio.

Depois de Farok ter informado que eles levariam a mulher viva, se possível, Gallardo transferiu sua pistola do suporte de ombro para o bolso direito do casaco. Então, ele trotou em direção ao prédio, permanecendo nas sombras tanto quanto podia.

*

Natashya Safarov sabia que os homens a estavam seguindo. Ela havia sido seguida antes, então ela sabia o que procurar e o que escutar. Sua frequência cardíaca aumentou levemente enquanto o corpo se preparava para lutar ou correr. A respiração foi mantida lenta e uniforme. Naquele frio noturno, qualquer um que a estivesse observando poderia dizer quando a respiração mudara porque o vapor que saía da boca a denunciaria.

Sua mente voou, avaliando as opções e mostrando suas chances. Todo lugar aonde ela fosse seria um campo de batalha em potencial. Natashya havia sido treinada para tirar proveito de tudo que estivesse por perto. Ela sempre via um terreno, e não uma paisagem. Isso talvez não lhe pudesse ajudar aqui, porém. No campus da universidade, a esta hora da noite, não havia muita coisa que lhe pudesse servir de cobertura.

Ficou se perguntando quem poderiam ser aqueles homens, e se eles de alguma forma poderiam fazer parte daquele desastre que acontecera em Beslan. Uma facção de militantes ossetas, criando tumultos

novamente para receber de volta suas terras ancestrais, haviam tomado algumas pessoas como reféns. Natashya tinha entrado e resgatado esses reféns. Houve derramamento de sangue considerável. Ela não tinha dúvidas de que alguns deles iriam querer vingança. Nem que ela seria um alvo provável.

E se não forem esses ossetas, refletiu Natashya, poderiam ser muitos outros. Ela deixara uma longa lista de inimigos para trás. Seu trabalho assim exigia. E enquanto pensava, a raiva infiltrou-se nela porque aqueles homens tinham trazido a violência para perto demais de sua família.

Mas manteve o foco, prestando atenção ao ritmo dos perseguidores, selecionando o som de suas passadas entre todos os outros ruídos que rompiam a tranquilidade daquela noite. Agora ela os tinha todos, cada um deles monitorado pelo seu sistema de defesa pessoal, cada homem marcado de forma indelével.

Deslizando as mãos para dentro bolsos do casaco, ela empunhou as duas pistolas Yarygin PYa/MP-443 Grach que levava sempre consigo. Ambas as armas carregavam dezessete cartuchos de munição, e Natashya trazia carregadores extras presos em um bolso interno. Sua esperança era que não precisasse usá-los.

Mas os homens eram pacientes, fechando o cerco gradualmente pelos três lados.

Sem aviso, ela se virou e subiu correndo os degraus de um prédio próximo. As sombras preenchiam o corredor lateral aberto, e a garota sentiu-se bastante confiante de que se tornaria invisível a seus perseguidores em um instante.

Porém, eles estavam determinados a não perder de vista. O som das passadas, hesitantes por apenas um momento, vinha logo atrás dela.

Natashya correu, rápida e silenciosa em seus sapatos de sola de crepe. Ao final do corredor lateral, ela saltou dos degraus para a esquerda e se abrigou por trás de uma linha de arbustos, encostada à parede do edifício. Empunhando as duas armas destravadas por seus polegares, ela esperou.

Dois homens chegaram correndo, pararam e observaram a área aberta em frente a eles. Era muito ruim não haver outro prédio nas

proximidades. Natashya pensou que os dois iriam ficar confusos por um tempo maior.

Mas ambos sacaram suas pistolas, obviamente sentindo que estavam em perigo. E a presença das armas definiu o curso de ação da mulher. Havia mais deles. E aquele número lhes dava vantagem. Mas ela poderia fazer com que as probabilidades se transformassem mais a seu favor bem aqui, agora.

Natashya nivelou suas duas pistolas.

Um dos homens virou-se para ela. A arma estava levantada, o braço dobrado para mantê-lo perto do corpo enquanto ele o mantinha firme em um triângulo, pronto para atirar. O homem a viu quando estava em campo aberto.

A mulher apertou o gatilho da pistola de sua mão direita no mesmo momento em que o homem a viu. O projétil de 9 mm explodiu no espaço entre os olhos arregalados do homem. Ela disparou novamente, passando para a outra pistola, e colocou duas balas no pescoço do segundo homem. Do jeito que ele caiu, ela suspeitava que um dos tiros houvesse rompido a medula espinhal do sujeito.

Movendo-se rapidamente, Natashya caminhou até os dois homens mortos. O som seco e áspero dos disparos ecoou pelo corredor lateral do prédio atrás dela.

Ajoelhando-se e recolocando a arma da mão esquerda no bolso de seu casaco por um instante, Natashya revistou os dois homens. Nenhum portava identidade. Isso não era incomum. Em uma missão de assassinato, o contratador normalmente levava todas as identificações dos atiradores com ele, de forma que eles não pudessem ser rastreados até a pessoa que tivesse iniciado o ataque.

Um bracelete no pulso de um dos homens mortos chamou a atenção de Natashya ao mesmo tempo em que ouvia vozes saindo dos rádios. Eles haviam sido alertados. Sejam quem fossem seus atacantes, eles sabiam agora que a garota estava armada.

Natashya estudou o bracelete, reconhecendo-a como uma tática usada por forças especiais ao redor do mundo. Ela abriu a tampa de proteção, esperando ver seu próprio rosto.

Mas o rosto na foto não era o dela. Era o de Yuliya.

Levantando-se, Natashya arrancou sua pistola do bolso do casacão, virou-se e correu de volta para o edifício onde havia deixado sua irmã.

1. Glock é uma pistola semiautomática fabricada na Áustria e considerada a melhor arma do mundo. Muito leve e precisa, é adotada pela maioria dos departamentos de polícia dos Estados Unidos. (N. do T.)

2. A *baklava* é uma das mais famosas sobremesas turcas, mas também está presente em muitas cozinhas do Oriente Médio, ou seja, nos países que faziam parte do antigo Império Otomano. É um doce composto por várias camadas bem finas de massa, recheado normalmente com nozes e pistache e coberto com calda de açúcar. (N. do T.)

CAPÍTULO

5

ALEXANDRIA, EGITO
19 DE AGOSTO DE 2009

Inclinando-se mais perto da tela do computador, Lourds estudou as imagens do sino misterioso. As fotos que Leslie Crane tinha postado em vários sites arqueológicos e sobre história tinham sido produzidas profissionalmente. Mas nenhuma delas mostrava a superfície completa do sino. Havia sido tiradas de ambos os lados, deixando de fora, porém, um grande trecho da inscrição. Felizmente Lourds as tinha.

Leslie estava ao seu lado e Lourds se mostrava mais consciente do que gostaria do calor que emanava do corpo da jornalista. Ele não gostava de distrações enquanto estava trabalhando.

O texto que acompanhava as imagens do sino foi escrito de forma simples e direta, apenas perguntando se alguém tinha algum conhecimento da história da coisa. Algumas respostas tinham se acumulado ao longo das duas semanas que as imagens estiveram presentes nas páginas de internet, mas nenhuma delas parecia fora do comum.

— Você por acaso recebeu algum e-mail relacionado ao sino? — perguntou Lourds.

— Nada que revelasse a história do sino — respondeu Leslie. — Havia algumas poucas perguntas, e mais nada.

— Que tipo de perguntas? — Lourds recostou-se.

— Perguntando onde o tínhamos encontrado, o que faríamos com ele, coisas assim.

— E você respondeu?

— Não, eu estava procurando por informações, e não querendo passá-las — disse Leslie, ficando em silêncio por alguns instantes. — Você realmente acha que os homens que nos atacaram vieram por

causa dessas mensagens?

— Acho que só pode ser por causa disso — respondeu Lourds. — De que outra forma esses sujeitos saberiam onde estava o sino?

— Mas eu usei um servidor de entrega oculto. Era para ser seguro.

Lourds assentiu:

— De acordo com a minha assistente, o problema com segurança na internet é que, assim que alguém escreve um programa supostamente “seguro” para proteger o tráfego, alguém está ocupado justamente em encontrar maneiras de contornar isso.

— Eu sei. Eu fiz uma reportagem sobre criptografia antes de ser contratada por este programa — a voz de Leslie tremeu um pouco. — Eu simplesmente não posso acreditar que isso aconteceu. Mandeí e-mail para estudiosos. Eu posteí em sites de universidades. Por que um artefato obscuro como o sino chamaria a atenção de assassinos?

Observando a expressão preocupada da garota no fundo da tela do computador, Lourds se virou para ela:

— O que aconteceu naquele dia não foi sua culpa, Leslie.

Ela cruzou os braços sobre o estômago.

— Se eu não tivesse postado as imagens do sino na internet, nada disso teria acontecido. James não teria... — a respiração da jovem ficou irregular. — Ninguém teria se machucado.

— O que você fez — insistiu Lourds — foi sem intenção, foi sem querer entrar em uma situação particularmente desagradável — e pegou uma das mãos dela nas suas, apertando levemente. — E o que você conseguiu descobrir...

— Inadvertidamente — enfatizou Leslie.

Balançando em concordância, Lourds continuou:

— Por mais inadvertidamente que possa ter sido, você ainda conseguiu encontrar uma coisa incrível.

— O problema é que nós perdemos isso.

Lourds voltou sua atenção para as imagens do sino:

— Às vezes você não precisa realmente ter a posse de alguma coisa para poder aprender com ela. Basta apenas simplesmente saber que essa coisa existe — e esticou a cabeça para a tela. — Eu acho que foi isso que colocou os ladrões do sino em nosso encalço. Eles sabiam de

sua existência. E tudo que temos que fazer agora é descobrir como eles souberam disso.

— Pensei que eles fossem apenas simples ladrões contratados por alguém que desejava o artefato.

— Exatamente — concordou Lourds. — Isso é o que eles eram, simples ladrões. Mas a julgar pela forma violenta que os homens agiram, e pelo jeitão deles, eu diria que eram mercenários especializados. Afinal, não pareciam ladrõezinhos baratos para mim. Tinham mais cara de bandidos de aluguel, e quem sabe uma das opções mais caras do cardápio...

— Mas, se alguém queria ter esse sino e sabia sobre ele — ponderou Leslie —, essa pessoa não o teria comprado na loja anos atrás?

— Bem, saber da existência do objeto e saber onde esse objeto está são duas coisas bem diferentes, Leslie.

Lourds abriu sua conta de e-mail.

— E você está insinuando que isso pode ser uma boa coisa?

— Sim — respondeu Lourds — porque isso quer dizer que pode existir uma trilha aí. Uma que levou aqueles homens ao sino, para nós e uma que podemos ter esperança de encontrar nós mesmos. A trilha vai em duas direções. Podemos ser capazes de encontrar quem estava procurando por aquele sino. E nós poderíamos ser capazes de encontrar o que eles sabem sobre isso.

Lourds esperou que o servidor de e-mail passasse por todas as mensagens. Fazia dias que ele não checava sua caixa de entrada.

Muitos nomes conhecidos apareceram na tela.

— O que você está fazendo? — perguntou Leslie.

— Vou entrar em contato com algumas pessoas que eu conheço. Gerar algumas pesquisas por minha conta. Talvez a gente tenha a mesma sorte que aqueles homens que vieram atrás do sino.

As mensagens continuavam aparecendo.

— Uau — exclamou Leslie. — Você nunca responde suas mensagens?

— De vez em quando — respondeu o professor. — As pessoas que me conhecem sabem que muitas vezes é melhor telefonar para mim. Você pode perder tempo demais respondendo a cada mensagem que

chega à sua caixa.

Um nome em especial chamou a atenção de Lourds. Yuliya Hapaev. Tinha aparecido mais de uma vez.

Lourds conhecia Yuliya pessoalmente. Sempre que viajava para a Rússia, ele tentava reservar alguns dias para visitar a amiga. Ele clicou no classificador de correio, trazendo à tona todos os e-mails de Yuliya.

Havia uma meia dúzia de mensagens. Três delas tinham anexos.

— Uma fã ardente? — perguntou Leslie.

— Uma arqueóloga que eu conheço.

— O nome parece russo.

— E é... — Lourds clicou na primeira mensagem. Era de onze dias atrás.

— Você a conhece bem?

Na superfície, a questão parecia inócua. Mas Lourds sabia o que Leslie deixara implícito:

— Eu conheço Yuliya, seu marido e seus filhos muito bem.

— Oh...

Lourds leu a primeira mensagem.

Caro Thomas,

Espero que esta mensagem te encontre bem e à beira de uma descoberta empolgante. Eu encontrei algo INTERESSANTE, de meu lado. Se tivesse tempo, gostaria muito de lhe fazer uma consulta. Eu teria telefonado, Mas simplesmente não sei se vale a pena o incômodo AINDA.

SINCERAMENTE,

YULIYA

Três outras mensagens continham um texto semelhante e eram mais mensagens de apoio caso o servidor tivesse extraviado a primeira das mensagens. O servidor da universidade era conhecido por fazer esse tipo de coisa.

Já a quarta mensagem era a primeira a conter uma imagem anexada. Lourds clicou para abrir a foto e esperou um momento até que fosse transferida do servidor.

A imagem imediatamente chamou sua atenção. O professor mexeu em algumas teclas, aumentando o tamanho da foto para que pudesse ver as inscrições na superfície do objeto.

— Isso parece um frisbee pré-histórico — comentou Leslie. — Ou um prato...

— Nem um, nem outro — respondeu Lourds. — É um címbalo.

— Um símbolo? De quê?

— Um címbalo, um instrumento musical!

Empolgado, Lourds usou o mouse e o teclado para abrir uma das imagens digitais que ele tirou do sino.

— O que você está fazendo? — Leslie inclinou-se mais perto, olhando por cima do ombro do professor. Seu cabelo afagou levemente a bochecha dele.

— Você notou a inscrição no címbalo?

Lourds sabia que sua voz estava apertada por causa da emoção. Ele podia senti-la e ouvi-la.

Leslie hesitou:

— Você acha que ela é parecida com a inscrição do sino?

— Sim, ela realmente se parece com a do sino.

— Bem, vou acreditar em sua palavra — disse ela. — Afinal, o perito é você.

— Isso mesmo... — concordou Lourds.

E ficou analisando a inscrição no címbalo. Assim como acontecera com os escritos sobre o sino, estas ele também não conseguia decifrar.

Lourds se levantou da cadeira e foi até sua mochila, que estava apoiada em uma cadeira ao lado da cama. Revirando o conteúdo, tirou de dentro seu telefone celular e um pequeno caderno de endereços. Procurou pelo telefone de Yuliya Hapaev. Ele tinha duas entradas ao lado do nome dela. Uma era de casa, e a outra — de um telefone por satélite — era do trabalho.

Lourds adivinhou que, com essa descoberta recente, Yuliya deveria estar no trabalho, embora já fosse muito tarde. E chamou esse número.

Olhando para trás, para a tela do computador, Lourds estudou as duas imagens. Não havia dúvida sobre a semelhança entre as duas inscrições. Fosse qual fosse a linguagem em que tinham sido escritas, elas compartilhavam uma história.

O telefone tocou novamente e novamente.

RYAZAN

RÚSSIA

19 DE AGOSTO DE 2009

Yuliya alongou-se um pouco, ouvindo suas vértebras rangendo e estalando. Muitas pessoas pensavam que a pior parte do trabalho de um arqueólogo fosse, na verdade, as escavações. Mas desenterrar artefatos de um sítio arqueológico era agradável em comparação a ficar sentado em uma mesa debruçado sobre essas coisas por horas a fio.

Você precisa de uma pausa para que seja possível analisar as coisas com outros olhos. Yuliya sabia que isso era verdade. Ela tinha estado com essa pesquisa pelo máximo de tempo que pudera, mas agora se sentia completamente emperrada. E não se lembrava de sentir tamanho bloqueio antes.

Decidiu então telefonar para casa e se recolher por esta noite. Pegando o címbalo da mesa do laboratório, ela começou a voltar pelo outro lado da sala para ir guardar o objeto no cofre.

Foi quando viu o homem parado junto à porta.

Yuliya se deteve e olhou para ele, assustada imediatamente por causa de seu tamanho e da brutalidade que via no rosto do homem.

— Você fala inglês? — O homem perguntou em russo.

— Quem é você? — exigiu saber Yuliya. — Como chegou até aqui?

O homem sorriu, mas a expressão do rosto não inspirava confiança. Ao contrário, ele tinha o sorriso frio de um predador:

— Eu falo um pouco de russo, mas não o suficiente para explicar o que precisamos discutir aqui.

O homem chegou mais perto.

Yuliya deu um passo atrás.

— Você é a professora Hapaev, certo? — perguntou o homem. — E estava fazendo pesquisas e perguntas na internet sobre isso, certo? — e apontou com a cabeça para o címbalo nas mãos da mulher.

— Saia antes que eu chame a segurança. — Yuliya tentou fazer sua voz soar firme.

O homem a ignorou. E estendeu a mão para alcançar o objeto.

Yuliya recuou mais uma vez, mantendo-se fora de alcance. Ela não tinha muito espaço de manobra.

Como que por um passe de mágica, uma pistola apareceu na mão do homem.

Tiros, abafados pelas paredes, soaram do lado de fora. Yuliya sabia o que aqueles disparos secos representavam. Já estivera perto de armas antes. Sua irmã tentara uma vez ensiná-la a atirar, mas Yuliya tinha provado que suas habilidades para isso eram completamente nulas. E finalmente protestou, dizendo que, mesmo que aprendesse a tirar, não tinha intenção nenhuma de manter uma arma em casa com seus filhos por perto.

Mais tiros soaram.

O homem falou em italiano, mas a pistola na mão nunca vacilou.

Yuliya sabia o suficiente para identificar o idioma, mas não o suficiente para entendê-lo. No início, ela pensou que o homem estivesse conversando com ela, então viu que ele estava falando em um microfone tão fino quanto lápis, que aparecia ao longo de sua bochecha.

— Quem era a mulher que saiu deste edifício? — quis saber o homem.

Natashya! Um medo frio correu pelas veias de Yuliya, e seu coração acelerou.

— Quem é ela? — o homem deu um passo adiante e agarrou os braços da mulher.

O címbalo quase escorregou das mãos da professora. Ela o agarrou no último instante.

Tiros soaram mais uma vez.

— Quem é ela? — o homem apontou a arma para o olho esquerdo de Yuliya.

— Minha irmã — gemeu a professora. Ela se sentiu horrível revelando aquilo, mas queria desesperadamente ver seus filhos novamente. Ela não queria que eles crescessem sem a mãe. — Natashya Hapaev. Ela é inspetora da polícia. — Recuperando um pouco

de sua coragem, anunciou: — E sem dúvida ela já notificou a polícia.

O homem amaldiçoou e, em seguida, arrancou o címbalo das mãos da mulher.

Yuliya achou que, apesar de tudo, ainda continuaria viva. Que suas palavras e as armas da irmã tivessem assustado aquele homem terrível. Mesmo quando a luz brilhante que saiu do cano da arma a cegou e sua cabeça disparou para trás, batendo contra a parede, a mulher ainda achava que iria sobreviver àquele encontro.

O vazio a sugou enquanto a escuridão nublava seus olhos.

*

Com o coração batendo como um martelo no peito, Natashya Safarov correu através da escuridão. Os homens estavam atrás de Yuliya. Esse pensamento continuava crescendo dentro de sua cabeça.

As balas a perseguiam durante a noite, atingindo o chão e as árvores ao seu redor enquanto corria de volta para o prédio onde tinha deixado a irmã. Natashya recarregou suas armas enquanto corria, enfiou a pistola esquerda de novo no coldre para poder pegar seu telefone.

Teclou o número de emergência da polícia.

— Departamento de Polícia — uma voz masculina anunciou lacônica.

— Aqui quem fala é a inspetora Safarov, de Moscou — disse Natashya rapidamente. O som seco de tiros pontuavam suas palavras. Ela acrescentou seu número de identificação. — Eu estou sob ataque na Universidade de Ryazan.

— Por quem, inspetora?

— Eu não sei. — A bala rasgou a casca da árvore a apenas alguns centímetros de sua cabeça. — Mande alguém aqui. Agora!

— Sim, inspetora.

Natashya dobrou o telefone. Ela se sentiu aliviada pelo fato de o oficial de plantão não ter verificado sua identidade. Claro, Moscou ficava a apenas três horas de distância por via férrea e não havia muitas inspetoras do sexo feminino, mesmo na divisão de Moscou.

Sombras dançaram por todo o espaço entre os edifícios atrás dela. Natashya levantou as pistolas e disparou contra as sombras.

Um homem gritou de dor enquanto uma das sombras tropeçava e caía. O outro voltou para seu esconderijo.

Abandonando sua posição, Natashya correu, voltando para a parte de trás do prédio ao lado daquele onde tinha deixado Yuliya.

*

Dentro do laboratório, Gallardo olhou para baixo para a mulher morta. A bala havia arruinado seu rosto. Ele comparou o que restava da face com a foto que estava dentro da bolsa de plástico em sua manga. Não havia dúvida, aquela era a professora que deveria ser eliminada por ele, caso fosse necessário.

Ajoelhando-se, Gallardo chamou um dos homens que o tinham seguido para dentro da sala. Ele levantou o címbalo e o outro homem o pegou cuidadosamente, embalando-o na maleta protetora que tinham trazido para transportar o artefato.

Gallardo vasculhou rapidamente os bolsos da mulher morta. Tirou tudo que encontrou e colocou em um grande saco plástico. Depois de terminado, selou o saco. Ele duvidava que existisse alguma coisa de valor naquelas coisas todas, mas havia um zip drive que parecia promissor.

De novo de pé, Gallardo fez um largo sinal com as mãos indicando o laboratório:

— Queimem tudo — ordenou.

Dois dos homens percorreram o laboratório e despejavam líquido inflamável no chão. O cheiro de álcool queimando preencheu o ar.

Um terceiro homem ficou perto da porta com um rifle de assalto.

Gallardo voltou para o escritório pequeno na parte de trás, atraído pelo brilho azul do monitor do computador. Dentro do escritório, ele olhou para a tela.

A pasta de e-mails mostrava uma lista de mensagens. Algumas estavam em cirílico, mas outras estavam em inglês.

Um nome chamou a atenção de Gallardo.

THOMAS LOURDS

Gallardo amaldiçoou-o, lembrando-se da sorte extraordinária do

professor em Alexandria. E agora o nome do homem aparecia por aqui.

Gallardo não era um homem que acreditasse na sorte, boa ou ruim, mas ele odiava a insistência do destino. O fato de Lourds aparecer constantemente naquela busca pelos artefatos por parte da Sociedade de Quirino não era algo que ele estivesse preparado para tolerar.

Ele ouviu os tiros, então falou ao microfone.

— Que diabos está acontecendo aí fora, Farok?

— É a mulher — respondeu Farok. — A arqueóloga.

— Essa arqueóloga está aqui embaixo — corrigiu-o Gallardo. — E ela não vai a lugar nenhum.

— Então, quem é essa?

— A irmã dela. Uma inspetora da polícia.

— Ela é mortal como ninguém com as armas — retrucou Farok. — Já matou dois de nossos homens e feriu outros três.

Gallardo não podia acreditar. Os mercenários que ele havia contratado para o ataque à universidade eram dos bons:

— Ela está morta?

— Não — respondeu o outro. — E, na verdade, ela está voltando para sua posição.

Amaldiçoando mais uma vez, Gallardo ordenou:

— Recolha os corpos dos mortos e feridos e vamos embora daqui. Já tenho o que viemos buscar.

Farok hesitou.

Gallardo sabia que Farok detestava fugir de uma briga:

— Ela é inspetora de polícia, então é bem capaz que tenha chamado reforços. É hora de limpar a casa e darmos o fora daqui.

— Tudo bem — disse Farok, sua relutância clara em cada palavra.

Na porta do laboratório, Gallardo apanhou um sinalizador de emergência, armou-o e atirou-o no chão. O sinalizador acendeu apenas um minuto mais tarde, e então o álcool e os demais produtos químicos espalhados pelo piso foram atingidos pelas faíscas. A vacilante névoa azul rapidamente se espalhou por todo o líquido esparramado.

Natashya viu que os homens estavam fugindo ao chegar na parte dos fundos do edifício da Faculdade de Medicina. Ela sentiu-se dividida por um instante com o pensamento de persegui-los. Mas não havia escolha. Mesmo que isso significasse que os deixaria escapar, ela precisava encontrar Yuliya.

A porta dos fundos estava trancada.

Recuando alguns passos, Natashya mirou deliberadamente na fechadura e atirou três vezes. As balas rasgaram o metal em uma explosão de faíscas. Ela estava ciente de que aquele brilho marcava claramente a sua posição, então se manteve rente ao chão.

Um alarme de incêndio rugiu para a vida.

Ela tentou a porta de novo, e desta vez se moveu. Abrindo-a totalmente, a policial correu para dentro no mesmo instante em que uma breve rajada de balas atingiu a porta e o hall de entrada.

Permanecendo abaixada, Natashya correu pelo corredor, procurando por uma escadaria que a levasse ao subsolo. Ela disse a si mesma para desacelerar, que os homens ainda poderiam estar dentro do edifício. Mas tudo o que conseguia pensar era em Yuliya.

Quando encontrou a escada, ela atirou-se para baixo, batendo contra a parede do fundo. O impacto machucou seu ombro, mas ela se forçou a se manter em movimento.

Na parte inferior da escada, ela entrou por uma porta com as duas pistolas empunhadas. A respiração pesada ecoava pelo vazio do corredor.

Ninguém se mexia.

Por um instante, Natashya ficou congelada, não muito certa de que caminho seguir. Então notou a palidez cinzenta de fumaça saindo de uma sala à sua esquerda.

Yuliya!

Natashya correu, incapaz de controlar o medo que pulsava através dela. Empurrando a arma na mão esquerda para dentro do bolso do casaco, ela agarrou a maçaneta da porta e a empurrou.

A fumaça se agitou para fora do laboratório, avançando em direção a Natashya e se prendendo a ela. O cheiro acre de produtos químicos se queimando beliscou as narinas. Mantendo a manga do casaco sobre a

boca, ela respirava através do tecido e corria pela sala, em uma busca desesperada pela irmã.

As chamas dançavam pelo chão, lambendo o líquido derramado sobre o piso. O fogo cobriu a parede de trás. Vários recipientes de vidro ao longo das prateleiras da esquerda explodiram.

Uma rápida inspeção no escritório revelou que Yuliya não estava lá. Olhando para o inferno em chamas que continuava a ganhar força, Natashya pensou que poderia ser possível que os homens tivessem feito Yuliya prisioneira. Ela esperava que sim.

Então essa esperança morreu no instante em que procurava pela sala e viu a professora deitada no chão. O sangue que escorria da cabeça de Yuliya segurava uma linha de chamas.

Não!

Natashya correu para a irmã. Um olhar sobre a lesão na cabeça da professora contou à policial que não havia mais nenhuma esperança.

Lágrimas, que eram causadas tanto pelos produtos químicos queimando quanto pela dor emocionada, turvaram a visão de Natashya quando ela caiu ao lado do corpo da irmã. Chamas dançavam através da poça de sangue. O calor enegrecia as bordas.

Natashya colocou a pistola ao seu lado no chão e segurou a cabeça de Yuliya. Chorando, lembrou-se de todas aquelas manhãs quando só eram elas duas, depois que o pai saía para o trabalho. Se não fosse por Yuliya...

A porta raspou no chão atrás dela ao se abrir.

Rodopiando, Natashya apanhou a pistola do chão e apontou para as figuras escuras que entravam na sala. Os homens estavam vestidos com uniformes que os identificavam como segurança do campus.

— Eu sou a inspetora Safarov da polícia de Moscou — disse Natashya em voz alta.

— Inspetora — um dos homens disse. — Eu sou Pytor Patrushev. E trabalho de segurança aqui na faculdade.

— Mantenha as mãos para cima.

O homem obedeceu.

— Você precisa sair daqui. Eu chamei os bombeiros, mas estes produtos químicos, eles...

— Chegue mais perto. Deixe-me ver a sua identificação. Use apenas uma das mãos. — Um ataque de tosse rasgou as palavras de Natashya.

Patrushev se aproximou dela e mostrou o crachá preso à lapela do casaco.

Cega pelas lágrimas dos produtos químicos, negando a dor física ou emocional que a rasgava por dentro, Natashya mal conseguia enxergar o retângulo de plástico que o homem lhe oferecia. Ela sentiu que ele não era uma ameaça e decidiu confiar em seus instintos.

— Temos que tirá-la daqui — disse Natashya.

Juntos, Natashya e o homem carregaram o corpo de Yuliya para fora da sala antes que o fogo ou a fumaça os dominasse.

*

Bombeiros carregaram o corpo de Yuliya para uma ambulância que esperava do lado de fora do prédio. Natashya se aprumou, afastando-se do abismo de desespero. A cena era igual a muitas outras que ela já vira em Moscou. Tiroteios com membros da máfia russa, confrontos com traficantes e caçadas por assassinos, tudo se misturava para criar um cenário surreal que inundava seu cérebro.

A polícia de Ryazan chegou juntamente com os bombeiros. Eles se mantiveram atrás da área que os bombeiros delimitaram com cordas, mas alguns dos policiais estavam começando a fazer perguntas aos espectadores.

Natashya sentou-se com Yuliya. Ela tinha certeza de que os homens que mataram sua irmã tinham ido embora.

O fogo iluminou o primeiro andar do prédio, mas as poderosas correntes de água gradualmente conseguiram derrotá-lo.

Um telefone celular tocou.

Automaticamente, Natashya estendeu a mão para o dela, mas quando o trouxe para atender, percebeu que não era esse que estava tocando. Ela se virou para Yuliya e acompanhou o tom estridente até o bolso do jaleco de laboratório da mulher.

Ela puxou o telefone por satélite para o rosto e falou em russo no bocal:

— Alô?

— Yuliya? — a voz era distinta, falando russo com um sotaque americano.

— Quem está falando? — continuou Natashya em russo.

— Thomas Lourds — respondeu o homem. — Olha, me desculpe chamar a uma hora tão tardia, mas é importante. Eu acabo de ver o címbalo com o qual você está trabalhando. Ela se liga com um artefato com o qual entrei em contato recentemente. — O homem hesitou.

Natashya se forçou a ficar calma. O homem não parecia ser um daqueles que caçaram e mataram Yuliya. E ainda havia alguma coisa familiar com aquele nome. Ela estava quase certa de que sua irmã o mencionara algumas vezes.

— Bem, e o que eu queria lhe dizer — continuou o americano — é que pode haver algum perigo relacionado a seu artefato.

— Desculpe-me — disse Natashya. — Como é mesmo o seu nome? Lourds não respondeu imediatamente.

— Você não é Yuliya — acusou ele.

— Meu nome é Natashya Safarov. Eu sou a...

— Irmã de Yuliya — Lourds respondeu. — Ela sempre fala de você.

Por um momento, a pontada de dor que lancetou Natashya através do coração fez silenciar sua língua. Ela se esforçou para falar.

— Eu sou um colega de Yuliya — disse Lourds. — Posso falar com ela?

— Ela não pode vir ao telefone — respondeu a policial.

— É importante que eu fale com ela.

— Posso lhe passar uma mensagem.

Lourds não falou por um momento.

— Bem... Diga a ela que eu acho que sua vida pode estar em perigo. Estou em Alexandria, Egito. Eu estive brevemente em posse de um artefato que pode combinar com o címbalo sobre o qual sua irmã entrou em contato comigo. Há poucos dias, os homens nos atacaram e roubaram nosso artefato. Eles mataram duas pessoas durante o roubo. Estes são homens perigosos.

— Vou dizer a ela — Natashya forçou-se a não olhar para o corpo de Yuliya. — Você tem um número para o qual possamos ligar de volta?

Ela embolsou sua pistola e tirou uma caneta, anotando rapidamente o número em seu bloco de notas, enquanto equilibrava o telefone em seu ombro.

— Peça-lhe que me retorne o mais breve possível — disse o professor. — E diga-lhe também que peço desculpas por ser negligente em não responder a seus e-mails.

Natashya anotou um lembrete para verificar o e-mail de Yuliya também. Ela prometeu que faria isso e, então, desligou.

Olhando através da multidão, Natashya avistou um jovem policial de uniforme. Ela o chamou e lhe mostrou sua identificação, perguntou o nome do oficial responsável e onde poderia encontrá-lo, e então ordenou ao rapaz que vigiasse o corpo de Yuliya.

*

— Tem certeza de que feriu alguns deles, inspetora? — perguntou educadamente o capitão Yuri Golev. Ele era um homem franco e preparado, prestes a se tornar sessentão. Os cabelos estavam prateados, mas o bigode e as sobrancelhas continuavam negros. Ele colocou um cigarro nos lábios e tragou profundamente. As luzes dos carros de bombeiros e de polícia esculpiam cavidades profundas sob os seus olhos tristes.

— Eu matei no mínimo dois desses homens — disse Natashya.

Golev fez um gesto com o cigarro, apontando para o terreno da faculdade onde policiais uniformizados vasculhavam a paisagem escura com lanternas.

— Então, onde estão seus corpos?

— Obviamente, levaram com eles — respondeu Natashya.

— Obviamente — ecoou Golev, mas ele não pareceu sincero. — Por que os homens vieram aqui à procura de sua irmã?

— Eu não sei.

Golev olhou para ela.

— Ou talvez eles estivessem procurando por você.

— Ninguém sabia que eu estaria aqui — retrucou Natashya. — Yuliya já estava aqui há dias.

— E alguém desejava mal à professora? — perguntou o policial.

— Não que eu saiba.

Golev fumou em silêncio por um momento, enquanto olhava para o edifício médico. O corpo de bombeiros tinha conseguido controlar o fogo químico.

— Sua irmã era uma arqueóloga, não era? — perguntou o capitão.

— Sim.

— Às vezes, essas pessoas encontram coisas interessantes.

A declaração foi feita deliberadamente para conduzir a um ponto. Natashya sabia o que Golev estava pensando, e ela sabia que ele estava ciente de que ela sabia.

— Ela estava trabalhando em alguma atribuição passada pelo governo — disse Natashya. — Nada que fosse tão valioso.

— Bem, algo tão altamente organizado assim — replicou o capitão —, especialmente considerando que eles levaram seus homens mortos, o que é uma ocorrência incomum na espécie de bandidos colocados no fim da cadeia alimentar com os quais entro em contato, não teria sido motivado por um simples capricho.

Natashya concordou, mas não disse nada.

— Ela não deu nenhuma indicação de que temia por sua vida? — perguntou Golev.

— Se ela tivesse feito isso — disse Natashya tão calmamente quanto podia —, eu jamais teria saído do lado dela.

— Claro — Golev suspirou e sua respiração se evaporou no meio da noite. — Este é um negócio muito ruim, inspetora.

Natashya não respondeu.

Golev olhou para ela, então, e seu olhar ficou mais suave.

— Tem certeza de que deseja ser você a contar para a família? — perguntou.

— Sim.

— Se precisar de alguma coisa, inspetora, por favor me avise.

— Farei isso.

Natashya despediu-se e caminhou de volta para o estacionamento onde tinha deixado o carro. Thomas Lourds estava em primeiro lugar em

sua mente. Mesmo se o homem não estivesse envolvido no assassinato de Yuliya, ele deveria saber de algo que pudesse levar aos homens que estavam. Natashya tinha a intenção de descobrir tudo o que ele sabia.

CAPÍTULO

6

ALEXANDRIA, EGITO
20 DE AGOSTO DE 2009

— **A**corde, está em todos os noticiários!

Lourds despertou lentamente. Um nevoeiro envolvia sua mente. Ele sabia, pela maneira desconfortável que estava dormindo, que aquela não podia ser sua casa. Ao entreabrir os olhos, percebeu um movimento borrado diante dos olhos.

E antes que pudesse entender as coisas, uma luz brilhante trespassou seus olhos. Lourds resmungou um palavrão e cobriu os olhos com o antebraço.

— Desculpe, mas achei que você deveria assistir ao noticiário. Eles estão falando sobre Yuliya Hapaev. Ela está morta.

Morta? Isso chamou a atenção de Lourds e afastou o nevoeiro em sua mente.

Do outro lado da sala, Leslie jogou-se de volta para sua cama e apontou o controle remoto para a televisão. O volume aumentou.

Piscando para afastar a dor enquanto suas pupilas se ajustavam, Lourds olhou para a tela da televisão. A manchete **ARQUEÓLOGA MOSCOVITA ASSASSINADA** gritava em letras grandes por trás do âncora:

— ... E os policiais de Ryazan dizem que ainda não sabem o motivo pelo qual a Dra. Hapaev foi morta — dizia o âncora.

A imagem foi cortada para um incêndio que ardia em um edifício. A legenda marcava aquelas imagens como:

UNIVERSIDADE DE RYAZAN
FACULDADE DE MEDICINA
RYAZAN, RÚSSIA

— Ainda não há explicação para o incêndio que eclodiu em um dos laboratórios da Universidade de Ryazan, destruindo tudo dentro dele — narra o âncora. — O incêndio ceifou a vida da professora Yuliya Hapaev.

Uma pequena fotografia apareceu inserida na filmagem do incêndio. Lourds viu que era uma imagem recente de Yuliya trabalhando em uma escavação. Ela parecia feliz.

— A professora Hapaev esteve envolvida em uma série de estudos notáveis — o âncora continuou. — Deixa marido e dois filhos.

A câmera cortou para uma das histórias em constante desenvolvimento no Oriente Médio.

— Isso é tudo que existe? — perguntou Lourds.

— Até agora, sim — Leslie olhou para ele. — Sinto muito sobre sua amiga.

— Sim, eu também...

Lourds forçou-se a levantar do sofá onde passara a noite depois que Leslie tinha adormecido em sua cama. Ele recuou para o seu computador e rapidamente conectou-o à internet.

— Havia alguma menção ao címbalo?

— Não.

Lourds clicou nos sites de notícias e procurou por eles atrás de mais informação. Até passou os olhos nos serviços russos de notícias, mas não havia nada mais além do que a Fox News acabara de anunciar.

— Você acha que o címbalo teve algo a ver com a morte dela? — Leslie deslizou da cama e andou até se juntar a ele. Ela ainda usava as roupas do dia anterior e estava descalça.

— Claro que sim, e você não? — retrucou Lourds.

— Seria um exagero...

— Nem tanto. — Lourds clicava nas reportagens, salvando-as no computador para que pudesse ler com calma mais tarde. — Você postou as imagens do sino e não demorou muito para que tivéssemos homens armados derrubando as portas, prontos para nos matar e se apossar dele. Yuliya enviou fotos do címbalo e foi morta em um incêndio suspeito que destruiu seu laboratório. Tudo está ligado.

— Mas ela enviou as fotos a você...

— Sim, mas eu não era seu único recurso — disse Lourds. — Nenhum arqueólogo ou pesquisador existe no vácuo. Cada um de nós é tão bom quanto a rede que se consiga montar. A rede de contatos de Yuliya era extensa. Eu tenho certeza de que ela enviou fotos da peça para outros além de mim.

— Mas se ela não postou esse artefato de forma pública... — refletiu Leslie.

— Então a lógica diz que alguém próximo a ela, alguém que recebeu dela as fotos, seria o culpado pelo seu assassinato. E é por essa razão que vou rastrear tudo o que eu puder sobre esse címbalo. — Lourds concentrou-se em sua tarefa.

*

Dentro de alguns minutos, Lourds comprovou que Yuliya tinha postado perguntas sobre o címbalo em pelo menos cinco diferentes sites e fóruns sobre arqueologia. E todas as fotos eram idênticas àquelas que a professora lhe tinha enviado. Todas mostravam a inscrição que era tão perturbadora quanto a do sino.

Parte dele, a que não fora consumida pelo mistério sobre o que significava tudo aquilo, sentiu a perda de sua amiga.

Yuliya tinha sido brilhante e espirituosa. Ele se encontrara com ela e sua família em uma dúzia de viagens diferentes a Moscou. Por duas vezes, Yuliya e seu marido Ivan haviam hospedado Lourds na própria casa enquanto ele fazia suas pesquisas.

— Existe alguma maneira de saber quem foram todas as pessoas que viram essas imagens? — perguntou Leslie.

— Nem todo mundo — disse Lourds. — Estas páginas são abertas ao público. — Seus piores temores tinham sido confirmados, ele se recostou na cadeira e cruzou os braços sobre o peito. — Temo que vamos ter de colocar o resto de sua série em espera por mais um pouco.

— O que você quer dizer? — Leslie parecia perturbada.

— Eu tenho que ir a Moscou — explicou Lourds.

— Para visitar a família? Eu entendo isso, mas...

— Não apenas para visitar a família — disse Lourds. — Para rastrear

mais informações sobre o címbalo. Yuliya era uma arqueóloga brilhante. Mesmo que o laboratório tenha sido todo destruído pelo fogo, ela nunca guardaria toda a sua pesquisa em um único lugar.

Leslie era inteligente e leu nas entrelinhas imediatamente:

— Você acha que ela pode ter deixado informações sobre o címbalo em algum outro ponto.

Lourds assentiu. Não havia motivos para mentir. Leslie não conhecia o que ele conhecia sobre Yuliya.

— Ela teria mantido registros alternativos sobre o artefato — explicou o professor. — Era uma pessoa muito cuidadosa sobre coisas desse tipo. Algumas vezes pode ser uma coisa muito difícil você proteger suas pesquisas. Por isso, os estudiosos costumam tomar todas as precauções possíveis — Lourds franziu a testa. — Sinto muito sobre o programa, Leslie.

— Sem problemas — garantiu ela. — Nós temos um prazo apertado, mas tenho certeza de que podemos aguentar uns dois dias de ansiedade na produção...

— Acho que podem ser mais do que dois dias, Leslie.

Ela olhou para ele.

— Tem alguma coisa ligando o címbalo ao sino — explicou Lourds.

— Se eu conseguir encontrar a trilha, vou tentar descobrir quem matou Yuliya, assim como quem matou James Kale e o filho do lojista.

— Isso pode ser perigoso.

— Oh, não se preocupe, não pretendo fazer nenhuma besteira em relação a isso — garantiu ele. — Assim que eu tiver informação suficiente, vou levar tudo à polícia. Sou apenas um professor de linguística. E se Yuliya não tivesse sido uma amiga tão boa, se eu não tivesse tanta certeza de que serei capaz de fazer mais neste momento do que a polícia para rastrear os assassinos, eu nem iria tentar...

*

Mais tarde, depois de Leslie ter ido embora, Lourds voltou sua atenção para marcar imediatamente um voo para Moscou. Infelizmente, não teve muito sucesso. A Rússia, mesmo naqueles dias, era um dos

destinos mais disputados da Europa, do tipo que tinha voos saindo a cada trinta minutos.

Depois de consultar três companhias aéreas e não conseguir nada que lhe satisfizesse, decidiu se concentrar em fazer as malas. De uma forma ou de outra, ele iria para lá. E também sabia que seria obrigado a comprar algumas roupas, porque o que ele trazia dificilmente serviria para a temperatura corrente em Moscou.

Enquanto arrumava suas coisas, pensou com tristeza sobre Yuliya e sua família. Não sabia o que Ivan e as crianças fariam, nem se sentia capaz de imaginar o tipo de sofrimento pelo qual eles estavam passando.

Pensar sobre a perda dessas pessoas desencadeou a determinação de Lourds. Ele não podia permitir que os assassinos ficassem à solta. Com a vontade renovada, ele voltou sua atenção para as agências de viagens.

*

No átrio do hotel, Leslie estava se sentindo desconfortável, achando que se destacava no meio dos hóspedes como a garota que saía da noitada domingo de manhã ainda usando as roupas de sábado. Sua vontade era de tomar um banho e trocar de roupas, mas seus instintos de repórter estavam operando à toda.

Assim como sua paranoia.

Enquanto esperava que fosse feita a conexão com seu telefone por satélite, ela tentou organizar seus pensamentos. Quando a atendente do PABX respondeu, pediu para falar com seu supervisor, Philip Wynn-Jones.

— Wynn-Jones — ele respondeu, com aquela voz calma e controlada que possuía.

— Philip — Leslie cumprimentou. — É Leslie Crane.

O sorriso de Wynn-Jones transpareceu em sua voz:

— Ah, Leslie. É tão bom ouvir notícias suas. Sinto muito sobre o que aconteceu com Kale. Obrigado pelo seu trabalho por aí em manter nossa equipe viva. Seus atos heroicos têm gerado muita publicidade

para o próximo programa. Falando nisso, estive olhando as primeiras tomadas do programa, excelente trabalho. Acho que vai ser um sucesso absoluto. Esse seu professor Lourds tem um jeito absolutamente cinematográfico, a câmera parece amar esse cara.

— Obrigada — respondeu Leslie. — Também acho a mesma coisa.

Ela hesitou por alguns momentos, sem saber muito bem o que dizer ou como entrar no assunto.

— O que tem em mente? — perguntou Wynn-Jones. — Eu sempre descubro quando você está tentando uma nova abordagem. Então a gente pode ganhar tempo se você apenas colocar tudo para fora.

— Houve uma virada inesperada. As gravações terão que parar por alguns dias — respondeu Leslie.

Wynn-Jones ficou quieto. Ele não gostava de estouros no orçamento ou de prazos não cumpridos.

— O que está acontecendo? — perguntou ele.

Leslie rapidamente descreveu os acontecimentos da última tragédia na Rússia.

— Você tem certeza de que esses dois artefatos estão relacionados? — perguntou Wynn-Jones assim que Leslie terminou de falar.

— Lourds pensa assim.

— E ele vai a Moscou para acompanhar essa pista? — perguntou Wynn-Jones.

— Sim.

— Hmmmm — ela ouviu papéis sendo mexidos do outro lado da linha. — Esse caso parece estar ficando ainda mais interessante. Suponho que tenhamos alguma margem de manobra em nossos prazos. Na verdade, estive olhando aqui, você está até um pouco adiantada. Tem ideia de quanto tempo essa viagem do professor vai demorar?

— Eu quero ir com ele.

Essa informação pareceu ter chocado Wynn-Jones por um momento.

— Você?

— Sim, eu.

— Para quê?

Leslie respirou fundo.

— Pense nisso, Philip. Eu encontrei um artefato misterioso, e

vândalos armados apareceram para roubá-lo assim que eu o levei para o único homem que poderia decifrá-lo.

— Você está apostando um bocado de fichas nesse seu professor...

— Sim, e você sabe por quê. Você gostou de suas credenciais, mesmo antes de aparecer a chance de cobrir uma grande história.

— Uma grande história? Não acha que está se adiantando um pouco, não?

— Pense nisso — insistiu Leslie. — Dois artefatos antigos incomuns sobem à tona, separados por meio mundo, e talvez tenham algum tipo de relação. Dois assassinatos ocorrem em menos de uma semana, juntamente com arrombamentos feitos por pessoas armadas e que furtam esses mesmos artefatos. Se for a mesma pessoa responsável, ou até mesmo dois grupos que foram enviados pela mesma pessoa, eles mataram profissionais ligados aos artefatos em dois continentes diferentes. — Leslie olhou para a recepção do hotel e mentalmente cruzou os dedos. — É uma grande história. Até o momento, apenas nós fizemos a conexão entre os dois fatos. Philip, temos informações de dentro sobre isso.

Wynn-Jones suspirou pesadamente:

— Nós não somos uma agência de notícias.

— Eu sei disso. — Leslie mal continha a emoção que se agarrou a ela. Ele ainda não disse não! — O que temos aqui é uma oportunidade para aproveitar os holofotes por um momento. Se o professor Lourds for capaz de revelar o segredo do sino e do prato, isso não seria um golpe de sorte fabuloso? Além do mais, se temos uma conspiração criminosa em torno desses artefatos, isso certamente iria trazer mais atenção ao programa, você não acha?

— Possivelmente. Mas eu não gosto do som dessa expressão... Conspiração criminal... Especialmente com você no meio dela.

Leslie não conseguiu se conter. Uma energia nervosa se derramava dentro dela. Ela começou a andar em pequenos círculos, ciente de que estava chamando a atenção dos hóspedes do hotel no átrio:

— Por favor, não seja obtuso, Philip. Você sabe que isso poderia atrair um monte de atenção.

— Será que esta manchete lhe agrada? — começou ele do outro da

linha — “Estimado professor de linguística americano e desesperada personalidade da televisão britânica encontram sua destruição.”

— Eu quero fazer isso, Philip. Eu tenho um bom pressentimento sobre isso.

Wynn-Jones permaneceu em silêncio.

— Além disso, acho que o professor Lourds está escondendo alguma coisa — disse Leslie.

— Se ele está guardando segredos, o que faz você pensar que vai lhe contar alguma coisa?

— Eu posso ser muito convincente, Philip — respondeu Leslie.

— Você está dormindo com ele?

— Isso foi insolente. E para sua informação, não, não estou.

— Eu vi o seu querido professor — retrucou Philip do outro lado. — E não a culpo. Infelizmente, ele não parece ser do tipo de pessoa que joga no meu time... — Philip era gay, embora poucas pessoas no estúdio soubessem disso.

— Ele definitivamente não é.

— Pena...

— Só mais uma coisa — continuou ela. — Eu gostaria que o estúdio bancasse as passagens aéreas e as demais despesas em Moscou.

— Isso vai ficar caro.

— Sim, mas o professor é rentável e essa história é grande. Se nós o estivermos financiando, ele não vai tentar me despistar nem esconder as coisas de mim, caso venha a descobrir algo. E quero levar um cinegrafista.

— Você quer acabar comigo, e sabe disso, não sabe? — reclamou Philip.

— Obrigada, você é um querido, mesmo. — Leslie deu a volta e se encaminhou para os elevadores. Seu coração cantava dentro do peito. — E você poderia, por favor, pedir ao Jeremy que cuide das passagens e do hotel? Isso seria maravi...

*

— Desculpe-me, Sr. Lourds — disse o atendente da companhia

aérea. — Não temos nenhum lugar disponível saindo de Alexandria para o norte até amanhã.

Lourds estava de pé na varanda do quarto, e observava a cidade. Um calor abrasador subia das ruas. A frustração o irritava. Ele agradeceu ao jovem atendente educadamente e desligou o telefone.

Alguém bateu à porta enquanto ele procurava pelo número de telefone seguinte que havia localizado na internet. Uma onda de trepidação o inundou. O professor mais uma vez olhou em volta e mais uma vez encontrou o ferro de passar, desta vez pousado no gabinete do banheiro.

— Quem é? — perguntou.

— Leslie.

Ele deixou escapar um suspiro de alívio. Isso estava começando a se tornar um hábito. Leslie verificou pelo olho mágico e viu Leslie em pé no corredor. Ela parecia agitada. E quando ela estava prestes a bater novamente, ele abriu a porta.

— Alguma coisa errada? — perguntou Lourds.

Ela sorriu antes de responder:

— Na verdade, muitas coisas certas. Posso entrar?

Lourds recuou.

Leslie levantou uma sobrancelha para o seu ferro de passar.

— Você realmente precisa aprimorar isso — comentou ela ao passar pela porta.

— Um ferro de passar maior, talvez?

— Eu estava pensando que talvez você precisasse de um taco de críquete, na verdade — respondeu Leslie. — Você já conseguiu fazer suas reservas para a Rússia?

— Ainda não...

— Bem, acabo de conversar com meu supervisor. Ele concordou em assumir sua viagem para Moscou.

— Você vai perdoar meu atrevimento — respondeu Lourds —, mas eu estive muito tempo em ambientes universitários para achar ingenuamente que coisas “grátis” ou que “ajudas” venham sem uma etiqueta de preço.

— Bem, o preço neste caso aqui é bem simples — disse Leslie. — Eu

acho que você vai desfrutar da companhia.

Lourds gostou de ver que ela não se preocupou em negar a acusação:

— Você quer me acompanhar para Moscou. Por quê?

Leslie cruzou os braços sobre os seios.

— Eu suspeito que você não esteja me contando tudo sobre a sua amiga.

— E não estou — admitiu ele.

— Você mencionou que ela muitas vezes duplicava suas pesquisas.

— Não “muitas vezes”. Sempre. Yuliya foi meticulosa sobre isso.

— Então — continuou a jornalista — você está indo atrás dessa pesquisa.

— Sim — respondeu o professor. — E espero que lá existam imagens de melhor qualidade do címbalo do que aquelas que ela postou nos sites. Quanto mais material eu tiver para trabalhar, melhores serão minhas chances de conseguir traduzir aquele idioma.

— Se eu não atrapalhar, você se importa se eu for junto? — perguntou Leslie.

— Não, eu não tenho nada a esconder.

— Bem — replicou ela — você não estava exatamente disposto a abrir informações hoje cedo.

Lourds sorriu.

— Eu contei o suficiente para deixar você tão interessada a ponto de ligar para o estúdio.

Fazendo beicinho, Leslie retrucou:

— Acredito que eu fui... Como é que vocês, americanos, gostam tanto de falar... “manipulada”?

— Acho que um pouco... — admitiu o professor.

— O que você faria se eu não tivesse telefonado ao meu supervisor? Ou se não o tivesse convencido a fazer essa viagem acontecer?

— Eu teria ido de qualquer maneira — respondeu Lourds. — Do jeito que fosse possível. Mas sou obrigado a admitir que a capacidade de seu estúdio para providenciar vistos para viagens imediatas, para não mencionar os bilhetes de avião, é muito superior à minha. Eu estive batendo a cabeça contra uma parede conversando com agentes de

viagem hoje.

Leslie franziu a testa:

— Você se acha muito inteligente.

Lourds guardou o ferro de passar:

— Eu tento...

*

BRITISH AIRWAYS VOO BA0880

PARTINDO DE HEATHROW

21 DE AGOSTO DE 2009

Horas mais tarde, e mais uma vez de volta à Europa, Lourds sentou-se na escuridão tranquila que preenchia o enorme interior do jato. Ele tinha passado algumas horas no aeroporto de Heathrow antes de subir a bordo deste jato vindo do Egito. Lourds tinha usado seu tempo livre para ler a informação que havia baixado da internet. Há algum tempo fora persuadido a instalar um pequeno link por satélite em seu computador, e que lhe fora útil em diversas outras ocasiões.

— Você devia descansar um pouco — comentou Leslie, sentada no banco ao lado dele.

— Eu pensei que você estivesse dormindo. — Lourds endireitou-se e afivelou o cinto novamente.

— E estava. Teve sorte em suas pesquisas?

— Não. — Lourds tomou um gole de água. — Procurei em diversos lugares, esperando encontrar alguma informação sobre o sino e o címbalo, mas parece que não existe nada.

— E isso é assim tão raro de acontecer?

— É que estamos falando de milhares de anos de existência — explicou Lourds. — Um grande número de coisas desapareceu durante esse tempo.

— Certamente foram as coisas não importantes — retrucou Leslie.

— E o que você me diz sobre a linguagem egípcia clássica? Ela

estava desaparecida por mais de mil anos! Foi um acaso que nos possibilitou recriá-la. — Lourds sorriu para ela, adorando a ingenuidade da repórter. — E você consideraria importante uma arma nuclear?

— Não estou entendendo...

— Os Estados Unidos perderam pelo menos sete delas desde a Segunda Guerra Mundial. Isso só contando aquelas que foram confirmadas. E sem falar de todas as armas nucleares que “desapareceram” depois que a União Soviética foi desmantelada.

— Essas eram coisas secretas — retrucou Leslie. — Ninguém deveria saber sobre elas.

— Talvez o sino e o címbalo fossem segredos também — respondeu Lourds.

Leslie olhou para ele com mais interesse.

— É isso o que você acha?

— Entrei em contato com vários amigos em museus e coleções particulares, bem como companhias de seguros. Quando o sino sumiu, achei que os nossos infelizes adversários poderiam ter roubado outros artefatos relacionados. Mas não apareceu absolutamente nada, exceto o címbalo, o que me fez pensar que poucas peças como essas foram feitas.

— E você acha que o sino e o címbalo eram únicos? — perguntou Leslie.

— Eu ainda não estou pronto para confirmar essa hipótese, mas sim, acho — respondeu ele.

— E que outras pessoas estão atrás deles...

— De fato.

— O sino e o címbalo estavam tão distantes um do outro... E eram relativamente desconhecidos. E nenhuma das duas peças estava sob os cuidados de um colecionador ou de uma instituição. Mas quando apareceram, parece que alguém muito cruel saiu à procura deles. Estou apostando minha reputação que você vai descobrir o motivo.

— Aí tem coisa — disse Lourds. — Caso contrário, ninguém estaria matando por essas peças.

Depois de recolherem a bagagem de mão, que era tudo o que tinham trazido com eles de Alexandria, Lourds e Leslie atravessaram o túnel até os postos de segurança no interior do terminal.

Lourds olhou para o relógio e descobriu que a hora local marcava pouco depois das cinco da manhã. Ele se sentia cansado porque não tinha descansado direito durante o voo. Normalmente, ele conseguia dormir como um bebê nos aviões, mas, desta vez, sua mente tinha permanecido ocupada demais. Leslie, por sua vez, dormira muito bem.

Os dois ficaram na fila juntamente com os demais passageiros. Lourds lançou seu olhar para um grupo de guardas de segurança uniformizados.

Um dos guardas, na casa dos cinquenta anos, pousou seus olhos mortos cinzentos sobre o professor. Em seguida, olhou para a foto em suas mãos:

— Senhor Lourds?

— É, professor Lourds, na verdade — respondeu ele, sem tentar negar sua identidade. Se os guardas de segurança tinham sua foto, certamente já sabiam que ele estava entre os passageiros.

— O senhor venha conosco, por favor — disse o homem.

— Do que se trata?

— Sem perguntas — ordenou o guarda. — Venha comigo.

Quando Lourds não caminhou rápido o suficiente para emparelhar com ele, o guarda fechou uma mão de ferro no braço do professor e o retirou da fila.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Leslie. Ela tentou segui-lo.

Um jovem guarda de segurança a interceptou e a impediu de sair do lugar:

— Não — disse o guarda.

— Vocês não podem fazer isso! — protestou Leslie.

— Já está feito — disse o jovem guarda. — Por favor, mantenha-se em fila. Caso contrário, você será detida ou deportada.

Leslie ficou olhando para Lourds.

— Talvez você possa contatar a nossa embaixada — disse Lourds, tentando parecer calmo, como se esse tipo de coisa lhe acontecesse todos os dias. Mas não acontecia, porém, e ele estava surpreso ao se descobrir realmente muito assustado. Uma coisa era ser um visitante em um país estrangeiro e outra bem diferente era ser tratado como um inimigo do Estado.

CAPÍTULO

7

AEROPORTO INTERNACIONAL DOMODEDOVO

SALA DE DETENÇÃO

MOSCOU, RÚSSIA

21 DE AGOSTO DE 2009

Lourds tentou manter a calma enquanto ficava sentado na sala de detenção, apesar de aquele ambiente sem janelas parecer que estava se fechando sobre ele. A pintura cinza era uma adição tristonha; parecia a Lourds que a cor sugava toda a vida e as cores da sala e de qualquer coisa que estivesse lá dentro, inclusive ele mesmo. Uma mesa de madeira cheia de cicatrizes e três cadeiras ocupavam o centro do espaço. A cadeira em que o professor estava sentado ficava de um lado da mesa, sozinha. As paredes pareciam transpirar memórias duras de interrogatórios realizados aqui. Talvez a nova Rússia não endossasse as táticas de interrogatório forçado com a mesma negligência da antiga União Soviética, ou da polícia especial do czar antes deles, mas Lourds sabia que seus captores queriam que ele se lembrasse daquele passado cruel.

Eles tinham tomado seu computador, sua bagagem e seu telefone celular.

O professor sabia que eles estavam observando. Uma vez que as paredes desnudas cinzas não tinham nenhum espelho nem aqueles vidros de apenas um lado, ele assumiu que estava sendo espionado por câmeras ocultas embutidas nas paredes ou no teto. Toda vez que ele se levantava para esticar as pernas, um guarda entrava no quarto a fim de dizer-lhe para sentar-se novamente.

*

A mulher que entrou na sala era bonita. Um lindo cabelo avermelhado ondulava-se até os ombros. Seus quentes olhos castanhos

o observavam. Ela vestia um terno cinza que se complementava com sua pele clara e com os cabelos.

Sem pensar, Lourds ficou de pé. Seus pais tinham lhe ensinado bons modos tão bem que, mesmo agora, as aulas ainda funcionavam.

A mulher o deteve imediatamente, no entanto.

— Sente-se — ordenou ela em inglês.

Sua mão escorregou para o quadril.

Lourds sentou-se. O movimento da mão dela, pensou, significava que ela usava uma arma.

— Eu não quis ofender — disse Lourds. — Quando uma mulher bonita entra na sala, fui ensinado a ficar de pé. Por respeito. Acho que tenho que agradecer à minha mãe por quase levar um tiro.

A mulher permaneceu de pé. Seus olhos eram frios e duros.

— Veja — disse ele —, seja o que for que pense que fiz, eu...

— Cale-se — ordenou a mulher. — Você é o professor Thomas Lourds?

— Sim.

— O que está fazendo aqui?

— Eu sou um cidadão americano com um visto para viajar para este país e...

— Basta uma palavra minha — a mulher o interrompeu —, o seu visto será cancelado e você estará no próximo avião para fora daqui. Compreendeu?

Lourds sabia que ela não estava blefando.

— Sim.

— Você está aqui, neste momento, por conta de minha tolerância. Por que veio?

— Para ver um amigo. Ivan Hapaev.

— Como você conheceu Ivan Hapaev?

— Através da esposa dele — respondeu Lourds.

— Yuliya Hapaev.

Lourds assentiu.

— Sim. Yuliya e eu muitas vezes nos consultamos mutuamente. Eu ensino...

— Linguística — disse a mulher. — Sim. Estou ciente disso, no

entanto Yuliya Hapaev está morta.

— Eu sei. Vim até aqui para oferecer minhas condolências.

— Você e Ivan Hapaev são próximos?

Lourds decidiu contar a verdade:

— Não.

— Você veio de tão longe para ver um homem que só conhece socialmente num momento em que ele está de luto pelo assassinato de sua esposa?

— Eu tinha outro assunto que foi o que me trouxe a Moscou. E decidi ficar aqui por tempo suficiente para ver Ivan.

— Que outro assunto? — perguntou a mulher.

— Pesquisa de projetos. É isso que estou fazendo agora.

— Você é bastante amigo de Ivan?

— Na verdade, eu conhecia melhor a esposa dele. Como já disse, a Dra. Hapaev e eu éramos...

— Colegas.

— Sim.

— Se vocês fossem amigos próximos — disse a mulher —, eu o teria conhecido.

— Mas como seria possível saber todas as pessoas que viam a Dra. Hapaev e...

— Eu conheci muitos deles — a mulher procurou algo no bolso interno da jaqueta e trouxe a identificação funcional. — Meu nome é Natashya Safarov. A Dra. Hapaev era minha irmã.

Irmã! Lourds olhou atentamente para a mulher e então pôde ver a semelhança de família. Que esteve lá o tempo todo.

*

— Estou investigando o assassinato de minha irmã, professor — Natashya fechou a carteira de identificação policial. Ela estudou o rosto de Lourds. Ele era um homem bonito, e pareceu sinceramente preocupado com Yuliya.

— Mas por que eu fui detido? — perguntou Lourds.

— Na noite da morte de minha irmã, você a chamou em seu telefone

celular. Por quê?

— Para avisá-la. Aquele címbalo que ela estava analisando tinha uma inscrição que parecia semelhante a uma que encontrei em um sino que foi recentemente roubado de mim e de minha equipe de televisão em uma gravação em Alexandria. Quase fomos mortos.

— Fale-me sobre isso — solicitou Natashya.

*

O professor contou tudo a ela, sem deixar nada de fora. Depois de terminar o relato, acrescentou:

— Sinto muito sobre sua irmã, inspetora Safarov. Ela era realmente uma mulher magnífica. E a amava muito. Ela sempre falava sobre você. Yuriya me contou que a mãe de vocês morreu muito nova e que vocês duas eram muito próximas — e concluiu: — Imagino que essa perda deva ser muito dura.

Natashya permaneceu em silêncio.

— Eu não sei quem matou Yuliya — continuou Lourds. — Se eu soubesse, lhe diria.

— Você sabe por que ela foi morta?

— Meu único palpite envolveria o címbalo.

— E você sabe o que era aquilo? Ou por que alguém iria desejar isso?

Lourds balançou a cabeça.

— Infelizmente, não, e se soubesse lhe diria, claro. E estaria atrás deles por causa do sino que levaram.

Procurando em sua jaqueta, Natashya pegou o visto e o passaporte de Lourds que estavam em seu bolso. Ela deliberadamente não os devolveu.

— Eu estava lá na noite em que mataram a minha irmã — disse a policial.

A tristeza ensombreceu as belas feições do professor Lourds. Natashya sentiu que era uma emoção honesta:

— Sinto muito. Deve ter sido horrível.

Natashya não respondeu a isso:

— Os homens que a mataram e roubaram o cimbalo eram assassinos profissionais — ela pretendia que suas palavras amedrontassem o homem.

Mas Lourds não pareceu surpreso:

— Os homens em Alexandria foram muito bons também.

— Aproveite a sua estadia em Moscou, professor Lourds. Espero que você encontre o que está procurando. — Natashya entregou ao homem o seu passaporte e o visto, e um cartão com seu nome e um número de telefone pelo qual ela poderia ser alcançada a qualquer hora. — Se você descobrir alguma coisa que tenha a ver com o assassinato de minha irmã, eu quero ser informada.

Lourds colocou os papéis no bolso do paletó:

— Claro, eu teria o maior prazer em lhe contar.

Uma coisa que Natashya decidiu naquele momento era que o professor norte-americano mentia sem maldade. Ela preferia assim do que de outro jeito.

*

Cansado e frustrado, tendo quase certeza de que a irmã de Yuliya não chegou a acreditar em tudo o que ele contara, Lourds entrou no pequeno escritório fora da sala de detenção. Leslie estava esperando por ele.

Quase duas horas tinham se passado. Ela estava sentada em uma das cadeiras duras que ficavam ao lado de suas malas de mão. A mala que continha o computador de Lourds estava apoiada no topo da pilha.

Ficando de pé, Leslie inspecionou Lourds. A preocupação estava estampada nos olhos da repórter.

— Você está bem? — perguntou.

— Estou — respondeu Lourds. — Você ficou esperando aqui todo esse tempo?

— Sim. Liguei para a embaixada americana, eles mandaram uma

pessoa imediatamente. Mas a inspetora Safarov disse que não era necessário, que ela iria liberar você depois de algumas perguntas. Então, o homem da embaixada foi embora.

— Ela me liberou, de fato...

— Mas por que ela deteve você?

— É complicado. Talvez pudéssemos conversar em outro lugar — sugeriu Lourds.

Ele não quis falar sobre nada dentro do terminal. O Serviço Federal de Segurança — Federalnaya Sluzhba Bezopasnosti (FSB) — amava seus pequenos brinquedos de vigilância eletrônica. Lourds pegou sua bagagem de mão, colocando cuidadosamente a de Leslie por cima. Sua mala tinha rodinhas, o que fazia com que fosse mais fácil de puxar.

Estava pronto para ir para fora e sair de lá. Depois de horas dentro do avião, e mais tarde na sala de detenção, estava se sentindo meio claustrofóbico.

Leslie liderou o caminho até a porta e ele a seguiu.

*

Do lado de fora do escritório da segurança, Natashya assistiu ao professor e a jovem se movendo ao longo da torrente de corpos humanos que se dirigia para as locadoras de veículos. A confusão se agitava dentro dela. Emoções se contorciam dentro dela. Ela odiava deixar Lourds ir antes que ela tivesse extraído toda a verdade dele.

Lourds tinha um plano. Ele o protegeu durante o interrogatório e foi evasivo ao responder as perguntas. Talvez alguém menos qualificado não tivesse notado, mas à Natashya o vazio tinha sido imediatamente detectado.

— Você vai deixá-lo ir embora, inspetora? — a pergunta vinha de uma calma voz masculina.

Olhando por cima do ombro, Natashya viu que Anton Karaganov tinha se posicionado ao seu lado. O homem mais jovem era seu parceiro, e ela era seu oficial de treinamento de campo.

Karaganov era um bom russo, intenso e tranquilo. Bebia, mas não

demais da conta, e sempre foi muito respeitoso quanto à sua namorada. Natashya gostava dele por causa dessas duas coisas. Tais características nem sempre eram encontradas em policiais russos.

— Sim, eu o liberei — respondeu a policial —, mas eu não quero que ele vá longe sem vigilância. Vamos ficar de olho nele.

*

— A segurança do aeroporto libertou o professor.

Do lado de fora do terminal, Gallardo estava sentado em um sedã Lada de quatro portas, com dez anos de uso. O sol tinha clareado o exterior preto do veículo, deixando-o parecido com a maioria dos outros carros. Ele segurava o telefone perto do ouvido.

— E onde está ele? — perguntou.

— Ele e a mulher estão alugando um carro.

O homem do outro lado da linha esteve vigiando o centro de detenção do aeroporto. Tinha sido ele também a pessoa a informar que os guardas de segurança haviam detido Lourds e o retirado da fila.

— Fique com ele — instruiu Gallardo. — Não quero perder esse homem.

Desligou o telefone e apoiou o aparelho em suas pernas.

Havia três outros homens sentados no Lada com Gallardo. DiBenedetto estava atrás do volante. Dois outros homens que eles tinham escolhido para as operações russas sentavam-se no banco de trás. Todos estavam armados. Fortemente armados, na verdade.

Gallardo queria estar fora de Moscou. Embora a notícia não parecesse indicar que o FSB de Moscou tivesse alguma pista sobre as pessoas que mataram Yuliya Hapaev, sentiu-se como um alvo fácil se ficasse no país. O Serviço Federal de Segurança tinha muitos policiais inteligentes hoje em dia. Nem todos eles podiam ser comprados.

*

Poucos minutos depois, Gallardo assistiu quando Lourds e a garota surgiram vindos do terminal e se dirigiram para o estacionamento dos

carros de aluguel. Viu quando os dois embarcaram em um modelo mais novo de Lada e mergulharam no tráfego.

— Muito bem — disse Gallardo para DiBenedetto. — Vamos ver aonde eles vão.

Quase sem esforço, DiBenedetto deslizou para o tráfego, cortando um táxi russo. O motorista buzinou em sinal de protesto. Como era de esperar, DiBenedetto devolveu a saudação de buzina e continuou dirigindo.

Gallardo chamou os três outros carros que ele estava usando para cobrir a chegada do professor ao aeroporto para transmitir a sua posição e colocá-los em movimento. Manter uma vigilância estreita em um alvo em movimento sempre foi mais fácil com vários veículos. DiBenedetto estava familiarizado com as ruas de Moscou. Assim como os outros pilotos. Gallardo tinha certeza de que eles não perderiam Lourds.

Eles seguiram Lourds em estágios, trocando de carro frequentemente para que o professor não suspeitasse de nada. Gallardo não achava que houvesse muita chance de isso acontecer. Apesar de todas as suas viagens pelo mundo, Lourds deveria ser um neófito em toda essa coisa clandestina, de mistério e intrigas. Principalmente porque ele nunca deu nenhuma indicação de que soubesse que estava sendo seguido.

E logo se tornou evidente que Lourds tinha em mente um destino definido. Gallardo fez outra chamada, desta vez para Murani.

*

APOSENTOS DO CARDEAL STEFANO MURANI

CIDADE-ESTADO DO VATICANO

17 DE AGOSTO DE 2009

Murani estava sentado à mesa, com as cópias dos mapas e livros antigos que vinha estudando há anos espalhadas diante dele. As escavações do padre Emil Sebastian em Cádiz, na Espanha, tinham fornecido um novo quadro de referência para todas as velhas histórias e os poucos fatos que a Sociedade de Quirino possuía.

A frustração zombava de dentro dele enquanto avaliava as ferramentas familiares uma vez mais, tentando encontrar novos olhos para descobrir os segredos que, ele tinha certeza, estavam escondidos lá.

Não são segredos, disse a si mesmo. Apenas um segredo.

Ele olhou para as fotos do sino e ressentiu-se com o fato de os líderes da Sociedade o terem levado embora. Eles estavam com medo dele, medo do poder que ele representava. O sino foi a primeira prova física que eles tinham da verdade das lendas que haviam sido proferidas sobre a Atlântida e tudo o que tinha acontecido antes.

Apesar de todos os arcebispos envolvidos na Sociedade de Quirino terem ouvido as histórias daqueles que os antecederam, de que cada homem escolhia seu sucessor no seio da Igreja e com a aprovação dos demais arcebispos, nenhum deles jamais havia visto qualquer prova da existência do Segredo.

Quando ele foi inicialmente levado para a Sociedade de Quirino, Murani não era um crente com relação ao Segredo. Havia muitos outros segredos que a Igreja abrigava, e alguns deles eram apenas lendas.

Mas não este, pensou Murani. Este é verdade.

A existência do sino havia atirado a Sociedade em um dilema. Uma coisa era proteger um segredo pela força do hábito, mas outra bem diferente era aceitar que aquilo era real e que, potencialmente, tinha o poder de destruir o mundo.

Ou refazê-lo, Murani disse a si mesmo. Essa foi a ideia à qual ele se agarrou tão ferozmente.

Erguendo a vista aos livros e mapas espalhados em torno dele, Murani deixou os olhos caírem na televisão. A CNN estava reprisando as imagens do programa Destino: Atlântida que haviam transmitido na noite anterior.

Com o controle remoto, Murani aumentou o volume.

O repórter era um jovem americano chamado David Silver.

Murani futilmente se perguntou se aquele sobrenome tinha se reduzido de Silverman e se o rapaz era judeu. Em sua própria maneira, pensou ele, os judeus eram quase tão ruins quanto os muçulmanos. Ambos prejudicaram a Igreja e a Verdade. Ao longo dos anos, eles

parasitaram o poder da Igreja.

“... A escavação está bem encaminhada aqui em Cádiz, Espanha”, dizia Silver. “Eles estão indo devagar, no entanto. Pelo que me disseram, várias cidades existiram nesta área nos últimos milhares de anos. Cada uma contribuiu para a estratificação do local de escavação. Normalmente, uma cidade foi construída em cima da outra enquanto as primeiras caíam. O padre Sebastian parece muito animado com tudo o que estamos encontrando.”

A âncora do programa de notícias perguntou:

— E você pode nos contar algumas das coisas que foram descobertas?

“A maioria parece ser os artefatos habituais que os arqueólogos esperam encontrar em escavações como esta. Ferramentas. Louça. Moedas”.

— E você já teve a oportunidade de falar com o padre Sebastian?

“Sim, falei com ele.”

— E ele confirmou que está lá à procura da Atlântida?

Silver riu e balançou a cabeça.

“O padre Sebastian, como tive a oportunidade de descobrir, é um homem muito sério quando se trata de seu trabalho. Ele não se entrega a especulações sobre o que ele e sua equipe vão encontrar. Na verdade, durante os momentos nos quais pude ouvi-lo falar, ele se estende em apontar que as especulações ociosas que são feitas em torno deste sítio arqueológico não foram provocadas por qualquer coisa que ele tenha dito ou sugerido.”

— Mas então — continuou a âncora — de onde surgiu esse ângulo de Atlântida?

“De um dos historiadores locais”, disse Silver. “O historiador e filósofo grego Platão foi o primeiro a descrever a cidade perdida de Atlântida em seus diálogos, Timeu e Crítias. Essa descrição, de acordo com o professor Francisco Bolívar, se adapta às características da topografia circundante da área.”

A tela da televisão apagou por um momento, depois prosseguiu com uma sobreposição mostrando anéis concêntricos.

“Segundo a descrição de Platão”, Silver continuou, “a ilha que se

tornou conhecida como Atlântida foi dada a Poseidon, o deus do mar. Uma boa parte da ilha supostamente estava debaixo d'água. Para sorte dele, e para a sorte ainda maior dos contadores de histórias, se eu for capaz de fazer um julgamento, Poseidon conheceu uma mulher que morava no interior da ilha. Nada é dito sobre como ela chegou lá. Mas lá estava ela”.

Murani não se importou com o tom arrogante do repórter.

“Poseidon conheceu a mulher e se apaixonou por ela”, Silver continuou. “Juntos, eles tiveram cinco pares de gêmeos. Todos eles meninos. Poseidon construiu um palácio em uma montanha mais baixa da ilha. A história continua ao descrever os três fossos que ele criou e que cercavam a cidade.”

A imagem na televisão reflete a descrição feita por Silver da montanha e dos três anéis que representam os fossos.

“Poseidon chamou o mais velho dos gêmeos de Atlas e o fez rei da ilha”, continuou o repórter. “O oceano Atlântico recebeu esse nome em referência a ele. E as pessoas que viviam na ilha foram chamadas de Atlantes. Construíram pontes por cima dos fossos para chegar ao resto da ilha. Eles também, supostamente, pelo menos, fizeram passagens através das paredes dos fossos para os navios pudessem passar e mesmo navegar na cidade.”

Um desenho artístico representando a cidade lendária apareceu na tela. Navios com as velas enfunadas navegavam elegantemente através dos canais e túneis perto da bonita cidade que ficava bem ao centro dos anéis concêntricos.

“Espessos paredões supostamente reforçavam cada um dos anéis da cidade”, continuou Silver. “De acordo com Platão, os paredões eram construídos com rochas vermelhas, pretas e brancas que eram desenterradas dos fossos. E então eram recobertas com oricalco,¹ latão e estanho.”

A imagem gerada por computador cintilava como o brilho da luz do sol em metal.

— Era uma passagem bem pitoresca, essa — brincou a âncora.

A câmera voltou a Silver novamente por alguns instantes. Na tela, ele sorriu e assentiu:

“Provavelmente era, sim, naquele tempo. Mas então, um dia, a Atlântida desapareceu.”

— Como?

“Platão não sabe ao certo. Seu palpite era que os atlantes entraram em uma briga com os atenienses. Os atenienses conseguiram reunir um número suficiente de habitantes locais para montar uma resistência firme contra os atlantes, porque os atlantes supostamente eram escravizadores da pior espécie.”

— Eu não sabia sobre o problema da escravidão.

“A história é uma coisa fascinante”, disse Silver, soando como se a história fosse uma invenção nova. “De qualquer forma, a ilha foi devastada por terremotos e inundações. E supõe-se que tenha submergido no oceano Atlântico em um único dia.”

— Mas se a Atlântida era uma ilha, porque o padre Sebastian está trabalhando aí? — perguntou a âncora. — Esse sítio de escavações não é uma ilha.

“Você tem que se lembrar de que o padre Sebastian nunca alegou estar à procura da Atlântida. Ele apenas diz estar pesquisando ruínas antigas. Esses rumores sobre a tal escavação em busca da Atlântida surgiram em torno da escavação.”

— Sugerir que a área pode ser a Atlântida parece ser uma grande aposta. Por que alguém acharia isso?

“Porque, quando vista do espaço, esta parte de Cádiz se parece muito com a descrição da Atlântida.”

Uma nova imagem formou-se na tela da televisão. Uma sobreposição do diagrama simples dos fossos que supostamente rodeavam a Atlântida apareceu, em círculos concêntricos. E, enquanto Murani assistia, essa imagem se sobrepôs a uma fotografia da topografia da área onde o padre Sebastian trabalhava. Era um encaixe perfeito. No entanto, como Murani bem sabia de seu trabalho com a Sociedade, um monte de outras peças estavam próximas também.

“A ilha poderia ter se tornado parte do continente”, disse Silver. “Platão deixou claro que a ilha estava ligada ao continente, embora apenas por debaixo d’água.”

— Durante todos esses anos, os caçadores de tesouro têm procurado

a Atlântida — disse a âncora. — Eles estiveram procurando por uma cidade submersa.

“Por algum tempo, este pedaço de terra esteve submerso”, disse Silver. “Assim como a maior parte da Europa. Os paleontólogos desenterraram uma baleia pré-histórica que estava sepultada em uma montanha italiana não muito tempo atrás. Mas o nível mais alto do mar, a deriva continental, os tsunamis, enfim, qualquer coisa poderia ter exposto essa área a partir do leito do mar, levantando-a até empurrá-la no continente de forma que se tornasse parte do litoral.”

Murani ficou assistindo à maneira como o gráfico animado se ajustava ao longo das características topográficas de Cádiz. É claro que um artista é quem tinha juntado todas as imagens em um único conjunto, que o desenho original da Atlântida era baseado nas descrições de segunda mão de Platão e que tinham milênios de idade, e ele sabia também que as medidas e aproximações eram todas questões abertas à discussão. Mas, até mesmo para Murani, aquilo tudo parecia ser um ajuste incrivelmente perfeito.

“Se você olhar com atenção”, dizia Silver, “poderá enxergar onde a Atlântida ficava. Talvez as escavações do padre Sebastian possam ter descoberto o que pode ser um dos três fossos, e uma série de túneis que passam através dele. Olhando para isso, você pode ver por que os rumores começaram”.

O telefone de Murani tocou. Ele desligou o som da TV e atendeu.

— Ele foi pego pelo FSB — disse Gallardo. Não houve necessidade de usar nomes. Ambos sabiam de quem Gallardo estava falando.

— Por quê?

— A irmã da arqueóloga acabou por se revelar uma inspetora de polícia.

Murani se recostou na cadeira confortável para examinar as implicações.

— Isso é lamentável.

— Poderia ter sido útil se soubéssemos disso antes de eu ter ido atrás do címbalo — disse Gallardo. — Poderíamos ter cuidado do nosso problema atual na noite passada.

Murani concordou em silêncio. E disse:

— Ele não deve ter lhe contado nada. Ele não deve saber de nada.

— Ele sabe mais do que eu gostaria — disse Gallardo. — O sujeito já fez a conexão entre os dois artefatos de alguma forma. E você já sabia disso porque me enviou até aqui.

— Após uma reflexão mais aprofundada — disse Murani —, talvez eu tenha sido um pouco negligente na minha decisão de cancelar seu ataque a ele.

— Acho que ele sabe de alguma coisa que nós não sabemos. Estamos seguindo o sujeito bem de perto. Do jeito que está se movendo, ele sabe o que está fazendo.

Murani voltou para o seu computador e abriu o arquivo do professor Thomas Lourds. O homem era reconhecido por muitos como o mais competente linguista do mundo.

— A equipe de filmagem tirou fotos do artefato egípcio — Murani disse, juntando as peças em sua mente. — O arqueólogo tinha fotos do artefato em seu quarto de hotel. Com as imagens digitais na mão, as fotos do sino pode ser bem legíveis.

— Você acha que ele traduziu a inscrição?

Murani não queria pensar que isso era verdade. Todos os estudiosos da Sociedade de Quirino tinham analisado o sino e as imagens do címbalo. O címbalo ainda não havia chegado à Cidade do Vaticano. Mas nenhum deles fora capaz de chegar a uma tradução.

Mas Lourds...

Um mal-estar se agitou através de Murani como se fosse uma teia de aranha ancorando-se a todas as dúvidas que atormentavam sua mente. Ele não gostava de se arriscar. Tudo o que fizera até agora, todos os subterfúgios que ele tinha idealizado pelas costas dos outros membros da Sociedade, tinha sido cuidadosamente ponderado pelo risco. Enquanto planejava esta trapaça, Murani havia descartado todas as possibilidades de enfrentar problemas.

Agora Lourds aparecia com um curinga na mão.

— Descubra se Lourds conseguiu traduzir qualquer uma das inscrições — disse Murani. — Em caso positivo, eu quero falar com ele. Em algum lugar discreto. Mas caso não saiba, quero ter a certeza de que ele não irá mais se envolver nesta questão.



1. Oricalco é um tipo de metal que teria sido usado em Atlântida, e era considerado muito valioso, depois apenas do ouro. Teria sido achado e explorado em muitos lugares da ilha em tempos remotos. Não se sabe ao certo o que era o oricalco. A tradução literal do grego seria “cobre da montanha” ou “metal da montanha”. (N. do T.)

CAPÍTULO

8

MOSCOU, RÚSSIA

21 DE AGOSTO DE 2009

— **V**ocê não contou para onde estamos indo.

— Lourds olhou para a jovem e tentou compreender o que ela tinha dito.

— O quê?

— Eu disse: você não contou para onde estamos indo — repetiu Leslie. — Tentei ficar quieta, bancar a soldadinha obediente, mas isso não está funcionando comigo.

— Nem comigo — disse Gary do banco de trás.

Ele era o operador de câmera de vídeo que Leslie tinha alistado para o passeio em Moscou. Gary Connolly estava nos seus vinte e poucos anos. Alto e magro, cabelos crespos que caíam até os ombros estreitos. Ele usava óculos de aro redondo e uma camiseta preta da turnê *Shake, Rattle, and Hum* do U2, que denunciava a sua idade.

Como regra geral, Lourds não gostava de revelar tudo sobre seus planos ou sobre o que estava pensando até que estivesse pronto. Mas queria oferecer alguma coisa a Leslie, afinal de contas. Ele achava que devia isso à jornalista:

— Nós vamos para a M.V. Lomonosov, Universidade Estatal de Moscou.

— E o que tem lá?

— Como lhe disse antes — respondeu Lourds —, Yuliya Hapaeve e eu assessoramos uma série de projetos de trabalho ao longo dos anos — a voz de Lourds se apertou. — Yuliya trabalhou em certos momentos com documentos que continham segredos de Estado. Alguns de seus achados revelaram coisas que pessoas poderosas na Rússia não queriam que fossem do conhecimento de outros países. Na Rússia, até mesmo na Rússia moderna, isso pode significar uma sentença de morte.

— Tudo bem, estou acompanhando você — disse Leslie —, mas isso

não explica por que estamos indo até a universidade.

— Yuliya era uma artesã delicada em seu campo de trabalho — disse Lourds. — Ela odiava pensar que, seja qual fosse a grande história em que estivesse trabalhando, jamais veria a luz do dia. Ela sempre desejou que alguém fosse capaz de finalizar seus projetos no caso de algo acontecer com ela. Então, nós...

— ... Criaram uma espécie de “caixa postal” na Universidade de Moscou — completou Leslie.

Ela sorriu com entusiasmo tanto por antecipar o que ele ia dizer quanto pelo próprio talento em descobrir a razão da sua viagem.

— Exatamente — confirmou Lourds.

— O desafio vai ser conseguir sair do país com seja lá o que for que ela deixou para você.

Lourds não disse nada, mas ele tinha certeza de que escapar do país seria apenas um dos desafios envolvidos.

*

M. V. LOMONOSOV UNIVERSIDADE ESTATAL DE MOSCOU

MOSCOU, RÚSSIA

21 DE AGOSTO DE 2009

—Eu não sabia que seria tão grande assim — admitiu Leslie.

Lourds esticou o pescoço e olhou para a estrutura imponente. A torre central do edifício principal da Universidade Estatal de Moscou se erguia a uma altura de trinta e seis andares. A universidade fora fundada em 1755, mas Josef Stalin ordenou a construção do edifício principal. Aquele tinha sido um dos sete projetos que o Secretariado Geral do Partido Comunista soviético havia concebido durante seu mandato. As estruturas mais altas da Europa na década de 1950 estavam ali, no edifício principal da universidade e em seus prédios irmãos.

Relógios gigantes, barômetros e termômetros, estátuas e relevos decoravam a fachada exterior dos prédios. No interior, o prédio mantinha sua própria delegacia de polícia e agência de correios, além dos

escritórios administrativos, agências bancárias, uma biblioteca e piscina, e várias lojas.

Aquilo era extremamente impressionante, Lourds admitiu, para alguém que via pela primeira vez.

— Sim, eu sei — disse ele a Leslie. — Eu também me senti do mesmo jeito na primeira vez que me deparei com isto. E não acho que você venha a se acostumar com isso algum dia.

Eles deixaram o carro numa rua ali perto em vez de estacionar dentro da universidade. Leslie perguntou o motivo de estarem caminhando uma distância tão grande, e Lourds explicou que não queria chamar atenção.

Relutantemente, Leslie concordou com a longa caminhada. Gary, o cameraman, foi menos entusiasta.

*

O campus até que era bem cuidado, apesar das dificuldades econômicas que o país atravessava, e limpo. Arbustos floridos, embora modestos, marcavam presença nos gramados.

Diversos alunos e professores desfilavam pelas calçadas e se reuniam em frente aos edifícios. Uma pontada atravessou Lourds quando viu os vários grupos. Ele pensou em suas aulas. Seus orientandos na pós-graduação eram pessoas capazes e apaixonados pelos estudos, mas Lourds gostava dos primeiros dias de aula porque podia conhecer os alunos antes que mergulhassem nos livros.

Alguns professores o cumprimentavam enquanto ele caminhava pelo pátio resolutamente. Ele retribuía as saudações sem hesitação, no idioma da pessoa e com o sotaque apropriado. Num dado momento, percebeu como Leslie se mostrava absorta em pensamentos melancólicos, e foi então que se deu conta de que ela não falava russo, e muito menos algum de seus dialetos.

Lourds mal conseguia se lembrar de como era se sentir assim porque fazia muito tempo que estivera em algum lugar em que não conseguisse se comunicar com os habitantes locais. Mas ele podia se lembrar de quão estranho e vulnerável se sentia sempre que estava fora do lugar — como daquela vez em que uma namorada o levou a um chá de bebê.

Lourds imaginou que Leslie devia estar se sentindo mais ou menos assim — não conhecia as regras, nem o vocabulário, nem o sentido desse exercício.

Ele seguiu na frente até um lance de escadas e se aproveitou do fato de que eles estavam sozinhos por um momento.

— Basta sorrir e acenar — disse a Leslie e Gary. — E podem deixar que eu cuide das conversas.

— Eu sei — disse Leslie. — Mas isto aqui é estranho. Não é como ir fazer compras no bairro chinês. Lá eu consigo me virar, mesmo não sabendo falar uma palavra em chinês. Eu sei que posso conversar com as pessoas porque a maioria deles sabe, pelo menos, o inglês rudimentar.

— As pessoas aqui — advertiu Lourds — sabem inglês muito mais do que isso. A maioria dos americanos não fala um idioma estrangeiro. As crianças nas escolas inglesas estão expostas a mais idiomas do que as norte-americanas, então eu imagino que você seja bilíngue, pelo menos. Aqui na Rússia, eles têm se esforçado para aprender a nossa língua. E, em muitos casos, muito bem.

— Certo.

— Então você provavelmente poderia conversar com qualquer pessoa que encontramos aqui até agora. Mas eu prefiro que eles não comentem, não por enquanto, que somos um grupo de estrangeiros andando pelos corredores.

— Entendido — disse ela.

*

Lourds mostrou o crachá de identificação da biblioteca que Yuliya tinha arranjado para ele. Ele trocou amabilidades com o velho funcionário que tomava conta das antigas coleções contidas na grande biblioteca. O homem se lembrou de Lourds das visitas anteriores, quando tinha vindo acompanhado por Yuliya.

— Ah, professor Lourds — disse o homem. — De volta com a gente?

— Por um curto período de tempo — disse Lourds, enquanto entregava o crachá de identificação para ser escaneado.

— E existe alguma coisa que eu possa fazer para ajudar? — perguntou o homem enquanto devolvia o objeto.

— Não, obrigado, eu conheço o caminho.

Lourds caminhou para o fundo do enorme espaço preenchido por prateleiras de livros. E fora da vista do bibliotecário, atravessou os corredores, tomando um caminho sinuoso até o seu objetivo. A biblioteca estava equipada com câmeras de vigilância. Ele não queria parecer agir de maneira premeditada.

Havia poucos alunos e professores consultando as estantes. E nenhum deles pareceu mais do que casualmente interessado nelas.

Lourds mergulhou mais profundamente pelos corredores e encontrou a seção que continha os livros de linguística. Notou com satisfação que os livros que levavam o seu nome tinham aumentado em quantidade naquela prateleira. Claro que muitos deles eram sua tradução de *Atividades da alcova*. As lombadas gastas eram uma boa indicação de que era um dos campeões de empréstimos.

— Eu vejo que os gostos de leitura de estudantes universitários não mudam muito de país para país — comentou Leslie secamente.

— Tem razão — concordou Lourds. — Ainda assim, seja qual for a motivação que os traga em busca de conhecimento, está bom para mim. O sexo, ou ao menos a promessa de sexo, acumula mais atenção do que qualquer outra coisa no mundo, especialmente se você é um jovem saudável de 19 anos de idade. — Lourds olhou para Leslie. — E não são apenas esses rapazes que gostam do livro. Pelo que me lembro, foi esse livro que me trouxe à sua atenção. E, sem dúvida, foi esse livro que você usou para conquistar seus produtores.

O rosto de Leslie ficou um pouco corado:

— O pessoal do *marketing* adorou a ideia, é claro — disse ela.

— É claro. E espero que isso seja usado nos comerciais que irão promover a série de televisão...

— Isso o incomoda?

— Nem um pouco — respondeu Lourds, sorrindo. — Eu ganho direitos autorais pelas vendas do livro. Como você pode ver, tem sido algo como um *best-seller* internacional. E me proporcionou um estilo de vida bastante diferente do que a de um simples professor universitário...

Lourds se ajoelhou na frente dos livros. Afastou quatro deles do caminho. Esticando o braço, passou a mão na parte inferior da prateleira de cima. Não sentiu nada.

A decepção percorreu seu corpo. Ele realmente não esperava ter que voltar todo o caminho de mãos vazias. Recuou um passo.

— O que há de errado? — perguntou Leslie.

— Não tem nada lá.

Leslie se ajoelhou ao lado dele e agachou-se para olhar debaixo da prateleira.

— Pode ser que ela não tivesse tempo de deixar nada...

— Essa prateleira sempre foi sua? — perguntou a jornalista.

— Sempre.

Olhando para cima, Leslie apontou para os livros da prateleira que ficava exatamente acima daquela que eles estavam investigando:

— Veja — disse ela —, alguns de seus livros estão colocados lá.

Lourds olhou e confirmou o que a jovem dissera:

— Aparentemente, a biblioteca sentiu necessidade de comprar mais exemplares do meu trabalho.

Ele passou a mão debaixo da prateleira superior e sentiu as bordas retas do minúsculo *flash drive* que havia sido colocado lá. Lourds puxou, mas o objeto não se soltou.

— O que houve? — perguntou Leslie.

— Está preso.

Lourds pegou uma caneta lanterna de seu bolso e analisou o pequeno estojo protetor de plástico. A luz brilhou nos bocados de líquido seco que havia nas bordas.

— Parece fita adesiva — disse Leslie.

— Eu não esperava por isso.

A prateleira tremeu sob o primeiro ataque. Na segunda tentativa, o estojo se rasgou soltando um som alto. Lourds puxou a mão, segurando o estojo entre seus dedos.

— Cara — disse Gary. — Espero que não tenha quebrado esse *flash drive* minúsculo.

Lourds olhou com atenção através da pátina azul do estojo protetor, mas não conseguiu ver o conteúdo com clareza. Ele também esperava

não ter estragado nada.

Naquele momento, uma figura apareceu no fim do corredor.

— Professor Lourds?

Olhando para cima, o linguista viu o bibliotecário ali de pé.

— Aconteceu alguma coisa, professor? — perguntou o homenzinho.

— Achei que ouvi um barulho...

Lourds não sabia direito o que responder. Não havia mais tempo de esconder o pequeno *flash drive*. O bibliotecário sem dúvida o tinha visto.

*

Gallardo estava se sentindo exposto enquanto caminhava através da biblioteca da universidade russa. Ele usava roupas casuais, calça cáqui, suéter e, por cima, um longo casaco de lã.

Mas esse guarda-roupa não podia fazer nada sobre o que transparecia de seu olhar.

Bastava uma espiada rápida e qualquer um saberia que ele não era um estudante.

DiBenedetto e Cimino cobriam o flanco. O mais jovem dos dois falava bobagens para as mulheres que passavam. Ele sorria com frequência e parecia um estudante que estava fora das aulas para trabalhar em algum projeto.

Miroshnikov, um dos homens que Gallardo tinha retido para ajudá-lo em Moscou, esperava à porta da biblioteca. Ele havia sido o único a seguir Lourds e a equipe de televisão para dentro do prédio.

— Ele ainda está lá dentro? — perguntou Gallardo em inglês, porque essa era o único idioma que ele e Miroshnikov tinham em comum.

— Sim.

Gallardo acenou com a cabeça e deixou cair a mão no bolso do casaco para tocar a pistola que estava equipada com silenciador e que repousava lá dentro.

— Onde? — perguntou ele.

— Na parte dos fundos

— Vamos.

Miroshnikov caminhou na frente. Gallardo o seguiu em seus

calcanhares. Um barulho de coisa rasgando soou à esquerda. O velho atrás do balcão da biblioteca ouviu o som imediatamente. Ele saiu de trás da bancada e foi na direção do barulho.

Gallardo seguiu o velho bibliotecário, mas fez um gesto para DiBenedetto e Cimino se separarem. Eles desapareceram por entre as prateleiras de livros quase ao mesmo tempo.

Miroshnikov ficou à frente de Gallardo e à esquerda. Gallardo tinha um amplo campo de tiro. Sua mão fechou-se firmemente em torno da pistola.

O bibliotecário parou tão de repente que Miroshnikov quase bateu em suas costas.

— Professor Lourds... — exclamou o bibliotecário em voz baixa, e havia um tom acusatório em sua voz.

Gallardo parou logo atrás, fora de vista, e escutou. Miroshnikov atravessou o corredor e se colocou em posição no corredor seguinte.

Quando Lourds falou, Gallardo imediatamente reconheceu a voz do professor, mas não entendeu o que ele dizia. Lourds evidentemente falava um russo fluente.

Espiando do canto das prateleiras, Gallardo viu Lourds e a equipe de televisão de pé na frente do velho bibliotecário, como se fossem crianças culpadas de alguma travessura. O homem franzino entrou no meio deles. Ele estava obviamente preocupado com o que tinha acontecido.

A atenção de Gallardo foi atraída para um pequeno estojo de plástico nas mãos de Lourds. Ele sabia que o bibliotecário estava tão aborrecido que iria sem dúvida chamar a segurança. E ele sabia que não podia permitir que isso acontecesse.

Ele liberou a arma de seu bolso, puxou a máscara de esqui para cobrir todo o seu rosto e deu um passo para o corredor. Miroshnikov espelhou seus movimentos. Os silenciadores parafusados nos canos das armas as deixavam enormes e ameaçadoras. Gallardo esperava que sua aparência fosse o suficiente para impedir que alguém quisesse bancar o tolo.

— Eu vou ficar com isso — rugiu em inglês.

Mostrando uma irritação óbvia, o bibliotecário se virou. Gallardo

adivinhou que o velho iria fazer uma réplica mordaz, mas a iniciativa morreu nos lábios murchos do homem quando viu a arma.

— De joelhos — ordenou Gallardo. — Cruze os tornozelos.

O bibliotecário obedeceu e quase não conseguiu realizar a façanha.

Lourds teve presença de espírito suficiente para começar a recuar. Ele pegou a jovem pela mão e puxou-a para trás dele.

— Se eu tiver que atirar em você, professor, farei isso. — Gallardo ergueu um pouco a pistola. — Estou começando a achar que você será um problema muito menor para mim se estiver morto.

DiBenedetto saiu de seu esconderijo do outro lado do corredor.

Com sua rota de fuga fechada, Lourds congelou.

Gallardo sorriu. Ele sabia que a expressão poderia ser vista por baixo da máscara de esqui, ameaçadoramente, é claro. Ele avançou lentamente. Miroshnikov seguiu atrás.

— A gente devia simplesmente matar todos eles aqui. — disse DiBenedetto. — Nós não precisamos deles vivos.

O som de uma pancada na carne veio de trás de Gallardo antes que ele pudesse dar uma resposta. Logo à sua frente, DiBenedetto deu um passo para o lado e ergueu sua arma com as duas mãos, tendo Gallardo como alvo deliberado.

— Cuidado! — alertou DiBenedetto.

Gallardo tentou se virar. Ele ouviu o movimento atrás dele. Sua cabeça girou e viu Miroshnikov deitado inconsciente no chão da biblioteca. No mesmo instante, o cano de uma pistola afundou no lado do pescoço de Gallardo.

— Se você se mexer — uma voz feminina gelada e cortante advertiu —, atiro.

*

De pé atrás do grandalhão, Natashya Safarov manteve o cano da arma apertado contra o pescoço dele. Se ela apertasse o gatilho, o cartucho iria despedaçar a garganta.

A adrenalina subiu pelo corpo da mulher enquanto ela tentava descobrir por onde andava o outro homem. A policial havia chegado à

universidade depois de Lourds e dos homens que o estavam seguir. Eles não a haviam notado quando estacionara mais acima deles e os seguir à biblioteca apenas a uma curta distância.

— Mande seus amigos colocar as armas no chão — ordenou Natashya. — Caso contrário, mato você e me arrisco com eles. Pessoalmente, gosto mais de correr riscos. E você, o que prefere?

Antes que o homem pudesse responder, Lourds decidiu entrar em ação. Natashya queria gritar de frustração. O professor iria se matar desse jeito.

Lourds pegou a mão do atirador mais jovem e empurrou-a no ar. A pistola fez um barulho como de uma leve tossida. A bala bateu no forro do teto. Apenas uma fina torrente de pó de gesso caindo denunciava o incidente. Antes que o jovem pudesse se recobrar do ataque, Lourds arrancou um pesado livro da estante e acertou o rosto do atirador com ele.

O sangue espirrou do nariz quebrado do homem e ele recuou alguns passos. Lourds levou um momento para chutar a pistola para longe da mão do homem atordoado. Virando-se rapidamente, Lourds agarrou o pulso da jornalista e puxou-a para saírem dali.

Incrivelmente, o grandalhão que Natashya estava prendendo começou a oscilar para frente. Ela estendeu a mão e agarrou o queixo dele, empurrando o duro cano da arma em sua carne.

— Má ideia — disse ela.

O homem congelou.

Ambos assistiram impotentes enquanto Lourds e seus dois companheiros desapareciam entre as estantes de livros. Natashya o amaldiçoou silenciosamente.

Ela olhou para cima e viu a câmera de segurança montada no teto. Então ordenou que o homem andasse para frente até o fim do corredor. O rapaz com o nariz quebrado tentou rastejar e pegar sua arma. Natashya chutou-o na têmpora e ele rolou inconsciente.

Então, ela rasgou a máscara de esqui que cobria as feições do homem mais velho. Jogou fora a máscara e virou-o para encarar a câmera.

— Diga ao seu amigo para sair do esconderijo — ordenou Natashya.

— Faça isso agora!

— Cimino — chamou o homenzarrão. — Saia para onde ela possa ver você.

Um momento depois, o outro homem saiu para o espaço aberto. Ele carregava uma pistola com silenciador pendurada pelo gatilho no dedo indicador.

— Jogue a pistola aqui — ordenou Natashya.

O homem obedeceu.

— Deite-se — Natashya disse a ele. — Sobre a barriga. Mãos entrelaçadas atrás da cabeça. Tenho certeza de que você sabe o que fazer.

O homem hesitou, mas o grandalhão que Natashya mantinha sob a arma rosnou para ele. O homem desceu ao chão.

Natashya estava com pressa. Ela queria chamar apoio pelo rádio e levar aqueles homens presos, mas sabia que Lourds poderia muito bem fugir da Rússia se ela o perdesse de vista agora. Foi nesse momento que notou o fone sem fio no ouvido do homem.

— Quantos homens você tem lá fora? — perguntou Natashya.

Ele não respondeu.

Natashya decidiu que não importava. Havia certamente o suficiente para matar ou capturar Lourds.

— Estique as mãos.

Uma vez que o grandalhão não obedeceu, ela bateu sua arma contra a mandíbula dele.

Ele mostrou as mãos.

Com a facilidade adquirida pela prática, Natashya fechou uma algema no pulso dele.

— Deite-se no chão.

O homenzarrão deitou-se lentamente. Natashya sabia que ele estava apenas esperando uma brecha para reagir, de forma a conseguir inverter os papéis de captor e cativo. Estava armando uma surpresa. Quando já estava no chão, a policial o algemou ao homem inconsciente que estava deitado.

Natashya rodopiou e saiu correndo. Esperava poder ajudar Lourds a escapar de ser morto ou capturado pelos capangas do grandalhão que

deviam estar à espreita. Além do mais, tinha perguntas para as quais desejava respostas.

*

O coração de Lourds estava batendo como uma britadeira. Durante a corrida, pressionou sua mão por cima do casaco para sentir as arestas da caixa de plástico dentro do bolso. *Ainda está lá. Graças a Deus.* Ele esperava que tivesse valido a pena arriscar sua vida pelo conteúdo dela.

Ele segurou na mão de Leslie enquanto corria. O professor não queria que a jovem ficasse paralisada por causa do medo, porque duvidava que aquele homem gigantesco tivesse vindo sozinho.

Do lado de fora, Lourds atravessou o campus em alta velocidade. Sua respiração queimava o fundo da garganta. Ele olhou por cima do ombro e viu Gary apenas um par de passos atrás dele. O jovem carregava a câmera facilmente e avançava em uma marcha surpreendentemente rápida.

Lourds procurou localizar-se na área e alterou seu curso, dirigindo-se ao carro de aluguel estacionado. Na pressa, não se preocupou em correr pelas calçadas. Os estudantes universitários e o pessoal das faculdades olhavam para eles com preocupação e perplexidade. Mas todos eles saíram de seu caminho.

— Ei — alertou Gary. — Depressa, moçada. Temos companhia.

A ansiedade queimava o estômago de Lourds. Ele olhou em volta e viu os três homens correndo pela rua em um curso de interceptação com eles. Não eram estudantes, nem mesmo russos, a julgar pela aparência. Eram homens duros com olhos duros. Ele deveria ter imaginado que o homenzarrão teria outros compatriotas escondidos nas proximidades.

O uso excessivo de força parecia ser sua marca registrada.

Até agora, eles não tinham apresentado suas armas, mas estavam longe o bastante e movendo-se depressa demais em meio à aglomeração dos alunos, de modo que um tiro limpo e certo seria quase impossível. Mas essa situação não iria durar muito tempo.

Eles estavam ganhando terreno em relação ao professor e seus

amigos.

Lourds xingou. Estava tão agitado que nem percebeu que língua tinha usado. Ele virou na rua onde tinha estacionado o carro alugado. As coisas definitivamente não pareciam correr bem, mas ele duvidava que tudo poderia ficar ainda...

— Professor Lourds!

... Pior. Ele estava errado.

Esse grito em tom autoritário chamou sua atenção, e Lourds reconheceu a voz. Quando olhou por cima do ombro, viu Natashya Safarov rapidamente se aproximando dele.

A mulher era, evidentemente, uma corredora, entre os seus muitos outros talentos. Seus braços e suas pernas trabalhavam em conjunto enquanto ela corria. A policial os alcançou como se aquele feito fosse brincadeira de criança. Sua pistola nua em punho causou consternação imediata em todos os que viram a arma.

Lourds contou-se entre os perturbados pela visão.

— Você está preso — disse Natashya enquanto se aproximava e apontou a arma para ele.

Mas Lourds continuou correndo e disse:

— Se pararmos agora — protestou, apontando para os atiradores que vinham correndo —, aqueles homens vão matar todos nós.

Natashya lançou um olhar para onde ele indicou. Atrás dela, os homens que ela havia deixado no interior da biblioteca foram emergindo através da entrada, os dois que estavam conscientes levando o inconsciente algemado a um deles. E não parecem felizes. Mas era pouco provável que aquele grupo de bandidos pudesse pegá-los.

— Eu tenho um carro — disse a policial. — Sigam-me. Quase sem esforço, ela deu uma acelerada e ultrapassou Lourds, Leslie e Gary. — E se você parar de me seguir, eu atiro em vocês.

— O quê? — a respiração de Leslie vinha em fluxos irregulares. Ela tropeçou e quase caiu. — Parar de seguir essa mulher? Com esses caras atrás de nós? Ela é louca!

Lourds segurou a mão de Leslie e ajudou-a a manter o equilíbrio.

— Poupe seu fôlego — aconselhou ele. — Corra!

Ele sabia que, louca ou não, Natashya Safarov era sua única chance.

Seguindo sua líder armada, eles atravessaram correndo a rua até um sedã de médio porte parado no estacionamento.

Natashya usou seu controle eletrônico para destravar as portas.

— Entrem!

Ela deslizou até parar no lado do motorista e abriu a porta do carro. Em vez de entrar, ela ergueu seus braços sobre o capô e mirou nos três homens que vinham se aproximando deles.

Os três homens se separaram, obviamente com a eficiência gerada pela prática. Todos com as armas em punho.

A convicção de que estava prestes a ser feito em pedacinhos preencheu todos os poros de Lourds. Ele congelou por um instante.

— Entrem! — ordenou Natashya. — E mantenham-se abaixados, a massa do motor do carro deve absorver as balas.

Lourds atrapalhou-se com a porta traseira do lado do passageiro, mas conseguiu abri-la. O pânico martelava sobre ele. Forçou-se a se concentrar na tarefa que tinha em mãos e não olhou para trás, para seus perseguidores.

— Tenha cuidado, se você atirar na direção dos bandidos, pode atingir um estudante!

Ele falou em russo, assim não haveria mal-entendido. Natashya falava bem inglês, mas isso não significava que ela teria essa habilidade no calor do combate. O professor empurrou Leslie para dentro do carro assim que a porta se abriu e a protegeu depois com seu próprio corpo.

— Eu sei disso — respondeu Natashya, também em russo. — Eu não faria isso, mas eles não sabem. Entre, antes que descubram!

Leslie se arrastou para dentro do veículo. Gary se atirou atrás dela antes que Lourds pudesse entrar. Os dois se esparramaram por todo o assento sem deixar espaço para o professor. Ele bateu a porta de trás e abriu a do passageiro dianteira. Pulou para dentro do carro e fechou a porta atrás de si, mantendo a cabeça abaixada, sob o painel.

Do outro lado da rua, os três homens estavam deitados no chão. Um deles apontou uma pistola e disparou. A bala destruiu a janela do lado do passageiro. Não houve nada daquela história do motor do carro deter as balas. Estilhaços de vidro se derramaram em volta de Lourds. Ele se

contorceu e cobriu a cabeça com os braços.

Natashya abriu a porta do motorista violentamente e se jogou no assento. Ela girou a chave na ignição e o motor veio à vida, roncando suavemente.

Lourds olhou para ela.

Ela mudou a arma de mão. Quando estava de volta para a mão direita, ela apontou para Lourds:

— Fique abaixado.

Ele estava convencido de que ela não oferecia conselhos sobre como se proteger do fogo inimigo. A policial atirou em seus perseguidores com a arma por cima de sua cabeça. Mais balas dos bandidos atingiram o carro. Os impactos soavam terrivelmente altos dentro do carro.

— Droga! — uivou Gary do banco de trás. — Ande com esse carro, mulher! Você está esperando um sinal de Deus ou coisa assim?

Natashya pisou no acelerador. O motor rosnou como um animal encurralado, os pneus se queimavam no asfalto e atiraram o carro para frente.

Lourds manteve as mãos apoiadas no painel, mas não conseguiu resistir e esticou o pescoço para dar uma olhada. Natashya tinha entrado na contramão. Por um momento, ele achou que seriam atingidos por um caminhão de carga. Os olhos do motorista se arregalaram do outro lado do para-brisa. Ele pisou nos freios e o caminhão saiu de lado. O para-choque deixou de atingi-los por alguns centímetros.

— Oh, merda!

Natashya segurou firme no volante e dirigiu até o acostamento. O carro rebojava em protesto. Um instante mais tarde, ela acelerou de novo para colocá-los na rua. O cheiro de borracha queimada dos pneus invadiu o veículo enquanto ele avançava adiante na pista.

Lourds teve a nítida impressão de que sua vida estava tão em risco agora como tinha estado na faculdade, com aqueles homens os perseguindo por entre as estantes de livros. Ele apertou as mãos com força contra o painel e lamentou por não ter tido tempo para colocar um cinto de segurança.

— Tudo bem, professor Lourds — disse Natashya calmamente. —

Vamos conversar agora.

— Conversar? Conversar sobre o quê? — ele perguntou, as palavras saindo ásperas da garganta enquanto ofegava por causa da corrida e da sobrecarga de adrenalina.

— Sobre o que estava fazendo na biblioteca e sobre o que tirou de lá.

Natashya acelerou e voou ultrapassando um sedã que seguia mais lentamente. Ela mal voltou para sua pista e por pouco não raspou o para-lama de um carro que vinha em direção contrária.

— E quero falar também — continuou a policial — sobre o que sabe sobre a morte de minha irmã.

Ela pisou fundo no acelerador e o carro disparou para frente no trânsito.

— Pode ser que este não seja o melhor momento — engasgou Lourds, com os olhos fechados e o corpo se preparando para o choque de uma batida certa. Que não veio.

Natashya desviou para fora de perigo, como o piloto Jeff Gordon na última volta da Copa Nextel de stockcar.

— Pode ser que não tenhamos hora melhor. Fale agora.

A russa arriscou tirar os olhos da pista pelo tempo suficiente de lançar um olhar duro sobre o professor.

— Er... Pessoal — chamou Gary da parte de trás do carro. — Estamos sendo seguidos.

Lourds se torceu em seu assento e olhou para trás por cima do ombro. Dois carros se enfiavam no meio do tráfego atrás deles. Ele pegou o cinto de segurança e conseguiu encaixá-lo em torno de si ao mesmo tempo em que Natashya começou a tomar medidas evasivas novamente. A força da gravidade causada por essas manobras empurrou seu peito contra o cinto de segurança. Ele respirou fundo, em preparação para suas próximas palavras.

A policial tinha razão.

Tempo para falar estava começando a parecer um luxo.

CAPÍTULO

9

MOSCOU, RÚSSIA

21 DE AGOSTO DE 2009

— **O**que você foi procurar na biblioteca? — perguntou Natashya enquanto dirigia.

Levantou os olhos para o retrovisor. Os carros que os perseguiam se destacavam entre os demais veículos. Apesar do comportamento tranquilo com seus “convidados”, uma energia de nervosismo lhe atormentava o corpo.

— O quê? — perguntou Lourds enquanto a olhava como se a tivesse crescido outra cabeça.

Natashya não prestou atenção e virou à esquerda para se adiantar ao carro que vinha pela frente. Quando o deixou para trás, virou à direita e se enfiou na primeira ruela que encontrou. Deu para ouvir o cantar dos pneus e uns furiosos sons de buzina detrás deles.

— Você foi à biblioteca para pegar algo. — Natashya voltou a olhar pelo retrovisor. Os dois carros tinham virado e seguiam atrás deles.

— Algo que sua irmã havia deixado para mim.

— E o que é que ela lhe deixou?

— Um pen drive.

— E o que há nele?

— Não sei.

Natashya lançou um olhar duro.

— É verdade — disse Lourds. — Você estava bem ali e não tive tempo de olhá-lo.

— O que você acredita que há nele? — Natashya entrou em outra pequena rua.

A Universidade de Moscou estava nas Colinas dos Pardais. Naquela região, havia muitas ruas curtas e estreitas. A policial havia pensado em aproveitar essa vantagem.

- Yuliya estava trabalhando em algo e queria me mostrar.
- No címbalo? — interrompeu Natashya.
- Ela lhe falou sobre ele?

A irritação provocou estilhaços à tristeza e ao pesar que Natashya sentia. As perguntas do norte-americano eram mais rápidas que as suas. Claro, ela estava ocupada e prestando atenção à direção do carro.

— Um pouco.

— E o que ela lhe disse?

— Por aqui, quem faz as perguntas sou eu, senhor Lourds. — Natashya voltou a virar bruscamente.

Nesse instante, ela se meteu por uma estreita rua cheia de latões de lixo. Dois deles passaram por debaixo do carro e saíram disparados rua abaixo.

— O que você sabe sobre o címbalo? — quis saber a policial.

— A verdade é que eu não sei de quase nada — confessou ele.

— Então, por que minha irmã se colocou em contato com você? Por que ela iria lhe deixar informações sobre ele?

— Eu não sei o que ela fez. O conteúdo do pen drive poderia ser sobre outra coisa completamente diferente. — Lourds se apoiou no painel no momento em que Natashya saiu da ruela. Os pneus chiaram quando as rodas dispararam à rua.

Natashya fez soar a buzina, pisou no freio e voltou a acelerar. Quando girou o volante para cruzar o tráfego em direção à rua seguinte, viu que Lourds tremia involuntariamente quando quase raspavam em um micro-ônibus. Por um momento, Natashya pensou que não conseguiria.

— Santo Deus! — exclamou a jovem que ia no assento traseiro.

Depois o carro entrou na viela. Mais latas de lixos caíram e saíram rolando.

— Eles assassinaram Yuliya pelo címbalo? — perguntou Natashya.

— Talvez. Vocês o encontraram naquela noite? — retrucou Lourds.

Natashya checkou pelo espelho retrovisor bem a tempo de ver que o primeiro carro que os seguia batia contra a quina de um edifício e dava várias voltas fora de controle. O segundo carro passou voando a seu lado e continuou a perseguição.

— Não, os guardas não o encontram. Porém, o fogo destruiu muitas

coisas naquela sala. — Olhou para Lourds. — Você acredita que esses homens mataram minha irmã?

— Presta atenção à rua — pediu ele, agarrando-se outra vez ao painel.

O para-choque bateu contra outra lata de lixo, que saiu voando. Outra dessas latas foi parar no para-brisa dianteiro e deixou umas rachaduras em forma de teia de aranha no que restava dele.

— Se não foram esses homens — disse Lourds em resposta à pergunta —, era alguém relacionado com eles ou com seu chefe.

— Por que acha isso? — Natashya notou que o carro que os perseguia estava chegando mais perto.

Lourds hesitou. E olhou para ela:

— Porque havia outra dessas relíquias com marcas semelhantes — disse ele. — Estava conosco em Alexandria há cinco dias. Esses homens, ou outros como eles, invadiram nosso estúdio, mataram pessoas por lá e levaram o artefato. Eles teriam matados todos nós se a Leslie aqui não tivesse resistido.

Ouviram disparos. No mínimo uma bala ricocheteou no carro. Outra atravessou o vidro traseiro e passou entre os últimos fragmentos do para-brisa dianteiro.

— Sinto muito pelo que aconteceu com Yuliya — disse Lourds. — Eu gostava muito dela. Era inteligente e encantadora. Sentirei a sua falta.

Natashya sentiu que ele dizia a verdade, mas que sabia mais do que estava lhe contando.

Novos disparos ecoaram no beco.

Quando saíram, Natashya colocou a arma no colo, pegou o volante com as duas mãos e reduziu a marcha enquanto virava para a esquerda rapidamente. O carro vibrou ao dar um giro de 180 graus para ficar de frente ao veículo que ia em direção a eles.

— O que você está fazendo? — perguntou Lourds nervoso.

— Já era! — gritou Gary — Ela ficou doida e vai nos...

Sem prestar atenção na angústia que a consumia, Natashya pegou a arma, apontou através do para-brisa e mirou na certeza. A arma ressoou em sua mão quando disparou. O chumbo saiu girando pelo vidro destroçado enquanto ela soltava balas tão rápido como podia.

As balas impactaram o para-brisa do carro que os perseguia, do lado do motorista. Natashya viu que o homem se sacudia por causa dos impactos e que perdia o controle. Roçou uma das laterais do carro de Natashya, amassou o para-choque e acabou batendo de frente contra uma loja de roupas.

Natashya deu marcha a ré e voltou pela rua de onde estava vindo. Acionou o câmbio com força, queimou os pneus e se misturou ao tráfego.

— Temos que conversar — disse ela ao professor. — Depois verei o que eu faço com você. Pelo menos por hora, esses homens já não são mais problema.

Ouviram sirenes aproximando-se à absoluta ruína que haviam deixado para trás.

*

As pessoas que se aglomeravam ao redor do carro interromperam o trânsito. O veículo que Gallardo dirigia ficou completamente imobilizado na rua. Deu-se por vencido, abriu a porta e saiu. Passou pela multidão xingando. Alguns homens lhe responderam com palavrões semelhantes, mas ninguém tentou detê-lo.

No interior do carro destruído havia quatro homens. O motorista estava caído sobre o volante; com cuidado para não tocar em nada e deixar impressões digitais, Gallardo o pegou pelo cabelo e o levantou.

As balas haviam praticamente destroçado o seu rosto.

Gallardo voltou a soltar um palavrão e largou o homem morto. O corpo caiu sobre o sujeito que estava no assento do passageiro. Este o afastou bruscamente e soltou uma blasfêmia.

— Depressa! Saia daí! — ordenou Gallardo.

O som das sirenes da polícia se ouvia cada vez mais próximo.

— Sigam-me! — exclamou Gallardo enquanto voltava sobre seus passos entre a multidão.

Todos os curiosos se mantiveram distantes. Distanciaram-se ainda mais quando os três homens que ainda estavam vivos saíram do carro com suas armas na mão e correram atrás de Gallardo.

Gallardo voltou para o carro, entrou e fez um gesto para que os demais fizessem o mesmo.

— Tire-nos daqui — disse, olhando para DiBenedetto.

Quando as portas se fecharam com força, DiBenedetto voltou rapidamente em direção ao beco.

Furioso, Gallardo pegou seu celular. Ainda perplexo pela facilidade com que aquela mulher tinha vindo por trás dele e o surpreendido. Como se fosse uma criança. Era vergonhoso e inesquecível. Prometeu a si mesmo que voltaria a vê-la. E quando fizesse isso, ele a mataria. Lentamente.

Digitou o número de Murani.

*

APOSENTOS DO CARDEAL STEFANO MURANI

CIDADE-ESTADO DO VATICANO

21 DE AGOSTO DE 2009

Uma batida na porta acordou o cardeal Murani. O cansaço o havia aniquilado. Sentia-se como se o tivessem drogado. Ele continuava de pijama, na cama, com um dos pesados tomos que estava estudando no colo.

— Cardeal Murani! — a voz de um homem jovem o chamou.

— Sim, Vicent. Entre — respondeu com uma voz rouca.

Vicent era seu ajudante pessoal de câmara.

O jovem abriu a porta e entrou em seu dormitório. Media um pouco mais de um metro e cinquenta e era magro como um palito. Salientavam-se os ossos dos cotovelos e dos antebraços, e a cabeça parecia grande demais para esse corpo. Vestia um traje negro que lhe caía muito mal e mantinha o cabelo cuidadosamente penteado com uma risca no meio.

— Não veio para o café da manhã, cardeal — disse Vicent sem olhá-lo nos olhos. Vicent nunca olhava ninguém nos olhos.

— Não me sinto muito bem esta manhã.

- Sinto muito ouvir isso. Quer que lhe tragam o café da manhã?
- Sim. Solicitem que façam isso para mim.

Vicent assentiu e saiu do quarto.

Murani sabia que o jovem não tinha acreditado nele, mas dava na mesma. Vicent era a última de suas preocupações. Aquele jovem era seu vassalo e estava sob seu controle. Vicent o havia visto alegar estar adoentado umas tantas vezes nas últimas semanas.

Levantou-se, pegou o telefone e ligou para seu secretário pessoal. Deu-lhe ordens para que cancelasse todos os seus compromissos e o almoço que havia organizado com um dos bajuladores do papa...

Abandonar todos os compromissos do dia para poder estudar os segredos do sino e do címbalo o fazia sentir-se bem. Ligou a televisão e sintonizou na CNN. Não diziam nada sobre a escavação de Cádiz, mas sabia que o fariam logo em seguida. Aquela escavação havia se imposto sobre o resto das notícias, tal como se passava com a súbita morte de algum pop star viciado em drogas.

Ergueu-se de onde estava com a intenção de banhar-se antes do café da manhã, mas o telefone celular tocou. Atendeu e imediatamente reconheceu a voz de Gallardo.

— As coisas não saíram bem — disse Gallardo sem maiores preâmbulos. — Perdemos o pacote.

Murani facilmente conseguiu ler nas entrelinhas:

- O que aconteceu?
- Seguimos o pacote até a universidade.
- E por que o pacote foi parar lá?
- Havia outro pacote esperando e o pegou — respondeu Gallardo. O coração de Murani se acelerou. Outro pacote?, pensou.
- O que havia no outro pacote?
- Não sabemos.
- E como ele sabia que o outro pacote estava ali? — insistiu Murani.
- Também não sabemos. Mas sabemos sim que nos seguiam e que ele tem agora o pacote. O que não sabemos é por quê.

Uma terrível cólera se apoderou dele. Na televisão, a emissora CNN voltava a contar a história do padre Sebastian e das escavações em Cádiz. Deu-se conta de que o tempo corria contra ele. Cada segundo

era precioso.

— Eu não pago você para que não saiba das coisas — acusou Gallardo friamente.

— Sei disso — responde o homem do outro lado da linha —, mas tampouco você me paga para correr os riscos que estou correndo.

Aquela frase foi como um disparo de advertência, e o cardeal assim o entendeu.

Com a busca dos instrumentos estando tão avançada, ele não podia chamar ninguém em tão curto período de tempo e muito menos alguém do calibre de Gallardo e suas conexões. Obrigou-se a respirar e a manter a calma.

— E você consegue recuperar os pacotes?

Gallardo reservou alguns minutos de silêncio.

— Por um preço adequado sim, poderia tentar.

— Então o faça.

*

MOSCOU, RÚSSIA

21 DE AGOSTO DE 2009

Lourds continuava agarrado ao assento do passageiro enquanto Natashya Safarov acelerava em meio ao trânsito. A mulher falou rapidamente pelo telefone celular. Apesar de conhecer bem a língua russa, ela o fez com tanta velocidade e de uma forma tão crítica que ele não soube muito bem do que se tratava aquela conversa.

Leslie e Gary estavam calados na parte de trás do carro. Havia tido mais do que o suficiente. Leslie queria saber o que estava acontecendo e tinha pedido que a levassem ao consulado britânico. Natashya só havia se dirigido à jovem em uma única ocasião e foi para dizer-lhe que, se não mantivesse a boca fechada, a levaria até a primeira delegacia de polícia que encontrasse.

Leslie não voltara a dizer mais nada desde então.

Após dirigir por quase uma hora por entre o tráfego, passando por

áreas históricas de Moscou que Lourds já conhecia, além das antigas zonas residenciais que poucos turistas haviam visto, Natashya parou em um estacionamento próximo a um prédio bem simples, quase sem importância.

Desligou o motor e guardou as chaves. Abriu a porta e saiu. Inclinou-se à janela e olhando para os olhos de Lourds, ordenou:

— Fora! Todos!

Lourds saiu bem preocupado. As pernas tremiam, sentia as câimbras provocadas pela forçada tensão da viagem e da excitação emocional pela fuga e pelo tiroteio. Confiava que Natashya precisava deles vivos, porque estava convencido de que ela era capaz de acertá-los com apenas um tiro.

Observou o edifício que havia em frente a eles. Tinha seis andares e parecia que o haviam construído na década de 1950. Seu sórdido e inóspito aspecto conseguiu que lhe embolasse o estômago.

— O que fazemos aqui? — perguntou Leslie.

A irritação crispou-se na cara de Natashya. Lourds percebeu e soube que ela não iria responder.

Mas Natashya recuperou o controle.

— É um esconderijo — disse com o rosto inexpressivo. — Aqui estaremos a salvo. Temos que conversar. Quero saber se podemos ajeitar isto antes que mais alguém tenha que morrer. Estou segura de que vocês querem o mesmo.

Quando a policial lhes fez um gesto em direção à escada de incêndio que havia em um dos lados do edifício, Lourds assentiu e tomou a dianteira. Ao que pode notar, a porta principal não era uma opção a se levar em conta. Lourds colocou um pé no primeiro degrau e começou a subir. Sabia que Leslie e Gary lhe seguiam.

Natashya os fez parar no quarto andar. Havia utilizado uma chave para poder entrar no edifício e depois conduziu Lourds em direção à terceira porta à esquerda. Outra chave lhes permitiu entrar em um pequeno apartamento.

Este consistia em uma sala de jantar que servia ao mesmo tempo como sala de estar, uma cozinha, dois dormitórios e um banheiro. Havia chuveiro, mas não banheira. Não era muito espaçoso nem parecia

confortável para todos eles, mas pelo menos se sentiam a salvo.

Contudo, Lourds certamente sabia que aquilo era só uma ilusão.

— Sentem-se — pediu Natashya.

— Estamos presos? — desafiou-a Leslie sem sentar-se.

Lourds ocupou uma poltrona e desistiu de ficar em pé. Suspeitou que Leslie oferecesse certa resistência e não queria criar mais problemas, a menos que tivesse que o fazer.

Optar por qual dos dois lados teria que apoiar era uma escolha difícil. Sentia uma lealdade por Leslie, mas Natashya era a melhor oportunidade para decifrar os quebra-cabeças do címbalo e do sino. Além do mais, Natashya sabia manter a calma nos momentos de crise.

Notou a borda afiada da caixa que se encontrava escondida em seu bolso e se surpreendeu que Natashya não houvesse pedido que entregasse a ela.

— Se quer que eu a prenda, posso dar um jeito nisso — respondeu Natashya. — Irão lhe dar um macacão usado e a enfiarão sem menor constrangimento em uma cela.

A cara de Leslie mostrou uma fúria semelhante à de um buldogue.

— Sou uma cidadã britânica, não pode me prender com tanta frivolidade sem levar em conta os meus direitos.

— E você não pode entrar em meu país, provocar uma carnificina e levar algo que pertencia a uma funcionária do governo, minha irmã — replicou a policial. — Estou certa de que seu governo não aprovaria semelhante comportamento. E também duvido seriamente de que o estúdio de televisão para o qual você trabalha irá gostar da má imagem que você está lhes proporcionando.

Leslie cruzou os braços sobre o peito e levantou o queixo sem dar nenhuma amostra de submissão.

— Talvez nós todos devêssemos nos lembrar de que ninguém quer que nos prendam agora — respondeu Lourds com toda suavidade que pode, enquanto lançava um olhar à Natashya para sublinhar a que se referia com esse termo “ninguém”.

Natashya encolheu os ombros. Foi um gesto inconsciente. Lourds havia se acostumado a estar atento à comunicação não verbal; fazia parte do fato de ser linguista. Frequentemente a parte mais importante

da comunicação humana não é falada. Esses pequenos gestos — e os das metamensagens que transmitem — normalmente são os que primeiro atravessam as barreiras culturais, muito antes que as palavras.

— Este lugar é um esconderijo — explicou Natashya. — Utilizamos este apartamento e outros parecidos para manter a salvo prisioneiros importantes. O braço da máfia russa é bem comprido.

Leslie se ofendeu ao ouvir a palavra “prisioneiro”. Por sorte não expressou em voz alta seu protesto.

— Os homens que os perseguem não nos encontrarão aqui. Então teremos tempo para refletir sobre as coisas — continuou Natashya.

— Isso depende — interveio Gary. — Se os seus colegas policiais conhecem este lugar e perceberem que desapareceu, podem vir e querer comprovar se está aqui. E se acreditarem que você foi sequestrada, o que justificaria você não ter regressado, podem chegar aqui disparando tiros, ou não? Isso que eu digo tem sentido ou não, moça?

Lourds teve que admitir que, apesar da forma em que havia sido formulada, a observação era bem inteligente. Era possível notar que o rapaz tinha uma mente muito fértil na hora de imaginar situações. Certamente, por isso que Gary era um bom câmera.

— Não viriam e tampouco sabem que este lugar aqui existe — assegurou Natashya.

— Por que não? — inquireu Leslie.

— Porque não lhes falei sobre este lugar. Sou uma oficial do alto escalão. Trabalho nos casos mais perigosos. Tenho certa... liberdade em minhas investigações.

— A polícia não virá em algum momento? Ou quando seja mais conveniente? — sugeriu Leslie.

— Fazer desaparecer pessoas na rua não é nada conveniente. Matei um homem lá atrás. Não sei que impressão tem do meu país, mas matar não é uma coisa legal nem aqui, nem em seu país. De fato, se levarmos em conta o sistema judicial de vocês em comparação ao nosso, diria que nos Estados Unidos os juízes são mais benevolentes que na Rússia — disse a policial com a voz cada vez mais grave.

— Não sou norte-americana — corrigiu Leslie. — Sou britânica. No

meu país existe uma sociedade civilizada em comparação com a Rússia ou os Estados Unidos.

— Bem, se já concluímos com as susceptibilidades, talvez pudéssemos começar a pensar no que iremos fazer — propôs Natashya.

— Se me permite — disse Lourds em voz baixa —, sugeriria que cooperássemos entre nós. Por hora, acredito que todos nós estamos de acordo que temos muito a ganhar se pudermos saber mais sobre a confusão em que estamos envolvidos, e muito a perder se nos apanharem.

As duas mulheres se olharam. Leslie foi a primeira a aceitá-lo com um leve assentimento de cabeça que finalmente Natashya imitou.

— Muito bem — da jaqueta, Lourds tirou o pen drive do estojo e abriu para estudar o que havia em seu interior. — Então, a primeira coisa a ser feita é ver o que Yuliya nos deixou.

*

Lourds se sentou a uma mesinha na cozinha, em que colocou seu laptop e conectou numa porta USB o pen drive que Yuliya havia lhe deixado.

— Faça uma cópia no disco rígido — aconselhou Natashya, que estava atrás dele.

Lourds notou o calor de seu corpo nas costas.

— Por quê? — perguntou Leslie, que havia se sentado à esquerda de Lourds para poder olhar.

— Isso se acontecer algo com o pen drive.

Apesar de saber o que Natashya tinha planejado, Lourds fez o que ela havia sugerido. E quando acabou, Natashya pegou o pen drive e o enfiou no bolso.

— Quanta confiança! — comentou amargamente Leslie.

— A confiança tem limites — replicou Natashya sem nenhuma animosidade. — Tampouco é incompatível com o senso comum. Vocês foram roubados, certo? Foram perseguidos, certo? Ter cópias é mais inteligente. E tê-las separadas, ainda mais.

Lourds não quis fazer nenhum comentário. Estava de acordo com

Natashya, mas pensou que comentar não iria melhorar em nada a relação entre ambas as mulheres. Pulsou o mouse e abriu o documento que havia sido criado com o conteúdo do pen drive.

Em um dos arquivos se lia: “abrir primeiro”. Lourds o fez sabendo que aquilo evitaria mais discussões entre as mulheres, pois as duas tinham mais curiosidade em saber o que Yuliya havia deixado do que continuar perdendo tempo discutindo.

Gary tinha coisas mais importantes em que pensar do que no conteúdo do pen drive. Após perceber a presença efetiva de uma boa e sortida despensa, pequena, mas consistente, se autoproclamou cozinheiro do grupo e pôs mãos à obra. Julgando pelo aroma que vinha da cozinha, o jovem realmente sabia o quanto poderia contribuir.

Uma janela de vídeo se abriu na tela do computador. A imagem de Yuliya Hapaev se viu borrada em um instante e no seguinte ocupou o centro da tela. Estava sentada atrás de sua mesa, com a câmera diante de si. Vestia o jaleco característico de uso em laboratório sobre um suéter esportivo de cor-de-rosa.

Natashya inspirou com força, mas não disse nada.

Lourds percebeu o que sentia aquela mulher, ele a compreendia, mas nesse momento a única coisa que podia fazer era conter suas próprias emoções. Yuliya havia sido uma mulher cheia de entusiasmo e uma boa mãe. Saber que ela tinha ido embora lhe doía profundamente. Seus olhos se nublaram e pestanejou para aclará-los.

— Olá, Thomas — disse Yuliya sorrindo.

Olá, Yuliya, pensou Lourds.

— Se você tem em seu poder esta gravação, só posso imaginar que algo tenha acontecido comigo — Yuliya ladeou a cabeça e sorriu de novo. — Parece um pouco idiota dizer algo assim, mas tanto você como eu sabemos que não me refiro a nada tão disparatado como o que acontece nos romances de espionagem. Imagino que tenha acontecido algo em um acidente de carro. — Franziu o cenho. — Ou talvez tenham me assaltado, ou meus chefes resolveram se livrar de mim.

Lourds se obrigou a olhá-la enquanto a mulher tentava continuar, sabendo que se sentira ridícula escolhendo as palavras. Notou que se formava um nó na garganta.

— É a terceira vez que faço uma dessas apresentações. Faz muitos anos, bebendo conhaque naquele refúgio para arqueólogos na França, que resolvemos que ficaria assim — sorriu. — A gente falava tão sério sobre o assunto estando bêbados!

Apesar do seu ânimo, apesar da perda, Lourds sorriu. Haviam se visto tantas vezes naquela época antes da França, mas sua amizade se solidificou ali.

— Certamente pensou que o acordo a que chegamos era uma brincadeira. Uma piada produzida pelo excesso de álcool, pela boa companhia e pelo fato de que nós dois adoramos os péssimos romances de espionagem. — continuou ela no vídeo. — Mas espero que encontre isto.

O rosto de Yuliya ficou de repente bem sério. Pegou o címbalo e o manteve elevado para mostrá-lo diante da câmera.

— Minhas pesquisas sobre este objeto se mostraram ser bem interessantes. Creio que seria uma pena que ninguém soubesse a verdade.

Sobretudo, porque levaram à sua morte, pensou Lourds.

Yuliya colocou o címbalo de lado.

— Estou a alguns dias tentando localizá-lo — a arqueóloga sorriu com tristeza. — Imagino que você deve estar em algum festim; a universidade deve ter insistido para que fosse. Ou talvez esteja andando atrás de alguma descoberta. Espero que seja um livro da biblioteca de Alexandria. Sei o quanto está interessado nisso e também sei que nenhuma outra coisa lhe afastaria de seus estudantes. Em qualquer caso, eu organizei os arquivos para lhe mostrar o que descobri sobre o címbalo. Onde o encontraram, como o encontraram e as minhas conclusões.

Apesar de não querer, Lourds olhou para a parte inferior do vídeo e viu que a apresentação chegava ao fim. Não estava preparado para ver como desaparecia Yuliya e teve que se conter para não congelar a imagem.

— Espero que o material que vim compilando lhe sirva de ajuda e que encontre o significado do címbalo — sorriu e encolheu os ombros. — Quem sabe? Talvez alguém em meu departamento encontre as

respostas antes que isto caia em suas mãos. Mas, sobretudo, espero estar lidando com você sobre este assunto dentro de alguns dias. Com um conhaque, diante de uma lareira e com meu marido e meus filhos, pensando que somos as pessoas mais chatas do planeta.

O nó na garganta de Lourds se apertou de forma insuportável. Sentiu uma lágrima no canto do olho. Ele a limpou com os dedos sem sentir nenhuma vergonha.

A imagem desapareceu da tela.

Ninguém disse nada quando o vídeo acabou. O ambiente estava carregado demais pela dor e pelo arrependimento. Leslie deixou Lourds e Natashya sozinhos com os seus sentimentos, mas a policial não se levantou da mesa.

Lourds afugentou os fantasmas de sua amiga e companheira.

Tinha que encontrar seus assassinos e resolver um mistério. A tristeza não ajudava Yuliya em nada.

Tirou um livrinho de anotações de páginas amarelas, sua ferramenta preferida para associar pensamentos livremente e anotou a estrutura dos documentos de Yuliya. Anotou a data de criação e depois suas atualizações conforme Yuliya ia descobrindo mais informações.

Dessa forma poderia seguir sua linha de pensamento e a cadeia lógica.

— Precisa de ajuda? — perguntou Natashya depois de um bom tempo.

— Não — respondeu Lourds, que dava uma olhada nos textos sobre o címbalo que Yuliya havia deixado. — Só tenho que ler tudo isso.

— Tudo bem — Natashya permaneceu em silêncio. Mas não saiu do lado do professor e prestou atenção em tudo o que ele ia fazendo.

Depois de uma hora, Gary deixou um autêntico banquete ao lado do computador e do livreto de Lourds.

O jovem não tinha encontrado nenhuma verdura fresca com a qual pudesse trabalhar, mas havia conseguido preparar um substancioso cozido com umas latas de batatas, cenouras, vagem e milho. Havia colocado alguns cubinhos de carne. Pão frito em azeite de oliva acompanhava os suprats com as tigelas com o cozido.

Atraído pelo aroma da comida depois de não ter ingerido nenhum

alimento o dia inteiro, Lourds afastou o computador. Enquanto fazia isso, os colegas o assaltaram com perguntas.

— Será que Yuliya sabia quem queria assassiná-la? — perguntou Natashya.

— Não acredito — respondeu Lourds. — Não encontrei nenhuma menção à alguém que a estivesse ameaçando. Não parecia estar preocupada com ninguém em especial, só percebia algumas questões políticas sobre o objeto. Os medos comuns de qualquer pesquisador.

— Não mencionou nenhum colecionador ou traficante de antiguidades?

— Não que eu tenha visto — respondeu o professor.

— Mas aquele que roubou a peça tem que ser alguém relacionado com esse mundo — insistiu Natashya.

— Por quê? — perguntou Leslie.

— Pela forma como descobriram o címbalo — respondeu enquanto tomava notas em cirílico em sua agenda digital.

Lourds conseguiu ler o suficiente para se dar conta de que eram anotações para ela mesma, das quais ele não entendia nada.

— Continuo sem entender essa dedução — disse Leslie.

Gary cortou um pedaço de pão e o untou com o cozido.

— Os assassinos se inteiraram da existência do címbalo pela página na web, moça. Ou estavam procurando esse objeto, ou controlavam o e-mail de Lourds. Senão, o teriam levado quando foi encontrado durante as escavações.

Todo mundo ficou olhando para o rapaz.

— Ei! — disse Gary um tanto intranquilo. — É só um comentário. É o que eu teria feito se quisesse tanto alguma coisa a ponto de matar por ela. Agarrar isso antes que viesse a público. Não é preciso ser muito inteligente para saber como apareceram os assassinos no laboratório da Dra. Hapaev. Além disso, procuravam o sino que Leslie encontrou em Alexandria. Estava na web também. Os bandidos seguem um determinado padrão e devem ter algum chefe.

— Então... Seriam colecionadores profissionais? — respondeu Leslie.

— Ou ladrões profissionais — interveio Natashya.

— De qualquer modo — continuou Gary —, estamos procurando alguém que conhece bem o que acontece no mundo das antiguidades. Lançaram-se sobre os objetos muito antes de vocês, os profissionais, saberem o que tinham nas mãos.

— O sino e o címbalo não são muito atraentes para os colecionadores — disse o professor. — São de barro e não de algum material precioso, têm umas inscrições que não foram traduzidas e pode ser que jamais sejam e parecem vir de uma cultura desconhecida. Os colecionadores gostam de objetos antigos, mas se sentem atraídos pelas coisas mais conhecidas e cobiçadas: bronzes chineses Shang e Tang, vasos Ming, objetos funerários egípcios, estátuas de mármore grego, ouro ou turquesas maias, bronzes ou mosaicos romanos. Coisas como essas. Para os colecionadores, o que lhes encanta são as coisas relacionadas com os governantes poderosos ou famosos. Conheço pessoas que matariam alegremente por uma carruagem de bronze tamanho natural da tumba do imperador Chin, por exemplo.

— Estes objetos são diferentes — continuou. — São antigos e misteriosos, e, assim sendo, atraem os pesquisadores e historiadores, mas não são do tipo de objetos que interessem os colecionadores ricos ou obcecados. Não se sabe de onde procedem. Não têm certificado de autenticidade. Nem sequer sabemos que cultura os originou. São antigos e interessantes, mas não são exatamente o Santo Graal.

— Mas, se não estão atrás dos instrumentos, o que estão exatamente procurando? — perguntou Leslie.

— Creio que sim, eles querem, sim, os tais instrumentos — disse Lourds. — Gary tem razão, acho que faz tempo que eles estavam procurando pelos objetos. Mas não acredito que fosse por eles mesmos, senão pelo que esses instrumentos representam.

— Assim sendo, nós estamos buscando algo que desperta um interesse muito especial. E as pessoas que tenham esse interesse — comentou Natashya.

— Sim, eu também acredito nisso — disse Lourds, que havia notado o lampejo frio nos olhos daquela mulher.

Estava seguro de que poderia ser uma assassina a sangue frio se assim o quisesse. Mas ele tampouco sentia nenhuma piedade pelos

homens que haviam assassinado Yuliya. De fato, o que ele desejava era um tiro certo por parte dela.

— A doutora Hapaev sabia de algo sobre a origem do címbalo? — perguntou Leslie.

— Sim, ela acreditava que provinha da África Ocidental. Mais ainda, estava segura de que havia sido fabricado pelo povo iorubá ou seus antepassados.

— Por quê?

— Os iorubás eram notáveis comerciantes, e ainda o são — respondeu Lourds.

— Também foram capturados e vendidos pelos traficantes de escravos — interveio Gary e todo mundo se voltou para ele. — Ei! Eu assisto ao Discovery Channel e o History Channel. Quando começamos a preparar este programa especial com o professor Lourds, estudei e juntei algum material que poderíamos utilizar. São histórias geniais. Pena que as coisas não saíram como eu esperava. Acreditava que teria mais escavações e menos assassinatos, cara.

— Sinto muito por tê-lo decepcionado — se desculpou Lourds. — Segundo Yuliya, devido ao tráfico de escravos, a língua dos iorubás rompeu fronteiras. É uma língua que segue o padrão SVO.

— Eu não tenho a mínima ideia do que significa isso — comentou Gary antes de levar outra colherada à boca.

— É um termo de linguagem específico da minha área profissional. Significa “sujeito-verbo-objeto”. É a sequência, a ordem se preferir, na qual as palavras aparecem nas frases faladas ou escritas de uma cultura. Em inglês, da mesma forma que 75% dos idiomas mundiais, segue-se essa sequência. Um exemplo que poderia ser usado agora: “Pedro foi à casa”. Entendeu?

Todo mundo assentiu, inclusive Gary. Lourds continuou:

— A língua iorubá também é tonal. A maioria dos idiomas o é. Em geral, quanto mais antiga é uma língua, mais possibilidades há de que seja tonal. O chinês, por exemplo, é um idioma tonal. Menos de um quarto das línguas mundiais compartilha dessa característica. A língua iorubá é única nesse sentido.

— Por que Yuliya acreditava que o objeto provinha da África

Ocidental? — perguntou Leslie. — Não foi encontrado aqui?

— Sim, mas ela acreditava que se tratava de um artigo de comércio e que não fora fabricado aqui. O tipo de cerâmica não tem relação com o local em absoluto. Além disso, algumas das inscrições do címbalo foram feitas numa data posterior. Para demonstrar quem era o dono. Yuliya o anotou em seus apontamentos. Dá para ver essas inscrições em algumas das fotografias.

— Estão na língua iorubá? — inquiriu Natashya.

Lourds assentiu.

— Tenho lido o suficiente desse idioma para reconhecê-lo. Mas a língua original do címbalo, o que Yuliya acreditava que era a língua original, não é iorubá. É outra coisa.

— Deve ter sido uma loucura para ela. Suponho que por isso queria colocar-se em contato com você — interveio Leslie.

— Imagino que sim — disse Lourds.

— Você tem como decifrar a língua do sino e do címbalo? — perguntou Leslie.

— São duas línguas diferentes. Com o tempo creio que poderei decifrar as inscrições. Seria muito bom ter mais um texto com que trabalhar. Quanto menor é a amostra com que trabalha um linguista, mais difícil se torna o processo.

— De quanto tempo você necessitaria? — perguntou Natashya.

Lourds a olhou e decidiu ser sincero com ela.

— Poderia demorar dias, semanas, anos...

Natashya soltou um palavrão em russo e depois bufou com força.

— Não temos tanto tempo.

— Uma tarefa como esta pode ser imensa — Lourds finalmente confessou.

Os olhos de Natashya jorraram faíscas de indignação.

— Esses homens assassinaram minha irmã para conseguir o címbalo. Creio que estavam compromissados com algum tipo de prazo. Por isso tomaram medidas tão desesperadas. Se eles têm um problema com datas, isso os deixa mais vulneráveis.

— Se você tiver razão sobre o fato de que sabiam da existência do sino e do címbalo antes que eles aparecessem, então a pessoa que fez

isso podia estar há muitos anos procurando por eles. Pode ser que simplesmente estejam desesperados por tê-los procurado durante tanto e tanto tempo — comentou Gary.

— Não posso esconder vocês na cidade enquanto buscam informações — disse Natashya. — Além do meu trabalho, está a questão dos homens que tentaram assassiná-los.

— Não creio que aqui iremos conseguir mais informação — disse Lourds. — Se estivesse aqui, tenho certeza de que Yuliya já teria encontrado — ele se aproximou do computador e abriu outra pasta. — Ela nos deixou uma pista a ser seguida.

— Que pista? — perguntou Natashya, inclinando-se em direção a ele.

— Ela menciona um homem em Halle, Alemanha, que é uma autoridade em língua iorubá. O professor Joachim Fleinhardt, do Instituto Max Planck de Antropologia Social.

— Alemanha? — repetiu Natashya, franzindo a testa.

— Segundo os apontamentos de Yuliya — continuou Lourds —, o professor Fleinhardt é uma eminência no que se trata de escravos da África Ocidental. Sua irmã iria entrar em contato com ele depois de escrever-me.

Natashya se levantou e foi em direção à janela. Abriu as cortinas e olhou para o mundo lá fora.

Lourds tomou mais uma colherada do cozido e comeu um pouco de pão. Observou a mulher que estava pensando. Não podia imaginar o que se passava em sua cabeça, mas estava certo de que o desejo de capturar os assassinos de sua irmã predominava em seus pensamentos.

Finalmente ela deu a volta e se colocou à frente deles.

— Vou fazer uns telefonemas. Fiquem aqui até que eu volte.

Leslie se ofendeu.

— Você não pode nos dar ordens, assim, sem mais nem menos.

— E tampouco poderei protegê-los desses sujeitos se vocês saírem por aí se aventurando pela cidade — replicou Natashya num tom severo.

— Eles querem a informação que minha irmã deixou para Lourds. Eles sabem que ele está com ela, então se vocês acreditam que estarão melhor sem mim, podem ir. Talvez eu venha me inteirar de quem são esses homens quando investigar sobre o assassinato de vocês.

— A inspetora Safarov tem razão, Leslie — disse amavelmente Lourds. — Sair do país pode ser problemático. Pelo menos da forma convencional.

Leslie cruzou os braços sobre o peito com cara de poucos amigos.

— Bem, eu já vou. Com um pouco de sorte, talvez encontre a forma para que possamos ir até Halle — disse Natashya.

— Possamos? — repetiu Leslie.

— Possamos — confirmou Natashya. — Nenhum de vocês está preparado para enfrentar esse tipo de gente.

Saiu do apartamento sem dizer mais nenhuma palavra, e a porta se fechou atrás dela.

CAPÍTULO

10

MOSCOU, RÚSSIA

21 DE AGOSTO DE 2009

Lourds estava apoiado no parapeito da janela e observava a loja da esquina em que Natashya Safarov havia entrado. Quase não podia ver enquanto ela falava ao telefone apoiada à janela empoeirada.

— Para quem você acha que ela está telefonando? — perguntou Leslie.

— Não sei.

— Pode ser que esteja avisando a polícia. E se estiver fazendo isso, certamente nos prenderá.

— Se ela quisesse fazer tal coisa, já teria feito — assegurou Lourds.

— Ela possui uma arma e tem demonstrado que está disposta a utilizá-la — comentou Gary.

Leslie franziu a testa olhando o câmara.

— Só estou comentando, só isso — se defendeu. — Assim, como se fosse uma notícia de última hora.

— Acho que está tentando averiguar quem ela matou — disse Lourds. — A esta altura, a polícia já terá identificado o cara. Com um pouco de sorte, já devem ter prendido todos os envolvidos.

— Isso ainda nos deixa presos aqui — disse Leslie.

— Não necessariamente. Sempre há formas prudentes de entrar e sair de um país — disse Lourds. Pegou sua mochila, tirou o celular e digitou um número que estava na memória.

Natashya entrou numa loja para telefonar de um telefone público. A janela ao lado do aparelho dava para o edifício em que havia deixado Lourds e seus amigos. Olhou para o apartamento e acreditou ver a figura de alguém apoiado no parapeito da janela.

Amadores, ela pensou franzindo a testa.

Uma mulher muito magra com três crianças de olhos afundados passava diante da porta quando o superior de Natashya respondeu.

— Chernovsky — disse ele bruscamente.

— Aqui é Natashya Safarov, preciso falar com você.

Durante um momento se instaurou um desagradável silêncio. Natashya não gostava de aborrecer Chernovsky e decepcioná-lo ainda mais.

Ivan Chernovsky tinha muita experiência na polícia de Moscou. Era um dos poucos que tinham sobrevivido à queda do comunismo e mantido o seu posto. Isso dizia muito dele. Muitos policiais haviam se associado com os criminosos que tinham perseguido e contra os que haviam lutado nas ruas. Chernovsky havia se mantido fiel aos seus princípios.

Também havia respondido por Natashya — quando a situação o requeria — e ele tinha lhe dado cobertura. Natashya nem sempre seguia ao pé da letra o que a lei ordenava. O poder e os privilégios continuavam prevalecendo em Moscou, talvez mais do que nunca. Natashya não permitia que nada disso se interpusesse em seu caminho.

— Sobre o que você está querendo falar? — perguntou ele friamente.

— Sobre o homem que matou na rua há pouco mais de uma hora ou de outra coisa?

Natashya não respondeu a pergunta. Sempre que podia, se rebelava contra a autoridade. Os dois sabiam disso. Mas no fim das contas sempre havia feito o que o departamento pedira.

— Tenho uma pista sobre os assassinos de minha irmã.

— Que pista?

— Por hora prefiro não dizer nada a respeito.

Natashya observou os transeuntes.

— Você está com o professor Thomas Lourds, o norte-americano, certo? — disse ao tempo de virar uma página, enquanto se ouvia o farfalhar de papéis.

Natashya hesitou por um segundo.

— Sim.

— Ele está bem?

— Sim.

— Conte-me o que está acontecendo.

— Não sei ao certo. Pelo menos não tudo. Lourds tem relação com a morte de minha irmã.

— Evidentemente, ele não é o responsável — afirmou de forma racional Chernovsky depois de suspirar.

— Ele está sendo perseguido pelas mesmas pessoas que assassinaram Yuliya.

— Para matá-lo?

— Não acredito nisso — respondeu a policial. — Pelo menos não parecem dispostos a fazê-lo por hora. E não acho que estejam tão preocupados com os britânicos que o acompanham.

— Ah! — exclamou ao mesmo tempo em que se ouvia o manuseio de mais papéis. — A equipe de televisão britânica.

— Sim.

— Por que você me telefonou, Natashya?

— Minha irmã deixou certa informação para Lourds sobre o projeto no qual estava trabalhando.

— O címbalo?

— Sim.

— Por que deixou para ele? — perguntou o homem do outro lado da linha.

— Porque acreditava que ele podia decifrar as inscrições que havia no objeto.

— Ninguém mais pode fazer isso? Em Moscou há muitos especialistas.

— Yuliya confiava nele — respondeu ela.

— E você?

Natashya duvidou.

— Não sei, mas Lourds e os britânicos também foram roubados.

— O quê?

— Um sino.

A mulher bem magra entrou na loja com as crianças. Um garotinho ficou no corredor do pão. Não devia ter nem seis anos e parecia um daqueles palitos para comer comida chinesa. Olhou para a variedade de pães e bolos que estavam dispostos nas gôndolas.

— Que tipo de sino? — perguntou Chernovsky.

— É tão misterioso quanto o címbalo com que Yuliya estava trabalhando.

Chernovsky ficou calado por um momento.

— Deve haver alguém para quem esses instrumentos musicais não são tão misteriosos.

— Lourds tem a mesma opinião. — respondeu a policial.

— O que pensa fazer?

— Acompanhar Lourds. Yuliya estava mantendo contato com um professor de antropologia de Leipzig. Lourds quer ir até lá.

— Desaparecer do país com alguém que está sendo procurado para ser interrogado por sua relação com um assassinato será como fazer um truque de mágica — comentou Chernovsky. — Mesmo que você não fosse uma policial que também está sendo procurada.

— Sei disso.

— Não posso ajudá-la nisso, Natashya.

— Não estou lhe pedindo isso. Se tivesse pensado que pudesse me apoiar, já teria pedido.

— Então, por que me telefonou?

— Por respeito. E porque preciso de informação que talvez possa me ser útil mais lá na frente — se não fosse pela ajuda que Chernovsky poderia lhe facilitar, a policial teria seguido adiante sem telefonar-lhe.

Os dois também sabiam disso.

— Obrigado — disse Chernovsky. — Do que está precisando?

— Vocês já identificaram o homem em quem eu atirei?

— Ainda não, mas acredito que haverá alguma possibilidade. Os homens que o acompanhavam tentaram levar seu corpo quando desapareceram da cena. Conseguiram fugir, mas acabaram deixando o cadáver. Agora está nas mãos do departamento forense.

Natashya suspirou. Tinha esperança na identificação das digitais. Isso teria sido o melhor. O trabalho dos forenses representava uma possibilidade mais débil. Nem sequer os norte-americanos tinham uma equipe científica tão deslumbrante como da série de TV *CSI*.

— Está com o seu celular?

— Não — graças à tecnologia GPS, Natashya sabia que poderia ser

localizada. — Eu entrarei em contato com você quando puder.

— De Leipzig?

— Se puder...

— Tenha cuidado, Natashya. Os homens que assassinaram Yuliya são profissionais.

— Sei disso, mas estou acostumada a tratar com gente que nem eles. Hoje em dia os criminosos de Moscou são muito perigosos.

— Mas esses tipos, você já os conhece. Sabe que estão dispostos a correr riscos. Neste caso, você não sabe o que está em jogo. Com esses homens... — Chernovsky inspirou profundamente. — Não deveriam continuar por aqui, deveriam ter saído da Rússia.

— Mas não fizeram isso e esse será seu erro — disse Natashya.

— Que não seja o seu — ele aconselhou.

— Não será.

— Entre em contato comigo assim que puder. Farei todo o possível para ajudá-la. Sua irmã era uma boa pessoa, como você. Cuide-se.

Natashya lhe agradeceu e se despediu. Em seguida, desligou o telefone.

A mãe havia perambulado pela loja para fazer uma escassa compra. Natashya procurou nos bolsos e encontrou algum dinheiro. Aproximou-se do menino de olhos famintos. Lembrou-se dos tempos em que Yuliya e ela tinham que sobreviver sem muitas coisas. Só se deu conta de todos os sacrifícios que sua irmã fez por ela depois quando estava mais velha.

— Dê isto a sua mãe — Natashya colocou o dinheiro na mão do menino. — Você me entendeu?

O garoto assentiu.

A mãe viu que Natashya falava com seu filho e ficou nervosa. Às vezes as crianças desapareciam nas ruas de Moscou e não se voltava a ter mais nenhuma notícia deles. Corriam rumores e meias verdades sobre contrabandistas de órgãos para o mercado negro que levavam as crianças e adolescentes ao Ocidente e os partiam em pedaços para os compradores.

Logo em seguida, Natashya foi embora. Mostrar as credenciais de polícia só iria assustar ainda mais aquela mãe. A Rússia era um lugar

difícil e triste de se viver naqueles tempos.

E iria ser pior ainda sem Yuliya.

*

— *Danilovic's Fabulous Antiquities* — respondeu uma voz masculina em inglês e depois repetiu o cumprimento de apresentação em russo e em francês. — Em que posso ajudar-lhe?

— Josef — cumprimentou Lourds.

— Thomas! — a voz de Josef Danilovic saiu do tom profissional e passou para algo próximo da euforia. — Meu velho amigo, como vai? Faz muito tempo que não o vejo.

Lourds havia se encontrado por casualidade com Danilovic enquanto decifrava as línguas de uns manuscritos iluminados que provinham da Rússia. Lourds descobriu alguns de autenticidade duvidosa. Nenhum deles estava totalmente fora dos padrões, tal e qual os linguistas estipulavam, mas saber qual era real ou qual era falso, frequentemente, era de grande ajuda.

Acabou que Danilovic tinha vendido três dos manuscritos que Lourds tinha estudado para universidades norte-americanas e britânicas.

Após longos jantares com muitas histórias para distrair e algumas mentiras para deleite, Danilovic e Lourds se tornaram amigos. Este lhe confessou que havia negociado os manuscritos falsos. Depois de tudo, ele lhe explicou que a tarefa de um traficante de antiguidades nesta vida é assegurar-se de que o comprador fique satisfeito com a sua aquisição. E essas aquisições não tinham que ser necessariamente autênticas.

Danilovic era um pilantra daqueles bem elegantes. Jamais roubava alguém de mão armada, ainda que tratasse com alguns indesejáveis que sim, eles sim o faziam. Mas Lourds sabia que o homem nunca deixava de ter lucro, fosse como fosse.

— Estou bem — disse enquanto via pela janela que Natashya continuava conversando.

Trocou cumprimentos com Danilovic e alguma outra história antes de ir ao ponto.

— Estou em apuros, Josef.

— Ah! — exclamou Danilovic. — Nunca imaginei que você pudesse se meter em problemas, Thomas.

— Não é algo que eu cavei ou que eu tenha procurado, isso eu posso lhe garantir, mas é da mesma forma um problema.

— Se puder fazer algo por você, é só pedir.

— Estou em Moscou. Tenho que sair do país sem que ninguém saiba disso — disse Lourds.

Produziu-se uma pequena pausa.

— A polícia está à sua procura?

— Sim, mas são outras pessoas que me preocupam. Não sei se deixaram de nos perseguir.

— Me dê uma hora. Mas até lá você ficará bem, certo? Está precisando de alguma coisa?

Lourds sentiu na alma a preocupação de seu amigo. Durante aqueles anos, todos eles haviam se encontrado e desencontrado, mas a manutenção de sua amizade tinha sido esporádica. Contudo, compartilhavam pela história um afeto que se igualaria a bem poucos.

— Não, estamos bem.

— Maravilha. Deixe-me seu número para que possa telefonar-lhe assim que estiver tudo pronto.

Lourds obedeceu e acrescentou:

— Eu irei também lhe enviar umas fotografias por *e-mail*.

— Fotos? De quê?

— De algumas coisas que eu gostaria que perguntasse por aí, mas com certa discrição — afinal, depois de tudo o que Danilovic estava fazendo por eles, acreditou que lhe devia essa informação. Logo em seguida se deu conta de que se via forçado a confiar naquele homem e se surpreendeu ao notar o quanto estava disposto a fazê-lo.

— Que coisas?

Viu que Natashya desligava o telefone e saía da loja. Notou que averiguava bem a rua antes de dirigir-se ao edifício de apartamentos.

— Eu lhe explicarei quanto estiver pessoalmente com você. Até então, se puder encontrar alguma informação sobre o que eu estou lhe enviando, desde já me sinto muito agradecido.

— Cuide-se amigo. Quero vê-lo em breve — despediu-se o homem

do outro lado da linha.

Lourds se despediu também e desligou.

— Você tem como telefonar para alguém e nos tirar de Moscou sem problemas, colega? — perguntou Gary incrédulo.

Lourds o olhou, o jovem parecia pasmo. Leslie, surpresa, havia levantado as sobrancelhas, arqueando-as.

— Assim espero, mas ainda temos que aguardar. Vamos ver...

*

Alguém batia à porta.

Lourds levantou os olhos acima do computador. Eram 22 horas e 23 minutos. Ele pensava que a ajuda de Danilovic não chegaria mais.

Gary cochilava em uma cadeira com uma revista no peito. Leslie estava ao seu lado, tal como havia feito praticamente o tempo todo. Permanecera trabalhando em seu computador enquanto Lourds procurava na internet os *links* que Yuliya mencionava em seus apontamentos.

Natashya se aproximou da janela fechada que dava para a rua. Enfiou a mão na jaqueta e tirou uma arma.

A boca de Lourds secou quando fechou o computador.

Natashya apoiou as costas na parede, ao lado da porta, com as mãos na arma.

— Quem é? — perguntou em russo.

— Sou Plehve. Venho em nome de Josef Danilovic.

A tensão torturou Lourds e sentiu que o coração acelerava. Leslie colocou uma de suas mãos em seu braço quando se levantou.

— Você está só? — perguntou Natashya.

— Estou só — respondeu Plehve.

— Se não estiver, eu o matarei e espero fazer o mesmo com qualquer pessoa que esteja atrás de você — ameaçou.

Ela abriu a porta com um só movimento ao mesmo tempo em que levantava a arma diante dela.

Um homem, de mais idade e encurvado, esperava na soleira. Usava um abrigo desgastado até os joelhos e um velho chapéu na mão.

— Eu preferiria que não disparasse em mim — disse em russo.

Natashya puxou com uma mão o homem para dentro. Este tropeçou e quase caiu. Natashya o conduziu com facilidade. Manteve a arma perto do seu corpo para que ninguém pudesse arrebatá-la com facilidade.

— Quietos! — disse Natashya, mudando de idioma.

Lourds pensou que era uma postura para manter a ordem entre os que não falavam russo.

— Claro — o ancião não se alterou. Dava a impressão de que o fato de o arrastarem para um quarto na metade da noite com uma arma apontada para ele era algo normal.

Natashya esperou ao lado de Plehve. Manteve seu corpo entre a pistola e a porta. Depois de algum tempo, quando ninguém jogou a porta abaixo, baixou a arma, mas não a guardou. Assentiu.

— Posso fumar? — perguntou Plehve.

— Naturalmente — respondeu Natashya.

O ancião tirou o maço de cigarros da jaqueta e acendeu um. Inalou e depois soltou a fumaça antes de afastá-la com uma mão.

— Você demorou — acusou Natashya.

Plehve sorriu:

— Sua gente é boa na hora de pescar os que quebram a lei nestes dias. O sistema penitenciário é severo. E talvez Josef tenha subestimado minhas capacidades.

— Espero que não na hora de nos tirar da Rússia — disse Natashya.

— Pode confiar — assegurou Plehve.

Minutos mais tarde, Lourds seguia aquele homem. Leslie e Gary iam atrás dele e Natashya ia atrás de todos eles, fechando a fila.

Após atravessar a rua, cruzaram uma viela. Plehve tinha um Zil de dez anos de uso, um carro de fabricação russa esperando nas sombras. Com um gesto elegante, abriu a porta para Leslie e para Lourds.

Natashya recusou o convite de sentar-se no banco traseiro, deu a volta no veículo e se acomodou no assento do passageiro. Então Lourds se deu conta de que a luz interior não tinha se acendido. Evidentemente, Plehve era um homem precavido.

Uma vez acomodados, Plehve se colocou ao volante e saíram dali. Foi o momento em que Lourds soltou uma tensa expiração que vinha

contendo já algum tempo.

Ninguém disse uma palavra até que saíram dos limites da cidade. O ancião mantinha uma mão no volante e, com a outra, fumava um cigarro atrás do outro. Ao que parecia, Plehve não confiava tanto em poder concluir o traslado, que lhe tinham encarregado.

Em um dado momento, comentou que a viagem duraria quase vinte horas se a fizessem sem pausa, parando apenas para abastecer e ir ao banheiro. Lourds se surpreendeu ao comprovar o cansaço que se apoderara dele, além do que, também podia ser uma reação natural pelo fato de não ter nada que fazer.

Dormiu um pouco.

— Por que acredita que minha irmã se colocou em contato com o Instituto Planck? — perguntou Natashya.

Seus olhos ardiam, porque desde o assassinato de Yuliya não havia conseguido mais dormir bem. Olhou fixamente para Lourds, que fazia poucos minutos havia despertado.

— Yuliya acreditava que os cátaros levaram o címbalo para a Rússia, até então chamada Rus.

— E quem eram esses caras? — perguntou Natashya sem deixar de prestar atenção.

— Os historiadores não se põem de acordo sobre a verdadeira origem dos cátaros — explicou Lourds. — Há aqueles que os relacionam com as tribos perdidas que se dispersaram após a destruição de Israel. A ideia mais aceita hoje é que eram turcos. Sei alguma coisa sobre eles porque escrevi umas monografias sobre a língua uigur.

Natashya não disse nada. Sabia que Yuliya tinha Lourds em alta estima, mas também sabia que não havia estudado o suficiente essas coisas para discernir se ele estava dizendo a verdade ou inventando tudo. Assim, preferiu observar se algum de seus gestos confirmava que estava mentindo. Nisso sim, nisso ela era boa.

— Faziam parte da cultura huna — continuou Lourds. — Formavam clãs e percorriam o mundo para comercializar tudo o que pudessem. Inclusive seu nome tem suas raízes nessa atividade. A palavra “cátaro” tem relação com o verbo turco “gezer”, que literalmente quer dizer “errar”.

Eram simplesmente nômades.

— Minha irmã era arqueóloga — ao falar de Yuliya no passado, Natashya notou a oscilação da sua voz — e sabia história. Como é que você sabe tudo isso?

Lourds tomou um gole de água da garrafa.

— A linguística e a arqueologia coincidem até certo ponto. Essa coincidência depende de quanto o linguista ou o arqueólogo se aprofunda em seus conhecimentos. Yuliya e eu o fazíamos com tenacidade, aprendíamos constantemente. Era como ir à escola todos os dias.

Natashya concordou com aquilo. Houve um tempo em que sua irmã sempre tinha à mão um grosso livro sobre algum assunto difícil.

— Você tem certeza de que os cátaros não fabricaram o sino? — perguntou Natashya.

— Tenho quase certeza. Yuliya tinha a mesma opinião. Acreditava que eles o conseguiram através dos iorubás.

— E de onde vieram eles?

— Da África Ocidental.

— Mas é um continente muito grande.

— Sim, por isso vamos ao Instituto Max Plank. Yuliya tinha pedido para ver ali alguns documentos.

— Minha irmã queria ir para Leipzig? — a policial pareceu surpresa.

— Isso é o que diziam os seus apontamentos. E se fosse possível ela queria que eu a acompanhasse para ajudá-la nas traduções.

— Por que em Leipzig? Não seria mais fácil ir diretamente para a África Ocidental?

— Os documentos que sua irmã queria consultar já não estavam mais lá. Estão sendo guardados em Leipzig. O Instituto Max Plank continua investigando, pesquisando e estudando a história da escravidão e das culturas africanas perdidas.

— E não existem museus na África Ocidental? — insistiu Natashya.

— Ou algum outro lugar para guardar esses documentos empoeirados?

Lourds sorriu.

— Claro que sim — disse ele, antes de tomar outro gole de água. — Mas não podem armazenar informação de toda a sua história. Muito dela

foi perdido.

Pela forma como semicerrou os olhos e coçou o queixo, Natashya pensou que ele estava reorganizando seus pensamentos. Ao olhá-lo minuciosamente, ela se deu conta de que era um homem bem charmoso. Duvidava bastante que sua irmã gostava dele somente pela sua forma de pensar, por mais fascinante que fosse. Mas, é claro, a fidelidade para com o seu marido estava fora de qualquer dúvida.

— Quando se destroem e subjugam as culturas da forma como foi feito na África, sua história se dispersa, se perde e às vezes se reescreve. — disse Lourds. — Os museus da África Ocidental em Benin, Nigéria e Senegal e nos outros doze países dessa região só possuem uma pequena parte do que existiu um dia.

— E o restante foi destruído?

— Destruído e perdido. Vendido e roubado, mas em sua maioria foi perdido. Muito da sua história se preservou oralmente. Gerações após gerações iam contando histórias e as transmitindo. Essas, infelizmente, se perderam para sempre. Mas alguns objetos os colecionadores compraram. Muitas peças estão em mãos de colecionadores particulares e museus de todo o mundo. Nunca se sabe onde pode aparecer uma peça. Como o címbalo.

— Você ainda não me disse por que Yuliya acreditava que os cátaros haviam levado o címbalo para o norte da Rússia — disse Natashya.

Lourds pegou o computador e o abriu. Teclou algo e rapidamente apareceu na tela uma fotografia de moedas que pareciam antigas.

— O que é isso? — perguntou ela, cada vez mais interessada.

— Eles as encontraram no mesmo lugar do címbalo. Pertencem à mesma escavação. Os estudos estratigráficos demonstram que foram deixadas ali no mesmo tempo.

— Deixadas?

— Isso era o que Yuliya pensava. Segundo as anotações da equipe de arqueólogos que descobriu os objetos, encontraram o címbalo e as moedas ao mesmo tempo.

— E por que as deixariam ali?

— Só posso arriscar uma suposição, mas estou de acordo com o que Yuliya deduziu. Quem quer que tenha deixado o címbalo e as *yarmaq*

tentava escondê-los para que ninguém os levasse.

Natashya pensava e dava voltas no assunto. A possibilidade de que tivessem procurado o címbalo há centenas de anos, da mesma forma que o procuravam neste momento, a intrigava. Quem poderia saber da existência de algo que estava perdido há tanto tempo? Quem poderia se lembrar dele depois da grande quantidade de anos que haviam passado desde que o esconderam? E quem o queria na atualidade?

— Essas moedas foram o que convenceu Yuliya de que os cátaros haviam levado o címbalo para o norte de Rus — continuou Lourds. — As moedas são *yarmaq*. Quem as cunhavam eram os tártaros. Eram tão uniformes e puras que foram utilizadas no comércio de toda a Rus, Europa e China.

Natashya observou as moedas que apareciam naquela imagem digital. Em uma das faces, via-se um homem estendido em uma liteira. Yuliya também havia tirado fotos do anverso, que mostrava uma estrutura que parecia um templo ou talvez uma sala de reuniões.

— Assim, vamos a Leipzig para averiguar por que os cátaros levaram o címbalo para Rus? — perguntou Leslie que, sem dúvida, havia acordado em algum momento da conversa.

— Não exatamente — respondeu Lourds. — Vamos até lá para procurar documentos sobre o címbalo. Levando em consideração que a língua que há nele, ou parte dela, é iorubá, espero que possamos encontrar alguma pista sobre sua procedência; descobrir como e por que a conseguiram os cátaros seria como um presente adicional.

CAPÍTULO

11

GABINETE DO PAPA INOCÊNCIO XIV

CIDADE-ESTADO DO VATICANO

22 DE AGOSTO DE 2009

A tensão roía o estômago do cardeal Murani e esfolava seus nervos enquanto se sentava do lado de fora do gabinete do papa. A cadeira era confortável, apesar da ornamentação. Ele virava distraidamente as páginas de um livro sobre a história da Europa Oriental, mas não estava lendo, na verdade. Sua mente estava confusa demais para isso.

Olhou para o relógio de pulso e viu que eram 8h13 da manhã. O relógio marcava apenas três minutos mais tarde desde a última vez que conferira. Ele estendeu a mão para virar uma página e descobriu que ela estava tremendo um pouco. Esse tremor capturou sua atenção. E passou a estudá-lo com crescente interesse.

Medo? Perguntou-se. Ou antecipação? Ele não sabia o motivo pelo qual o papa havia marcado essa reunião.

Começou a flexionar o pulso, desejando que sua mão ficasse imóvel. E foi o que aconteceu. O cardeal sorriu, contente com o controle que exercia sobre si mesmo. No fim das contas, isso era tudo o que realmente importava.

A porta que dava para o gabinete do papa se abriu. Um jovem padre saiu de dentro e olhou para Murani.

— Cardeal Murani? — perguntou o jovem sacerdote.

Sua primeira reação foi pensar que o padre estava sendo insolente por ter que perguntar seu nome. Afinal, ele era conhecido em todo o Vaticano.

Então Murani percebeu que ele não conhecia o homem. Claro, isso era aceitável. Murani não se incomodava em guardar os nomes dos sacerdotes, a menos que eles o ajudassem ou o ofendessem.

— Sim — respondeu Murani.

O jovem padre acenou com a cabeça e fez um movimento com as mãos, convidando-a a entrar no gabinete:

— Sua Santidade irá vê-lo agora.

Murani colocou o livro de volta na bolsa de couro que carregava. Então ele se levantou.

— Claro — disse ele.

Mas o cardeal esperava estar se sentindo mais confiante.

— Bom-dia, cardeal Murani.

O papa Inocêncio XIV acenou com a mão, apontando uma das enormes cadeiras forradas que ficavam diante de sua mesa. A superfície polida refletia a opulência da sala:

— Espero que não tenha feito esperar muito tempo — disse o papa.

— Claro que não, Vossa Santidade — Murani sabia que nenhuma outra resposta era permitida. E se aproximou do papa.

Inocêncio XIV parecia bem para um homem em seus 70 anos. Sua estrutura enxuta não mostrava nenhum excesso de gordura, e seus olhos azuis reluziam com segurança. Seu rosto parecia o de um falcão, escondido por trás de um nariz enorme. Anos de estudo de textos arcanos tinham deixado sua cabeça um pouco afundada entre as omoplatas. Suas vestes brancas se assemelhavam à plumagem de uma pomba, mas Murani sabia que aquela imagem era enganosa. Não havia nada de suave e de delicado sobre esse papa.

Antes de ser eleito para o papado pelo Sacro Colégio dos Cardeais, Wilhelm Weierstrass tinha sido bibliotecário dentro desse corpo. Ele era um bispo de carreira medíocre. E Murani tinha certeza de que seus anos como papa iriam ser igualmente medíocres. Ele não mudaria nada nem dirigiria nada e, ao final, não conseguiria nada na hora de reafirmar o papel da Igreja no mundo. Murani não tinha votado no homem.

— Fui informado de que você está se sentindo melhor — disse o papa.

— Estou, Vossa Santidade — Murani ajoelhou-se ligeiramente e beijou o Anel do Pescador do papa antes de se sentar.

Olhando ao redor da sala, Murani notou a presença dos dois membros da Guarda Suíça dentro do recinto. Estavam perfilados em posição de sentido, um de cada lado de Sua Santidade.

A Guarda Suíça Pontifícia havia sido criada em 1506 pelo papa Júlio II, mas o papa Sisto IV e Inocêncio VIII tinham fornecido as bases para o recrutamento de mercenários para sua proteção. Até agora, a Guarda Suíça Pontifícia era a única unidade que havia sobrevivido. Sua existência tinha começado como uma ramificação do exército regular suíço de mercenários que tinha espalhado soldados em toda a Europa.

Embora a Guarda Suíça ainda usasse seu tradicional uniforme vermelho, azul, amarelo e laranja em ocasiões especiais, na maioria das vezes eles estavam vestidos como agora, em sólidos uniformes azuis com colarinho branco, com faixa marrom e boina preta. Os que estavam nos aposentos do papa portavam pistolas semiautomáticas SIG P7, e os sargentos levavam uma pistola-metralhadora Heckler & Koch. Esta última havia sido integrada ao armamento da guarda depois que o papa João Paulo II quase tinha sido assassinado.

Murani apoiou os cotovelos nos braços da cadeira e descansou seus dedos sob o queixo. Ele não se sentia confortável nos aposentos do papa, mas se esforçou para dar a impressão de que se sentia bem.

— Você ficou doente alguns dias — disse o papa.

Murani assentiu.

— Eu estava pensando — continuou o pontífice — se você não devia considerar procurar atendimento de um médico.

Por um momento Murani sentiu-se intrigado. Então ele percebeu que Inocêncio XIV estava na verdade apontando que, apesar do fato de sua “doença” ser contínua, o cardeal ainda não tinha ido procurar um médico.

Aquilo fora um descuido. Murani prometeu a si mesmo que iria ser mais cuidadoso no futuro.

— Acho que foi apenas um ataque de gripe, Vossa Santidade. — respondeu ele. — Nada que fosse preciso incomodar um médico.

Suas palavras soaram pouco convincentes.

O papa acenou com a cabeça.

— Ainda assim, essa gripe... Ela o afastou vários dias de seu trabalho.

O silêncio pesado e opressivo espalhou-se por toda a sala. Murani sabia que o papa não acreditara nele.

— Sim, Vossa Santidade. Felizmente tenho muitos anos ainda para oferecer meus serviços a Deus.

— Também me chamou atenção seu interesse desmesurado pelo trabalho do padre Sebastian na Espanha.

— O mundo inteiro parece estar tomado de um interesse desmesurado pelo trabalho do padre Sebastian — replicou Murani. — A escavação em Cádiz parece ter capturado a atenção de todo o mundo.

— Isso realmente é uma infelicidade. Eu sinto que o mundo estaria mais bem servido se voltasse sua atenção para outros objetivos.

Murani supôs que o papa não estava muito preocupado com a atenção do mundo. Era a atenção de Murani a que o papa estava se referindo.

— Tenho certeza de que não passarão mais de dois ou três dias — disse o cardeal — até que algum incidente no Oriente Médio, a economia mundial ou a morte de uma celebridade venha a desviar a atenção.

— Eu não gostaria que acontecesse nenhuma dessas coisas — replicou o papa.

A raiva se agitava dentro de Murani e ele mal a conseguia conter. *Não, pensou ferozmente, se dependesse de você nada aconteceria. Você simplesmente preencheria esse cargo de papa e continuaria reproduzindo o vazio que a Igreja tem suportado com os últimos papas.*

O cardeal obrigou-se a respirar com calma, mas a raiva que sentia era como uma pedra em seu peito que ameaçava se desprender. Inocêncio XIV era apenas mais um câncer que prosperava dentro da Igreja e sugava sua força.

— Eu sei que você tem muitas coisas para fazer, cardeal Murani — o papa desviou o olhar para a agenda sobre a mesa diante dele. — Você e eu não temos tido a chance de conversar faz tempo. Creio que seria melhor voltarmos a nos ver.

— Claro, Vossa Santidade.

Murani sabia que aquilo tinha sido um aviso. O papa o estava vigiando. A mensagem e a ameaça implícita eram claras.

— Você tem sido negligente em suas obrigações, Stefano.

Murani olhou para o homem mais velho sentado diante dele naquela pequena e elegante mesa. Murani partiu um pedaço de pão e se manteve em silêncio.

O cardeal Giuseppe Rezzonico estava em seus 60 anos. Seu cabelo branco fora cuidadosamente penteado e ele era atraente o suficiente para chamar a atenção de várias mulheres nas mesas próximas. Alto e forte, ele ainda irradiava poder. O cardeal havia entrado a serviço da igreja já adulto, mas escalou posições rapidamente na hierarquia até vir a ocupar um cargo dentro do Sacro Colégio dos Cardeais. Como Murani, ele usava um terno azul-escuro.

Olhando para o homem, Murani balançou a cabeça.

— E que obrigações seriam essas?

— As obrigações de seu cargo, Stefano. Convocar e depois cancelar compromissos que lhe foram atribuídos em nome da Igreja. Essas coisas são como levantar bandeiras vermelhas para nosso atual papa.

— Para o *seu* papa — replicou Murani amargamente.

Rezzonico franziu a testa.

— Todo mundo está consciente de que você não votou por Sua Santidade.

— Não, eu não votei — Murani colocou sua fatia de pão de lado.

— Tenho certeza de que o papa sabe disso também.

— Você acha que ele está sendo vingativo, então? — indagou o cardeal.

— Não — Rezzonico balançou a cabeça. — Sua Santidade não iria sucumbir a isso.

— Quer dizer então que você já o colocou numa posição de santidade, não é? — para Murani aquilo lhe pareceu interessante. Rezzonico normalmente não era enganado tão facilmente. — Ele ainda é apenas um homem, você sabe. Apesar do cargo e das vestes...

A carranca de Rezzonico se aprofundou.

— Isso é um sacrilégio!

— É a verdade. — Murani não estava disposto a deixar passar a oportunidade. Ele tinha sido obrigado a suportar a humilhação a qual

Inocêncio XIV lhe impusera naquela manhã e não iria permitir-se ser subornado com uma boa refeição e uma palavra amável. — Ele é míope e você sabe disso. Ele continua a manter conversações com os judeus e os muçulmanos.

— Claro que ele faz isso — admitiu Rezzonico de maneira razoável. — As coisas que acontecem nesses lugares afetam o restante do mundo. As economias estão ligadas muito intimamente hoje em dia para que seja de outra forma.

— Você se deu conta do que acaba de dizer? — perguntou Murani, balançando a cabeça. — As economias? É nisso que a Igreja se transformou na atualidade? Nas economias?

O homem mais velho recostou-se e procurou se reequilibrar:

— Você jurou fidelidade ao papa.

— Jurei fidelidade a Deus — disse Murani asperamente. A raiva e a frustração estavam soltas nele agora. Ele foi incapaz de parar. — Isso supera qualquer juramento de fidelidade que eu pudesse fazer a alguém.

— Você está pisando em terreno perigoso.

Uma jovem garçonete trouxe saladas e mais vinho. Eles deixaram de falar até que a jovem tivesse ido.

— Estamos todos pisando em terreno perigoso nos dias de hoje — disse Murani, que estava começando a se acalmar.

Rezzonico ergueu as sobrancelhas:

— Você está dizendo isso por causa das escavações do padre Sebastian? — ele balançou a cabeça. — Nem sabemos se sairá alguma coisa dali.

— E se alguma coisa sair? E se o padre Sebastian encontrar algo? Mesmo que não seja o livro, o que aconteceria se houvesse algo que apontasse para os textos secretos?

— Então, na hora, iremos lidar com isso — replicou o cardeal mais velho.

Murani zombou:

— Lidar com uma coisa depois que já aconteceu é inútil.

Rezzonico disparou.

— Stefano, por favor, me escute. Eu sou seu amigo. Tudo está sob

controle.

Murani se recusou a acreditar nisso:

— Não há nada controlado.

Murani queria contar a Rezzonico sobre o sino e o címbalo, e sobre o que ele acreditava que significavam, mas não podia. Rezzonico fazia parte da Sociedade de Quirino, e Murani não tinha certeza de que eles não quisessem levar tudo embora para longe dele. Isso era algo que ele não podia suportar.

Por um momento, Rezzonico apenas olhou para ele:

— Nós controlamos a Guarda Suíça. Eles têm membros no local da escavação. Caso padre Sebastian venha a encontrar algo, qualquer coisa, esses homens têm ordens para intervir e tirá-la de lá.

Murani sabia disso. Ele ajudou a organizar essa negociação. Felizmente, depois de todos os seus anos de serviço, muitos dos líderes dentro da Guarda Suíça mantinham suas crenças básicas nas mesas da Sociedade de Quirino. O mais importante para essas duas entidades era a preservação da igreja. Vidas seriam tomadas e mentiras seriam ditas para que esse trabalho fosse feito.

O trabalho do padre Sebastian colocava em risco tanto a Igreja quanto a Guarda Suíça. Seu líder, o comandante Karl Pulver, reconhecia a ameaça representada pelos textos sagrados também, embora não tivesse conhecimento sobre o que eles continham.

— Algo mais deve ser feito — disse Murani.

O receio tingiu os olhos de Rezzonico:

— O que, exatamente?

— O padre Sebastian foi um homem escolhido pelo papa, não é um de nós — respondeu Murani.

— Mas isso é ainda melhor — retrucou o outro. — Se Sebastian encontrar alguma coisa, não reconhecerá do que se trata. Somente nós conhecemos o que são os textos secretos.

— O papa pensa que sabe.

Rezzonico fez um gesto com a mão como que para rechaçar o comentário:

— O papa sabe somente aquilo que lhe contamos, e, mesmo assim, falta-lhe a capacidade de compreensão que nós temos.

Murani se mexeu inquieto:

— Isso não é suficiente. Precisamos controlar esse lugar das escavações, para que não existam intrusos. Para isso, precisamos estar no comando de tudo.

— O papa escolheu o padre Sebastian. O homem foi claramente uma boa escolha. Seu campo é a arqueologia. De todos nós, ele é...

— Ele é o menos confiável — Murani endureceu sua voz. — Ele esteve no mundo secular por um longo tempo antes de vir para a Igreja.

O rosto de Rezzonico se cobriu de trevas:

— Poderíamos tomar medidas para corrigir a situação.

A voz de Murani suavizou-se.

— Outros padres e cardeais poderiam ter tomado a seu cargo esse local de escavação — disse.

Rezzonico sorriu.

— Como você, talvez?

Murani nem sequer tentou fingir modéstia:

— Sim. Eu teria sido a escolha perfeita.

— Por que você?

— Porque, desde os meus primeiros dias, eu dei minha vida para a Igreja. E acredito no poder do papado. A Igreja precisa assumir seu lugar no mundo. A Igreja vem se debilitando a cada dia que passa. A perda da missa em latim, bem como as conversas com as outras religiões e países. O papado conduziu seu mandato desde o Vaticano II como se eles fossem chefes de Estado.

— Que é o que os papas têm sido — apontou Rezzonico.

— Tratando as outras nações e religiões como se fossem iguais — a voz de Murani endureceu. — Ninguém é igual à Igreja. Fomos colocados aqui pelo próprio Deus para pastorear as pessoas que Ele nos deu para cuidar. Nós devemos guiar e moldar suas vidas. Nós não podemos fazer isso se continuamente renunciarmos ao poder e ao prestígio que fazem de nós os instrumentos escolhidos por Deus.

Rezzonico respirou com força e deixou o ar sair. E hesitou:

— Todos os seus pontos de vista são válidos...

— Eu sei que são — retrucou Murani.

— Mas...

Murani interrompeu o homem:

— Chega de dizer isso, mas... A Igreja é intocável e sacrossanta. Ela é, e deve ser, o poder final aqui na Terra. E qualquer objeto que controle esse tipo de poder deve pertencer à Igreja. As relíquias sagradas são nossas por direito e pela graça de Deus.

— O mundo é um lugar diferente, Stefano — disse Rezzonico suavemente. — Temos que avançar com mais cuidado e prudência nestes tempos...

— Estamos falando de livros e artefatos capazes de acabar com este mundo e criar um novo — disse Murani. — Eles ficaram enterrados durante anos incontáveis, e estão prestes a ressurgir.

— Apenas se estivermos corretos quanto ao local da escavação — retrucou o outro.

— Você duvida?

— Isso ainda precisa ser comprovado.

Desgostoso, Murani se recostou na cadeira:

— É preciso ter fé.

Pela primeira vez, o olhar de Rezzonico endureceu como gelo:

— Não se esqueça, Stefano, de que você pisou sobre outros sacerdotes e cardeais menores, mas eu estou aqui a pedido da Sociedade.

Aquele anúncio fez com que Murani se contivesse um pouco. No entanto, ele estava esperando por algo parecido. Apesar de seus intentos em direção à autocracia e independência, Rezzonico muitas vezes servia como um cãozinho de estimação dos membros mais antigos entre a Sociedade de Quirino.

Murani contou até dez e se armou da paciência que ainda lhe restava:

— Nós não estaríamos nesta situação se a eleição do papa tivesse sido de outra maneira.

— Isso são águas passadas, Stefano — disse Rezzonico.

O Sacro Colégio dos Cardeais tinha ficado dividido na hora de tomar sua decisão. Cada facção tinha escolhido um de seus membros. Os dois homens que poderiam ter se convertido em papas, homens aos quais seria confiada a missão divina de proteger o mundo dos textos secretos,

não conseguiram os votos suficientes para vencer. Uma terceira facção, que atuava em nome de seus próprios interesses, havia sugerido Wilhelm Weierstrass como uma alternativa. No final, por causa dessa divisão, o novo papa ao assumir o cargo não sabia nada dos textos sagrados.

Na verdade, Murani não tinha certeza se o papa Inocêncio XIV acreditava nos textos sagrados depois de ter sido informado sobre eles. O homem ouviu a todos, mas guardara silêncio. No final, ao escolher o padre Sebastian para assumir o comando da escavação, isso dizia muito, ao menos para Murani.

— Tem razão — concordou ele.

Rezzonico o estudou por um momento. Então disse:

— Tudo está em ordem, Stefano. Você vai ver. O que a Sociedade gostaria é que você evitasse chamar a atenção. A confiança do papa em nós é uma coisa muito frágil. Especialmente agora. Se ele tivesse chegado ao poder em outro momento, poderíamos ter mais certeza da nossa influência sobre ele.

Murani calmamente discordou, mas nada disse. Wilhelm Weierstrass havia sido deixado em meio a seus livros nas bibliotecas por um período muito longo. Aquele homem tinha opiniões sobre tudo. E não hesitava em usar o poder conferido por sua posição. E isso havia sido demonstrado ao escolher o padre Sebastian em vez dos outros candidatos que a Sociedade de Quirino havia proposto.

E demonstrara isso de novo ao repreendê-lo nessa manhã. Na verdade, Murani percebeu só então que aquilo havia sido mais uma advertência a toda a Sociedade de Quirino do que apenas a ele. De repente, Murani percebeu também que os apuros eram maiores do que ele pensava:

— Não se preocupe, Stefano — disse Rezzonico. — Você tem muitos amigos na Sociedade de Quirino. Espero que continue a contar-me como um deles. Tenho apenas os seus melhores interesses no meu coração. Estamos juntos nessa. Você deve ser mais paciente.

— Eu sei — Murani tomou um gole de vinho. — Mas este é o momento mais próximo que já chegamos dos textos secretos.

Rezzonico assentiu.

— Todo mundo está ciente disso. Tudo está no lugar. Nada pode acontecer que não possamos controlar.

Isso poderia ser verdade, Murani pensava, mas nenhum deles estava preparado para usar esses textos. A Sociedade de Quirino controlava um grande número de segredos. Ao longo dos anos, eles haviam assassinado silenciosamente e brutalmente a todos aqueles que estivessem contra eles ou que tentassem revelar os segredos que eles escondiam.

A Sociedade não tinha medo de ter as mãos manchadas de sangue. Nem Murani.

*

MERCADO A SETE QUILOMETROS
FORA DE ODESSA, UCRÂNIA
23 DE AGOSTO DE 2009

— **D**e onde saiu isso?

Lourds tinha que sorrir diante da ingenuidade da moça. Apesar de ser uma repórter de televisão e jornalista, e provavelmente com certa experiência de vida nas costas e talvez bastante viajada, o mundo continuava sendo para ela um lugar enorme e inimaginável. E não havia visto tanto como imaginava.

O Mercado a Sete Quilômetros era um furioso circo do mercado negro e servilmente dedicado ao capitalismo. O mercado cobria quase um quilômetro quadrado e estava repleto de contêineres de navios convertidos em edifícios. Suas ruas estreitas, repletas de pessoas, serpenteavam entre eles.

Os contêineres vinham de todo o mundo. Havia aqueles de seis metros de largura até os monstruosos, de dezesseis metros. Os comerciantes armazenavam neles suas mercadorias e muitas vezes os faziam também de moradia. Eram velhos e novos e estampavam todas as cores do arco-íris. A maioria estava grudada uns nos outros.

Pareciam pequenas construções metálicas com cartazes publicitários e calçadas, algumas delas alcançando a altura de três andares. Os

carros e caminhões chegavam até a parte da frente das lojas para carregar e descarregar. Ouviam-se vozes em todos os lugares e em uma infinidade de idiomas. Luzes montadas a pequenos intervalos garantiam que a escuridão não impedisse as vendas.

Lourds estava cansado e tinha câimbras por ter ficado tanto tempo apertado no carro. Mas ele não podia deixar passar a oportunidade de ser tanto um guia turístico quanto um educador. O velho que os tinha trazido até ali havia voltado para Moscou imediatamente.

— Bem-vindos ao Mercado a Sete Quilômetros — Lourds acenou para o complexo labirinto de contêineres. — O mercado original estava localizado dentro dos limites da cidade de Odessa, mas quando o capitalismo invadiu a área após a queda do Muro de Berlim, em 1989, muitos mais comerciantes chegaram e se estabeleceram.

— Isso é incrível — disse Leslie.

Gary estava gravando tudo com uma minicâmera.

— Tenha cuidado com a câmera — preveniu Natashya.

— Por quê? — Gary colocou a câmera de volta no estojo protetor que levava preso a um ombro. — Eles não permitem que os turistas tirem fotos?

— Sim — respondeu o professor —, mas vários dos comerciantes que trabalham aqui são ilegais.

— Muitos deles são procurados pela polícia e pelos serviços de inteligência de diversos países — disse Natashya, que continuava muito alerta a tudo o que acontecia ao seu redor. Apesar de haver passado um dia inteiro viajando, ela parecia descansada e pronta para continuar. — Se um desses homens pensar que você foi mandado aqui para espioná-los, eles poderiam tentar cortar nossas gargantas.

— Ah, tá... — Gary definitivamente não parecia convencido dessa possibilidade.

— Quando o mercado começou a crescer demais dentro de Odessa, foi expulso da cidade — disse Lourds. — Ele simplesmente se tornou muito bem-sucedido e foi obrigado a se instalar aqui, a sete quilômetros de distância de Odessa.

— Daí o nome — disse Leslie.

— Exatamente — Lourds iniciou a marcha. Passaram diante de

contêineres que ofereciam aparelhos eletrônicos asiáticos e objetos para turistas, além de falsos produtos ocidentais de luxo. — Existem aqui mais de seis mil lojas alugando seu espaço, pagando milhares de dólares por mês. Só o dinheiro que se paga pelo espaço é uma importante fonte de receita, mas as vendas superam a casa dos vinte milhões de dólares.

— Vinte milhões de dólares por ano? — indagou Leslie.

Lourds sorriu para ela.

— Vinte milhões de dólares por dia.

Leslie parou em um cruzamento e olhou em todas as direções. As pessoas se abarrotavam nas ruas e pechinchavam com os comerciantes.

— Houve esforços para fechar o mercado depois que ele começou a crescer além da conta — disse Lourds. — Mas já era tarde demais, ele havia tomado vida própria. Na verdade, o mercado continua crescendo e o governo gostaria muito de fechá-lo, mas os comerciantes e clientes estão dispostos a pegar em armas para impedir isso.

— E por que alguém iria querer fechar um lugar como este?

— Porque eles não podem controlá-lo.

— E a troco de que gostariam de controlá-lo?

— Para efeitos de tributação.

— Você quer dizer que toda essa mercadoria está livre de impostos?

— Leslie parou em frente a uma loja que oferecia bolsas italianas. — Vinte milhões de dólares por dia e tudo sem impostos?

— Sim — respondeu Lourds. — O que está vendo é o maior mercado negro da Europa. Curiosamente, é também um refúgio de contrabandistas. Você vai encontrar aqui bens legítimos, bens falsificados e ilegais, munições e drogas. Este negócio funciona ao ar livre simplesmente porque ninguém pode detê-los.

Leslie examinou uma das bolsas que estava depositada sobre uma mesa. Lourds sabia que nenhuma mulher podia deixar passar uma pechincha. Embora duvidasse muito que alguma coisa que existisse sobre aquela mesa fosse uma pechincha:

— Não temos tempo para comprar nada — interveio Natashya. Leslie devolveu a bolsa relutantemente. — E onde devemos encontrar seu

amigo?

— Não está longe daqui — assegurou Lourds.

*

Uma hora depois, Lourds estava tomando uma xícara de café turco diante de uma loja que anunciava ter *jeans* americanos para vender. Leslie os descartou imediatamente ao notar que eram imitações. Lourds não se havia dado conta disso. Gary se entretia fazendo algumas filmagens e ainda pediu a Leslie algumas introduções e fechamentos para uma proposta que pensavam fazer à BBC.

— Você tem certeza de que seu amigo virá? — perguntou Natashya em russo.

— Josef disse que estaria aqui — respondeu Lourds em inglês. Ele não queria que Leslie e Gary se sentissem excluídos da conversa.

Outro incômodo minuto se passou, que lentamente se esticou em mais cinco.

Natashya mudou de posição para ficar na frente de Lourds. Por um instante, ele pensou que ela ia ralhar com ele sobre sua situação, mas a atenção da policial estava concentrada em um homem jovem que se aproximava. Sua mão estava no bolso do casaco.

Não havia dúvida sobre o destino do jovem. Ele parou a alguns metros de distância. Ambas as mãos nos bolsos. Lourds sabia o que o jovem tinha em suas mãos. Os olhos do homem nunca deixaram de observar Natashya, e Lourds percebeu que era porque o rapaz tinha avaliado que ela era a mais perigosa de todos.

— Professor Lourds? — o inglês do jovem era impecável.

— Sim.

— Josef Danilovic me enviou.

— Você tem alguma prova? — exigiu Natashya.

O jovem sorriu e encolheu os ombros.

— Este não é um lugar para se provar as coisas. Também não é um lugar para a polícia. Eu venho para lhe oferecer uma maneira de sair da cidade. É sua escolha se quiserem me seguir ou não.

O celular de Lourds tocou e ele atendeu. A bateria estava

praticamente esgotada.

— Alô.

— Thomas! — Danilovic cumprimentou com uma voz jovial que escondeu um pouco da tensão.

— Olá, Josef. Acho que acabamos de conhecer seu intermediário.

— O nome dele é Viktor — disse Danilovic. — Pode confiar no rapaz.

Lourds sabia que o jovem estava esperando a chamada porque Viktor permaneceu totalmente relaxado. Natashya não baixava a guarda.

— Talvez você possa descrevê-lo — sugeriu Lourds. — Ultimamente, estamos com uma tendência um pouco paranoica.

— Certamente. Estes são tempos muito paranoicos.

Danilovic proporcionou uma boa descrição.

— Obrigado, Josef. Espero ver você em breve — disse Lourds antes de desligar o telefone.

— É ele? — perguntou Natashya.

— Sim. Josef descreveu-o. Incluindo a roupa que ele estava vestindo.

Viktor sorriu:

— Bem, sempre seria possível que eu tivesse um companheiro apontando uma arma para a cabeça de seu amigo. Quero dizer, se você quiser seguir suas tendências paranoicas. Mas se fizer isso, eu duvido que você jamais saia deste mercado.

Lourds recolheu sua mochila e atirou-a sobre um ombro:

— Vamos.

*

— Você se superou desta vez, velho amigo — Lourds cumprimentou ao contemplar a mesa cheia de comida na ampla sala de jantar da casa de Danilovic. Ele já estivera ali diversas vezes como convidado e estava acostumado com a generosidade que Danilovic oferecia em sua casa.

Uma sala de jantar e cadeiras ornamentadas que poderiam ter embelezado uma casa real ocupavam o centro da sala. As paredes estavam cobertas com pinturas, enquanto vasos e outros objetos colecionáveis preenchiam as lacunas entre elas.

Danilovic descartou o elogio com um aceno de mãos à distância. Era um homem pequeno e manhoso, com um fino bigode sobre o lábio superior. Vestia um terno caro com confiança e orgulho.

— Pensei que, se tivesse que organizar uma fuga de Moscou para você, então teria que ser em grande estilo, certo? — seu sorriso largo deixou ver um espaço entre os dentes, e ele manteve o dedo indicador e o polegar ligeiramente separados. — E, talvez, com apenas um toque de perigo.

— Se não se importa, poderíamos passar sem o perigo — disse Lourds com alguma tristeza. — Acho que já tivemos o suficiente nos últimos dias.

Na mesa havia até algumas etiquetas com nomes para designar a disposição dos assentos. Lourds e Danilovic ocuparam as extremidades. Sem surpresa, notou que Danilovic posicionou as duas mulheres ao seu lado na mesa.

Algumas criadas com blusa branca serviram vinho aos convidados e depois apareceu o chef, para anunciar o cardápio. Apesar da tensão refletida no rosto de todos que estavam sentados ao redor da mesa, Lourds percebeu que todos ouviam o chef extasiados:

— Pensei que o mais indicado seria a cozinha francesa. Vamos começar com uma salada agradável, *boeuf bourguignon*, uma carne cozida em vinho tinto, *escargots de Bourgogne*, com manteiga de salsa, *Fondue bourguignonne*, *gongere* e *pochouse*, que é uma das minhas especialidades.

O *chef* bateu os calcanhares e voltou para a cozinha.

— Não entendi nada do que ele disse — comentou Gary —, mas soava muito bem.

— Auguste é um excelente *chef* — respondeu Danilovic. — Eu o pedi emprestado a um restaurante, apenas por esta noite.

— Não precisava ter se incomodado — protestou Lourds.

— Eu sei — disse Danilovic. — Para você, teria ficado satisfeito com um sanduíche e uma cerveja. Mas quanto às senhoras — ele olhou para Natashya e Leslie — eu estava ansioso para impressioná-las.

— Eu estou devidamente impressionada — disse Leslie.

— Obrigado, minha querida. — Danilovic pegou sua mão e a beijou.

Seu exibido, pensou Lourds. Mas ele não podia deixar de sorrir diante das palhaçadas de seu amigo. Danilovic era um dos homens mais sociáveis que Lourds jamais havia conhecido. Ele adorava montar um espetáculo e ser o centro das atenções.

*

O jantar foi servido logo em seguida. À enérgica e esfuziante salada, seguiu-se uma sopa de carne e *escargots* cozidos na casca. Gary recusou-se a comer aquilo e, para Lourds, a manteiga de salsa era a melhor que tinha comido em sua vida e pediu que se felicitassem o cozinheiro.

A *fondue* tinha pedaços de carne que completavam o sabor e a tornavam ainda mais saborosa. O *gougère* eram bolas de queijo enroladas em massa *choux*. Mas o remate foi o *pochouse*, peixe cozido no vinho tinto.

A sobremesa foi composta por um creme de morango e torta de mascarpone que derretia na boca.

*

Mais tarde, eles se reuniram na biblioteca de Danilovic, em frente a uma aconchegante lareira que os protegia do frio exterior. Lourds e Danilovic acenderam charutos cubanos e os dois se surpreenderam quando Natashya concordou em fumar um também. Eles bebiam conhaque em grandes taças.

— Vocês não sabem quem são os homens que estão perseguindo vocês? — perguntou Danilovic.

Lourds negou com a cabeça.

— Eu acho que reconheci alguns deles de Alexandria.

— Então você acredita que continuam na mesma pista que você.

— Essa é a única resposta — Lourds tinha se sentado em uma profunda cadeira estofada que achou confortável demais. — Não há nenhuma razão para eles estarem interessados em mim.

Danilovic inclinou-se e deu um tapinha no joelho de Lourds:

— Eu sempre achei você interessante, meu querido professor.

— Você está bêbado — acusou Lourds.

— Talvez um pouco — Danilovic olhou para Leslie. — Mas talvez não fosse você, meu amigo. Talvez fosse a nossa estrela de televisão.

— Eu não sou estrela — disse Leslie. — E não sei nada sobre história ou línguas ou artefatos antigos.

— Você sabe que isso tudo anda junto — disse Danilovic. — A maioria das pessoas não sabe disso. — Ele bateu as cinzas num cinzeiro e olhou para ela de forma especulativa. — No entanto, você encontrou o sino em Alexandria.

— Isso foi muito por acaso.

Danilovic encolheu os ombros:

— Tenho tendência a ser um homem de fé, cara senhora, mas estou em uma profissão que alguns poderiam acreditar que deixa descoberta precisamente esse tipo de coisa. Esses homens, esses sujeitos que perseguem vocês, já estavam procurando o tal sino — ou pelo menos algo semelhante, caso contrário não teriam ido atrás dele.

— Podemos descobrir quem os está perseguindo — afirmou Natashya calmamente. — Ao identificá-los, ao saber mais dos motivos pelos quais eles querem esses instrumentos, saberemos mais sobre os próprios instrumentos.

Danilovic sorriu beatificamente.

— Sim. Você vê, meu amigo, sempre que vendo uma peça que caiu em minhas mãos, tenho que saber de quem a estou recebendo, a quem a estou vendendo e o suficiente sobre o item para saber o que o torna valioso para ambos. Por que está tão interessado nesses objetos?

— Por causa da língua — Lourds respondeu imediatamente.

— Bem, isso é valioso para você, mas poucas pessoas estariam interessadas em uma língua morta que pode levar anos para ser decifrada.

— Eu não acho que vai demorar muito tempo — disse Lourds. — Se eu conseguir descobrir a quem os instrumentos pertencem e qual a relação entre eles, poderia ser capaz de fazer uma conjectura fundamentada e respaldada com fatos.

Danilovic deu um tapinha no ombro de Lourds.

— Tenho certeza de que você vai fazer isso. No entanto, os materiais com os quais esses objetos foram fabricados basicamente não têm valor. Não são nem ouro nem prata, nem sequer estão incrustados com pedras preciosas. São coisas muito simples e com segredos escritos nelas.

— Mas as pessoas que roubaram essas peças já sabem o que está escrito neles — disse Gary. Ele se inclinou para frente, animado. — Pelo menos, sabem o que supostamente está escrito nelas. Como se fosse um mapa do tesouro ou algo assim.

Lourds meditou sobre aquilo.

— As pessoas que roubaram os instrumentos sabiam o que estavam procurando. Mas acho que não sabem o que está escrito neles.

— Então, de onde tiraram o que sabem? — perguntou Leslie.

— Esta é uma das perguntas que vocês deveriam estar se fazendo — continuou Danilovic. — Ao perguntar isso, você já estreitou o campo de quem possa estar atrás de vocês.

— E por que estão atrás de nós? — perguntou Gary.

— Por duas razões — anunciou Natashya calmamente. — Uma delas é que eles estão com medo de que o professor Lourds possa decifrar a língua e expor os segredos que eles estão protegendo. E a outra é que o professor Lourds tem estado, por sorte ou por desígnio, em contato com dois dos instrumentos que eles estão procurando.

— Teremos que ir a Leipzig o quanto antes, velho amigo — disse Lourds a Danilovic.

— E abandonar a minha hospitalidade tão cedo? — Danilovic pareceu surpreso.

— Não é por nenhuma outra razão...

Danilovic levantou a mão e sorriu:

— Não se preocupe, eu entendo a sua pressa. O assunto já foi resolvido. Amanhã cedo, Viktor vai levar vocês a um navio para o qual garanti suas passagens.

— Obrigado — disse Lourds.

— Por esta noite, devemos aproveitar o que resta deste bom conhaque e conversar sobre os velhos tempos.

CAPÍTULO 12

PORTO COMERCIAL ILLICHIVSK
PROVÍNCIA DE ODESSA, UCRÂNIA
24 DE AGOSTO DE 2009

— Onde está você, Natashya?

Ivan Chernovsky parecia calmo, mas Natashya sabia, depois de ter trabalhado tanto tempo com ele, que o homem podia ser tudo, menos calmo.

— Em Illichivsk. — Natashya não mentiu. Ele seguramente descobriria essa mentira, do mesmo modo que ela descobria quando Ivan mentia.

A zona portuária estava em plena ebulição de trabalho e de negócios. Situado a vinte quilômetros de Odessa, e o segundo maior porto em águas cálidas da província, o *oblast*, Illichivsk se alçava como a sede da Companhia de Navegação do Mar Negro. Barcos e navios de todos os tamanhos ancoravam em suas docas ou sulcavam lentamente suas águas. Os estivadores subiam a bordo e carregavam para dentro e para fora dos navios as mercadorias dos cargueiros.

— E o que está fazendo aí? — perguntou Chernovsky.

— Eu estou procurando o assassino de minha irmã. Liguei esperando que você pudesse me ajudar.

— Os peritos forenses encontraram uma bala antiga no corpo do homem — disse Chernovsky. — Evidentemente ele fora baleado em algum momento e não teve acesso a um centro médico. O ferimento acabou se curando com o tempo, mas a bala ficou no corpo.

— E eles conseguiram identificar a bala, da mesma forma que fizemos no assassinato de Karpov? — perguntou Natashya.

— Sim. A bala pertencia à arma que tiramos de um membro da Máfia. E assim que a arma foi identificada, fui fazer uma visita ao sujeito.

Natashya continuava olhando de um lado a outro. Leslie havia retornado para perto de Lourds e Gary, mas outro homem estava

postado a poucos metros de distância.

Era um homem desalinhado. Ele usava um boné puxado para baixo sobre os olhos e um casaco leve xadrez. Um observador casual poderia ter confundido esse homem com um estivador, mas Natashya observou com atenção as boas botas que o homem usava, e soube imediatamente que era alguém que não as usava nas docas, embora estivesse vestido para se parecer assim. Chernovsky a ensinou a ver com atenção os sapatos das pessoas. Normalmente trocavam de roupa antes ou depois de cometer um ato ilegal, mas raramente mudavam os sapatos.

Encostado em um contêiner que esperava sua vez para ser carregado, de vez em quando fazia um gesto com a cabeça para os outros trabalhadores e dava tragos em um copo de isopor. Também falava a um celular. Não eram muitos os estivadores que carregavam consigo um telefone desses.

— O sujeito — continuou o homem do outra da linha conversando com a policial — identificou o cara morto como sendo alguém que fazia parte do grupo que tentou roubar um carregamento ilegal de antiguidades do Iraque durante a guerra contra os Estados Unidos. Falei com alguns dos traficantes que se dedicam a esse tipo de mercadoria e também mostrei a foto do camarada. Seu nome era Yuri Kartsev.

— Esse nome não significa nada para mim. — Natashya sabia que Chernovsky estava esperando por uma resposta.

— Talvez tenha algum significado para o professor.

— Vou perguntar a ele. — Ela também sabia que essa era a maneira de Chernovsky confirmar se ainda estavam viajando juntos.

— Esse Kartsev era conhecido por trabalhar com um homem chamado... — ouviram folhas farfalhando enquanto Chernovsky verificava suas notas. — Gallardo. Patrizio Gallardo.

— Também nunca ouvi esse nome antes.

— Bem, esse nome vem com uma história — Chernovsky respirou fundo.

O homem que estava vigiando Lourds e seu grupo colocou o telefone no bolso e acendeu um cigarro. Natashya notou que a tensão em seu estômago se reduzia um pouco. Quem quer que ele estivesse

esperando, ainda não chegara.

Ela continuou vigiando o homem enquanto falava rapidamente ao telefone com Chernovsky:

— Eu sei que você quer me manter por perto por mais tempo que puder, Ivan. Eu faria a mesma coisa se estivesse em seu lugar. O problema é que estamos expostos. E eu acho que os homens que estão nos perseguindo estão se aproximando mesmo enquanto falamos. Então talvez você pudesse me dizer o mais rápido possível o que descobriu.

Chernovsky hesitou. Natashya suspeitou que eles pudessem até mesmo estar ouvindo essa ligação.

— Patrizio Gallardo é um homem muito mau, Natashya — disse Chernovsky. — Ele é um ladrão e um assassino. Não é um homem em quem se possa confiar.

— Ele trabalha por conta própria ou para outra pessoa?

— As duas coisas. Trabalha por empreitada. Ele é especialista em aquisições ilegais de antiguidades.

— E para quem ele trabalha, conseguiu descobrir?

— Ainda não descobri se ele deve lealdade a alguém, mas vou continuar investigando.

— Faça isso, por favor — disse Natashya. — Entrarei em contato novamente assim que puder.

— E de onde devo esperar que me telefone da próxima vez?

— Eu informarei, mas vamos viajar muito. Obrigada, Ivan.

— Se cuida, garota. Espero ver você de volta em breve.

Natashya desligou o telefone e dirigiu-se ao outro lado da rua. Era hora de fazer algo sobre aquele observador.

*

Patrizio Gallardo caminhou pelo porto enquanto fechava o telefone celular e o colocava no bolso. Ele apressou o passo quando localizou o cargueiro, *Carolina Moon*, ancorado nas docas a cerca de trezentos metros dali.

Segundo o relatório do seu informante, Lourds e seu grupo estavam

por perto.

Quatro de seus homens caminhavam ao lado dele. Todos portavam armas escondidas debaixo de seus casacos.

Um carro da polícia entrou na rua atrás de Gallardo. Dois policiais fardados se sentavam na frente. Um homem à paisana vinha sentado na parte de trás.

O radar pessoal de Gallardo para policiais tocou de imediato. Instintivamente, ele se virou em direção a uma rua lateral. Eles haviam deixado uma enorme confusão em Moscou e ele se perguntou se aquele caos estava voltando para assombrá-lo.

Freios guincharam na rua. Um motor mudou de marcha.

— O carro da polícia está vindo atrás de nós — disse um dos homens.

— Dispersem e me cubram se eles me apanharem — ordenou Gallardo enquanto continuava a caminhar, mas prestando atenção quando os pneus do carro que se aproximava tritura o cascalho solto na rua.

Uma voz o chamou em russo, mas ele ignorou. Muitos dos marinheiros que vinham até esse porto não falavam russo.

— Senhor — um homem gritou em inglês desta vez.

Gallardo continuou sem se deter. Alguns marinheiros não falam inglês, tampouco.

As portas do carro se abriram e ele ouviu passos correndo atrás dele.

Calmamente, Gallardo esticou a mão pela abertura do bolso do casaco e apertou a pistola de nove milímetros que levava no coldre na cintura. Se a polícia estava procurando por ele, eles não iriam apenas lhe fazer algumas perguntas.

Notou a mão pousando em seu ombro.

— Senhor — chamou o policial.

Gallardo parou de repente e se virou. O movimento pegou o policial de surpresa. Gallardo colocou o cano da pistola contra o estômago do policial antes que o homem percebesse o que estava acontecendo. Colocando a mão esquerda por trás da cabeça do homem para que ele pudesse usá-lo como um escudo, Gallardo disparou três vezes em rápida sucessão. Ele teria disparado mais uma vez, pelo menos, mas o

mecanismo da arma se prendeu entre as dobras do casaco.

Os secos estalidos da nove milímetros foram ouvidos por todo o beco.

O policial cambaleou e caiu contra Gallardo. Seu rosto jovem ficou branco com o choque.

O inspetor à paisana e o outro policial tentaram sair da viatura com as suas armas em punho. Mas DiBenedetto caminhou por trás do inspetor de polícia quase casualmente, colocou uma pistola na parte de trás da cabeça do homem e estourou os miolos.

Percebendo o perigo em que estava, o motorista tentou dar a volta. DiBenedetto baleou o policial no rosto duas vezes e chutou-o para o chão.

Quando Gallardo empurrou o homem morto para longe dele, o corpo caiu como um saco vazio. Um retângulo de plástico na manga esquerda do homem chamou a atenção de Gallardo. Ele ajoelhou-se para olhar mais atentamente.

O retângulo continha uma fotografia dele. Foi o mesmo tipo de estratégia que tinha usado para localizar a tal professora russa.

— Patrizio — chamou DiBenedetto. Ele ergueu o braço do inspetor à paisana. O sangue cobria boa parte dele, mas o retângulo de plástico era visível.

Eles sabiam quem ele era.

Dar-se conta daquele fato de forma tão fria revolveu o estômago de Gallardo. Não sabia como a polícia o havia identificado. Ele tinha sido cuidadoso na maior parte de sua vida, mas a polícia o havia encarcerado por uma ou duas vezes.

Ele largou o braço do morto e se levantou. Abriu seu casaco e libertou a pistola. Trabalhando rapidamente, retirou o carregador vazio e substituiu os cartuchos usados.

— Temos que sair daqui — disse DiBenedetto. — Os disparos vão atrair mais policiais, e eles já estão procurando por você.

Gallardo assentiu e deixou escapar um suspiro:

— Eu sei. Vamos ver se antes conseguimos encontrar o professor.

— Onde está Natashya? — perguntou Leslie.

Voltando sua atenção dos grandes navios fora do porto, Lourds olhou para a pequena loja onde Natashya estava poucos momentos atrás. Não se encontrava mais lá.

— A garota estava telefonando — disse Gary. Ele estava filmando o porto.

— Bem, ela já foi para outro lugar. — Leslie olhou para o relógio. — Quando é que vamos nos encontrar com o capitão do navio?

— Às dez e meia — respondeu. Ele parecia calmo e confiante.

A preocupação tomou conta dos pensamentos de Lourds. Se Natashya tivesse conseguido uma pista dos assassinos de sua irmã, ela iria contar a eles? Ou simplesmente entraria em ação e os deixaria de lado? Ele tinha certeza de que ela agiria de forma independente. Natashya, obviamente, não se preocupava com a história envolvida naqueles incidentes.

— Lá está ela — disse Gary.

E apontou para um prédio do outro lado da rua.

Lourds olhou e viu Natashya conversando com um homem de meia-idade que parecia bastante pobre. Lourds adivinhou que o homem provavelmente era um estivador, mas não entendeu o motivo de ele estar vadiando quando havia tanto trabalho a ser feito.

O homem deu um cigarro a Natashya. Ela inclinou-se em direção à chama do isqueiro que estava nas mãos em concha do sujeito. Sem aviso, ela deu um golpe na garganta dele que o fez cair de joelhos. Um chute de lado atirou o sujeito ao chão, inconsciente.

— Caraca! — exclamou Leslie. — Por que diabos ela fez isso?

Lourds correu para Natashya enquanto ela se agachava e começava a revistar os bolsos do homem.

— O que você está fazendo? — perguntou ele.

Natashya tirou um celular do bolso do homem e jogou-o para Lourds.

— Ele estava vigiando você.

As implicações daquela notícia fizeram Lourds cambalear. Havia tantas coisas sobre o estilo de vida de um fugitivo que ele não conhecia. E tinha muito pouco tempo para aprender.

Ele olhou em volta para a rua. Vários pedestres atravessaram a via

para evitar a cena.

— Você não poderia ter esperado para fazer sua emboscada numa área ainda mais pública? — perguntou Leslie.

— Ele estava conversando com alguém ao telefone.

Natashya tirou uma carteira, empurrou-a em seu bolso do casaco, e depois encontrou um pacote de fotos no bolso da camisa. Quando ela abanou as fotos como se fosse um leque, as imagens de Lourds, Leslie e Natashya estavam lá.

— Sem dúvida, esse cara estava procurando por vocês — disse Viktor, antes de fazer um gesto com as mãos. — Vamos, temos que sair daqui.

Natashya abandonou o homem inconsciente no chão:

— Você o conhece? — perguntou ela.

Viktor balançou a cabeça, negando, e se enfiou em um beco.

Antes que Lourds desse um passo, disparos soaram a curta distância dali. Pouco tempo depois, as sirenes da polícia a todo volume encheram o ar. Mas, então, Lourds e os outros estavam se afastando dali rapidamente através do estaleiro.

*

O *Winding Star* vinha da América do Sul. Assim como diversos outros navios piratas, sabia Lourds. Os piratas modernos levavam bandeiras apenas por conveniência, principalmente as de países sem saída para o litoral, havia sido muito divertido saber quantos países sem saída para o mar amparavam verdadeiras flotilhas ao redor do mundo.

A única coisa que o proprietário ou a empresa deveria fazer para que o navio fosse reconhecido oficialmente como sendo daquele país seria pagar uma taxa. E, graças a isso, passavam a gozar de proteção, privilégios e direitos internacionais. Eles não podiam ser abordados pela polícia de qualquer outra nacionalidade, sem justa causa, sem correr o risco de um incidente internacional.

Viktor os apresentou rapidamente ao primeiro oficial, um sujeito de cara chupada chamado Yakov Oistrakh. Ele estava na casa dos quarenta anos e tinha cicatrizes que demonstravam a quantidade de

tempo que já passara no mar.

— Bem-vindos a bordo — saudou Oistrakh enquanto fazia o envelope gordo que Viktor lhe deu desaparecer debaixo de seu casaco.

— Acho que devemos sair do convés depressa, é possível que haja alguns problemas — advertiu Lourds.

— Você se refere aos disparos? — perguntou Oistrakh levantando uma sobrancelha.

— Alguns homens estão atrás de nós...

— Mas é claro — disse o primeiro imediato. — É por isso que você está vindo conosco, *nyet*?

— É — respondeu Natashya, dando um empurrão em Lourds para que ele continuasse andando.

— Não há com que se preocupar, senhor Lourds — disse Oistrakh. — Nós temos todo o direito de defender o nosso navio e todos aqueles a bordo dele. Uma vez em nosso deque, você está efetivamente em outro país. Eles terão que ter a documentação necessária para levá-lo. O capitão e eu fomos informados de que os homens perseguindo você não têm esse papel.

— Isso mesmo — disse Natashya.

Lourds agarrou as cordas que haviam dos dois lados da prancha de embarque e subiu a empinada plataforma olhando por sobre os ombros várias vezes.

Mais abaixo nas docas, vários carros da polícia convergiram para um beco entre armazéns. A ação atraiu um grande grupo de espectadores.

Alguns momentos depois, sem fôlego por causa da subida longa e íngreme, Lourds estava na popa e olhando para as docas. A rádio nas mãos de um tripulante estalou apenas a alguns metros de distância. Vozes russas conversaram rapidamente e Lourds pegou o suficiente da conversa para perceber que o marinheiro captava a frequência da polícia.

— Você sabe o que está acontecendo? — Lourds perguntou em russo ao homem.

O tripulante, atarracado e grisalho, encolheu os ombros:

— Alguns policiais foram baleados.

— Professor Lourds — disse Oistrakh —, se você não se importa que

eu diga, acho que você e seus amigos estarão melhor na cozinha. Aqui vocês estão numa área muito aberta.

— Ele está certo — disse Natashya. — Se Gallardo quiser, ele pode pôr fim à sua perseguição do tal sino com um franco-atirador em um telhado.

— Quem é esse Gallardo? — perguntou Leslie.

— O homem que vem nos perseguindo desde Moscou — respondeu Natashya.

— Como...

Oistrakh empurrou-os como se fossem crianças:

— Chega de conversa. Vocês podem continuar essa conversa lá embaixo na cozinha.

Lourds seguiu em frente com relutância.

*

Gallardo se movia quase como em uma corrida, com DiBenedetto ao seu lado. Os outros homens os seguiam a apenas poucos passos atrás. Gallardo amaldiçoou as circunstâncias que o levaram a isso. Ele fora exposto. A polícia sabia quem ele era.

Felizmente, ao longo dos anos Gallardo havia feito negócios com os comerciantes do mercado negro que atuavam em Odessa. Havia lugares em que ele poderia se esconder. Estava se encaminhando para um deles agora.

O bar era um dos vários que atendiam às necessidades das tripulações dos navios. Sinais de néon podiam ser vistos pendurados nas janelas.

Gallardo subiu o pequeno lance de escadas e atravessou a porta, para o interior escuro e cheio de fumaça de cigarros. Apenas alguns poucos clientes estavam no balcão do bar e nas cabines reservadas. As televisões com canais esportivos pairavam sobre o balcão e nos cantos do salão.

Mikhail Richter estava em seu lugar habitual do bar. Ele era gordo e com a cabeça raspada, mas usava uma barba espessa. Mostrava um charuto malcheiroso preso entre os dentes. Um avental estava

pendurado na cintura. Duas mulheres bonitas trabalhavam no bar sob seu olhar atento.

— Ah, Patrizio — Mikhail cumprimentou o recém-chegado. — Como tem passado?

— Ocupado — respondeu Gallardo. — Eu não tenho tempo para conversar. Preciso usar a porta dos fundos.

Mikhail fez um sinal com a cabeça para um dos homens sentados perto da porta. O homem se levantou e saiu.

— Um momento — disse Mikhail a Gallardo. — Se não tiver ninguém vindo, deixarei você sair.

Se não tiver ninguém me perseguindo, eu não preciso que você me faça sumir. Gallardo soltou um suspiro irritado. Mas aproximou-se do balcão e aceitou um copo de cerveja que uma das mulheres lhe ofereceu, seguindo as instruções de Mikhail.

O homem que o dono do bar enviara para fora apareceu de novo. Ele lançou um olhar a Mikhail e balançou a cabeça em negativa.

— Você está com sorte, Patrizio. Venha por aqui — disse Mikhail fazendo um gesto para que eles o seguissem atrás do bar.

Gallardo e seus homens seguiram o grandalhão calvo até o armazém dos fundos e desceram as escadas até o porão. Mikhail acendeu a lâmpada nua que pendia do teto. A luz amarela pálida inundou o lugar.

Indo até o outro lado do aposento, Mikhail rolou uma pilha de barris de cerveja para fora do caminho. Depois, empurrou uma seção da parede, e uma laje a seus pés deslizou para o lado a fim de revelar degraus esculpidos na rocha de uma escada que descia em espiral.

Grande parte das fundações em Odessa eram de pedra calcária e, por isso, muito fáceis de escavar. Tirando vantagem das rochas do lugar, muita gente tinha extraído pedras para utilização em edifícios e residências em toda a área. Mais tarde, quando surgiu a necessidade, e o contrabando se tornou a profissão mais bem remunerada da província, diversos túneis foram construídos para conectar essas galerias e para armazenar e ocultar a mercadoria.

— Tome — disse Mikhail, tirando uma lamparina da despensa.

Gallardo acendeu a mecha com o isqueiro e tapou o pavio com o vidro para proteger do vento. Quando a chama estava devidamente

ajustada e queimava bem, ele desceu para as entranhas da terra.

Lourds e seus companheiros haviam escapado dele por um momento, mas ele ainda tinha seus meios para localizá-los. No entanto, ia passar um longo tempo antes que pudesses voltar a fazer negócios na Rússia.

Felizmente, Lourds não permaneceria na área. Isso seria um problema.

*

PORTO DE VENEZA

VENEZA, ITÁLIA

28 DE AGOSTO DE 2009

Lourds sentou-se no barco que os transportava do *Winding Star* e observou a cidade. O cheiro da água semiestagnada tirou um pouco do fascínio, mas não havia nada mais grandioso do que Veneza em sua mente. A luz das últimas horas da manhã se refletia a leste, em púrpura e ouro, ao mesmo tempo em que os turistas enchiam as ruas e os canais.

— Você está sorrindo — disse Leslie a ele, sentada a seu lado no banco.

De vez em quando os golpes das ondas a rolar faziam com que seus corpos se tocassem de uma maneira muito agradável e tentadora.

— Estou? — a resposta de Lourds foi uma pergunta.

Ele tocou seu rosto como que para comprovar a afirmação, mas ele estava sorrindo, é claro.

— Deve ser a companhia... — disse Lourds, sorrindo.

Leslie sorriu de volta para ele:

— Eu ficaria lisonjeada se fosse o caso, mas seria uma tola em pensar assim.

— É esta cidade — respondeu Lourds com toda a honestidade. — Algumas das maiores mentes do mundo viveram aqui. Eles escreveram livros, peças de teatro e poemas que continuam sendo estudados até

hoje. Famílias da realeza, casas comerciais e impérios nasceram e morreram aqui.

Lourds calou-se antes que começasse a discursar, como numa palestra.

— Você já esteve em algum lugar que não lhe tenha deixado maravilhado?

O professor negou com a cabeça:

— Nunca. Ao menos nos lugares que tenham história. Estive em alguns lugares sobre os quais sabia muito pouco, mas ao conhecer a língua das pessoas que lá habitavam pude descobrir histórias e sonhos com os quais fiquei maravilhado. As sociedades e as culturas são únicas e extraordinárias, mas ficam ainda melhores quando se justapõem, quando se chocam ou quando competem.

— Mas você se refere às guerras? — replicou Leslie. — Isso não me parece uma coisa muito agradável.

— A guerra não é uma coisa boa — respondeu Lourds. — Mas faz parte do processo de civilização do mundo. E se não houvesse as guerras, as pessoas não teriam oportunidade de aprender nada com os outros povos. Não haveria intercâmbio de ideias, paixão e idiomas. Todo mundo conhece o impacto que as Cruzadas tiveram na civilização daqueles tempos, na questão dos alimentos, da matemática e da ciência. Mas poucos se dão conta de que os chineses, marinheiros e exploradores, com seus enormes juncos à vela, alguns deles com quase duzentos ou duzentos e cinquenta metros de comprimento, interagiram com um grande número de culturas diferentes durante o seu apogeu.

— Mas — perguntou Leslie — essa justaposição não acabaria destruindo as línguas, adulterando-as de forma que perdessem a sua pureza?

— Possivelmente, mas as raízes da língua original estariam lá, e as sobreposições das linguagens permitem um melhor estudo de ambas. Suas semelhanças, suas diferenças. A justaposição consegue aumentar a compreensão que um linguista pode ter delas.

— Bem, vou acreditar no que você diz — Leslie parecia um tanto sombria. — Mudando um pouco de assunto, hoje de manhã conversei com meu produtor. Ele nos concedeu um pouco mais de tempo para que

possamos prosseguir com esta história, mas já começou a me pressionar para que lhe mostre alguma coisa.

Lourds pensou por um momento. E perguntou:

— Você contou a ele sobre o címbalo?

— Você me pediu que não fizesse isso.

— Mas talvez agora fosse o momento...

— E que estamos a caminho do Instituto Max Planck — continuou Leslie — para saber mais sobre o tráfico de escravos?

— Sim — respondeu o professor. — Mas ele tem de permanecer em silêncio sobre isso por ora.

— Tudo bem — Leslie olhou para a cidade. — Quanto tempo vamos ficar aqui?

— Sairemos para Leipzig em seguida. Halle fica a menos de uma hora de carro de Leipzig, mas reservar um quarto por lá é um pouco mais problemático. Josef também me disse que numa cidade tão pequena quanto Halle seria muito mais fácil de nos encontrar. Ele já preparou tudo para nós. Devemos ter um carro alugado esperando por nós no continente.

*

— Professor Lourds?

Lourds estudou a mulher de meia-idade sentada a uma mesa no café ao ar livre, com um sorvete em forma de flor e adornado com um biscoito bem à sua frente.

— Eu reconheci você pela foto que Josef enviou.

A mulher abriu uma pasta pousada na mesa e lhe mostrou a fotografia que Danilovic havia tirado na noite passada.

Na foto, Lourds estava segurando uma taça de conhaque e um charuto. Ele não parecia um fugitivo, nem na foto nem pessoalmente, mas seu sangue congelou ao ouvir a mulher pronunciar seu nome.

— Bem parecido com a foto — disse a mulher. — Você é um homem bonito.

— Obrigado — agradeceu ele, ainda meio desequilibrado pelo tempo passado no mar.

Leslie deslizou suavemente ao seu lado e pegou o braço dele.

A mulher olhou para Lourds e, em seguida, para Leslie. Ela sorriu novamente, mas desta vez não era um sorriso tão amistoso:

— Bem, Josef me pediu que lhe entregasse este pacote.

Lourds pegou o envelope pardo.

— Dentro do envelope você vai encontrar as chaves do carro alugado e as instruções de como encontrá-lo — a mulher se levantou e levou o sorvete com ela. — Eu espero que você tenha uma viagem segura e produtiva.

— Obrigado — disse Lourds.

— E se alguma vez voltar a Veneza e não tiver que bancar a babá, me ligue — a mulher deu a Lourds um cartão de visitas.

Ela se virou e afastou-se de uma maneira tão graciosa que Lourds e Gary não conseguiram tirar os olhos de cima.

Lourds cheirou o cartão. Seu perfume era de lírios.

Leslie o arrancou das mãos.

— Confie em mim, você não vai precisar disso.

Ela depositou o cartão na primeira lixeira que encontrou e guiou o professor pelo café até a rua.

Lourds não se importou. Ele tinha memória fotográfica para números de telefones. Até mesmo os internacionais.

*

LEIPZIG, ALEMANHA

28 DE AGOSTO DE 2009

Embora nunca tivesse dirigido por uma das autoestradas alemãs antes, Natashya se mostrou bastante qualificada. Lourds não estava muito surpreso com essa habilidade porque ele tinha visto como ela guiava, lá em Moscou. Gary e Leslie iam no banco traseiro do carro alugado e xingavam e gritavam quando a policial serpenteava entre aquele tráfego rápido e frenético.

O Radisson SAS Hotel Leipzig estava localizado no centro da cidade,

em Augustusplatz. Eles deixaram o veículo na garagem e entraram no vestibulo.

— Vou confirmar as nossas reservas, por que vocês não procuram alguma coisa para a gente comer? — sugeriu Leslie.

Eles tinham viajado pelas últimas horas e só parado para reabastecer o carro. Lourds estava com fome, mas como já era bastante tarde, passava das onze da noite, duvidou muito que eles encontrassem um restaurante aberto que pudesse atendê-los. Seus temores foram confirmados quando a funcionária da recepção começou a falar:

— Infelizmente, nosso restaurante Orangerie já está fechado, senhor — disse a jovem sorrindo, como que para se desculpar. — Mas o bar do salão e o do vestibulo estão abertos, apesar de eles terem um cardápio limitado.

— Obrigado — disse Lourds. As coisas estavam melhorando. Pelo menos, eles não iriam morrer de fome.

A jovem recepcionista sorriu para ele de novo:

— Por favor, pode me procurar se precisar de mais alguma coisa, senhor. Qualquer coisa.

Seus olhos brilhavam com as possibilidades.

— Você sempre consegue tudo com as mulheres, companheiro? — perguntou Gary em voz baixa enquanto se afastavam da recepção. — Por que se for, eu não entendo você.

— Não — respondeu Lourds, sem lhe dar mais explicações.

*

Mais tarde, depois de terem consumido aperitivos, entradas e sobremesas, Lourds sentou-se em um dos grandes sofás e deu uma espiada nas televisões. Apenas algumas pessoas estavam no salão.

A conversa era leve e, sobretudo, cansada, mas girava em torno da próxima reunião com o professor Joachim Fleinhardt no Instituto Max Planck. Lourds havia entrado em contato com ele no caminho e marcado uma reunião para a manhã do dia seguinte.

— Bem... — anunciou Leslie — acho que já desfrutei de toda a diversão que sou capaz de suportar em um dia. Vou para a cama.

Parece que amanhã será um dia muito especial para nós.

— Possivelmente — disse Lourds. — Isso é uma pesquisa, e você nunca consegue prever o que vai descobrir em uma.

Leslie deu um tapinha no ombro dele:

— Eu tenho fé em você. A professora Hapaev acreditava ter uma resposta quanto às origens do címbalo e confiou totalmente que você seria capaz de encontrá-la. Acho que estamos em boas mãos.

Lourds agradeceu pelo elogio, mas ele sabia por experiência própria que, caso fossem criadas expectativas, as universidades e a imprensa tendiam a ficar desapontadas quando alguém não lhes mostrava algo incrível.

— Também vou para a cama — anunciou Gary.

— Você vai dormir? — perguntou Lourds, sem disfarçar a surpresa.

De todos eles Gary parecia dormir o mínimo possível.

— Eles têm TV a cabo — Gary respondeu com um sorriso. — Isso significa que temos tanto *Adult Swim* no Cartoon Network quanto pornografia. Qualquer das opções estará bem para mim.

Lourds virou-se para Natashya:

— E você?

— E eu o quê? — Natashya perguntou.

Ela estava sentada diante dele. Mesmo que parecesse relaxada, Lourds estava ciente de que ela estava constantemente alerta. Controlava tudo e a todos que se moviam no vestíbulo.

— Cansada demais para uma bebida? Eu pago.

— Tentando ser amável, professor Lourds?

Lourds deu de ombros:

— Acho que o pensamento de você ir a seu quarto e ficar ali sentada olhando para as paredes me preocupa um pouco. Você não chegou a dormir no carro.

— Dormir é uma coisa desnecessária quando você está sendo caçado — disse ela. — Eu me sinto mais segura quando estamos em movimento.

A ideia de estar sendo caçado foi desconcertante para Lourds, e ele deve ter mostrado em seu rosto.

— Você tem os olhos tão firmemente concentrados sobre o prêmio

que está se esquecendo de que os outros estão fazendo o mesmo — continuou ela. — Acontece que o prêmio deles somos nós. Nós somos uma ameaça para o que eles estão fazendo.

— E eles não podem fazer isso sem nós?

Natashya balançou a cabeça.

— Aparentemente, não. Caso contrário, não teriam enviado Gallardo atrás de nós.

— Mas como eles nos encontraram em Odessa?

Um sorriso melancólico se desenhou na boca de Natashya.

— Essa é a grande pergunta, não é? Como você acha que Gallardo nos encontrou?

— Se fosse um filme de espionagem — respondeu o professor —, um de nós estaria carregando um dispositivo de rastreamento. Mas não tivemos contato suficiente com Gallardo ou seus cúmplices para que uma coisa dessas tivesse acontecido.

— Concordo.

— A presença dele em Odessa não era coincidência.

— Se tivesse pensado em algo assim — retrucou a policial — nem que fosse por um segundo, eu iria passar a considerar você perigosamente ignorante. Mas para um professor universitário, suas habilidades de sobrevivência são impressionantes.

— Mas não o suficiente para me impedir de ser morto.

— Provavelmente não.

Lourds estremeceu, antes de comentar:

— Isso foi brutalmente honesto.

— Você viverá mais tempo se estiver ciente disso — replicou ela.

— Bem... Isso nos deixa apenas uma possibilidade, mas eu me recuso a aceitá-la.

— Então você é mais tolo do que eu esperava. — A decepção mostrou-se no belo rosto de Natashya.

— Você está insinuando que alguém... Leslie, Gary, ou Josef, nos traiu.

— Gallardo e seus homens quase nos pegaram — apontou Natashya. — Isso foi mais do que simplesmente alguém contar que estávamos em Illichivsk.

Lourds silenciosamente admitiu o argumento:

- Tem que haver outra resposta.
- E existe... Eu poderia ter nos entregado.

Isso surpreendeu Lourds.

Natashya olhou para ele e balançou a cabeça. Ela parecia triste e divertida:

- Esse pensamento nunca passou pela sua cabeça?
- Não — respondeu ele, com sinceridade.
- Por quê?
- Você é irmã de Yuliya. Você não faria isso.
- Você é um homem do mundo, professor Lourds. Mas sabe do que minha irmã mais gostava em você?

Lourds encolheu os ombros, negando.

— A sua ingenuidade. — continuou a jovem. — Ela sempre defendeu que você era um dos homens mais inocentes que ela já conhecera. — Natashya levantou-se. — Vamos ter que madrugar, por isso aconselho que vá descansar um pouco. Boa-noite.

— Boa-noite.

Lourds ficou observando a maneira como ela se afastava. Tinha uma forma maravilhosa de andar e uma bela figura para ostentar. Ele se fixou em ambas as coisas de um modo que não lhe pareceu nada inocente.

CAPÍTULO

13

INSTITUTO MAX PLANCK DE ANTROPOLOGIA SOCIAL

HALLER AN DER SAALE, ALEMANHA

29 DE AGOSTO DE 2009

— Você conhece o trabalho que está sendo feito pelo Instituto de Antropologia Social, professor Lourds? — perguntou Joachim.

Joachim Fleinhardt parecia ser uma pessoa muito interessante. Pela conversa telefônica, breve e concisa, Lourds esperava que fosse um sujeito destrambelhado e corpulento que talvez passasse horas e horas no seu laboratório.

Na verdade, era um homem que deveria medir um pouco mais de 1,80 m e um surpreendente exemplo de energia híbrida. Ele confessou aos visitantes que seu pai alemão havia se casado com uma pilota militar negra dos Estados Unidos. Os genes daquela mescla eram evidentemente superiores. O posto de Fleinhardt no instituto e sua reputação indicavam que era uma pessoa brilhante. Sua pele mostrava uma bonita mistura de cores, escura e suave, e era esbelto e bem-apeado. Movia-se como um atleta profissional. Só isso já era intimidante.

Também estava vestido de maneira impecável, o que fez com que Lourds se sentisse estranho com jeans e a camisa solta desabotoada sobre uma camiseta de futebol. Ia vestido de acordo com algo mais costumeiro, mas não para um ambiente com pessoas envolvidas em pesquisa científica.

— Tenho que admitir que não conheço como gostaria — disse Lourds.

Fleinhardt avançava pelos impecavelmente limpos corredores do instituto com autoridade, e as pessoas abriam espaço à sua passagem.

— Meu grupo trabalha em integração e conflito — ele lhes explicou.

— No estudo de guerras tribais? — perguntou Lourds.

— E do trato escravo. Eu receio que não haja um sem o outro.

Quando os europeus chegaram à África, sobretudo à África do Norte, e introduziram novos mercados que os iorubá e o resto das tribos não conheciam, mudaram por completo as suas vidas — respondeu Joachim.

— Normalmente é o que o comércio faz, seja por bem ou por mal, mas é isso que acontece — observou Lourds.

— Investigamos e documentamos a integração e os conflitos porque acreditamos que esses elementos desenham e designam melhor a identidade e a diferença entre as culturas — disse Joachim.

— Devido à visão deles de parentesco, amizade, língua e história — concluiu Lourds.

— Exatamente — um sorriso de encanto se estampou no rosto de Fleinhard. — A necessidade das culturas de agregarem rituais e crenças nos dão muitas chaves para saber quem eram eles e com quem entraram em contato.

— E não apenas isso, como também ajuda a estabelecer uma linha do tempo — acrescentou Lourds.

— Você me deixa impressionado, está bem atualizado. Hoje em dia há muita gente que não está a favor da formação ou das atividades multidisciplinares — assegurou Fleinhardt, assentindo.

— De fato, o projeto me interessou. Além disso, os linguistas, arqueólogos e antropólogos costumam beber das mesmas fontes. Na atualidade, torna-se muito difícil estar a par de tudo que está relacionado com a ciência, mas tento complementar as minhas informações tanto quanto eu possa.

— Sim — com certo pesar, Fleinhardt franziu a testa. — Temo que nós estejamos perdendo o conhecimento básico. A linguagem básica que os cientistas utilizam para comunicar-se. Mas as línguas são sua especialidade, correto?

— Sim. O problema do conhecimento básico é um que toda civilização em expansão enfrenta, cedo ou tarde. Inclusive, mesmo há dois ou três mil anos a tecnologia avançava com muito mais rapidez e sem levar em conta que as pessoas pudessem ou não se acostumar a ela. O nascimento das bibliotecas, lugares nos quais se podia conservar e compartilhar o conhecimento ajudou de certa forma, mas, até aparecer

Gutenberg e sua prensa primitiva, compartilhar e distribuir conhecimento continuava sendo um problema — disse Lourds.

— E continua sendo um problema ainda hoje. Se não fosse por este trabalho e pela verba que foi designada para ele, não poderia me permitir a posse da maioria dos manuais técnicos e dos livros de referência que tenho em mãos — disse Joachim Fleinhardt.

— Eu o compreendo. Nem sequer a internet, com todas as possibilidades de pirataria em muitos portais, pode com isso. Minha verba nunca cobre tudo o que eu quero ler. Todos os anos, eu acabo gastando do meu próprio bolso — disse Lourds.

— Essa é a queixa de todos os pesquisadores que levam a sério o seu trabalho — comentou Fleinhardt rindo.

*

A sala em que se encontravam os objetos e a documentação sobre os iorubás era menor do que Lourds esperava. Sua expressão no rosto deve ter demonstrado certa decepção.

— Não está tudo aqui — explicou Fleinhardt enquanto ligava um computador. — Apesar de o instituto ser bem grande, não temos espaço para tudo o que queremos. Muitos dos documentos que recuperamos ou copiamos foram passados para imagens digitais. Nossa base de dados é bastante completa.

Lourds deixou a mochila no chão e se sentou onde lhe indicou Fleinhardt.

— Eu tomei a liberdade de proteger os arquivos pelos quais a professora Hapaev perguntou. É isso que vocês querem averiguar? — perguntou Joachim ao mesmo tempo em que teclava alguns comandos.

— Para começar sim. Não sei aonde me levará esta busca — disse Lourds.

— Bem, se a pesquisa que está fazendo serve de ajuda para o programa de televisão, espero que não caia mal mencionar nosso trabalho. O instituto sempre vê com bons olhos os donativos de que tanto precisamos — disse Joachim.

Ele assegurou que não esqueceria, mas sua mente já estava à

espreita da informação. Avançou mentalmente até os iorubás e conheceu seu país, sua história e seu povo e ficou completamente fascinado.

*

TRASTEVERE

ROMA, ITÁLIA

29 DE AGOSTO DE 2009

— Seja bem-vindo, padre. Entre, por favor.

Murani desconsiderou o descuido do outro e deixou de lado a falta de cuidado, apesar de ser muito mais que um simples sacerdote. Sabia que sua interlocutora não havia tentado desmerecer sua posição. Ultimamente essa mulher já não recordava muitas coisas nem as tinha com clareza.

— Obrigado, irmã — disse ele, deixando que a anciã se ocupasse do seu casaco. Aquele dia estava vestido de preto, com um rosário pendurado no pescoço.

— Os demais estão na parte de trás, padre — afirmou a mulher, enquanto ajeitava o casaco em um mancebo.

Murani percorreu a espaçosa e elegante casa. Nem todos os membros da Sociedade de Quirino haviam permanecido na Igreja. A sociedade necessitava de autonomia e não existia somente sob o atento olhar do papado. Além do mais, nem todos os seus membros eram sacerdotes. Às vezes, o dinheiro tinha que vir de algum outro lugar. Tinham feito negócios com os crentes.

Já caminhando pelos estreitos corredores cheios de pinturas e esculturas que descreviam grande parte da história de Roma e da Igreja, Murani encontrou Lorenzo Occhetto recebendo em audiência em um amplo escritório. A porta dupla estava aberta.

Occhetto era um homem de tez enrugada e tinha a cabeça calva cheia de manchas de velhice. Parecia um cadáver animado, mas de seus amarelentos olhos não escapava nada. Em seus melhores dias,

tinha mostrado um dinamismo incrível dentro da Igreja e lutara contra todas as perdas de poder e prestígio que tinha sofrido a casa Santa. Havia expressado em voz alta sua opinião em todos esses assuntos e acusado os papas anteriores de não os ter evitado.

Além do anfitrião, havia outros três homens naquela sala. Todos escutavam Occhetto. Uma ampla tela embutida na parede mostrava imagens em tempo real das escavações de Cádiz. Não seria possível ao recém-chegado ter alguma dúvida sobre o assunto da conversa.

— Ah, cardeal Murani, que prazer em vê-lo — sua voz era áspera, mas carregada de autoridade. — Estou feliz que tenha podido vir — disse Occhetto.

Um comentário supostamente cortês, mas ambos sabiam que não havia remédio. Quando Occhetto chamava alguém, esse alguém tinha que se apresentar.

Ele lhe estendeu a mão.

— Não há porque conversar aqui. Gostaria de dar uma volta com você enquanto ainda posso fazer isso — propôs Occhetto, levantando-se lentamente.

*

— Temos compartilhado muitos segredos ao longo dos anos — comentou Occhetto enquanto entrava no elevador privado que conduzia ao porão e que estava escondido atrás de uma parede e um relógio de pé, que se abria para dentro quando se soltavam uns trincos.

Murani entrou no elevador e fechou as portas. Occhetto apertou um botão, e a luz esmaeceu. Depois de alguns instantes, o elevador deu uma leve sacudida antes de iniciar a descida.

— Mas não lhe mostramos todos os segredos — disse Occhetto.

Aquilo encolerizou Murani. Quando aceitaram seu ingresso na Sociedade de Quirino, ele acreditou que contariam tudo.

— Por que me ocultaram informações? — Murani sabia que o tom de exigência de sua voz poderia lhe causar problemas, mas formulou a pergunta antes de poder se conter.

Occhetto não deu importância.

— Nós lhe *dissemos* tudo, Stefano, mas não lhe *mostramos* tudo.

“E o que isso quer dizer?”, pensou Murani.

O elevador se deteve. Murani abriu as portas e ambos entraram em uma espaçosa sala escavada em pedra e situada abaixo da cidade.

Os quartos do porão da casa de Occhetto haviam sido utilizados para o contrabando. Sua família era muito religiosa e aquilo normalmente já havia sido perdoado. Naturalmente, seus ganhos ilícitos eram adequadamente redirecionados a dízimos para que suas almas continuassem protegidas.

— O que eu vou lhe mostrar é uma joia da minha coleção — disse Occhetto enquanto cruzava aquele cavernoso espaço e parava em frente a uma porta. Havia várias outras portas. — Só alguns poucos membros da Sociedade de Quirino sabem que eu possuo o que vou lhe mostrar agora. — O ancião tirou um chaveiro do bolso e enfiou a chave na fechadura. O mecanismo se abriu com um som débil e suave que indicava que era utilizado com frequência.

Occhetto pegou uma vela de uma estante da parede e a acendeu com um fósforo. A chama oscilou por um momento e depois ardeu com força. Colocou-a dentro de uma lamparina.

A primeira coisa que chamou a atenção de Murani foi uma Virgem no interior de uma reentrância escavada na parede de frente. Tinha quase um metro de altura. Maria, Mãe de Deus, tinha os braços abertos, em uma postura de silenciosa súplica. Depois se fixou na longa mesa que havia no centro. A vela iluminava o suficiente apenas para se ter um vislumbre de estranhas formas de vidro.

Hipnotizado pela visão e tentando ter uma ideia da forma completa daquela presença que ainda não conseguia ver, avançou.

— Espere — alertou Occhetto —, você irá precisar de mais uma vela.

Murani pegou uma vela e a acendeu na que havia na lamparina que Occhetto sustentava com suas mãos trêmulas.

— Você está vendo o recipiente que está a seu lado? — perguntou Occhetto.

Murani olhou nessa direção.

— No interior há um pavio. Acenda-o e dê uns passos para trás.

Na mesa, Murani inclinou a vela para acender o pavio que estava

flutuando no óleo e que rodeava a estrutura de metal.

Enquanto olhava, a vela acendeu lentamente pela tubulação que percorria toda a estrutura. O vidro amplificava a luz conforme ia iluminando-se. Depois de alguns poucos minutos, uma cidade em miniatura surgiu das sombras.

— A Atlântida!

*

Fascinado pela beleza que tinha diante de si, Murani avançou com cuidado. A cera derretida lhe caía na mão, mas ele quase não se dava conta.

Torres ameaçadas de cor verde pálido se erguiam entre o verde mais escuro e o âmbar das casas e dos edifícios de cristal que haviam na base da maquete. Umas lâmpadas amarelas iluminavam as estreitas ruas que sulcavam a cidade em círculos concêntricos. Aquela era a prova indiscutível de que era a Atlântida. Ali mais adiante, na continuação do cristal se formatava o mar circundante, mas este brilhava tenuamente de cor azul.

A cor provinha da tinta do vidro soprado. Todas as peças tinham sido fabricadas com extremo esmero.

Hesitante, Murani levantou a vela e a apagou. A suave luz da Atlântida continuava acesa.

— Esta maquete foi feita segundo a ilustração da cidade — assegurou Murani. Aquela imagem havia povoado sua mente desde que a mostraram a ele pela primeira vez.

— Sim — afirmou Occhetto.

— Quem a fez? — perguntou Murani.

— Um sacerdote que não era muito fiel a seus votos. Chamava-se Sandro D'Alema. Era o terceiro filho, que foi oferecido por seu pai à Igreja. Teria se saído muito melhor se fosse artesão, pintor ou escultor, mas em seu diário explica que seu pai temia que passasse fome. Mas o jovem ausentava-se da igreja por semanas e até meses e estudava arte — disse Occhetto.

— Como ele conseguiu fazer isto? Se não estava comprometido com

a fé, é difícil que alguém lhe falasse dos textos secretos ou da Atlântida — disse Murani.

— Um dos cardeais queria que o desenho fosse recriado, assim sendo chamou D'Alema, mas ninguém lhe disse o que era.

Murani olhou a cidade.

— O motivo pelo qual eu lhe mostrei isso é para recordá-lo da poderosa e linda cidade que era, e sem dúvida tão frágil no fim. O poder que foi utilizado ali... — disse Occhetto.

— O fruto da árvore — murmurou Murani.

— Sim, porém não a maçã que tantos pintores têm posto nas mãos de Eva quando tentou Adão. Era um livro. A verdadeira palavra de Deus. Tal e como foi escrita no Jardim do Éden — disse Occhetto.

— A palavra era sagrada e incognoscível — repetiu Murani como uma ladainha, tal e como haviam lhe ensinado quando o aceitaram na Sociedade de Quirino —, mas eles tentaram usá-la de qualquer forma.

— Era uma tentação. Tanto poder — disse Occhetto assinalando com uma mão fechada como uma garra. — Bem ali para que o pegassem.

Murani não disse nada, mas seus pensamentos se fixaram em tudo o que poderia fazer com semelhante poder ao seu alcance. Fez um esforço para afastar o olhar da cidade que ardia nas sombras.

— Eu estou lhe contando isso para que se recorde de que as pessoas que viveram nessa cidade perderam o mundo, um mundo muito melhor do que jamais teremos. E que os poucos que sobreviveram tiveram que abrir seu próprio caminho através dos restos do que havia sido sua civilização para voltar a Deus. Nem todos eles fizeram isso. Nem todos nós o faremos — disse Occhetto.

Enquanto mantinha seu olhar fixo no idoso sacerdote, Murani pensou o quanto Occhetto sabia ou imaginava sobre o que o cardeal estava fazendo. O resto dos confrades não sabia nada sobre os instrumentos, só ele os havia descoberto. A verdade esteve diante deles, escrita nas páginas e desenhada nos quadros da Atlântida, mas ninguém havia visto.

Se não estivesse bem vigilante às escavações arqueológicas e procurando informação, ele tampouco a teria visto.

Occhetto se aproximou da cidade de vidro e se inclinou. Soprou

sobre o pavio aceso e a chama diminuiu e se apagou.

Murani se fixou em quão astutamente o artista havia fabricado a cidade. Conforme iam se extinguindo as chamas, extraíam o ar da seguinte seção e criavam um vazio que as apagava. Depois de pouco tempo, o quarto voltou a ficar envolto em sombras.

— Faça com que a lição também sirva para você. Não cobice o que não deve ser seu — aconselhou Occhetto.

— Claro! — mentiu Murani.

O problema dos outros cardeais era que eles tinham medo de utilizar o poder. Ele não. Era preciso utilizá-lo. Qualquer coisa que conseguisse devolver a ordem ao mundo era justificável.

*

Menos de uma hora depois, Murani não conseguia afastar de sua mente a imagem da cidade iluminada por chamas. Desde que havia se inteirado da existência da Atlântida e de quão intimamente relacionada a cidade estava com a Igreja e com tudo em que acreditava, se sentia fascinado por ela. Saber da existência dos textos secretos e da palavra sagrada que continha naquele livro havia incrementado sua fascinação.

Sentou-se em um dos bancos da basílica de São Clemente, uma de suas igrejas favoritas, e rezou para Deus que lhe desse forças para ser paciente.

O banco se moveu levemente, como se alguém tivesse se sentado a seu lado.

Murani abriu os olhos, olhou para o lado direito e viu Gallardo. Era um homem pontual.

— Não queria interromper — desculpou-se —, mas não queria ficar de pé esperando — disse Gallardo.

— Não tem problema, está tudo bem — o cardeal lançou um último olhar para a igreja e se colocou em pé. — Vamos — disse Murani.

*

— Lourds está na Alemanha — informou Gallardo enquanto

caminhavam pela Via San Giovanni, cheia de compradores, vendedores, moradores e turistas.

— Sabe para onde exatamente ele foi? — perguntou Murani, que caminhava com as mãos nas costas. Seu hábito de cardeal chamava a atenção, mas as pessoas desviavam o olhar quando seus olhos cruzavam com os dele.

— Em Leipzig — respondeu Gallardo.

— Não quero que ele se adiante muito em relação a você — disse Murani.

— Isso não acontecerá. Enquanto ele estiver viajando com aquela mulher inglesa, não poderá ir muito longe. — Quando passaram ao lado de uma mãe que empurrava um carrinho de bebê, Gallardo se calou. — No entanto, não me parece uma má ideia dar alguma corda para ele.

— Esse homem é perigoso — assegurou Murani, negando com a cabeça. — Se ele conseguir traduzir as gravações...

— Você me disse que somente uma pessoa poderia traduzir aquilo... Você mesmo — disse Gallardo.

Isso não havia sido a verdade plena. Murani tinha conseguido decifrar parte das notas sobre o instrumento, mas não muito. Se não houvesse ilustrações ele não teria entendido lá grandes coisas. Mas sabia que era a pessoa que mais se havia aproximado de poder ler aquela antiga língua.

— Lourds é competente e está bem preparado — disse Murani.

Continuaram em silêncio por algum tempo perambulando por uma praça a caminho do estacionamento onde estava o carro de Murani.

— Lourds está procurando por algo específico — disse Gallardo.

— Como você sabe? — perguntou Murani.

— Porque eu sei o que procurar quando se trata de vigiar as pessoas — respondeu Gallardo. — Acredito que ele esteja procurando algo em especial. Por isso está em Leipzig. Senão ele teria voltado para sua casa depois que nos encontramos em Moscou.

— O que há ali que possa interessá-lo? — perguntou Murani.

— Ainda não sei. Se as coisas estiverem tranquilas na Alemanha, irei para lá amanhã ou depois — respondeu Gallardo.

— Mas pode ser que nesse período ele já tenha ido embora —

retrucou Murani.

— Caso ele faça isso, eu o encontrarei. Nesse meio tempo, quero contratar algumas pessoas para que entrem em sua casa em Boston — disse Gallardo.

— Por quê? — perguntou Murani.

— Para conhecê-lo um pouco melhor. Com certa frequência, eu faço com que roubem algo na casa de alguns dos meus clientes para checar as coisas. Normalmente para saber se eles têm dinheiro suficiente para me pagar. Se não tiverem um bom sistema de alarme, normalmente não possuem tantos recursos assim. Mas não seria nada mal dar uma olhada na casa de Lourds para comprovar se o professor descarrega alguma informação em casa quando está viajando — disse Gallardo.

— Como assim, descarregar informação?

— Claro! Um sujeito que está viajando com um computador pode muito bem baixar seus arquivos no disco rígido de casa. Ou em outro lugar que não seja ali. Se eu enviar alguém para invadir a casa dele e copiar tudo que existir no computador, vamos saber o que ele pode ter achado melhor mandar para lá. Talvez possamos descobrir o que ele já sabe — disse Gallardo.

Murani não havia pensado nisso.

— Parece uma boa ideia — falou Murani.

*

Murani voltou ao estacionamento onde tinha guardado o carro, acompanhado por Gallardo. Devido à escuridão que reinava no local, ficou feliz por estar com ele.

— E assim que souber algo que aconteceu ou esteja acontecendo em Leipzig ou no apartamento de Lourds, me informe — disse Murani.

— Eu o mantereii informado — disse Gallardo, já de frente para o carro.

No momento em que Murani ia entrar no carro, viu uma cara conhecida entre as sombras que ficavam longe do alcance das luzes de segurança do estacionamento. O terror lhe invadiu.

O papa havia ordenado que o espionassem.

Durante um tempo não conseguiu recordar quem era aquele homem. Achava que se chamava Antonio ou Luigi, um nome bem comum.

— O que houve? — perguntou Gallardo.

— Eu cometi um erro — respondeu em voz baixa. — Me seguiram ou me descobriram.

— Tem alguém ali? — perguntou Gallardo.

— Sim, do outro lado do prédio, contra a parede da parte de trás — respondeu Murani, temendo que Gallardo desse a volta e olhasse para trás, mas ele não o fez.

— Alguém da Igreja sabe quem eu sou? — perguntou Gallardo.

— Não sei. Mas se mais tarde ficarem sabendo o que aconteceu em Moscou, me farão um montão de perguntas difíceis — respondeu Murani.

Gallardo tomou a decisão instantaneamente e as feições do seu rosto se endureceram num piscar de olhos.

— Verdade, mas isso não é nada conveniente para nós. Dê-me as chaves — disse Gallardo.

Murani sentiu seu coração dar um pulso. Mesmo que aquele noviço corresse para contar tudo ao papa e este não se preocupasse muito com a importância daquele encontro, a Sociedade de Quirino sim o faria. Eles protegiam seus segredos com grande zelo, e se achassem que os segredos corriam algum risco com o cardeal, lhe cortariam toda a informação. Murani não poderia permitir isso.

Deixou as chaves caírem na palma da mão de Gallardo.

— Entre no carro no assento do passageiro — Gallardo lhe ordenou enquanto abria as portas eletronicamente.

Murani rodeou o carro e entrou.

Depois de ligar o automóvel, Gallardo enfiou a primeira marcha e procurou a arma que levava sob sua jaqueta. Quando a retirou, ele a colocou debaixo de sua perna.

— O que vai fazer? — perguntou Murani.

— Vou me encarregar de seu problema. — Assim que viu o jovem sacerdote fugindo, Gallardo apertou o acelerador.

O sacerdote corria, sem dúvida para salvar a vida. Seu hábito revoava à sua volta quando chegou à saída do estacionamento.

Gallardo passou como um furacão pela saída e fez chiar as rodas quando girou bruscamente à direita para perseguir a sua presa pela calçada.

O homem que eles seguiam estava aterrorizado e corria com todas as suas forças, com sua alma.

Gallardo acelerou e girou as rodas para a direita. Adiantou-se em relação ao sacerdote e lhe cortou a passagem. Os pedestres se distanciaram.

O sacerdote se deteve assustado contra o carro. Estava preso. Seu rosto, com as feições tensas pelo medo, estava a escassos centímetros da janela de Murani. Por um instante, Murani esteve cara a cara com seu subordinado. Depois o padre se afastou e correu pelo beco.

Gallardo deu marcha a ré, retrocedeu poucos metros e voltou a acelerar com vontade para frente. As rodas deram uma sacudida e chiaram ao colocarem-se em movimento, o carro saiu como uma bala e derrubou várias latas de lixo.

Antes que pudesse perguntar a Gallardo o que havia planejado, Murani entendeu quando o homem voltou a pisar no acelerador com força. O carro ganhou velocidade e se adiantou sobre sacerdote. Nesse momento, o para-choque bateu em suas pernas e o jogou ao chão.

O padre desapareceu sob o carro e deu a impressão de que passavam rapidamente por cima de várias valetas, ao mesmo tempo em que os airbags saltavam. O impacto deu em cheio no peito de Murani e o jogou com muita força para trás. Uma fumaça química e o cheiro de pólvora da carga explosiva que detonava as bolsas inundaram o veículo.

Obcecado pelo ruído de coisas sendo esmigalhadas produzido pelas rodas ao passar por cima do sacerdote e sabendo que não o esqueceria jamais, Murani deu a volta e percebeu que o corpo do homem estava em frangalhos, imóvel e em silêncio sobre o solo de granito daquele beco.

Gallardo parou o carro, deu marcha ré e voltou a passar por cima do sacerdote. O homem parou o carro, rasgou o *airbag* com uma lâmina e saiu com a arma na mão.

Murani teve que deslizar para o lado a fim de sair. Quando o seguiu, suas pernas tremiam.

Milagrosamente, o noviço continuava vivo. Tinha um dos lados do rosto destroçado pelo impacto contra o chão e lhe faltava um olho. Havia sangue por todos os lados. Tentou levantar a cabeça e respirar, mas não conseguiu. Em questão de segundos, a cabeça desabou pesadamente sobre o chão.

Gallardo se ajoelhou para tomar o pulso e limpou o sangue dos dedos na batina.

— Já era. Tem como você se encarregar disso? — perguntou Gallardo, se colocando em pé ao mesmo tempo em que olhava para Murani.

Por um momento, o cardeal não soube muito bem a que o homem se referia.

— Pegue seu celular — ordenou-lhe com calma enquanto guardava a arma no coldre. — Chame a polícia. Diga a eles que acabam de roubar-lhe o carro, que estava dentro dele e que um homem com uma pistola o afastou do volante e que se apropriou do veículo; que brigou com ele e que na confusão o sujeito atropelou um pedestre.

Murani procurou o telefone com certa lerdeza.

— Você entendeu? — perguntou Gallardo.

— Sim, mas você acha que eles irão acreditar em mim? — perguntou Murani.

Gallardo bateu nele sem avisar. Seu enorme punho golpeou a mandíbula e quase fez a cabeça do cardeal girar no pescoço. Quando ainda estava balançando e quase caindo para trás, Gallardo voltou a bater nele. Este segundo golpe o acertou em cheio no nariz. Começou a jorrar sangue pela boca e as pernas se dobraram. Gallardo pensou por um momento que o havia deixado inconsciente. Murani caiu para frente e o homenzarrão o agarrou.

— Agora tudo se torna mais crível, a polícia vai ver que você se envolveu numa briga — assegurou Gallardo, que sorriu antes de colocá-lo apoiado contra o carro. — Agora, faça a chamada telefônica. Que seja curta. Vai soar bem mais crível também. Tenho que ir embora agora.

Enfiou as mãos nos bolsos, como se fosse dar um passeio dominical e se distanciou dali. Em questão de segundos, havia desaparecido na noite.

Murani fez a chamada telefônica e esperou no beco com o morto ao seu lado. Sabia que aquilo não era o fim. Havia muita coisa em jogo. Passados alguns minutos, quando se sentiu mais seguro e percebeu que poderia mover-se sem tropeçar e cair, Murani se aproximou do corpo do jovem sacerdote e começou a administrar-lhe a extrema-unção.

CAPÍTULO

14

INSTITUTO MAX PLANCK DE ANTROPOLOGIA SOCIAL

HALLER AN DER SAALE, ALEMANHA

29 DE AGOSTO DE 2009

Lourds encontrou um desenho do címbalo na quarta-feira pela tarde. Apesar de ter revisado o abundante material que o instituto possuía sobre o povo iorubá, o trabalho parecia interminável, e mesmo assim ele não havia perdido a esperança de que aparecesse algo que pudesse elucidar as coisas. Mesmo que ainda soubesse uma coisa aqui e outra ali sobre o povo iorubá e sobre o impacto de sua cultura na África Ocidental, e que inclusive foi mais além do continente, Lourds não conhecia seu verdadeiro alcance.

Normalmente, quando se dedicava a alguma pesquisa investigatória, estudava todos os documentos antes de dividi-los em categorias ou separar os campos de estudo. Não sabia que suas cidades-estados tivessem sido tão desenvolvidas. Em sua opinião, rivalizavam com suas equivalentes europeias. Apesar de serem governadas por monarquias, estas eram regidas segundo a vontade do povo e os senadores podiam ordenar aos reis que abdicassem ao trono.

“Não eram exatamente uns selvagens”, pensou Lourds. Os iorubás tinham governado a região durante centenas de anos antes que os europeus comesçassem a atacar as nações africanas em busca de escravos.

Por desgraça, os iorubás — conhecidos naqueles tempos como Império Oyo — cederam ante a fácil riqueza que o comércio de escravos proporcionava. Empreenderam grandes guerras contra outros reinos e cidades-estados para capturar escravos e vender aos europeus.

Havia alguns documentos dos séculos XVIII e do XIX que o teriam fascinado se pudesse ler, mas Lourds não tinha tempo. Assim, com a permissão de Fleinhardt, copiou e salvou vários desses arquivos no servidor que utilizava em Harvard.

Naturalmente, aquele servidor estava ficando abarrotado de forma alarmante, com todo o material que queria estudar mais tarde. Em alguns dias ele se sentia frustrado ao pensar na quantidade de coisas que *não* chegaria a conhecer por mais que se esforçasse. A vida não era suficientemente longa para satisfazer sua curiosidade.

No meio dessa digressão, ele leu algo sobre o címbalo e soube, com maior certeza, que só haviam descoberto a ponta do *iceberg*.

*

HOTEL RADISSON SAS
LEIPZIG, ALEMANHA
3 DE SETEMBRO DE 2009

As oito, Lourds se dispôs a jantar com seus companheiros. Leslie havia insistido que ao menos comesse como era devido e, no mínimo, uma vez por dia, e que ele os colocasse a par de suas pesquisas.

Jantaram no restaurante do hotel. Normalmente estava suficientemente vazio para que eles pudessem escolher uma mesa ao fundo para falar com relativa intimidade.

— Encontrou o címbalo? — os olhos de Leslie brilharam entusiasmados.

— Creio que sim. — Tirou o computador da mochila e o deixou sobre a mesa, distante da sua taça de vinho.

Haviam se acostumado a comer e falar sobre o trabalho ao mesmo tempo — inclusive com as imagens na tela do computador, se fosse necessário — e com isso seguiam atraindo olhares curiosos do restante dos clientes e dos garçons.

— É um desenho do címbalo, não uma fotografia, mas acho que é bem parecido.

Acionou uma tecla e apareceu a imagem digital que havia descarregado dos arquivos do instituto.

No desenho, o címbalo parecia um disco plano com uma inscrição. O

homem que o segurava vestia uma longa capa e estava com uma coroa.

— Imagino que deveria ser o rei — comentou Gary com certa ironia.

— A verdade é que ele era mais que um rei. Era uma representação de Oduduwa — respondeu Lourds.

— Para você, isso é fácil de dizer, colega — comentou Gary.

— Segundo o povo iorubá, ele foi o líder de um exército invasor que chegou à África Ocidental vindo do Egito ou da Núbia. Algumas fontes muçulmanas sustentam a tese de que Oduduwa procedia de Meca. Segundo o que parece, havia fugido do país por questões religiosas — disse Lourds.

— Que questões? — perguntou Natashya.

— Os documentos que estive olhando não diziam nada a respeito — assegurou, balançando a cabeça. — Também pode ser que tivesse escapado de um exército invasor. O caso é que fugiu com o címbalo. Supõe-se que seja um descendente dos deuses.

— O sino apareceu em Alexandria — interveio Leslie. — Você acredita que é de onde procede o címbalo?

— Você quer dizer se estava lá? Segundo as lendas que foram descobertas, em tempos remotos, sim, esteve. Mas, pelo menos até agora, não se sabe qual é a terra de origem desses instrumentos — disse Lourds.

— Porque as línguas não correspondem a nenhum dos idiomas dessa região — aventurou-se Natashya.

— Exatamente — disse Lourds, assentindo e sorrindo.

— E se puseram os instrumentos ali de propósito? — perguntou Natashya.

Aquilo não havia passado pela sua cabeça e lhe pareceu bem interessante. Lourds meditou por alguns instantes.

— Espere. O que lhe faz pensar que alguém resolveria deixar ali o sino e o címbalo? — perguntou Leslie.

— Nenhum dos dois se encaixa — disse Lourds, seguindo a linha de raciocínio de Natashya. Seu comentário havia conseguido que tudo fizesse mais sentido. — Eles não provêm dessa cultura. O material utilizado, o trabalho realizado, as línguas, tudo destoa do que sabemos dessa região.

— E se queriam que o címbalo desaparecesse, por que atribui-lo a um deus? Ou a alguém próximo dos deuses? Ou o que quer que fosse esse Odudo — disse Leslie.

— Pode ser até que não fizeram nada disso. Talvez tenham inventado essa história quando o tal Odudo saiu do Egito — comentou Gary.

— É possível. Segundo a lenda, Oduduwa foi enviado por seu pai, Olodumare... — explicou Lourds.

— Esse nome apareceu em um disco de Paul Simon — interrompeu Gary. — Foi lançado no início da década de noventa. Chamava-se *The rhythm of the saints, Ritmo dos santos...* Ou algo assim.

— Não me diga! — exclamou Lourds.

— Verdade, cara! — respondeu Gary. — Você tem conexão wi-fi, certo?

Assentiu.

— Me dê um pouco aqui o seu computador, vou ver se encontro — disse Gary.

Depois de passar o *laptop* para Gary, Lourds se concentrou no jantar. Como era o que mais falava nas reuniões informativas, normalmente acabava comendo tudo frio.

Depois de alguns minutos, Gary esboçou um sorriso triunfal.

— Fim de papo! — exclamou Gary ao mesmo tempo em que lhe dava de volta o computador para mostrar-lhe a letra da música.

A referência a Olodumare estava na oitava linha.

— Olodumare sorri no céu — leu Gary.

— Você está se mostrando, no fim das contas, um verdadeiro poço de sabedoria. Por que não foi para a universidade? — perguntou Lourds.

— Eu tentei, mas era muito chato. Na maioria das vezes, sabia mais que os professores. A primeira coisa que se aprende ali é que eles não são muito mais inteligentes que você, e às vezes nem sequer sabem tanto quanto você — ao se dar conta do que havia dito, levantou a mão numa atitude defensiva. — Não me refiro a você, amigo. Você é impressionante.

— Fico feliz com suas palavras. Deixe-me ver se posso ser ainda um pouco mais impressionante — disse tomando um gole de vinho. — Os

iorubás se referem a si mesmos como *eniyan* ou *eniti aayan*, cuja tradução literal seria: “os eleitos que levam a bênção ao mundo” — disse Lourds.

— Você acredita que o cimbalo era uma bênção? — perguntou Leslie.

— Pensei sobre isso. Bem, afinal de contas, depois de tudo ele chegou por meio das mãos de alguém bem próximo de Deus.

*

CAMBRIDGEPORT

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

3 DE SETEMBRO DE 2009

O melhor momento para roubar uma casa não é à noite, e sim durante o dia. À noite geralmente não tem ninguém na rua, e se há alguém, pode chamar a atenção. Mas, durante o dia, as pessoas entram, saem, é um vaivém a toda hora.

Bess Thomsen era uma ladra profissional. Desde os 11 anos de idade já costumava entrar nas casas alheias. Aos 33 anos, já tinha bastante experiência.

Media 1,77 metro, tinha cabelos castanhos, olhos marrons e um rosto fácil de esquecer. Em outras palavras, tinha um aspecto bastante comum, ainda que fosse uma figura bonita de se admirar, em parte pelos exercícios que fazia para poder desempenhar seu trabalho, fazendo com que seu belíssimo corpo desviasse a atenção de seu rosto. No entanto, aquele dia ela havia escolhido escondê-lo com um largo macacão de cor laranja.

Seu companheiro de roubo era um jovem, de mais de 20 anos e menos do que 30, chamado Sparrow. Ele a acompanhava porque se tivessem que carregar algo, o rapaz faria isso, já que media quase 1,90 metro e pesava mais de 90 kg. Bess estava convicta que de 99% daquele sujeito era pura fachada. Jamais conhecera alguém tão arrogante como ele.

Sparrow se refestelou no assento do passageiro e jogou a cinza do cigarro pela janela. A barba de três dias sem ser feita fazia com que seu rosto e seu queixo parecessem uma lixa. Tinha um cabelo loiro como de surfista, na altura dos ombros. Uns óculos azuis da última moda cobriam a parte superior de seu rosto e estava com fones no ouvido, ainda que Bess estivesse bem tentada a enfiá-los em outro orifício. Apesar de bloquearem parte do som, Sparrow ouvia música — um rock bem enlouquecido — o suficientemente alto para que Bess tivesse vontade de gritar e lhe dar uns bons tapas.

Comprovou o endereço na falsa ordem de serviço pela última vez e parou na entrada da casa. Inclinou-se, escondendo-se por trás do quebra-sol, e estudou a estrutura.

A casa era ampla e tinha dois andares. Não era excessivamente grande, porém era mais do que o necessário para um só morador que, segundo haviam lhe informado, vivia ali. Cambrigeport era uma zona residencial, com casas próprias de famílias, além de algumas de aluguel, já que a Universidade de Harvard e o rio Charles ficavam perto. Era um bom bairro para passear, para aqueles que gostavam disso. Essa era outra boa razão para fazer o trabalho de dia e não à noite.

Bess tinha pouca informação. Supunha-se que o dono era um professor universitário que estava fora do país. Tinha tomado notas, mas não confiava muito nelas. As pessoas regressam nos momentos mais inesperados.

Seria melhor que estivesse trabalhando. As horas que o professor teria que passar em classe lhe haveriam dado mais segurança do que depender de quando o sujeito decidisse terminar com suas férias.

Saiu do furgão, colocou o capacete e foi em direção à porta com uma prancheta na mão. E quando passou pela porta da rua ouviu um apito do alarme. Sparrow seguia bem atrás dela.

A fechadura era das boas, mas demorou menos do que 30 segundos para que a garota a abrisse. Segundo o informe que dispunha, tinha 45 segundos para chegar ao teclado que havia no hall de entrada e desligá-lo. Chegou com tempo de sobra e digitou o código que havia pirateado da empresa de alarmes.

— Você fechou a porta? — perguntou Bess voltando-se para

Sparrow.

O sujeito franziu a testa e cruzou os braços sobre o peito. O cinturão para as ferramentas, que nem havia ainda sido tocado ainda, se mantinha pendurado na cintura.

— Vá à merda! Vou para o andar de cima. Nos vemos depois — disse ele, encaminhando-se em direção às escadas.

Bess soltou uns palavrões e também xingou a sua arrogância. Ambos eram suficientemente grandes, adultos para desperdiçar tempo. E os dois mereciam qualquer epíteto que lhe fossem atribuídos.

Ela trancou a porta da frente e percorreu a andar térreo para assegurar-se de que estavam sós. Uma vez comprovado, voltou ao escritório pessoal do tal professor e ligou o computador.

*

HOTEL RADISSON SAS
LEIPZIG, ALEMANHA
3 DE SETEMBRO DE 2009

— Já ouviu falar das escavações que estão sendo feitas em Cádiz, Gary? — perguntou Lourds.

— É o mesmo lugar onde estão procurando a lendária Atlântida? — perguntou Gary.

Leslie tomou um gole de vinho e observou Lourds. Tinha sentido a sua falta enquanto esteve trabalhando no Instituto Max Planck.

“Esqueça” — respondeu para si mesma. “Não é momento nem lugar.”

— Não sei se encontrarão a Atlântida ali. Já se descobriu meia dúzia de lugares onde ela poderia ter estado. A Grécia sustenta que a cidade perdida está submersa perto de suas costas, da mesma forma que Bimini. Também há quem diga que está próxima da região costeira da América do Sul.

— Não sabia deste último dado.

— Essa afirmação, quem a fez, foi um homem chamado J. M. Allen, que assegura que a Atlântida estava no altiplano boliviano. Segundo

suas investigações, essa região se inundava com frequência. De fato, foram feitas algumas pesquisas e se descobriu que aquela área havia sido inundada no ano 9000 a.C.

— Por que está falando da Atlântida? Você encontrou algo em suas pesquisas que indique essa direção? — perguntou Natashya.

“*Bruxa*”, pensou Leslie. As coisas haviam perdido a graça desde que essa detetive russa tinha se juntado a eles. Quando Lourds e ela se haviam posto a caminho em direção a Moscou — mesmo inclusive tendo que rebocar o pobre Gary —, tudo era potencialmente bem mais interessante. Mas agora as coisas tinham se tornado cada vez mais difíceis, e não dava mais para manter cinco minutos de conversa com aquele atraente professor sem que a aquela policial russa se intrometesse.

Leslie sentia muito pela perda da irmã de Natashya, claro, mas mesmo assim ainda não entendia por que a mulher fora convidada para a viagem.

— Sim, por mais estranho que pareça, enquanto estava pesquisando sobre o tema, a Atlântida apareceu. Há algumas teorias que indicam que o povo iorubá poderia ter sido atlante — confessou Lourds, encostando-se à cadeira e se espreguiçando.

— Sem essa, cara! — exclamou Gary.

— É isso aí, sim! — disse Lourds.

Leslie sorriu. Sem dúvida, aquele gracejo de maconheiro teria sido condenado em Harvard, mas Lourds não se importava com isso. Era disso que ela mais gostava nele, o professor era autêntico.

— Ile-lfé, ou apenas Ifé, é uma cidade iorubá da Nigéria. Os documentos que andei estudando sustentam que ela existe desde, pelo menos, o ano 10000 a.C.

— Isso se encaixa com a linha do tempo que se estabeleceu para a Atlântida — disse Gary.

— Algumas investigações levaram vários historiadores a acreditar que os iorubás foram, em seu tempo, uma potência marítima. Existe uma documentação que sugere a existência de uma grande frota de barcos que ficaram destruídos após um cataclismo oceânico que levou tudo terra adentro — disse Lourds.

— Como se fosse um fundamento de uma ilha? — perguntou Gary.

— E, logo em seguida, um *tsunami*. Essa sociedade era famosa por seus comerciantes. Os habitantes de Aromire eram almirantes e os de Olokô eram mercadores que faziam viagens que duravam até um ano. Os especialistas acreditam que eles chegaram até a Ásia, Austrália, Norte da América e América do Sul — disse Lourds.

— O que tudo isso tem a ver com o címbalo pelo qual alguém assassinou a minha irmã? — perguntou Natashya.

Aquilo fez com que os dois homens ficassem muito sérios; Leslie se irritou pela facilidade com que Natashya havia se apoderado da conversa. Sempre parecia calma, serena e controlando tudo.

— Bem, enquanto pesquisava descobri algo bem interessante — respondeu Lourds. — Eu me afastei um pouco do assunto que pesquisava, mas olhe só: nos primeiros tempos de Ifé, bem pouca gente podia ler e escrever em sua língua. Os escribas iorubás mantinham esse tipo de conhecimento ao alcance de poucos — disse Lourds.

— Você acredita que as inscrições do sino e do címbalo são iorubás?

— É possível — disse Lourds bocejando. — Tenho que estudar essa hipótese mais a fundo, especialmente agora que encontrei este dado. Segundo a lenda iorubá, Oduduwa e seu irmão Obatalá, que também era filho de Olorun, deus do céu, criaram o mundo. Obatalá criou os homens com argila e Olorun lhes insuflou a vida — disse Lourds.

— Um mito da criação. Todas as culturas têm um — interveio Gary.

— É algo definitivamente fascinante comprovar o quanto esses mitos têm em comum — disse Lourds.

— Você irá procurar inscrições no instituto que coincidam com as do sino e do címbalo? — perguntou Natashya.

— Bem, é isso que eu estou planejando — respondeu Lourds.

— Quanto tempo isso irá demorar? — perguntou Natashya de novo.

— Não sei — respondeu Lourds, encolhendo os ombros. — O problema é que estou praticamente acabando de analisar todo o material que essas pessoas têm.

— E então... O que acontecerá depois, se o material acabar? — perguntou Natashya.

— Então, teremos que pensar em estudar o material original —

respondeu Lourds.

Aquilo despertou o interesse de Leslie.

— Você está pensando em ir para a África Ocidental? — perguntou Leslie.

— Se for necessário, sim — respondeu Lourds olhando-a, e assentiu com a cabeça.

*

CAMBRIDGEPORT

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

3 DE SETEMBRO DE 2009

Bess seguia no escritório quando as coisas se enroscaram. Havia ligado o computador da vítima e estava baixando tudo o que tinha no disco rígido para o HD externo que trouxera consigo. Também havia dado uma olhada nos fichários em papel que estavam no armário de arquivos, descobrindo que a maioria deles tinha relação com as apresentações acadêmicas para as aulas.

Nesse momento, a porta da rua foi aberta e entrou alguém.

Bess se colocou em movimento instantaneamente. Foi em direção à porta do escritório e ficou encostada, praticamente grudada na parede. Os batimentos de seu coração raramente aceleravam. Não era a primeira vez que isso acontecia. Hoje ela poderia passar por uma funcionária da companhia de gás.

Sparrow não se preparou como devia. Desceu as escadas com os fones nos ouvidos e não viu o homem, e quando o encontrou, era tarde demais. Além disso, levava um saco nas costas como se fosse um malvado Papai Noel. Ao que parecia, havia pegado a capa de um almofadão e enfiado dentro tudo de que havia gostado.

Isso não fazia parte dos planos.

Era pouco profissional e, o que era pior, não havia desculpa, já que o dono da casa não tinha que ser informado antes da hora sobre essa invasão. Bess jurou que não voltaria a trabalhar com esse sujeito.

O homem que acabara de entrar tinha uns quarenta anos e estava acima do peso. Usava bermudas de cor cáqui, camisa de golfe e sandálias.

A julgar pela roupa, imaginou que fosse um vizinho. Ninguém seria tão estúpido para ir passear muito longe de onde morava com uma vestimenta tão ridícula como essa. Certamente, ele estava somente vigiando a casa de seu amigo.

— Quem são vocês? — perguntou o homem.

Bess saiu de seu esconderijo.

— Somos da companhia de gás. Fomos informados de que havia um vazamento nesta região.

O homem olhou para a capa do almofadão que estava cheia de coisas roubadas às costas de Sparrow.

— Não acredito em você — disse o homem, tirando o celular da cintura.

Praticamente todo mundo desfrutava daquele avanço tecnológico, o que fazia com que o trabalho de um ladrão profissional fosse ainda mais difícil. Naqueles dias, qualquer idiota podia denunciar um roubo imediatamente.

Sparrow procurou na parte de trás da calça e dali tirou um revólver.

Bess não sabia de que tipo era. Nunca havia trabalhado com armas e tampouco as havia roubado. Não havia forma de saber se estavam marcadas ou não, nem quem as havia utilizado. Não lhe apetecia em nada que a prendessem por invasão de domicílio e a acusassem de assassinato, especialmente se fosse cometido por outra pessoa. Antes de poder deter Sparrow, ele disparou.

O disparo se ouviu por toda a casa e, naquele espaço reduzido, parecia um trovão.

O vizinho cambaleou, levou a mão ao peito, sendo que esta se afastou cheia de sangue e caiu no chão, completamente apagado.

Bess não perdeu tempo em comprovar se o homem estava vivo nem em xingar Sparrow. Ela simplesmente o olhou.

— Saia daqui agora mesmo — lhe ordenou Bess.

Sparrow ficou imóvel por um instante.

— Saia daqui! — gritou Bess.

Sparrow começou a mover-se, mas sem afastar os olhos do corpo que estava no chão.

— Ele ia chamar a polícia. Eu tive que... — balbuciou Sparrow.

Bess não lhe deu atenção e voltou para o escritório. Desconectou o HD externo que havia levado para baixar os arquivos. O programa havia finalizado, finalmente. Fosse qual fosse o alvo de seu cliente no computador da casa, estava agora espelhado em seu HD externo. Já havia copiado tudo.

Ela havia feito o seu trabalho.

Contornou o homem caído no chão, saiu da casa e fechou a porta. Sparrow estava no assento do passageiro.

Bess se pôs ao volante, ligou o motor e arrancou. Tirou um celular descartável do macacão. Antes de cada trabalho comprava um com a esperança de não ter que utilizá-lo. Discou o número de emergência, informou sobre o disparo e desligou.

— Por que fez isso? — perguntou Sparrow.

— Pode ser que ele ainda esteja vivo. Esse homem não deveria morrer por culpa de sua cobiça — Bess falava ao mesmo tempo em que dirigia de forma mecânica enquanto serpenteava entre as ruas.

— Ei! O que aconteceu não é para tanto. Esse trabalho não paga tanto que...

— Está bem pago. O homem que nos contratou não queria complicações. O que você fez, só para que você saiba, se tornou uma complicação, uma complicação bem grande.

Sparrow se recostou no assento e cruzou os braços sobre o peito como um menino petulante.

— Me dê a sua arma — pediu Bess ao mesmo tempo em que esticava a mão que estava usando luva.

— Por quê? — perguntou Sparrow.

— A arma! — exigiu Bess.

— Ela é minha! — respondeu Sparrow.

— Me dê agora mesmo! — disse Bess.

Ele entregou a ela com má vontade.

Bess a limpou com uma só mão. Inclusive abriu o tambor e limpou lá dentro. Por sorte, era um revólver e só tinha mais uma bala.

Escolheu com cuidado o percurso que iria realizar e foi até a ponte Longfellow. Enquanto a cruzava, um trem da linha vermelha circulava pelas vias do meio. Na metade do caminho, antes de entrar em Boston, ordenou a Sparrow que abaixasse o vidro da janela e jogou a arma no rio Charles. Esperava que aquilo fosse o fim.

*

HOTEL RADISSON SAS
LEIPZIG, ALEMANHA
3 DE SETEMBRO DE 2009

O telefone de Leslie tocou enquanto ela contemplava Leipzig. Era seu produtor que ligava às 11 horas e 18 minutos da noite, não podia ser nada de bom.

Entre o segundo e o terceiro toque, hesitou se atenderia ou não, mas acabou baixando o volume da televisão e atendeu.

— Alô — disse Leslie.

— Diga-me que já tem algo — disse Philip Wynn-Jones, que não parecia nada feliz.

— O que quer que eu lhe diga? — perguntou Leslie.

— Não seja insolente — respondeu Philip Wynn-Jones.

— Não estou sendo insolente. Estamos em Leipzig — disse Leslie.

— Eu me inteirei disso quando começaram a chegar as faturas do cartão de crédito mostrando as despesas do hotel onde estão hospedados. Diga-me alguma coisa que eu ainda não saiba — disse Philip Wynn-Jones.

Leslie contemplou a linha do céu sobre a cidade e tentou pensar com calma.

— Ainda estamos seguindo as pistas dos instrumentos que desapareceram — respondeu Leslie.

— Vocês descobriram alguma coisa? — perguntou Philip Wynn-Jones.

— Lourds acredita que o melhor a ser feito é irmos para a África

Ocidental — respondeu Leslie.

Durante alguns instantes, somente foi possível ouvir o silêncio do outro lado da linha telefônica.

— Para a África? Que droga é essa? Os quatro? — perguntou Philip.

Leslie decidiu não morder a língua. Gary, claro, era garantido e — ainda que estivesse passando maus bocados ao lado de Natashya Safarov — aquela policial russa tinha recursos e acesso a informações que ela não podia conseguir. Ainda.

— Sim, os quatro — respondeu Leslie.

Philip Wynn-Jones soltou uma longa expiração, seguida de uma ladainha de xingamentos tão longa quanto.

— Você já está começando a encher o meu saco, Leslie! Já percebeu isso, certo? — esbravejou Philip.

— Você precisa nos dar mais algum tempo — disse Leslie.

— Nos negócios, tempo é dinheiro, “queridinha”. Você sabe disso — respondeu ele.

— Também sei que a publicidade é tempo, dinheiro e negócios — disse Leslie afastando-se da janela; por alguns instantes o trânsito a distraía. Deu uma olhada na televisão.

Havia sintonizado no Discovery Channel, como de costume. Os programas que eles costumavam transmitir podiam lhe dar algumas ideias e oferecer potenciais mercados para o que queria fazer, além de, claro, poder ver com clareza com quem tinha que competir.

Por acaso, depois da conversa que haviam tido durante o jantar, eles estavam repetindo um dos documentários sobre a Atlântida. Parecia que as pessoas não pensavam em outra coisa desde que haviam começado as escavações em Cádiz.

Estimulada, como se tivesse recebido uma esporada nas costas pelo próprio desespero, porque naquele instante se deu conta de que seguramente Lourds poderia continuar sem ela, aquele programa lhe deu uma ideia.

— Esses bagaços de novela pré-histórica não valem nada — protestou Wynn-Jones.

— Não era pré-histórico — respondeu ela automaticamente. Sabia que estava reproduzindo uma das conversas que teve com Lourds nos

últimos dias. Qual era mesmo a palavra que havia sido utilizada?

— O quê? — perguntou Philip.

— Pré-história se refere à época em que ainda não havia nenhum testemunho por escrito. O sino e o címbalo pertencem, sem dúvida... — tentou encontrar o termo certo — ... ao período histórico — disse Leslie.

— Que maravilha! Que dizer que agora você vai dar uma de culta? Não era exatamente o que eu imaginava que faria quando saiu voando com o tal professor — disse Philip.

Os olhos de Leslie se concentraram na tela. Mostrava imagens de arquivo de umas enormes torres de vidro de algum filme de ficção científica. Depois de algum tempo, umas grandes ondas varreram a cidade e a fizeram em cacos.

— Que efeito pode surtir se eu lhe oferecer algo sobre a... Atlântida? — perguntou Leslie.

Wynn-Jones bufou.

— Não sei se você já se inteirou disso, mas a encontraram na Espanha, em Cádiz — respondeu Philip.

— E se eles tiverem se equivocado? — perguntou Leslie.

— A Igreja Católica Romana financia essas escavações — apesar de Wynn-Jones manter uma atitude negativa, a repórter notou certo interesse em seu tom de voz. — Eles não costumam equivocar-se com esse tipo de coisa.

— Mas eles sempre estão errados, o tempo todo. Basta pensar na atitude sexual de seus sacerdotes — antes que o produtor pudesse responder alguma coisa, Leslie continuou: — O sino e o címbalo tinham uma escrita gravada que Lourds não havia visto nunca. Ele seguiu a pista do címbalo até o povo iorubá, que vive na África Ocidental, por isso temos que ir até lá. Há indícios de que esses objetos são restos da civilização da Atlântida — disse Leslie.

— Mas eles provinham da Espanha? — perguntou Philip.

— Não, ao que parece, a Atlântida estava na costa da África Ocidental ou fazia parte dela — Leslie acreditava que assim era como Lourds havia explicado.

— O pessoal está bem seguro do que encontraram em Cádiz — disse Philip.

Leslie sabia que isso o havia feito pensar. Ambos costumavam atrair a atenção sobre eles mesmos sempre que podiam.

— E se eles estiverem enganados? E se com o tempo conseguirmos mostrar a verdadeira localização da Atlântida? — perguntou Leslie.

— Isso também já é demais...

— Pense melhor, Philip. Os meios de comunicação do mundo todo têm flertado com essa história desde que se soube dela. A Atlântida finalmente descoberta! Você se lembra de todas as manchetes que líamos e das quais acabávamos rindo muito? — perguntou Leslie.

Sim, haviam feito isso sim, mas também haviam admitido a contragosto que eles teriam adorado ser os primeiros a dar esse tipo de notícia.

— Eles despertaram o apetite, a curiosidade do público. Se Lourds nos levar a algo que tenha relação com essa história, será um sucesso. Mas se a roubarmos deles... — disse Leslie.

Não precisou acabar a frase. Conhecia Philip Wynn-Jones. Sua mente estaria neste momento dando voltas e mais voltas e pensando nas possibilidades.

— Está bem. Eu aceito ir à África Ocidental, mas desde que você saia dali com alguma maldita história — disse Philip.

Leslie sabia que, sim, ela sairia com uma ótima história dali. Não estava certa se seria sobre a Atlântida, mas estava certa de que teria material suficiente para aplacar a sede da empresa quando chegasse o momento. Se não fizesse isso, ficaria sem trabalho. Esse era o risco. Jogar sempre pelas regras e sem riscos não a levaria a nenhuma parte. E tinha planejado chegar bem longe, queria triunfar.

Após agradecer, desligou o telefone e começou a discar o número de Lourds para lhe comunicar que tinham passe livre para ir à África, mas estava um pouco eufórica por causa do vinho e, além disso, tinha que aliviar o calor que sentia.

Decidiu lhe dar a notícia pessoalmente. Abriu a bolsa e tirou uma cópia da chave do quarto de Lourds. Este parecia não ter estranhado o fato de que haviam lhe entregado uma chave somente.

Sorridente e esperançosa, Leslie saiu pela porta do quarto.

Natashya saiu do elevador ao mesmo tempo em que viu Leslie andar pelo corredor. Receosa e ainda preocupada com a facilidade com que Patrizio Gallardo e seus homens os tinham encontrado em Odessa, ela a seguiu.

Depois do jantar, a policial havia pegado um táxi para ir a um bar próximo e telefonar para Ivan Chernovsky. Não queria que soubesse em que hotel eles se hospedaram. O homem não estava em casa. Sua mulher lhe havia dito que estava investigando um assassinato.

A notícia fez com que se sentisse culpada. Chernovsky se encontrava na rua, certamente corria perigo, e ela não estava lá para lhe dar cobertura. Sua esposa, Anna, havia comentado que se preocupava com ela. Evidentemente seu marido lhe contava tudo. Ela lhe assegurou que tudo ia bem e pediu que dissesse a ele que em breve telefonaria novamente.

Desacelerou o passo, mas se Leslie tivesse se voltado para ver se estava sendo seguida teria visto a policial. Por sorte, seu quarto ficava na mesma direção. Teria uma desculpa.

Não obstante, Leslie não se desviou de seu caminho, ia diretamente para o quarto de Lourds. Parou e levantou a mão para bater na porta. Depois procurou na bolsa e tirou dela um cartão magnético.

Ela o passou pelo dispositivo e viu que a luz verde se acendeu. Entrou.

Natashya nunca perdia a calma, mas aquilo a alterou. O que mais a irritou era que não sabia muito bem por que se sentia afetada. Desde o início estava bem claro que Leslie estava gostando do professor. Natashya perguntou a si mesma se Lourds seria suficientemente vaidoso para acreditar que era algo mais do que um simples “gostar”.

Isso poderia ser um problema. Ela precisava dele animado e com a cabeça limpa, desanuviada se quisesse encontrar os assassinos de Yuliya.

Além do mais, também não estava gostando da ideia de que Lourds pudesse estar com outra mulher. “Outra”, ela prestou bastante atenção em quanto aquela palavra lhe soara estranho e não gostou nada disso.

Também lhe passou pela cabeça ir para o quarto de Lourds e arruinar a festa, mas logo depois se deu conta de que era muita imaturidade. Em vez disso, ficou na sua, foi para seu quarto e pediu uma garrafa de vodca da Finlândia. Colocar na conta do seu quarto e saber que quem teria que pagar seria Leslie a fez sentir-se melhor.

*

Leslie sentiu a excitação queimar por dentro ao ouvir a água caindo e notar o vapor que saía do banheiro. Ele estava tomando uma ducha. Não era exatamente o que havia imaginado, mas seria divertido. Desenhou um belo sorriso no rosto.

O televisor estava ligado e transmitia um programa da CNN. O computador estava aberto em cima da mesa e ela pôde ver que Lourds deveria estar trabalhando.

Hesitou. “Vamos lá. Vai fazer ou não?”, disse a si mesma. Inspirou fundo, jogou a bolsa de lado, tirou os sapatos e a roupa.

Entrou no banheiro completamente nua.

Lourds estava na banheira com a cabeça reclinada e os olhos fechados. A princípio ela pensou que ele estava dormindo, mas quando se aproximou e lhe fez sombra no rosto, ele abriu os olhos.

Quando a viu, o professor não tentou se cobrir nem mostrou pudor. Permaneceu tal como estava e a olhou. Depois sorriu.

— Imagino que não tenha entrado no quarto errado sem se dar conta — disse Lourds.

Leslie soltou uma risadinha. Isso ela não esperava dele, mas uma das coisas que havia aprendido a apreciar nos dezenove dias que estavam juntos era seu senso de humor.

— Não — disse Leslie.

Tampouco a convidou para que se aproximasse.

— Você se importa? — perguntou Leslie, fazendo uma indicação com a cabeça em direção à banheira.

— Em absoluto, ainda que possa ser algo desconfortável — respondeu Lourds.

Leslie entrou na água e se sentou sobre as coxas de Lourds. Por um

instante não estava muito certa se ele estava interessado no que ela tinha em mente. “Bem, se ele não estivesse curioso, já me teria rejeitado”, pensou. Então o interesse dele se manifestou, duro e insistente, quando deslizou pelas coxas dela e a pressionou contra o baixo ventre.

— Bom... A que devo este prazer? — Lourds perguntou, sorrindo.

— Não é prazer. Por enquanto não. Mas acredito que será — ela se inclinou sobre ele e o beijou apaixonadamente. O calor do corpo de Lourds acendeu o seu. A mente deu voltas e voltas e seus pensamentos explodiram em um caleidoscópio de sensações sobrecarregadas.

Ele cheirava a sabonete e almíscar. Seus lábios tinham o sabor de vinho. Leslie só conseguiu ouvir seu coração batendo na cabeça quando as mãos de Lourds começaram a percorrer seu corpo. Ele a pegou pelo quadril para apertá-la contra ele com mais força, mas não tentou penetrá-la. Sua proximidade era enlouquecedora, porque estava justamente onde deveria estar.

Leslie moveu o quadril e tentou capturá-lo para que ele entrasse nela, mas Lourds flexionou os músculos e evitou um abraço mais íntimo.

— Ainda não — Lourds sussurrou bem próximo do seu pescoço.

— Pensei que você estivesse pronto — disse Leslie.

— Eu sim, mas você não — respondeu Lourds.

Leslie começou a protestar e a dizer-lhe que sim, ela estava pronta sim. Se alguém sabia disso, era ela. Ela estava *mais* do que pronta.

Deslizou suas mãos quando se beijaram e o mordeu no lábio enquanto ele a acariciava. Ela duvidou que ele encontrasse o que procurava. Aquele maldito ponto — aquele ponto que sempre a fazia sentir-se tão bem — nunca estava no mesmo lugar. Pelo menos, era isso que parecia.

Mas ele o encontrou. As pontas de seus dedos o roçaram com suficiente pressão para que a mulher ficasse sem fôlego. Arqueou suas costas e se afastou para que pudesse pressionar o clitóris contra os dedos de Lourds. Começou a balançar-se compassadamente e se assombrou que ele tivesse encontrado com tanta facilidade o que ela buscava com tanta frustração em outras ocasiões.

Lourds se inclinou em sua direção e a beijou no rosto e no pescoço,

mas Leslie estava tão bloqueada pela vibrante necessidade que a percorria que não pode corresponder-lhe. Em um instante, uma cálida sensação inundou suas entranhas ao mesmo tempo em que seu quadril dava sacudidas em direção a ele. Estremeceu-se e se balançou enquanto cavalgava sobre sua mão. O mundo se deteve silenciosa e docemente. Ela respirou de maneira entrecortada.

— Uau! — sussurrou enquanto se inclinava para ele logo que havia retirado a mão. Seu peito lhe pareceu cálido e firme ao entrar em contato com o dela.

— Já estou pronta? — perguntou Leslie.

— Acredito que sim — ele se levantou e saiu da banheira demonstrando uma surpreendente força. Leslie se aferrava a seu corpo com as pernas.

Lourds a colocou no chão e a secou energicamente. Aquilo conseguiu acender seus sentidos ainda mais. E inclusive ficou pior quando se inclinou para beijá-la.

— Você está judiando de mim — disse Leslie.

— Não acho — disse Lourds.

Leslie também o secou, porém foi mais direta em suas atenções. Ela se colocou de joelhos e utilizou a boca. Aquilo o pegou de surpresa e ele resistiu bravamente diante das suas tentativas de levá-lo ao limite. Era frustrante, mas Leslie esperava com ânsia poder dobrar essa resistência.

— Tudo bem — pediu Lourds com voz espessa — Basta.

— Por hora — respondeu Leslie.

Lourds se inclinou, a pegou pelos braços e a embalou como uma criança. Desfrutou da sensação de se sentir pequena e indefesa em seu abraço, ainda que soubesse que não era nada disso. O fogo de seu ventre se avivou quando ele a levou para a cama.

Ele a deitou com suavidade e se pôs a seu lado. Leslie olhou nos seus olhos quando notou que sua mão voltava a afastar as coxas para acariciá-la de novo. Tinha certeza de que ele a faria sentir a mesma sensação de antes, mesmo que, por mais surpreendente que parecesse, ela quisesse mais.

Leslie deslizou até colocar-se em cima dele, passando as pernas por

seu quadril. Ela o provocou por um momento roçando seu quadril macio contra seu membro ereto, mas logo percebeu que ele era capaz de suportar todas as suas provocações.

Riu.

— Qual é a graça? — perguntou Lourds.

— Você. Não pensei que pudesse se controlar tanto — respondeu Leslie.

— Não é controle. Considere isso como um elogio. Quero que desfrute — disse Lourds.

— Já estou desfrutando.

Leslie aproximou seu quadril uma última vez e facilitou que ele introduzisse nela, reclamando a carne dele como se fosse sua.

— Mas gosto mais quando eu estou no controle... — Ela se acomodou em cima dele, encontrou o ritmo adequado e começou a pulverizá-lo na cama.

CAPÍTULO

15

ACAMPAMENTO-BASE

ESCAVAÇÕES DA ATLÂNTIDA, CÁDIZ, ESPANHA

4 DE SETEMBRO DE 2009

O padre Emil Sebastian acordou ao ouvir que o chamavam. Quando levantou a vista da cama em que dormia, viu que o que aparecia na sua frente era uma figura encapuzada que se inclinava em sua direção. Momentaneamente o pânico o dominou, porque aquilo o fez lembrar-se dos pesadelos de que vinha sofrendo nas últimas semanas, desde que havia se “internado” sob a terra.

Depois a figura ajustou o foco da lanterna que levava consigo.

“Os demônios não precisam de lanternas”, pensou. Seu medo se dissipou e ele se repreendeu por ter pensado algo assim.

Se não tivesse visto imagens perturbadoras em seus sonhos anteriormente, teria jogado a culpa no filme de terror a que os trabalhadores da escavação tinham assistido na noite anterior em um DVD. Ele não queria assistir ao tal filme, mas adorava uma história de medo como aquela. Desde criança, tinha apreciado esse gênero — aqueles temores faziam parte de uma infância da qual não podia se desprender, apesar dos seus 56 anos.

— Está acordado, padre? — perguntou amavelmente o homem.

A luz da lanterna lhe permitiu ver suas feições. Eram angelicais, não demoníacas. Sua voz era quase suave demais para ser ouvida acima da constante vibração dos geradores que proporcionavam eletricidade para o acampamento-base.

— Sim, estou acordado, Matteo — respondeu Sebastian ao mesmo tempo em que procurava seus óculos no chão da tenda, ao lado da cama. Olhou o relógio para ver as horas. Eram 3h42m.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Sebastian.

A escavação tinha sofrido quatro desabamentos até o momento, e graças a Deus, pensou ele, nenhum deles tinha causado vítimas fatais.

Quatro homens tinham ido parar no hospital com ossos quebrados, porém.

— Nada grave, padre. O que aconteceu é bom, venha ver — apressou-o Matteo.

— Ajude-me a calçar os sapatos — à noite e com sua vista em más condições, tinha problemas para encontrar as coisas. E, o que era pior, não se lembrava onde as havia deixado.

Matteo moveu a lanterna ao seu redor e depois em direção aos pés de Sebastian.

— Padre, o senhor está com eles já em seus pés — disse Matteo.

— Ah! — disse Sebastian.

— É preciso deixar esse hábito, pode causar o crescimento de fungos — disse Matteo.

Sebastian sabia disso pelas contínuas advertências que lhe haviam sido dadas antes da sua chegada ao circuito de cavernas que surgiram subitamente durante o terremoto submarino que tinha desenterrado vinte metros da nova linha da costa. Aquela rede de cavernas, por ter ficado tanto tempo submersa, continuava sendo um ambiente úmido no qual as bactérias e os fungos se proliferavam com facilidade.

Durante os primeiros meses da escavação, tiveram que levantar muros de contenção contra o mar e bombear água das cavernas. Havia feito o mesmo em todas as novas cavernas que haviam encontrado. Quando o padre Sebastian fora dormir, ou apenas se recostar em sua cama, as bombas continuavam drenando a caverna que a equipe descobrira dois dias atrás.

Sebastian levantou-se e bateu com os pés no chão para comprovar a circulação do sangue. Às vezes, quando dormia com os sapatos calçados, os seus pés ficavam entumecidos.

— Pelo menos, deveria trocar as meias — observou Matteo.

Muito pesarosamente, reconheceu que o jovem tinha razão. Sentou-se, pegou um par de meias limpas da mala que estava ao lado da sua cama e o calçou depois de remover as sujas.

— Por que veio até aqui, Matteo? — perguntou Sebastian se colocando em pé outra vez.

— Eles já acabaram de drenar a caverna. E acham que encontraram

mais uma.

— Sabíamos que haveria outra caverna — disse Sebastian.

De fato, todos esperavam que houvesse várias outras. Fosse o que fosse o que havia fraturado a linha original da costa, tinha feito estragos nas catacumbas que minavam a antiga cidade.

Pelo fato de viverem cercados pelo mar há nove ou dez mil anos, os construtores haviam se preocupado em compartimentar as catacumbas. Se uma região alagasse, podiam fechar a seguinte.

— Sim, mas não como esta — disse Matteo.

O padre deu-lhe uma palmadinha nas costas.

— Então, vamos ver o que foi descoberto — disse Sebastian.

Passou por baixo da cortina da tenda, mas se deteve para pegar a lanterna que havia deixado no carregador. Não lhe agradava a ideia de perder-se no escuro e serpenteante labirinto de cavernas.

No exterior da caverna, havia três membros da Guarda Suíça, que tinham sido destinados para a escavação. Vestiam roupa informal, adequada para o frio das cavernas, e levavam armas.

Sebastian havia protestado pela presença dessas armas, mas não tinha sido capaz de convencer o capitão de que renunciasse a elas. Até esse momento não ocorrera nenhum incidente nos quais elas tivessem sido necessárias, mas para eles isso não significava que não pudessem ser úteis em algum momento. Estavam bem treinados e eram educados, mas nunca baixavam a guarda.

O acampamento-base cheirava a diesel, a água salgada e a peixes mortos. Quando o mar abandonou a costa, recuando e expondo os seus segredos, e depois de terem drenado as cavernas, muitas criaturas marinhas ficaram ilhadas. Havia morrido centenas delas e fora mais do que necessário remover seus restos.

Segundo diziam, estes despojos eram um bom fertilizante. Seja como for, haviam desaparecido quase totalmente do acampamento.

Quando passaram pela tenda da despensa, Sebastian entrou para pegar duas garrafas de água e um bolo. O bolo era um capricho, mas da água, sim, ele precisava. Ninguém deveria ir a nenhum lugar sem ela, se por acaso se perdessem, ela deveria estar à mão. Isso já tinha ocorrido em uma ocasião, quando vários homens guiados pela curiosidade

havia saído da área de exploração por sua conta.

Eles continuavam buscando riquezas, Sebastian sabia disso. Todas essas histórias sobre a Atlântida haviam enchido a cabeça deles com fantasias sobre um fabuloso tesouro.

Ele não sabia em que pensar. Esperava algo, mesmo que até o momento só tivessem encontrado objetos de milhares de anos, segundo as provas da datação por carbono, o que os fazia interessantes por si só, mas não revelava nada sobre a civilização que havia se desenvolvido ali.

Grande parte da cidade desaparecera. Quando as ondas tragaram a Atlântida, o mar acabou com a cidade. Feita em pedaços pelo cataclismo — fossem como as fabulosas torres que havia visto nas ilustrações ou fossem simplesmente cabanas —, a cidade ficou em cacos, que se esparramaram pelo fundo do oceano.

O que restou dela esteve enterrado sob a lama durante milhares de anos. Se o mar não decidisse mostrá-la, pode ser que jamais a achassem.

Sebastian enfiou as garrafas d'água nos bolsos do largo casaco que havia vestido para se proteger do frio das cavernas. Seguiu Matteo enquanto avançavam ao lado da corda amarela que marcava o caminho.

Havia cabos com lâmpadas pendurados nas paredes, mas cada vez que abandonava o acampamento-base, o padre sabia que estava entrando na escuridão que era de se esperar nas profundezas da terra.

*

O som estridente de um telefone celular acordou Lourds entre um emaranhado de suaves extremidades e sedutoras curvas. Graças ao tênue brilho do rádio relógio que havia na mesinha, viu os lampejos do cabelo loiro de Leslie.

“Bem, não foi exatamente um sonho.”

Sorriu. Na noite anterior sentia-se tão cansado que não estava certo de ter sonhado aquele encontro.

Afastou um dos braços de Leslie com suavidade e pegou o telefone.

— É o meu? — perguntou Leslie com a voz baixa.

Lourds olhou. Lá estavam dois celulares apoiados na mesa de cabeceira.

— Não, é o meu — respondeu Lourds.

— Ótimo — disse Leslie se afastando dele e ao mesmo tempo em que ia se enfiando debaixo das cobertas.

Quando apertou o botão para falar e o levou até a orelha, admirou a pele macia das costas da mulher e a suave curva de seu traseiro nu.

— Lourds — disse.

— Thomas? — a mulher que falava do outro lado parecia assustada. Prestou atenção imediatamente. Conhecia a voz, mas não se lembrava de quem era.

— Sou Donna Bergstrom, esposa de Marcus Bergstrom.

— Oh, olá Donna — disse Lourds.

O professor Bergstrom também dava aulas em Harvard, no departamento de paleontologia. Sua mulher ensinava economia. Como eram vizinhos, ele vigiava a sua casa quando Lourds estava fora. De vez em quando, faziam churrasco e o convidavam.

— Aconteceu uma coisa horrível. Dispararam em Marcus — disse Donna.

Lourds tirou as pernas da cama e ficou em pé.

— Como ele está? — perguntou Lourds.

— Ele saiu da sala de cirurgia faz algumas horas. Os médicos dizem que ele poderá ficar bem. Ele é um cara forte e lutador — disse Donna.

— Sim, ele é mesmo — disse Lourds, se lembrando de que seu

vizinho também jogava futebol — O que aconteceu? Eles o assaltaram?

— A polícia disse que foi uma invasão domiciliar — disse Donna.

— Sinto muito — disse Lourds.

Lourds notou que Leslie se movia às suas costas. Olhou e a viu sentada com as pernas cruzadas sobre a cama e um lençol cobrindo o quadril.

— E eles causaram mais danos à sua casa? — perguntou Lourds.

— Não foi na nossa casa, foi na *sua* casa. Marcus viu um furgão da companhia de gás parado em sua porta e foi ver o que estava acontecendo — a mulher começou a chorar. — Eles atiraram nele, Thomas. Disparam nele sem nenhum motivo.

Lourds tentou tranquilizá-la, mesmo sabendo que seu amigo não tinha sido ferido sem uma boa razão. Seu vizinho fora colocado em perigo sem querer, e o sentimento de culpa de Lourds era quase insuportável.

*

Sentado no assento do copiloto do helicóptero, Patrizio Gallardo observou o hotel Radisson SAS.

— Preparado? — perguntou o piloto pelos fones de ouvido.

— Preparado — respondeu Gallardo.

Gallardo olhou por cima do ombro para os oito homens que estavam na área de passageiros. Todos usavam trajes pretos que ocultavam suas pistolas com silenciador. Várias malas continham os carregadores de reserva.

DiBenedetto fumava, mesmo sendo advertido pelo piloto de que não fizesse isso. Seus olhos azuis pareciam brilhar pela droga que percorria seu corpo. Farok estava tranquilo e decidido, com as mãos nos joelhos. Pietro e Cimino pareciam um pouco tensos, entrar e sair do hotel não iria ser fácil.

O helicóptero se manteve a poucos metros da cobertura do hotel. Gallardo abriu a porta do copiloto ao mesmo tempo em que DiBenedetto e Farok abriam as dos passageiros. Os nove homens, Gallardo primeiro, saltaram e foram correndo para a porta que dava acesso à cobertura.

Cimino usou uma carga explosiva que não fez um ruído maior que uma bombinha de festa popular e detonou a fechadura que trancava a porta. Quando o helicóptero se distanciou, eles já estavam dentro do edifício e iam em direção ao sétimo andar.

Lourds jamais saberia quem o havia atacado.

*

ÁREA RESTRITA DA BIBLIOTECA
CIDADE-ESTADO DO VATICANO
4 DE SETEMBRO DE 2009

Murani observou o livro que tinha em mãos. Representava tanto uma promessa como uma condenação. Era o único livro, além da Bíblia, que realmente possuía essa dualidade.

De grande tamanho e forrado em couro, era um manuscrito ilustrado de origens obscuras. Estava em latim e o cardeal acreditava que o teriam escrito em Roma, no apogeu do império. Contudo, após a queda de Roma, as tribos germânicas haviam arrasado suas muralhas e percorrido as ruas, deixando as bibliotecas incendiadas conforme passavam. Muitos livros foram levados aos Países Baixos, onde alguns monges irlandeses os copiaram e os mantiveram a salvo.

O cardeal Murani queria acreditar que o exemplar que tinha em mãos era o original. Não gostava da ideia de que pudessem existir cópias espalhadas em algum lugar do mundo.

Uma vez que um segredo é divulgado, se torna difícil de conter.

Sentou-se a uma das antigas mesas ao fundo das estantes e sentiu o cheiro de pó, papel antigo e couro. Ainda lembrava-se do entusiasmo que havia sentido quando lhe permitiram a entrada pela primeira vez naquele salão, após ingressar na Sociedade de Quirino como um de seus membros.

As estantes estavam cheias até o alto com livros, e o mais triste daquilo era que ele nunca teria tempo para ler tudo o que existia.

Pelo menos, não nessa vida.

Seguia tendo esperança em uma segunda.

O mais inteligente a ser feito, então, era ler os melhores. Começou com os que haviam recomendado os membros da sociedade, pois havia tantos segredos entre os que deveria escolher. Tantas coisas que a Igreja se empenhava em ocultar do resto do mundo.

E a Sociedade de Quirino queria que as coisas se mantivessem assim.

No entanto, por fim, havia sentido um chamado para a Atlântida. Aquilo, em sua opinião, era o maior segredo que haviam guardado Deus e alguns homens.

Na primeira vez que lhe falaram dos textos secretos e da história que continham — do Jardim do Éden e sobre o que realmente ocorreu ali —, não conseguiu acreditar. Depois, quando se convenceu de que era verdade, quis assegurar-se de que tudo havia acontecido exatamente como lhe haviam contado.

Olhou detalhadamente para a página em que apareciam os cinco instrumentos.

O sino.

O alaúde.

O címbalo.

O tambor.

A flauta.

Eram os cinco instrumentos que podiam desentranhar os segredos que Atlântida guardava. Mas ele ainda não sabia exatamente como eles fariam isso.

Tinha dois deles. A Sociedade de Quirino não sabia.

Murani sorriu na silenciosa escuridão da biblioteca. Se soubessem que ele os tinha, teriam se assustado.

Tinha todo esse poder, o poder de refazer o mundo, ao alcance da mão. O cardeal passou os dedos pelas imagens.

Como fazia parte da coleção restrita, ninguém podia tirar o livro daquela biblioteca. Assim sendo, ele o havia removido de vista. Os zeladores insistiam que nenhum livro abandonasse aquela biblioteca, mas não eram muito exigentes em manter tudo em ordem.

Se aqueles que pediam livros emprestados não tivessem mantido um comportamento exemplar na hora de preservar aquele sistema, os zeladores teriam um trabalho e tanto.

Assim, o livro havia sido seu segredo durante quatro longos anos, durante os quais Murani se dedicara a procurar os instrumentos. E então, o sino apareceu em Alexandria.

Quando aconteceu aquilo, ele interpretou como se fosse um sinal. Mais tarde, quando o címbalo veio à tona na Rússia, começou a ter esperanças.

— Cardeal.

Não havia percebido a presença de ninguém e levantou o olhar.

O velho bibliotecário estava encurvado pela idade. Seus cabelos grisalhos sobressaíam de sua cabeça em todas as direções.

Caminhava ajudado por uma bengala.

— Boa-tarde, Beppe — Murani o cumprimentou amavelmente, com a esperança de que o velhote simplesmente fosse embora.

— Eu acho que bom-dia seria mais apropriado — disse Beppe.

— Sendo assim, então... Bom-dia, Beppe — disse Murani.

— O que houve com seu rosto? — perguntou Beppe tocando sua face ao mesmo tempo.

Não se surpreendeu de que Beppe não estivesse a par da história sobre o roubo de seu carro, que havia custado a vida de Antonio Fenoglio. Os velhos zeladores e bibliotecários quase nunca saíam das áreas que supervisionavam.

— Sofri um acidente de carro — disse Murani. Ele estava com o rosto cheio de machucados com manchas de cor verde e roxa, que começavam a ficar amareladas.

— Por isso nunca subo nessas coisas. Bem, vou deixá-lo com sua leitura, tenho coisas para fazer. Há livros que precisam ser arrumados e necessitam de cuidados — assegurou Beppe antes de sair dali arrastando os pés.

Murani voltou às maravilhas e às promessas do livro. Estava convencido de que logo teria alguma revelação. Então poderia colocar em andamento a missão para a qual Deus o havia escolhido.

CAVERNA 41
 ESCAVAÇÕES DA ATLÂNTIDA
 CÁDIZ, ESPANHA
 4 DE SETEMBRO DE 2009

— **P**adre Sebastian — o capataz noturno da escavação, Ignazio D’Azeglio, saiu para cumprimentar o sacerdote. Era um homem robusto, de uns 40 anos, a quem já começava a aparecer os cabelos brancos nas têmporas e no cavanhaque; tinha uma pele escura, morena, mediterrânea, marcas de expressão, nariz largo e olhos de gente honesta. — Espero que me desculpe por tê-lo mandado chamar.

— Matteo me disse que está a ponto de entrar em outra câmara — disse Sebastian.

D’Azeglio assentiu e entregou ao padre o capacete de cor amarela.

— Sim, também avisamos Dario sobre isso — respondeu D’Azeglio.

Dario Brancati era o capataz da equipe de escavação. Havia trabalhado em diversas descobertas arqueológicas no Oriente Médio e na Europa.

— Ele não chegou ainda, acredito que não acorda com tanta facilidade como você, padre — disse D’Azeglio sorrindo.

— Dario trabalha muito mais do que eu — disse Sebastian.

— Ninguém trabalha mais do que o senhor — assegurou D’Azeglio.

— Acredito que é a pessoa que fica mais tempo com o capacete colocado na cabeça.

— Isso porque não me guio pelas mesmas diretrizes de trabalho que sua gente — disse Sebastian.

— Venha e deixe que eu lhe mostre o que nos espera — propôs D’Azeglio, que guiou a caminhada em direção à parede na qual a equipe trabalhava com as brocas e pequenos reboques para ir retirando os escombros.

Vários basculantes, buldôzers — um tipo de trator — e retroescavadeiras estavam prontos. Toda a terra que haviam extraído

nas cavernas já tinha sido retirada e utilizada para construir diques que pudessem conter o mar.

A caverna tinha uns 180 metros de largura e 50 ou 60 de altura. A maior parte estava às escuras. Quanto mais adentravam mais difícil se tornava alimentar todas as lâmpadas. Até que pudessem manter uma ventilação adequada, ninguém queria arriscar-se a armazenar mais monóxido de carbono do que já havia ali dentro.

As catacumbas haviam demonstrado ter a mesma compartimentação circular sobre a qual Platão havia escrito quando descreveu a cidade perdida. Sebastian não sabia se aquele padrão se tratava de um desenho para dar às catacumbas uma determinada aparência ou se havia sido feito para estabilizar o subsolo.

Tampouco sabia o que havia sido construído antes, se as catacumbas ou a cidade, já que esta fora destruída até ficar irreconhecível. Talvez encontrassem algum tipo de registro por ali, onde muita coisa se conservara bem melhor.

D’Azeglio se aproximou de uma zona iluminada por refletores e apontou em direção a uma parede específica.

— Nós acreditamos que há outra grande câmara aí atrás — disse D’Azeglio.

Sebastian assentiu. Já lhe haviam informado sobre aquilo, ainda que D’Azeglio não soubesse disso.

O capataz levou Sebastian até o furgão onde guardavam todo o equipamento eletrônico. Sabia por conversas anteriores que a equipe de escavação utilizava o método de prospecção geofísica chamado de sísmica de reflexão. No princípio tinham tentado utilizar um georradar, ou seja, um radar de penetração no solo, mas logo se deram conta de que a rocha era mais densa do que a máquina podia atravessar e que as cavernas que estavam pesquisando eram muito grandes.

A sísmica de reflexão requeria a utilização de dinamite ou de uma pistola de ar comprimido que enviava ondas de choque para que os equipamentos de precisão pudessem traçar um mapa delas. Uma vez enviadas, rastreavam essas ondas, e o programa de informática obtinha uma imagem.

D’Azeglio mostrou a eles o que haviam conseguido durante a última

prova. Apesar de conhecer o funcionamento do método, Sebastian continuava tendo problemas para ver o que mostravam.

— A caverna que há por detrás desta é enorme — disse D’Azeglio.

— Pode ser que seja a maior que já encontramos até agora — comentou outro homem.

Sebastian deu a volta e viu Dario Brancati ao lado do furgão. Era um homem alto e um pouco mais velho do que ele. Tinha a barba completamente grisalha, e suas hirsutas sobrancelhas quase rodeavam por completo seus olhos fundos. Era uma pessoa cordial e muito eficiente.

— Perdão por tê-lo acordado, chefe — se desculpou D’Azeglio. — Mas acreditei que gostaria de estar aqui para ver isto.

— Tudo bem. Eu sabia que chegariam aqui mais ou menos a esta hora. Depois eu descanso — Brancati observou a parede. — Preparados?

— Sim. As cargas já estão colocadas. Estávamos esperando que nos desse o sinal verde — disse D’Azeglio.

— Já o tem. Vamos adiante com isso.

*

HOTEL RADISSON SAS
LEIPZIG, ALEMANHA
4 DE SETEMBRO DE 2009

Lourds, vestido com uma camiseta, shorts e tênis bateu à porta de Natashya. Sentia-se incomodado, mas a conversa com Donna Bergstrom o havia alterado por completo. Não acreditou nem por um momento que aquela invasão domiciliar em sua casa tivesse sido mera casualidade. Enquanto esperava, acomodou a mochila em suas costas.

— O que você quer? — perguntou Natashya de dentro do quarto.

— Preciso falar com você — respondeu Lourds.

— Por que não continua fazendo o que estava fazendo com a loira

tingida que está em seu quarto? — perguntou Natashya.

Aquilo o desconcertou. Ela a tinha visto entrar em seu quarto?

— Não achava que, na sua idade, continuasse vivo depois que ela lhe cravasse as unhas — disse Natashya.

Um homem já com certa idade passava pelo corredor e o olhou com desdém.

Lourds sentiu a necessidade de defender-se, mas sabia que aquilo seria uma loucura. Não conhecia o homem e não havia feito nada de errado.

— Talvez não seja legal falarmos sobre o assunto aqui fora — propôs Lourds.

— Não. Nós não conversaremos sobre isso aqui no meu quarto — disse Natashya.

Ele não conseguia entender por que Natashya estava tão irritada. Não esteve dando em cima de Leslie. Se bem que, verdade seja dita, ele também não a havia rejeitado. Aquilo não era nada mais do que dois adultos desfrutando um pouco de um tempo livre. Não havia nada demais. Estava convencido de que Leslie compartilhava da mesma opinião.

Se bem que tampouco eles haviam conversado sobre isso, e Lourds não era nada bom em tentar ler mentes. Havia tido relações com mulheres antes que não tinham entendido as regras do jogo. Sua grande paixão seria sempre o seu trabalho. Por hora, nunca lhe faltavam companheiras, mas tampouco ia desejar que isso mudasse em sua vida. Havia tido a impressão de que Leslie pensava o mesmo a respeito desta questão.

— Deixe de história por hora. Aconteceu algo mais importante. Alguém assaltou a minha casa. Atiraram em um amigo meu quando foi ver o que estava ocorrendo e agora está no hospital. Eles quase o mataram...

Por um instante pensou que Natashya não fosse lhe dar importância, nem mesmo depois de contar-lhe sobre aquele incidente, mas quando estava a ponto de ir embora, a porta se abriu.

— Entre — disse Natashya.

Ela se afastou para deixá-lo entrar, vestida unicamente com uma

camiseta bem grande que marcava seus grandes seios e chegava até a metade das suas coxas.

Lourds achou que não deveria ter se fixado nos detalhes. De fato, tentou não fazê-lo. Havia épocas em que podia passar dias e dias sem prestar nenhuma atenção nesse tipo de coisas. Ou, pelo menos, sem que tivessem algum efeito sobre ele.

O problema era que, quando despertava a sua libido, esta seguia desenfreada até que ela se consumisse por si mesma. Mas isso poderia demorar algum tempo. Nesse momento ainda, mantinha o sangue bem quente.

Lourds entrou e fechou a porta. A luz da tela do televisor criava uma bolha de iluminação cinza azulada no centro do quarto. Evidentemente, Natashya não estava dormindo.

— Você está com problemas para dormir? — perguntou Lourds a Natashya em russo.

Natashya estava de pé com os braços cruzados sobre o peito.

— Se você tem alguma coisa para me contar, faça-o logo — replicou Natashya em inglês.

— Assaltaram a minha casa — repetiu.

— E?

Lourds a ignorou, mesmo se perguntando por que a russa estava com aquele humor. De qualquer modo, abriu a mochila e tirou o computador. Depois de acomodá-lo em cima da mesa, o abriu e o ligou.

— Tenho um programa que me permite ligar a câmera de segurança de onde quer que eu esteja — disse Lourds.

— Assim sendo, você pretende me mostrar a sua casa — disse Natashya.

— Eu vou lhe mostrar o que me preocupou do assalto — abriu o programa e apareceu uma série de janelas que mostravam o que as câmeras registraram. — Também posso ver o que aconteceu há 24 horas. Se quiser ver mais do que isso, tenho que pedir para a empresa de segurança.

— Você tem uma imagem dos assaltantes de sua casa? — disse Natashya, mostrando-se mais interessada.

— Sim. É claro, pode ser que tenham entrado na minha casa por

acaso. Estou já há umas três semanas fora, mas me pareceu coincidência demais — disse Lourds.

— Talvez esteja paranoico — disse Natashya.

— Depois de tudo o que tenho passado, acredito que esse é o único jeito que posso estar — disse Lourdes enquanto retrocedia o filme digital até chegar no momento em que se via uma figura com um macacão laranja em seu escritório e a outra no dormitório, pegando os artefatos com os quais se entretinha nos tempos de ociosidade.

— Está copiando seu disco rígido em um HD externo — comentou Natashya.

— Sim — disse Lourds. Cada vez se sentia mais inquieto ao ver como a camiseta se esticava nos seios de Natashya conforme ela se inclinava para frente. Também ela exalava um cheiro agradável. Teve que limpar a garganta para falar. — Você acha que um ladrão comum faria isso?

— Você guarda algo de importante em seu computador? — perguntou Natashya.

— Anotações, projetos nos quais estou trabalhando... — respondeu Lourds.

— Projetos importantes? — perguntou Natashya.

— Trabalho com as mesmas coisas que Yuliya trabalhava. Nada disso irá me deixar rico nem tem grande valor para ninguém — disse Lourds.

— Não? E o que você tem a me dizer sobre seus cartões de crédito e sobre as questões financeiras? Estão em seu computador?

— Não. Acho que sou desconfiado demais para deixar essas coisas no meu computador — disse Lourds.

— Falou o homem que pode espiar seu próprio quarto de outro país — disse Natashya.

— Na verdade é que isso me pareceu muito legal. Nunca tinha ligado as câmeras até hoje, exceto no dia em que meu amigo instalou para mim este programa. E nem teria acionado se Marcus Bergstrom não tivesse sido baleado.

Natashya se ergueu e Lourds tentou desviar o olhar.

— Eles eram profissionais. A mulher copiou os dados de seu

computador enquanto o homem que estava no andar de cima tentava fazer que parecesse um simples roubo. Isso quer dizer que Gallardo não se esqueceu de nós — disse Natashya.

— Pensei que ele tivesse se dado por vencido depois do que aconteceu em Odessa — disse Lourds.

— Ao que parece, não. Continuam nos perseguindo — assegurou Natashya olhando a tela do computador.

— Por quê?

— Você seguiu a pista do címbalo até chegar ao povo iorubá. Aposto o que quiser que eles não conseguiram fazer isso — disse Natashya.

— Eles? — perguntou Lourds.

— Um homem como Gallardo trabalha com resultados. Comete um crime e obtém um benefício imediato — respondeu Natashya.

Lourds assentiu.

— Roubou o sino em Alexandria, assim sendo ele deveria já ter um comprador assim que saiu de lá — disse Lourds.

— Temos que averiguar. Enquanto isso, é melhor que saia daqui — disse Natashya.

— Como? — perguntou Lourdes, surpreso de quão rapidamente ela queria se livrar dele.

— Sim, não quero que...

Ouviu uma batida na porta.

Sem fazer ruído, Natashya meteu a mão debaixo da almofada e tirou uma pistola. Lourds ia dizer alguma coisa, mas não fez isso ao ver que Natashya colocava o dedo indicador nos lábios. Em silêncio, Natashya se aproximou da porta e olhou pelo olho mágico.

Então suspirou irritada. Lourds teve que admitir que as mulheres russas eram campeãs na hora de mostrar irritação quando assim o queriam.

— Isto — disse Natashya abrindo a porta — era exatamente o que eu não queria.

Do outro lado estava Leslie, completamente vestida. Estava com os braços cruzados e parecia ligeiramente desafiante.

— Vim até aqui para ver o que o retinha por tanto tempo. Fiquei pensando se havia algo o entretendo — disse Leslie.

Por um momento, Lourds achou que Natashya ia dar um tiro na jornalista, ainda que não estivesse bem certo do porquê.

— Acredite em mim — disse Natashya, voltando para a cama —, quando eu me deito com um homem, sou bem mais do que um entretenimento — sem dizer mais nada, voltou a guardar a arma debaixo do travesseiro. — Vocês têm que ir embora, eu preciso dormir.

Lourds se levantou para sair dali. Já se sentia bastante incômodo tal e como estavam as coisas e não queria pensar em se envolver numa briga entre mulheres que não conseguia entender. Mas quando abriu a porta viu um homem que reconheceu de imediato e rapidamente voltou a fechá-la.

— Não podemos sair daqui — disse Lourds.

As duas mulheres lançaram sobre ele um olhar feroz.

— Patrizio Gallardo e seus homens acabam de passar em frente à porta — disse Lourds.

*

CAVERNA 41
ESCAVAÇÕES DA ATLÂNTIDA
CÁDIZ, ESPANHA
4 DE SETEMBRO DE 2009

—Fogo!

Agachado detrás de um dos grandes bulldôzers, o padre Sebastian apenas ouviu o grito de aviso do chefe de demolições pelo megafone. O protetor de ouvidos amortizava praticamente todos os sons.

Dali a pouco, os explosivos estalaram em uma rápida série de sons parecidos com os milhos de pipoca ao estourar.

O pó e os escombros encheram a caverna. Uma máscara com filtro tampava todo o rosto do padre Sebastian e protegia seus olhos e pulmões. Os tremores que percorreram o chão o fizeram lembrar os convés de um barco. Não era a primeira vez que pensava no mar que esperava do outro lado dos diques que haviam construído para manter

as cavernas secas.

Permaneceu agachado até que D’Azeglio lhe deu uma batidinha no capacete.

— Já terminou, padre. Tudo saiu bem — disse o capataz, levantando um dos protetores para os ouvidos.

D’Azeglio parecia um estranho inseto com a aquela máscara e capacete. Sua voz soava amortecida e cansada. Ofereceu-lhe uma mão para que ele pudesse se levantar.

— Graças a Deus, as explosões sempre me deixam nervoso — disse Sebastian ao levantar-se e remover o protetor.

— Já estou trabalhando com elas há anos, padre. Quando há tantas rochas, nunca é fácil — disse D’Azeglio.

— Não há água! — alguém gritou. — Não há água! A caverna está seca!

Ouviram-se gritos de júbilo. As cavernas inundadas que haviam encontrado até agora atrasavam seu trabalho consideravelmente. Perdiam-se muitos dias bombeando a água para longe.

Um novo entusiasmo inundou Sebastian. Desde que era criança e acompanhava seu pai, arqueólogo, sempre havia sonhado com a ideia de ver algo que estava oculto há centenas ou milhares de anos.

Quando entrou para o clero, pensou que esses dias haviam chegado ao fim. Mas deu graças a Deus que, em sua infinita sabedoria, lhe havia permitido carregar não só a Bíblia e a cruz do sacerdote, como também a picareta e a pá do arqueólogo.

Era uma boa vida.

Um dos potentes holofotes iluminou o lugar onde havia estado a parede. Dela só restava um montão de rochas na abertura que dava para a caverna seguinte. O buraco da parte superior tinha quase um metro e meio de altura.

Brancati ordenou aos sacerdotes que esperassem enquanto os mais experientes exploradores inspecionavam a área. Sebastian observou os quatro homens que escalavam a parte superior da montanha de rochas. Usavam capacete de mineiro com lâmpadas, além das lanternas de mão. Brancati permaneceu continuamente em contato com eles pelo rádio.

Depois de alguns minutos, os homens desceram pelo outro lado. Pouco depois, Brancati se aproximou do padre Sebastian.

— Padre, você poderá subir? — perguntou Brancati.

Sebastian ficou surpreso com a pergunta. Brancati queria se assegurar de que ele não corresse nenhum risco.

— Creio que sim — respondeu Sebastian.

— Nós o ajudaremos. É importante que veja o que há nessa caverna — disse Brancati.

— O que há nela? — perguntou Sebastian.

Brancati estava com uma expressão muito séria e falava em voz baixa.

— Eles acreditam que é um cemitério — respondeu Brancati.

Aquela notícia fez com que sentisse um calafrio. Não seria um cemitério no sentido tradicional. Quando era jovem e viajava com seu pai, havia estado presente em muitas de suas descobertas parecidas com essa. Os homens simples sempre eram humildes.

E temerosos.

— Vamos — disse o padre Sebastian já a caminho, ainda que sua mente se mantivesse centrada nas possíveis implicações.

Eles iriam, finalmente, encontrar os atlantes pela primeira vez?

CAVERNA 42

CATACUMBAS DA ATLÂNTIDA, CÁDIZ, ESPANHA

4 DE SETEMBRO DE 2009

A subida íngreme fez com que o padre Sebastian ficasse sem fôlego e se lembrasse de que não era mais tão jovem. Apesar dos passeios diários que dava, ele passava muito mais tempo entre as estantes das bibliotecas do que em escavações. Ler não era uma atividade que envolvia exercícios físicos, mas assim mesmo conseguiu escalar as rochas. Chegou até lá em cima da íngreme montanha de pedras partidas e escombros, ainda que não tão rápido como seus companheiros mais jovens.

A luz alógena que um dos homens jogou no interior da caverna seguinte iluminou as catacumbas. A caverna estava talhada em rocha viva e modelada para fazer lugar onde colocar os mortos. Alguns corredores seguiam as paredes, que pareciam enormes estantes e lhe recordaram um antigo aquecedor de serpentina de cobre.

— Parece um complexo de apartamentos para mortos — disse um dos operários em voz baixa.

Os escombros haviam caído no interior da caverna e algumas rochas haviam rolado entre as paredes das tumbas.

A Atlântida.

Aquela palavra deu voltas em sua cabeça. A Atlântida era o mais lendário dos mundos perdidos, e teve a impressão de que pelo menos parte de seu passado se estendia diante do seu olhar. Era tão óbvio quanto suas duas áreas de experiência que a alma de uma cultura se mostrasse na forma como tratavam os mortos.

Sebastian se moveu com tanta rapidez que quase caiu ao pisar numa pedra solta. Um dos seus guardas suíços estendeu a mão com um movimento de reflexo para pegá-lo.

— Tenho que descer ali. Eu preciso ver, ajude-me — pediu

Sebastian.

— Padre, o caminho não parece ser muito seguro — advertiu o guarda.

— Receio que não podemos permitir que o senhor desça até lá — disse um dos operários. — O chefe disse que poderíamos trazê-lo até aqui e nada mais.

— Então, falarei com Brancati. Posso usar o seu rádio? — pediu a um dos trabalhadores.

— O senhor Brancati é muito teimoso, mas se quiser tentar fique à vontade — disse outro operário.

Depois de mostrar-lhe como funcionava, o sacerdote apertou o botão do microfone.

— Brancati? Dario? — perguntou Sebastian.

— Sim, padre — respondeu Brancati.

Sebastian olhou para a escuridão que envolvia a última morada das pessoas que, certa vez, haviam feito que a cidade que havia acima deles estivesse cheia de vida. Calculou que, chutando baixo, haveria uns mil corpos na cripta.

— Eu preciso descer até as tumbas — disse Sebastian.

— Espere até que a equipe se certifique de que não há perigo — respondeu Brancati.

— Seria apenas por um momento — disse Sebastian, em seguida sentiu nitidamente que sua voz estava tingida de certa súplica e aquilo o deixou envergonhado.

— Não quero que você corra riscos, padre — disse Brancati.

— Não acreditava que nossa escavação fosse chegar a esse ponto — confessou Sebastian. — Eu me sinto como os homens que desenterraram Tutancâmon. Eu preciso ver o que nós achamos.

— Deveria lembrar o que aconteceu com aqueles homens — disse Brancati. — Não poderia esperar até que...?

— Dario, eu vou falar com o papa dentro de alguns minutos — disse Sebastian, interrompendo-o. — Sabemos que há infiltrados na nossa equipe. Não vamos poder manter segredo disso durante muito tempo. Não quero ser obrigado a dizer à Sua Santidade que ainda não sabemos o que descobrimos. E você?

Brancati guardou silêncio por um momento.

— Está bem, padre. Mas tenha cuidado. É questão somente de descer e subir e logo em seguida, sair daí — respondeu Dario.

— Claro — respondeu Sebastian, ao mesmo tempo em que devolvia o rádio para o operário. — Você ouviu?

O homem assentiu, mas não parecia nada contente com a situação.

— Você pode ir na frente ou seguir-me — sugeriu o padre Sebastian.

— Irei na frente, padre. Mas terá que fazer o que eu lhe disser. Não quero que nenhum de nós corra perigo — disse o homem.

Sebastian assentiu e se preparou para segui-lo.

*

HOTEL RADISSON SAS
LEIPZIG, ALEMANHA
4 DE SETEMBRO DE 2009

Natashya assumiu o comando imediatamente. Com Gallardo e seus homens do outro lado da porta, não havia tempo a perder.

— Telefone para Gary — ordenou ela, com a esperança de que o rapaz ainda não tivesse se tornado um cadáver. — Diga-lhe que saia de seu quarto e que desça pela primeira escada que encontrar. — Tirou a camiseta e ficou nua. Embora Lourds e Leslie a olhassem surpresos, ela não deu importância. Não sentia nenhum pudor a respeito de seu corpo. — Já!

Lourds foi o primeiro a reagir e atravessou o quarto em busca do telefone.

— Tomara que eles tenham ido primeiro a seu quarto. É o que eu teria feito. Isso nos dará tempo — disse Natashya, mantendo a arma na mão enquanto procurava seus jeans e os vestia sem calcinha. — Leslie, chame a recepção e peça que mandem os seguranças. Diga-lhes que alguém está tentando entrar em seu quarto. Você está ao lado do de Lourds.

Lourds estava falando, mas notou que a olhava enquanto vestia uma leve blusa. Se eles não estivessem temendo por suas vidas, ela certamente sentiria certo regozijo por conta disso. Em seguida, olhou atentamente para Leslie e se deu conta de que ela estava perfeitamente ciente de onde o professor estava concentrando sua atenção.

Infelizmente, os ciúmes dela podiam provocar a morte de todos. A jovem ficou imóvel e não obedecia às suas ordens.

— Mexa-se! — ordenou Natashya.

Assustada, Leslie utilizou o seu celular para telefonar para a recepção. Enquanto pedia que enviassem os encarregados da segurança, Natashya encontrou o par de tênis esportivo e os calçou. Pegou de sua mala uma pochete na qual havia carregadores de reposição comprados de um traficante do mercado negro no dia em que chegaram a Leipzig, e a prendeu na cintura.

— Gary se juntará a nós no *hall* de entrada — disse Lourds, desligando o telefone.

— Os homens da segurança já estão a caminho — informou Leslie.

Natashya sentiu um nó no estômago. Seria bem melhor se houvesse mais alguém com experiência ou que não fosse a única a ter uma arma.

— Vamos. Depois de sair, iremos nos dirigir para as escadarias que há no fundo do corredor. Movam-se com rapidez, mas sem correr. Não queremos chamar a atenção. E não usem o elevador — disse Natashya.

— São sete andares — protestou Leslie.

— Se quiser ser um alvo fácil para “economizar” sete andares, para mim dá no mesmo — replicou Natashya, encolhendo os ombros. Aquele plano se encaixava perfeitamente com a situação e a urgência que se mostrava no momento. — Vá pelo elevador e os atraia. Tente não ser morta muito rápido.

Leslie se calou, surpresa com as palavras duras da policial.

— Nada de elevadores, iremos pela escada — assegurou Lourds, pegando-a pela mão.

— Tudo bem.

Ouviu-se uma batida na porta.

Xingando e sem pensar em usar o olho mágico, caso os homens de Gallardo preferissem disparar primeiro e perguntar depois, Natashya

abriu a porta de uma vez. Aquilo os pegou desprevenidos. Tinham suas mãos nas pistolas, por debaixo das jaquetas, mas ainda não haviam sacado.

Apontou sua arma para a cara do primeiro homem de modo que o de trás pudesse vê-la.

— Se tocarem nas armas, serão homens mortos — disse em inglês, com a esperança de que falassem essa língua. — Levantem as mãos!

Não estava certa se haviam entendido suas palavras ou se reagiam à categórica e convicta ameaça da pistola. Seja como for, levantaram os braços.

— Para dentro, rápido — disse Natashya enquanto mexia com a arma indicando-os para entrar.

Tirou os fones de ouvido deles e pediu a Lourds que os revistasse e tomasse as armas. As duas pistolas levavam silenciadores.

— De joelhos. Cruzem os tornozelos. As mãos para trás da cabeça — ordenou Natashya enquanto pegava as armas e entregava para Lourds.

Colocou a sua na parte de trás da cintura e apontou para a cabeça deles com uma das armas confiscadas. Pensou que o justo seria matá-los com suas próprias armas.

Nenhum dos dois se moveu.

— Bom, vamos tentar outra vez — propôs Natashya. — Vou disparar naquele que não fala inglês.

Lourds disse algo em italiano e os homens se colocaram rapidamente em posição.

“Tudo bem — pensou Natashya — talvez eles realmente não falem inglês.”

No final do corredor, ouviu que alguém derrubava uma porta. Não tinham mais tempo.

— Vamos — abriu de novo a porta e fez um gesto para que Lourds e Leslie saíssem, sem deixar de apontar a arma para os prisioneiros.

— Atiro no primeiro que sair por esta porta — advertiu Natashya, com a esperança de que entendessem a sua intenção, mesmo que ainda não compreendessem as suas palavras.

Depois saiu e seguiu seus companheiros em direção à escada. Manteve a pistola com o silenciador ao lado da perna enquanto seguiam

vigiando seu quarto, porque os homens que haviam deixado lá dentro não tardariam em sair, ela sabia disso. A menos de seis passos de seu destino, ouviu uma porta se abrir às suas costas.

— Gallardo! — gritou um dos homens.

Natashya levantou a pistola e disparou algumas vezes. Ambos os disparos impactaram na porta a poucos centímetros da cabeça do gângster.

O homem se abaixou do lado de dentro do quarto. As balas não tinham conseguido atravessar a porta, mas o dano já estava feito.

Apesar do silenciador, Gallardo havia ouvido os disparos.

Na outra ponta do corredor, Gallardo e seus homens continuavam na frente do quarto de Lourds. Gallardo se voltou ao ouvir o amortecido som da pistola e das balas se chocando contra a porta.

Lourds havia chegado à porta da escada. Ele a abriu e entrou.

Natashya aproveitou a proteção que lhe oferecia aquela porta para disparar muitas vezes, para obrigá-los a se agachar e se proteger.

— Desça! Eu os mantereí ocupados aqui! — disse Natashya.

Lourds hesitou.

— Desça! — ordenou Natashya antes de agachar-se, após algumas balas terem impactado contra a parede e a porta.

Leslie agarrou Lourds e começaram a descer as escadas.

Apoiada contra o batente, Natashya esperou um momento antes de se virar. Tentou manter-se calma, mas era difícil. Nem sequer quando patrulhava as ruas com Chernovsky havia tido que enfrentar uma situação como essa, com semelhante desvantagem num tiroteio. Em certas ocasiões, eles haviam perseguido um bando de delinquentes, mas, na maioria das vezes, perseguiam apenas um homem. Nunca mais de três. Nesse momento, ela havia contado pelo menos cinco deles no corredor.

Percebeu um pistoleiro que estava mais perto no corredor e disparou no centro de seu corpo. Ele estava a uns seis metros dela e corria a toda velocidade. Ela esvaziou o carregador da pistola com o silenciador.

O homem cambaleou e caiu de cabeça. Teve espasmos e contrações antes de ficar imóvel. Seus comparsas se jogaram ao chão ao mesmo tempo em que uma descarga de balas martelava a porta.

Natashya voltou a refugiar-se do lado oposto e jogou de lado a pistola vazia. Pegou a outra com silenciador e removeu a trava de segurança. Olhou a porta e viu que nenhuma das balas havia atravessado o metal. As armas com silenciador dos homens de Gallardo tinham menos força do que a sua.

Todo o seu corpo lhe pedia gritando que saísse dali correndo, mas em vez disso esticou a mão e quebrou a lâmpada fluorescente com o longo cano do silenciador, os tubos explodiram e caiu uma chuva de cacos de vidro. O patamar da escada ficou na penumbra. Havia luzes em cima e em baixo, de forma que aquela área não ficou totalmente no escuro.

Natashya se posicionou de cócoras em um canto, enquanto ouvia Leslie e Lourds correndo escada abaixo. O eco repetia o som de seus passos, ambos iam numa boa velocidade.

A porta da escada foi aberta com cuidado e Natashya manteve a arma firme em sua mão.

“*Venha*”, pensou. Ela não gostava de emboscadas, mas agora que se tratava de sua própria sobrevivência e de levar a bom termo os objetivos da sua irmã, não tinha dúvidas. Ela devia isso a Yuliya: acabar com Gallardo e seus homens. Não sentia nenhuma compaixão enquanto esperava.

Um homem mostrou a cabeça e recebeu um tiro entre os olhos. Antes que caísse no chão, Natashya já havia começado a correr. Com sorte, o resto da gangue se demoraria um pouco ao ver o cadáver e antes de sair atrás dela.

Correu como se sua vida dependesse disso, e certamente esse era o caso.

Conseguiu alcançar Lourds e Leslie cinco andares abaixo. Lourds ia na frente e se encarregava de evitar que Leslie tropeçasse. Aquilo a surpreendeu, Natashya pensava que seria ele que teria problemas na corrida, e não Leslie. O professor estava muito mais em forma do que a policial havia imaginado. Já a garota, Leslie, havia se acabado por causa da tensão.

Lourds abriu a porta do *hall* de entrada e se colocou de lado para que elas passassem.

— Espere! — gritou Natashya, parando a seu lado.

Ouvir que Leslie respirava de forma tão entrecortada a alegrou secretamente e ela se surpreendeu de poder ser tão rancorosa, mesmo quando estava correndo para salvar sua vida.

Escondeu a arma nas costas e deu uma olhada no *hall* de entrada. Não dava para ver a recepção de onde estava, mas parecia óbvio que não havia ninguém esperando por eles.

— Deixaremos o carro aqui e pegaremos um táxi — disse Natashya.

— Ainda que Gallardo tenha conseguido acessar a base de dados do hotel, não poderá nos perseguir sem saber a matrícula do táxi.

Lourds assentiu.

— Saiam! Eu cubro vocês! — disse Natashya.

Na esquina, dois homens vestidos de preto tiraram suas armas.

— Segurança do hotel! Jogue a arma! — gritou um deles em alemão.

*

CAVERNA 42

CATACUMBAS DA ATLÂNTIDA.

CÁDIZ, ESPANHA

4 DE SETEMBRO DE 2009

Uma vez que o padre Sebastian subiu a primeira barreira de pedras e escombros, descer se tornou muito mais fácil. Quando começou a percorrer as tumbas, ele tremia de entusiasmo. Se esse lugar era realmente o que acreditava, tinha motivos de sobra para ser cuidadoso.

Os dois guardas suíços que iam a seu lado também levavam lanternas.

Atraído pela surpreendente visão daqueles mortos estirados em suas simples tumbas, se ajoelhou ante o primeiro grupo e olhou o profundo buraco. Havia sido escavado a mão. Em vez de cavá-los simplesmente, haviam arredondado as bordas do nicho e as medidas eram bem proporcionais. Eram receptáculos cuidadosamente preparados para os

restos e objetos que continham. Todas as sepulturas haviam sido talhadas com grande cuidado e maestria.

Observou um corpo deitado ali. A julgar pelos ossos, era um homem. O contorno da pélvis o demonstrava. Tocou a mortalha. Tomando o braço como medida, desde a ponta dos dedos até o cotovelo, estimou que aquele homem tivera aproximadamente 1,80 metro de altura, bem alto para a época em que se supunha que ele fora enterrado. A forma e os traços do crânio pareciam normais. Não se viam ossos com fraturas ou alterações nos dentes, nem nenhuma modificação cerimonial como aquelas que havia observado em incontáveis escavações ao redor do mundo.

Iluminou os restos do sudário. Quis rasgá-lo e ver o que havia embaixo, mas sabia que não podia fazer isso; antes de fazer qualquer coisa na câmara funerária, eles tinham que registrar tudo em uma gravação digital, depois tirar as medidas e finalmente ir catalogando tudo que fosse encontrado, conforme avançasse o estudo.

Mas o padre conseguiu ver algo através dos buracos da mortalha, aquele homem vestia uma túnica cinza, preta ou azul-escura, era difícil distinguir a cor depois de tantos anos. Os dentes pareciam estar em boas condições no momento de sua morte. Aquilo era estranho, pois a maioria das pessoas que chegavam à idade adulta nesse tempo costumava ter problemas dentários. As tribos que comiam milho e outros cereais de grão mais grosso normalmente mostravam uma dentição desgastada por terem que triturar constantemente esse tipo de comida com seus dentes. As tribos que moíam os grãos sofriam do mesmo problema, já que as pedras que utilizavam para a moenda deixavam detritos na farinha, o que causava profunda erosão no esmalte dental quase tanto quanto se houvessem comido os grãos inteiros. Aquele homem tinha uns dentes que qualquer ator de cinema moderno teria orgulho de mostrar.

Algun tipo de metal brilhava em seu pescoço, sob suas mãos cruzadas.

Inclinando-se um pouco mais em direção à cavidade, o padre utilizou uma caneta que levava no bolso para levantar suavemente a mortalha e ver o que havia embaixo. Era um colar de ouro branco ou de prata.

O pingente tinha a forma de um homem, com a mão direita levantada em sinal de amizade e um livro na mão esquerda.

— Meu Deus! — exclamou ao reconhecer aquela imagem, que levava gravada em sua mente. — Perdoe-nos. Perdoe o que fizemos com você e com o seu filho.

Era verdade, tudo.

E se aquilo era verdade, o que contavam os textos secretos também era.

Sebastian pegou o colar com a mão trêmula. Tocou o metal e sentiu uma leve descarga elétrica, mas não soube identificar se aquela sensação tinha sido real ou imaginária.

Assustado, soltou um grito e se jogou para trás. A nuca bateu contra a cripta e quase o fez perder os sentidos. A dor o aturdiu e ele se sentou.

Imediatamente, o esqueleto saltou do nicho e bateu contra suas próprias pernas.

Só então Sebastian se deu conta de que toda a caverna tremia. O esqueleto não se movera porque tinha vida própria. Olhou para o lado e viu uma fila de tumbas justamente no momento em que os esqueletos saíam dos seus lugares de descanso e estalavam contra o chão de pedra. Alguns corpos embalsamados também despencaram de seus nichos e fizeram um ruído muito diferente aos dos ossos rachando contra o solo.

As lanternas dos outros homens percorreram o interior da caverna. A paisagem era um vertiginoso espetáculo de luzes.

Então alguém gritou:

— Inundação! Inundação!

“Outra vez volta a acontecer isso — pensou Sebastian. — O mar reclama a Atlântida e o Jardim.”

Os guardas suíços o pegaram por debaixo do braço e o puseram em pé quando vários centímetros de água começaram a inundar o chão de repente. Puseram-se a correr arrastando-o em direção à abertura pela qual haviam passado. A água subia cada vez mais, a cada passo que davam.

Natashya ficou quieta por alguns instantes diante dos membros da segurança do hotel enquanto pensava o que podia fazer. Não queria problemas com eles, tampouco podia deixar a arma de lado, porque isso converteria todos eles em um alvo fácil para Gallardo e seus homens.

Nesse momento, Gary saiu do *hall* de entrada e se colocou atrás de um dos guardas. Inclinou-se até ele e sussurrou algo em seu ouvido.

— Horst — disse ele, enquanto levantava os braços. — Ele tem uma arma apontada para mim. Renda-se.

O segundo guarda hesitou por um momento e depois também levantou os braços.

Natashya correu até eles e lhes tirou as armas das mãos.

— Para o chão! — ordenou ela.

Enquanto os seguranças faziam isso, Gary piscou para a policial com um largo sorriso e lhes mostrou a caneta que havia utilizado para desarmá-los.

“Deus me livre dos norte-americanos, dos britânicos e de seus programas de televisão para machos”, pensou Natashya.

— Poderiam ter matado você — sussurrou Natashya.

— Não esperava que fizessem isso e eu não tinha muito tempo para resolver o que fazer — replicou Gary com a voz entrecortada.

— Vamos! — disse Natashya empurrando-o em direção à porta principal. Olhou por cima do ombro e viu que Gallardo saía pela porta da escada de incêndio.

Ela levantou a arma e disparou rapidamente. As balas atingiram a parede e a porta e deixaram em cacos uma das janelas.

Gallardo se agachou e voltou para a escada de incêndio, soltando um palavrão em voz alta.

A essa altura Lourds, Leslie e Gary haviam chegado à porta principal.

Quando Natashya os alcançou, já a haviam cruzado. Correram em direção à rua e tentaram parar um táxi, mas nenhum se deteve.

O táxi seguinte estava com a luz apagada e com toda certeza não tinha nenhuma intenção de parar. Natashya saltou até o meio do asfalto, levantou a arma que não tinha silenciador e disparou para o ar.

O estalido seco ressoou em toda a rua e a faísca se refletiu no para-brisa do carro. Depois, ela apontou para o motorista.

O táxi freou com estardalhaço a centímetros de Natashya. Mantendo a arma apontada para a cabeça do motorista, embora não tivesse nenhuma intenção de atirar nele, ela caminhou até a porta do carro.

— Saia! — ordenou ao motorista em alemão.

O taxista desceu no mesmo instante em que Lourds ajudava Leslie a subir no assento traseiro. Ele não se sentou a seu lado, e sim optou pelo assento dianteiro com Natashya e começou a procurar algo no porta-luvas. Gary subiu atrás pela outra porta.

Quando todos estavam dentro, Natashya pisou fundo no acelerador.

— Para onde vamos? — perguntou Lourds.

— Não sei — respondeu Natashya.

— Para o aeroporto — propôs Leslie. — Falei com meu supervisor mais cedo e consegui uma viagem para a África Ocidental.

Natashya olhou para a mulher com severidade.

— Você fez o quê? — perguntou Natashya.

— O professor Lourds... — respondia Leslie.

“Agora ela me vem com essa de chamá-lo de professor Lourds...? Depois de ter dormido com ele?”, pensou Natashya.

— ... Disse que havia conseguido toda a informação disponível no Instituto Max Planck. Segundo ele, na África há documentação mais completa sobre os objetos desaparecidos — disse Leslie.

Lourds não prestou atenção à discussão e se concentrou em ir indicando o caminho ao aeroporto.

— Você tem falado com seu supervisor o tempo todo e dito a ele o que estávamos fazendo? — perguntou Natashya, enquanto seguia as indicações de Lourds.

— Sim, tinha que fazer isso. A empresa tem pagado tudo até agora. Eles precisam saber o que estamos fazendo.

Natashya olhou para Lourds e não pôde deixar de pensar que, em parte, era por culpa dele.

— Você consegue se dar conta de que foi assim que Gallardo nos localizou? Graças à ajuda financeira da BBC?

Lourds fez uma cara de quem estava se sentindo muito culpado, algo que dizia muito a seu favor.

— Não, não sabia — respondeu Leslie.

— Bem, mas agora você já sabe — disse Natashya enquanto se concentrava em dirigir e em procurar algum lugar onde abandonar o táxi.

Ela estava irritada demais para continuar falando. Nada de bom poderia sair da sua boca naquele momento e não queria dizer nada de que depois pudesse se arrepender ou se sentir culpada. Eles não podiam ir com esse carro até o aeroporto, certamente o motorista já havia denunciado o roubo. Precisavam de outro carro.

*

— A mulher pegou um táxi, vou ver se rastreio o carro pela cidade.

“Até que o abandonem”, pensou Gallardo enquanto voltava a subir correndo os sete andares. Suas pernas doíam pelo esforço, e o pânico se apoderou dele quando acreditou que não conseguiria atingir seu objetivo.

— Não — ofegou Gallardo enquanto se arrastava pelo último trajeto das escadas. DiBenedetto e Farok o seguiam, Pietro e Cimino estavam logo abaixo. O ruído de suas pisadas nas escadas ressoava atrás deles.

— Temos problemas mais graves agora.

Uma vez no terraço da cobertura, correu agitando a lanterna. O helicóptero se aproximou e permaneceu imóvel a escassos centímetros do teto. Gallardo subiu em direção à cabine e se posicionou ao lado do piloto.

— E os outros? — perguntou DiBenedetto a Gallardo.

— Se não estão aqui, não irão conosco. Quer que te matem ou o prendam enquanto esperamos por eles? — colocou os fones de ouvido e levantou o polegar em sinal de positivo para o piloto...

O helicóptero se elevou instantaneamente e seguiu em direção oeste.

O plano de emergência estava claro. Haviam decidido sair da cidade e deixar o aparelho entre as árvores. O controle aéreo poderia localizá-los se continuassem voando, mas a polícia não conseguiria alcançá-los antes que tivessem apanhado os carros que haviam deixado em um estacionamento na saída da cidade.

Porém, nesse momento, Gallardo estivesse menos preocupado com o local para onde estavam indo do que com o local que haviam deixado.

A porta do terraço da cobertura se abriu e saíram dois dos homens que haviam sido contratados para que o ajudassem. Ficaram quietos e observaram como o helicóptero se distanciava.

Alguns segundos depois, os agentes de segurança do hotel, acompanhados pelos homens da polícia de Leipzig, apareceram em cena. Esparsos clarões iluminaram levemente a escuridão da noite quando se produziu uma troca de disparos. Ao acabar o tiroteio, os dois homens de Gallardo estavam mortos.

Gallardo xingou Lourds em voz baixa. Aquele sujeito estava tendo uma sorte incrível, mas em breve as coisas se ajeitariam. Sua sorte não tinha como durar para sempre. Voltou-se para DiBenedetto.

— Conseguiu revistar o quarto de Lourds?

O comparsa assentiu e lhe entregou a bolsa em que havia metido todos os papéis e livros que havia conseguido reunir.

Gallardo a inspecionou. A maioria das informações contidas ali parecia ter relação com a África Ocidental e uma tribo. Pelo menos já tinham um destino para onde ir se Lourds desaparecesse.

*

— Natashya tem razão — disse Lourds em voz baixa. — Gallardo e seus homens não deixaram de nos perseguir nem por um só instante. Seguir em contato com seu chefe pode ser muito perigoso para nós.

Leslie lhe lançou um olhar feroz:

— Claro que entendo que ela tem razão, mas eu também tenho. Sem a ajuda de minha empresa, não estaríamos aqui nem poderíamos continuar, a menos que você pense que é possível chegar a Dakar pedindo carona.

Quando se sentaram em um restaurante que permanecia aberto no período da noite, Leslie estava com o rosto vermelho.

Gary flertava no balcão com a moça do caixa. A garota tinha gostado bastante da camiseta do grupo alemão de *heavy metal* que ele estava vestindo. Lourds pensou que o câmera estava se divertindo com tudo aquilo muito mais do que ele mesmo.

— Não, não acho que podemos ir para Dakar pedindo carona — assegurou finalmente Lourds.

— Bem, pelo menos isso já é alguma coisa — respondeu Leslie.

— Não acho que ela acusou você de ter nos traído — disse Lourds.

— Acredite em mim, sei quando estão me acusando, e Natashya estava fazendo isso — disse Leslie.

— Você acha mesmo que ela ia acreditar que você arriscaria sua própria vida para contar a Gallardo e seus capangas onde estávamos? — disse Lourds.

— Quem sabe deveria perguntar isso a ela? Ela tem resposta para tudo. Na melhor das hipóteses, deve achar que a possibilidade de me atingirem com um disparo de arma satisfaz algum tipo de perversão que tenho — disse Leslie.

Lourds franziu o semblante, ele odiava estar em meio a uma guerra de poder entre mulheres. Por um lado, podia ser perigoso para todos, e por outro, a qualquer momento, as duas podiam unir as forças e se voltar contra ele. Em muitos sentidos, aquilo o preocupava mais do que tomar um tiro dos bandidos.

— Talvez você pudesse perguntar para seu supervisor se ele teria como nos enviar o dinheiro de outra forma — disse Lourds.

— Ou talvez você pudesse telefonar para Harvard e pedir que lhe subsidiem a viagem para Dakar — replicou Leslie, que cruzou os braços sobre o peito.

Lourds tomou um gole de chá-verde e meditou sobre isso. Quase começou a cair no riso. Seguramente teria mais possibilidades de ir para a África pedindo carona. Sobretudo porque não podia explicar à universidade de que se travava essa expedição.

— Não, você tem razão — disse Lourds, fazendo uma pausa. — Estamos em apuros. A questão é saber se deveríamos continuar,

sabendo que essa gente continua tentando nos matar...

— Quer abandonar tudo agora? Você está se esquecendo de que já chegamos até aqui? Tem ideia da bomba que isso pode virar? — continuou Leslie em voz mais baixa.

— Isto não é um jogo, Leslie. Essa gente assassinou uma amiga minha e quase matou outro. Sem contar todos os cadáveres que vão deixando por onde passam. Você se lembra de como mataram o seu produtor?

— Mas então você prefere que fiquem sem castigo, que eles fiquem impunes? — perguntou Leslie, exasperada. — Quer que consigam tudo o que perseguem? Não quer recuperar os artefatos?

— Isso é muito grande para nós. Precisamos de ajuda — disse Lourds.

— Nós fomos à polícia em Alexandria. Lembra-se disso? Não fizeram nada. A única policial que parece interessada em seguir com isso é Natashya...

— Ela tem um interesse pessoal, assassinaram a irmã dela — retrucou Lourds.

— Da mesma forma que você. Eles já estão há dias disparando em nossa direção. Quase matam o seu vizinho. Pense nisso, se você não estivesse lá no dia que roubaram o tal sino, não teríamos entendido o que estava acontecendo — disse Leslie.

— Continuamos sem saber — disse Lourds.

— Muito bem. Então, por que vamos à Dakar?

Lourds não respondeu. A garota estava certa, mas ele não tinha por que admiti-lo.

— Não acho que seja simplesmente porque lhe apeteça ir para a África — disse Leslie, inclinando-se mais na direção dele. — Você acredita que a resposta esteja ali — assegurou, sustentando o olhar. — *Você sabe.*

Ao ver o desejo de saber nos olhos da jovem, ele sentiu que sua própria necessidade de compreender tudo aquilo estava efervescendo.

— Talvez — respondeu Lourds.

— Por que acredita que alguma coisa esteja lá? — perguntou Leslie.

— Porque a cultura iorubá é a mais antiga que já descobrimos até o

momento e porque há indícios de que eles possuíram esses instrumentos em algum momento. Se os artefatos provêm da mesma região, é razoável supor que esses objetos pertenceram à civilização mais antiga que conhecemos — respondeu Lourds.

— Então temos que ir para lá.

— É provável que aqueles homens estejam nos esperando — replicou Lourds.

— E também podem estar esperando por você em casa — interveio Natashya.

Lourds olhou por cima do ombro e a viu de pé atrás dele. Nem sequer havia percebido a moça aproximar-se. Outra nefasta lembrança de que ele claramente estava fora de seu elemento ao lidar com gente perigosa como essa.

— Eu estava dizendo a Leslie que a gente devia ir procurar a polícia e...

— A polícia quer nos prender — interrompeu Natashya. — Há testemunhas que nos viram atirar em homens armados. Uma delegacia municipal de polícia que permitisse esse tipo de coisa na sua cidade não inspiraria nenhuma confiança. Já deram nossa descrição no rádio e os noticiários mostram nossas fotos como procurados.

— Isso é fantástico — grunhiu Leslie. — Imagino que saiba que se o que você diz é verdade, tentar sair do país de avião, trem, navio ou ônibus é totalmente impossível.

— Sei disso. No entanto, consegui um carro e assim podemos chegar até a França — respondeu Natashya.

— França? Por que França? — perguntou Leslie.

— Porque lá não estão à nossa procura. A União Europeia não tem fronteiras. Se formos dirigindo não vão nos impedir de entrar no país. De lá poderemos comprar as passagens para Dakar.

Gary se distanciou do balcão, parecia um pouco nervoso quando alcançou a mesa onde estavam os demais:

— Estava assistindo à TV. Ela tem razão, nós saímos nas notícias.

Lourds olhou para o televisor que estava pendurado num canto e viu parte do vídeo que a câmera de vigilância do hotel havia gravado durante o tiroteio. A polícia e os encarregados do hotel não davam

nenhum detalhe, mas haviam confirmado a morte de quatro homens.

— Você disse que havia matado somente dois homens — acusou Leslie.

— E foi o que eu fiz — respondeu Natashya.

Aquelas palavras atraíram a atenção de alguns clientes.

Lourds pegou a mochila e saiu.

— Então, senhoras e senhor, não há nada mais o que dizer. Creio que será melhor sair daqui e irmos para outro lugar, antes que a polícia chegue.

*

ZONA RESTRITA DA BIBLIOTECA

CIDADE-ESTADO DO VATICANO

4 DE SETEMBRO DE 2009

— **O** cardeal Murani? Sim, ele está aqui sim — disse a voz rouca de Beppe que ressoou na silenciosa biblioteca.

Sentado à mesa, Murani olhava o desenho do homem que oferecia sua mão direita enquanto segurava um livro na esquerda. Essa imagem já estava há anos em seus pensamentos.

“Não — se corrigiu Murani —, não a imagem e sim o livro”.

Ouviu passos que se aproximavam.

O cardeal Giuseppe Rezzonico seguiu o bibliotecário até ali.

— Cardeal, o senhor tem uma visita — disse Beppe mostrando um sorriso desdentado.

— Obrigado, Beppe — disse Murani, fazendo um gesto em direção a uma cadeira do outro lado da mesa.

Rezzonico se sentou. Parecia que acabara de se levantar da cama e que não estava nada contente por ter que fazer isso.

— A equipe do padre Sebastian acaba de começar a explorar as catacumbas — disse ele.

— Caverna número 42 — disse Murani, que estava a par da exploração das catacumbas.

— Encontraram uma câmara funerária. Muito grande — disse Rezzonico.

Murani não pode conter-se.

— Quem está enterrado ali? — perguntou Murani.

— Ainda não sabemos. Os guardas suíços nos enviaram imagens digitais pela internet — explicou Rezzonico, ao mesmo tempo em que entregava a ele uma câmera. — Eu as baixei aqui.

Murani a pegou e começou a olhá-las rapidamente.

— São eles, os atlantes. Os que viveram no Jardim — assegurou Murani com a voz rouca.

— Talvez — replicou Rezzonico.

Murani não podia acreditar. Olhou para Rezzonico e se encheu de raiva.

— Como pode duvidar disso? Se sua fé fosse tão firme como deveria ser, saberia muito bem que é sim — disse Murani.

— É uma câmara funerária, essa é a única coisa que sabemos — disse Rezzonico.

Após comprovar o tamanho dos arquivos digitais, Murani descobriu que tinham cinco megabytes cada um. Poderia ampliá-los, e muito.

Levantou-se sem dizer uma só palavra e foi até a parte de trás do salão. Um equipamento digital de alta tecnologia ocupava uma pequena parte das estantes.

Sentou-se a uma mesa, tirou o cartão de memória da câmera e o introduziu no leitor do computador. Apenas apertando poucas teclas, as imagens abriram.

— Não vim aqui para isto. Temos que conversar — protestou Rezzonico.

— Estou lhe ouvindo, enquanto vejo as imagens vou conversando com você — disse Murani enquanto examinava as imagens uma por uma e seguia o padre Sebastian até a cripta.

— O concílio quer falar com você, não acreditam que você não tenha nada a ver com a morte do padre Fenoglio — disse Rezzonico.

Por um momento, Murani não conseguiu se lembrar desse nome.

— Eles sabem que o papa o havia enviado para que o seguisse — disse Rezzonico.

— O papa é quem deveria sentir-se culpado, e não eu. Não fui eu quem o pôs em perigo. Além do mais, por que o concílio não se dignou a me avisar que o papa havia ordenado que me vigiassem? — perguntou Murani.

— Pensaram que Fenoglio seria mais prudente — respondeu Rezzonico.

— Por que o papa queria que alguém me espionasse? — perguntou Murani.

— Porque não confia em você.

— Mas eu tenho demonstrado que sou de confiança durante muitos anos — disse Murani.

— Não para este papa. Ele acredita que seu excessivo interesse nos textos secretos seja para seu próprio desfrute — retrucou Rezzonico.

— Eu estou aqui, não em Cádiz. Não poderia me distanciar muito mais dos textos secretos. O papa já se ocupou disso — respondeu Murani.

— E, no entanto, continua perambulando entre as estantes dedicadas aos textos secretos e a tudo o que tem a ver com o Jardim do Éden — disse Rezzonico.

Murani inspirou profundamente e exalou o ar com força.

— Deveria ser eu a estar em Cádiz, deveria ser eu a pessoa a dirigir a escavação! — exclamou Murani. — Ninguém sabe mais dos textos sagrados, do Jardim do Éden e da Atlântida do que eu. Ninguém!

— A sociedade não queria brigar com o papa — disse Rezzonico.

— O foco do papa sobre a Igreja é errado. — Murani estava exaltado.

— Por favor, não grite, Stefano. Eu suplico. Já está com muitos problemas — pediu Rezzonico, olhando ao seu redor.

— Que problemas? — perguntou Murani.

— Você não me ouviu? O concílio suspeita que a morte de Fenoglio não se deveu a um mero acidente.

— Mas é claro que não foi um mero acidente. Foi um acidente e tanto! O ladrão o atropelou. Eu estava presente. Ele quase mata a mim também. Inclusive os hematomas ainda não sumiram por completo — disse Murani.

— E segundo a polícia, o carro voltou de marcha a ré sobre ele —

disse Rezzonico, sustentando o olhar. — Isso você não mencionou.

Murani caiu em si e se deu conta de que realmente não tinha falado sobre aquilo. Naquele momento lhe pareceu que teria atraído demasiado interesse sobre o acidente. Havia se esquecido do trabalho dos forenses.

— Estava muito abalado emocionalmente, tudo aconteceu rápido demais — disse Murani.

— A polícia disse que não havia sangue dentro do carro.

— O ladrão me bateu assim que saí do carro. Não queria que eu escapasse e o identificasse mais tarde. — Aquilo era uma simples adaptação da versão de Murani. Nada demais.

Rezzonico ficou calado por um momento.

— A única razão pela qual a polícia não lhe interrogou mais a respeito desse assunto é nós termos intercedido por você — disse Rezzonico.

— Nós? — perguntou Murani, esboçando um triste sorriso — Agora a sociedade me protege?

— Sua falta de respeito é intolerável, Stefano — disse Rezzonico.

— Não, a estupidez que a sociedade mostrou, e você também, é o que motiva minhas chacotas. A sociedade me protege para proteger a si mesma. Você acredita que se me prenderem pela morte de Fenoglio eu continuarei guardando os segredos que a Sociedade de Quirino tem ocultado durante tantas gerações?

— Se você ama a Igreja... — disse Rezzonico.

— A Igreja é a esposa de Deus. Supõe-se que serve a Deus. Não poderá fazê-lo se continuar debilitando-se e tornando-se cada vez mais tolerante com o passar dos anos — respondeu Murani. — Ela tem que ser forte e governar a casa de Deus neste mundo. Ela tem uma missão e...

A última imagem que apareceu na tela do computador atraiu a atenção de Murani, que deixou a frase sem conclusão.

Era um colar em que se via um homem oferecendo uma mão enquanto na outra segurava um livro.

— O padre Sebastian encontrou... Veja isto... — murmurou Murani, incrédulo.

— Sim, estou vendo. Embora, pode ser que o tenha perdido — disse Rezzonico — Pouco depois de entrar na caverna e logo após enviar as fotos para a sociedade, aconteceu um tremor de terra. A água inundou a câmara mortuária. Ninguém sabe se o padre Sebastian e as pessoas que estavam na caverna ainda estão vivos.

CAPÍTULO

17

AEROPORTO INTERNACIONAL CHARLES DE GAULLE

PARIS, FRANÇA

5 DE SETEMBRO DE 2009

A manchete da CNN atraiu o interesse de Lourds enquanto esperava na zona de embarque do voo para Dakar, Senegal:

Atlântida submersa de novo?

Mesmo a contragosto, a empresa de Leslie havia aceitado criar uma nova conta para frustrar qualquer intenção de alguém espionar os gastos da viagem. Também haviam lhe enviado cheques de viagem para pagar as despesas, em vez de um cartão de crédito. Uma evidente amostra de que acreditavam na importância daquela história, embora houvessem gritado e batido o pé diante das necessidades que eles expunham. Em muitos aspectos, havia sido de grande ajuda que os liberassem da pista que atraía os assassinos como um piquenique atrai formigas.

Contudo, aquilo não havia tido um efeito positivo no ânimo de Leslie. Quando acabaram as negociações com sua produtora, ela voltou para o quarto do hotel em Paris com um humor de cão. Não tinha mais se deitado com Lourds desde Leipzig. Naquele momento dormia numa poltrona ali perto, coberta por uma jaqueta leve.

Gary ocupava outro assento não muito distante dali e parecia absorto em um jogo de seu PlayStation. Os fones de ouvido o mantinham preso no mundo virtual do qual desfrutava graças àquela minúscula tela.

Lourds não sabia por onde andava Natashya. Estava praticamente certo de que, sem contar as breves sonecas que dava de vez em quando, a policial não havia dormido a noite toda. Também sabia que não poder portar uma arma dentro do aeroporto a estava martirizando.

Ele não podia fazer nada a respeito. Voltou a concentrar-se no

programa de televisão:

“Já faz mais de 30 horas que as escavações de Cádiz, que têm recebido cobertura por parte de incontáveis meios de comunicação internacionais devido aos rumores que se propagaram nos últimos meses sobre a possível existência da desaparecida Atlântida, sofreram um duro revés”, comentava o jovem apresentador negro.

Inseriram na tela umas imagens de arquivo das escavações. Vários caminhões basculantes traziam terra das escavações na costa, a menos de cem metros de distância. Enormes diques continham a maré.

“Nas primeiras horas da manhã de 4 de setembro, o padre Emil Sebastian conduziu seus homens à nova caverna que haviam descoberto.”

Voltaram a inserir mais imagens de arquivo que mostravam o padre Sebastian falando com sua equipe no interior do acampamento-base. Segundo os artigos da mídia, *Time*, *Newsweek* e *People*, que Lourds havia lido, não foi permitido que os meios de comunicação entrassem no acampamento-base.

A voz seguiu dizendo: “Segundo algumas informações ainda sem confirmações, eles estavam examinando uma câmara funerária cheia de tumbas”.

— Isso parece horrível — comentou Gary.

Lourds se voltou e viu que o rapaz havia deixado o videogame de lado e olhava para a televisão atentamente.

— E aí? Decidiu abandonar o reino do ciberespaço? — perguntou Lourds.

— Continuará lá se pudesse. As filhas da puta das pilhas acabaram. Tenho que recarregar.

— Então vá logo, nós sairemos dentro de uma hora — disse Lourds.

— Não vai demorar nada. Vou procurar uma tomada e logo estarão carregadas — disse Gary.

O apresentador continuou falando: “Apesar da equipe de escavação não ter confirmado nada ainda, uma fonte que pertence à equipe e não quis revelar sua identidade nos informou que dentro da caverna vários corpos foram encontrados. Também temos uma foto que mostra as supostas tumbas escavadas na parede”.

Na tela apareceu uma imagem. A cor era uniforme e estava bem escura, mas parecia uma antiga câmara funerária com uma parede cheia de nichos. A imagem era pouco nítida e Lourds não conseguiu perceber se havia algum hieróglifo ou sinais gravados nas rochas.

A câmera voltou ao apresentador. “Segundo o que nos informaram, duas pessoas se afogaram no acidente antes de serem resgatadas.”

As imagens de um homem jovem e de outro de meia-idade apareceram por detrás do apresentador. Nenhum deles era o padre Sebastian. A voz disse: “O padre Sebastian declarou que a nova caverna ficou praticamente inundada pela água do mar. Segundo ele, este contratempo irá retardar a agenda pré-determinada da escavação, mas assegura que continuarão o seu trabalho. O Vaticano, que subvenciona a escavação, não fez nenhum tipo de declaração quando fizemos contato”.

— Colega, os caras que foram arrastados pelas entranhas da terra têm culhões daqueles, viu? Eu não me enfiaria ali em baixo e ficaria lá, com a terra balançando e o mar avançando, por nada nesse mundo! — disse Gary.

— Nem sequer diante da possibilidade de descobrir uma nova cultura? — perguntou Lourds.

— Nem por todo ouro do mundo — respondeu Gary. — Tampouco estaria aqui se não fosse tudo tão apaixonante — confessou, movendo a cabeça para os lados. — Se você quer que eu diga a verdade, essa história de ir de um lado para o outro correndo de lá pra cá, com Leslie, com você e com Natashya a Exterminadora do Futuro me parece uma loucura.

— Não acredito que ela goste que você a chame assim — repreendeu Lourds, franzindo a testa.

— Certamente não, por isso não falo quando estou na frente dela — replicou Gary, fazendo uma careta antes de conectar seu aparelho à tomada mais próxima.

Lourds deu uma última olhada para Leslie e se sentiu incômodo de novo, ao dar-se conta de que não podia fazer nada pela situação que se havia criado entre eles. Decidiu deixar tudo como estava até poder se concentrar nas coisas de outra maneira e voltou aos documentos sobre

os iorubás que havia copiado no Instituto Max Planck.

Prestou especial atenção à lenda dos cinco instrumentos: o címbalo, o tambor, o alaúde, o sino e a flauta. Se ele tivesse traduzido bem, certamente havia encontrado uma boa pista.

*

GABINETE DO PAPA INOCÊNCIO XVI

CIDADE-ESTADO DO VATICANO

6 DE SETEMBRO DE 2009

O padre Sebastian estava na sacada do gabinete particular do papa, observando a Cidade do Vaticano. Após ter passado vários meses em Cádiz, sem praticamente sair do acampamento-base e do assentamento que havia sido criado ao redor para suprir as necessidades da equipe de escavação, a cidade lhe produzia certa claustrofobia. Embora nada disso pudesse ser comparado com a inundação da câmara funerária. Se não fosse pelos guardas suíços, ele estaria morto.

“Não — corrigiu a si mesmo — não só aos guardas. E sim a Deus que me protegeu do perigo; se não fosse Ele, eu estaria morto. Não se pode nunca esquecer nas mãos de quem se está realmente.”

— Emil — uma voz animada o saudou.

Deu a volta e viu que o papa se aproximava.

— Sua Santidade — disse Sebastian, ao mesmo tempo em que dobrava um dos joelhos e inclinava a cabeça.

O papa Inocêncio XVI o ajudou a levantar-se e lhe deu um abraço.

O padre não conseguia se acostumar com a ideia de que seu bom amigo houvesse se convertido no Sumo Pontífice. Nem sequer haviam brincado com essa possibilidade quando trabalhavam juntos nas bibliotecas da Igreja.

O papa, na época que não passava de um padre de paróquia, era fascinado pelas histórias que ele lhe contava quando viajava com seu pai. Inclusive havia lido os diários que Sebastian escrevera naqueles tempos.

— Fico feliz que esteja bem — disse o papa. — Quando soube do acidente na caverna e pensei que você tinha desaparecido, rezei para que você estivesse a salvo. Sentia-me culpado por tê-lo enviado para lá.

— Bobagem — replicou Sebastian fazendo um gesto com a mão, embora logo depois tenha pensado se aquilo era permitido, agora que seu amigo era o papa. Como poderia saber? O tipo de relação que haviam mantido durante muitos anos de amizade havia mudado por completo, como se um tsunami tivesse golpeado e inundado todos os pontos de referência. Pelo menos o papa não demonstrou nenhum sinal de reprovação. — Renasci, Sua Santidade. Eu adoro desenterrar e conhecer o passado. É algo que meu pai teria gostado de fazer, Deus o tenha em Sua glória. Esta escavação me fez lembrar dele e a mim mesmo, no passado.

— Fico contente que se sinta bem, sobretudo depois da inundação que aconteceu. A inundação... Eu ouvi o que as notícias dizem, embora eles sempre dramatizem. É então, o estrago é muito grave? — perguntou o papa.

— É grave, mas não é algo que seja permanente. Dario Brancati insiste que podemos bombear a caverna 42 e secá-la em duas ou três semanas. Depois, continuaremos a escavação — disse Sebastian, ainda que aquela ideia lhe produzisse medo. Tinha que voltar à caverna depois do acidente e a verdade era que não sabia se seria capaz ou não de fazer isso.

— De onde veio a água? — perguntou o papa.

— Os mergulhadores de Brancati acreditam que de outra câmara mais profunda, e que fica além das catacumbas. Estão buscando a fonte. Tivemos sorte que a pressão do ar se igualou rapidamente — respondeu Sebastian.

— Você está se referindo ao que exatamente? — perguntou o papa.

— Quando abrimos a câmara mortuária, o ar que havia ficado preso escapou. Essa mudança permitiu que a água rompesse uma parede no sistema de cavernas. Poderia ter sido muito pior, eu nem estaria aqui para contar — disse Sebastian, que logo em seguida fez uma pausa ao sentir um arrepio. Acreditava que havia escapado graças à intervenção divina. — O senhor deve recordar, Santidade, que todo o oceano

Atlântico espera, bem próximo dali, pronto para reclamar as cavernas de volta para si.

— Sei disso — respondeu o papa.

Produziu-se um silêncio. Pela expressão de tensão no rosto do papa, o padre pensou que estava tão preocupado quanto ele.

— Apesar de tudo, tivemos sorte, Santidade — disse Sebastian.

Este suspirou e assentiu.

— A pergunta é se o que estamos fazendo merece a perda de vidas — disse o papa.

O papa permaneceu em silêncio. Não conseguia traduzir seus medos em palavras.

— Quando coloquei você à frente desta escavação, eu lhe disse que certamente seria o mais importante trabalho que qualquer um de nós estaria fazendo nesses dias — disse o papa.

— Está se referindo às tumbas? — perguntou Sebastian.

— Mais do que isso. Eu me refiro ao colar que você encontrou — disse o papa.

— Este? — perguntou Sebastian.

Sebastian tirou a mão do bolso do casaco, abriu os dedos e lhe mostrou o pingente. A brilhante figura, que oferecia uma mão e com a outra segurava os textos sagrados, girou na luz da sala.

— Deus tenha piedade — sussurrou o papa enquanto o pegava com a mão trêmula.

— Depois de tudo o que a humanidade tem feito para rejeitar os presentes de Deus, não sei como Ele pode ter piedade de nós — disse Sebastian.

O papa acariciou o pingente com ternura.

— Sua Santidade acredita que ele ainda exista lá em baixo? — perguntou Sebastian, que nem sequer foi capaz de dizer o nome em voz alta. — O mar tem destruído muitas coisas.

— Tudo o que Deus criou é eterno — disse o papa. Como se estivesse embargado por uma emoção muito intensa, o papa apertou o pingente com tanta força que os nós dos dedos ficaram esbranquiçados. — Quando chegar ao fim de sua jornada nessa sua escavação, amigo meu, encontrará o Jardim do Éden. Porém, irá encontrar também o maior

perigo a que Deus expôs o mundo.

*

DAKAR, SENEGAL

6 DE SETEMBRO DE 2009

Lourds ia sentado no assento do passageiro do Land Rover que haviam alugado no Aeroporto Internacional de Dakar — Yoff-Léopold Sédar Senghor, e observava o cáldo sol da tarde que caía sobre a cidade. O calor fazia com que o ardente asfalto brilhasse, apesar dos óculos de sol.

Dakar é a cidade mais ocidental da África; eles iam em sua direção desde o aeroporto. O oceano Atlântico banhava as praias de areia branca, flanqueadas por humildes casas rodeadas por alguns arbustos que ofereciam uma escassa sombra. Os pescadores e os turistas pisavam em suas águas.

A cidade era uma estranha mistura de antiguidade e modernidade. Os altos edifícios apontavam seu pico para o céu, mas a cidade era também rodeada de pequenas casas. A maioria delas não dispunha das comodidades básicas. O passado e o futuro se encontram cara a cara.

— Imagino que não podemos ir de carro até a ilha Gorée — comentou Gary, que estava de bom humor.

— Pegaremos a balsa — assegurou Lourds.

— Ainda não nos disse por que estamos indo para lá — disse Gary.

— A ilha de Gorée, como se conhece há tempos, tem um passado infame. Era um enorme mercado de escravos que abastecia o mundo todo. Milhares de homens, mulheres e crianças eram levados ali e repassados a compradores de praticamente todas as partes do planeta. Apesar de a Inglaterra e algum outro país terem declarado a escravidão ilegal em seu território, sempre havia gente disposta a comprá-los aqui para vendê-los na América e no Caribe — disse Lourds.

— Isso não explica por que estamos indo para lá — disse Gary.

— Durante os muitos anos em que comercializavam escravos, Gorée também se converteu em um depósito de documentos e objetos.

Madeiras de barcos, esculturas e cerâmica africanas, joias... Tudo o que vinha da África se expunha ali — disse Lourds.

— Me surpreende que os comerciantes não tenham vendido tudo isso — disse Gary.

— Na verdade, venderam sim. Com enormes lucros. Grande parte do que existiu nas terras nas quais os traficantes de escravos dizimaram tribos inteiras desapareceu. Culturas inteiras se perderam devido à passagem do tempo e à cobiça dos homens — disse Lourds.

Gaivotas e garças esvoaçavam por cima das águas cinza-azuladas. Um pouco mais distante alguns navios de cruzeiro e barcos de pesca entravam e saíam do porto.

— Porém, isso é uma velha história — continuou Lourds. — As civilizações sempre têm se expandido por cima das outras. Na Inglaterra, os pictos foram derrotados e massacrados pelos romanos e tiveram que se refugiar nas terras altas escocesas. Na América foram os índios nativos, muitas tribos foram exterminadas conforme os colonizadores europeus iam espalhando-se pelo continente. Na atualidade, os poucos americanos nativos que restaram se esforçam para aferrar-se a sua identidade cultural. A destruição cultural é completa quando a tradição dos povos arrasados é oral em vez de escrita. Quando se assassinam os narradores de uma tribo que não tem tradição escrita, essa cultura morre para sempre.

— E o que você espera encontrar nessa ilha? Narradores? — perguntou Gary.

— Quero pesquisar uma lenda muito interessante sobre a qual li no Instituto Max Plank.

— Que lenda? — perguntou Natashya em russo.

“Ah, a barreira da linguagem — pensou Lourds. As pessoas que são bilíngues podem utilizá-la para isolarem-se dos demais e assinalar as diferenças entre nós e eles.”

— Trata-se de uma antiga lenda — respondeu Lourdes em inglês — sobre um grupo de cinco instrumentos: uma flauta, um alaúde, um tambor, um sino e um címbalo, e de como foram repartidos entre diferentes culturas depois de uma grande inundação.

— Nosso sino? — perguntou Leslie.

— O címbalo em que Yuliya estava trabalhando? — inquiriu Natashya em russo. — Que inundação? — quis saber Gary.

— Boas perguntas, todas elas — disse Lourds. — Não sei se são o sino e o címbalo com os quais nós tivemos contato — admitiu —, mas acredito que é a direção na qual estava Yuliya quando se aprofundava em sua pesquisa. É importante lembrar que o címbalo não foi feito na Rússia.

— Ela achava que os comerciantes o haviam levado para lá — apontou Natashya em inglês, que evidentemente havia decidido unir-se ao idioma que todos falavam, já que Lourds não ia responder no seu.

— Correto — disse Lourds.

— Só que isso não fazia sentido, porque o címbalo não tinha nenhum valor — disse Natashya.

— Igualmente correto — disse Lourds fazendo uma pausa. — Tecnicamente falando, do ponto de vista de dinheiro. Mas o que aconteceria se esses instrumentos tivessem um preço que não estivesse relacionado com seu valor monetário intrínseco? E se estivessem unidos a um desastre comum?

— A inundação? — perguntou Natashya.

— Um dos arquétipos mais comuns da mitologia universal, presente em todas as culturas, é o dilúvio. Além de Noé, há histórias de dilúvios entre os sumerianos, babilônios, escandinavos — ainda que estes o relacionassem com um dilúvio de sangue provocado pelo gigante de gelo Ymir —, irlandeses, astecas e em muito outros países. Os gregos contavam que o mundo chegaria a seu fim com três dilúvios.

— Incluindo o que inundou a Atlântida — apontou Gary.

— Em realidade, essas histórias de dilúvio não incluem o que Platão contou sobre o afundamento da Atlântida — corrigiu Lourds. — Era outra história completamente diferente. Nela o mundo sobrevivia, embora não a Atlântida. A do dilúvio relacionado com os instrumentos era mais importante. Muito mais.

— Você acredita que os instrumentos têm relação com o Dilúvio Universal? — perguntou Natashya. — O dilúvio dos hebreus, que Deus enviou para apagar o mal e a crueldade do mundo?

— A lenda que eu li não era muito clara, não estou bem certo —

respondeu Lourds. — É possível, mas pode se tratar de outro dilúvio... O mundo, em um momento e outro, parece que sofreu grandes dilúvios que inundaram a maioria das grandes massas terrestres. Grande parte dos Estados Unidos esteve durante bom tempo sob as águas do mar. Os arqueólogos constantemente encontram provas de uma vida marinha pré-histórica nos desertos e nas planícies no oeste norte-americano. Também algumas partes da Europa estiveram sob as águas. O esqueleto de uma baleia apareceu em uma montanha na Itália.

— Mas... E os instrumentos? Você acredita que estão relacionados com esse dilúvio? — perguntou Leslie.

— Não sei — respondeu Lourds. — É uma lenda muito antiga, provém de uma tradição oral que quase se perdeu. Não importa se tem relação ou não. Só quero confirmar o mito que fala sobre esses instrumentos. Se eu conseguir, gostaria de averiguar se há algo mais nessa narração que não faça parte do pedaço que eu já conheço. Acho que pode ser importante.

*

SAGRADO COLÉGIO CARDINALÍCIO
CIDADE-ESTADO DO VATICANO
4 DE SETEMBRO DE 2009

A pesar de Murani ter chegado na hora marcada à reunião, ele foi o último a entrar. Vestia o hábito de cardeal, que lhe atribuía o poder de seu cargo, graças a virtude da armadura de Deus.

Aquela sala subterrânea era quase um segredo no Vaticano. Apenas um reduzido grupo de pessoas tinha as chaves das portas que permitiam o acesso àquele ambiente. Devido ao enorme labirinto escavado sob o Vaticano durante suas centenas de anos de existência, uma boa parte em péssimo estado, aquelas salas podiam existir sem que ninguém as conhecesse. De fato, verdade seja dita: era fácil que houvesse outras tantas salas mais cuja existência ninguém jamais desconfiasse.

Certamente, não há lugar mais privado em todo o mundo.

Suportes de parede sustentavam lamparinas que tingiam com resplendor único no tom amarelo âmbar as paredes de pedra e a brilhante madeira da longa mesa que havia no centro. Notava-se que alguém havia limpado a mesa quando havia acendido as lanternas. Uma espessa camada de pó cobria o chão de pedra e havia também espessas teias de aranha nos cantos. Aquele ambiente nunca tinha sido utilizado desde que Murani ocupara o seu cargo.

Os 23 homens que estavam sentados ao redor da mesa eram membros da Sociedade de Quirino. Uma vez que nem todos estavam ali, Murani assumiu que esses estavam indisponíveis para participar da reunião.

Mas estava presente até o cardeal Lorenzo Occhetto. Ele sentara-se à cabeceira com suas devidas vestimentas, porém com seu frágil e envelhecido aspecto, parecia um cadáver bem-vestido. Fez um gesto com a mão para Murani em direção à cadeira que estava vazia à sua esquerda.

— Não, obrigado. Se isto vai ser um interrogatório, prefiro estar de pé — disse Murani.

Aquele comentário provocou rudes olhares por parte dos cardeais.

— Sua falta de decoro é inapropriada — o repreendeu Occhetto com um sussurro seco.

— Na realidade — replicou Murani, que havia escolhido mostrar-se desafiante perante o concílio —, a falta de decoro é inapropriada em todas as partes. É o que a converte precisamente em uma falta de decoro.

— Não queira divertir-se à nossa custa — reprovou Occhetto.

— Não é isso. Estou irritado — assegurou Murani, juntando as mãos por detrás das costas e começando a andar ao redor da mesa sem deixar de olhar de maneira desafiante a todos os que estavam ali presentes.

— Sente-se — lhe ordenou Occhetto, embora sua débil voz carecesse de autoridade.

— Não — disse Murani, que seguia insolentemente em pé, no lado oposto da mesa. — Isto é uma farsa e já tem durado tempo demais. Não

permitirei que continue.

— *Você não vai mais permitir?* — explodiu o cardeal Jacopo Rota.

Ele tinha uns 50 anos e era famoso por seu gênio. Era um homem de grande porte que tinha realizado trabalhos manuais em sua juventude e que continuava tendo a musculatura que demonstrava o que havia feito no passado. Levantou-se com uma expressão facial e corporal ameaçadora à direita de Occhetto.

— Não. Não permitirei — disse Murani, com a voz mais calma.

— *Você assassinou o pobre Fenoglio e responderá diante de Deus por isso* — o acusou Rota.

— Diante de Deus talvez — replicou Murani, ainda que não acreditasse nisso —, mas não diante de vocês...

— Então, você admite? Admite que o assassinou? — perguntou Occhetto.

— A morte de Fenoglio é a primeira que foi cometida pela Sociedade de Quirino para proteger seus preciosos segredos? — perguntou Murani.

— Não ordenamos essa morte, nós não assassinamos — disse Emilio Sraffa, que tinha apenas uns 30 anos. Era o mais jovem e, na opinião de Murani, o mais inocente.

— Sim, sim já cometemos sim. Embora ainda não tenha participado de nenhum assassinato — disse Murani.

Sraffa olhou para os demais cardeais, esperando que algum deles refutasse a acusação. Ninguém o fez. Nenhum deles afastou o olhar de Murani. Todos sabiam.

— As vidas que ordenamos eliminar eram... — começou a dizer Occhetto.

— Eram daqueles que consideravam um obstáculo aos desejos de vocês — interrompeu Murani, que se impôs sobre as suas palavras. — Vocês podem justificar as mortes como queiram. Podem dizer que só assassinaram os homens que não eram verdadeiras almas diante de Deus. Não me importa. Vocês assassinaram pessoas antes. Muitas vezes.

— Pois você matou um padre! — acusou Rota.

— Seu precioso papa mandou Fenoglio ficar em cima de mim.

Enquanto eu estava fazendo tudo aquilo que vocês têm medo de fazer.

— Nós não temos medo de nada — assegurou Occhetto.

— Ah, não? Então por que o padre Sebastian dirige a escavação em vez de um de nós? — perguntou Murani.

Ninguém respondeu.

Cheio de energia, que chegava inclusive a transbordar tanto de cólera como no sentido de dever, Murani continuava andando ao redor da mesa.

— Vocês se sentam aqui na escuridão como velhas assustadas, em vez de assumirem o controle da Igreja — disse Murani.

— Essa não é a nossa obrigação — replicou Occhetto.

— Sim, claro que é — o contradisse Murani em voz alta. — A quem mais foram confiados os segredos que estão sob sua custódia? O papa que escolheram nem sequer era um de nós. Não conhecia os textos sagrados. Ele não sabia o que aconteceu realmente no Jardim do Éden até que vocês contassem a ele!

— Não podíamos escolher um de nós — comentou o cardeal ancião.

— Não temos votos suficientes no Sagrado Colégio. Não...

— Vocês não querem ser descobertos — assegurou Murani com fúria. — Conheço vocês. Procuram abrigo na escuridão como se fossem baratas.

— Sempre temos trabalhado na sombra — assegurou Occhetto. — Temos guardado nossos segredos durante centenas de anos e de dezenas de papas. Temos mantidos os segredos trancados e seguros.

— Suas ações e escolhas têm debilitado a Igreja. Não protegem os segredos, na verdade estão protegendo suas próprias vidas — acusou Murani.

— Você está indo longe demais — interveio Rota. — Ou você se senta e escuta o que temos a dizer, ou eu o farei sentar.

— Não — quando o homem fez um gesto de que iria se levantar, Murani tirou uma arma do casaco e lhe apontou no peito. — Não se mova.

Os escuros olhos de Rota brilharam desafiantes, e ficou como estava, a meio caminho de se levantar.

— Precisa de alguma prova de que apertarei o gatilho? Lembre-se de

Fenoglio, lembre-se do que estão me acusando. Vocês acham que eu irei me importar com um cadáver a mais? — perguntou Murani.

Rota se sentou franzindo a testa.

Murani manteve a pistola na mão. Estava de costas para a porta, mas ficou meio de lado, para poder ver se alguém a abrisse. Aquela reunião era secreta, porém não sabia o que seus companheiros da sociedade poderiam ter deixado escapar. A Guarda Suíça sempre estava por perto.

Nenhum lugar, por mais secreto que fosse, estava a salvo.

— Enquanto vocês se mantêm a salvo na Cidade do Vaticano, tagarelando como crianças, eu venho trabalhando. Tenho visitado o mundo real e já decifrei algumas das passagens relacionadas com os textos sagrados — disse Murani.

Aquilo os pegou de surpresa.

— Você está mentindo — acusou Occhetto.

— Não. É a mais pura verdade — respondeu Murani. — Existem cinco instrumentos que abririam a última câmara, na qual eles guardaram os textos secretos.

— Todos nós sabemos disso.

— Tenho dois deles — disse Murani.

De repente, a sala se encheu de murmúrios dos cardeais. Occhetto levantou as mãos e fez com que eles se calassem. Pouco a pouco se fez o silêncio.

Murani olhou os homens que tinha diante de si. O orgulho e o medo percorreram seu corpo como uma corrente elétrica. Jamais se atrevera a dizer tanto e de uma forma tão clara. E nenhum deles havia feito algo semelhante.

— Onde estão os instrumentos? — perguntou Occhetto.

— Guardados — respondeu Murani. — Onde possa tê-los ao meu alcance.

— Não são seus — disse Occhetto.

— Agora, eles são sim. E em breve também o restante dos instrumentos estará em minhas mãos e será meu também.

Murani tinha certeza de que Lourds conduziria Gallardo até o resto das relíquias ou, quem sabe, poderia utilizar o sino e o címbalo para localizá-los. A vontade divina não podia ser negada e ele estava

convicto de que atuava por seu intermédio.

— Você não sabe o que está fazendo. Se tiver os instrumentos, deve entregar para nós — exigiu Occhetto.

— Por quê? Para que o encerrem na obscuridade e se percam? Outra vez? — perguntou Murani.

— Eles não podem estar juntos. Tudo o que temos lido diz que Deus queria que estivessem separados, dispersos pela terra — disse Occhetto.

— Então, por que não os destruiu? Por que deixou que fossem encontrados? — perguntou Murani.

— Isso é uma heresia — acusou Rota.

— É a vontade de Deus — disse Murani. — Sou sua força divina para devolver o poder para a Igreja.

— E como espera que fará isso? — inquiriu Occhetto.

— Com o poder dos textos sagrados!

Os cardeais protestaram em voz alta, mas Murani não lhes prestava atenção.

— Esses textos já destruíram o mundo uma vez e poderiam voltar a fazê-lo — apontou Occhetto.

— Não o farão, porque eles me ajudarão a refazer o mundo. Eles irão conferir um poder à Igreja como jamais visto. Eu os encontrarei e vocês não poderão me deter.

— Poderemos sim. Não se esqueça disso — lhe recordou Rota.

Murani sorriu diante do corpulento cardeal.

— Você se refere à Guarda Suíça? — perguntou Murani.

Ninguém disse nada.

— Os membros que vocês escolheram entre a Guarda — continuou Murani — têm estado fazendo o trabalho sujo para vocês durante centenas de anos. Mais um assassinato em nome da Sociedade de Quirino não importaria muito, não é verdade?

— Não seria um assassinato, e sim justiça — corrigiu Rota.

— Nenhum de vocês que estão sentados nesta sala tem as mãos limpas. Todos estiveram e estão envolvidos em algum tipo de traição ou assassinato — disse Murani.

Sraffa parecia preocupado, era mais frágil do que Occhetto havia

pensado. Ainda tinha consciência. Não deixava tudo nas mãos do Criador.

— Em assassinatos, não — assegurou Occhetto.

— Então, se tivessem ordenado que me matasse, isso não seria um assassinato? — perguntou Murani.

— Não — replicou Occhetto. — Seria um homicídio justificável. Uma eutanásia em nome da Igreja.

— Talvez — disse Murani se dirigindo ao cardeal. — Também seria algo insensato, pois isso lhe destruiria e provocaria uma ferida na Igreja que tanto ama.

Occhetto tremeu e fechou os olhos. Murani notou que ele tinha medo.

— Eu direi por que — disse Murani. — Eu tenho uma lista com todos os nomes de vocês; tenho gravações e documentos que provam tudo. Vocês são uns estúpidos por guardarem gravações de algo como isso; desta maneira encobriram meu encontro com Fenoglio. Agora vocês todos estão envolvidos no crime, são cúmplices de um assassinato. Eu dei estas provas a um homem que as enviará por correio às autoridades competentes e à imprensa caso algo ocorra comigo. Vocês acham que a Igreja poderá manipular um escândalo como este depois de tudo o que tem vindo à luz nos últimos anos? Vocês pensam que o papa ou suas vestimentas vermelhas protegerão suas peles? — Um soluço aflito na sala confirmou a notícia que havia conseguido de seus informantes. — Sim, eu conheço muito bem os segredos de todos vocês e os compartilharei com o mundo se algo acontecer comigo.

— Você não pode fazer uma coisa desse tipo, Murani — protestou Occhetto, ultrajado.

— Já está feito — replicou Murani com a voz fria. — Se vocês me tocarem, eu os destruirei.

Produziu-se um profundo silêncio.

— Bem, é desta forma que iremos tratar a situação — continuou Murani com uma voz suave e sinistra. — Ou vocês se afastam do meu caminho, ou farei com que todos sejam destruídos.

— Você está louco — sussurrou Occhetto.

— Não, sou um homem de fé e de convicções. Deus me revelou o que tenho que fazer e eu o farei. Todos ansiamos por esses textos

sagrados. Sou o homem que conseguirá que o ninguém conseguiu — disse Murani.

Olhou para todos os cardeais e depois fixou o olhar em Rota. Sem vacilar, deu a volta e se dirigiu para a porta.

Ninguém o seguiu.

Pegou a lanterna que havia utilizado para chegar até ali e refez o caminho por onde viera pelo labirinto subterrâneo. Estava certo de que a Sociedade de Quirino não havia acabado com ele, mas tinha conseguido um respiro.

Eles o temiam e não agiriam contra ele.

Tudo estava saindo conforme os seus planos. E os de Deus.

*

GORÉE

DAKAR, SENEGAL

6 DE SETEMBRO DE 2009

Lourds viu Ismael Diop no cais, esperando pela balsa. Lourds o reconheceu pelas fotos que havia encontrado na internet.

Era negro e estava magro, à beira da esqualidez. Tinha uns 70 anos e, segundo a biografia que havia lido, continuava comparecendo e se apresentando em convenções sobre história africana e, em especial, sobre o tráfico de escravos pelo Atlântico. Publicava regularmente, apesar de já estar aposentado. Era professor emérito da Universidade de Glasgow.

Usava shorts de sarja, de cor branca, uma camisa cor cáqui, da qual havia removido as mangas, e um amarrotado chapéu Panamá, enfeitado com iscas para pescar. Mostrava uma barba branca de pelo menos três dias sem fazer.

Por detrás dele havia uma pitoresca vista do porto. De fato, parecia um postal turístico. Pequenas canoas e botes sulcavam as águas levando turistas, adolescentes e pescadores. As casas de cores alegres destacavam-se no azul do céu e da areia branca. Alguns toldos davam

sombra perto da praia para os turistas e vendedores. Os mamoeiros e as palmeiras compartilhavam espaço com os limoeiros e as árvores do Diabo — as mamonas. Lourds os reconheceu graças à documentação que havia estudado relativa à Gorée.

Quando a balsa chegou ao cais, Lourds esperou até que a amarrassem. Então, ele e os companheiros de viagem andaram pela passarela. Assim, logo depois desceu ao cais. Leslie ia atrás dele, e Gary e Natashya em segunda fila.

Diop se aproximou deles; quando ofereceu a mão, um enorme sorriso se desenhou em seus lábios.

— Professor Lourds — cumprimentou Diop.

— Professor Diop — respondeu Lourds.

— Não, por favor, me chame de Ismael — pediu o ancião fazendo um gesto com a mão.

— Você me faz recordar uma famosa citação — observou Lourds sorrindo.

— Sim, eu sei, eu já a ouvi muitas vezes — disse a voz do ancião Diop que ressoava suavemente melódica e tinha um leve sotaque britânico.

Diop estendeu a mão para os demais quando Lourds apresentou-os.

— O calor e a umidade tornam insuportável falar aqui fora. Tomei a liberdade de reservar uma mesa em uma taberna perto daqui, se vocês concordarem — disse Diop.

— Cerveja gelada? Estou nessa — disse Gary, que estava secando o suor do rosto com uma toalha.

— Sim. Isso mesmo. É perto daqui, a ilha não é muito grande — respondeu Diop.

*

Lourds seguiu Diop por uma estreita rua ladeada de arbustos e primaveras. Aquelas flores lilás, vermelhas e amarelas alegravam aquela região. As flores da mangueira aumentavam a palheta de cores, e sua sombra proporcionava um grande alívio ao esgotante deslumbramento do sol.

— Aqui é muito bonito — comentou Leslie.

— É mesmo. Temos cores o ano todo, porém eu receio que isso também signifique que temos que sofrer com o calor — disse Diop.

No final daquela estreita rua deram de frente com um edifício cor-de-rosa, com duas amplas escadas que se curvavam uma para a outra. Em cima delas havia uma pequena varanda, uma sacada sobre uma larga porta de madeira.

— É uma casa de escravos? — perguntou Gary distanciando-se um pouco para gravá-la com a câmera.

— Sim — disse Diop, que se deteve e esperou pacientemente. — Os franceses a chamavam de *Maison des Esclaves*, Casa dos Escravos. Eles passavam pela porta de baixo chamada “A porta sem retorno” e esperavam acorrentados lá dentro até que os tirassem dali e os vendessem.

— Espantoso — comentou Gary, franzindo a testa e guardando a câmera.

— Muito. Se essas paredes pudessem falar, vocês ficariam horrorizados — disse Diop olhando o edifício. — Contudo, se não fosse pelo tráfico de escravos, ninguém teria considerado esta região suficientemente importante para preservá-la. Teria se perdido muita informação que temos hoje — fez uma pausa — incluindo a que vocês vieram procurar, Thomas.

— É sempre muito fascinante comprovar a forma pela qual os ossos da história se conservam mais tempo quando há culpa presente — disse Lourds.

— E quão rapidamente que se esquece da verdade — comentou Diop, fazendo um gesto com a cabeça em direção a umas crianças que brincavam a céu aberto em um descampado. — Os jovens daqui conhecem a história, mas, para o bem ou para o mal, é algo que fica muito longe do imaginário deles. Não tem um verdadeiro impacto sobre a vida deles.

— Exceto pelo fato de que podem ganhar dinheiro com os turistas — interveio Natashya.

Lourds a olhou com desapontamento e pensou que talvez ela tivesse violado as normas da cortesia e hospitalidade.

— Em meu país acontece a mesma coisa — disse Natashya. — Os ocidentais chegam a Moscou e querem ver como viviam os comunistas e onde estava a KGB. Como se fosse um cenário de um filme e não uma questão de vida ou morte durante quase um século na Rússia.

— Imagino que tenham visto muitos filmes de James Bond — disse Diop sorrindo.

— Demais. Não tínhamos intenção de ser um estereótipo, mas creio que acabamos sendo isso para os forasteiros. Sobretudo, para os ocidentais. Talvez esse edifício possa representar o mesmo — disse Natashya.

— Creio que você tenha razão — disse Diop assentindo.

*

As cervejas chegaram tão geladas à mesa que havia gelo no vidro, embora ele tenha se desfeito imediatamente por causa do calor. Umas grossas rodela de limão bloqueavam a saída do líquido pelo gargalo, mas só temporariamente.

Lourds pegou uma delas e deu um bom gole.

— Eu não faria isso — comentou Diop.

Lourds ia perguntar sobre o que ele estava falando, mas seu cérebro quase estourou. Fechou os olhos e começou a se sentir muito mal.

— Uff! Entendi agora! Da próxima vez irei mais devagar — disse Lourds.

Diop soltou uma suave risadinha.

— Eu os trouxe aqui porque a cerveja é gelada e a comida é excelente. Não sei se vocês já comeram — disse Diop.

— Não. Eu estou morrendo de fome — disse Leslie.

— Talvez pudéssemos conversar enquanto comemos. Atitude tradicional de meu povo. Compartilhar o pão com os amigos — disse Diop.

Todos aceitaram.

Enquanto tomava cerveja com mais cuidado, Lourds ateve-se e percebeu que Natashya havia se sentado com as costas para a parede. Sempre em guarda. “Como um pistoleiro do Velho Oeste”, pensou.

A taberna era pequena. O chão de madeira mostrava as cicatrizes de décadas de uso e abuso. As mesas e as cadeiras estavam desparelhadas. Uns ventiladores de pás de vime giravam lentamente no teto, embora elas só conseguissem remover o ar carregado do ambiente. Havia flores de primavera em jarros de cerâmica e vasos. Seu aroma enchia o ar de perfume.

Diop chamou uma jovem e pediu rapidamente em francês. Lourds nem prestou atenção enquanto abria o documento em Word de sua agenda eletrônica no qual havia anotado as perguntas que queria fazer ao professor.

A garçonete trouxe outra rodada de cerveja e foi-se rapidamente.

Diop tirou o chapéu e o lançou até o cabideiro que havia na parede. O panamá voou elegantemente e aterrisou em um dos cabides.

— Bela pontaria — elogiou Gary.

— Ou você é muito bom com esse truque, ou este é seu bar preferido — comentou Lourds.

— É o meu favorito — disse Diop, enquanto deslizava seus longos dedos pela cabeça raspada. — E esse chapéu e eu estamos juntos há muitos anos — ele fez uma pausa e olhou para Lourds. — Sinto muito o que houve com a doutora Hapaev.

— Você a conhecia? — perguntou Natashya.

— Pessoalmente não. Apenas um e outro *e-mail* trocado.

— Era minha irmã — disse Natashya.

— Os meus mais profundos e sinceros sentimentos de pesar — disse Diop.

— Obrigada — disse Natashya ao mesmo tempo em que se inclinava em direção à mesa. — Não sei se Lourds comentou exatamente o motivo pelo qual viemos até aqui.

— Ele me disse que estão buscando informações sobre o címbalo no qual a doutora estava trabalhando... Sua irmã — disse Diop.

— Também estou buscando os seus assassinos — disse Natashya, tirando sua identificação do bolso e deixando-a sobre a mesa.

Diop a fechou rapidamente.

— Este não é um bom lugar para mostrar insígnias. Muita gente por aqui segue fazendo negócios praticamente ilegais. E há muito mais

gente que não gosta nada de tratar com representantes das autoridades. Você me entende? — perguntou Diop.

Natashya assentiu, mas Lourds pensou que sabia perfeitamente o que Natashya havia arriscado. Ela guardou a identificação.

— Enquanto estiver por aqui — continuou Diop —, é melhor que esqueça que é policial. Em terra firme, isso a faria ser morta rapidamente. Aqui, seria ainda pior...

CAPÍTULO

18

CASA DA MADAME LOULOU

GORÉE, DAKAR, SENEGAL

6 DE SETEMBRO DE 2009

— **O**que você sabe sobre o sino e o címbalo? — perguntou Diop com as fotos dos dois instrumentos nas mãos, ampliações que Lourds tinha pedido para Gary fazer. Ele colocou os óculos para ver melhor de perto.

— Sei que fazem parte de uma coleção de cinco instrumentos. Os outros três que ainda não apareceram são uma flauta, um alaúde e um tambor — disse Lourds.

Diop olhou as fotos e, depois, estudou Lourds por cima dos óculos por um momento.

— Você sabe onde eles estão? — perguntou Diop.

— Não, sei apenas onde estavam dois deles — respondeu Lourds.

Ele contou rapidamente a história do sino e do címbalo, e de como foram roubados.

Durante esse tempo a jovem voltou com bananas fritas e pastéis, uma massa ao estilo português com recheio e que era frita. Também levou mais cervejas geladas. Natashya pediu água e Lourds compreendeu que ela não queria se sentir tonta ou alterada. Ele duvidou que em algum momento ela fosse capaz de se permitir relaxar daquele controle.

— Patrizio Gallardo — disse Diop enquanto pensava. Depois meneou a cabeça. — Há muitos comerciantes de objetos, uns legais e outros do mercado negro, tanto aqui como no continente. O passado sempre está à venda para os colecionadores.

— Você sabe de alguém que tenha procurado os instrumentos? — perguntou Lourds.

— Não — respondeu Diop, devolvendo-lhe as fotografias.

— Eu li seus trabalhos. O que ouviu sobre eles? — continuou Lourds enquanto guardava as fotos na mochila.

— Há uma velha lenda iorubá que fala dos cinco instrumentos.

Talvez sejam os mesmos que está procurando. Não sei. Tenho me ocupado mais com a história deste lugar do que com as fábulas das diferentes culturas que têm passado por aqui — disse Diop.

— Mas... Você a conhece? — inquiriu Leslie.

— Sim. Ela não é muito diferente de muitos outros mitos da criação — respondeu Diop, encolhendo os ombros.

— Você pode contá-la? — pediu Lourds.

— Faz muito, muito, muito tempo, o Criador — vocês podem chamá-lo como queiram, de acordo com as suas crenças religiosas —, se irritou com seus filhos deste mundo. Naquele tempo eles viviam em apenas uma terra — disse Diop.

— Que lugar era esse? — perguntou Gary.

— A lenda não conta. Simplesmente a denomina como “o lugar de origem”. Uma vez, convidei uns estudiosos para tomar umas cervejas e eles insistiram que esse lugar poderia ter sido o Jardim do Éden. Ou talvez a Atlântida, Lemúria ou qualquer outra das inumeráveis terras de fantasia que desapareceram no mais recôndito do tempo — disse Diop.

— Se você conta desta forma, aí sim parece uma grande baboseira — comentou Leslie.

Lourds olhou para a jovem. Ela estava realmente perdendo a fé no que buscavam ou dizia aquilo somente para brincar? Talvez fosse para desafiar Diop? Ele não conseguia compreender. Tentou não se irritar, mas não conseguiu.

Evidentemente, Diop não se ofendeu, e, em vez disso, sorriu.

— Se a senhora ficar tempo suficiente na África, senhorita Crane, ouvirá todo o tipo de coisas. Mas se ficar um tempo mais, se dará conta de que todas essas coisas, cada uma de seu próprio jeito, têm sua parte de verdade.

Apareceu a garçonete, seguida de outras duas. Todas levavam enormes bandejas cheias de comida. Quando as deixaram sobre a mesa, Diop lhes explicou o que iam comer.

Tieboudienne, o prato típico do Senegal, peixe curtido em um molho de tomate e verduras. *Yassa*, frango ou peixe cozido com cebola, alho, suco de limão e mostarda para realçar o sabor. *Sombi*, sopa doce de leite de arroz, almôndegas de milho moído, empanadas em creme

agridoce.

Lourds foi capaz de constatar que Diop não se incomodava em falar e comer ao mesmo tempo. O estudioso deixava de falar em momentos adequados para que fizessem perguntas.

— Quando sua cólera passou, o Criador viu o que havia feito a seus filhos e ficou com pena. Assim sendo, Ihes prometeu que nunca mais destruiria o mundo dessa maneira — disse Diop.

— Parece o pacto do arco-íris — comentou Gary. — Ou a história da arca perdida de Indiana Jones.

— Como eu já disse, muitas destas lendas são similares. Inclusive as dos animais, como a do urso que perdeu o rabo, são muito parecidas nas regiões onde há tempos haviam esses animais — disse Diop.

— Você realmente acredita que o urso utilizou o rabo para pescar no gelo e se congelou? — perguntou Gary.

Diop caiu na gargalhada.

— Não, eu acho que o urso era muito preguiçoso e enganou o canguru para que cavasse em busca de água e, como vingança, o canguru utilizou seu bumerangue para cortar-lhe o rabo — disse Diop.

— Essa eu não conhecia — assegurou Gary.

— Quem a conta são os aborígenes australianos — respondeu Diop, que pegou uma porção de cuscuz e levou à boca. — A questão é que cada cultura conta histórias para explicar o que não conhece.

— Mas nesta lenda há algo mais — interveio Lourds. — Vi no sino e nas imagens digitais do címbalo. Os dois compartilham uma língua que não sou capaz de decifrar.

— Isso para você parece estranho? — perguntou Diop.

Lourds hesitou por um momento.

— Ainda com o risco de parecer algo bem egoico, sim — respondeu Lourds.

— Não é estranho que essas coisas lhe intriguem tanto — disse Diop.

— Outra pessoa intrigada assassinou minha irmã por causa desse címbalo — declarou Natashya com veemência.

— Mas você sabe o nome de um daqueles que matou a sua irmã. Poderia persegui-lo — assinalou Diop.

Natashya não disse nada.

Pela primeira vez, Lourds caiu em si e se surpreendeu de não ter reparado nisso antes.

— Naturalmente, se Gallardo e sua gente estão buscando os mesmos cinco instrumentos que Thomas, faz sentido continuar com o professor. Cedo ou tarde virão até você, não? — perguntou Diop.

Os olhos de Natashya permaneceram frios como o gelo até que sorriu.

— Cedo ou tarde... — concordou ela.

*

Gallardo tinha uma cerveja na mão enquanto se apoiava na parede da pensão Aubergue Keur Beer e olhava as atividades que se desenvolviam no jardim. As crianças jogavam futebol com bolas feitas em casa enquanto os homens brigavam na areia e as mulheres moíam o milho. Os vendedores ofereciam petiscos e bebidas geladas aos turistas e vizinhos.

Cansado da longa viagem, sentia saudades de uma cama macia e de ter bastante tempo para descansar. Ele não sabia como Lourds e seus companheiros podiam seguir adiante.

Olhou para a mesa onde Lourds conversava com um homem negro. Gallardo ficava irritado com o fato de que pudessem estar ali sentados com tanta impunidade. Todos eles...

“Todos eles?”

Deu-se conta de que a mulher russa havia desaparecido da mesa coberta por um grande guarda-sol. A luz das velas lhes iluminava o rosto e deixava ver que estavam imersos na conversa.

“Merda! A mulher tinha desaparecido. Onde diabos ela estaria?”

O homem terminou a cerveja, deixou a garrafa no parapeito da janela e voltou para as sombras.

Levou a mão para a parte de trás da cintura e a fechou sobre a empunhadura de uma pistola de 9 milímetros que havia comprado no mercado negro logo ao chegar em Dakar. Começou a escrutinar a região em busca da mulher, mas não a encontrou.

*

— Conheço um homem que talvez possa nos ajudar com essa lenda, mas isso nos custará uns dias de viagem para chegar até ele. Vive nas antigas terras do povo iorubá — comentou Diop.

— Onde? — perguntou Lourds.

— Na Nigéria, em Ifé. É a cidade iorubá mais antiga que se conhece — disse Diop.

Leslie levantou o olhar por cima da cerveja que estava bebendo.

— A que distância fica isso? — perguntou ela.

— De avião, poucas horas... — respondeu Diop.

— Quem é esse homem? — perguntou Lourds.

— Chama-se Adebayo, é o *oba* de Ifé — disse Diop, que pronunciou como “orba”.

Lourds lembrou por suas leituras que aquela palavra significava “rei”. O possuidor desse título era o líder tradicional de um povo iorubá. Embora o título fosse outorgado mais por tradição, continuava tendo peso. Alguns órgãos governamentais consultavam os obas, mesmo que fosse mais por respeito e para manter a paz do que por admitir o poder que pudessem ter. Mas, de fato, era o reconhecimento do que realmente dava forma à sociedade em que viviam.

— E ele conhece a lenda? — perguntou Lourds.

— Mais do que isso, Thomas. Creio que Adebayo tem o tambor que está procurando — respondeu Diop com um sorriso.

— E por que você acha isso?

— Porque eu o vi.

*

Natashya não gostava de estar sem arma. Sentia-se melhor levando uma consigo. Havia abandonado as armas que carregava para poder pegar o avião. Sem dúvida, aquilo poderia ser ajeitado em breve.

Deteve-se nas sombras próximas à pensão que dava para o quintal. O cimento que segurava as pedras das paredes estava solto e desmoronava anos após anos pelo próprio tempo, por causa das raízes

das trepadeiras e pelo sal. Havia bastante espaço entre as pedras, o suficiente para enfiar os dedos das mãos e dos pés.

Tirou os sapatos e as meias na escuridão. Depois, com uma faca entre os dentes, começou a subir pelo lado do edifício no qual havia visto um homem observando Lourds e os demais.

Havia mais homens. Sabia disso porque os havia percebido moverem-se na escuridão.

Fazia poucos minutos que tinha se levantado da mesa. Praticamente ninguém havia percebido porque todos estavam prestando atenção na conversa com Diop. Como nenhum dos que os vigiavam a havia seguido, imaginou que também os havia enganado.

Notou a tensão nas pernas e nos braços devido a seu peso. Uma coisa era utilizar a força de seus membros para subir uma parede vertical, outra era usar somente os dedos. Respirou ritmicamente para limpar seus pulmões do dióxido de carbono.

Logo depois, ainda sob o manto das sombras, chegou à sacada do quarto andar e pouco a pouco passou seu corpo para o outro lado.

O homem que havia visto continuava na escuridão observando o grupo.

“Eles não durariam nem uma hora sozinhos”, pensou. Passou lentamente por cima da grade e cruzou em silêncio o chão da sacada. Só duas cadeiras, uma palmeira em um vaso e o observador compartilhavam aquele espaço. Pegou a faca da boca e a segurou com força.

O homem media quase 1,80 metro. Era europeu e sua palidez era ressaltada na noite. Fumava um charuto barato que empestava tanto que Natashya poderia tê-lo localizado simplesmente seguindo o cheiro.

No último momento, o homem se voltou, como se tivesse notado algo. Seu sexto sentido havia se ativado, claro, uma ferramenta que havia desenvolvido pelo tipo de vida pouco civilizada que levava.

Mas já era tarde demais.

Natashya ficou atrás dele, o pegou pela maçã do rosto com uma das mãos e com a outra lhe apontou a faca na lateral do pescoço.

— Se você se mexer, eu acabo com você — disse Natashya em inglês.

O homem ficou quieto, aterrorizado.

Com o coração batendo a toda velocidade, enquanto lutava contra seus próprios medos, Natashya procurou debaixo da camisa e arrancou dele a pistola de nove milímetros que guardava em um coldre de couro. Estava com outra na cintura, que ela também arrebatou.

Um fone de ouvido fez ruído em seu ouvido. Alguém falava em italiano.

— O que ele quer saber? — lhe perguntou.

— Onde você está...

O medo se intensificou em seu interior. Afastou a faca e colocou o cano da pistola na nuca do homem.

— Não dispare — suplicou com um sussurro rouco. — Por favor, não dispare.

— O que ele está dizendo?

— Ele se deu conta de que você não está com os demais.

— É o Gallardo?

O homem assentiu.

— Me dê o rádio — disse Natashya.

O homem obedeceu.

Natashya apertou o botão para falar.

— Gallardo.

Produziu-se um momento de silêncio e depois uma voz masculina disse:

— Quem fala?

— Você assassinou minha irmã em Moscou. Um dia destes, eu vou matar você — disse Natashya.

— Isso se eu não matar você primeiro — replicou com voz dura e arrogante.

— Espero que possa sair da ilha nesta noite, porque, se não fizer isso, terá que responder um montão de perguntas para a polícia — disse Natashya.

— Por quê?

Sem mais explicações e sem trair sua intenção, ela empurrou o homem pela sacada. A queda não seria de uma altura muito grande e havia um jardim muito bem cuidado lá em baixo. Duvidou muito de que

aquilo o matasse, mas ela o ouviu gritar enquanto caía. Logo depois, os gritos cessaram.

Afastou-se da beira da sacada e resistiu ao impulso de olhar para baixo. O ruído das conversas fez saber que a queda havia atraído um montão de pessoas.

Entrou no quarto, esvaziou uma maleta pequena sobre a cama e encontrou duas caixas de balas. Também havia um pacote pequeno do que suspeitosamente parecia ser maconha. Aquela droga não iria causar nenhum reboiço na ilha, mas ocasionaria uma longa sessão de perguntas e respostas com a polícia de Gorée até que se pudesse ajeitar um dinheiro em troca de tirar o homem do apuro.

Deixou ali, juntamente com as roupas.

Enfiou as balas e a pistola na maleta, fechou-a e saiu descalça pela porta.

*

— Acho que quebrou uma perna — disse alguém.

— O que houve? — perguntou outra pessoa.

— Caiu da sacada da varanda.

— Ele está bêbado?

— Se não estava, aposto que iria preferir que estivesse nesta altura...

Em meio ao grupo de turistas que havia se reunido ao redor do homem gemendo no chão, Lourds olhou em volta com uma intranquila sensação na boca do estômago.

— Onde está Natashya? — perguntou Leslie ao seu lado.

— Não sei — respondeu Lourds, movendo negativamente a cabeça.

— Você acredita que...? — perguntou Leslie.

— Não foi ela. Prestei atenção como ela trabalha. Se fosse ela, teria atirado — disse Gary.

— Não se simplesmente quisesse provocar um alvoroço para que pudéssemos sair daqui sem sermos notados — disse Lourds.

Lourds se voltou e viu Natashya atrás dele, com uma mala.

— De onde tirou isso? — perguntou Lourds.

— Do quarto dele — confessou Natashya, indicando com a cabeça

em direção ao homem acocorado no chão.

— Foi você? — perguntou Lourds.

Natashya manteve seu olhar sem sentimento de culpa.

— Pensei em atirar, mas acho que não poderíamos ir embora sem responder a um montão de perguntas. Tal como está, parece simplesmente um turista que sofreu um acidente — disse Natashya.

— Suponho que ele não seja um turista — disse Lourds.

— Não, Gallardo está aqui. Espero que ter arremessado um dos seus gorilas pela sacada atraia a atenção suficiente da polícia para que ele se esconda temporariamente. Enquanto ele pasta por aí, nós deveríamos nos esconder... E rápido — disse Natashya.

Lourds se maravilhou de como tão fria e calmamente ela havia se encarregado de tudo. Nem sequer havia suado depois de enfrentar um homem armado.

— Você tem sorte de não estar ferida ou de não ter sido morta — disse Lourds.

— E você tem sorte de que Gallardo não queira você morto — disse Natashya. Depois, fez um gesto em direção à ruela próxima à pensão da qual o homem tinha despencado. — Precisamos de uma distração para sair daqui.

— Bom, isso é que eu chamo de uma distração — disse Diop meneando a cabeça antes de voltar-se para Lourds. — Não resta dúvida de que você tem umas companhias bem interessantes, Thomas.

“Você nem imagina”, pensou Lourds.

— Gostaria de sugerir que não passássemos a noite na ilha — disse Natashya após ter encontrado e calçado seus sapatos na rua. — Talvez a polícia queira falar conosco também. Podem persuadir o amiguinho de Gallardo para que lhes dê informação sobre nós, além, claro, sobre seu chefe.

— Conheço um homem que tem um barco — disse Diop. — Ele pode nos levar para o continente esta noite.

— Ótimo! Quanto antes, melhor — disse a policial.

Gallardo estava na proa da lancha a motor alugada enquanto iniciava uma apressada retirada de Dakar. A viagem em uma balsa era de vinte minutos. Aquela lancha reduzia consideravelmente o tempo da viagem, mas por desgraça, também lhe acusava de ser intruso. Quando a polícia de Gorée comesçasse a fazer averiguações sobre o homem que havia caído no pátio da hospedaria, como estava certo que fariam — e como tinha certeza de que a mulher russa havia planejado —, eles seguiriam a pista até Gallardo em pouco tempo.

Se o homem não o traísse diretamente, sem dúvida teria que confessar sua relação com ele quando o interrogassem sobre a pessoa que lhes havia alugado a lancha ou sobre o traficante que lhe havia vendido as armas no mercado negro.

Gallardo amaldiçoou a sua sorte e olhou com desalento as brancas ondas beijadas pela lua. O telefone celular por satélite tocou. Sabia quem era e hesitou se atenderia ou não.

No final, se deu conta de que não havia outra saída.

— Alô.

— Você os encontrou? — a voz de Murani soava fria do outro lado. Além da voz fria, era uma voz requerendo eficiência, o que não o agradou em nada.

— Sim, e se tivesse deixado me ocupar deles como eu gostaria, tudo já teria terminado — respondeu Gallardo.

— Não, o professor ainda nos pode ser útil — disse Murani.

Gallardo percorreu o curto espaço da lancha.

— Houve um problema — disse Gallardo.

— Que problema? — perguntou Murani.

— A mulher russa nos descobriu e ajeitou tudo para que fosse impossível que continuássemos na ilha.

Murani ficou calado por um momento.

— Siga-o. As coisas estão se complicando para mim também. Preciso que você fique perto de Lourds — disse Murani.

— Sei disso. Estou tentando. Se não fosse por aquela mulher, ele nem ficaria sabendo que estávamos ali — disse Gallardo.

— E você descobriu o que estava fazendo aí?

— O homem com quem ele esteve falando hoje é um professor de história; é especialista em estudos africanos — disse Gallardo. Ele sabia disso pelos informantes que havia contratado nos bares, enquanto vigiava Lourds.

— Ah, então ele está procurando o restante dos instrumentos — disse Murani.

— Que outros instrumentos? — perguntou Gallardo. Ele não gostava de que lhe ocultassem informação, sobretudo quando essa podia fazer que o matassem.

— Há outros três instrumentos relacionados com o sino e o címbalo. Pode ser que tenham estado nessa região em algum momento — disse Murani.

— Por que você não me disse isso antes?

— Porque eu não sabia. Continuo investigando. Há coisas das quais eu fico sabendo pouco a pouco.

Gallardo engoliu uma colérica resposta. Murani normalmente sabia de tudo antes de enviá-lo a qualquer lugar. O fato de que não tivesse contado significava que os riscos eram muito maiores do que jamais tinham sido.

Deixou escapar um suspiro e perguntou a si mesmo se aqueles riscos valiam a pena. Entendeu que sim, no final do trabalho, o “benefício” seria muito melhor.

— Encontre Lourds. Siga-o. Não quero que sofra nenhum dano ainda — disse Murani.

Gallardo desligou o telefone, guardou-o e virou-se para oeste. Viu as luzes da cidade a distância. Não esperava que fosse tão grande. Não conhecia Dakar, mas estava certo de que o mercado negro seria como em todas as partes. Isso era bom para ele. Fosse onde fosse Lourds, sabia que poderia localizá-lo.

Desejava que chegasse o momento de matá-lo. E matar seus

companheiros também. Sobretudo a puta daquela russa ruiva.

*

HOTEL SOFITEL TERANGA

DAKAR, SENEGAL

9 DE SETEMBRO DE 2009

Lourds trabalhou com as línguas. Tinha suficientes peças do quebra-cabeça para começar a uni-las. Se havia compreendido bem a lenda e se as três línguas diferentes falavam sobre o mesmo evento, poderia tentar realocar algumas das palavras-símbolo com palavras que acreditava que poderiam estar nesses textos.

Fez uma lista curta das palavras que trocara ao longo do texto.

Dilúvio.

Deus.

Perigo.

Maldito.

Tinham que estar em alguma parte.

O método russo de codificação costuma reorganizar o texto antes de codificá-lo; eles removem os cabeçalhos, cumprimentos, introduções e outras frases de padrão. Esse processo mistura a linguagem escrita o suficiente de forma que se torna quase impossível decodificar o resultado sem uma chave, porque reduz a redundância que normalmente se dá nas mensagens codificadas.

Suspirou e se esticou. Tentou buscar uma postura confortável, mas suas costas e seus ombros doíam. Olhou para a televisão, procurou uma emissora de programas de esporte, mas tirou o som. Utilizou imagens para descansar a vista e mudar a distância do enfoque que estava dando e...

Alguém bateu à sua porta.

Levantou-se com cautela e lembrou-se do homem que Natashya havia jogado pela sacada para o pátio do edifício em Gorée. De certa forma, era um *déjà-vu*. Foi ao armário e pegou a tábua de passar roupa.

A que era oferecida pelo hotel era pequena e leve, não era uma arma pesada.

A batida se repetiu com mais insistência.

Observou pelo olho mágico. Leslie Crane estava no corredor com os braços cruzados sobre o peito e com um aspecto que sugeria um pouco de irritação.

Por um momento, duvidou se abriria ou não. Era quase meia-noite, podia alegar que estava dormindo. Mas também ela podia já ter pego uma chave do seu quarto, como havia feito da última ocasião. Ele não verificou desta vez.

Cedeu e abriu a porta, mas não se afastou.

— Sim? — perguntou.

— Eu estive pensando. Acho que deveríamos conversar — disse Leslie.

Lourds cruzou os braços apoiado no batente da porta.

— E...? — perguntou Leslie.

— E o quê? — perguntou Lourds.

— Você não irá me convidar para entrar? — perguntou Leslie.

— Primeiro gostaria de saber como o seu humor está agora — disse Lourds.

— Estou de bom humor — replicou irritada.

— Muito bem. Então entre. Mas as regras são estas: se você se tornar desagradável, terá que ir embora imediatamente. Nem que tenha de colocar você para fora eu mesmo — disse Lourds.

Aquilo lhe doeu.

— Algumas noites atrás, você não tinha tanta vontade assim de me colocar para fora — disse Leslie.

Lourds sorriu:

— Naquela noite você estava encantadora. Ultimamente, mudou bastante. Mas entre, por favor.

Leslie entrou e deu uma olhada ao redor até que seu olhar pousou no computador.

— Estava trabalhando — disse Leslie.

— Sim — disse Lourds enquanto fechava a porta com chave: se entrasse algum assassino no quarto, mesmo que o hotel fosse cinco

estrelas, seria embaraçoso, para não dizer mortal.

— Você descobriu algo? — perguntou Leslie.

— Não sei ainda. Decifrar idiomas, sobretudo quando se tem pouco material, é muito trabalhoso.

— Você acredita que Diop sabe do que está falando? Eu me refiro ao tambor — disse Leslie.

— Espero que sim — disse Lourds, enquanto sentava-se no sofá e olhava a jovem. Ele tentou manter a mente ocupada, pois para ele era muito fácil lembrar-se do que sentiu ao estar com ela nua em seus braços.

Leslie andava de um lado para outro no quarto.

— Meus chefes estão me pressionando. Querem saber mais sobre toda essa história — disse Leslie.

— Não temos nada mais o que contar para eles — disse Lourds.

— Meu trabalho está em jogo — disse Leslie.

— Se você prefere que nós nos separemos, eu entenderei. Tenho algum dinheiro guardado, poderei seguir com isto por mais algum tempo — disse Lourds.

Leslie parou e o olhou.

— Você faria isso? — perguntou Leslie.

— Sim — respondeu Lourds.

— Por quê? Porque Yuliya Hapaev está morta? — perguntou Leslie.

— Em parte sim, mesmo que eu acredite que isso seja mais um trabalho para a polícia do que para um professor de linguística. Contudo, eu gostaria de lhes dar o que eu puder e que precisem para meter nas grades os assassinos dela — disse Lourds.

— Não é aí onde Natashya quer mantê-los — disse Leslie.

— Não, suponho que não — disse Lourds.

— Ela pode nos causar problemas — disse Leslie.

— Que eu me lembre, ela é muito melhor em nos *tirar* dos problemas do que nos enfiar neles — disse Lourds.

— Ela mata pessoas — disse Leslie.

— Está bem. Eu sei disso. Não posso dizer que seja algo que eu faria, mas se eu tropeçasse com esses tipos nessas circunstâncias...

— Você tropeçou. Nós todos tropeçamos.

— ... E se tivesse vidas em jogo, não sei se não faria o mesmo — disse Lourds.

Leslie balançou a cabeça:

— Você não é como ela. Ela é fria e impassível.

— Quando ela quer sê-lo, não tenho dúvida — disse Lourdes, seguro do que afirmava. Jogar uma pessoa do quarto andar era algo impiedoso.

— Você não poderia fazer isso — disse Leslie.

— Não sei, você poderia se surpreender... E eu também — disse Lourds com suavidade.

— Você já o fez — disse Leslie com a voz mais suave.

Sem dizer uma palavra mais, ela se aproximou dele e o puxou para a cama.

Leslie o beijou. A princípio Lourds não correspondeu, pois não estava seguro sobre em que estava se metendo, nem se a carne era fraca. Mas depois que notou que a carne era realmente fraca e lhe respondia, decidiu seguir adiante.

Despiram-se um ao outro.

*

Esgotada e sentindo-se nas últimas, Natashya se obrigou a sair daquela cômoda cama. Não confiava em si mesma, ela poderia dormir profundamente sob aqueles lençóis.

Desconfiava que Gallardo pudesse burlar o sistema de segurança do hotel. Ele já havia demonstrado que era capaz disso em Leipzig.

Sabia, porém, que precisaria dormir algumas horas. Só havia um lugar em que poderia fazer isso.

Pegou a mala em que estavam as armas e saiu do quarto. Cruzou o corredor e bateu na porta do quarto de Lourds. Depois de algum tempo, o olho mágico escureceu.

— Está acontecendo alguma coisa? — perguntou Lourds após abrir a porta.

Natashya olhou a roupa desalinhada e o cabelo despenteado, notou o leve aroma do perfume de Leslie Crane e soube imediatamente o que estava acontecendo. Quando a repórter apareceu detrás dele, vestida

somente com uma blusa que não cobria o seu corpo, teve a confirmação.

— Você é um safado! — disse Natashya em russo, com um tom de ferocidade enquanto notava que a ira e a vergonha lhe aferroavam as maçãs do rosto.

Estendeu a mão e fechou a porta.

Natashya foi até o quarto de Gary xingando a si mesma e bateu à porta.

Pouco depois, ele a deixou entrar. Por sorte ainda estava vestido e mantinha o Playstation na mão. Uns marcianos dançavam na pequena tela.

— Ei! O que houve? — perguntou Gary.

— Preciso de um lugar para dormir — ela explicou, esbarrando nele ao passar e entrando no quarto.

— Tudo bem, legal... Há duas camas no quarto — disse fechando a porta.

Nenhuma das camas estava desarrumada. Evidentemente jogava já há um bom tempo.

— Me deixe dormir por três horas enquanto você fica acordado — disse Natashya. Em seguida deitou-se na cama, tirou os sapatos. Sacou as armas da mala e as manteve nas mãos, cruzando-as no peito. — Depois você me acorda e em seguida pode dormir.

— Turnos de guarda, certo? — perguntou Gary.

— Sim — disse Natashya.

Fechou os olhos e notou que eles estavam ardendo pelo cansaço.

— Talvez você devesse me dar uma arma — disse Gary.

— Não — disse Natashya.

— Por quê? — perguntou Gary.

— Por que eu disse não e é não. Agora cale-se e me deixe dormir.

Ah, mais uma coisa...

— O quê?

— Se você tentar me tocar enquanto eu estiver dormindo, eu lhe enfiarei uma bala na cabeça — disse Natashya.

Em seguida o sono a arrastou a uma desejada escuridão.

CAVERNA 41
CATACUMBAS DA ATLÂNTIDA
CÁDIZ, ESPANHA.
10 DE SETEMBRO DE 2009

A equipe de escavação iluminou as águas que se agitavam na caverna ao mesmo tempo em que as bombas começavam a funcionar.

O padre Sebastian estava de lado, ouvindo o ruído das bombas e dos geradores. Sentiu medo. Apesar de o capataz, Brancati, lhe ter assegurado de que a estrutura resistiria, o padre sabia que, se a reparação da parede em que haviam aberto o buraco voltasse a ceder, todos poderiam se afogar.

A equipe de escavação ia tirando os corpos dos antigos mortos juntamente com a água. Pareciam pessoas tomando sol por cima dos sacos para cadáveres. Suas roupas não haviam resistido, mas aquilo não surpreendia a ninguém. Os especialistas estavam convencidos de que poderiam reparar os tecidos, mas havia muitos corpos das criptas que as águas da inundação haviam destroçado, e seus fragmentos estavam espalhados. Ao que parecia, os atlantes dominavam fabulosas técnicas para conservar os corpos de seus mortos, mas, ainda assim, a força do oceano que havia sido liberada naquele lugar era demais até para eles.

Passariam anos, talvez muitos, antes que todos aqueles restos pudessem regressar para seus lugares sagrados.

Sentiu pena por eles, apesar de saber que os estudar abriria uma nova janela em direção ao distante passado da humanidade.

“Mas, ainda assim, não sabemos os nomes deles”, pensou.

A perda havia sido imensa. Na melhor das hipóteses, em algum lugar recôndito da câmara funerária, ou talvez em alguma caverna mais adiante — se é que havia outras mais —, teria um registro com os nomes de todos eles. Quem sabe, haveria notas relacionadas com

aqueles mortos.

“Serão eles realmente os filhos e filhas de Adão e Eva? Serão realmente os últimos habitantes do Jardim do Éden? Teriam eles saboreado a imortalidade antes de ela ter-lhes sido arrebatada por atreverem-se a desafiar a Deus?”

Enquanto observava a escuridão da caverna inundada, recordou as antigas histórias do livro do Gênesis. Quando criança, havia imaginado como deveria ter sido estar junto de Deus e ver todas as maravilhas da criação em primeira mão.

As ilustrações de sua Bíblia para crianças mostravam selvas frondosas e exuberantes, cheias de animais que não temiam Adão. Este vagava livremente entre eles e lhes punha nomes.

Deus também havia dado Eva para ele como esposa, a quem Satã, disfarçado de serpente, havia enganado para que comesse da árvore da Sabedoria do bem e do mal.

Quando Deus se inteirou de que haviam feito a única coisa que lhes havia sido proibida, os expulsou do Jardim do Éden e colocou na porta um querubim com uma espada de fogo montando guarda.

Será que aquele querubim continuaria ali?

Aquela ideia o mantinha obcecado. Se aquilo era o Jardim do Éden, tal como acreditava o papa Inocêncio XVI, o que faria se Deus bloqueasse a passagem?

Sebastian balançava a cabeça só de pensar naquilo. Era um sacrilégio. Se Deus assim o queria, o caminho estaria bloqueado. Não poderia passar além do que tivesse sido pré-determinado.

— Padre Sebastian.

Ouviu que alguém o chamava entre o estrondo das máquinas que trabalhavam ao seu redor e virou-se. Um dos jovens da equipe de escavação estava parado à sua frente.

— Sim? — perguntou Sebastian.

— É preciso colocar o capacete, padre — recomendou o rapaz, mostrando-lhe o capacete que o padre levava em mãos.

— Sim, claro. Tem razão. Estava pensando em Deus. Jamais teria estado frente a Ele com um capacete na cabeça — disse padre Sebastian.

— Futuramente, procure pensar Nele em um lugar mais seguro.

O padre assentiu, mas não disse nada e o jovem seguiu caminho. Depois de um momento, Sebastian voltou a observar a caverna inundada.

“Muito em breve”, disse a si mesmo. Talvez só faltassem mais alguns dias antes que pudesse entrar na caverna novamente. Ainda que não estivesse bem certo se deveria desejar ou temer aquilo.

*

ARREDORES DE IFÉ, NIGÉRIA

ESTADO DE OSUN

11 DE SETEMBRO DE 2009

— **V**ocê já esteve alguma vez em Ifé, Thomas? — perguntou Ismael Diop, que estava sentado a seu lado no assento central de um jipe Wagoneer.

Natashya ia no assento da frente ao lado do jovem motorista iorubá que Diop contratara no dia anterior, ao chegar a Lagos. Durante sua estadia, Natashya se equipara com um rifle de caça e algumas armas. Havia se sentido levemente ofendida por nenhum de seus acompanhantes ter demonstrado interesse por levar armas.

Leslie e Gary iam no assento de trás.

O velho 4x4 funcionava melhor do que Lourds achava que funcionaria assim que o viu pela primeira vez. Com os anos, o veículo tinha perdido grande parte da pintura e dos componentes de madeira que enfeitavam sua lateral, mas o motor e a transmissão estavam em bom estado. Aquele modelo era dos que costumavam usar em ralis; Lourds pensou que certamente esse teria disputado mais de uma corrida. Havia carregado pneus de reposição e galões de gasolina na parte de trás, bem como na frente e no teto.

— Uma vez, já faz muito tempo, pouco depois de me licenciar na universidade, fui convidado para ir até Ifé por uma professora de linguística. Era nigeriana — disse Lourds.

— Ela lhe pediu que viesse aqui para ampliar seus estudos? — perguntou Diop.

Lourds sorriu ao recordá-lo.

— Poderia dizer que foi isso mesmo. Era muito estrita, rígida, nada de namoros ou intimidades com os alunos. Com os formados já era outra coisa — disse Lourds olhando por cima do ombro para assegurar-se de que Leslie estava entretida com Gary.

A garota mostrava para seu companheiro uns macacos-aranha e pássaros de plumagem bem colorida. Naquela selva de altas árvores, havia muitos animais, aliás em abundância. Ainda era cedo e o café da manhã era prioritário para a vida selvagem.

Os ocupantes do carro já haviam tomado o seu café da manhã. Haviam levantado no acampamento de madrugada, comido algo rápido e já tinham se colocado a caminho. Pela noite, Leslie havia aprendido muito como mover-se dentro de um saco de dormir. Ela saía da barraca de Lourds bem antes que Gary despertasse, de forma que seus encontros amorosos ainda continuavam supostamente um segredo para ele. Mas Natashya fazia guarda ao lado do fogo e lhes havia lançado um olhar feroz de desaprovação por suas atividades noturnas.

— Já entendi. Assim sendo, desde que fosse um rapaz formado, então passaria a ser um jogo limpo para essa professora? — disse Diop com um sorriso que enrugou a pele ao redor dos olhos.

— Exatamente — disse Lourds.

— Quanto tempo esteve por aqui? — perguntou Diop.

— Um mês. Ou cinco semanas. Ou algo assim. O suficiente para nos dar conta de que éramos compatíveis. Passamos um tempo juntos muito gostoso.

— Mas não o suficiente para ter uma relação mais duradoura — disse Diop.

— Não, não sou do tipo de homem que pensa em casamento. Gosto demais do meu trabalho — confessou Lourds movendo a cabeça.

— Entendo. Eu passei por uma situação parecida. Eu me casei e tentei tirar o máximo proveito, mas às vezes me debatia entre a família e o meu trabalho. No final, minha mulher me deixou por outro mais disposto a estar em casa.

— É uma pena — disse Lourds.

— De fato, creio que foi melhor assim. Nós dois ficamos contentes com a decisão. Agora eu tenho três lindas filhas e sete netos a quem vou visitar quando preciso de um pouco de aconchego familiar. Acredito que eles me entendem melhor do que a sua mãe.

Os macacos-aranha iam de árvore em árvore. Havia antílopes dos dois lados da estrada com as orelhas levantadas, os quais se assustavam quando passava o jipe. Um pouco mais à frente, o motorista teve que girar o volante para evitar uma batida contra um elefante, que atravessava uma empoeirada senda que conduzia à selva.

— O homem que iremos ver, o *oba* de Ifé... — começou a dizer Diop.

— Adebayo — interrompeu-o Lourds.

Diop assentiu.

— Sim. Você tem boa memória. É um homem das antigas, bem das antigas. Faz pouco tempo que ocupou o seu cargo, mas sempre foi o protetor do tambor — disse Diop.

— O tambor não faz parte do cargo de *oba*? — perguntou Lourds.

— Não. Ele tem passado de mão em mão na família Debary durante gerações — disse Diop.

— Quantas? — perguntou Lourds.

— Segundo ele, desde que existe o povo iorubá — respondeu Diop, encolhendo os ombros.

— Então... Já faz milhares de anos — assegurou Lourds, que a cada instante estava mais entusiasmado. Apesar de saber que Gallardo os estava seguindo, o animava o fato de que não tivesse visto o gângster desde que saíram de Gorée e se sentia cada vez mais esperançoso. — E você, acredita nisso?

— Não sei... Fiquei surpreso quando ele me contou isso tanto como quando você me mostrou as fotos do címbalo e do sino. Apesar de não ser especialista, acredito que as inscrições do tambor têm relação com as outras — disse Diop.

Lourds mudou de posição no assento do automóvel, inquieto. No dia anterior tinham viajado primeiro de avião e depois no jipe. A visita de Leslie pela noite havia sido relaxante, mas a curiosidade o consumia por dentro. Sua impaciência era cada vez maior.

— Você fala iorubá, Thomas? — perguntou Diop.

— Dá para passar. Minha professora era iorubá e trabalhamos com objetos de sua tribo — disse Lourds.

— Está bem, então. Adebayo fala só um pouco de inglês e bastante árabe, como muitas outras pessoas nesta região, para poder fazer negócios, mas o processo é muito lento. Além do mais, você dará uma melhor impressão se falar em sua língua — disse Diop.

— Quanto falta para chegarmos? — perguntou Lourds.

— Não muito. Não vamos exatamente para Ifé. Adebayo vive em um povoado pequeno ao norte da cidade. Só desce quando precisa que ouçam o que tem a dizer. Mas não deixe que isso o confunda, ele é um homem culto — disse Diop.

*

— Mantenha distância — pediu Gallardo para DiBenedetto, que ia dirigindo o Toyota Land Cruiser que haviam comprado em Lagos. — Não quero me aproximar muito — continuou enquanto olhava a tela do *notebook* que o homem que estava sentado ao seu lado tinha nos joelhos.

Nela se via o terreno nigeriano que estavam atravessando. Um triângulo azul marcava a posição de Lourds. Um dos especialistas em informática que Gallardo costumava contratar para seus trabalhos havia acessado seu celular e era capaz de rastrear seu localizador GPS sempre que o ligasse. Também havia acessado o serviço telefônico de Leslie, mesmo que ainda continuassem sem conseguir acessar as informações da mulher russa.

O quadrado vermelho que seguia o triângulo marcava o seu avanço. Um pequeno receptor sobre uma barra do para-choque do Land Cruiser os conectava aos satélites geoestacionários que orbitam a Terra e localizavam sua posição.

DiBenedetto assentiu e reduziu a velocidade.

Gallardo olhou para trás e viu os três veículos que transportavam o pequeno exército de mercenários que havia contratado em Lagos. Eram brancos, negros, orientais e árabes, uma verdadeira coleção multiétnica.

Nos bares específicos sempre havia homens como eles. A África continuava destroçada tanto pelas guerras como pela cobiça. Os cães de guerra não estavam nunca muito longe dos combates.

Todos iam armados até os dentes.

Gallardo voltou a seu assento e sentiu que o dia estava começando a ficar mais quente. Estava convicto de que faltava pouco. Tinha os instrumentos. A bruxa ruiva ia receber o que merecia.

CAPÍTULO

19

NORTE DE IFÉ, NIGÉRIA
ESTADO DE OSUN
11 DE SETEMBRO DE 2009

A aldeia consistia em um grupo de choupanas e casas térreas construídas com tudo o que seus ocupantes haviam encontrado. Havia uns quantos telhados de zinco, mas a maioria estava feita com galhos, ramagens e folhagens. Havia cabras, galinhas e ovelhas, e as roupas lavadas estavam penduradas nos galhos das árvores na parte de trás das construções.

O motorista parou o jipe no centro da aldeia. Uma menina de uns 4 ou 5 anos se soltou da mão de uma jovem e correu chamando o seu pai.

— Está vendo? Essas coisas me fazem sentir saudade quando não se tem uma família — disse Diop em voz baixa.

— Para mim ainda não é um bom momento para formar uma família, ainda não acabou a minha infância — respondeu Lourds.

— Não, e imagino que isso nunca acontecerá. Sempre haverá uma aventura atrás da outra que atrairá a sua atenção — disse Diop, com um brilho nos olhos.

Lourds pensou de novo na biblioteca de Alexandria. Continuava sem poder acreditar que todos aqueles livros e pergaminhos haviam se perdido. Queria encontrá-los. Talvez essa necessidade o mantivesse obcecado pelo resto da vida.

Saiu do carro, com o corpo duro, retesado e dolorido. Em parte por causa do saco de dormir, em parte pelas suas aventuras amorosas com Leslie. Ele achava que estava ficando velho demais para fazer esse tipo de coisa no chão duro.

Os homens, mulheres e crianças da aldeia os rodearam muito agitados. Falavam em diferentes dialetos e tentavam encontrar uma forma de comunicar-se com os recém-chegados. Finalmente decidiram falar em inglês, mas era um idioma que só conheciam de forma

rudimentar.

Ainda assim, o faziam melhor que qualquer pessoa de idioma anglo-saxão que tentasse falar em iorubá.

Mas Lourds não era qualquer um desse tipo.

Começou a falar com eles cordialmente em sua língua, sem nenhum problema. Embora houvessem se passado muitos anos desde a última vez que havia feito uso desse idioma, as palavras se apresentavam a ele naturalmente. Sempre soube que se dava bem com os idiomas. Não somente os entendia rapidamente como também tinha uma memória quase fotográfica quando precisava deles, sem importar quanto tempo fizesse que não o tivesse utilizado.

Os aldeões fizeram um esforço mínimo para se relacionar com Natashya. Ela os havia cumprimentado com a cabeça e soltado um pequeno sorriso diante de suas muitas perguntas, mas mantinha sua atenção na selva que a rodeava. Levava um rifle de caça pendurado no ombro e as armas no quadril. Havia prendido os longos cabelos em um rabo de cavalo e colocado um chapéu de vaqueiro que fazia sombra no seu rosto. Uns óculos de sol azuis-claros escondiam os olhos. Parecia mais perigosa do que os predadores da selva.

Enquanto Lourds falava com os habitantes da região, pensou o quanto Natashya era diferente de sua irmã. Depois agradeceu por ela ser do jeito que era. Sem ela, todos há muito estariam mortos.

Seus pensamentos foram levados para longe de Natashya quando a multidão se afastou para deixar passar um ancião vestido com shorts de cor cáqui, sandálias e uma camisa branca de golfe. Levava uma vara na mão direita. Um cabelo branco que parecia algodão lhe cobria a cabeça e o rosto.

O homem se deteve em frente a eles.

— Thomas, eu lhe apresento ao oba Adebayo — disse Diop.

Lourds deu alguns passos a frente e manteve o olhar atencioso sobre o ancião.

— Oba Adebayo, este é Thomas Lourds, dos Estados Unidos — disse Diop.

Adebayo desviou o olhar de Diop e o dirigiu para Lourds.

— O que quer? — perguntou Adebayo em inglês com forte sotaque.

— Somente conversar com o senhor — respondeu Lourds em iorubá. As sobancelhas do ancião se arquearam mostrando sua surpresa.

— Você fala a minha língua — disse Adebayo.

— Um pouco. Não tanto como eu gostaria — respondeu Lourds.

— Fazia tempo, muito tempo que não escutava um homem branco falar tão bem a minha língua. Sobre o que você quer conversar comigo? — perguntou Adebayo.

Lourds havia rascunhado em sua mente durante bastante tempo uma maneira de expor o assunto do tambor. Podia adiar e tentar disfarçar seu interesse, mas pensou que alguém suficientemente inteligente para governar um povo e representar o papel de rei em uma das cidades mais antigas da África teria descoberto sua estratégia.

Em vez disso, tirou a mochila e a deixou no chão.

— Me deixe lhe mostrar — disse Lourds.

Ele se ajoelhou a seu lado, abriu o zíper de um dos bolsos externos, tirou as fotografias do címbalo e do sino e as entregou a Adebayo.

— Veja.

Depois de alguns instantes, Adebayo as pegou. Ele as estudou em silêncio enquanto as pessoas ao redor se aglomeravam e as crianças seguiam falando entusiasmadas.

— Onde estão essas coisas? — perguntou Adebayo olhando as fotos.

— Não sei — respondeu Lourds, voltando-se para colocar a mochila no ombro outra vez. — Mas gostaria de saber.

— Por que você veio até aqui? — perguntou Adebayo.

— Para escutar a história — respondeu Lourds.

— Você perdeu seu tempo. Veio para o lugar errado — respondeu Adebayo ao mesmo tempo em que lhe devolvia as fotografias. Virou as costas e saiu.

— Realmente eu vim para o lugar errado? — perguntou Lourds suavemente. — Não fui capaz de traduzir grande coisa do que está escrito nesses instrumentos, mas notei que há uma advertência neles. Cuidado com os colecionadores.

Adebayo continuou caminhando em direção à sua casa. Tinha teto de zinco e nas paredes havia desenhos feitos pelas crianças, que supôs

teriam alguma relação com os mitos dos iorubás.

— Alguém está recolhendo esses instrumentos. Alguém que não possui piedade. Uma amiga minha acabou sendo morta quando o roubaram dela. Quem está por detrás desse roubo não é boa pessoa.

O ancião afastou a cortina de plástico que protegia a porta.

— Ele ou ela sabe mais dos instrumentos e do motivo de estarem sendo recolhidos do que eu. Sei que reunir esses instrumentos é perigoso, mas não sei por que. Preciso de ajuda — continuou Lourds.

Adebayo desapareceu no interior da casa. Lourds começou a segui-lo. Imediatamente meia dúzia de jovens se posicionou em frente à porta para bloquear a passagem.

Perplexo, Lourds olhou para Diop; o historiador ancião se limitou a ladear a cabeça.

— Se Adebayo não quer falar com você, ele não o fará. Talvez outro dia — disse Diop.

Incomodado com a situação, Lourds tentou pensar em algo que pudesse dizer ou fazer. Voltou a olhar as fotografias do sino e do címbalo.

— O senhor tem que proteger o tambor, eu sei, mas se supõe que seja um homem sábio. Por isso as mensagens estão escritas nos instrumentos. É preciso transmitir a mensagem aos que ocuparão seu posto como protetores do tambor em seu lugar.

Os jovens guerreiros deram alguns passos a frente e afugentaram os animais e as crianças.

— Você vai embora — disse um deles em inglês, com a mão no punhal que levava na cintura.

— Virão outras pessoas — disse Lourds enquanto andava para trás, em marcha a ré. — Muito em breve virão outras pessoas e irão lhes roubar o tambor. Conseguirá evitar o que pode acontecer quando os instrumentos forem reunidos?

— E você? — perguntou Adebayo mostrando a cabeça pela porta.

— Não sei — admitiu Lourds.

Tinha que ser sincero inclusive para confessar sua ignorância. A pressão do para-lama do jipe no quadril o impedia de seguir recuando.

— Você sabe o que dizem as inscrições do sino e do címbalo? —

perguntou Adebayo.

— Não, esperava que pudesse ajudar-me — disse Lourds sentindo uma leve esperança, ainda sem se atrever a confiar nela.

A cara do ancião demonstrou sua irritação.

— Deixe-o passar — grunhiu aos guerreiros. — Falarei com ele.

Os guerreiros se afastaram um pouco.

— Venha, eu lhe direi o que posso sobre a Terra submersa e sobre o Deus que andou sobre a Terra.

*

Escondido entre o matagal a uns mil metros da aldeia, Gallardo vigiava com os binóculos de longo alcance. Por um momento havia tido a impressão de que Lourds e seus companheiros estavam prestes a serem expulsos daqui.

Se isso tivesse acontecido, não saberia o que fazer. Ainda não estava seguro do que Lourds fazia no interior da selva.

Colocou o rifle de caça no ombro e tirou o protetor de mira telescópica. Olhou através dela e a centrou na cabeça da mulher russa.

Matá-la seria muito fácil.

Aos poucos, foi levando o dedo ao gatilho e começou a pressionar, mas a mulher se moveu e desapareceu de seu campo de visão.

Xingou em voz baixa.

Em seguida, ouviu Farok rir.

Voltou-se com o semblante franzido.

— Essa mulher está o deixando louco, não é? — comentou Farok, sem nenhuma tentativa para dissimular o riso.

— Sim, mas não por muito tempo — assegurou Gallardo.

*

Dentro da casa de um só quarto, havia poucos móveis. O ancião estava sentado numa cadeira de balanço e fez um sinal em direção a duas cadeiras para Lourds e Diop, as quais pareciam, e eram, bem incômodas.

Nas paredes havia estantes com bugigangas que podiam ser compradas em qualquer loja de presentes para turistas, mapas e antigas revistas norte-americanas e inglesas.

— Fale-me do sino e do címbalo — pediu Adebayo.

Lourds contou, embora tenha se limitado a fazê-lo da forma mais sucinta e terminando o relato com a pista que finalmente o havia levado até a Nigéria. Enquanto o fazia, uma jovem lhes ofereceu um suco de manga e arroz *jollof*.

Lourds havia desfrutado dessa comida quando viajara pelo país com sua professora. Tinha um acompanhamento de tomates, cebola, pimenta bem ardida, sal, molho de tomate e curry, o que promovia uma cor avermelhada a todo o arroz. Uns finos filetes de frango assado com feijão e uma salada com verduras e frutas enchiam os pratos.

O cheiro daquela comida lhe despertou o apetite, apesar de acreditar que estava sem fome. Tinham tomado café da manhã já há um bom tempo.

— Você relacionou as histórias dos instrumentos com o grande dilúvio — disse Adebayo.

— Sim — disse Lourds.

— Então já sabe que há muitos povos que falam do dilúvio que Deus enviou para destruir o mundo e apagar a maldade que havia nele — disse Adebayo ao mesmo tempo em que comia.

Assentiu.

— Deus tem diferentes nomes para os diferentes povos. Pode chamar como quiser, mas as histórias são iguais para a maioria deles — disse Adebayo ao mesmo instante em que fez uma pausa para indicar em direção à porta. — Houve um tempo em que meu povo era formado por grandes pescadores e comerciantes. Eram orgulhosos e poderosos. Quando navegavam, o faziam por todo o mundo. Você sabia disso?

— Não — respondeu Lourds.

— É verdade. Eu ouvi alguns professores brancos falando dessas coisas novamente, mas a maioria não gosta da ideia de que os homens africanos sabiam tanto assim. Parte do desterro do meu povo se deveu precisamente a isso. Quando a água engoliu a terra que foi submersa, a maioria dos meus antepassados e seus barcos também afundou junto —

disse Adebayo.

— O que houve? — perguntou Lourds.

— Os habitantes da ilha irritaram Deus — disse Adebayo.

— Como? — perguntou Lourds.

— Desejavam ser deuses também, não queriam continuar sendo seus filhos — explicou Adebayo, que tomou um gole de suco. — Naqueles tempos todos os povos eram um só e compartilhavam uma única língua — disse Adebayo.

— Uma única língua — repetiu Lourds entusiasmado.

Com o predomínio da internet, a interface que proporciona a linguagem binária e as interfaces de tradução, o mundo quase alcançara esse ponto outra vez. Como linguista ele se alegrava com a ideia dessa unidade, embora parte dele sentisse a perda de muitas línguas únicas, que iam desaparecendo da consciência humana.

Adebayo assentiu.

— Isso mesmo. Deus fez com que o oceano se elevasse e levasse a terra onde vivia todo o mundo. Mas foi misericordioso e salvou algumas vidas. Foi dessa forma que os iorubás chegaram aqui — disse Adebayo.

— E Oduduwa? — perguntou Lourds.

— Foi o piloto do barco. O homem que nos trouxe para essas terras. Também foi o primeiro protetor do tambor. Os homens brigavam por ele. Oduduwa levou o seu exército para o sul e para o leste de onde havia atracado o barco, ao norte. Meu avô me contou que o barco dele aportou em um lugar que agora se conhece como Egito. Ali foi onde aconteceu a primeira batalha pelo tambor — disse Adebayo.

— Houve uma guerra por causa dos instrumentos? — perguntou Lourds.

— Sim, muitos homens morreram por querer possuí-los. Oduduwa fez o que Deus ordenou e o manteve guardado e separado. E os quatro outros instrumentos foram entregues a outros quatro povos — disse o ancião, levantando os seus quatro retorcidos dedos.

— Que povos são esses? — perguntou Lourds.

— Os que depois foram conhecidos como egípcios ficaram com o sino. Mais povos se estenderam até o norte gelado — disse Adebayo.

— Rússia — disse Lourds.

— Não conheço esses nomes, naqueles tempos não existiam e se supunha que nenhum povo podia falar com o outro depois que os instrumentos foram distribuídos — disse Adebayo.

— Por quê? — perguntou Lourds.

— Porque tinham o poder de abrir o caminho — disse Adebayo.

— O caminho para onde?

— Para a Terra Submersa.

Lourds refletiu um instante sobre essa afirmação:

— Mas se Deus havia feito que essa terra afundasse no mar, como podiam regressar à ela? — perguntou ele.

— Eu ouvi muitas histórias, que o homem esteve na Lua e no fundo do mar — disse Adebayo.

— Na Lua sim e no fundo do mar também, mas não conseguimos chegar a todas as partes — disse Lourds.

— Pode ser que a Terra submersa não esteja na parte mais profunda do oceano — disse Adebayo.

— Que oceano? — perguntou Lourds.

— No que agora é chamado de oceano Atlântico, que naqueles tempos tinha outro nome — disse Adebayo.

— Não era o oceano Índico ou o mar Mediterrâneo? — perguntou Lourds.

— O mar em direção ao oeste. A história sempre tem contado assim — disse Adebayo.

— Quem fez os instrumentos?

— Deus juntou cinco homens. Ele deu uma língua para cada um, um idioma que não podiam ensinar para os demais. E disse que os cinco instrumentos que criassem segundo suas instruções seriam a chave para abrir a terra emprestada — disse Adebayo.

— Como? — perguntou Lourds.

Adebayo balançou a cabeça:

— Deus não transmitiu esse conhecimento. Só lhes disse que chegaria um momento em que haveria uma forma de alcançar o que estava oculto aos olhos dos homens.

— O que estava oculto? — perguntou Lourds.

— Poder. O poder para destruir de novo o mundo sem que Deus

pudesse salvá-lo — disse Adebayo.

— Por que Deus simplesmente não destruiu esse poder? — perguntou Lourds.

— Não sei. Meus antepassados me disseram que Deus não destruía o que havia criado — respondeu o ancião.

— Mas se ele destruiu o mundo...

— Não completamente. Você e eu estamos aqui como prova disso. Meus antepassados também me disseram que Ele havia deixado esse poder aqui para colocar seus filhos outra vez à prova, que semeou as sementes da destruição entre eles — disse Adebayo.

— Para ver se haviam aprendido...

— Talvez — disse Adebayo, encolhendo os ombros.

— Mas esta história nem sequer é conhecida — comentou Lourds com incredulidade.

— Muitas daquelas pessoas que sabiam difundiram mentiras para que ninguém procurasse os instrumentos e nem acreditasse neles. Distanciaram sua fé em Deus para ser os únicos a saber. Muitas guerras foram geradas em nome de Deus — disse Adebayo.

Lourds assentiu em silêncio.

E Adebayo prosseguiu:

— Dois dos instrumentos, o sino e o címbalo, se perderam faz muito tempo nas mãos de homens que queriam recuperar o poder que havia ficado na Terra Submersa. O povo iorubá sempre protegeu o tambor.

— O senhor sabe onde estão o alaúde e a flauta?

— Não temos permissão para saber.

Lourds pensou um momento. Algo não encaixava. Havia algo que estava bem à sua frente e lhe vinha escapando, mas sua mente conseguiu perceber, afinal:

— O senhor sabia que o sino e o címbalo haviam se perdido.

— Isso já faz muitos anos — disse Adebayo.

— Mas o senhor sabia... — disse Lourds.

Adebayo não disse nada.

Lourds decidiu abordar de outra forma. Voltou a tirar as fotografias do sino e do címbalo da mochila.

— Estes instrumentos têm cada um duas inscrições. Uma delas está

na mesma língua em ambos os artefatos — disse Lourds.

— Sei disso — disse Adebayo.

— Pode ler alguma das duas? — perguntou Lourds.

Adebayo negou com a cabeça.

— Está proibido. Deve haver uma só língua para cada povo — respondeu ele.

— Então, qual é a língua das inscrições que estão no mesmo idioma? — perguntou Lourds.

— Essa é a língua de Deus; seus filhos não devem conhecê-la — disse Adebayo.

Aquela declaração o deixou atônito. A língua de Deus? Aquilo existia mesmo ou era simplesmente um idioma que havia sido esquecido?

— O senhor tem o tambor? — perguntou Lourds.

— Sim — respondeu Adebayo.

— Posso vê-lo? — perguntou Lourds.

— É uma relíquia sagrada, não um objeto qualquer para os olhos dos turistas — disse Adebayo.

— Eu sei — respondeu Lourds com toda a paciência que lhe foi possível, dadas as circunstâncias. Todo o seu corpo lhe pedia em gritos que ele entregasse o tambor para que ele pudesse observá-lo. — Eu fiz uma longa viagem para vê-lo.

— Você é um estranho.

— Da mesma forma que os homens que estão caçando os instrumentos — argumentou Lourds com voz suave. — Essas pessoas são assassinos bem treinados. Não se deterão diante de nada para conseguir o que querem. Conhecem a existência dos cinco instrumentos.

— Ninguém conhece a sua existência, exceto os guardiões — disse Adebayo.

— Alguém sim a conhece, alguém que tem procurado por eles há muito tempo — disse Lourds, inspirando profundamente. — Eu os conheço. Sei o suficiente sobre línguas para ter concluído que o címbalo tem uma inscrição que procede do povo iorubá.

— Isso não é possível. As línguas eram diferentes.

— Essas eram inscrições posteriores e estavam escritas em um

dialeto iorubá. Por isso eu vim até aqui — disse Lourds fazendo um gesto em direção a Diop. — O fato de ter mostrado o tambor a ele tornou mais fácil encontrá-lo. Quando há mais de uma pessoa inteirada do assunto, fica mais difícil manter os segredos.

Adebayo não parecia nada contente.

— O senhor tem protegido o tambor durante muito tempo — continuou Lourds —, mas o segredo foi divulgado. Em algum lugar, de alguma forma, alguém sabe muito mais do que eu sobre tudo isso. Eles estão procurando os instrumentos. Não demorará muito tempo até que os assassinos o encontrem. Pode ser, inclusive, que já o tenham encontrado.

Certa preocupação despontou nos olhos de Adebayo.

— Sei quem são os outros guardiões. Temos mantido contato com eles durante muito tempo, tal como fizeram nossos antepassados. Quase como desde o princípio. Por isso eu sabia que o sino e o címbalo se perderam — disse Adebayo.

Lourds esperou em silêncio, quase sem poder respirar. “Está perto... está tão perto...”, ele pensou.

— Acreditávamos que o sino e o címbalo haviam sido destruídos. Protegemos os instrumentos ao longo das gerações, mas não temíamos que a cólera de Deus se desatasse de novo sobre o mundo. Agora você está dizendo que está prestes a acontecer — disse Adebayo.

— Sim, chegou o momento de fazer algo antes que seja tarde demais. É necessário traduzir a mensagem dos instrumentos. Pode ser que isso nos ajude — disse Lourds.

— Nenhum guardião foi capaz de ler as inscrições, jamais...

— Talvez nenhum dos guardiões fosse professor de linguística — sugeriu Diop ao mesmo tempo em que dava um leve tapinha no joelho do rei. — Sempre se tem falado de profecias. Mas, de vez em quando, uma delas há de se fazer realidade. Talvez, meu amigo, tenha chegado o momento em que esta se cumpra.

— Inclusive se com isso o mundo se destrua? — perguntou Adebayo.

— Não poderemos deixar que isso ocorra — assegurou Lourds. — Se Deus quiser, talvez possamos evitar que aconteça. Mas se não fizermos nada, nossos inimigos o farão.

Adebayo se ajoelhou no chão, ao lado da esteira de dormir. Pôs as duas mãos contra a parede e a empurrou, afastando uma parte dela. Lourds viu que o muro deveria ter uns trinta centímetros de espessura. Aquele esconderijo estava muito bem disfarçado.

Em seu interior havia um tambor e uma baqueta curva. Lourds reconheceu imediatamente, era um *ntama*, um tambor semelhante a uma ampulheta, também chamado “de cintura fina” por sua forma. Normalmente a estrutura era feita de madeira, que depois era escavada até ficar oca.

Esse era de cerâmica, e igual aos demais *ntamas*, tinha uma pele de couro de ambos os lados que seriam batidos com a baqueta curva, embora não soubesse se eram de couro de cabra ou de peixe. Aquelas peles estavam presas com dezenas de cordas de pele, muito flexíveis.

A última vez que havia estado na África, Lourds havia visto homens que faziam “falar” aqueles tambores. Prendendo-os sob o braço e apertando as cordas para aumentar ou rebaixar a pressão daquelas peles, o tom produzido poderia variar radicalmente.

Apesar de nenhum dos *ntamas* que ele tinha visto ser feito de cerâmica.

— Posso? — perguntou Lourds, esticando a mão.

— Tenha cuidado. O corpo de cerâmica tem se mostrado muito resistente durante todos esses anos, mas é frágil.

Todos os instrumentos eram, pensou Lourds. Na verdade, o fato de eles terem sobrevivido por milhares de anos escapava à sua compreensão. Pensando bem, o assombro é o mesmo ao se pensar que os oito mil soldados de terracota e seus cavalos também haviam resistido enterrados com Qin Shi Huang, primeiro imperador da China, tendo sobrevivido por dois mil anos.

Naturalmente, como era esperado, os soldados não haviam se movido de seu lugar e alguns estavam quebrados, mas tinham sobrevivido ainda a uma revolução na qual os rebeldes entraram na tumba e roubaram as armas de bronze com as quais o exército do

imperador tinha sido equipado.

Parecia a Lourds que a única explicação para a sobrevivência dos instrumentos, por menos científica que fosse, era a providência divina.

Estudou a estrutura de cerâmica do tambor, dando-lhe a volta suavemente entre as mãos e olhando através das cordas de pele para descobrir a inscrição que ele estava convencido que estaria ali gravada.

Não se decepcionou. Ao vê-la e ao recordar o que Adebayo havia contado sobre a Terra Submersa e a cólera de Deus, notou que seus cabelos ficaram arrepiados.

Era verdade. Tudo era verdade.

*

Ter que se aliviar de forma natural na selva era algo a que Leslie Crane havia jurado não se acostumar, nem queria fazer isso.

Agachou-se no mato e esvaziou a bexiga com a calcinha afastada entre as pernas para mantê-la fora do caminho. Não era fácil. Tinha que sustentar um equilíbrio que numa privada apropriada não era exigido. Para os homens, era muito mais fácil de fazer ao ar livre.

Leslie tinha muita vontade de voltar para a cidade: poder usar um sanitário decente, tomar um banho de banheira com espuma e comer uma boa comida, tudo isso seria uma maravilha. E talvez outra noite com o professor Lourds na cama. Aquele homem mostrava uma extraordinária capacidade para satisfazê-la e permanecia mais tempo sobre ela do que poderia esperar de alguém com a sua idade. A verdade era que ele se deitara com ela como alguém igual à jovem, ao que não estava acostumada. Gostava de estar com ele.

Mas transar na selva com ele era simplesmente horrível. Tinha a impressão de que alguém a estava observando o tempo todo.

“Talvez alguém esteja fazendo isso mesmo. Que menina pervertida em pensar isso”, imaginou enquanto utilizava o papel higiênico que havia levado.

Quando subia a calcinha, notou um leve movimento com o canto do olho. Alguém *realmente* a estava observando. Leslie se enfureceu. A primeira coisa que lhe veio à mente foi sair a procura do curioso e

colocar os pingos nos “is”.

Quase fez isso, mas depois caiu em si e se deu conta de que não falava aquele idioma. Tampouco sabia o que faria um dos membros da tribo iorubá cara a cara com uma mulher europeia enfurecida.

Então, foi quando viu um homem na selva. Foi só um segundo. Realmente pouco mais do que um vislumbre.

Mas foi o tempo suficiente para se dar conta de que a cor de sua pele era bronzeada, mas não negra. Não era a ela quem ele espiava, e sim aos *outros*.

Sentiu medo. Pegou o rolo de papel e se obrigou a voltar para a aldeia da forma mais calma possível, apesar de todo o seu corpo lhe pedir que saísse correndo.

*

Quando chegou ao jipe, encontrou Gary sentado na parte de trás com os pés apoiados no assento e absorto na tela de seu PlayStation enquanto apertava os botões.

— Alguma serpente? — perguntou Gary, quando Leslie largou o rolo de papel.

— Não, mas eu vi um espião — disse Leslie.

— Gente da aldeia, certo? Estão tentando aprender a seduzir — disse Gary.

— Não — respondeu Leslie, forçando-se a permanecer calma. — Era um homem moreno, talvez chinês ou árabe, mas não negro.

Aquilo despertou o interesse de Gary, e ele levantou o olhar da tela.

— O que você está dizendo, querida? — perguntou Gary.

— Que Gallardo conseguiu nos encontrar...

Gary soltou um palavrão e desceu os pés.

— Temos que dizer isso para Lourds — disse Gary.

— Você acha? — perguntou Leslie sarcasticamente, olhando ao seu redor. — Não gostaria de alertar os gorilas de Gallardo. Onde está aquela maldita bruxa ruiva? Ela que é especialista nesses assuntos.

— Não sei. Até agora pouco estava aqui — disse Gary, também olhando ao seu redor.

— Fantástico! Só faltava essa!
— Posso ir procurá-la — disse o rapaz.
— Talvez possa içar uma bandeira para dizer a Gallardo que o descobrimos. Não. Fique quieto aqui e esteja atento, prepare-se. Tenho a impressão de que teremos que sair daqui rapidamente — disse Leslie antes de encaminhar-se em direção à casa em que haviam entrado Lourds e Diop.

*

Gallardo observou a jovem loira pela mira telescópica. Algo não estava indo bem. Parecia mais tensa e apreensiva do que quando havia saído para fazer suas necessidades junto à natureza.

Deixou a arma de lado e pegou os binóculos.

— Farok! — chamou Gallardo.

— Sim — respondeu Farok.

— Você viu a demônia russa? — perguntou Gallardo.

— Não.

— Quanto tempo faz que não a vê?

— Uns 10 ou 15 minutos — respondeu Farok.

O homem refletiu por alguns instantes. Se ela havia ido ao “banheiro” como a loira, estava demorando mais do que o previsto. Quando desaparecia, a víbora era mais perigosa do que nunca.

— Sobre o que você acha que estão falando lá dentro, Lourds e o velho? — perguntou DiBenedetto. Ele estava com suas pupilas pequenas como ponta de agulha e Gallardo entendeu que estava chapado pela cocaína.

— Não sei — respondeu. — Lourds não teria vindo até aqui por nada — completou.

Gallardo soltou um grunhido. Pegou o rádio transmissor e apertou o botão para falar.

— Fiquem atentos! A mulher russa desapareceu — disse, recordando a forma em que ela havia pegado desprevenido seu homem duas noites atrás, em Gorée. — Avisem-me assim que a virem — disse Gallardo. Ele ia desligar o telefone, mas pensou melhor. — Se tiverem alguma

oportunidade de matá-la discretamente, matem-na. Haverá uma recompensa para aquele que conseguir.

*

O telefone de Lourds começou a tocar enquanto ele observava como Adebayo colocava o tambor em uma mala com revestimento anti-impacto. Olhou a tela e se perguntou quem poderia chamá-lo nesse momento.

— Lourds — respondeu.

— Gallardo e seus homens estão de campana ao redor da aldeia — disse Natashya sem rodeios. — Ele está com um exército. Creio que estão nos esperando sair para nos pegar.

A ansiedade se apoderou dele. Foi até uma janela e olhou ao redor.

— Que ótimo, você apareceu na janela para ser um alvo bem fácil — ouviu a voz irritada de Natashya do outro lado da linha. — Parabéns por facilitar as coisas para eles.

— Onde você está? — perguntou Lourds, afastando-se dois passos rapidamente.

— Na selva. Tentarei distraí-los enquanto vocês escapam — disse Natashya.

— Quando iremos fazer isso? — perguntou Lourds.

— Cinco minutos atrás — disse Natashya.

Lourds pensou naquilo. A ideia de serem pegos em campo aberto por Gallardo e seus homens não lhe atraía em nada nem aumentava sua esperança de vida.

— Eles nos seguiram — disse Lourds.

— Sim.

— Mas Leslie já não está mais em contato com sua equipe de produção — disse Lourds.

— Gallardo deve ter encontrado outra forma de nos localizar. É possível que ele esteja fazendo isso por telefone — disse Natashya.

— Ele pode fazer isso? — perguntou Lourds.

— Sim. Basta contratar gente adequada. Um bom especialista em informática conseguiria, embora esses idiotas não se pareçam com

hackers. Acho que ele tem relação com gente da pesada e com muito dinheiro, e que não se deterá por nada.

O medo em seu interior aumentou.

— Se tiver alguma sugestão, estou ouvindo — disse o professor.

— Mantenha a calma. Saia daí como se nada estivesse acontecendo. Entre no carro e saia daqui. Faça isso com toda velocidade. Pise no acelerador e não pare até chegar em Lagos. A cidade está cheia de homens armados. Pelo menos estaremos mais seguros e rodeados pela polícia e pelo exército — disse Natashya.

— E você? — perguntou Lourds.

— Eu estou bem. Eu os encontrarei lá — disse ela.

Desligou o telefone justamente na hora em que Leslie entrava.

— Temos que ir embora — disse Leslie.

— Sei disso, Gallardo nos encontrou — informou Lourds ao mesmo tempo em que pegava a mochila.

A cara de Leslie refletiu perplexidade.

— Mas como você sabe? — perguntou ela.

— Natashya acabou de me telefonar. Ela está lá fora com eles. Acho que está prestes a atacar!

— Não sei como ela consegue fazer essas coisas — assegurou Leslie, arregalando os olhos.

— Trate de ficar contente por ela fazer isso — disse Lourds, que se voltou para Diop e Adebayo e falou com eles em iorubá. — Nossos inimigos nos encontraram e temos que partir. — Lourds se dirigiu ao velho rei — Se ficar aqui, tentarão levá-lo.

— Irei com vocês, até porque precisam de mim para falar com os demais guardiões — disse Adebayo.

Lourds sorriu.

— Bem, eu me alegro que nos faça companhia. Creio que assim estará mais seguro.

“Embora não muito”, pensou Lourds.

*

— Eles estão escapando! — gritou Gallardo pelo rádio. — Todo

mundo em alerta! Nós os alcançaremos na estrada de Lagos, ali haverá menos possibilidades de que os homens da aldeia interfiram.

— Seria melhor capturá-los aqui — sugeriu Farok. — Uma vez que estejam em movimento, tudo será mais difícil de controlar.

— Faremos isso, estamos em vantagem — assegurou Gallardo.

DiBenedetto sorriu:

— Claro! Podemos matar a russa aqui e assustar aos outros um pouco mais para que depois seja mais fácil de controlar esses palhaços.

Aquela ideia pareceu atrativa a Gallardo por muitas razões. Havia esperado a oportunidade de acabar pessoalmente com a vaca. Pegou o rifle e pela mira telescópica começou a buscar a ruiva enquanto Lourds se enfiava atrás do volante daquela lata velha e colocava o motor para funcionar.

Saíram em disparada e dispersaram um grupo de galinhas e cabras quando Lourds fez soar a buzina.

“A mulher não está com eles”, pensou Gallardo; aquilo o encheu de preocupação. Depois de um momento de fúria, chegou à conclusão de que ela estaria em alguma parte da aldeia e voltou o olhar em direção à selva.

— Encontrem a mulher russa. Ela está aqui, espiando-nos — ordenou Gallardo.

Farok e DiBenedetto começaram a procurá-la.

— Faça uma checagem nos homens. Veja se falta algum — disse Gallardo.

Então ela a viu. Mas apenas porque ela estava mirando nele com seu próprio rifle.

Ele a enquadrou na mira em um milésimo de segundo, mas nem sequer teve tempo suficiente para levar o dedo ao gatilho.

A mulher sorria atrás dos óculos. Tinha a cabeça inclinada por detrás da mira, por onde Gallardo a observava.

Ele abandonou o rifle e se jogou de lado.

— Cuidado! — gritou Gallardo para que Farok e DiBenedetto buscassem refúgio também.

Pela forma que Gallardo havia pulado, Natashya soube que o tiro havia falhado, antes que a culatra do potente rifle de caça golpeasse no ombro. Ele a havia localizado bem a tempo de se esconder. A russa amaldiçoou e engatilhou a arma, colocando mais um cartucho nela.

Ficou grudada a um nodoso baobá cujo tronco era quase quatro vezes mais largo do que ela. Seus delgados galhos pareciam artríticos e retorcidos, como se estivessem atrofiados por ter que dar tudo de si para alimentar o largo tronco.

Apesar de Gallardo escapar, ela ainda tinha outros alvos em mente. Não havia confirmado quantos homens havia por ali, mas sabia onde estavam nove deles. Esperava poder tirar Gallardo e seu exército de ação.

Com calma, focalizou o ponto de mira vem um homem que disparava contra o carro de Lourds. Suas balas impactaram na terra por detrás do veículo, o que a fez pensar que ele tentava acertar os pneus do automóvel.

Má sorte para ele.

Apertou o gatilho e aguentou o retrocesso. A bala o derrubou. Abriu o ferrolho e deixou que saltasse a capa da bala antes de disparar de novo.

Um par de jipes cheios de homens armados saiu da selva fazendo um grande estrondo. Não os havia incluído em seus planos. Só contava com os dois veículos que havia encontrado.

Com cuidadosa lentidão, ela se concentrou no motorista do primeiro carro e o deixou avançar um pouco mais na perseguição de seus companheiros. Seu dedo encontrou o gatilho, o acariciou e apertou.

O projétil deu em cheio ao lado da cabeça do motorista e o lançou contra o homem que estava no assento do passageiro, cobrindo-o de sangue e pedaços de cérebro. O jipe perdeu o controle imediatamente e bateu contra um baobá, fazendo com que dois homens fossem expelidos do carro. Apontou para o segundo veículo, mas como ele ia a alta velocidade já estava quase fora de alcance.

Está bem, ela o pegaria depois.

Natashya se concentrou no objetivo seguinte. Ela o tirou de sua posição com um disparo no centro do corpo antes que uma dezena de

balas impactasse na árvore que ela utilizava como parapeito.

“Se continuar aqui, eles te matarão”, disse Natashya a si mesma. Apesar de tudo, queria permanecer ali. Queria o assassino de Yuliya. Se ficasse ali, com toda certeza ele iria ao encontro dela. Poderia matá-lo, mas isso não iria acontecer naquele momento.

Pendurou o rifle no ombro e se deixou cair num gramado que havia atrás da árvore. Havia escolhido com cuidado o homem que havia matado primeiro. Era um dos poucos que dirigia uma moto Enduro e o único que ia sozinho.

Ao final da encosta, levantou a moto e apertou a ignição eletrônica. O potente motor se colocou em funcionamento e tremeu entre as suas pernas. Só se deteve pelo tempo suficiente de colocar o capacete, sabendo que, embora não detivesse um disparo direto, ele desviaria uma bala que pudesse receber de lado.

Pôs o pé esquerdo no pedal do câmbio e empurrou para baixo para meter a primeira enquanto apertava a embreagem. Mantendo-se agachada, subiu na moto e foi trocando de marcha enquanto acelerava rapidamente para alcançar Lourds na estrada.

*

Gallardo correu pela selva e utilizou o rifle para quebrar galhos e arbustos em sua passagem. Quando a mulher russa passou por perto em uma das motos, ele se deteve para disparar, mas falhou nos três disparos.

Depois desapareceu a toda velocidade entre a nuvem de pó que havia deixado para trás com o jipe do tipo militar que seguia o veículo de Lourds.

Voltou a se colocar a caminho e correu para o lugar onde estavam os demais veículos. Xingou-se pela decisão de tê-los estacionado tão distante da aldeia, embora no momento isso lhe parecesse o mais inteligente.

Chegou ao 4x4 sem fôlego. Foi dando tropeços até um deles e se colocou no volante.

— As chaves! — gritou para DiBenedetto, que estava correndo bem

atrás dele.

Este as lançou para ele, mas depois se deteve e negou com a cabeça.

— Não irão lhe servir para nada, chefe, nós não vamos a parte alguma — disse DiBenedetto.

Gallardo saiu do veículo e olhou para baixo. Alguém havia furado os quatro pneus.

— Ela encontrou os carros primeiro — disse Farok com expressão séria. — Essa mulher merece que você sinta tanto ódio por ela, Patrizio.

A russa havia sido meticulosa, havia furado também os estepes e os tanques de gasolina. A única coisa que podia esperar era que o jipe que a mulher não havia conseguido atingir alcançasse Lourds.

— Vamos! — gritou, voltando-se para a estrada e o ruído dos motores. Tinham um longo caminho à frente, contudo não lhes restava outra coisa a fazer.

*

Lourds olhou pelo espelho retrovisor para ver se alguém os perseguia. Ele amaldiçoou em silêncio por não ter aceitado uma arma quando Natashya a havia oferecido, embora não fossem armas que ele mais gostava de usar, e sim a mente.

“Embora não se possa fazer muito com a mente em situações como estas”, pensou com tristeza.

Leslie estava sentada a seu lado e olhava para trás muito preocupada.

Gary, Diop e Adebayo iam no assento do meio com os cintos de segurança atados. O ancião abraçava a caixa que continha o *ntama* para protegê-lo.

“Pelo menos terão cuidado com o tambor. Se souberem que o levamos, claro”, pensou. Contudo, aquilo tampouco evitaria que os matassem.

— Estão chegando — disse Leslie em voz baixa.

Olhou pelo retrovisor e viu que o jipe que ia atrás deles acelerava. Tentou pisar com mais força no acelerador, mas o pedal já estava

tocando o assoalho. O motor protestou. Seus perseguidores iam ganhando terreno. Até esse momento eles não tinham disparado, mas esperava que...

Uma bala alcançou o espelho retrovisor e o lançou voando para longe do carro, em pedaços.

Leslie gritou e se agachou. Os demais também se inclinaram para frente.

Outras duas balas destroçaram o para-brisa traseiro. Uma delas, ou a terceira, Lourds não tinha certeza, atravessou o para-brisa dianteiro e deixou um buraco pelo qual ele poderia atravessar o polegar.

Depois de um momento, uma moto avançou através das nuvens de poeira deixadas pelos veículos que aceleravam. Rapidamente alcançou o jipe e fez mira no motorista com a arma que levava na mão esquerda.

Lourds viu quando a cabeça dele deu uma violenta sacudida e então o veículo começou a perder o controle. O homem que ia ao assento do passageiro se afez ao volante, porém a pessoa que estava na motocicleta disparou nele também. O passageiro do assento traseiro tentou utilizar o rifle, mas o jipe deu uma forte balançada e se jogou para a esquerda, e fez com que o piloto da moto quase perdesse o controle por sua vez. O carro deslizou pela valeta que contornava a estrada, atravessou um campo e bateu como uma bola de fliperama contra um conjunto de árvores. Se havia restado alguém vivo depois daquele ataque, Lourds duvidava muito que continuasse respirando agora.

Natashya, ele sabia que era ela pela roupa que vestia, acelerou e se colocou ao lado do 4x4, levantou a viseira e gritou:

— Acho que ninguém mais nos persegue por enquanto. Gallardo continua vivo, mas ele e o resto de seus homens não poderão nos alcançar durante um bom tempo.

Assentiu. Não soube o que dizer, embora sentisse que tinha algo a falar.

— Obrigado — disse Lourds.

— Vou acelerar adiante para ver se temos o caminho livre — disse Natashya. Fechou a viseira e saiu em disparada.

— Ótimo — disse Lourds, mesmo sabendo que ela não poderia ouvi-lo.

— Essa mulher é incrível — comentou Diop do banco de trás.
— Ainda bem que ela está do nosso lado — comentou Gary.
Lourds assentiu silenciosamente.

CAPÍTULO 20

QUARTO DO CARDEAL MURANI
CIDADE-ESTADO DO VATICANO
11 DE SETEMBRO DE 2009

A raiva se apoderou de Murani quando escutou Gallardo tentar explicar-lhe que Lourds e seus companheiros escaparam novamente. Deu voltas pelo quarto e olhou a tela da televisão, que ainda exibia a mais recente reportagem sobre as escavações de Cádiz.

Os trabalhos de bombeamento da água da caverna estavam adiantados. O padre Sebastian tinha tirado fotos do interior da caverna e enviara para os meios de comunicação. Inclusive concedia algumas entrevistas, como se fosse uma personalidade famosa. Aquilo o irritava profundamente. Agora já não bastava retirar o controle daquela escavação do velho louco, o cardeal queria vê-lo morto por ter profanado a obra de Deus.

— Quase pusemos as mãos naqueles idiotas... — assegurou Gallardo.

— Mas não os pegaram! Certo? E agora eles estão com o tambor — disse Murani.

— Se é o tambor que buscávamos... Só pude ver o objeto rapidamente — disse Gallardo.

— Se não fosse o tambor certo, Lourds não teria ido até lá nem o teria levado junto. Ele está seguindo a pista dos instrumentos — disse Murani.

Então caminhou até o seu armário e tirou de dentro uma mala. Depois de colocá-la sobre a cama, pressionou as travas e a abriu.

— Seja como for, ainda faltam outros dois instrumentos. Você tem dois deles, e o professor não vai poder fazer nada. Você disse que eram necessários os cinco — disse Gallardo.

— Nós precisamos de todos eles. Sabe onde estão os que faltam?

— Não — respondeu Gallardo, após guardar silêncio por um momento.

— Nem eu, mas espero que Lourds tenha alguma pista — disse Murani.

Começou a tirar a roupa do armário e enfiá-la na mala, ele não podia mais continuar na Cidade do Vaticano.

Apesar de se sentir a salvo dos membros da Sociedade de Quirino, não só por tê-los ameaçado, mas também porque no fundo tinham os mesmos objetivos que ele, sabia que o papa o vigiava de perto. Tinha recebido um convite para que fosse vê-lo na manhã seguinte.

Murani não tinha intenção de estar presente nessa reunião. A próxima vez que entrasse na Cidade do Vaticano seria como papa. As coisas iam mudar para melhor, ele cuidaria disso.

— Onde você está agora? — perguntou Murani.

— Nós estamos a pé. Teremos que ir andando até Ifé para solucionar a questão do transporte — respondeu Gallardo.

— Quanto tempo vocês irão demorar?

— Umas boas horas, mas não sei se chegaremos antes do anoitecer.

— E depois vocês voltarão para Lagos? — perguntou Murani.

— Viajar de noite por aqui é perigoso — respondeu Gallardo, após hesitar um momento.

— Vá para Lagos, Lourds já está em vantagem. Quero que o encontre e descubra o que ele sabe. Eu quero aquele tambor — ordenou o cardeal.

— Está certo — respondeu Gallardo, que não parecia nada contente.

— Tenho falado com o *hacker* que tem grampeado os telefones deles, ele me disse que agora estão desconectados.

Murani fechou a mala.

— Então eles já descobriram como você conseguiu encontrá-los — disse Murani.

— Também acho — disse Gallardo.

— Você vai precisar de outra forma de localizá-los.

— Estou aberto a todo tipo de sugestão — retrucou Gallardo.

Se havia algum tom de sarcasmo em sua voz, Murani não detectou.

— Continue grampeando o telefone do chefe de Leslie Crane. Ela é

jornalista e se deu conta de que tem uma grande história nas mãos. Além da pressão do gabinete, estou certo de que vai querer monopolizar todos os holofotes. Ela vai ligar para ele e contar-lhe o que estão fazendo. Então nós os localizaremos — disse Murani.

— Combinado — disse Gallardo.

Murani se obrigou a manter a calma.

— Desta vez pegue Lourds, Patrizio — aconselhou Murani enquanto via as imagens televisivas das escavações de Cádiz. — Nosso tempo está se esgotando.

— Farei isso — disse Gallardo.

Murani desligou e guardou o telefone celular. Pegou a mala e caminhou em direção à porta. Quando saiu, encontrou dois guardas suíços em posição de sentido do lado de fora de seu quarto. Os dois olharam a mala que ele levava em mãos.

— Sinto muito, cardeal Murani — disse o mais jovem deles. — Sua Santidade pediu que permanecesse em suas acomodações esta noite.

— E se eu me negar? — perguntou Murani.

— Então terei de garantir que obedeça — respondeu o homem, fazendo uma careta e levando a mão à arma que levava na cintura.

A ideia de que o papa Inocêncio XIV o havia encerrado em seu quarto fez com que o seu sangue fervesse. Se pudesse matar o guarda naquele momento, Murani o teria feito.

— Fique tranquilo, Franco — repreendeu o outro guarda, que era mais forte e taciturno. — Ele é o cardeal Murani. Sempre foi muito amigo da guarda. Deve mostrar-lhe o devido respeito.

Franco pousou por um momento o olhar sobre seu companheiro.

— Sou respeitoso, Corghi, e já me desculpei — disse Franco, antes de voltar o olhar para Murani. — Mas também estamos às ordens do papa. Podemos ser educados, mas igualmente firmes. Por favor, cardeal Murani, regresse para seu quarto. Se precisar de alguma coisa, nós a proporcionaremos para o senhor com o maior prazer.

— Seu cego louco — grunhiu Murani.

Franco esticou uma mão para contê-lo.

Incrédulo, Murani olhou para o outro guarda.

Corghi tirou uma injeção hipodérmica da jaqueta, e seu braço

descreveu um veloz arco em direção ao jovem guarda.

Alertado pelo roçar da mão com a roupa, Franco tentou sacar sua arma. Corghi o agarrou e o empurrou contra a parede ao lado de Murani.

— O que você está fazendo? Não pode... — protestou Franco.

Corghi cravou-lhe a hipodérmica no pescoço e pressionou o êmbolo.

Franco abriu a boca para gritar. Por um momento, Murani pensou que ia conseguir, mas Corghi lhe pôs o antebraço diante da boca e evitou o grito.

Alguns segundos depois, enquanto seguiam lutando, o produto químico fez efeito, os olhos de Franco giraram para cima e desmaiou. Se Corghi não o tivesse segurado, o jovem guarda teria caído no chão.

— Comecei a pensar que tinha mudado de opinião — disse Murani.

— Não, Eminência. Se me permitir usar seu quarto... — disse Corghi.

— Mas é claro — disse Murani.

Abriu a porta e observou como o outro guarda jogava o corpo do rapaz inconsciente no interior do quarto. Normalmente ninguém tinha permissão para entrar ali, exceto os encarregados da limpeza e os amigos. De toda forma, Murani não tinha intenção de voltar. Estava com o olho grande num outro lugar muito mais espaçoso.

Franco chocou-se contra o chão e não voltou a se mover.

— Ele ficará inconsciente por algumas horas — disse Corghi, que pegou a mala de Murani. — Mesmo que ele não fale, o papa saberá que você partiu e enviará patrulhas para sair em sua busca.

Murani assentiu e saiu andando pelo corredor.

— Até então já terei ido e será tarde demais.

— Sim, eu o ajudarei a sair da Cidade do Vaticano, eminência. Há um caminho através das catacumbas — lhe informou Corghi e se pôs a seu lado.

Murani não disse ao homem que já sabia daquilo. Havia organizado essa via de escape com o tenente Sbordonì. A Cidade do Vaticano, a Igreja, a Guarda Suíça e a Sociedade de Quirino já existiam por tempo suficiente para terem estabelecido facções dentro dessas organizações.

Logo após ter entrado na sociedade, Murani conheceu alguns tantos membros que pensavam da mesma forma que ele a respeito do lugar que a Igreja deveria ocupar no mundo. No entanto, poucos deles

estavam dispostos a agir com tanta coragem quanto o cardeal. Também havia encontrado homens com ideias afins às suas entre os membros da Guarda Suíça. Com o passar dos anos, alguns dos Guardas Suíços tinham sido reprimidos e até destituídos de suas funções por conta de seus zelosos esforços no sentido de reforçar o poder da Igreja. Nenhum sabia tanto quanto Murani, e anteriormente só em raras situações um cardeal tinha agido em confabulação com os guardas.

Tornava-se difícil dividi-los. A maioria dos guardas era fiel ao papa. Alguns deles, que haviam jurado lealdade ao Sumo Sacerdote, se haviam deixado influenciar por Murani quando Inocêncio XIV foi escolhido o novo pontífice. Tinham notado a mesma debilidade e fraqueza que Murani apontara no homem.

“E se deram conta de sua força”, recordou a si mesmo. Após ter-se feito notar e ter dado a conhecer sua inquietude aos cardeais, a Guarda Suíça se inteirou de suas dúvidas também. Alguns dos guardas tinham ido oferecer-lhe seu apoio em segredo.

— O tenente Sbordonni se unirá a nós? — perguntou Murani.

— Não dentro da cidade, eminência — disse Corghi se colocando momentaneamente à dianteira quando entraram no pequeno escritório que os residentes utilizavam às vezes para fazer consultas. — Ele vai se unir a nós em Cádiz.

Murani assentiu.

— Ele vai assumir o comando dos homens que temos lá? — perguntou Murani.

— Sim, senhor — disse Corghi, apertando o dispositivo escondido que havia na parede do fundo. Uma seção da estante girou para um lado e permitiu a entrada ao espaço que havia por detrás dela.

Murani pegou uma lanterna e a acendeu. Algumas passagens das catacumbas tinham luz elétrica, mas aquela por onde os dois homens iriam atravessar estava em mal estado e quase nunca era utilizada. Ele seguiu o fecho de luz que ia em direção à escuridão.

Uma grande sensação de esperança repleta de expectativas ia se apoderando dele a cada passo que dava em direção ao seu destino.

Quando Natashya levantou a mão para que se detivessem, Lourds tinha suas costas e os ombros completamente endurecidos pela tensão, e o cansaço fazia seus olhos arder. Dirigir encurvado em uma estrada cheia de curvas e buracos a toda velocidade não era como estar frente a um computador ou um manuscrito que quisesse traduzir. A sujeira e os insetos do para-brisa só bloqueavam parcialmente o resplendor do pôr do sol na direção em que seu veículo estava indo.

A luz do freio da moto reluziu com uma cor de rubi na penumbra que ia descendo sobre a selva. Natashya passou uma perna por cima da moto quando Lourds se aproximou dela.

— O que houve? — perguntou Leslie do assento do passageiro. Tinha adormecido algumas horas antes e Lourds não teve coragem de despertá-la.

— Natashya queria parar — Lourds lhe explicou.

— Já estava na hora mesmo — balbuciou Gary. — Meus dentes estão rangendo. Achava que ia explodir um dos meus rins com tanto buraco.

Em seguida, ele abriu a porta e se dirigiu para as árvores.

Diop e Adebayo foram para lá também. O ancião levava o tambor da tribo com ele.

Lourds olhou para o *oba* e temeu não vê-lo novamente.

— Ele vai retornar — assegurou Leslie.

Lourds voltou-se em sua direção.

— É isso que o está preocupando, certo? — perguntou a jovem.

— Creio que o que me interessa é muito fácil de adivinhar — respondeu ele, sorrindo.

— A solução de um mistério, línguas mortas e a ameaça do fim do mundo — enumerou Leslie, encolhendo os ombros e sorrindo. — Creio que são coisas que também me interessam — olhou para Natashya, que

já se aproximava deles. — Mais do que outras pessoas que eu poderia mencionar — disse, se afastando antes que a russa chegasse.

Mas, em vez de parar, Natashya foi para a parte de trás do 4 x 4 e desatou uma das latas de gasolina. Tinha uma escura mancha de sangue no ombro direito.

— O que está fazendo? — perguntou Lourds.

— A moto ficou sem gasolina — respondeu Natashya.

— Você poderia vir conosco — disse Lourds.

Natashya negou com a cabeça.

— Ter dois veículos nos dá mais oportunidade de reagir se Gallardo tiver outro carro que eu não tenha visto — disse Natashya.

— Até agora ele não nos seguiu — disse Lourds.

— Isso não quer dizer que já não esteja por aí — disse Natashya.

O professor teve que admitir em silêncio que aquela possibilidade era real. Gallardo tinha conseguido encontrar-lhes em cada parada de sua viagem. Sua inquietude se acelerou no mesmo ritmo que as batidas de seu coração.

Natashya pegou o galão.

— Deixe que eu te ajude — se ofereceu Lourds.

— Eu mesma posso fazer isso — insistiu ela.

— Eu não tenho a menor dúvida quanto a isso — disse Lourds se aproximando para pegar o galão.

Por um momento, pensou que ela iria bater nele, mas em vez disso a mulher deu meia-volta e saiu andando em direção à moto.

Pegou uma garrafa de água de um dos alforjes da moto e deu um belo gole.

Sabendo que ela não diria nada até que assim o desejasse, Lourds abriu o tanque de combustível. Deu uma rápida olhada em seu interior e confirmou que estava nas últimas. Levantou o galão e encheu o depósito sem derramar uma só gota.

— Eu o tive na minha mira — assegurou Natashya.

— Quem? — perguntou Lourds, colocando o tampão de volta no tanque.

— Gallardo. Eu o tinha bem na minha mira e falhei — confessou Natashya, colocando uma mecha de cabelos atrás da orelha.

Lourds preferiu não dizer que certamente teria outra oportunidade. Isso possivelmente não a reconfortaria. Apesar de parecer que não estavam sendo seguidos, ele não descartava essa possibilidade. Como uma moeda falsa, Gallardo sempre reaparecia.

— Ele matou Yuliya — disse Natashya.

— Você não sabe ao certo. Não pode estar tão segura assim de que foi ele. Naquele ataque havia mais homens — comentou Lourds suavemente.

— Eu sei disso bem aqui — assegurou Natashya, levando uma das mãos ao coração. — Na minha parte que é russa, eu sei que foi ele.

— Deixe-me ver o seu ferimento — disse Lourds.

— Não é nada — disse Natashya, ao mesmo tempo em que o afastava e negava com a cabeça.

— Com este calor, o pó e a sujeira a que estamos expostos, isso sem mencionar a fauna e a flora locais, é perigoso não limpá-lo. Pode inflamar rapidamente — disse Lourds.

— Então, faça o que quiser, desde que bem rápido. Temos que seguir adiante — disse Natashya, encolhendo os ombros.

Lourds chamou Gary, que tinha voltado ao veículo, para que levasse a maleta de primeiros socorros. Pegou uma lanterna e um frasco de antisséptico também.

— Precisa de ajuda? — perguntou Gary.

— Não — respondeu Natashya antes que Lourds pudesse dizer algo.

— Tudo bem, eu estarei perto do carro se precisar de algo — respondeu Gary. Deixou a maleta e voltou.

— Você se sente particularmente antissocial? — perguntou Lourds.

— Se não tivesse me preocupado com todos vocês, eu teria ficado lá e matado Gallardo.

Lourds não disse nada. A forma como ela enfrentava a morte de sua irmã era bem diferente da sua. Ele queria continuar com o trabalho que Yuliya tinha começado; já Natashya queria somente acabar com o seu assassino. Não podia imaginar o que seria matar alguém a sangue frio. Em algumas de suas pesquisas e buscas sobre objetos e manuscritos, ele havia tropeçado com soldados profissionais. Até certo ponto entendia sua forma de pensar, mas ele jamais poderia ser um deles.

Natashya o havia feito cair em si de que neste perigoso mundo há lugar para esse tipo de pessoas.

— Bom, eu me sinto feliz por você se preocupar conosco — disse Lourds subindo a manga da sua blusa, mas percebeu que não assim não alcançava a ferida. — Pode tirar a blusa? Não consigo...

Natashya tirou um canivete do bolso, abriu e cortou o tecido.

— Obrigado — disse Lourds.

Rasgou um pouco mais a camisa para ter melhor acesso ao ferimento. Iluminou o ombro e sufocou a náusea que sentiu na boca do estômago.

— Não se preocupe, a bala passou em mim de raspão — disse Natashya.

Lourds, que não confiava na firmeza de sua voz, se limitou a assentir. A ferida era irregular e parecia dolorosa, mas nada que pudesse ameaçar a vida da russa.

No entanto, ele não podia deixar de pensar em quão diferente as coisas poderiam ter sido se a bala tivesse impactado 12 ou 15 centímetros mais à esquerda. Teria destruído o pescoço. Se não a matasse instantaneamente, ela teria se afogado com seu próprio sangue. E a mulher se comportava como se nada tivesse acontecido. Ela era incrível.

— Isso vai arder — advertiu Lourds.

— Se eu não suportar, você vai saber.

Isso era o que mais medo dava em Lourds.

Jogou um pouco de líquido desinfetante na ferida e lavou o sangue. Limpou a ferida o melhor que pode sem pressionar as bordas por medo que começasse a sangrar outra vez.

Natashya não disse uma só palavra.

Quando achou que a ferida estava o mais limpa possível, Lourds aplicou um creme antibacteriano e colocou uma gaze por cima. Passou o esparadrapo para que tudo ficasse no lugar.

— Aonde vamos agora? — perguntou Natashya enquanto fechava as bordas rasgadas da camisa manchada de sangue.

— Não sei, temos que entrar em contato com os outros guardiões — respondeu Lourds.

— Eles são como o ancião? — perguntou Natashya.

— Ele se chama Adebayo e eu não sei. Creio que todo mundo costuma ser produto de sua cultura e não da tarefa a que tenha sido encarregado.

— Você sabe onde eles estão? — perguntou Natashya.

— Ainda não — respondeu Lourds.

— Ficar aqui na Nigéria não é uma boa ideia — disse Natashya.

— Sei disso, acho que nós vamos para Londres.

Natashya franziu a testa e moveu a cabeça.

— Ali, quem controlará tudo será ela — disse Natashya.

Lourds não teve dúvida a quem ela se referia.

— Lá, todos nós estaremos mais seguros. Leslie conseguiu um visto temporário para Adebayo através do consulado britânico — disse Lourds.

— Ela usou o telefone? — perguntou Natashya.

— Sim, e também reservou as passagens que... — Lourds continuou falando até que se deu conta de que estava conversando com as costas da russa.

Natashya se inclinou e levantou o galão de gasolina sem dizer uma só palavra. Depois foi até a beira da estrada que dava para a selva, onde estava Leslie com o celular na orelha.

A russa se apressou para alcançá-la, o que não parecia nada bom a Lourds.

— Me dê o telefone — ordenou Natashya a Leslie.

Leslie a olhou e logo em seguida lançou um olhar a Lourds para pedir-lhe ajuda. Como não a obteve e Lourds não tinha nenhuma intenção de se imiscuir naquele conflito entre as duas mulheres, voltou o olhar para a russa.

Atrás dela Gary, Diop e Adebayo, por sua vez, recuaram um passo, para se afastar do perigo.

— O telefone — exigiu de novo Natashya.

— Com licença, mas neste exato momento estou tentando negociar...

Natashya esticou o braço para agarrá-lo, mas Leslie conseguiu bloquear a intenção dela somente porque a policial havia utilizado o braço ferido e por isso tinha sido mais lenta do que o normal.

— Sua imbecil! Como se atreve? — explodiu Leslie.

Lourds se colocou entre as duas e se deu conta imediatamente de que essa tinha sido a pior e mais estúpida decisão que já tomara em toda a sua vida. Antes que pudesse fazer qualquer coisa, Natashya o golpeou no pescoço com a lateral da mão e lhe varreu os pés do chão com um golpe nas pernas. Ele caiu de forma pouco elegante sobre as costas e com impacto suficiente para lhe tirar o ar dos pulmões.

Natashya tirou a arma da cintura e apontou para Leslie entre os olhos.

— O telefone... agora mesmo! — disse Natashya.

Por mais incrível que pudesse parecer, Leslie se lançou sobre ela brandindo o telefone com a mão como se fosse um porrete prestes a explodir no rosto da russa. A policial aparou o golpe com a arma e arrancou o celular da mão da outra, mas o pegou antes que chegasse ao solo.

Leslie voltou a se levantar, mas Natashya se afastou e lhe deu uma bela rasteira. Leslie caiu no chão ao lado de Lourds, que ainda não tinha recuperado o fôlego.

Natashya se agachou e pegou também o celular de Lourds. Depois pediu os de Gary e Diop. Ambos, tensos e assustados, lhe entregaram sem resistência.

— Gallardo e sua gente estão nos rastreando — disse Natashya enquanto jogava os aparelhos no chão. — Foi assim que eles nos encontraram. Sabem onde estamos pelos sinais que os telefones enviam ao sistema de satélites de posicionamento global. E mais provavelmente graças ao seu, já que não deixou de utilizá-lo — assegurou, franzindo a testa em direção a Leslie.

Esta respondeu algo totalmente impróprio para uma dama e nada que pudesse ser interpretado como algum tipo de elogio.

Natashya não lhe deu importância e pegou o galão de gasolina.

— Eu não me importaria nem um pouco em ter outra oportunidade de enfrentar Gallardo e seus homens, mas não acho que vocês consigam resistir a outro ataque — disse Natashya, jogando gasolina sobre os telefones.

— O que você está fazendo? — perguntou Leslie com incredulidade.

— Assegurando-me de que não possam voltar a nos seguir — respondeu Natashya.

Lourds inspirou fundo pela primeira vez desde que havia sido derrubado ao chão, bem no momento em que Natashya se ajoelhava e acendia o fogo com um isqueiro. A chama logo se ergueu quando a gasolina queimou rapidamente e resplandeceu na escuridão. Depois de alguns poucos segundos, os telefones começaram a derreter.

— E se precisarmos de ajuda? Por acaso você pensou nisso? — perguntou Leslie, colocando-se em pé.

— Se precisarmos de ajuda, nós nos ajudaremos — replicou Natashya dirigindo-se para sua moto. — Certamente, precisaremos muito mais de ajuda se Gallardo nos localizar. Voltem para o carro. Temos que nos afastar daqui o quanto pudermos e o mais rápido possível.

Com cuidado e perguntando-se se tinha algo quebrado, torcido ou arranhado, Lourds se levantou. Ficou quieto por um momento e sentiu o calor que desprendia do fogo.

— Você que a trouxe — disse Leslie, acusando Lourds.

Sabia que isso não era totalmente verdade, mas não iria discutir com Leslie.

— Talvez seja melhor nos apressar e seguir adiante.

Natashya não deu nenhuma mostra de querer esperá-los. Passou uma perna por cima da moto e apertou a ignição para fazer funcionar o motor. O rugido surdo do escapamento vibrou na selva e calou os sons da noite. Depois de alguns instantes acendeu o farol da moto, que desfez a escuridão.

Lourds recolheu seu empoeirado chapéu do chão, vestiu na cabeça, jogou terra com os pés sobre os telefones para apagar o que restara da pequena fogueira e deslizou para trás do volante da velha perua. Diop, Gary e Adebayo subiram atrás.

Leslie permaneceu um momento do lado de fora do carro com os braços cruzados, e uma atitude tão obstinada como de uma criança teimosa.

Natashya arrancou fazendo um grande estrondo.

— É uma longa caminhada, Leslie. Mesmo daqui. E você não vai

gostar muito da vizinhança... — comentou Lourds.

Batendo os pés, Leslie foi até o carro, abriu a porta e entrou. Sentou-se com os braços cruzados e olhou em direção à motociclista que se distanciava na escuridão.

— Ela não é a minha chefe — disse mal-humorada.

Lourds não abriu a boca. Colocou o carro para funcionar e trocou de marcha. Foram ganhando velocidade conforme seguiam a moto. O professor esperava que Leslie percebesse que ele não estava interessado em continuar com aquela conversa. Não iria fazer bem para ninguém. Por mais que falassem sobre os telefones, eles continuariam derretidos; o que tinha acontecido agora fazia parte do passado. E ele não estava bem certo se a russa tinha agido errado. Era ela a mais bem preparada para essas situações difíceis. Não a seguir seria uma estupidez.

— Por que você não fez alguma coisa? — perguntou Leslie.

Apesar dos seus esforços para interceder, graças aos quais havia ganhado uma boa coleção de machucados, não valia a pena explicarlhe que ele havia tentado.

— Não posso acreditar que você deixou que ela queimasse o meu telefone.

“Vai ser um longo caminho até a cidade”, pensou o professor.

*

CAVERNA 41

CATACUMBAS DA ATLÂNTIDA

CÁDIZ, ESPANHA

— O senhor está bem, padre?

O padre Sebastian olhou para Dario Brancati. O capataz estava a seu lado e parecia estar tão cansado e abatido quanto ele.

— Estou bem, Brancati. Cansado, só isso. Nada que algumas boas horas de sono não possam remediar. Também fariam muito bem a você — disse Sebastian.

— Eu dormirei quando tivermos acabado com tudo isso aqui. Sinto muito por tê-lo despertado.

Segundo o relógio de Sebastian, eram quase três da manhã. Tinha dormido apenas quatro horas, apesar de ter prometido a si mesmo quando foi para a cama que acordaria mais cedo.

— Eu teria esperado mais, mas achei que talvez quisesse ver isto — disse Brancati.

— Sim, fez bem — disse Sebastian.

O capataz ofereceu-lhe uma lanterna e um capacete.

— Já tenho um — disse o padre, ao mesmo tempo em que colocava o seu.

— As pilhas da lanterna de seu capacete são novas? — perguntou Brancati.

— Não sei — respondeu Sebastian, meneando a cabeça.

— Por isso precisa de um capacete novo — disse Brancati.

Os dois guardas suíços que o acompanhavam também levam capacetes novos. O padre lutava para lembrar-se de seus nomes — Peter era o que tinha uma pequena cicatriz na sobrancelha. Resultado de uma briga com o irmão quando ainda eram crianças, alguma coisa sobre um brinquedo ou algo assim... O outro era o Martin, bons homens, os dois. Insistiram para que ele pusesse um colete salva-vidas com braçadeiras se por acaso tivessem que o tirar dali apressadamente. Todos seguiram Brancati e a sua equipe até a caverna 42.

Uma energia nervosa o inundou conforme avançava pela água, que chegava até a cintura. As bombas rugiam enquanto extraíam água sem cessar. Boa parte do alagamento já havia sido retirado, mas as equipes continuavam vigilantes para o caso de aparecer outro vazamento. O radar de solo havia confirmado a presença de água do outro lado de várias paredes. Estavam caminhando por uma bolha na rocha, a 45 metros abaixo do nível do oceano.

O solo estava escorregadio. Na água negra como petróleo, continuavam flutuando, praticamente submersos, corpos e restos de cadáveres.

De repente Sebastian notou que algo roçava em sua perna: viu que uma caveira subia flutuando um momento antes de desaparecer de

novo.

— Vamos acabar de retirar toda a água em poucos dias, padre — assegurou Brancati. Sua voz se deixou ouvir na caverna, embora quase afogada pela vibração dos motores de aspiração que seguiam trabalhando sem descanso.

— Que magnífico — disse Sebastian enquanto seguia pelas criptas. Nesse momento bem poucas delas continuavam ocupadas.

— Nós não vimos isso aqui antes, padre, porque não estivemos tempo suficiente na caverna antes que ela inundasse. E agora, quando o encontramos... ninguém conseguia acreditar — assegurou Brancati.

Depois de alguns minutos, Sebastian viu a descoberta.

Era uma porta imensa, de quase cinco metros de largura. Sua forma oval resplandecia à luz dos holofotes e tinha uma estrutura metálica imprensada nela. Alguns estranhos símbolos cobriam sua superfície. Quando os observou com mais atenção, os símbolos tilintaram e tremeram. Depois de poucos segundos depois, foi capaz de ler o que estava escrito:

**Eis os mortos que nós honramos.
Este lugar está protegido, a mão de
Deus o guarda. Estas pessoas viveram
na terra sagrada de Deus. Permita
Ele que descansem em paz.**

Sebastian voltou a ler a inscrição. Quando tentou concentrar-se, não pode lê-la novamente. Só viu os símbolos, mas ele estava convicto daquilo que tinha lido na primeira vez.

No centro da porta, estava a mesma figura que havia visto no colar do homem morto. Alto e bem-apessoado, com um livro na mão e a outra estendida, disposta a ajudar a quem necessitasse.

Debaixo da figura, havia um selo que o padre reconheceu graças a uma informação que lhe havia proporcionado o papa Inocêncio XIV. Era uma reluzente mão apoiada sobre um livro aberto do qual saíam chamas.

Ficou gelado; aquela impressão quase lhe paralisara o coração.

— É uma espécie de liga de metal — disse Brancati. — Ainda não sabemos qual. A forma como essa porta foi prensada na rocha é muito sofisticada para o tempo em que isso foi feito. Hoje em dia não poderíamos fazer o mesmo. Não dessa forma. Não consigo encontrar uma explicação.

— É uma técnica perdida — comentou um dos operários. — O mesmo que aconteceu com a forma como os egípcios construíram as pirâmides. Nós podemos imaginar como eles as faziam, mas não temos certeza.

— Meu Deus! — Sebastian sussurrou com voz rouca ao dar um tropeção enquanto caminhava. Se um dos guardas suíços não o houvesse segurado, ele teria caído. Tocou o selo.

Ainda estava bem nítido e as bordas não haviam se desgastado com o passar do tempo. Brilhava como se tivesse sido colocado ali no dia anterior.

“É verdade. É tudo verdade”, pensou enquanto passava sua mão trêmula por cima dele.

— Padre — disse um dos guardas suavemente. Era Peter.

— Estou bem. Solte-me, por favor — disse Sebastian.

O guarda obedeceu a contragosto, mas permaneceu por perto.

Um medo congelante se apoderou do padre. Esse medo não tinha nada a ver com a água que havia do outro lado das paredes rochosas da caverna, esperando para inundá-los. O terror que sentia se centrou na imagem engastada na enorme porta que tinha diante dele. Colocou-se de joelhos e sentiu que a fria água salgada por onde tinha avançado lhe subia até o peito.

Cruzou as mãos diante do peito e rezou pedindo misericórdia e salvação, não só por ele como também por todas as almas que foram perdidas quando a Atlântida havia desaparecido no oceano.

Deus não havia sido misericordioso então. Não podia. A perda de seu filho e a insolência mostrada pelos reis sacerdotes da Atlântida eram imperdoáveis.

Por isso havia arrastado aquela ilha continental sob o mar.

“Mas por que isso está aqui agora? Para voltar a nos testar? É isso o que quer fazer, Senhor? Testar-nos mais uma vez?”, pensou.

Se aquilo fosse uma prova, Sebastian temia que voltassem a fracassar. Imaginou que até ele sucumbiria ante a tentação daquilo que havia atrás da estranha porta de metal.

Se ele fizesse isso, o mundo estaria novamente condenado.

*

HOTEL DO AEROPORTO DE LAGOS

LAGOS, NIGÉRIA

11 DE SETEMBRO DE 2009

Lourds olhava de vez em quando para as imagens do sino, do címbalo e do tambor na tela do *notebook*, mas trabalhava em um bloco de folhas amarelas pautadas que havia comprado a caminho do hotel. Natashya não ficara muito feliz com essa parada, mas ele havia explicado que precisava do material.

Seu cérebro soltava faíscas enquanto comparava as quatro línguas que apareciam nos três instrumentos. Trabalhava febrilmente, intercambiando valores e palavras, ideias e suposições sobre as quais havia meditado durante a longa viagem de carro de volta para Lagos.

Nem sequer correr para salvar a sua vida fora suficiente para desconectar o professor desse diálogo interno em seu cérebro, que tanto amava o quebra-cabeça das línguas e culturas. Essa era sua verdadeira paixão.

Assim que chegaram ao hotel, foram para a recepção e depois subiram para seus quartos. Leslie havia conseguido que todos ficassem no mesmo andar.

No entanto, não haviam manifestado nenhum sentimento de camaradagem. Todos eles — exceto Diop e Adebayo, que se comportavam como amigos que não se viam há muito tempo — tinham preferido ficar em quartos separados.

Lourds não queria intervir no conflito entre as mulheres e tampouco estava muito certo sobre qual delas demonstrava mais lealdade. Leslie tinha conseguido levá-los até ali e o fator de suas relações íntimas era

algo a se pesar, mas ele nunca havia deixado que o sexo se interpusesse em seu trabalho. Suspeitava que ela pensasse da mesma forma.

Infelizmente, os dois também se viam impulsionados pelo mesmo desejo de se destacar em seu trabalho. Algo que os colocava em lados opostos no tocante aos instrumentos.

Natashya tinha sua própria prioridade em vingar a morte de sua irmã. Pensou que essa necessidade nascia não somente da questão pessoal da morte de Yuliya como também da motivação que a havia levado a converter-se em agente de polícia em Moscou.

O problema de Lourds era que estava a ponto de explodir pensando em tudo aquilo que realmente estavam buscando. Necessitava de uma caixa de ressonância, alguém com quem pudesse conversar sobre todas as ideias que ferviam em sua cabeça.

E não lhe parecia justo não compartilhar isso com Leslie.

Mas não podia.

Olhou as notas que havia tomado nas últimas páginas do bloco de papel e soube que, se discutisse o que supunha ser verdade, ficaria louco.

Havia chegado o momento de tomar decisões.

Em última instância, o que precisava era que a pessoa mais imparcial escutasse suas teorias. Pensou que Leslie não era esse alguém. Se ele lhe dissesse o que acreditava ser verdade, ela iria viajar mais e mais e o empurraria para dar passos cada vez mais enlouquecidos. Mas ele precisava agora de uma base sólida para finalizar o seu trabalho.

Deixou o bloco de anotações na cama, foi até o frigobar e tirou de lá duas cervejas. Tinha acabado de tomar banho e usava bermudas e uma velha camiseta de futebol. Deteve-se um momento na porta e se perguntou se realmente necessitava que o escutassem, chegou à conclusão de que sim.

Ter que explicar coisas, concentrar-se em colocar em perspectiva tudo o que passava pela sua cabeça e compor um resumo de seu discurso lhe permitia ver tudo e pensar com mais clareza. Pode ser que tudo isso se devesse ao professor que levava dentro de si, mas também acreditava que o fato de falar o fazia pensar de uma forma mais linear.

Era o que Lourds precisava nesse momento.

Voltou o olhar em direção ao bloco de anotações em cima da cama. A palavra Atlântida estava sublinhada e dentro de um círculo cheio de asteriscos. Precisava mesmo daquilo, de discutir o assunto com alguém.

Saiu do seu quarto levemente apreensivo.

*

Ele bateu à porta. Esperou um momento no corredor e se sentiu ridículo e vulnerável ao mesmo tempo, porque sabia que estaria sendo visto pelo olho mágico da porta.

“E certamente estará voltando a colocar a trava na arma”, imaginou.

Bateu de novo, pensando que talvez ela estivesse na cama. Era um pouco depois das cinco horas da manhã.

— O que você quer? — perguntou em russo.

— Eu trouxe um presente — disse Lourds, tentando sorrir e levantando as garrafas de cerveja.

— Tenho minhas próprias bebidas, que inferno. Suma! — disse Natashya.

Parte de sua confiança se desvaneceu e Lourds baixou as garrafas.

— Preciso conversar — disse Lourds.

— Sobre o quê? — perguntou Natashya.

— Consegui decifrar parte das inscrições dos instrumentos.

— Ótimo! Conversaremos sobre isso pela manhã — disse Natashya.

— Eu quero conversar sobre isso agora — disse Lourds.

— Agora não podemos fazer nada. Vá dormir — disse Natashya.

Hesitou. Mas ele sabia que estava se comportando como uma criança mal-educada.

— Não consigo dormir — disse Lourds.

— Tome as cervejas, assim você conseguirá dormir. Você teve um dia muito agitado.

O professor tentou encontrar outra linha de argumentação, mas não conseguiu e se sentiu frustrado.

— Preciso saber se estou indo pelo caminho certo — disse Lourds.

— Não sou linguista, não posso ajudá-lo nisso — disse Natashya.

Incapaz de rebater aquilo, Lourds se desculpou por tê-la despertado e foi embora. Não havia dado três passos quando ouviu que a porta se abria e ela o chamava. Parou e deu a volta.

Mesmo de pijama e com o cabelo solto, estava linda. Naturalmente, a arma que levava em sua mão contrastava com seu recatado aspecto.

— Entre, mas, se tentar ultrapassar o sinal comigo depois do dia que tive, eu lhe dou um tiro na cara — disse Natashya.

*

Lourds não conseguia ficar quieto e ia de um lado para o outro no quarto. Quanto mais falava, mais carregado de energia se sentia. Cada palavra que pronunciava parecia avivar o fogo que ardia em seu interior.

Natashya estava sentada na cama com o queixo apoiado nos joelhos e a arma sobre o travesseiro a seu lado. Ele se deu conta de que tampouco ela havia dormido. Havia permanecido ali sentada, pronta para entrar em combate.

Ela bebia a cerveja enquanto o ouvia, mas a dele já havia perdido o gelo e estava quente apoiada numa mesa lateral quando os raios de sol começaram a esquentar os vidros da janela do outro lado das cortinas.

— As inscrições falam de uma ilha-reino. Creio que se referem a Atlântida — disse Lourds.

— Atlântida — repetiu Natashya, como se por um momento não acreditasse no que ele dizia.

— É nisso que eu acredito, embora eles não utilizem esse nome — disse Lourds.

— E qual utilizam? — perguntou Natashya.

O professor meneou a cabeça antes de responder:

— Teria que conhecer melhor a língua para poder responder. O que preciso saber é substituir palavras e ideias pelos símbolos naquelas inscrições. Posso usar o nome que usam para se referir à ilha por Atlântida e inclusive chamar seus habitantes de “atlantes”, mas isso não significa que essas palavras estejam ali.

— Então, por que a ilha foi chamada de Atlântida? — perguntou Natashya.

— Esse é o nome com o qual Platão a identificava em seus discursos. Posteriormente chamaram assim o oceano em que ela afundou — disse Lourds enquanto tentava estruturar tudo o que tinha em sua cabeça. — Por enquanto, permita-me que eu a chame assim.

— Você sabe que a Igreja Católica Romana acredita que encontrou Atlântida? Isso saiu em todas as notícias — disse Natashya.

— Pouco importa que eles a acharam ou não. Ali não há nada que valha a pena — disse Lourds.

Natashya sorriu e moveu ligeiramente a cabeça.

— Mas você tem absoluta certeza disso? — perguntou Natashya.

— Sim. Aquilo está sob o mar há nove ou dez mil anos. Isso danifica todo tipo de objetos, embora, segundo algumas circunstâncias específicas, muitos conseguem resistir, como a cerâmica, pedras talhadas ou ouro. Ainda assim, duvido muito que sejam diferentes dos que já foram encontrados dessa época. Você acha que irão encontrar algo em especial? — perguntou Lourds.

— Não sei, professor Lourds, mas descobri que o mundo está cheio de coisas muito estranhas. Por exemplo, a situação em que nós nos encontramos. Sempre soube que podiam me matar cumprindo com o meu dever. Assim é o meu trabalho. Mas que eles pudessem matar Yuliya por causa de um objeto que ela havia desenterrado... Isso nunca nem passou pela minha cabeça — disse Natashya.

Fez uma pausa, mas Lourds ficou calado, então ela decidiu acabar de dizer o que queria.

— E além do mais — continuou a policial —, no mundo há coisas que têm existido durante milhares de anos e continuam aí até nossos dias. As pirâmides, as tumbas dos faraós ou os vários documentos antigos que sem dúvida você deve ter lido.

— Sim, mas esse lugar em Cádiz estava há milhares de anos debaixo da água até que o tsunami o levantou do fundo do oceano. Não vão encontrar nada de novo ou de diferente por lá — disse Lourds.

— Então, por que a Atlântida é tão importante? — perguntou Natashya.

— Não sei. O que eu sei é o seguinte: calhou de ser o lugar onde todas as coisas mencionadas nas inscrições aconteceram...

— Mas o que aconteceu? — perguntou Natashya.

— Um cataclismo — respondeu Lourds.

— A ilha afundou — disse ela.

— Sim, mas, pelo que consegui traduzir, os autores das inscrições acreditavam que Deus a afundara — disse Lourds.

— E você não acredita nisso? — perguntou Natashya.

O professor suspirou.

— Não sou um daqueles que acreditam que Deus se envolva em nossas vidas até esse ponto — respondeu. — Estou seguro de que ele tem outras coisas para fazer mais importantes do que ficar atendendo às nossas preces.

— Não creio que essa gente rezasse para que a ilha onde moravam afundasse — disse Natashya.

— Certamente não — disse Lourds, contraindo as sobrancelhas.

— As inscrições dizem por que Deus afundou a ilha? — perguntou Natashya.

— Por que estava irritado com seus habitantes — respondeu Lourds.

— Segundo o Antigo Testamento, ele se irritava muitas vezes.

— Isso não é nada de novo, não é verdade? — disse Lourds.

— Por que você está tão interessado nisso, então? — perguntou Natashya.

— Porque tudo isso se encaixa com o que Adebayo me contou sobre a Terra Submersa. Esse foi o nome que deu ao mundo que afundou — disse Lourds.

— Não ouvi o que ele disse... — falou Natashya.

O professor então se deu conta de que não tinha tido a oportunidade de contar a história a ela durante a viagem de volta para Lagos. Depois de um resumo, continuou:

— O que mais me fascina é que Adebayo disse que, naqueles tempos, todo mundo falava a mesma língua. Ninguém sabia outros idiomas.

— Não há uma história bíblica a respeito disso? — perguntou Natashya.

— Sim, uma muito famosa. Sobre a Torre de Babel.

— Sim, isso mesmo, eu me lembro dela. Os homens decidiram

levantar uma torre para chegar até o Céu e se unir a Deus. Ao ver isso, Deus destruiu o que unia a humanidade e fez com que se dividissem e falassem diferentes línguas — disse Natashya.

— Exatamente. Acredita-se que a Torre de Babel foi construída na Babilônia. Supõe-se que essa seja a razão de essa região ser chamada assim. O nome provém da língua acadiana e sua tradução é, mais ou menos, “porta de Deus” — disse Lourds.

— Por que você está falando sobre a Torre de Babel? Eu achava que se tratava da Atlântida.

Lourds suspirou. Sua mente trabalhava a toda velocidade ultimamente. Em vez de reduzir, parecia acelerar-se cada vez mais.

— Porque, se há algum lugar no qual uma só língua impere entre seus habitantes, o mais lógico a se supor é que esse lugar fosse uma ilha — respondeu ele.

— E o que você me diz sobre o Crescente Fértil?¹ Dizem que a humanidade procede dali — disse Natashya.

— Os dados arqueológicos são bem claros, assim não colocarei isso em dúvida. O que estou sugerindo é que um grupo dessas pessoas se lançou ao mar, encontrou uma maravilhosa ilha no oceano Atlântico e criou uma sociedade como não havia sido vista até então.

— Por quê? — perguntou Natashya.

— Por que Platão disse que assim era a nação que ele chamou de Atlântida — respondeu Lourds.

— Também existem pessoas que dizem que isso é pura invenção.

— Pode ser que seja — retrucou ele —, mas seja lá como for, essa ilha, a mesma que fabricou os artefatos, de acordo com as inscrições que traduzi, era bem real. Se alguém fez algo tão ambicioso naqueles tempos, como a construção de uma torre tão alta que ameaçaria Deus, por que não poderia ser a Atlântida?

— O que você está dizendo? — perguntou Natashya.

— Estou sugerindo que uma civilização muito avançada naquela ilha e que produziu esses instrumentos também pode ter construído a Torre de Babel.

— Nas escavações não parece haver nenhum arranha-céu escondido entre os escombros. Nas notícias não foi dito nada a esse

respeito — disse Natashya.

— Pelo que eu tenho visto, não encontraram nada que se pareça com uma cidade. Quando a ilha afundou, pode ter desaparecido tudo o que havia na sua superfície. Eles também não encontraram muitas coisas nas cavernas — disse Lourds.

— Foi encontrada uma porta — disse Natashya.

— Que porta? — perguntou Lourds, pois ele não havia ligado a televisão em seu quarto.

Natashya pegou o controle remoto e ligou o seu aparelho. O programa da CNN em que falavam sobre a descoberta de uma estranha porta metálica nas cavernas apareceu na tela.

A incredulidade de Lourds foi aumentando enquanto ele assistia ao noticiário. A câmera focalizou a porta e junto ele soltou um grito engasgado, incapaz de acreditar no que seus olhos viam.

O jornalista disse: “Nas imagens que nos foram enviadas pela assessoria de imprensa do padre Sebastian, podemos ver claramente a porta. Por hora, a equipe de escavação não pode seguir adiante. Segundo minhas fontes, os arqueólogos temem a possibilidade de um colapso potencial da estrutura caso as escavações continuem. Por enquanto, eles continuam avançando muito cautelosamente”.

Lourds pegou o papel e a caneta de uma mesa ao lado e, após se colocar em frente ao aparelho de televisão, começou a escrever freneticamente.

— O que houve? — perguntou Natashya.

— A inscrição gravada na porta — explicou Lourds com a voz rouca.

— É a mesma língua e o mesmo grupo de caracteres que as inscrições que estou decifrando nos instrumentos.

*

“Você não deveria estar fazendo isso”, pensou Leslie enquanto passava o cartão magnético pela fechadura do quarto de Lourds. Embora soubesse que o faria desde o momento em que pegou a chave extra do quarto dele na recepção do hotel.

Tinha tentado continuar irritada com ele por não ter impedido que

Natashya queimasse o seu telefone, mas não conseguiu. No fim das contas, Lourds era a história que a jornalista tinha vendido para a sua produtora e precisava dele. Ele iria lhe proporcionar um triunfo profissional.

E mais ainda, queria esse homem por motivos pessoais. Havia dormido por tempo suficiente durante a viagem de volta para não poder mais conciliar o sono. Não havia nada como o sexo para acalmar suas emoções quando se sentia como estava naquele momento.

Entrou no quarto de Lourds e encontrou todas as luzes acesas. Leslie esperava encontrar o professor ou na cama, ou trabalhando na mesa. E imaginou que ela a veria no minuto em que passasse pela porta. Haviam estado um pouco nervosos um com o outro depois das aventuras dos últimos dias. Vê-la entrar teria eliminado o fator surpresa, mas não achava que aquilo diminuísse o desejo que sentiam. Ambos passavam momentos muito bons na cama. E Leslie tinha certeza de que ele pensava o mesmo.

A única coisa é que ele não estava no quarto.

Enfureceu-se com a ideia de que ele podia estar perambulando pelo hotel, apesar das severas ameaças proferidas por Natashya sobre todos passarem despercebidos. Será que aquele homem decidira arriscar o pescoço e a história dela?

Começou a desfazer a cama. Quando ele voltasse de onde quer que estivesse, a encontraria ali e poderiam desfrutar de um sexo reconciliador. Quase sempre era o melhor remédio. Não podia acreditar que Lourds estivesse muito irritado pelos rancorosos sentimentos que ela havia demonstrado com relação a ele nos últimos dias, embora aquilo tampouco esfriasse seu entusiasmo.

Então, viu o bloco de anotações em cima da mesa, com a esmerada caligrafia dele. Uma palavra saltava à vista.

“Atlântida.”

Fascinada, Leslie pegou o bloco e o folheou. Essa palavra aparecia várias vezes, Atlântida, Atlântida... Como se ele tivesse chegado uma vez e outra mais à mesma conclusão:

“Ilha-Reino. Terra Submersa. Desafio a Deus, Uma língua. Atlântida.”

Esqueceu suas ânsias sexuais, pegou o bloco de anotações de

Lourds, o levou para o seu quarto e tirou fotos das páginas com sua câmara digital. Seu coração batia freneticamente, pois ela achava que ele poderia voltar a qualquer momento.

Mas ele não voltou.

Quando acabou, levou o bloco de novo para o quarto de Lourds. Seus pensamentos entraram num verdadeiro turbilhão. Aquilo era mais importante do que havia pensado. Era ouro puro. Se pudesse vincular o nome de Lourds às escavações da Atlântida de algum modo, e relacionar a tudo isso o sino que haviam descoberto em seu programa, os índices de audiência disparariam até o teto.

E não só isso, ela também poderia vender outra série. Talvez, inclusive, por muita grana. Se as escavações da Atlântida na Espanha se tornassem algo muito importante, e estavam cada vez mais interessantes por causa da descoberta da misteriosa porta, ela poderia abocanhar parte daquela história graças aos objetos que eles estavam buscando.

Seu entusiasmo ia aumentando na mesma intensidade que seu desejo sexual. Deitou-se na cama e esperou impaciente.

*

Depois de mais uma hora, Lourds finalmente já não podia falar mais. O entusiasmo seguia borbulhando em seu interior e não conseguia afastar de sua mente a imagem da enorme porta que havia sido descoberta pelo padre Sebastian.

Não conseguia acreditar que Natashya continuasse acordada.

— O que vamos fazer? — perguntou Natashya.

— Diop e Adebayo chamaram os outros guardiões — disse Lourds enquanto se sentava à beira da mesa que havia do outro lado do quarto.

— Nós iremos nos reunir com eles em Londres.

— Eles levarão os instrumentos? — perguntou Natashya.

— Sim.

— Eles estão demonstrando confiar muito em nós — disse Natashya.

— Não — corrigiu Lourds. — Você está equivocada. O que eles demonstram é que estão desesperados. Gallardo e seu chefe têm dois

dos instrumentos. Se ele conseguir decifrá-los, e não há nenhuma razão para que não possam fazê-lo...

Natashya esboçou um sorriso maroto:

— Você está admitindo que possa existir mais alguém tão capacitado em questões linguísticas quanto você?

— Quem quer que esteja nos perseguindo sabe mais do que nós sobre o que estamos procurando — disse Lourds.

— E será que ele sabe sobre a Atlântida? — perguntou Natashya.

Lourds não hesitou. Ao ouvir aquela pergunta, pareceu a ele que tudo ficara ainda mais claro:

— Certamente — respondeu.

— Você pensou sobre a postura da Igreja a respeito disso tudo? — perguntou Natashya, franzindo a testa.

— A Igreja? A Igreja Católica? Por que ela...

— Estaria financiando uma escavação no que pode ser a Atlântida? — interrompeu Natashya. — Eu também me perguntei sobre isso. Que possível interesse pode ter ali a Igreja Católica Romana?

Lourds refletiu sobre aquilo; não havia lhe ocorrido relacionar esses dois temas — a Atlântida e as escavações da Igreja — com os instrumentos. Entretanto, em vista dos potenciais vínculos com a Atlântida e conhecendo a grande quantidade de documentação à sua disposição, como eles não saberiam?

Sentiu um grande desassossego ao pensar nas repercussões. A Igreja dispunha de uma rede de contatos e de influência que atravessava o mundo. Se existia alguém que pudesse procurar algo durante centenas ou até milhares de anos, esse alguém era a Igreja Católica Romana.

— Creio que estamos nos antecipando — disse Lourds.

— Mesmo? — inquiriu Natashya, arqueando uma sobrancelha.

— Você está sugerindo uma conspiração — disse Lourds.

— Em meu trabalho vejo conspirações a todo instante. Conspiração para cometer um assassinato. Conspiração para perpetrar um roubo. Conspiração para montar uma fraude. Em tudo isto há algo oculto, e que talvez tenha estado assim durante milhares de anos. Agora começa a sair à luz. Não acha que alguém iria querer controlá-lo?

O que ela dizia tinha sentido considerando o que sabiam sobre as pesquisas envolvidas, e isso trouxe Lourds de volta ao seu bom-senso.

— Ninguém podia adivinhar que o tsunami levaria para a superfície esse pedaço de terra na Espanha — disse Lourds.

— Pode ser que alguém quisesse que ela nunca aparecesse de volta. Quando alguém desova um corpo no rio Moscou, não espera que ele volte a aparecer, embora isso aconteça de vez em quando — disse Natashya.

— Você está falando de um assassinato. Depois de um século ou algo assim, todo mundo que estivesse relacionado com ele já teria morrido.

— Estou falando de um acontecimento. Você mencionou o afundamento da Atlântida, a destruição da Torre de Babel. São coisas de grande alcance e as únicas que você conhece até agora. E se houver mais?

O professor pensou naquilo. Havia mais. *Tinha* que haver mais. Se os instrumentos não tivessem importância para *alguém*... Por que assassinaram Yuliya?

— Vamos continuar procurando — disse Lourds.

— Conte com mais resistência — advertiu Natashya. — Estou certa de que a pessoa que está por trás de Gallardo não quer que você chegue muito longe.

Ele assentiu e se colocou em pé.

— Com certeza, você tem razão — disse Lourds.

— Tenho mesmo. Por isso Gallardo e seus homens têm tentado nos matar — disse ela, abraçando os joelhos.

— É melhor que eu vá para o meu quarto — sugeriu Lourds, caminhando em direção à porta. — Será melhor se você conseguir dormir algumas horas antes de pegarmos o avião esta tarde — disse Lourds.

Estava com a mão na maçaneta quando a ouviu dizer:

— Não tenho sono.

Ele a olhou por um momento e se perguntou no que implicavam aquelas palavras.

— A menos que acredite que esteja sendo infiel — disse Natashya.

— Não — assegurou Lourds, voltando em direção à cama.

Leslie não havia voltado a deitar-se com ele desde que estavam na Nigéria e ultimamente não parecia muito contente com ele. Imaginou que era precisamente por isso.

Natashya o recebeu de braços abertos.

*

Uma brusca batida na porta o despertou. Quase não havia aberto os olhos quando Natashya se afastou e passou por cima de seu corpo com a arma na mão. O lençol deslizou e deixou ver seu corpo nu.

Então a porta se abriu e apareceu Leslie.

— São mais de 11 horas. Se vocês não se levantarem, perderão o avião — disse Leslie, olhando para Lourds. — Você é um autêntico safado.

Lourds não soube o que dizer, então permaneceu calado.

— Eu posso lhe dar um tiro — comentou Natashya em russo, sem fazer nenhum movimento para se cobrir.

— Não — grunhiu ele, enquanto sua mente se aclarava e tentava encontrar a maneira de agarrar-se a um pensamento coerente.

Sem dizer mais uma só palavra, Leslie saiu do quarto e passou como um raio entre Gary, Diop e Adebayo. Estes dois últimos tentaram conter o riso.

— Cara, foi impossível. Tentei convencê-la a não usar a chave extra, porém, quando imaginou onde você estaria, não teve saída — disse Gary.

— Quer fechar a porta, por favor? — disse Lourds.

Gary lhe lançou um breve cumprimento e a fechou.

Natashya levantou da cama e se dirigiu ao banheiro para tomar uma ducha.

Lourds permaneceu deitado e se sentiu como o prêmio não desejado de uma competição. Se não fosse pelo fato de ter gostado demais de tudo aquilo, talvez se sentisse mal. Mas se fixou no sugestivo contorno do quadril de Natashya, até que ela se deu conta de que ele estava olhando.

Pegou a camisa que estava em cima da mesa e a lançou para ele.

— Vista-se! — disse Natashya.

— Poderíamos tomar banho juntos, assim ganharíamos tempo — sugeriu Lourds.

Natashya o olhou e sorriu.

— Se eu for me basear pelo que ocorreu esta noite, demoraríamos ainda mais — assegurou Natashya, fechando a porta do banheiro.

Lourds soltou um grunhido e se obrigou a levantar-se da cama. Dadas as circunstâncias, o voo prometia ser muito longo até Londres. Por sorte, poderia ficar encapsulado na tradução das inscrições. Se tudo saísse bem e sua sorte mudasse, poderia tê-la acabada assim que aterrissasse.

1. O Crescente Fértil é uma região que compreende os atuais Israel, Cisjordânia e Líbano, além de partes da Jordânia, Síria, Iraque, Egito, do sudeste da Turquia e sudoeste do Irã. O termo “Crescente Fértil” foi dado em referência ao fato de o arco formado pelas diferentes zonas assemelhar-se a uma lua crescente. Essa região viu nascer os primeiros assentamentos agrários conhecidos, há 11 mil anos. As mais antigas cidades, estados e escritos de que se tem notícia apareceram mais tarde na Mesopotâmia. Essas descobertas permitiram apelidar a região de “Berço da Civilização”. (N. do T.)

CAPÍTULO

21

AEROPORTO INTERNACIONAL MURTALA MOHAMMED

LAGOS, NIGÉRIA

12 DE SETEMBRO DE 2009

—Ei!

Alertada pelo grito de Gary, Leslie levantou a vista para seu reflexo no vidro. Estava observando os aviões nas pistas de aterrissagem. Seu pai viajava muito a negócios para fora do país. Ela e sua mãe sempre o acompanhavam à Heathrow para se despedir dele. Os aviões a fascinavam. Sempre tinha gente que ia e vinha.

— O quê? — perguntou Leslie.

Gary encolheu os ombros timidamente. Parecia um nerd ali parado, com os fones de ouvido do iPod ao redor do pescoço. Então se deu conta de quão desagradável estava sendo com ele. Mas infelizmente, nesse momento não lhe importava muito. Mas sabia que logo o trataria melhor, assim que contivesse os comentários mordazes que estavam vindo à cabeça.

— Só queria saber se você estava bem — disse Gary.

— Estou bem — disse Leslie.

— Imaginei mesmo — disse Gary.

— Eu já sou bem grandinha — alegou Leslie, tentando controlar a amargura no seu tom de voz. — Ele não machucou o meu coração, a relação era baseada em sexo, só isso.

— Sim, eu sei. Já aconteceu algo semelhante comigo — confessou Gary com um sorriso torto. — É curioso, porque às vezes dizemos a nós mesmos que era apenas uma coisa de atração física, que não tinha importância... — disse Gary.

— Não tem importância — disse Leslie.

— ... Mas depois, no fim das contas, acabamos fazendo uma confusão — disse Gary se sentindo mais desconfortável. — Só queria lhe dizer que você não está só.

- Hoje em especial, você está querendo bancar o irmão mais velho?
- Um pouco — disse Gary.

Leslie olhou o reflexo de Lourds e de Natashya sentados nas poltronas próximas ao portão de embarque. Lourds trabalhava em seu bloco de anotações e a vaca russa lia uma revista e bebia água. Não estavam conversando.

— Então, se você está querendo dar uma de irmão mais velho, não deveria dar uma surra em Lourds? — perguntou Leslie.

— Não creio que seja uma boa ideia — replicou Gary, franzindo a testa.

— Por que não? Tenho certeza de que medo você não tem. Ele não passa de um professorzinho de uma universidade. Um sujeito duro e vivido como você não teria nenhum problema em lidar com gente como ele.

— Ele não me preocupa, o que me dá mais medo é sua nova namorada. Poderia me dar uns socos e pontapés na bunda sem pestanejar. Isso se ela não resolver me matar antes — replicou Gary.

— Que belo irmão mais velho... — murmurou Leslie.

Na cara de Gary apenas se desenhou uma expressão de pena.

— Só queria que você soubesse que estou aqui caso precise de algo — Gary deu meia-volta e se afastou dali.

Leslie suspirou. “Não deveria ter sido tão dura com ele, o pobre não tem culpa de nada”, disse a si mesma. Tomou um gole de sua bebida energética e voltou a observar os aviões. Em breve iria até ele e se desculparia por sua falta de educação, por sua grosseria. No momento, ela precisava ficar irritada.

Era a única forma de comportar-se com suficiente egoísmo para trair a confiança de Lourds e preocupar-se com sua carreira. Era isso que ela tinha que fazer. Além do mais, depois de tê-lo encontrado na cama com Natashya aquela manhã, ele merecia isso.

*

Passados alguns minutos, começou o embarque e Leslie viu que Lourds e Natashya pegavam suas coisas. Diop e Adebayo continuavam

conversando sobre o que vinham falando toda manhã enquanto se colocavam em fila, enquanto Gary encontrara uma jovem e conversava com ela.

Armou-se de coragem, terminou a bebida antes de jogá-la na lata de lixo e se dirigiu para os telefones na parede ao lado dos banheiros.

Após introduzir o cartão de crédito de sua empresa, digitou o número de seu supervisor.

— Wynn-Jones.

— Olá, Philip. É Leslie.

— Onde diabos você está? — perguntou Philip com uma voz que tinha se tornado imediatamente carregada de irritação.

— Na Nigéria — respondeu Leslie.

Wynn-Jones soltou um soberbo palavrão.

— Você sabe quanto está custando sua excursãozinha? — perguntou Philip.

— Não tenho nem ideia — respondeu Leslie com toda a sinceridade.

Ela havia deixado de fazer as contas depois de enviar as faturas dos primeiros milhares de libras que havia gastado.

— Você ultrapassou qualquer coisa que eu possa cobrir. Quando chegar de volta, já pode começar a enviar seus currículos. E você tem sorte de que nós ainda pagaremos sua passagem de volta — disse Philip.

— E você tem sorte de que eu não estou lhe pedindo um aumento de salário — disse Leslie.

Aquilo provocou mais uma série de palavrões do chefe.

— Philip — quando soou o último aviso de embarque de seu voo pelos alto-falantes, Leslie o conteve, chamando-o pelo nome. — Eu posso lhe dar a Atlântida.

Os xingamentos cessaram.

— Você me ouviu? — perguntou Leslie.

— Sim — disse Wynn-Jones com um tom de voz mais cauteloso.

— O que estivemos seguindo até agora, o sino de Alexandria, o címbalo encontrado na Rússia e o tambor na Nigéria, do qual ainda tão tive tempo suficiente para falar com você, estão relacionados com a Atlântida. Lourds o descobriu, posso prová-lo.

Wynn-Jones permaneceu em silêncio do outro lado da linha telefônica.

— Você não está falando isso por desespero, certo? Nem ficou louca por causa de alguma enfermidade das que costumam se manifestar nessas terras...

— Não — respondeu Leslie.

— Nem está bêbada em nenhum bar — disse Philip.

— Não, estou no aeroporto. Nós vamos para Londres — respondeu ela.

— Conte-me sobre a Atlântida — pediu Philip, receoso.

— Lourds traduziu as inscrições do sino, do címbalo e do tambor — disse Leslie entusiasmada e deprimida ao mesmo tempo.

Ela não gostava de trair a confiança de ninguém, mas naquele momento era uma questão de sobrevivência. Ela gostava muito de seu trabalho. Não amava Lourds. De forma alguma. Nem sequer... Ouvia o eco de sua amargura ricocheteando em seu cérebro e prestou atenção ao que queria dizer.

— Tenho a história da minha vida aqui, Philip — disse Leslie.

— Aquela coisa de enviar currículos era brincadeira, menina... — retratou-se Wynn-Jones, que quase choramingava para conseguir de novo a confiança dela. — Teremos que contornar algumas possíveis críticas, mas estou certo de que poderei conservar o seu cargo. A empresa gosta de seu trabalho.

Leslie sorriu ao ouvir aquilo.

— Ótimo. Então, não se importará de dizer-lhes que quero uma parte de tudo isso — disse Leslie.

— O quê?

— Você me ouviu. Quero uma porcentagem do produto final. Dos direitos de transmissão para as TVs, do livro e das vendas do DVD — disse Leslie.

— Isso é impossível — disse Philip.

— Também era demonstrar que se tratava da Atlântida — sorriu Leslie, e notou que parte da dor por ter encontrado Lourds na cama com Natashya já desaparecia. Estava a ponto de relançar sua carreira e em grande estilo. — Consiga isso para mim, Philip. Tenho que sair voando.

Desligou o telefone e ajustou a bolsa ao ombro enquanto se dirigia ao portão de embarque. Estava sendo uma autêntica bruxa, ela sabia disso, mas se justificou a si mesma. Não somente por uma questão de autoestima e por valorizar sua carreira, mas também porque se comportar assim seria a única forma de Lourds se lembrar dela. Os homens sempre se lembram das mulheres que devolvem as pancadas.

Era suficientemente egoísta para desejar que ele se lembrasse dela também.

*

HOTEL HEMPEL

LONDRES, INGLATERRA

14 DE SETEMBRO DE 2009

O último dos guardiões chegou ao cair da tarde. Lourds havia se oferecido para ir buscá-lo no aeroporto, mas ele não havia aceitado.

Quando Lourds abriu a porta da suíte particular do hotel Hempel, que Leslie tinha reservado para a surpresa deles, o aspecto do homem o pegou desprevenido. Era de altura mediana e porte atlético. Tinha a pele escura e os olhos castanhos. Uma faixa prateada prendia seu longo cabelo afastado do rosto. Usava jeans desgastados e uma camiseta de cambraia debaixo de uma jaqueta de couro com franjas. Deveria ter aproximadamente uns 25 anos.

— Professor Lourds? — perguntou com voz educada.

— Sim.

— Sou Tooantuh Blackfox, mas pode me chamar de Jesse.

Lourds esticou a mão em resposta ao cumprimento dele.

— Prazer em conhecê-lo, Jesse. Entre — disse Lourds.

Blackfox entrou com desprendimento e soltura em seu quarto, mas seus olhos percorreram imediatamente o lugar e se fixaram em tudo.

— Sente-se — lhe pediu Lourds, indicando uma ampla mesa de conferências que haviam levado para o quarto. Diop, Adebayo e Vang

Kao Sunglue, o outro guardião, já estavam sentados.

Natashya estava perto das janelas. Lourds supunha que ela já teria saído para “fazer compras”, atrás de alguma arma para substituir as que haviam deixado na Nigéria. Um longo casaco chegava até suas coxas.

Gary e Leslie estavam sentados de um dos lados. Lourds havia proibido filmar, no entanto não teve coragem de proibir a sua presença. Haviam feito uma longa viagem juntos.

Leslie também havia conseguido o computador com projetor que ele estava utilizando, um tipo de equipamento com que o professor estava familiarizado por seu trabalho na universidade.

Foram feitas rápidas apresentações. Por sorte, todos compartilhavam uma mesma língua e parte da história, através das cartas que tinham trocado.

Vang era um homem velho, bem mais decrepito e envelhecido que Adebayo. Usava calças pretas e uma camisa branca com gravata preta. Era descendente dos *hmongs*, uma das tribos vietnamitas que os Estados Unidos haviam recrutado para lutar contra os comunistas do Vietnã do Norte. Tinha se penteado cuidadosamente, colocando as mechas de sua cabeleira embranquecida para trás.

Segundo o que havia contado, tinha sido advogado em Saigon, antes que caísse e fosse rebatizada como Cidade Ho Chi Minh. Naquele momento vivia de novo nas montanhas, como sempre havia feito o seu povo. Era xamã, e, como guardião, cuidava do alaúde de argila que havia sido passado de mão em mão durante milhares de anos em sua família.

Havia se mostrado receoso na hora de sair do Vietnã com o instrumento. Nunca antes o colocara em uma situação de risco.

Então, ali estavam todos eles, curiosos ante as relíquias que estiveram guardando durante tantos anos.

*

— Senhoras e senhores — disse Lourds em uma das pontas da mesa de reuniões —, fizemos parte de uma viagem incrível ao longo desse último mês — olhou para Adebayo, Blackfox e Vang. — Alguns de vocês

estão fazendo essa viagem há muito mais tempo que nós. Vejamos agora se somos capazes de colocar um fim ou, pelo menos, de nos colocar nessa direção agora.

Utilizou o teclado que tinha diante de si e apareceram umas imagens das inscrições na tela que havia às suas costas.

— Todos os instrumentos têm duas inscrições. Vocês me disseram que não conseguem ler nenhuma das duas. Como sabem pelas conversas que mantiveram entre vocês, todos conhecem a história de uma ilha-reino na qual havia coisas maravilhosas. Segundo a lenda, é de onde provêm os cinco instrumentos.

Todos os olhares se concentravam nele. O quarto estava imerso no silêncio.

— Segundo as histórias que foram contadas para vocês, Deus quis castigar a ilha com sua cólera sagrada — continuou ele. — Posso assegurar que uma das inscrições de cada instrumento confirma isso.

— Você traduziu as inscrições? — perguntou Blackfox.

— Sim, traduzi a que há no instrumento de vocês, assim como as inscrições que vi nos outros artefatos — respondeu Lourds.

— Você viu os outros dois? — perguntou Blackfox, porque não esteve presente na reunião informativa com Adebayo e Vang.

— Sim, e suponho que a flauta que está sob a sua responsabilidade tenha a mesma inscrição — disse Lourds.

— Sim — respondeu Blackfox.

— Como sabe disso? — perguntou Lourds olhando o jovem.

— Porque eu traduzi — disse Blackfox.

*

Leslie se fixou na cara de surpresa de Lourds e sorriu. “Assim sendo, você não é o único ‘geniozinho’ do grupo, hein, professor?”

Então notou o olhar de reprovação de Natashya e voltou a ficar séria.

— E como foi o seu procedimento para traduzir? — perguntou Lourds.

— O que você sabe da língua de meu povo? — inquiriu Blackfox, encolhendo os ombros.

— Os cherokees tinham um tipo de sociedade muito avançada.

Acredita-se, de maneira equivocada, que Sequoya inventou o silabário cherokee — disse Lourds.

— A maioria das pessoas chama isso de alfabeto cherokee — corrigiu Blackfox, sorrindo.

— A maioria das pessoas não é especialista em linguística — disse Lourds.

Gary levantou a mão como se estivesse na sala de aula e Leslie soltou um suave resfôlego.

— Sim? — perguntou Lourds.

— Não sei o que é um silabário, colega — disse Gary.

Lourds apoiou-se contra a mesa e cruzou os braços sobre o peito. Leslie o olhou e voltou a sentir-se atraída por ele. Ela entendeu o porquê. Era um homem elegante e bonito, sua paixão pelo seu trabalho e ao ensino era evidente. Afastá-lo dessa tarefa seria como enganar a sua amante.

Vê-lo trabalhar a deixava louca, porém sabia também que ele não era flor que se cheirasse. Contudo, tinha sido avisada e toda aquela relação física que tiveram se devia a suas próprias manipulações, não as dele. Quase sentiu pena por ele quando pensou no que estava prestes a fazer.

— Um silabário é um sistema de símbolos que representam sílabas faladas. Em vez de letras, se juntam símbolos. É pura fonética, muitas palavras se diferenciam somente pelo tom. O silabário escrito não reflete o tom, porém as pessoas que o leem sabem que sílabas são aquelas pelo contexto em que se apresentam. Compreendeu? — perguntou Lourds.

— Claro — disse Gary assentindo.

— Na língua cherokee há 85 símbolos — disse Lourds.

— Você sabe falar? — perguntou Blackfox.

— Somente se eu me vir obrigado a isso. Lê-la é mais difícil.

— Equivocaram-se quando disseram que Sequoya tinha inventado o silabário — disse Blackfox.

— Sei disso — falou Lourds. — Os cherokees tinham um sacerdote Ah-ni-ku-ta-ni que inventou sua escrita e protegeu sua aprendizagem cuidadosamente. Pelo que tenho lido ultimamente, os sacerdotes

cherokees oprimiam seu povo e acabaram sendo mortos em um levante.

— Muitos deles morreram — disse Blackfox —, porém vários de seus descendentes, jovens que conheciam a língua dos sacerdotes, se misturaram com o povo. Mantiveram uma sociedade secreta e intacta. Sequoyah foi um deles. A revolta contra os sacerdotes foi tão grande que a língua escrita esteve proibida durante várias centenas de anos.

— Qual é a semelhança entre a inscrição da flauta que você tem protegido e a língua cherokee?

— São bem parecidas — disse Blackfox.

— Posso vê-la? — perguntou Lourds.

*

A flauta era um cilindro reto de argila de um intenso azul cinzento, com seis furos e uns 30 centímetros de largura. Também havia inscrições, mas era preciso ter uma lupa para poder vê-las melhor.

Lourds passou os dedos pela superfície semirrugosa.

— Você leu as inscrições? — perguntou Lourds.

Blackfox assentiu.

— Conta a mesma história que você nos falou. Houve uma ilha-reino, o lugar do qual procede nosso povo, a qual foi destruída pelo Grande Espírito.

— Porém, você não conseguiu decifrar a outra inscrição — disse Lourds.

— Não — respondeu Blackfox.

Lourds tomou fôlego rapidamente e se negou a ceder ao desânimo. A outra língua se submeteria a ele em breve. Estava convicto disso, mas se sentia impaciente.

— Sequoya conhecia a existência da flauta? — perguntou Lourds.

Blackfox hesitou.

— Ele nunca a viu, isso não era permitido — disse Blackfox.

— Mas ele sabia que ela existia...

— Certamente — disse Blackfox.

Lourds ficou de pé e começou a andar de um lado para o outro naquele ambiente.

— Creio que alguém sabia de sua existência, alguém que a procurou por volta de 1820 ou 1830 — disse Lourds.

— Por que pensa isso? — perguntou Vang, que até então havia se mostrado muito silencioso e cauteloso desde sua chegada no dia anterior.

— Alguma vez você ouviu falar no povo Vai? — lhe perguntou Lourds.

Vang negou com a cabeça.

— É um povo que vive na Libéria — interveio Adebayo.

— Exatamente — corroborou Lourds. — Eles não têm língua escrita. Mas, em 1832, um homem chamado Austin Curtis foi à Libéria e se casou com uma mulher da tribo Vai. Como se descobriu mais tarde, Curtis fazia parte de um grupo de imigrantes do povo cherokee que havia trasladado para esse país.

— Você acredita que eles estavam atrás da flauta? — perguntou Diop.

— Certamente — disse Lourds.

Diop moveu a cabeça, negando.

— Não acredito. Em 1816, o reverendo Robert Finley propôs a criação da Sociedade de Colonização Americana e James Monroe, que havia sido eleito presidente dos Estados Unidos, a subvencionou. Graças a essa sociedade, foi possível enviar de volta para a África os escravos libertos. Esse tal de Curtis poderia estar envolvido nisso... — disse Diop.

— Seja como for, sabemos que Austin incentivou o povo Vai a criar uma língua escrita, coisa que eles fizeram. Ela é bem parecida a dos cherokee. O atual silabário Vai se atribuiu a Momolu Duala Bukare — disse Lourds.

Ele devolveu a flauta para Blackfox. O jovem a guardou de novo em sua valise protetora.

— Acredito que houve pessoas procurando por estes instrumentos desde o momento em que foram fabricados. Há milhares de anos.

— Que pessoas? — perguntou Blackfox.

— Não sei. Estou há dias pensando sobre isso — disse Lourds, enquanto percebia que o cansaço começava a afetá-lo. O que o

mantinha em pé era sua autodisciplina, o entusiasmo e a segurança de que estava a ponto de decifrar aquela língua.

— A inscrição também diz que os instrumentos são a chave para entrar na Terra Submersa — comentou Blackfox.

— Quando traduzi essa parte, eu não podia acreditar — admitiu o professor. — Pensei que talvez tivesse existido alguma maneira em determinada época, mas não depois que a ilha estivesse submersa há milhares de anos. Com o tempo, a água salgada destrói inclusive a prata e a converte em um metal oxidado e irreconhecível. Não podia imaginar portas feitas de ouro e muito menos isto.

Voltou-se para o monitor e teclou algo. A imagem da enorme porta encontrada nas escavações do padre Sebastian em Cádiz preencheu a tela.

— Não sei do que é feita, mas não parece ouro. No entanto, após ter permanecido no fundo do mar, ou quase, parece estar em perfeitas condições — comentou Lourds.

— Isso é em Cádiz, Espanha. Acompanhei essa história — comentou Blackfox.

— Sim — corroborou Lourds.

— Você acredita que se trata da Terra Submersa? — perguntou Blackfox.

Lourds observou as inscrições que havia na porta abobadada.

— É a mesma forma de escrita que ainda não consegui traduzir. É bem provável que seja... — disse Lourds.

— Você acredita que teremos que ir até lá? — perguntou Blackfox.

— Não — interrompeu Adebayo. — As lendas dizem que as sementes da condenação final e eterna dos homens se encontram nesse lugar. Deus poderá se vingar; não devemos provocar a sua cólera de novo.

— É possível que nós tenhamos que destruir os instrumentos — interveio Vang.

Aquela ideia, que não tinha contemplado, deixou Lourds perplexo.

— Não — continuou Adebayo. — Nossos antepassados nos deram os instrumentos. Pediram-nos que nós os protegêssemos, como haviam indicado seus antepassados; devemos continuar a proteger e preservar,

senão poderíamos irritar a Deus novamente.

— Mas se a inscrição é correta, se a Terra Submersa ou a Atlântida, ou como queiram chamar esse lugar, resguarda uma tentação tão forte que poderia destruir o mundo de novo, não deveríamos suprimir essa tentação? — perguntou Blackfox com a voz baixa.

— Eu acredito que sim — disse Vang.

— E se incorremos na cólera de Deus ao destruir os instrumentos? — inquiriu Adebayo.

Nem Blackfox, nem Vang responderam.

— O homem está configurado por suas crenças e por sua resistência à tentação — continuou Adebayo. — Por isso Deus nos deu as montanhas, para deixar nossos caminhos mais difíceis, e os oceanos, para que algumas viagens parecessem impossíveis de realizar.

— Se destruirmos os instrumentos, podemos salvar o mundo. Inclusive se só destruirmos um deles. Nossos antepassados nos disseram que é necessário utilizar os cinco — comentou Vang.

— Não acredito que seja fácil destruir qualquer um deles. O címbalo e o sino desapareceram durante milhares de anos. Como se explica que continuem existindo depois de ter suportado circunstâncias tão extremas? — perguntou Adebayo.

Ninguém respondeu.

— Ao meu entender, essa é a vontade de Deus e vocês já a viram funcionando. Os instrumentos foram conservados por tanto tempo e Ele nos enviou o professor Lourds para nos reunir. É a primeira vez que os guardiões estão juntos — assegurou Adebayo.

Lourds não soube como se sentir ao ouvir aquilo. Jamais havia imaginado a si mesmo como um instrumento divino.

— É preciso levar em conta outra coisa — interveio Natashya.

Todos voltaram a cabeça em direção a ela.

— Se destruírem os instrumentos, os seus inimigos, seja lá quem forem eles, terão ganhado e vocês terão perdido. Terão fracassado na tarefa para a qual vocês foram incumbidos — disse Natashya e fez uma pausa. — E não é só isso, mas também perderão a oportunidade de contra-atacá-los.

Aquelas palavras permaneceram flutuando no ar.

— E há ainda mais outra coisa, que pessoalmente não acredito que seja positiva — acrescentou Lourds, que não desejava que o futuro do mundo dependesse de uma vingança. — É possível que as pessoas que estão procurando os instrumentos saibam mais sobre eles do que nós mesmos.

— Bem, eles já demonstraram ser nossos inimigos, não irão nos dizer nada.

— Se negociarmos com eles, talvez possamos nos inteirar de algo — disse Lourds.

— Não entregaremos os instrumentos — assegurou taxativamente Blackfox.

— Ninguém está pedindo que se faça isso — replicou Lourds com voz firme. — Você não terá que fazer isso.

— Vocês poderiam ir para Cádiz — comentou Leslie.

— Não — Lourds a cortou imediatamente.

Ir para Cádiz implicaria perder os instrumentos e a oportunidade de traduzir essa língua. Ele não temia não alcançar a fama, afinal, pouco acreditava nela, mas o desafio era tudo para ele. Além do mais, a parte relacionada com o fim do mundo o preocupava, embora odiasse pensar que estava se deixando influenciar pela superstição.

— Não é uma boa ideia — continuou.

Leslie franziu a testa, desgostosa. Aquilo não lhe agradou em nada.

— Por favor, preciso de um pouco mais de tempo — pediu Lourds. — Sei que posso decifrar as últimas inscrições. Sei disso. Tempo, é a única coisa que eu peço — disse enquanto olhava os homens presentes ali. — Por favor.

*

— Tem certeza? — perguntou Gary.

Leslie esteve a ponto de expulsá-lo dali a pontapés. E teria feito isso se estivesse segura de que podia conseguir outro câmara dali a cinco minutos.

— Sim, tenho certeza, sim — disse, alisando a blusa. — Vamos fazer isso. Quero enviar para Wynn-Jones o quanto antes.

Colocou-se diante da entrada do hotel Hempel. Era noite; o West End, às suas costas, estava bem animado.

Apesar das palavras irritadas que tinha proferido contra Gary, ainda hesitava sobre o que estava fazendo. Para se confortar, imaginou que tinha esse direito, afinal tinha colocado seu emprego em risco ao confiar em Lourds.

Gary estava diante dela com a câmera no ombro.

— Tudo bem — disse Leslie inspirando profundamente. — Vamos fazê-lo. Preparado. Três, dois...

*

Uma estridente campainha despertou Lourds. Tentou pegar o telefone do quarto e finalmente conseguiu levar até a sua orelha. Quem quer que estivesse falando — de maneira irritadiça e muito rápido — soava incoerente. Então se deu conta de que tinha colocado o aparelho ao contrário e o virou para a posição correta.

— Alô — atendeu Lourds abrindo um olho para ver o relógio. Eram 23h40.

A voz do outro lado da linha tinha um sotaque norte-americano. Havia cinco horas de diferença entre a Inglaterra e a costa Leste dos Estados Unidos.

— Professor Lourds — soltou uma voz taxativa e perfeitamente articulada. — Aqui é o reitor Wither.

— Olá, Richard. Fico feliz que tenha me telefonado — disse Lourds.

— Bem, dentro de mais alguns minutos, não manterá a mesma opinião — disse Wither.

Aquilo o deixou gelado, fazia muitos anos que o decano não se aborrecia com ele.

— Acreditei que estivesse em Alexandria rodando um documentário para a BBC — disse Wither.

— Estava — disse Lourds ao mesmo tempo em que se sentava à beira da cama.

Continuava vestido. Fazia uma hora que havia deitado na cama para descansar os olhos depois de trabalhar com o computador.

— Agora você está em Londres — disse Wither.

Aquilo o acabou de despertar. Não havia telefonado para ninguém relacionado com a universidade para dizer onde se encontrava.

— Como sabe disso? — perguntou Lourds.

— Porque você está aparecendo na CNN agora mesmo — disse Wither.

— O quê?

Em seguida, Lourds pegou o controle remoto e ligou a televisão.

Foi selecionando os canais até que chegou à CNN e viu o seu rosto. Embaixo dele, se podia ler:

Professor de Harvard decifra o código de Atlântida

— Você fez isso? — perguntou Wither.

— Fiz o quê? — questionou Lourds.

— Decifrou o código de Atlântida? — perguntou Wither.

Lourds não tinha certeza de como ele poderia responder a essa pergunta. Olhou para a tela da TV e se perguntou como diabos a CNN poderia ter conseguido essa história.

— Eu... Fiz uma descoberta em Alexandria e estamos seguindo as pistas — explicou Lourds com uma voz fragilizada.

— Estamos?

— A senhorita Crane e outras pessoas — Lourds não sabia direito como poderia explicar tanta coisa que acontecera em um espaço de tempo tão curto — encontramos um objeto no qual havia uma inscrição em uma língua que eu não conseguia ler.

— Você? — perguntou Wither.

— Exatamente — disse Lourds.

“Muitos de vocês já devem ter ouvido falar do professor Lourds, que faz pouco tempo traduziu um manuscrito que recebeu o título de *Confissões da alcova*, dizia o jovem apresentador na televisão.

A escabrosa capa da edição em capa dura apareceu na tela. A pose que era mostrada havia sido tirada diretamente do *Kama sutra*.

— Meu Deus! Outra vez não! — exclamou Wither do outro lado da

linha.

Lourds estremeceu. A leitura daquele texto na casa do reitor fora mais do que um sucesso. No entanto, assim que apareceu no mundo editorial e entrou na lista de *best-sellers* de *The New York Times*, Wither não gostou nem um pouco disso. Costumava dizer sempre que...

— Se eu quisesse que esta universidade fosse lembrada pelas gerações futuras, não seria exatamente pela pornografia. Quantas vezes eu já lhe disse isso?

— A verdade é que eu já perdi a conta — respondeu Lourds.

Na televisão, o jornalista continuava falando:

“O professor Lourds parece ter concentrado sua prodigiosa mente em uma nova busca. Nós estamos aqui com a senhorita Leslie Crane, apresentadora do programa *Mundos Antigos, Povos Antigos*, para falar do código de Atlântida”.

— Vocês estão juntos nisso? — acusou Wither. — Pode ser que a BBC ache tudo isso muito divertido, mas para mim não tem nenhuma graça.

— M-mas eu não sabia nada disso! — objetou Lourds.

A câmera focalizou uma esquina próxima ao hotel Hempel. Leslie parecia radiante com o microfone na mão:

“Sou Leslie Crane, apresentadora do programa *Mundos Antigos, Povos Antigos*. Estou certa de que muitos de vocês já ouviram falar no professor Thomas Lourds. Sua tradução de *Atividades da alcova*, um sucesso de vendas, segue como uma das obras mais solicitadas nas livrarias. Enquanto filmávamos um quadro para meu programa *Mundos Antigos, Povos Antigos*, o professor Lourds descobriu um antigo sino que nos obrigou a correr meio mundo. Mas foi aqui em Londres que o professor Lourds conseguiu decifrar o código que tem ocultado os últimos segredos da Atlântida.”

A imagem voltou ao apresentador:

“A senhorita Crane nos prometeu oferecer mais informação assim que tudo estiver disponível. Mas até então ainda nos resta saber se o padre Sebastian e sua equipe conseguirão abrir a misteriosa porta que conduz às cavernas que afirmam estar conectadas com a Atlântida ou se a investigação do professor Lourds conseguirá dar um novo rumo a esses

trabalhos.”

O professor desligou a televisão. Não queria ver mais nada. Estava ferido no mais profundo de sua alma.

— Não sabia de nada disso? — perguntou Wither.

— Não, não sabia — respondeu Lourds.

— Existe um código relacionado com a Atlântida? — perguntou Wither.

— Creio que sim — respondeu Lourds.

— Assim sendo, a história é verdadeira.

— Até onde eu sei, é...

— Mas você não sabia que a jovem ia contá-la à CNN — disse Wither.

— Não. Se ela me tivesse pedido permissão, eu não teria dado. Mas acho que ela sabia disso — disse Lourds.

— Então, por que ela foi adiante? — perguntou Wither.

— Vingança — disse Lourds.

— Por que ela iria...? — a pergunta feita por Wither ficou incompleta e Lourds se deu conta de que tinha falado demais. — Por favor, Thomas, diga-me que não dormiu com ela.

Ele não respondeu.

— Por Deus! Ela é tão nova que poderia ser sua filha! — disse Wither.

— Só se eu tivesse começado a ter filhos muito jovem — se defendeu Lourds.

— Quer dizer que vou ter que encarar mais este escândalo também?

— Não haverá nenhum escândalo — respondeu Lourds.

— Mas é claro, não resta dúvida alguma de que haverá. Como não teria? Você é o único professor bonito o bastante para aparecer no *Good Morning America*, rápido o suficiente para trocar alfinetadas com Jon Stewart no *The Daily Show* e capaz de se rebaixar aos piores interesses e travessuras juvenis no *The Jerry Springer Show*,¹ graças às suas indiscrições sexuais.

Pessoalmente, Lourds não achava que o sexo tivesse que ser discreto; ele sempre havia sido responsável por suas aventuras. Mas as admoestações do decano lhe haviam surpreendido.

— Não sabia que você assistia ao *The Jerry Springer Show* — disse Lourds.

Wither inspirou profundamente e contou até dez.

— Você deveria ficar feliz por ter uma cátedra permanente aqui, professor Lourds — disse Wither.

— Sim, me sinto feliz mesmo e inclusive alguns dias isso me surpreende — disse Lourds.

— Você se dá conta de que vai dar a impressão de tentar se aproveitar de toda a atenção da mídia às escavações na Espanha?

— Sim — disse Lourds.

— E? — disse Wither.

— E o quê? — perguntou Lourds.

— Há alguma relação com a Atlântida ou não?

— É isso que eu acredito — respondeu Lourds.

— Então, por mais que eu odeie dizer isso, vá até lá e prove. Não fique aí parado, vá domar esse cavalo pelas unhas!

Lourds tinha certeza de que o reitor tinha misturado as metáforas e os ditados populares, mas estava cansado demais para corrigi-lo.

— Combinado — disse Lourds.

— E trate de fazer as coisas direito desta vez — advertiu Wither. — Podemos conseguir muitas matrículas e mais subvenções com essa história.

Lourds meneou a cabeça. No fim das contas, tudo se resumia a isso para o reitor. Despediu-se do homem e depois desligou o telefone. Em seguida foi procurar os sapatos. Tinha que encontrar Leslie e então iria...

Deteve-se ali mesmo, porque honestamente, ele não sabia o que fazer.

*

Ele encontrou Natashya no corredor. A russa parecia suficientemente incomodada, inclusive o bastante para assassinar alguém; Lourds tinha uma leve suspeita de quem poderia ser.

— Viu as notícias? — Natashya lhe perguntou em russo enquanto se dirigia para a porta do quarto de Leslie.

— Sim, e acho que eu deveria falar com ela — disse Lourds.

— Nós dois vamos falar com ela. Ao contar toda essa história, ela pode ter espantado os responsáveis pela morte de Yuliya.

Lourds realmente não achou que fosse o caso. Gallardo e seus comparsas demonstraram que não tinham problemas na hora de assassinar as pessoas. Certamente aquela pequena intervenção na CNN não lhes traria um pinga de preocupação.

— Esses caras são duros, não vão se intimidar com uma coisa como essa — assegurou Lourds.

— Não, mas podem escapar em todas as direções como baratas. Será mais difícil para localizá-los — disse Natashya ao mesmo tempo em que se detinha na porta de Leslie para bater com força com os nós dos dedos. — Deveríamos tê-la deixado na África.

O professor permaneceu ao lado dela e esperou. Aquilo estava lhe escapando das mãos. Sentia quase fisicamente que a possibilidade de decifrar as inscrições estava lhe fugindo por entre os dedos.

— Ou em Odessa — acrescentou Natashya. — Deveríamos tê-la deixado lá em Odessa.

Natashya voltou a bater na porta, agora com mais força.

— O que você viu nela, afinal? — perguntou Natashya.

Aquela pergunta o desconcertou. Estava certo de que qualquer resposta que pudesse dar a uma observação daquele tipo rebateria contra ele mesmo. Por isso, preferiu continuar ali e tentar parecer uma pessoa sábia e experiente.

Natashya bufou furiosa.

— Homens! — exclamou ela como se fosse um insulto.

Ou como se fosse um recipiente esquecido no congelador durante meses e que estava apodrecendo e espalhando o mau cheiro por toda a cozinha. Voltou a bater na porta, praticamente esmurrando dessa vez.

Algumas cabeças apareceram na porta ao lado e outras duas do lado oposto do corredor.

— Talvez fosse bom que parassem de fazer barulho — recomendou um homem calvo.

— Assuntos de polícia, senhor — disse Natashya em inglês, com tom oficioso de policial que não lhe custava nada adotar quando quisesse.

— Voltem para seus quartos, por favor.

Todos fecharam suas portas a contragosto.

Voltou a bater na porta, e Lourds juraria que a madeira pulava com as pancadas desferidas a cada golpe.

— Ei! — disse Gary, assomando a cabeça pela porta de seu quarto.

— Olá! — o cumprimentou Lourds.

— O que houve? — perguntou Gary.

— Onde está a ave de rapina? — inquiriu Natashya.

— Ela... Er... Não está aqui, ela foi embora para casa — respondeu Gary.

— Quando?

— Depois de gravar o piloto para a nova série que quer propor a seu chefe — disse Gary.

— Mas ela acaba de sair na CNN — disse Lourds.

— Sem chance! — retrucou Gary.

— Sim, cara! — assegurou Lourds.

— Mas isso não devia sair na TV. A Leslie vai dar à luz!

— E provavelmente será uma vaca... — retrucou Natashya. — Com doutorado em Harvard.

“*Touché*”, pensou Lourds.

— Ela gravou piloto para mostrar ao chefe, Philip Wynn-Jones. — explicou o cameraman. — Ela pensou que se a história da Atlântida rolasse para valer, poderia fazer outra série para a emissora de TV, além dessa que vocês estão fazendo.

— Sobre a Atlântida? — perguntou Lourds.

— Sim. Ela enviou as imagens pela internet. Ela fez aquilo apenas para uso interno da parte dele. Para o cara receber algo em troca por toda a grana que ele arranjou para levar a gente pelo mundo todo — Gary parou e pensou um pouco. — De repente o cara enganou a Leslie.

— E por que fariam uma coisa dessas? — perguntou Lourds.

— Para conseguir mais publicidade para Leslie e para você — respondeu Gary.

— Onde ela mora? — perguntou Lourds.

Patrizio Gallardo estava tenso no furgão estacionado do outro lado da rua onde ficava o Bookman House. A vizinhança era normal naquela região, casas baixas e acesso fácil e proximidade ao metrô. Era o tipo de lugar em que viveria uma jovem profissional com salário modesto e tentando ganhar a vida. Mas as ruas eram suficientemente escuras à noite para que se tornasse uma região perigosa.

Tinha conseguido o endereço da garota no arquivo pessoal da empresa em que Leslie Crane trabalhava. Quando descobriu que a garota tinha deixado o Hotel Hempel, Gallardo acreditou que ela fosse aparecer em sua casa.

No fim das contas, para quantos outros lugares na cidade essa garota poderia ir?

— Lá vem ela — disse Cimino, que estava sentado atrás do volante e vigiava com suas lentes de visão noturna. Ele fez um gesto com a cabeça em direção à estação do metrô.

Gallardo confiou que Cimino estava vendo mesmo a jornalista. Naquela escuridão ninguém podia estar seguro. Perguntou-se se Lourds continuava sentindo algo por ela depois da forma com que ela havia se aproveitado dele com a entrevista para a CNN. Murani estava furioso com Leslie. O tempo corria de forma inexorável contra seus planos.

Nem mesmo Murani podia deter o tempo.

— Muito bem. Você já a vê? — perguntou Gallardo pelo microfone que levava junto aos fones de ouvido.

— Sim — respondeu imediatamente DiBenedetto.

— Então, traga-a até mim — ordenou Gallardo enquanto observava pela janela do furgão como Farok e DiBenedetto saíam das sombras e se punham de ambos os lados de Leslie enquanto a jovem tentava abrir a porta de casa.

A mulher ficou imóvel durante um momento e depois assentiu. DiBenedetto a pegou pelo cotovelo e a levou para o furgão. Qualquer um que os visse teria pensado que eram namorados que haviam saído para dar um passeio.

Gallardo checkou o horário. Passavam cinco minutos da meia-noite. Havia começado outro dia. Estava satisfeito. Agora só lhe restava uma coisa a fazer. Por sorte, tinha todas as cartas na mão.

DiBenedetto abriu a porta, fez Leslie entrar e a empurrou com força para o assento.

— Boa-noite, senhorita Crane — cumprimentou Gallardo em inglês.

— O que você quer comigo? — perguntou Leslie mostrando-se desafiante, mas Gallardo viu que seu lábio tremia.

— Você vai dar um telefonema por mim — disse afavelmente, voltando-se em seu assento para olhá-la. — Depois poderá ir embora.

— Você espera que eu acredite no que acabou de me dizer?

Gallardo lançou-lhe um olhar duro, e sua voz adquiriu um tom ameaçador:

— Bem, se não fizer o que mandei, eu arrancarei suas tripas com minhas próprias mãos e jogarei o que sobrar de você no Tâmis. Está conseguindo acreditar em mim agora?

— Sim... — respondeu Leslie com a voz entrecortada.

As lágrimas se acumularam em seus olhos, mas conseguiu contê-las de algum modo para que não se derramassem pelo rosto.

— Seu joguinho na televisão incomodou o meu chefe. Sua única forma de continuar viva é cooperar — disse Gallardo, enquanto tirava o celular do bolso e entregava a ela. — Telefone para Lourds.

As suas mãos tremiam tanto que o telefone quase caiu no assoalho do furgão.

— Ele não vai querer falar comigo — disse Leslie.

— Para seu próprio bem, é melhor que ele fale...

*

Lourds estava em seu quarto fechando o zíper da mochila quando o telefone tocou. Hesitou se atenderia ou não, mas ao final o fez.

Certamente o decano Wither não iria telefonar para ele outra vez naquela noite.

Deu a volta na cama e atendeu.

— Sim.

— Thomas.

Reconheceu imediatamente a voz de Leslie. Sentiu que a cólera lhe fazia soltar faíscas vermelhas pelos olhos.

— Leslie, você tem ideia do que...?

— Escute-me, por favor... — disse Leslie.

A voz quase histérica que a torturava fez com que Lourds parasse de falar. A porta se abriu e Natashya entrou com a chave que ele havia lhe dado. Ela o olhou meio irritada. Evidentemente, estava pronta para sair.

— Eles me capturaram, Thomas — sussurrou Leslie com voz rouca. — Gallardo e sua gente. Eles me sequestraram.

Lourds sentiu que o chão sumia sob seus pés. Sentou-se na cama porque teve a impressão de que não conseguiria se sustentar em suas próprias pernas.

— Você está bem? — perguntou Lourds.

Aquilo atraiu a atenção de Natashya. Aproximou-se dele e moveu os lábios sem emitir som: “Leslie?”.

Lourds assentiu.

— Não fizeram nada de mal comigo — disse Leslie.

“Quem a pegou?”, perguntou Natashya movendo os lábios.

“Gallardo”, respondeu Lourds da mesma forma.

— O que eles querem? — perguntou Lourds.

— Não sei, Thomas. Quero que saiba que não tenho nada a ver com a reportagem da CNN. Não foi ideia minha. Não...

Um momento depois, uma voz masculina entrou na linha.

— Professor Lourds, eu estou pronto para lhe fazer uma oferta — disse Gallardo.

— Estou ouvindo...

— Meu chefe quer os três instrumentos que você conseguiu localizar — disse Gallardo.

— Não tenho id...

O som de algo golpeando carne o deixou sem fala. Ouviu que Leslie

gritava surpresa e cheia de dor e começava a chorar.

— Sei que você sabe onde estão todos eles. Cada vez que você mentir para mim, eu cortarei um dedo da moça aqui. Você acredita em mim? — perguntou Gallardo.

— Sim. — Lourds quase não conseguiu ouvir-se falando por conta da tensão em sua voz. Repetiu a resposta:

— Sim...

— Ótimo! Se você agir com rapidez, poderá salvar a vida da senhorita Crane. Tem uma hora para conseguir os instrumentos e encontrar-se com um de meus associados diante do seu hotel.

— Não é tempo suficiente — protestou Lourds.

A linha foi cortada.

— O que foi? — perguntou Natashya.

Lourds colocou o aparelho no gancho.

— Gallardo me deu uma hora para entregar-lhe os instrumentos ou matará Leslie.

A cólera ensombreceu a cara de Natashya. Por um momento, pensou em dizer que deixasse que a matassem. Sabia que era uma mulher de ideias fixas. Não podia imaginar o que ele faria se isso acontecesse.

— Vamos buscar os instrumentos — disse Natashya.

*

Lourds bateu à porta de Adebayo. Teve que bater novamente. Durante o tempo em que permaneceu no corredor, pensou que ia vomitar a qualquer momento. Ficou menos nervoso por Natashya estar a seu lado tão calma e...

— Sim? — disse Adebayo.

— Sinto muito em incomodá-lo — começou a dizer Lourds.

— Não temos tempo para essas coisas — disse Natashya depois de soltar um irritado suspiro.

— O que houve? — perguntou o ancião.

— Gallardo, o homem que estava nos perseguindo, sequestrou Leslie. Ele ameaça matá-la se não lhe entregarmos os instrumentos — disse Natashya.

— Isso é horrível — lamentou Adebayo com os olhos cheios de pena.
— Mas vocês não podem entregar os instrumentos a eles.

Lourds observou com incredulidade que o ancião começava a fechar a porta.

— Quê? Você não pode deixar que matem a... — começou a dizer ele.

Natashya pôs o pé para impedir que a porta se fechasse ao mesmo tempo em que apontava o cano da arma entre os olhos do ancião.

— Abra a porta! — ordenou.

— Vai atirar em mim? — perguntou Adebayo.

— Só se você me obrigar. Não tenho por que matá-lo, mas receber um tiro é muito desagradável.

Adebayo se afastou da porta e olhou para Lourds.

— Você não pode permitir que essa mulher faça isso — repreendeu Adebayo.

Natashya respondeu a Lourds sem nem mesmo olhar para ele:

— Quer tentar salvar Leslie ou não?

A voz rouca da policial o tirou do estado de paralisação em que se encontrava.

— Naturalmente sim.

— Então, vamos — disse Natashya e lançou a ele um rolo de fita adesiva. — Ponha-o na cama. O mínimo que podemos fazer é que esteja confortável.

— Sinto muito — se desculpou Lourds enquanto prendia com a fita as mãos do ancião depois de tê-lo jogado na cama.

Adebayo não disse nada. Permaneceu quieto e deixou que Lourds se sentisse culpado.

*

Depois de 47 minutos, Lourds saía do hotel com os três instrumentos. Ele depositou todos eles num carrinho de malas porque havia sido muito estranho tentar carregar os três de uma vez.

Pessoalmente, considerou que precisaria de uma mala enorme para enfiar toda a culpa que sentia. Blackfox tinha resistido. Inclusive lhe

havia dado um soco no olho, que inchou a ponto de se fechar. Depois Natashya havia derrubado o guardião com um mata leão. Ninguém tinha aparecido por lá com interesse pelos ruídos provocados pela luta.

Vang chorou quando lhe tiraram o alaúde que ele protegera durante tanto tempo. O guardião recebera o instrumento quando ainda era uma criança. Assassinaram o seu pai, e seu avô tinha morrido ainda bem jovem. Aquilo havia sido o mais duro para Lourds. Além de levar o alaúde, partiram o seu coração.

— Quer que eu o ajude? — perguntou um dos mensageiros enquanto esperava na porta.

— Não. De qualquer jeito, muito obrigado — agradeceu Lourds.

O jovem voltou para o seu posto.

Dali a pouco, um furgão estacionou ao lado da calçada. O motorista se inclinou e abriu a porta do passageiro.

— Professor Lourds, venha comigo.

— Onde está Leslie? — perguntou Lourds.

— Por enquanto, viva.

— Quero que a solte — disse Lourds.

O homem pegou a arma que havia no assento e lhe apontou.

— Entre, senão eu lhe dou um tiro, e é bom que essa mala contenha o que estou procurando. Você tem me incomodado muito e estou com muita vontade de matá-lo.

Outro homem assomou pela parte de trás com uma arma na mão.

— Eu me encarrego dos instrumentos.

Lourds quase olhou por cima do ombro. Sabia que Natashya estava em algum lugar, mas nem sequer ela poderia evitar que lhe disparassem um tiro.

Entregou os instrumentos sem dizer uma só palavra. Depois achou que o furgão simplesmente iria embora e o deixaria ali como um idiota.

Mas não foi isso que aconteceu.

O motorista fez um gesto com a arma.

— Suba. Ordenaram-me que você me acompanhe.

— Por quê?

— Para não ter que o matar aqui mesmo. Prefere vir de forma pacífica ou morrer na rua?

O professor subiu ao veículo com má vontade. O homem que estava no compartimento de carga pegou um pedaço de corda e atou suas mãos e o corpo ao assento enquanto o motorista partia. Em questão de segundos, Lourds ficou imobilizado.

— Leslie está viva? — perguntou Lourds.

— Recoste-se e desfrute da viagem, professor Lourds. Em breve terá todas as respostas.

*

Olhou com os olhos fatigados através do vidro manchado. Estava tão cansado e tão cheio de adrenalina que via palavras e símbolos nos insetos presos à janela. De vez em quando, dava uma olhada pelo espelho retrovisor para ver se Natashya os seguia. Não tinham alugado nenhum veículo, mas ela sempre conseguia um, era uma mulher cheia de recursos.

As luzes foram desaparecendo gradualmente conforme se distanciavam de Londres, da mesma forma que a esperança de que alguém o resgatasse. Estava certo de que Gallardo havia assassinado Leslie e a jogado em algum beco. Aquele pensamento o afetava quase fisicamente, fazendo-o passar mal.

Apesar de tudo, sua mente voltava uma vez e outra mais para a última inscrição dos cinco instrumentos, que ainda não havia traduzido completamente. Ele tinha a tradução praticamente acabada. Tinha certeza disso.

Pouco tempo depois, o furgão se desviou da autoestrada e avançou por uma trilha cheia de altos e baixos e bem esburacada. Em suas margens, havia muitos carvalhos. No momento em que o furgão parou, o som produzido pelos grilos inundou o veículo.

— O que houve? — perguntou Lourds.

— Cale-se! — lhe ordenou o homem, que acendeu um cigarro.

Pouco depois, um helicóptero preto desceu do céu e aterrissou em um campo próximo. Os dois homens que o haviam capturado saíram do furgão, o soltaram e levaram através do mato alto em direção ao aparelho.

Lourds reconheceu Gallardo imediatamente. Aquele desalmado delinquente estava sentado na parte de trás do helicóptero. Outro homem lhe colocou as algemas e o empurrou para o assento.

— Onde está Leslie? — perguntou Lourds.

Gallardo começou a rir amargamente.

— Você e sua pequena bruxa me causaram problemas desde o começo. A única coisa boa é que vocês encontraram os instrumentos para mim — disse Gallardo.

A dor lhe atravessou o coração. Ele gostava da companhia de Leslie e lhe doía pensar que houvesse lhe acontecido algo terrível.

— Fizemos um trato — grunhiu a Gallardo enquanto o helicóptero acelerava e se elevava ao ar.

Gallardo falou com a voz mais alta.

— Eu lhe darei sua parte no trato. Ela continua viva — disse Gallardo.

Moveu-se e deixou que Lourds visse Leslie caída no assento do lado. Também estava algemada, mas desmaiada. Lourds viu que a garota continuava tendo pulsação pelo seu pescoço.

“Graças a Deus ela está viva”, pensou.

— Que ela continue viva depende de sua cooperação — disse Gallardo.

O medo voltou a torturar ao se dar conta das implicações daquelas palavras.

— Para que precisa de minha cooperação? — perguntou Lourds.

— Você saberá dentro de pouco tempo — assegurou Gallardo, fazendo um gesto com a cabeça.

O homem que estava ao lado de Lourds tirou uma seringa hipodérmica e a afundou no pescoço de Lourds. Durante um breve instante, ele sentiu dor e depois um calor que transbordou pela sua cabeça; depois caiu de lado, inconsciente.

*

Chegar a Cádiz demorou muito mais do que Natashya esperava. Quando tinha visto, de seu ponto de observação, que Lourds subira no furgão, ela não tentou segui-los. Os homens de Gallardo eram

profissionais. Sabia quando tinha que se conter e usar a cabeça em vez de precipitar-se tontamente em direção ao perigo.

Ela sabia para onde o levariam. Pelo menos, era isso que ela esperava. Era possível, no entanto, que ele não chegasse vivo até lá. Sempre cabia a possibilidade de que Gallardo ou seu misterioso chefe obtivessem o que queriam do professor e o matassem pelo caminho.

Porém, resolveu confiar em seu instinto.

Em vez de perseguir o furgão, acordou Gary e foram para Heathrow para alugar um voo particular. Sua intenção era que Gary contratasse o piloto para que ninguém fizesse perguntas sobre ela. No final, ela descobriu que Gary tinha um amigo piloto que ficou mais do que contente em levá-los.

Aquele problema, pelo menos, havia sido solucionado facilmente.

Gary se sentou no assento dianteiro com o piloto e lhe contou algumas das loucuras em que se envolvera no último mês. Naturalmente, mentiu quando se referiu sobre todas as mulheres com quem havia dormido e aumentou seu papel nas situações perigosas. A típica relação masculina entre dois velhos amigos.

Ela se limitou a fazer cara de “nada” quando os detalhes da história começaram a ficar mirabolantes demais.

Natashya ia sentada num reduzido espaço de passageiros enquanto o avião dava sacudidas na perigosa noite escura. Estava segura de que Gallardo não se arriscaria a levar Lourds para a Espanha num voo convencional. Se ela tivesse razão sobre isso, chegaria a Cádiz antes que ele.

Não era uma grande vantagem, mas era a única que possuía.

Acomodou-se no assento o melhor que pôde e tentou dormir, mas se viu assediada pelos pesadelos. Podia ver e ouvir Yuliya, mas sua irmã não podia ouvi-la, por mais alto que gritasse.

*

— **A**cabamos!

O padre Sebastian estava sentado com uma manta sobre os ombros para tentar aliviar o frio implacável do interior da caverna. Havia bombeado grande parte da água, mas ainda continuavam retirando os corpos que tinham sido privados de seu descanso e os empilhavam sobre paletes para tirá-los das cavernas.

A porta metálica tinha sido um grande problema. Brancati não tinha visto nada igual antes e desconhecia de que material tinha sido feita. Ao final, concluíram que o melhor seria perfurar o que supostamente seria o mecanismo da fechadura. Processo que desgastou diversas brocas de diamante e demorou dias.

Sebastian se colocou em pé e sentiu-se enjoado por um momento, ainda que mais tarde aquela sensação fosse se dissipando gradualmente. “Você não tem dormido o suficiente — repreendeu a si mesmo. Deveria cuidar-se mais.”

— Creio que forçaram o mecanismo da fechadura o suficiente — disse Brancati, que também parecia esgotado. — Quando quiser, basta avisar, padre.

O padre assentiu, mas o medo se apoderou dele quando pensou no que estava a ponto de descobrir.

Tinham atado o cabo de uma pequena escavadora à porta. Pouco a pouco, conforme o torno girava e preenchia o ambiente com seu ruído mecânico, o cabo foi tensionado até o limite.

Depois um forte rangido inundou a caverna.

Todos os homens olhavam nervosos. Nenhum deles sabia com absoluta certeza se as paredes da caverna aguentariam, e nenhum deles tinha se esquecido do impiedoso mar que esperava ansiosamente em algum lugar do lado de fora.

Algumas estalactites caíram do teto e se chocaram estrepitosamente contra o chão de pedra ou provocaram salpicos nas poças de água que ainda restavam. Uma delas atingiu o teto da escavadora.

Surpreso, o motorista pisou no acelerador com demasiada força. A máquina se jogou para trás, lutou contra o peso da porta e finalmente

encontrou tração no solo. Então o cabo se partiu e golpeou três dos trabalhadores, que caíram no chão como bonecos de pano e sangrando abundantemente.

Mas a pesada porta se abriu.

1. Todos são programas de TV muito populares nos Estados Unidos. O primeiro é um noticiário matutino transmitido desde 1975 e uma das maiores audiências entre os americanos. O segundo é um *talk-show* cujo apresentador é conhecido por suas alfinetadas, e o terceiro é um programa conhecido por tratar de problemas familiares ao vivo. (N. do T.)

CAPÍTULO

22

CAVERNA 42

CATACUMBAS DA ATLÂNTIDA

CÁDIZ, ESPANHA

13 DE SETEMBRO DE 2009

Os gritos dos homens feridos ecoaram na caverna, porém mal conseguiram penetrar a sensação de irrealidade que inundava a mente do padre Sebastian. Mas logo ele deixou de prestar atenção na porta, que havia ficado vários centímetros entreaberta, envolta em uma profunda negritude da caverna logo atrás, e foi ajudar um dos homens açoitados pelo cabo.

Brancati deu ordens a seus homens para que ajudassem a cuidar dos feridos e se uniu a eles assim que chegou o estojo de primeiros socorros. Durante alguns minutos, todos se ocuparam do brutal acidente.

Por sorte, nenhum deles havia morrido. Na verdade, os ferimentos não pareciam tão graves quanto julgaram a princípio. Poderia ter sido muito pior.

“Não houve mortes. Foi obra do Senhor — pensou Sebastian. — Que sua misericórdia desça sobre nós enquanto seguimos adiante.”

Após ajudar no atendimento aos feridos, o padre limpou o melhor que pode as mãos com gaze esterilizada. Tinha-se negado a esperar que chegassem as luvas e esteve tamponando feridas para conter o sangue com as mãos descobertas, cuidando dos machucados mais sérios.

— Padre Sebastian, você acredita em maus presságios? — perguntou Brancati em voz baixa.

— Eu acredito em tudo que vem das mãos de Deus Nosso Senhor, mas também acredito nos acidentes. Os homens estão cansados e estressados por toda a tensão que têm suportado. Devemos continuar com muito mais cuidado.

— Estou de acordo — disse Brancati, entregando-lhe uma potente

lanterna como as que levavam a maioria dos trabalhadores, além das luzes dos capacetes. Ele foi o primeiro a passar para a câmara seguinte.

Sebastian ia atrás dele, seguindo-o de perto, ladeado pelos guardas suíços que tinham sido designados para a sua proteção pessoal.

A caverna seguinte era até maior do que aquela onde estavam antes. Parecia uma gigantesca goela de pedra escancarada recebendo aqueles seres minúsculos. Quando foram iluminadas, as estalactites e estalagmites deram a impressão de serem sinistros dentes pendurados. A caverna estava seca, o que indicava que havia estado hermeticamente fechada até que a porta fora arrombada.

— Acho que vai ser melhor a gente deixar a caverna respirar um pouco, padre — sugeriu Brancati. — Para o caso de a mudança na pressão do ar causar um problema parecido como o da última vez.

Sebastian se obrigou a assentir. Não queria sair dali, mas sabia que era um procedimento mais seguro.

— Padre Sebastian — lhe chamou uma voz.

Voltou-se e viu dois homens que iluminavam com as lanternas em direção a uma inscrição talhada na parede. Atraído pela voz, foi até eles.

De novo, por um momento, parecia impossível a ele entender o que diziam as palavras. Sebastian semicerrou os olhos, tentou de novo e conseguiu enfim ler a mensagem.

Cheguem ao Senhor com um canto jubiloso

O padre não entendeu a mensagem, mas pelo menos tinha conseguido ler o que estava escrito. Ficou mais um tempo observando as inscrições entalhadas na parede, e então deu meia-volta e vasculhou a enorme caverna novamente.

— Aqui! Aqui, padre Sebastian! — gritou alguém.

Correu até o lugar de onde vinha a voz, ladeado pelos guardas suíços e encontrou uma larga parede, que parecia ter sido alisada para alguém talhar imagens. Entre os relevos havia espaços, como se fossem as páginas de um gigantesco livro de pedra. Sem dúvida, muitas pessoas tinham dedicado toda a sua vida para realizar aquele intrincado trabalho.

A primeira imagem era de uma imensa selva. Um homem e uma mulher, nus, estavam num clarão no meio das árvores. Um grande

número de animais estava a seus pés ou os observava de perto. Os pássaros preenchiam os galhos das árvores que havia ao redor.

— Santa Mãe de Deus — sussurrou o padre, hipnotizado pelo que estava vendo. Deu um passo para frente e passou seus trêmulos dedos pela superfície lindamente talhada.

— O que é isso? — perguntou Brancati em voz baixa.

— O Jardim do Éden. Adão e Eva no Jardim do Éden — respondeu o padre Sebastian.

Vários dos homens ao redor se benzeram e tiraram seus capacetes de proteção, até que Brancati rosnou, ordenando que os colocassem de novo.

— O senhor está querendo me dizer que isto era o Jardim do Éden? — perguntou Brancati.

— Não, este lugar não. Isto aqui era parte da Atlântida, ou seja lá como for que o povo que conhecemos como atlantes chamasse onde viviam... — disse Sebastian.

— E por que talharam essas imagens nas paredes? — perguntou Brancati.

— Para que não se esquecessem, imagino. Para não repetir a mesma loucura que fizeram Adão e Eva — respondeu Sebastian, que dirigia a luz da lanterna um pouco mais adiante e descobriu outra imagem, onde se via Deus moldando Adão com um pedaço de lama.

— Toda a história está aqui — comentou Peter, o guarda suíço. — Estas imagens contam a história bíblica da Criação.

— Esse é Deus? — perguntou Martin, com grande reverência.

Sebastian avançou pelas curvas da caverna e encontrou um dos operários em frente a outra imagem de Adão e Eva na selva. No desenho, via-se um homem perto do casal, com um grosso livro na mão e uma brilhante auréola ao redor da cabeça.

— Não, esse não é Deus — respondeu Sebastian.

— Então, quem é? — perguntou um trabalhador.

— Não estou bem certo ainda, mas creio que seja seu filho.

Inclinado sobre o *laptop*, o cardeal Stefano Murani estudou o vídeo das escavações que ficava a poucos quilômetros de onde se encontrava. Ele havia se estabelecido em um lugar mais parecido com um esconderijo, porque precisava de refúgio. Era uma das casinhas da região que às vezes eram alugadas aos turistas. Não lhe proporcionava o tipo de luxo a que estava acostumado, mas ficava próximo das escavações em Cádiz e do oceano Atlântico.

Observou com crescente interesse as imagens do interior da nova caverna, que ficava depois da enorme porta de metal. Sebastian havia se aproximado mais do objetivo desejado pelo papa.

“Todas essas imagens em relevo serão as ilustrações do livro?”, perguntou a si mesmo enquanto ia passando as imagens. O trabalho feito para gerar aquela obra era assombroso.

A resposta, no momento, era que ele não sabia. Precisava chegar ao interior da caverna.

O celular tocou, ele o abriu e respondeu:

— Sim — disse Murani.

— Chegaremos dentro de cinco minutos, mais ou menos — disse Gallardo.

— Nos veremos então — disse Murani.

Desligou o celular, desconectou a internet e fechou o computador. Foi até a porta da frente e atravessou o sistema de segurança instalado pelos guardas suíços que decidiram acompanhá-lo. Havia câmeras vigiando os arredores.

O tenente Milo Sbordonni estava sentado próximo ao alpendre. Tinha uns 30 anos e era bem-apessoado, com feições bem definidas e um espesso cavanhaque preto. Da mesma forma que o restante dos guardas sob seu comando, usava um jaleco de combate cheio de armas. Não havia nenhuma dúvida de que assaltariam e tomariam o controle das escavações depois de Gallardo ter capturado Lourds.

— Cardeal — cumprimentou Sbordonni, colocando-se de pé. A arma e o rifle que levava brilhavam.

— Chegou a hora — disse Murani.

— Muito bem — disse Sbordoni. Sorriu e deu ordens para que seus homens se reunissem.

A Guarda Suíça se preparou e dividiram mais armas na rua, onde o motor de um caminhão de carga rugiu.

— Preciso dizer-lhes algo — pediu Murani ao tenente.

Sbordoni deu uma rápida ordem e os homens se apresentaram diante de Murani. Devido às armas que levavam e à estatura dos guardas, Murani parecia um anão em meio aos gigantes. Mesmo assim, os homens reconheciam sua autoridade e mantiveram silêncio enquanto falava.

— Vocês são meus companheiros de armas. São os melhores da Guarda Suíça do Vaticano. Mais que isso, também têm reconhecido o sagrado sentido das palavras de Deus. Algo que muitos dos que vivem no Vaticano têm esquecido.

— A Igreja tem se debilitado. Temos que a fortalecer. — Murani fez uma pausa. — Alguns de vocês conhecem a Sociedade de Quirino desde tempos imemoriais e sabem que seus cardeais têm trabalhado com os papas anteriores para recuperar coisas que foram perdidas durante milhares de anos. Alguns poucos de vocês, abençoados por Deus, tiveram a oportunidade de ajudar na localização e custódia desses objetos.

Alguns homens assentiram, inclusive Sbordoni. Todos tinham cicatrizes daquelas batalhas. A Igreja não era a única entidade envolvida nessa busca, e a Sociedade de Quirino nem sempre havia tido êxito na hora de recuperar o que desejava. Em certas ocasiões, diversos daqueles tesouros haviam se perdido ou tinham caído em mãos inimigas.

— O que buscamos esta noite é o objeto mais importante que Deus enviou ao povo escolhido. Tem o poder de refazer o mundo.

Os olhos de Sbordoni se cravaram nos de Murani, e o tenente da Guarda Suíça assentiu cheio de expectativas.

— Pessoas não crentes e corrompidas pela ânsia de poder o utilizaram uma vez. Queriam ser como Deus. — Fez outra pausa. — É a obra mais sagrada de Deus e deve ser usada por aqueles que o amam.

Sei que vocês o amam tanto quanto eu. Juntos nós faremos deste mundo mais uma vez o lugar que Deus queria que ele fosse.

— Louvemos ao Senhor! — exclamou Sbordoni.

Murani lhes pediu que inclinassem a cabeça enquanto rezava para invocar a proteção da Virgem Maria.

*

Lourds estava atado no assento traseiro de um caminhão com sua cobertura de lona, aturdido e enjoado pelo efeito colateral da droga que lhe haviam administrado.

Ao seu lado, Leslie também parecia esgotada.

— Onde estamos? — perguntou Leslie.

— Não sei — respondeu Lourds enquanto olhava o litoral ainda escuro que se via pela abertura da parte posterior do caminhão. A luz da lua iluminava as ondas. — Perto do mar.

— Quando eles pegaram você? — perguntou Leslie passando a língua pelos lábios e testando a resistência das algemas.

— Depois que a sequestraram. Disseram-me que, se não fosse com eles, matariam você... — disse Lourds.

— E sua nova namorada não os impediu?

Lourds suspirou. Estar prisioneiro já era suficientemente perigoso, mas estar nesta condição com uma jovem com interesse pessoal em suas desventuras amorosas era ainda mais complicado e menos agradável.

A droga que administraram nela tinha feito a garota falar dormindo. E ela não havia sido nada amável em suas referências a ele. Seus comentários ofensivos haviam servido de diversão aos capangas que acompanhavam Gallardo. Alegrou-se de não ter despertado muito antes que ela.

— Você não foi usada apenas para me apanhar. Gallardo me chamou e me disse que, se não entregasse os instrumentos, mataria você — disse Lourds.

— E você entregou os instrumentos a eles? — ela gritou.

— Sim, e eu sei que eles estavam falando sério. Sobre a parte de

matar você — disse Lourds.

— Imagino que isso não deve ter agradado muito sua namorada. Especialmente quanto a trocar os instrumentos por mim...

— Natashya não é minha namorada — disse Lourds.

— Não me diga que ela simplesmente o usou e o deixou em seguida, tadinho... — disse Leslie, fingindo que se compadecia dele.

— Por que se preocupa com a minha vida particular? — perguntou Lourds, levantando as algemas que estavam presas a seus pulsos. — Você já parou para pensar que estamos metidos em um grande problema?

— Pode ser que você tenha razão — aceitou Leslie, olhando a cara dos homens que estavam de vigia com eles no caminhão. — Tudo bem, você tem razão. Pelo menos eles não nos mataram.

— Pode ser que isso não seja tão bom quanto parece — disse Lourds.

*

Quando o caminhão se deteve, um dos homens pegou Lourds pela camisa e o colocou de pé. O empurrou até a parte de trás e depois pela porta traseira.

Seus sequestradores não pareciam nada preocupados se danificassem a mercadoria.

Lourds tropeçou e caiu com força no chão, doía só de respirar. Via pontos que giravam diante dos seus olhos. Antes mesmo que tivesse a chance de se recuperar, um dos homens voltou a colocá-lo em pé, puxando-o pelo colarinho da camisa. Sentiu uma profunda dor nos pulsos e se endireitou tão rapidamente quanto pode.

Um homem elegante, vestido com roupas de cardeal, parou diante dele. Às suas costas tinha um pequeno exército armado até os dentes.

— Professor Lourds, sou o cardeal Stefano Murani — o homem se apresentou sorrindo.

A expressão daquele sacerdote fez com que Lourds sentisse um arrepio.

— Dadas as circunstâncias, não posso dizer que seja um prazer

conhecê-lo — provocou Lourds.

Leslie se apertou a seu lado. Frente a tantos inimigos, ela não parecia tão implacável a respeito de seus antigos pecados de alcova.

— Sim, a verdade é que não é um prazer, embora o professor tenha se revelado uma surpresa e tanto. Uma surpresa muito agradável para mim, ainda que receie que seja algo muito desagradável para o senhor — disse Murani.

Lourds não disse nada, mas sentiu que um medo frio e intenso lhe corroía as entranhas.

— Conseguiu decifrar o enigma dos instrumentos? — perguntou Murani.

— Não — respondeu Lourds.

— Tenente! — chamou Murani sem rodeios.

Um homem esbelto com cavanhaque deu um passo adiante e tirou uma arma.

— Cardeal — disse o tenente.

— A mulher, penso eu — disse Murani.

O homem apontou imediatamente para Leslie. Lourds se colocou diante dela sem hesitar. Leslie se agarrou à camisa dele e puxou o professor firmemente para colocá-lo à sua frente. Não era exatamente a reação que Lourds esperava, mas não podia culpá-la. Ele também estava assustado.

O tenente que havia sido chamado pelo cardeal gritou uma ordem. Dois homens se aproximaram e agarraram Leslie. Ela gritou, esperneou, deu chutes e esbravejou quando a afastaram dali.

— Não matarás — disse Lourds. — Esse é um dos dez mandamentos de Deus, não é isso?

Os homens colocaram Leslie no chão e o tenente lhe colocou a arma a escassos centímetros da testa.

— Esse mandamento não conta quando os soldados têm que lutar em uma guerra santa por Deus — retrucou Murani. — E isto é uma guerra. Vocês se converteram em nossos inimigos. Deus nos perdoará dos pecados que cometeremos hoje em seu nome. Estamos aqui para livrar o mundo do mal. Os instrumentos que encontrou são nossas armas.

O cardeal olhou para Leslie, que estava enrolada em posição fetal deitada no chão, ainda que suas mãos levadas à cabeça não fossem capazes de deter as balas.

— E você vai nos ajudar — continuou ele. — Estou disposto a matar a garota apenas para lhe provar como estou levando a sério essa minha missão.

— Não consegui decifrar o enigma dos instrumentos — assegurou Lourds com toda a sinceridade que pode. De fato, não havia nenhum enigma no material que ele havia traduzido até agora. — Eu continuo trabalhando nas inscrições. Eu já resolvi quase tudo, mas não há menção alguma sobre algum enigma a ser decifrado.

Murani olhou para ele.

— Eu juro. Ela poderá ser morta sem motivo algum. Eu lhe ajudarei no que quiser, mas não a mate. Eu também não quero morrer. — O sangue lhe parecia subir à cabeça e seu coração batia com força. — Eu tentarei outra vez, é tudo o que eu posso fazer — disse Lourds.

O olhar do cardeal não vacilou nem um momento. Finalmente, quando Lourds estava convencido de que o homem ia matar Leslie de qualquer jeito, Murani olhou para o tenente e disse:

— Traga-a.

“Graças a Deus”, pensou Lourds.

Soltou o ar, ainda que aquilo não lhe aliviasse a opressão que sentia no peito.

— Suba-os no caminhão — ordenou Murani.

Mãos fortes voltaram a agarrá-lo e o professor apertou os dentes para suportar a dor.

*

De novo sentado nos incômodos limites do caminhão, ia jogado no piso metálico que havia entre os bancos cheios de soldados vestidos de preto. Achava que eram guardas suíços trazidos de Roma, pelas conversas que pode entreouvir.

Uma corrente prendia as algemas numa argola fixada ao piso. Não havia nenhuma possibilidade de escapar dali. Deu solavancos e pulos

enquanto o veículo avançava por um terreno acidentado.

As abas da lona na parte de trás cobriam grande parte da visão exterior, mas se balançavam o suficiente durante a viagem para Lourds poder ver algo de vez em quando. A estrada que percorriam seguia margeando a costa. Lourds mantinha sua atenção dividida entre Leslie, Murani e em encontrar referências que pudessem facilitar que a polícia os localizasse.

Leslie estava ao seu lado. Em alguns momentos o corpo dela batia suavemente contra o seu e isso o fazia recordar de tempos mais agradáveis. Também o fazia pensar em quão vulnerável era aquela jovem.

Apesar da determinação desses homens de matar pelo cardeal Murani, ele não pensava que os guardas fossem violentá-la. Pelo menos Lourds achava que a garota estivesse a salvo dessa ameaça.

Ou era isso que ele esperava. Gallardo e seus comparsas também iam sentados entre os guardas; às vezes seus olhares em brasa se desviavam para Leslie. Lourds se sentia incômodo ao adivinhar suas intenções.

— Thomas — disse Leslie.

— Sim? — perguntou Lourds, olhando para Leslie.

— Sinto muito — disse ela com lágrimas que pareciam despontar em seus olhos.

— Por quê? — perguntou Lourds.

Sentiu pena por Leslie, a garota não estava preparada para algo assim. Nem ele. A verdade era que sentia pena pelos dois.

— Por ser uma bruxa — respondeu Leslie.

— Veja, a noite que passei com Natashya... — começou a dizer Lourds, mas se calou porque não estava bem certo de como iria continuar a frase.

Aquela noite havia sido maravilhosa, como as que havia passado com ela. Mas não achava que devesse se desculpar com nenhuma das duas. Tinha sido sincero desde o primeiro contato com ambas. Ele gostava das mulheres. Mas o problema é que não estava pronto ainda para assentar a cabeça. E, o mais importante na opinião dele, nem tinha perseguido nenhuma das duas. Elas é que haviam se mostrado

interessadas...

— Você não fez nada de errado — tranquilizou a jornalista.

Lourds relaxou. Um pouco. Às vezes, quando as mulheres estão vivenciando uma circunstância difícil, elas dizem coisas que se supõe que deveriam dizer, mas não que realmente sintam aquilo. Ele havia aprendido isso com a experiência, e da forma mais complicada possível.

— Ao menos, não exatamente errado... É um homem e na qualidade de homem você tem uma série de limitações básicas. Como espécie, os homens não são fiéis — disse Leslie.

Em um canto do caminho, Gallardo e um de seus homens prestavam atenção na conversa deles e sorriam.

— Creio que este não seja o melhor momento para se falar dessas coisas — disse Lourds.

— Pode ser que não tenhamos outro — protestou Leslie exasperada.

— Isto aqui não é bem aquela situação meio incômoda que vai nos aborrecer por um tempo e depois retomamos nossas vidas normais.

— Preferiria que fosse assim...

Leslie fez uma cara de incredulidade.

— Estamos sentados em um caminho cheio de assassinos e quer brincar de Pollyanna para cima de mim? — Leslie arregalou os olhos e olhou para ele.

De repente, Lourds se deu conta de que a jovem estava a ponto de voltar a se irritar com ele.

— Não somos assassinos — interveio Murani.

— Ah, está bem, então — e Leslie voltou sua atenção para o cardeal.

— Pois para mim parece que sequestrar pessoas e ameaçar matá-las é um claro indicador de maldade, não acha?

— Estou tentando salvar o mundo — protestou Murani. — Não sou eu o vilão da história.

Lourds se encolerizou ao lembrar que Gallardo ou um dos seus homens, sob as ordens de Murani, havia assassinado Yuliya e tinha matado um dos rapazes da equipe de Leslie em Alexandria. Fossem quais fossem as intenções que tivesse aquele homem, ele era o vilão, sim.

— E como acha que fará isso? — perguntou Leslie.

Murani suspirou.

— Através da palavra de Deus. Agora calem-se os dois, ou farei com que sejam amordaçados — disse Murani.

Leslie se calou, mas se apoiou com mais força contra Lourds.

— Seja como for, desculpe-me — disse Leslie em um sussurro.

Lourds assentiu.

Leslie o olhou irritada.

— Você não vai me dizer que sente muito, também?

Lourds ficou gelado. Mas do que ele haveria de se desculpar? Fez uma tentativa.

— Sinto por tê-la convencido para que viesse comigo — disse Lourds.

Leslie grunhiu e se afastou dele.

— Você é um idiota — disse ela.

Gallardo e seus homens caíram na gargalhada e até Murani pareceu divertir-se com aquela situação.

Lourds não conseguia acreditar que deveria temer por sua vida e, ao mesmo tempo, ter que se sentir culpado por seu relacionamento com as mulheres. Se ele não estivesse tão curioso sobre o que iriam encontrar na escavação de Cádiz, teria ficado louco a esta altura dos acontecimentos. Mas agora decidiu se concentrar em se lembrar da inscrição. Voltou a reconstruir o idioma em sua mente para poder traduzi-lo uma vez mais.

*

Mais tarde, embora não pudesse ter certeza de quanto tempo havia transcorrido, o caminhão se deteve e ouviram vozes no exterior. Um olhar através da lona, antes que um dos guardas a fechasse, revelou que estavam na escavação de Cádiz. Vários veículos de diversos meios de comunicação rodeavam o lugar.

Estava desesperado. Certamente a única coisa que teria a fazer era gritar pedindo ajuda; então as pessoas...

— Não faça isso — advertiu Murani friamente. — Mantenha-se calado ou matarei sua amiga. Preciso dessa sua mente genial por um pouco

mais de tempo apenas. Mas a companhia da senhorita Crane é uma mera conveniência para você, algo de que seguirá desfrutando segundo o seu comportamento.

Desistiu. Ele ouviu que Leslie inspirava com força a seu lado. Imediatamente um dos guardas lhe pôs uma mão na boca. Leslie gritou, mas seu som ficou abafado por trás daquela mão enorme.

O motor do caminhão foi acionado de novo e voltaram a se colocar a caminho.

Natashya se manteve nas sombras que rodeavam a escavação e observou quando os dois caminhões cruzavam o portão da cerca. Aquela cerca tinha sido levantada desde o começo dos trabalhos, em antecipação ao interesse que aquela história poderia despertar na mídia. Seus três metros de altura e o arame farpado na parte superior não significavam necessariamente uma blindagem, por exemplo, mas servia muito bem para manter à distância os jornalistas, os curiosos e aqueles que somente pensavam em roubar qualquer coisa que achassem do lado de dentro. Potentes holofotes varriam o terreno rochoso.

À direita, o oceano Atlântico golpeava contra um muro de contenção de dois metros e meio que havia sido construído para evitar a água da maré alta. Não era uma construção permanente, embora tivesse sido feita com bons materiais. A Igreja Católica não havia poupado gastos para assegurar que sua gente estivesse a salvo.

Pensar que tinha que descer às cavernas subterrâneas continuava a revolver o estômago de Natashya. Mesmo os túneis do metrô de Moscou a faziam sentir-se assim. Não gostava nada da ideia de ficar presa sob a terra. A possibilidade de afogar-se enquanto estivesse ali a aterrorizava mais ainda.

Focalizou os binóculos para os dois caminhões que atravessavam o portão. Olhou o relógio e viu que eram 2h38 da madrugada. Não achava possível que, a essa hora, alguém estivesse entregando material ou coisa parecida... Mas, em todo caso, poderia ser uma possibilidade.

— E então... Como estão as coisas? — perguntou Gary a seu lado.

Não respondeu, seu companheiro estava demonstrando não ter paciência.

— São eles? — insistiu Gary.

— Não sei. Não havia uma lista dos passageiros impressa na lateral do caminhão.

Gary soltou um palavrão.

— E se por acaso você estiver equivocada?

— Nesse caso, quem estaria equivocado seria Lourds. Foi ele que fez a tradução e estava certo de que os instrumentos conduziam até aqui — disse Natashya.

— E ele podia estar errado, sabia? — retrucou o cameraman. — E mesmo que ele estivesse certo sobre a tradução falar de Atlântida, isso aqui pode não ser a Atlântida sobre a qual os instrumentos se referiam...

— Eu sei — disse Natashya.

— Talvez nós os tenhamos perdido...

— Eu sei.

Só estava mantendo essa conversa porque até certo ponto o relaxava.

Gary voltou a soltar alguns outros palavrões.

— Talvez a Igreja Católica esteja errada e isto aqui não seja a Atlântida. Se você tivesse lido a documentação que foi escrita sobre o assunto, saberia que ela poderia estar localizada em qualquer parte do mundo — disse Gary.

— Não me importa. Lourds disse que viriam para cá — disse Natashya.

— Mas, se ele tiver se equivocado, nós os perdemos.

— Tente não pensar dessa forma, eu acredito que ele tinha razão — disse Natashya.

Ela observou que os caminhões se detinham na entrada do sistema de cavernas e que os passageiros estavam descendo da traseira.

— E de que outra forma eu pod...

— Lourds tinha razão, aí estão eles — disse Natashya ao ver Lourds, que tropeçou ao descer do veículo.

— Eu sabia, ele é um cara muito inteligente — disse Gary.

— Sem dúvida — disse Natashya.

Apesar do perigo, ela não pôde deixar de sorrir. Em parte pela ridícula mudança de postura de Gary e em parte porque Lourds e Leslie

continuavam no mundo dos vivos, mas, sobretudo, porque sua vingança pela morte de Yuliya estava mais próxima.

Mal podia esperar para concluir aquilo com que se comprometera consigo mesma.

O grupo foi até a caverna e desapareceu em seu iluminado interior.

Havia chegado o momento mais difícil.

— Temos mais alguns problemas — disse Natashya.

— Quais? — perguntou Gary.

— Os homens de Gallardo entraram na caverna facilmente — disse Natashya.

— E daí?

— Isso significa que há gente deles por lá. Que já se infiltraram na segurança — disse Natashya.

— Bem, e então...

— Isso quer dizer que eles estão no comando, bem armados e nos superam na proporção de cem para um — explicou Natashya para Gary como se ele fosse um menininho de cinco anos de idade.

— Isso nunca a impediu antes.

*

Murani desceu às cavernas com Sbordonni de um lado e Gallardo do outro. Era estranho pensar que, se aqueles homens tivessem se conhecido separadamente, um não teria ido com a cara do outro. No entanto, Murani sabia muito bem como utilizá-los para alcançar seus propósitos.

Gallardo observou nervoso enquanto o grupo de guardas suíços recém-chegados se juntava à equipe encarregada da segurança já no local da escavação. Não tinha pensado que a incursão ao sistema de cavernas fosse tão fácil.

— Você achava que teríamos que abrir nosso caminho a tiros? — perguntou Murani.

— Eu? Não, pensei mais em uma estratégia de entrar pela porta dos fundos — disse Gallardo, que parecia tenso. — Outra coisa que aprendi com os anos: entrar em um lugar com tanta facilidade não significa

necessariamente que possa sair dali do mesmo jeito.

— Nós poderemos — o tranquilizou Murani.

O cardeal estava confiante com relação a isso. Todos os guardas suíços que estavam na escavação tinham jurado lealdade à Sociedade de Quirino e acreditavam na manutenção dos segredos da Igreja. Aqueles que não estavam cientes do plano de Murani de usar o artefato que o padre Sebastian estava a ponto de descobrir se dariam conta disso tarde demais.

— Só para que você saiba — comentou Gallardo —, se algo sair errado, não ficarei por aqui.

— Nada vai sair errado — disse Murani, observando as cavernas e o acampamento-base.

Havia poucos trabalhadores acordados, a maioria dormia no interior das barracas. Os que não estavam dormindo olharam com certa curiosidade para Murani e seus homens passando. Todos sabiam que a Guarda Suíça estava armada e que surgiram algumas ameaças à escavação. Murani estava seguro de que a presença de mais guardas no acampamento-base somente lhes faria pensar que a segurança havia aumentado.

— A que distância se encontra a caverna onde está o padre Sebastian? — perguntou Gallardo.

— A uns três quilômetros daqui — respondeu Murani.

Gallardo olhou com inquietude a entrada da caverna.

— É um longo caminho sob a terra — disse Gallardo.

— Pessoalmente, sabia que haveria um longo caminho até onde eu queria chegar. Desejo estar ali mais do que nunca — disse Murani, que esperava que o padre Sebastian não tivesse encontrado o livro ainda.

*

Seguindo as ordens de um guarda suíço, Lourds subiu a um reboque que transportava provisões e trabalhadores ao longo do local de escavações. Longas tábuas de madeira faziam as vezes de assento.

Leslie sentou-se a seu lado.

— Eu não gosto de cavernas — disse Leslie.

— Algumas delas são fascinantes — a tranquilizou Lourds.

Tinha visto algumas quando estudava pinturas rupestres em busca de algum sinal de linguagem rudimentar. A ideia de que a humanidade tivesse vivido nelas durante alguns séculos era fascinante para o professor.

— Você gosta de coisas estranhas — disse Leslie.

— Suponho que sim — disse Lourds sorrindo.

— Isso é uma das coisas que faz de você uma pessoa interessante — disse Leslie.

— Você que está dizendo — aceitou Lourds, que tentava seguir a linha de raciocínio de Leslie.

Não sabia se em princípio poderia receber isso como elogio ou como ofensa. E se surpreendeu ao descobrir que o que ela pensava sobre ele lhe importava.

Em vez de continuar preocupando-se com ela, Lourds dirigiu sua atenção até o acampamento-base. Estava organizado de forma bem parecida às instalações que são montadas quando se sobe uma montanha. Tinha barraca de alimentação, primeiros socorros e entretenimentos, como televisão e videogames, alimentados por ruidosos geradores que preenchiam as cavernas de ostensivas vibrações.

O caminhão se colocou a caminho puxando o reboque, que deu uma sacudidela. Lourds bateu levemente contra Leslie. Ele espiou os guardas que estavam sentados à frente deles e não pode deixar de pensar que, se aquilo fosse um filme do James Bond, 007 entraria em ação nesse momento e derrubaria seus sequestradores. Depois salvaria o mundo.

“Pelo menos James Bond saberia de que tinha salvado o mundo”, pensou com amargura. Ele somente tinha uma ligeira ideia do que iam encontrar.

Mas a certeza de que saltar sobre um dos guardas e arrebatá-lo a arma era uma loucura arrematada ficou bem clara antes de ele agir, e se sentiu agradecido por isso. Imaginou-se sendo cravado por balas e Murani torturando seu corpo moribundo com ferros quentes ou algo parecido para que ele traduzisse a inscrição.

O caminhão foi pegando velocidade conforme descia às entranhas da terra. Lourds descobriu que a equipe de escavação havia seguido túneis que já existiam, mas tinham sido obrigados a aumentar a largura de alguns deles. Os faróis fendiam a escuridão, e as lâmpadas penduradas na rocha desnuda dos túneis indicavam o caminho em direção a seu destino.

Notou que Leslie tremia e pensou em rodeá-la com o braço. Podia fazer isso mesmo com as algemas, mas não soube identificar pelo olhar dela se ela permitiria. Assim sendo, continuou sentado em silêncio temendo o que ia encontrar ao fim daquela viagem à Atlântida.

*

— Estas eram as catacumbas que existiam debaixo da cidade — explicou o padre Sebastian enquanto ia mostrando os grandes relevos talhados em pedra que mostravam grande parte do que havia sido descrito no Gênesis.

Parou em frente a um dos desenhos em que se via, sem dúvida, o nascimento do universo e a separação da escuridão e da luz. Deus, uma presença reluzente, mantinha os braços para o alto e abertos enquanto a luz do sol o rodeava.

— Certamente escavaram as tumbas à medida que iam construindo a cidade — continuou o padre.

— Não encontramos nada em cima — comentou Brancati.

— Não terão sido os terremotos e as ondas os responsáveis pelo desaparecimento da cidade? — perguntou Sebastian, passando os dedos por um relevo que mostrava a construção de um enorme zigurate¹ no centro de uma fantástica cidade, que era muito mais desenvolvida que qualquer construção que tivesse existido no mundo no período em que se acreditava que a Atlântida havia ficado submersa.

— Sim, tenho visto terremotos que não deixaram grande coisa nas zonas rurais, mas isso não acontece nas cidades atuais. Há muitas conexões de sanitários públicos e sistemas subterrâneos para que desaparecesse tudo — disse Brancati

— Mas e há muitos milhares de anos? — perguntou Sebastian.

— As muralhas circulares permanecem. Há quem duvide que isto seja a Atlântida — disse Brancati.

Sebastian assentiu, indicando o relevo que tinha diante de si.

— Os estudiosos da Bíblia e os historiadores se equivocaram sobre a Torre de Babel. Ela não foi construída na Babilônia, e sim aqui, na Atlântida.

— Você acredita mesmo nisso? Não esperava nada do gênero.

Ao reconhecer a voz, mas sem fazer a mínima ideia de que a pessoa que havia pronunciado essas palavras poderia estar ali, Sebastian voltou-se e viu o cardeal Murani à frente de um pequeno exército de guardas suíços.

— O que está fazendo aqui, Stefano? — perguntou Sebastian surpreso.

Murani se deteve frente ao relevo e o observou por um momento, antes de dar meia-volta e encarar o padre.

— Estou aqui para realizar a verdadeira obra de Deus. Vim para devolver o conhecimento de Sua palavra e Sua verdade ao mundo. Não vou continuar encobrindo isso e ajudando a debilitar o Seu poder.

— Você não deveria estar aqui — repreendeu Sebastian.

— Não, mas o homem que exerce comando sobre mim é um inútil. O novo papa é tão débil como os que ocuparam essa posição antes dele. Insiste em que tudo que seja encontrado aqui deva ser enterrado. Ele está equivocado e não vou permitir que isso aconteça.

O terror invadiu Sebastian ao estudar o cardeal com mais atenção. Era evidente que algo havia se descontrolado terrivelmente em seu interior. Seus olhos estavam tão enlouquecidos quanto a forma em que sua voz soava. Olhou para Peter e Martin, os guardas suíços que vinham agindo como sua escolta pessoal.

Ambos se distanciaram dele.

— Não sei que diabos vocês pensam que... — começou a dizer Brancati, dando um passo adiante.

Um homem de aspecto brutal ao lado de Murani golpeou-lhe a testa com a coronha de um fuzil e o derrubou. Brancati caiu de bruços no chão e o corte que havia sido feito na sobrancelha esquerda começou a sangrar.

Os trabalhadores correram para defender seu chefe, mas as armas que brandiam os guardas suíços os impediram de avançar mais. Os guardas deram algumas ordens e todos os homens se puseram de joelhos com as mãos atrás da cabeça.

Rapidamente tiveram as mãos presas com algemas de plástico. Assim que todos estavam dominados, alguns dos guardas os empurraram para a caverna anterior. Nenhum deles esboçou reação desta vez.

Murani sorriu. Aproximou-se para que somente Sebastian pudesse ouvi-lo.

— Você não pode me deter, velho. A única coisa que pode fazer é resistir e morrer. Se quiser morrer por Deus, faça-o. Estou desejando que faça esse sacrifício. De fato, eu o aplaudiria por isso.

Sebastian se obrigou a manter-se firme apesar do medo.

— O livro não está aqui — disse Sebastian.

Murani olhou ao redor.

— Eu acho que está, sim — disse.

— Ele destruiu a Atlântida — retrucou Sebastian.

— Porque os reis-sacerdotes daqueles tempos queriam ser iguais a Deus. Eu só quero trazê-Lo de volta a este mundo. Quero que todo o mundo volte a temê-Lo, incluindo o inútil usurpador que está na Cidade do Vaticano. Sobretudo ele. Tenho planos para aquele velhote...

Sebastian começou a tremer, mas não disse nada. Ele não podia acreditar no que estava acontecendo. A Guarda Suíça devia obediência ao papa e a ninguém mais. E, no entanto, eles haviam seguido a Murani como se *e/le* fosse o papa.

— Onde está o livro? — perguntou Murani.

Sebastian negou com a cabeça.

— Não sei, e se eu soubesse não lhe diria — respondeu Sebastian.

Um tique nervoso se fez patente sob o olho direito de Murani.

— Tenha cuidado, não vou aguentar nenhuma insubordinação. Se for preciso, eu vou enterrar você aqui mesmo — disse ele.

— Assim sendo, irá acrescentar um assassinato à sua lista de atrocidades — disse Sebastian.

— Tarde demais, padre, já acrescentei isso faz muito tempo —

replicou Murani friamente. — Neste momento, a única coisa que posso fazer é aprofundar o que já tenho feito. Acabar com uma vida perseguindo o propósito de Deus não é um assassinato.

— Essa não é a obra de Deus — disse Sebastian.

— *Você não a reconhece como obra de Deus, e eu sim.*

— Eu não o ajudarei — disse o padre.

Murani sorriu.

— Eu não preciso de sua ajuda — grunhiu Murani antes de levantar a voz. — Professor Lourds.

*

Lourds foi tropeçando e escorregando no piso de pedras enquanto um guarda suíço o empurrava. Então o professor se deu conta de quão desgastado estava o solo entre os enormes murais talhados. Há milhares de anos, refletiu ele, as pessoas haviam passado muito tempo passeando diante daquelas imagens.

— Venha aqui! — ordenou Murani.

Aproximou-se do cardeal com má vontade. Tinha presenciado a conversa entre ele e o padre Sebastian, mas não havia conseguido ouvi-la devido ao ruído dos geradores que funcionavam sem parar na caverna ao lado. Contudo, pela expressão de seus rostos, se deu conta de que nenhum dos dois estava contente com nada do que havia sido conversado.

Murani fez um gesto em direção da imagem talhada que tinha diante de si.

— Você sabe o que é isso? — perguntou Murani.

Olhou para a pedra e pensou que talvez o cardeal estivesse tentando apanhá-lo numa armadilha. A imagem era clara, não havia nenhuma dúvida do que era aquilo.

— A Atlântida — assegurou Lourds, fazendo um gesto em direção ao zigurate com as duas mãos juntas, já que estava algemado. — Essa é a Torre de Babel. Foi construída para chegar ao Céu e alcançar Deus.

— Sim — disse Murani.

Em seguida, dirigiu a atenção do professor em direção das seções de

pedra onde haviam sido entalhadas inscrições na mesma língua que aparecia nos instrumentos. No entanto, a imagem que aparecia ali era diferente. Nela se viam dois homens e uma mulher numa floresta, rodeados de animais.

— Consegue ler isto? — perguntou o cardeal.

Lourds estudou a escrita por um momento e notou o intenso olhar do padre Sebastian.

— Não o ajude a fazer isso — pediu Sebastian com suavidade ao professor. — Você não tem ideia do que ele pretend...

Rápido como o ataque de uma serpente, Murani esbofeteou o rosto do padre cruelmente. Sebastian soltou um grito, cambaleou e caiu sobre um dos joelhos. Sangrava pelo nariz e pelos lábios.

Alguns guardas suíços começaram a aproximar-se, incluindo um jovem com uma cicatriz no rosto e que parecia evidentemente perturbado. Só algumas ordens dadas por alguns homens que só podiam ser seus superiores os detiveram. Era evidente que o acordo que havia entre o grupo implicava coisas distintas para alguns deles. Nem todos os Guardas Suíços pensavam igual.

Lourds não soube avaliar se aquilo era uma coisa boa ou não. A única coisa que sabia com certeza era que todos os guardas estavam armados. Uma rebelião entre eles poderia produzir numerosas baixas, e as testemunhas provavelmente seriam contadas entre elas. Decidiu que, por enquanto, não era um bom plano jogar um grupo contra o outro. Talvez mais tarde, se o desespero tomasse conta dele.

— E então, consegue ler isso ou não? — voltou a perguntar Murani.

Lourds olhou para o texto.

— Não sei, até ontem à noite eu não sabia como traduzir essa língua — disse Lourds.

— O que está escrito? — perguntou Murani.

Lourds perguntou-se se Murani, cujos finos lábios haviam desenhado um sorriso, poderia ler a inscrição.

— Deixe que eu parafraseie essa seção por você. Depois de Deus criar o Paraíso e a Terra, os oceanos e os céus, quando finalmente criou o homem e pouco depois a mulher de uma de suas costelas, enviou seu filho para que caminhasse com Adão e Eva.

— Isso não pode estar certo... — murmurou Lourds, percebendo que o cardeal não pousara os olhos sobre a inscrição em nenhum momento de seu discurso.

— Está correto sim — replicou Murani.

Lourds desviou seu olhar do homem de volta para a história escrita na parede de pedra. Apesar de alguns erros e alterações na interpretação, era o que dizia.

— Mas isso é um erro, um equívoco. A Bíblia diz que Jesus nasceu de Maria milhares de anos depois e que era o único filho de Deus — disse Lourds.

— Isso é o que a Igreja tem feito você acreditar — disse Murani. — É um dos muitos segredos que ela tem protegido todos esses anos. Deus teve *dois* filhos, que foram ambos enviados para a Terra. A humanidade matou os dois.

Lourds olhou para Sebastian.

Seu silêncio foi eloquente.

— Se você pode ler o que está gravado, por que precisa de mim? — perguntou Lourds para Murani.

— Porque não posso fazê-lo. Sei somente de que se trata a história, conheço apenas parte do segredo. Preciso que você me diga o restante. O primeiro filho de Deus veio à Terra, ao Jardim do Éden, com um presente maravilhoso: o Livro do Conhecimento. Não era nem uma árvore, nem uma fruta, nem nada disso. Isso foi outra coisa que a Igreja ocultou. Esse livro continha a palavra de Deus e tem o poder de transformar nossa realidade. Foi o livro que destruiu a Atlântida.

1. Um zigurate é uma forma de templo, criada pelos sumérios e muito comum entre os babilônios e assírios. O formato era de uma pirâmide achatada de vários andares construídos uns sobre os outros, sendo que cada andar tinha a área menor do que a plataforma inferior sobre a qual foi construído. (N. do T.)

CAPÍTULO 23

ESCAVAÇÕES DA ATLÂNTIDA

CÁDIZ, ESPANHA

14 DE SETEMBRO DE 2009

Avançando com cuidado entre as sombras, Natashya subiu pelo lado da colina em que a cerca se unia à rocha. A luz que saía da boca da caverna ficava a poucos passos dali.

Gary a seguiu. Natashya agradeceu que a segurança daquele lugar não fosse tão apurada. Se alguém tivesse prestado atenção realmente, teria ouvido o cameraman dar inúmeros tropeços e escorregadas na escuridão. Gary ficou atrás dela e prendeu a respiração.

Agachada contra a lateral da colina, a russa tirou o celular que havia comprado assim que aterrisou em Cádiz. O aparelho havia sido proporcionado pelo mesmo traficante de armas que lhe havia vendido as duas pistolas 9 milímetros que escondia no coldre que levava debaixo da capa de chuva.

— O que vai ocorrer daqui em diante pode ser muito perigoso — preveniu Natashya enquanto apertava as teclas do telefone. — Você deveria pensar melhor se pretende me acompanhar.

Gary parecia tenso, engoliu saliva e moveu a cabeça.

— Não posso deixar que você vá sozinha — disse Gary.

Natashya estudou o rosto do rapaz por um momento e notou a determinação que havia em seus olhos. Assentiu ao mesmo tempo em que apertava o botão para falar. Olhou para a orla, onde o muro de contenção detinha o mar enraivecido. O ruído das ondas que golpeavam a parede de concreto retumbava continuamente por toda a área.

A chamada demorou alguns segundos para fazer a conexão através de uma operadora internacional.

Contudo, Ivan Chernovsky respondeu ao primeiro toque.

— Chernovsky.

— Aqui quem fala é Natashya.

— Céus! Você continua viva — disse Chernovsky.

— Por ora, sim — disse Natashya.

— É o que eu tenho me perguntado. Ao que parece o professor Lourds e outros membros do grupo têm estado muito ocupados — disse Chernovsky.

— De certa forma, sim.

— Tiroteios em Odessa, Alemanha e África. Que itinerário! — disse ele.

— Imaginava que você estivesse a par do que aconteceu em Odessa, mas como ficou sabendo de todos os demais? — perguntou Natashya.

Chernovsky suspirou.

— Tive que atender muitas chamadas de outros países que perguntavam sobre minha parceira. Nosso supervisor acredita que sei tudo o que você está fazendo e os colocou diretamente em contato comigo. Depois de dizer-me que negasse tudo e que meu emprego está em jogo, é claro.

— Sinto muito, não tinha intenção de que nada disso lhe causasse problemas — disse Natashya.

— É... — disse Chernovsky.

Ela o imaginou encolhendo os ombros em seu gabinete.

— Nós superaremos isso, Natashya. Sempre conseguimos antes. Mas então, onde você está agora? Os jornalistas de Londres acreditam que vocês não andam mais por lá. Há muita gente que gostaria de falar com Lourds, e a empresa para quem a senhorita Crane trabalha anunciou o seu desaparecimento — disse Chernovsky.

— Em Cádiz — respondeu Natashya. — Estamos em Cádiz.

Chernovsky ficou em silêncio por um momento.

— Então é verdade, a Atlântida está aí? — perguntou ele.

— Não sei. Sequestraram Lourds em Londres, eu escapei antes que pudessem me pegar. Eu sabia que o trariam para cá — disse Natashya.

— Por quê?

— Por causa dos instrumentos — respondeu Natashya.

— Os instrumentos musicais aos quais a senhorita Crane se referia na entrevista? — perguntou Chernovsky.

— Sim.

— E tem algum fundo de verdade isso tudo?

Natashya hesitou por um momento. Voltou a lembrar-se de Yuliya e quão interessada estava no antigo címbalo em que havia trabalhado.

— Assim espero... — finalmente respondeu.

— Bem, mas você me telefonou por outra razão, não é? — perguntou Chernovsky.

— As coisas se complicaram ainda mais por aqui. Não resta dúvida de que a Igreja Católica tem ocultado mais coisas do que parece. Lourds e a mulher foram levados para o local das escavações pelas pessoas que os sequestraram.

— O que eles querem? — perguntou Chernovsky.

— Não sei — respondeu Natashya.

— E Lourds sabe?

— Provavelmente sim...

Chernovsky fez uma pausa e Natashya ouviu o roçar da sua mão na barba por fazer. Ela sabia que, se ele não tinha feito a barba, era porque estava sendo submetido a uma grande tensão.

— Deve saber sim. Senão, não haveria razão para que esses homens o sequestrassem e o levassem até lá — disse Chernovsky.

— Isso faz sentido, mas não tenho nem ideia do que ele sabe.

— O que você quer que eu faça? — perguntou Chernovsky.

Natashya sorriu.

— Nesse momento estão à minha procura para interrogar-me, certo?

— Sim — respondeu Chernovsky com cautela. — Em vários lugares. No que você está pensando?

— Estou pensando que você deveria cumprir seu dever e notificar as autoridades locais de que há uma potencial ameaça terrorista nesta área — respondeu Natashya.

— Você?

— Sim — disse Natashya.

Ivan guardou silêncio.

— Ivan, nós não temos muito tempo — disse Natashya.

— O que você está sugerindo é muito perigoso. Sobre tudo para você — disse ele.

— Sei disso — assegurou Natashya, olhando em direção à caverna.

Até esse momento não havia visto nenhum guarda na entrada. Também havia caminhões, tratores e casinhas pré-fabricadas um pouco distantes dali e que pareciam estar sem vigilância do mesmo modo. — Mas eu preciso da polícia para salvar Lourds e eu preciso dela agora mesmo. Estou sem alternativas. Se ainda querem me pegar e você lhes diz onde estou, enviarão o número de policiais que seja suficiente. E eu acho que todos nós corremos perigo. Se Lourds tiver razão, aquilo que destruiu a Atlântida ainda está ali.

— Bobagem. Depois de permanecer submerso há milhões de anos?
— perguntou Chernovsky.

— É nisso que ele acredita. A Igreja Católica está aqui. Com toda a sua força, tenho que acrescentar. E alguns deles estiveram nos perseguindo o tempo todo, o que significa que alguma coisa deve ser verdade — Natashya estava estudando a cerca. — Tenho que ir. Diga-me que fará a chamada.

— Pode deixar, farei isso — disse Chernovsky.

— Deseje-me boa sorte.

— Boa sorte, Natashya.

Natashya agradeceu e desligou o telefone. Então, se colocou de pé.

— Não entendi nada do que você disse — protestou Gary.

— Era meu companheiro. Vai telefonar para chamar as autoridades espanholas a fim de que intervenham — disse Natashya.

— Ótimo! Então só temos que ficar aqui e assistir ao que vai acontecer — Gary parecia muito feliz com a ideia.

— Não, vamos entrar. As pessoas que serão enviadas virão a nossa procura, e poderemos ser mortos, possivelmente por fogo amigo — disse Natashya.

Gary franziu a testa.

— Eu lhe disse que não seria fácil nem seguro — disse Natashya olhando para ele. — É melhor que você fique escondido.

— Não posso — assegurou Gary com um gesto de cabeça.

— Então, siga-me.

Voltou-se em direção à cerca e passou por cima dela.

Lourds estava lendo as inscrições em voz alta conforme passava em frente a elas. Estava equipado com uma potente lanterna para iluminá-las. Apesar de estar fazendo isso com o cano de uma arma encostado em seu corpo e de se dirigir a uma audiência composta apenas por um louco, parte dele se sentia orgulhoso por sua capacidade de poder decifrar uma língua desaparecida há séculos.

Lourds não tinha uma ampla amostra do idioma com que pudesse trabalhar nas inscrições gravadas nos instrumentos musicais, mas a tradução tinha sido relativamente simples depois de decifradas as partes principais. Ele não era capaz de reconhecer todas as palavras à sua frente agora, mas podia fazer suposições bem fundamentadas para que assim pudesse preencher as lacunas. Sua voz soava forte no corredor em frente aos pictogramas.

— Adão e Eva e seus filhos tornaram-se muito egoístas ainda mesmo no Jardim do Éden. Tinham o mundo a seus pés, mas eles queriam mais. O Primeiro Filho os acompanhava e tentava lhes ensinar os caminhos de Deus, mas Ele não os havia ensinado toda sabedoria sagrada de Deus e o culpavam por isso. No final, decidiram buscar o conhecimento por si mesmos.

A imagem seguinte era desagradável. Mostrava um homem mergulhado em um profundo riacho debaixo de uma cascata. Em uma das margens, outros homens o afastavam da praia com compridas varas. O professor continuou lendo:

— Os filhos de Adão que tinham o coração mais sombrio levaram o Primeiro Filho até o riacho que alimentava o Éden e o afogaram lá. Foi isso que fez com que Deus os expulsasse do Éden e mais tarde afogasse a maldade do mundo.

Na pedra seguinte, os homens sustentavam o Livro do Conhecimento com evidente júbilo.

— Os filhos de Adão tomaram posse do Livro do Conhecimento. Celebraram seu triunfo, mas não admitiam a sua ignorância. Apesar de terem estudado o Livro, eles não conseguiam compreendê-lo. Três dias depois de sua morte, o Primeiro Filho ressuscitou.

Na cena seguinte via-se o Primeiro Filho vestido com uma túnica e

levava uma auréola ao redor da cabeça, caminhando pela selva entre os homens e mulheres atemorizados. Ao redor deles, vários animais estavam prontos para atacar.

— Quando o Primeiro Filho regressou, trazia com ele a cólera de seu pai. Nenhuma arma fabricada pelos filhos de Adão podia atravessar-lhe a carne. Nenhuma pedra lhe causava dano. Os filhos de Adão se encolheram de medo diante dele que... — Lourds hesitou enquanto tentava decifrar a palavra.

— Afastou os animais dos filhos de Adão — o padre Sebastian terminou a frase.

Lourds olhou para o sacerdote.

— Você consegue ler isto, padre? — perguntou Lourds.

Sebastian assentiu.

— Onde aprendeu esta língua? — perguntou o professor.

O velho sacerdote meneou a cabeça

— Jamais a tinha visto antes de entrar aqui.

— O senhor é linguista? — perguntou Lourds.

— Não, sou historiador. Nunca me dei muito bem com línguas. Sei quase nada de latim — respondeu o padre Sebastian.

— Mas você consegue ler a inscrição...

Sebastian assentiu.

— E como explica que possa fazer isso? — perguntou Lourds.

— Não posso explicar — disse o padre Sebastian.

Lourds estudou o ancião com curiosidade. “Sem chance. Não vou começar a acreditar na intervenção divina a esta altura da vida”, disse a si mesmo. Mas não havia outra forma de entender o que afirmava o velho sacerdote, a menos que estivesse mentindo, coisa que Lourds não estava disposto a aceitar.

Voltou-se novamente para a última imagem da série e disse:

— Adão, Eva e todos os seus filhos foram expulsos do Jardim do Éden.

A imagem que estava gravada na parede de pedra era muito semelhante a muitas das interpretações que Lourds já havia visto em várias Bíblias ilustradas. Um anjo alado com uma espada flamejante bloqueava a o caminho de volta. Mas, nesta imagem, o Primeiro Filho

estava ao lado do anjo.

— Com sua justa cólera, Deus deixou o Livro do Conhecimento entre os homens — continuou Lourds. — E advertiu que, se o livro fosse encontrado, deveria permanecer sem ser lido até que Ele voltasse para retirá-lo deste mundo.

— Mas o Livro do Conhecimento não se perdeu — interveio Sebastian. — Um dos descendentes de Adão o escondeu durante muitas gerações. Ele trouxe a sua família para cá a fim de fundar a Atlântida e começar a civilização que atrairia a ira de Deus.

— Como você sabe disso? — perguntou Lourds, que nesse momento estava tão perdido tentando decifrar a história que não tinha mais prestado atenção em Murani e seus soldados, que os rodeavam.

— Porque essa história está aqui — disse Sebastian, começando a andar.

Sua lanterna iluminou mais pedras com novas inscrições.

Lourds o seguiu. Murani e a Guarda Suíça fizeram o mesmo.

*

O coração de Gary batia com força quando começou a seguir Natashya.

“Amigo, isto não tem nada a ver contigo. Você vai conseguir que acabem lhe matando. Tinha mais é que tirar o rabo daqui”, disse Gary a si mesmo.

Mas ele não podia fazer isso. Em parte porque sentia que tinha que fazer algo por Lourds e Leslie, mas também porque havia crescido alimentando-se com heróis de ficção e videogames. Sua vontade sempre fora a de ser um homem de ação. De acabar com o vilão, ficar com a mocinha e coisas assim. Gary tinha aprendido durante as últimas semanas, no entanto, que ser um sujeito heroico não era uma coisa tão fácil assim. Que os heróis tinham uma grande probabilidade de morrer estrebuchando do que participar de festas em sua homenagem.

Mas isso não era uma coisa que o deteria.

Seguiu Natashya a uma das casinhas pré-fabricadas que estava à frente da entrada da caverna e se enfiou lá dentro. Encontraram pilhas

de macacões como os que a maioria dos trabalhadores usava para se proteger do frio dos subterrâneos.

— Vista um — ordenou Natashya em voz baixa na escuridão. Também lhe atirou um par de botas de trabalho. — E isto também.

— São pesadas e do tamanho maior que o meu, cara — protestou Gary.

— Azar. A gente vai ter que caber nelas. Os criminosos são sempre descobertos porque não trocam de calçados. — Natashya se enfiou no macacão e fechou o zíper por cima das duas armas que estava carregando. — Os supervisores muito provavelmente checam se o pessoal está usando as botas e os capacetes por causa das condições de trabalho nas cavernas. Se não estiver com eles, vai ser imediatamente notado. E não quero que isso aconteça.

Natashya atirou um capacete para ele.

— Nem eu — disse Gary, colocando o capacete e vestindo as botas. — Ainda estão grandes...

Natashya não lhe deu a menor importância, prendeu o cabelo, colocou o capacete e saiu pela porta. Gary teve que dar uma pequena corrida para alcançá-la. Colocou-se a seu lado quando entrava na caverna.

— Olhe só, eu não tenho intenção de deixá-la nervosa, mas você tem algum plano? — perguntou Gary.

— Sim. Nós encontraremos Lourds e Leslie. Pegamos o que todo mundo está procurando e vamos embora. Vivos. Ficou claro? — perguntou Natashya, olhando-o nos olhos.

— Como água. Acho que a parte em que continuamos vivos é a melhor delas — disse Gary.

— Ótimo, não me obrigue a lhe dar um chute na bunda por deixar-se matar.

Gary tentou encontrar uma resposta heroica, mas não conseguiu e seguiu a seu lado em silêncio.

*

— O homem que tinha o Livro do Conhecimento fundou a ilha que era

conhecida através das lendas como a Atlântida. Com o poder que esperava conseguir através do livro, ele sabia que os outros homens que habitavam o mundo tentariam roubá-lo.

Lourds se deteve ao lado do padre Sebastian. O feixe de luz da lanterna do sacerdote iluminou a pedra que tinha adiante, sozinho durante alguns instantes, mas logo outras luzes se uniram à sua.

A imagem mostrava a um rei sentado em um trono, observando um vasto império.

Atraído pelas palavras, Lourds começou a ler de novo.

— Desprovidos do Éden, os filhos de Adão começaram a viver no mundo exterior. Um de seus filhos, Caleb, fundou a ilha-reino de... — não conseguiu ler a palavra e se voltou para o padre Sebastian.

— Põe “céu”, mas pode ser que não seja este lugar. O fundador escolheu chamá-lo assim — sussurrou Sebastian.

— Caleb continuou estudando o Livro do Conhecimento. Passaram-se os anos e ele transferiu essa tarefa para seus filhos, que por sua vez transmitiram aos seus. Não esqueceram o poder de Deus. Ambicionavam esse poder e, em vez disso, escolheram esquecer a Deus.

Na imagem seguinte se via a construção de um zigurate. Centenas de homens trabalhavam carregando pedras para elevar um edifício que se supunha ter altura suficiente para alcançar os Céus.

— Foi construída uma grande torre sob o reinado do filho de Caleb, o rei sacerdote. Seu povo pretendia viver no Céu e transformar a si próprio em deuses. Acreditavam que a única coisa que tinham que fazer era subir ao Céu e alcançar o Paraíso.

Na pedra seguinte aparecia a destruição da torre e o solo cheio de cadáveres.

— Deus percebeu as malvadas e egoístas obras dos homens e enviou a sua vingança.

— “Cólica” — interrompeu Sebastian.

— E enviou a sua cólera — se corrigiu Lourds — sobre os homens e destruiu a torre. Também destruiu aquilo que os mantinha unidos e lhes privou de sua língua. Inclusive a que falavam ao sair do Jardim do Éden se perdeu.

Lourds tentou imaginar o que aquilo havia significado. Todos aqueles homens, que haviam compartilhado tantas coisas, de repente não podiam mais se comunicar entre si. Haviam-lhes arrebatado inclusive a língua original, que era isso que ele havia entendido por “a língua que falavam ao sair do Jardim do Éden”.

— Com o tempo, eles voltaram a falar entre si em diferentes línguas. Depois, decifraram a língua do Livro do Conhecimento. Os reis sacerdotes começaram a ler o livro. Deus conjurou o mar e destruiu a ilha.

O relevo seguinte mostrava uma enorme onda irrompendo na costa da ilha. As pessoas contemplavam horrorizadas enquanto se aproximava sua iminente condenação.

— Apenas os que se refugiaram nas covas...

— “Catacumbas” — corrigiu Sebastian de novo.

— ... catacumbas — Lourds fez a mudança automaticamente. As palavras o atraíam conforme ia iluminando as inscrições com a lanterna — sobreviveram à inundação. Depois, quando o mar se retirou, os sobreviventes guardaram o Livro do Conhecimento no... Lar de... — Calou-se, incapaz de continuar.

— Na Câmara dos Acordes — disse Sebastian —, que é onde nós estamos agora.

Lourds dirigiu a lanterna para a parede de pedra e viu homens com túnicas frente a alguns pictogramas que ele reconheceu como sendo os relevos que estavam à sua frente.

— O Livro do Conhecimento está aqui? — perguntou Murani.

— Não sei — respondeu Lourds.

Leslie soltou um grito de surpresa e dor.

Quando Lourds voltou-se, viu que Murani a havia pego pelos cabelos e a obrigado a ajoelhar-se, enquanto tomava a arma de um dos guardas suíços.

— O que você está fazendo? — perguntou Lourds, avançando em direção a eles.

Murani golpeou Lourds na têmpora com a arma.

Sentiu uma profunda dor na cabeça. Sentiu tonturas, caiu de bruços e por pouco não bateu a cabeça no chão.

— Onde está o livro? — gritou Murani.

Lourds estava a ponto de vomitar e sentiu o sabor da bÍlis subindo pela garganta.

— Não sei. Não está escrito. Isso foi gravado na parede há milhares de anos. O que sabemos é que alguém levou o livro. Todas as histórias que se tem ouvido podem não ser nada mais do que mentiras — disse Lourds.

Murani virou-se para o padre Sebastian.

— Diga-me onde está o livro — exigiu.

— Não, não o irei ajudar, Murani. Você desonrou a si mesmo, a Igreja e a Deus. Não farei parte disso — disse Sebastian.

— Então você morrerá — assegurou Murani, apontando-lhe a arma.

Por um momento, Lourds pensou que o cardeal enlouquecido dispararia no ancião.

Sebastian pegou seu rosário e começou a rezar com a voz ligeiramente entrecortada.

Murani apontou a pistola para Leslie.

— Eu a matarei! Eu juro! Eu a matarei! — gritava Murani.

— Sinto muito — disse Sebastian, fixando os olhos em Leslie.

Furioso, Murani voltou sua atenção em direção a Lourds.

— Você! Continue lendo! Encontre o livro! Se não o fizer, eu matarei a mulher! Você tem dez minutos!

Extremamente debilitado, Lourds se colocou em pé, embora cambaleasse um pouco. Pegou a lanterna que havia caído no chão e foi dando tropeços e escorregadelas até o muro com as imagens. Chegou até uma inscrição que representava os cinco instrumentos musicais.

Pestanejou e tentou não ver duplicado.

— Os sobreviventes viveram no temor a Deus. Guardaram o livro na Câmara dos Acordes. A chave se dividiu em cinco... instrumentos... É uma suposição, mas acho que se encaixa.

— Continue — ordenou Murani.

Lourds secou o suor dos olhos e foi para o pictograma seguinte.

— O segredo estava encerrado neles. Os instrumentos foram entregues a cinco homens que se chamaram... guardiões. — Utilizou esse termo pela forma em que haviam chamado a si mesmos Adebayo,

Blackfox e Vang. — Os guardiões foram escolhidos entre os que falavam diferentes línguas. Cada um deles recebeu uma parte da chave e foi devolvido ao mundo. Não voltariam a juntar-se nunca mais até que Deus os reunisse.

Quando seguiu para a seção seguinte do muro, viu que a parede estava lisa. Ele a percorreu com a lanterna e depois se voltou para Murani.

— Não há nada mais — disse em voz baixa, esperando que ele disparasse, ofuscado pela frustração.

— O segredo está nos instrumentos musicais. Encontre-o — disse Murani.

Fez um gesto. Gallardo e seus homens levaram umas caixas e as depositaram no chão.

Lourds hesitou. O desafio era difícil e as condições impossíveis, mas queria salvar Leslie. A esta altura, ele queria ser o herói. Queria se mostrar à altura da ocasião.

— Não faça isso — disse o padre Sebastian.

Lourds voltou a cabeça em direção ao padre Sebastian, que seguia rezando com o rosário na mão.

— O Livro do Conhecimento foi escondido. Deus quis assim por uma razão, o livro destruiu este mundo — continuou Sebastian.

O professor deixou sua mente vagar pelas imagens de destruição que estavam inscritas nos muros de pedra. Elas davam apenas uma pálida ideia do verdadeiro horror que deveria ter assolado a ilha-reino...

— Você não deve fazer isso — aconselhou Sebastian.

— Façam com que ele se cale — grunhiu Murani.

Gallardo lhe deu um golpe no pescoço e o sacerdote caiu sobre um dos joelhos, tossindo e sentindo náuseas. Sem mostrar nenhuma piedade, Gallardo lhe deu um chute na cabeça e isso fez com que o ancião caísse no chão.

Um dos Guardas Suíços, aquele com a cicatriz, deixou escapar um pequeno gemido de protesto. Gallardo se virou e o fulminou com o olhar. O soldado se afastou do velho padre.

Murani afastou a arma da cabeça de Leslie e a apontou para o rosto de Lourds.

Lourds teve uma reação imediata, querendo recuar. A ameaça que emanava do corpo do cardeal era tangível. Sentiu náuseas.

— Você *deve* fazer isso — disse Murani, com a voz terrivelmente baixa. — Você não sabia de nada disto e conseguiu chegar até aqui. Você acredita na vontade de Deus, professor Lourds?

Lourds tentou responder, mas não conseguiu que a sua voz saísse pela garganta, aterrorizado pelo medo.

— Creio que está aqui pela Vontade Divina. Creio que Deus queria que você estivesse aqui para servi-lo desta forma — disse Murani.

“Para destruir o mundo”, Lourds não pôde deixar de pensar nisso. Ninguém lhe pediria algo assim e muito menos um Deus benevolente.

— Não faça isso, Thomas — suplicou Leslie.

Gallardo se colocou atrás dela. Uma de suas grandes mãos se fechou sobre seus cabelos e lhe colocou a arma contra a sua cabeça.

— Cale-se, sua cachorra! — gritou Gallardo.

Leslie não lhe deu importância. As lágrimas começaram a correr-lhe pelo rosto, mas seus olhos permaneceram fixos em Lourds.

— Eles nos matarão de qualquer forma. Para que lhes dar o que querem? — disse Leslie.

— Não os matarei — sussurrou Murani com um sorriso maléfico nos lábios. — Uma vez que eu tenha o Livro do Conhecimento em minhas mãos, já não será mais necessário matar ninguém. Nem vocês, nem ninguém poderão fazer nada contra mim. Eu terei o poder.

Lourds não acreditou nas mentiras daquele homem nem por um só instante.

— Pense no conhecimento — continuou Murani. — Você seria capaz de ir para o túmulo sem ter esse conhecimento? — seus olhos escuros buscaram os de Lourds. — Pense sobre isso, você está tão próximo. O prêmio supremo está ao seu alcance. É sem dúvida o maior segredo da humanidade. Prefere morrer sem saber se pode decifrar ou não o segredo oculto pelas palavras gravadas nesses instrumentos?

Lourds realmente não conseguiu evitar pensar nisso.

— Pense bem — disse Murani, tentando fazê-lo ceder para cair na tentação. — Há muitas possibilidades de que eu não seja capaz de ler o que está escrito no Livro do Conhecimento. Precisarei de você. Se

encontrar o livro, você viverá.

Lourds queria dizer que não. Tudo o que era bom e decente dentro do seu mundo interior rejeitava cooperar com o louco fanático que estava diante dele. Mas uma insistente voz, no mais recôndito de seu ser, não o deixava tranquilo. Queria ler esse livro. Queria saber o que estava escrito nele.

— Como você pode hesitar e parar sua busca justamente agora? — perguntou Murani.

— Não deixe que ele convença você. Não deixe que ele o tente — grunhiu Sebastian.

Mas a tentação era grande demais. Era o melhor objeto que ninguém jamais buscara antes.

E ainda não havia sido encontrado.

Voltou-se para os instrumentos musicais sem dizer uma palavra.

*

Desde sua chegada em Cádiz, Natashya tinha tentado familiarizar-se com tudo que dizia respeito à escavação. Tinha lido todos os jornais e revistas que estavam espalhados na central de comunicação do acampamento. Gary a ajudara a consegui-los. Também tinha assistido a algumas reportagens de televisão. A escavação havia aparecido em numerosos programas.

Segundo o que tinha lido, a caverna na qual se encontrava a misteriosa porta de metal que saía em todos os vídeos estava localizada a uns três quilômetros da entrada principal.

Foi até o estacionamento que havia no interior da primeira caverna, onde guardavam o equipamento mais pesado. Viu uma pequena caminhonete descoberta oculta nas sombras, aonde não chegavam as luzes de segurança.

Estava trancada. Natashya supôs que era mais por costume do motorista do que por temor a um roubo. Quem iria saltar por cima da cerca para roubar-lhes algum equipamento?

— Trancada, não é? — disse Gary. — Talvez tenha outra...

Natashya abriu a caixa de ferramentas que havia na parte de trás do

veículo, tirou uma alavanca e quebrou o quebra-ventos do motorista. Os pedaços do vidro caíram estilhaçados no chão de pedra.

— Você é foda! — exclamou Gary olhando ao seu redor. — Não acha que seria melhor agir com um pouco mais de discrição?

— A discrição demora mais — replicou Natashya, abrindo a porta da caminhonete. — E não temos tempo. É possível inclusive que já seja tarde demais.

— Acho que vem vindo alguém — disse Gary, fazendo um gesto com a cabeça.

Natashya olhou por cima do ombro e viu que três trabalhadores se aproximavam. Posicionou-se no volante e abriu a porta do passageiro.

Um dos homens gritou, mas ela não entendeu o idioma que ele estava falando. Tirou o canivete do bolso do macacão e cortou os cabos de ignição. Depois utilizou a alavanca para arrancar a caixa do volante e liberar a trava de segurança.

— Você sabe o que ele está dizendo? — perguntou Gary.

— Seguramente deve estar querendo saber o que estamos fazendo — disse Natashya. Em seguida, juntou os dois cabos e o motor ligou.

— E se estiver dizendo algo diferente, do tipo “Saia da caminhonete ou eu atiro”? — perguntou Gary.

— Logo saberemos — disse Natashya, ao mesmo tempo em que engatava a marcha no carro e pisava no acelerador.

Os três homens começaram a correr gritando e agitando os braços.

Gary se agachou, antecipando o pior.

— Sabe de uma coisa? Acaba de me ocorrer um problema — disse Gary.

Natashya desviava entre o quebra-cabeça formado pelos tratores, escavadeiras e outros equipamentos, dirigindo-se diretamente para o arco iluminado que levava às profundezas do sistema de cavernas.

— Somente um? — perguntou Natashya.

A tensão obviamente incapacitava Gary de apreciar o sarcasmo da russa.

— Alguns destes guardas devem ser caras legais. Somente estão aqui para fazer o seu trabalho. Não estão ligados aos bandidos, entendeu? Mas o que eu queria saber é... Como você irá distinguir um

dos outros?

— Terão que tomar partido — disse Natashya. A caminhonete deu um pulo no acidentado solo de pedra. — Se eles ficarem em meu caminho, são maus. É possível que os únicos bons lá em baixo sejamos nós.

— Que ótimo! — disse Gary.

Quando Natashya olhou pelo espelho retrovisor da caminhonete, viu que pelo menos dois outros veículos estavam em sua perseguição.

— Não durou muito nosso fator-surpresa — comentou Gary em tom sombrio.

Então uma bala atravessou o vidro traseiro e destruiu o dianteiro.

— Caralho! Porra! — exclamou Gary, que se agachou e cobriu a cabeça com as mãos.

Natashya se concentrou em dirigir o veículo. Tinha na cabeça um mapa aproximado do sistema de caverna, mas a escuridão era completa, com exceção das luzes de segurança, que apenas iluminavam o caminho. Seus faróis somente penetravam alguns metros naquela negrura. As paredes da caverna pareciam ir estreitando-se cada vez mais. Em uma das vezes, o para-choque da caminhonete impactou contra uma delas e provocou a liberação de uma torrente de chispas.

Natashya estava confiante de que Chernovsky tivesse chamado as autoridades espanholas e que a metade de seus efetivos estivesse a caminho. E talvez a metade do exército. Também tentava não estraçalhar seu veículo contra nenhuma das paredes. Esperava ainda chegar a tempo para salvar Lourds, em algum lugar lá embaixo.

*

Lourds estudou os instrumentos que tinha espalhados diante de si. Pensou seriamente em destruí-los. Isso seria fácil de fazer, mas não sabia se isso evitaria que Murani encontrasse o Livro do Conhecimento.

E para ele teria sido um sacrilégio.

— Se você os destruir, eu lhe prometo que suplicará pela morte antes que eu lhe mate — disse Murani, que estava ajoelhado em frente a ele

com uma arma na mão apontando para sua cabeça.

— Eu conseguiria ler melhor se não estivesse apontando uma arma para mim. Além do mais, está bloqueando a luz

Murani se afastou, mas não baixou a arma.

Lourds leu as inscrições, uma e outra vez. Falavam da destruição da Atlântida e da decisão irrevogável de enviar ao mundo exterior a chave-código da Terra Submersa dividida em cinco partes.

A última frase dizia: “Façam um ruído jubiloso”.

— Façam um ruído jubiloso — disse Lourds em voz alta. — Isso significa algo? — pensou que na melhor das hipóteses teria a ver com os instrumentos, mas ele os havia tocado e não havia acontecido nada.

Murani hesitou apenas por um momento.

— “Cantai com júbilo para o Senhor, habitantes de toda a Terra”, Salmo 100:1.

— O que isso significa? — perguntou Lourds.

— Que os homens devem rezar e alegrar-se em Deus — disse Murani.

— Você sabia imediatamente onde achar isso? — perguntou Lourds.

— Todos os arcebispos, bispos, padres devem memorizar o Livro dos Salmos — disse Murani e em seguida meneou a cabeça. — Há muitas práticas importantes e cruciais da Igreja que foram sendo abandonadas. Eu sou mais tradicionalista.

Lourds teve muita vontade de perguntar: “Isso inclui a prática de assassinatos?”, mas achou que seria provocativo demais e certamente nada conveniente.

— Essa passagem tem algum significado especial relacionado com o Livro do Conhecimento? — perguntou Lourds.

— Não que eu saiba — disse Murani.

Voltou a tocar os instrumentos, mais cuidadosamente. A resposta tinha que estar ali, mas lhe escapava. Sua mente estava embaralhada. A solução deveria estar escondida, mas deveria ser alcançável. No fim das contas, se um guardião morresse de repente, os que o seguiam deveriam ser capazes de descobrir as coisas sem muitas dificuldades.

Pegou a lanterna e iluminou a imagem em que se via aos cinco guardiões recebendo os instrumentos. Murani o acompanhou.

Os cinco guardiões mantinham os instrumentos no alto, em fila, cada um com seu instrumento posicionado de uma maneira especial.

Lourds memorizou a sequência dos artefatos. Voltou-se e os colocou nessa posição. Tambor, címbalo, flauta, alaúde e o sino. Essa ordem teria algum significado? Ou ele estava apenas enganando a si mesmo?

Utilizou a lanterna para estudar detalhadamente a superfície de cada um. Alguns símbolos que ele não tinha visto antes na lateral do tambor, e que lhe pareceram apenas arranhados, atraíram a sua atenção. Estavam quase apagados e pareciam sem nexos, nada semelhantes aos que tinham sido usados nas inscrições. Após milhares de anos, era praticamente um milagre que ainda fossem visíveis.

Rapidamente e agora mais entusiasmado, foi girando os instrumentos até que achou esses símbolos em todos eles. Juntos formavam uma frase.

“Quebrar faz um canto jubiloso.”

Voltou a traduzir. Não tinha sentido. Certamente estava equivocado, pensou o professor.

— O que você viu? — perguntou Murani.

Lourds explicou.

— O que são esses símbolos? — quis saber Murani, que só havia visto alguns deles com a luz da lanterna.

“Façam um canto jubiloso.”

Murani dirigiu a lanterna para a parede mais próxima.

— Os símbolos também estão ali — disse ele.

Lourds levantou o olhar e viu que os símbolos se repetiam. A emoção o fez tremer por todo o corpo. Ele ficou de pé, se aproximou da parede, pegou uma pedra e bateu contra a parede.

Ouviu-se um som oco.

Voltou a golpear a parede no mesmo lugar.

— Tem um espaço vazio aqui por trás — disse Lourds, batendo de novo. Nesse momento, parte da parede ruiu.

Murani, Gallardo e alguns guardas correram até ali e atacaram a parede falsa com o cabo dos fuzis e das pistolas. A parede se abriu inteiramente e seus destroços caíram ao chão.

Do outro lado da parede havia uma elegante e imaculada caverna

cheia de estalactites e estalagmites e que se abria diante deles. O som dos impactos provocou um eco quase musical em seu interior.

Antes que alguém pudesse detê-lo, Lourds atravessou a abertura feita na parede destroçada e entrou na caverna. O ar de seu interior parecia menos rarefeito e mais frio. O ruído das pancadas foi desaparecendo paulatinamente, e o professor não conseguiu evitar a comparação de como esse espaço guardava o som como se eles estivessem em um palco.

Na parede da direita havia uma imagem escavada na pedra do Primeiro Filho com o Livro do Conhecimento na mão.

Na inscrição que se via abaixo da imagem podia-se ler:

Cheguem ao Senhor com um canto jubiloso

CAPÍTULO

24

CÂMARA DOS ACORDES
ESCAVAÇÕES DA ATLÂNTIDA,
CÁDIZ, ESPANHA
14 DE SETEMBRO DE 2009

— **O**que significa essa inscrição? — perguntou Murani enquanto focalizava o fecho de sua lanterna sobre a pedra que havia atraído a atenção de Lourds.

— Não sei — respondeu Lourds.

Suas palavras flutuaram no vazio da caverna e ecoaram de volta repetidas vezes.

— Não é a mesma coisa que estava na parede lá de fora? — perguntou Murani.

A impaciência do cardeal vinha aumentando. Sabia que estava pisando em terreno perigoso agora. A Guarda Suíça reconhecia a autoridade da Sociedade de Quirino por enquanto, mas Murani estava consciente de que seus caminhos eram divergentes. Eles se oporiam à morte de Lourds, Sebastian e dos demais. Os guardas que tinham vigiado Sebastian por esse tempo todo estavam prontos para se rebelar. Só que o cardeal não poderia consentir que continuassem vivos.

Por isso havia levado Gallardo e seus asseclas à escavação. Era possível que o tenente Sbordonni e seus homens seguissem suas ordens, incluindo o assassinato, mas boa parte dos Guardas Suíços que trabalharam na área da escavação não o faria.

Bem, ele se ocuparia desse contratempo quando chegasse a hora certa. No momento, precisava que Lourds utilizasse seus conhecimentos. Essa era sua última oportunidade de fazer isso, jurou para si mesmo.

— Sim, é a mesma coisa — assegurou Lourds.

— A última parede era falsa — disse Murani.

— Não acredito que esta seja — disse Lourds.

Murani fez um gesto para Gallardo, que se aproximou e golpeou a pedra com a coronha de seu rifle, mas só conseguiu que se desprendessem algumas pequenas lascas da parede.

O forte golpe retumbou na câmara.

— Sólida — grunhiu Gallardo.

Lourds inclinou a cabeça e prestou atenção.

Murani supôs que o professor estivesse escutando o eco, mas não conseguia atinar com o motivo. Aquele homem o surpreendia. O cardeal realmente esperava que Lourds implorasse por sua vida a esta altura dos acontecimentos, mas não. Em vez, disso, ele parecia cada vez mais fascinado pelo que estava acontecendo.

E quanto a si mesmo, tudo que Murani podia fazer agora era conter a impaciência. Estivera pensando sobre o Livro do Conhecimento há muitos anos, desde que havia descoberto a existência dos cinco instrumentos no livro que o restante dos membros da Sociedade de Quirino não pudera encontrar em seus próprios arquivos.

Apertou a arma que levava na mão. Não estava acostumado a manuseá-la, tampouco com o seu toque frio na pele, mas sabia como utilizá-la. E se conhecia bem o suficiente para estar certo de que a utilizaria quando e se fosse necessário.

Por um momento, teve dúvidas se Lourds estaria ou não ganhando tempo. Se fosse assim...

— Volte a bater na pedra — pediu Lourds, sem afastar os olhos da parede.

— Bata você — replicou Gallardo.

Impaciente também, e provavelmente já se perguntando se havia se aliado à pessoa errada, o tenente Sbordonni golpeou a parede com seu rifle. De novo, o som retumbou pela caverna.

— Esse lugar é como um estúdio de som — comentou Leslie.

No momento em que escutou essas palavras, Murani recordou que era o mesmo que ele havia pensado, que aquela caverna era como a antecâmara de uma igreja.

— Outra vez — pediu Lourds.

Sbordonni voltou a golpear a parede com força.

— Agora bata em outro lugar.

O tenente deslocou o rifle e lhe obedeceu.

Nesse momento, Murani também notou a dupla cadência do golpe. A caverna amplificava o som tão bem que o tornava perfeitamente discernível.

— Ajude-me aqui — pediu Lourds, iluminando a parede com a lanterna. — Deve ter algum mecanismo oculto, uma alavanca ou algo assim.

— Por quê? — perguntou Murani.

— Há outro espaço por detrás da parede — disse Lourds.

— Outra caverna? — perguntou Murani.

Lourds negou com a cabeça enquanto passava os dedos pelo relevo talhado.

— Não é tão grande assim, acho que é apenas um buraco. Mas parece uma voz... — disse Lourds.

— Não tem mais do que alguns centímetros — disse Sbordonni enquanto procurava também. — Você acha que pode estar escondido no desenho?

— Vá para trás e jogue toda a luz que puder sobre o desenho entalhado — pediu Lourds, afastando-se alguns passos também.

Todo mundo permaneceu em silêncio durante alguns minutos. Então ouviram um suave sussurro na pedra.

— O que é isso? — perguntou Gallardo.

— É o mar — interveio o padre Sebastian, com a voz rouca e áspera pelo golpe que recebera no pescoço do próprio Gallardo. — As paredes de pedra destas cavernas formam a única barreira que impede que o oceano Atlântico invada este lugar. Se vocês as quebrarem, nós nos afogaremos.

Aquela ideia sombria deixou os Guardas Suíços bem nervosos. Gallardo e seus homens tampouco pareciam alegrar-se diante daquela possibilidade.

— A parede é firme. O velho está somente tentando assustá-los — disse Murani.

Mas o cardeal sabia que a tática do medo começava a funcionar. Aqueles homens careciam da fé em Deus e na missão que ele tinha assumido.

— Alguém de vocês já viu esta imagem antes? — perguntou Lourds.

— Sim. Eu — respondeu Murani. Era semelhante àquela que ele tinha encontrado nos arquivos.

— Você a trouxe? — perguntou Lourds.

— Não — respondeu Murani.

Lourds pareceu desapontado com a resposta.

— Ela agora cairia muito bem, nós podíamos compará-la com a imagem que foi esculpida na pedra — disse Lourds.

O professor começou a estudar a parede de novo. Murani viu que ele estava totalmente absorto com o problema, esquecido completamente de qualquer ameaça à sua vida.

Confuso e perplexo pela preocupação de Lourds, o cardeal também procurou alguma diferença na imagem. Parecia a mesma que havia no livro que deixara escondido nos arquivos da Sociedade de Quirino.

Exceto por um detalhe. Havia, sim, uma diferença.

— O livro — assinalou Murani. — O livro que está na mão do Primeiro Filho.

— O que há com ele? — perguntou Lourds, que se aproximou do desenho para examiná-lo mais de perto.

— Na imagem que eu vi ele estava fechado, não aberto.

Lourds tocou o livro com o dedo indicador.

— Preciso de uma faca — pediu Lourds, esticando a mão.

— Nem pensar. Você é um prisioneiro, não um convidado — replicou Gallardo.

— Dê a ele o que ele está pedindo — ordenou Murani. — Vocês possuem rifles. O que ele pode fazer com uma faca contra seus atiradores?

Gallardo lhe entregou um canivete retrátil com uma lâmina de uns 12 centímetros.

Lourds o abriu e começou a raspar nos contornos do livro. De repente, a lâmina afundou em uma reentrância quase invisível em uma das bordas. Sorrindo, o professor retirou o canivete.

Alguma coisa foi acionada no interior da parede, parecia o som de uma mola, que ecoou pela câmara. Depois, chiados furiosos inundaram a caverna.

A parede retrocedeu bruscamente e mostrou algumas demarcações no piso, que o tempo havia coberto de pó. A parede se afastou 15 centímetros e depois deslizou para a esquerda.

Ali dentro havia outro relevo entalhado, desta vez um desenho em que apareciam os cinco instrumentos, mas dispostos em ordem diferente.

Abaixo das gravuras dos instrumentos se viam dez quadrados. Lourds apertou um deles. Aquilo acionou um mecanismo no interior da parede e quase imediatamente se ouviu um contundente e musical som de sino.

Lourds já tinha começado a se mover e se enfiado nas sombras com a lanterna na mão.

— Apertem esse botão outra vez — disse Lourds.

Murani fez um gesto para que alguns guardas suíços seguissem o professor e disse para Gallardo apertar o quadrado de novo.

O mesmo som se ouviu mais uma vez.

Lourds mudou de direção e jogou o facho da lanterna para cima de sua cabeça.

— Outra vez — gritou Lourds, ao mesmo tempo em que o eco desaparecia.

Bong!

Murani ouviu o som diretamente acima dele e seguiu o facho da lanterna de Lourds com a sua, em direção ao teto da caverna.

— Outra vez — disse Lourds.

Neste momento, Murani distinguiu o martelo que se chocava contra a estalactite. Parecia feito de osso. Estava conectado a um buraco do teto com um cabo que parecia feito de ouro.

— Outra vez — disse Lourds.

O martelo se moveu e repercutiu na estalactite.

Bong!

— Aperte outro botão — indicou Lourds.

O ruído estimulou outra breve busca pelo teto da câmara que resultou na descoberta de outro martelo de osso conectado com um cabo de ouro.

— A caverna... — explicou Lourds incrédulo, enquanto dirigia o facho

de luz de sua lanterna em todas as direções —... Eles a transformaram em um instrumento musical...

*

Natashya girava violentamente o volante da caminhonete na escuridão. O veículo se precipitava ladeira abaixo. Olhou o marcador de quilometragem e se fixou nas dezenas de quilômetros enquanto continuavam avançando.

— Cuidado! — gritou Gary.

Tarde demais. Natashya viu que a parede da caverna vinha para cima deles como se tivesse saído das sombras. Girou com força para tentar evitar o choque, mas os pneus da caminhonete escorregaram na superfície lisa da pedra. A proximidade do oceano Atlântico enchia o ambiente de umidade. Com o tempo, sabia a russa, aquilo produziria profundas mudanças no sistema de cavernas e destruiria parte das bactérias e fungos que cresciam por ali de forma natural.

A caminhonete bateu contra a parede com força. Natashya pensou por um momento que não poderia colocá-la de novo para andar. Os pneus traseiros giravam a toda velocidade sobre a pedra em busca de tração para dar a marcha a ré.

Os faróis dos veículos de seus perseguidores se aproximavam.

Então, os pneus se agarraram ao chão, a caminhonete foi para trás e depois seguiu em frente em disparada.

Gary soltou um palavrão e tirou o vidro quebrado do para-brisa. A maior parte tinha caído em seu colo.

— Você está pensando que deveria ter ficado lá atrás? — perguntou-lhe Natashya.

— Pode ser... Um pouco... — admitiu Gary. — Mas você precisa saber que eu preferia que nada disso tivesse acontecido, começando com aquele tiroteio em Alexandria...

Natashya sorriu, pisou fundo no acelerador e o veículo saltou para frente a toda velocidade.

Um pouco distante dali, a caverna se alargava. A policial reconheceu aquela parte, era a caverna que havia saído em numerosas ocasiões na

televisão, e que antecedia a caverna das criptas.

Uma rápida olhada à frente lhe advertiu de que já não podiam mais seguir em frente. Pisou no freio e torceu o volante. Girou as rodas do veículo de lado para perder a tração, mas, antes que pudesse deter a caminhonete totalmente, ela se chocou de lado contra uma escavadeira que estava estacionada. Sua cabeça bateu contra a lateral da cabine e ela quase desmaiou.

O cheiro de gasolina se infiltrou na cabine.

“Nem todos os carros explodem — disse Natashya a si mesma. — Isso só acontece nos filmes norte-americanos.”

Mas ela também sabia que aquilo era mais do que suficiente para justificar uma rápida evacuação do local. Já havia sido testemunha do que havia acontecido em Moscou. Além do mais, os homens que os perseguiam estavam quase nos seus calcanhares.

— Saia! — ordenou a Gary, sacudindo-o pelo ombro.

Gary a olhou. Saía sangue do corte que tinha feito acima de um olho.

— Achei que tivéssemos morrido — disse Gary.

— Ainda não — disse Natashya, jogando todo o seu peso contra a porta para abri-la. Caiu de joelhos no chão e tirou as armas do coldre no momento em que chegaram outros veículos.

“São trabalhadores. Só estão tentando fazer seu trabalho”, lembrou as palavras do cameraman. “Não é Gallardo nem seus homens. Não são os que mataram Yuliya.”

Natashya sabia que tinha que se lembrar disso.

Gary não conseguiu sair pela sua porta e teve que o fazer pela porta do motorista. Cambaleou inseguro enquanto procurava refúgio entre o equipamento usado na escavação.

Algumas balas impactaram a caminhonete e Natashya viu três guardas suíços perto de uma casinha pré-fabricada. Tanto a casinha como os guardas se destacavam na escuridão da caverna devido às lâmpadas que estavam penduradas ao seu redor.

Ela agarrou Gary e o empurrou para baixo de uma escavadeira. Xingou mentalmente. Chernovsky e ela tinham estado muitas vezes em situações complicadas em Moscou, mas aquela em especial não parecia estar correndo nada bem.

Então Natashya percebeu o gotejar constante de gasolina que ia acumulando sob a caminhonete. Com todo o metal que havia por perto e o piso de pedra, era uma aposta muito boa imaginar que uma faísca poderia se produzir a qualquer momento.

Os trabalhadores conseguiram parar, mas assim que o fizeram as balas disparadas pelos guardas suíços derrubaram vários deles e o restante tentou se proteger.

— Isso aí! Esses são do mal — disse Gary.

“Tudo sempre se trata de uma questão de escolha”, pensou Natashya. Não havia razão para disparar no pessoal que trabalhava na escavação, a menos que suas vidas estivessem em jogo. Pensou em Lourds e imaginou a situação que ele deveria estar passando.

Então, uma das balas perdidas ricocheteou numa pedra a seu lado e soltou faíscas que imediatamente fizeram a poça de gasolina se incendiar.

— Mexa-se! — ordenou Natashya para Gary.

Ela o empurrou com a cabeça e o levou para o outro lado da escavadeira, no mesmo momento em que as chamas se elevaram e alcançaram o tanque de gasolina da caminhonete.

A explosão não foi tão grande como aquelas que costumam ser vistas na televisão, mas a onda de choque a derrubou e enviou pedaços de caminhonete em todas as direções.

Natashya levantou-se meio cambaleante e se pôs em movimento outra vez. Recordou-se que tinha que usar sua visão periférica e não olhar diretamente aos guardas suíços. Muitos esconderijos e pessoas ocultas na escuridão tinham sido descobertos pelo reflexo de um olho. Ela apareceu do outro lado da escavadeira e apontou com a arma que levava na mão esquerda pelo tempo suficiente para fazer três disparos.

Pelo menos um deles impactou a cabeça de um dos guardas e o derrubou. Os outros dois se esconderam.

Mantendo-se em sua posição e com o nariz e a garganta ardendo pela fumaça tóxica que se acumulava no teto da caverna, a policial viu que um dos guardas saía de seu esconderijo e lançava uma granada contra a casinha pré-fabricada.

O que parecia ser uma granada era de fato uma bomba incendiária. O

som de sua explosão chegou aos ouvidos de Natashya ao mesmo tempo em que as chamas lambiam a lateral da casa.

— Ei, há pessoas lá dentro! — gritou Gary.

Natashya desviou os olhos para a janela da construção e viu os rostos de dois operários apertados contra o vidro.

— Eles estão trancados lá dentro! — exclamou Gary.

— Sei disso.

— Não podemos deixar que eles morram queimados!

— Eu sei, eu sei! Deixe-me pensar — disse Natashya.

Mas não havia tempo para pensar, e ela sabia disso. Restavam ainda dois guardas armados e ela...

Gary saiu da proteção e correu em direção à casa onde estavam os homens aprisionados. Um dos guardas se levantou e disparou. No momento em que Gary caiu no chão, Natashya foi capaz de localizar o homem que atirou no meio da escuridão pelo brilho dos disparos de sua arma. Ela atirou várias vezes e não parou até que o homem tivesse desabado ao solo.

A russa ouviu um ruído de sola de couro, esmagando os pedriscos bem atrás dela. Soube na hora que era o guarda suíço que restava e se agachou. Uma bala lhe acertou no quadril e ela caiu.

*

Os estudos posteriores feitos por Lourds revelaram que cada um dos botões estava conectado a um martelo feito de osso. O professor analisou cuidadosamente as estalactites e viu que todas elas haviam sido cuidadosamente modeladas. Como a caverna não estava mais ficando maior, as estalactites não tinham mudado de formato ou de tamanho durante esses milhares de anos.

— Já vi coisa parecida com isso antes — disse ele, enquanto se postava uma vez mais em frente à imagem do Primeiro Filho esculpida em relevo. — Existe um sistema de cavernas em Luray, Virginia, a menos de duas horas de carro de Washington, DC. Eles têm lá várias cavernas e, numa delas, está o que batizaram de *Órgão Stalacpipe*. Mas ele é baseado em um dos mais antigos instrumentos musicais que já foi

encontrado, o litofone. Em geral, os litofones eram feitos de barras de pedras sonoras de diferentes tamanhos, ou de barras de madeira.

— Como se fosse um xilofone — disse Murani.

Lourds assentiu:

— Exatamente. E o grande órgão Stalacpipe foi construído usando-se o mesmo desenho, e eles empregar eletricidade para acionar os martelos. Alguém toca de verdade aquele enorme órgão e até vendem discos com as músicas que tocaram nele.

— Mas por que isto está aqui? — perguntou Murani.

Lourds iluminou os símbolos que tinham sido gravados debaixo dos botões.

— Por mais estranho que seja — respondeu ele —, acho que é um código de alarme. Meu palpite é que, se você acionar a sequência correta nos botões, talvez o Livro do Conhecimento apareça...

— E se a sequência estiver errada? — perguntou Gallardo.

— Você está dizendo isso pensando que essa coisa dos botões possa ser uma armadilha? — perguntou Lourds. Ele não havia pensado naquela possibilidade porque estava fascinado demais com toda aquela montagem.

— Sim.

— Então, sei lá... De repente, ficaremos todos presos na inundação desta caverna...

Gallardo não pareceu nada contente com aquela hipótese.

— Acho que a questão toda é evitarmos isso — continuou Lourds.

Ele estudou de novo as inscrições e as imagens esculpidas na parede e repassou tudo que sabia até aquele momento:

— Bem... Sabemos que os guardiões acreditavam que os instrumentos eram a chave para abrir a passagem até a Terra Submersa. As inscrições que vimos na caverna lá de fora diziam que a chave estava dividida em cinco partes...

— Pensei que isso fosse simplesmente a chave-código para ter acesso à câmara oculta — disse Murani.

— Pode ser que exista algo mais. Devemos voltar a estudar os instrumentos — disse Lourds.

Murani enviou um dos guardas suíços, o tenente Sbordonì, para

buscar os instrumentos. Quando foram trazidos de volta, todos os examinaram novamente. O sussurrar do mar se ouvia do lado de cá da parede de pedras e ecoava na caverna.

De repente, e sem aviso, o padre Sebastian se libertou dos guardas suíços por um momento. Ele pisoteou o tambor e o fez em pedaços antes que os demais pudessem segurá-lo de novo.

— Não o ajude! — gritou Sebastian tanto para Lourds como para os guardas. — Ele quer utilizar o Livro do Conhecimento! Se fizer isso, voltará a atrair a cólera de Deus sobre todos nós!

Murani ergueu a arma que segurava e apontou-a para o velho padre. Não havia dúvida de que o cardeal iria matar o homem.

Sem pensar duas vezes, Lourds usou todo o seu peso e agarrou o pulso de Murani, levantando o braço do cardeal exatamente no instante em que ele atirou. A bala ricocheteou no teto da caverna.

Gallardo deu um golpe no rosto de Lourds que o fez cair de joelhos. A dor explodiu dentro da cabeça e o professor sentiu o sabor acobreado do sangue preencher sua boca. Tentou levantar-se, mas as pernas não o sustentavam de pé.

Quando Murani conseguiu se recompor e apontar a arma mais uma vez, três dos Guardas Suíços se postaram diante do padre Sebastian e formaram uma barreira humana.

— Não! — disse um dos guardas, aquele que tinha uma cicatriz no rosto. — Neste lugar não será cometido nenhum assassinato. Estamos aqui para conduzir e seguir adiante com a obra da Sociedade de Quirino. Se encontrarmos o Livro do Conhecimento, esse livro será trancado para sempre.

Murani não disse nada, mas Lourds prestou atenção em sua postura e pôde concluir que o cardeal não estava nada satisfeito com o desenrolar dos acontecimentos. A Guarda Suíça parecia dividida e começavam a se formar dois grupos, o dos homens que estavam ao lado do padre Sebastian e o grupo que se alinhava com as ideias e propósitos do cardeal Murani.

Lourds estava no meio dos dois e sabia perfeitamente que não era um bom lugar de se estar. Olhou o tambor para ver se poderia consertá-lo de algum modo. O antigo instrumento era agora uma mistura de

fragmentos de barro e cordas de pele e couro. Por sorte eram pedaços grandes e pensou que, na melhor das hipóteses, ele poderia colá-los. E o que era melhor ainda, a inscrição com as duas línguas continuava possível de se ver.

Mas, de repente, o professor notou uma inscrição na parte interna de um dos pedaços do tambor, uma série de linhas com marcas desenhadas.

— O que é isso? — perguntou Murani, ajoelhando-se ao lado de Lourds.

— Não sei direito — respondeu, parecendo fascinado com a descoberta. — Parece uma partitura, a não ser que eu esteja equivocado. Uma escala diatônica. Os antigos gregos desenvolveram a teoria da música. Eles a chamaram de *genera* e estabeleceram três tipos primários. O diatônico foi usado para as escalas maiores e os modos da igreja, que também se chamou de modo gregoriano.

— Será que era isso o tal enigma, a chave-código do qual a inscrição falava? — perguntou Murani.

— Não sei, é possível que... — Antes que pudesse terminar a frase, Murani havia quebrado o sino.

Lourds quase gritou ao se dar conta da perda do artefato.

Mas a inscrição que se encontrava do lado de dentro era bem visível.

Teve que juntar os pedaços para compor a escala, porém ali estava.

Rapidamente, Murani quebrou o címbalo, a flauta e o alaúde em acelerada sucessão. Tanta história, e desaparecida para sempre. Mas no interior de cada instrumento era revelado um trecho da partitura.

— É preciso colocá-las em ordem, certo? Como mostra o relevo talhado na parede de parede — perguntou Murani.

— Talvez, quem sabe? — respondeu Lourds.

O cardeal dispôs a partitura em ordem, cada pedaço de artefato colocado lado a lado no chão de pedra, voltou até os botões e começou a tocar.

A caverna se inundou de música. A emoção que sentiu fez com que Lourds esquecesse a dor no rosto. Leslie se colocou a seu lado enquanto o eco daquela estranha música preenchia todos os espaços da caverna. Ela pegou em sua mão e a apertou com força.

Durante um momento, uma vez acabada a última nota, não aconteceu nada. Logo depois se ouviu o ruído de uma explosão, seguida por uma rajada de disparos de arma de fogo. Todos voltaram suas cabeças em direção da caverna por onde tinham vindo anteriormente, tentando descobrir de onde aqueles sons se originavam.

No momento seguinte, as duas facções da Guarda Suíça se separaram ainda mais, com os fuzis levantados e apontando uns para os outros. Parecia que cada um dos lados estava disposto a matar, e a morrer, pela causa que haviam abraçado.

Então, sem aviso, enormes rochas apareceram no centro da caverna e fizeram com que todos ali voltassem sua atenção para elas. O estrondo que provocaram encheu o ambiente de ecos que retumbaram pela caverna.

Lourds viu que o solo se tornava iridescente no centro da caverna. Alguns dentes de pedra sutilmente talhados se retraíram para revelar uma espécie de poço, de onde vinha um brilho dourado iluminando a escuridão.

Lourds se aproximou rapidamente, seguido por Leslie, que continuava agarrada a sua mão.

Entretanto, Murani se adiantou e chegou primeiro. Apontou em direção ao poço, primeiro com a lanterna e depois com a arma.

Surpreso consigo mesmo, Lourds hesitou por um momento, quando o pensamento de um demônio ou ser maligno do Velho Testamento o golpeou com firmeza. “Você não acredita nessas coisas”, lembrou a si mesmo. Porém, diante de todo o mal que o rodeava e de todas as coisas impossíveis que havia visto até agora, Lourds achou que poderia acreditar em qualquer coisa. Quando chegaram ao poço, apertou a mão de Leslie com mais força.

*

Quando respirava, Gary sentia que um fogo líquido lhe queimava o lado do corpo. Por um momento, depois que a bala o alcançara, tinha se esquecido de como respirar. Aquilo o assustara mais do que qualquer outra coisa em sua vida. E essa constatação era uma coisa séria de se fazer, porque ele já tinha escapado por um triz de poucas e boas em

mais de uma ocasião, desde que Leslie e ele haviam decidido unir-se a Lourds e Natashya.

“Levante-se, seu babaca! Essas pessoas serão queimadas vivas enquanto você está aí jogado no chão.”

Dolorido e com medo de que os guardas voltassem a atirar nele, já que continuava ouvindo disparos na caverna, Gary se colocou em pé. Sentia-se tonto, mas conseguiu se erguer, coisa que o surpreendeu muitíssimo.

Concentrou-se em respirar e andar. A verdade é que ele estava indo mais aos trancos, mas de fato ele se aproveitou desses tropeções para chegar mais perto da casa em chamas. Sentiu o calor que se desprendia do incêndio ao se aproximar dele.

Os homens que estavam trancados lá dentro já haviam conseguido quebrar os vidros das janelas, mas elas eram pequenas demais para que conseguissem sair por ali. Quando o viram chegando, gritaram frustrados.

Uma crescente tontura se apoderou dele e sentiu que a escuridão ia devorando tudo ao seu redor, esperando para consumi-lo no final.

Mais sons secos e violentos de disparos soaram às suas costas.

“Estaremos ganhando?”, pensou. Nem mesmo ele podia sequer imaginar como poderiam vencer aquela batalha.

Quando chegou à casa em chamas, quase teve que voltar para trás por causa do calor. Mas, em vez disso, se obrigou a ir até a porta. Alguém havia colocado uma alavanca prendendo o trinco para bloquear a saída de quem estivesse lá dentro. Gary a agarrou e o metal em brasa lhe queimou a mão, mas ainda assim ele conseguiu segurá-la por tempo suficiente para erguê-la e lançá-la para o lado.

Os homens saíram correndo de dentro, desesperados. Dois deles o pegaram por debaixo do braço e o afastaram do fogo. Todos falavam em italiano e não conseguiu entender quase nada do que diziam.

Naquele momento, bem lá dentro, quando começava a se dar conta de que havia agido como um herói e que alguém havia lhe dado um tiro por ter lutado contra eles, Gary afundou em um escuro vazio.

Havia degraus entalhados na parede do poço e que conduziam para a escuridão. Apesar de Lourds juntar seu facho da lanterna ao de Murani, isso não foi suficiente para perfurar a capa negra que os esperava lá embaixo e revelar o que havia em seu interior.

O brilho parecia concentrar-se no fundo do poço.

Murani apontou sua arma para Lourds.

— Você primeiro — ordenou ao professor.

Lourds pensou em recusar, mas sabia que isso de nada iria adiantar. Mas essa foi apenas uma pequena parte do motivo pelo qual ele começou a descer as escadas. A outra parte, a maior e que o impulsionava para baixo com força, era sua curiosidade para ver o que estava escondido ali.

Se os atlantes, ou como quer que os habitantes daquela ilha chamassem a si mesmos, haviam dedicado tanto tempo e esforço para esconder o Livro do Conhecimento em um esconderijo tão elaborado quanto aquele, que outra coisa poderia estar escondida nesse poço?

A coisa mais inteligente a se fazer teria sido descer uma luz naquele enorme abismo e ver o que haveria pela frente. Porém, Lourds sabia que nem ele, nem Murani estavam dispostos a esperar muito tempo para que se fizesse uma cuidadosa exploração do lugar.

“Qualquer dia desses você vai morrer por causa da sua curiosidade”, repreendeu-se Lourds.

No interior do poço, fazia mais frio do que na caverna. O som do oceano borbulhando contra a rocha também era mais alto ali do que lá em cima. Lourds não pôde deixar de pensar quão abaixo da superfície do mar eles estavam agora. Deviam estar a uns 80 ou 90 metros de profundidade, e a uns três quilômetros da entrada das cavernas.

Os degraus eram estreitos e profundos e quase não havia espaço para descer. Não havia visto nenhum corpo de atlante, mas estava convencido de que deviam ser pessoas muito pequenas e baixas.

Ouviu alguns passos às suas costas raspando na superfície dos degraus. Quando se deteve para olhar para trás, viu Leslie.

— Descer pode ser perigoso — disse Lourds.

— Estar lá fora também é — disse Leslie.

— Sei disso — replicou Lourds.

— Não posso deixar que vá sozinho.

Lourds sorriu. Ela bem que podia ter ficado lá em cima. Os dois sabiam disso. Mas o professor estava certo de que a curiosidade a impulsionava tanto quanto a ele.

— Vamos torcer para que a decisão de descer até aqui tenha sido a coisa mais inteligente que fizemos — disse Lourds, voltando-se e seguindo para dentro da escuridão de novo.

No fim da escada havia uma porta. Não estava trancada e se abriu para dentro com facilidade. O ar dentro daquela outra sala, ou caverna, estava viciado e cheirava à umidade, embora também flutuassem outros odores que fizeram com que o coração do professor acelerasse e ele perdesse o medo que sentia.

— Está sentindo o cheiro? — perguntou Lourds entusiasmado enquanto avançava com determinação.

Ele havia reconhecido esses odores imediatamente, e os reconheceria até o dia de sua morte.

— Que cheiro? Do pó? — perguntou Leslie.

— Pergaminhos, tinta, em grandes quantidades — respondeu Lourds.

Iluminou o interior da sala com a luz de sua lanterna e ficou espantado ao ver fileiras e fileiras de livros. Estavam cuidadosamente dispostos em estantes nas paredes, além de diversos livros apoiados e dispostos em bancos e prateleiras espalhados pelo chão.

Lourds avançou até a primeira prateleira e pegou um livro da pilha. Estava forrado com um material parecido com couro, mas não era couro, pelo menos não do tipo que se conhecesse. O couro comum teria se desgastado durante aqueles milhares de anos, ou no mínimo teria mostrado algum sinal da passagem do tempo. Mas não, aquele livro, e todos os outros, pareciam ter acabado de sair da prensa.

Lourds procurou equilibrar o livro em seu antebraço. Estava encadernado com um tom de um intenso azul, e o professor começou a virar as páginas com a mão esquerda enquanto iluminava com a direita. Era bem difícil fazer aquilo algemado como estava. Suas páginas de um branco translúcido estavam cheias dos mesmos símbolos que havia decifrado nos instrumentos musicais.

Voltou a iluminar aquele ambiente. Havia centenas, quem sabe milhares de livros nas estantes. Os títulos sugeriam história, biografias, ciências e matemática.

— Meu Deus! É uma biblioteca — disse Lourds em voz baixa.

— É a única coisa que você está vendo? — perguntou Leslie. — Veja isso.

Lourds seguiu a luz de sua lanterna enquanto Murani, Gallardo e o resto entravam na sala.

Atraída pela beleza diante dela, Leslie esticou suas mãos, mesmo com algemas, para tocar a figura de âmbar no extremo de uma das estantes. Uma luz cintilava de sua superfície polida e iluminava os veios de seu interior com brilho dourado.

Aquela figura tinha quase um metro e meio de altura e representava um homem segurando uma maquete do sistema solar. Ao redor do sol orbitavam seis planetas de diferentes tamanhos.

— Eles conheciam o sistema heliocêntrico — disse Lourds. — Estavam adiantados milhares de anos em relação a todos os outros. E as proporções de tamanho entre os planetas parecem corretas também.

Sentiu-se fascinado enquanto se dedicava a observar o resto dos livros.

— Isso é importante? — perguntou Leslie. — Eu achava que todo mundo sabia que os planetas giravam ao redor do Sol.

— Não. Na verdade, a Igreja encarcerou Galileu Galilei justamente por afirmar isso.

— Você está brincando — disse Leslie.

Lourds não podia acreditar que uma jornalista não soubesse daquilo.

— Não, não estou brincando não.

— A astronomia nunca foi o meu forte — confessou Leslie.

Comportando-se como uma criança em uma loja de doces, Lourds percorreu os corredores procurando por títulos que pudesse ler.

— Você tem ideia do conhecimento que pode ter ficado escondido aqui durante todos esses anos? Pode imaginar que passos enormes poderiam ter sido dados no mundo se outras culturas tivessem desfrutado deste conhecimento? — disse Lourds.

— Imagino que todos esses livros devem ser muito importantes —

respondeu Leslie.

— Muito — assegurou Lourds, cuja mente calculava as possibilidades.

Lembrou-se de tudo o que havia sido perdido na biblioteca de Alexandria. Um mundo de antigos conhecimentos... Ali... Bem ali... Ao alcance de sua mão. Lourds foi invadido por um absoluto assombro.

— Lourds! — Murani o chamou impaciente.

Voltou-se e deu de cara com um fecho de luz dirigido a seus olhos. Levantou as mãos para se proteger.

— O quê foi? — perguntou Lourds.

— Onde está o Livro do Conhecimento? — disse Murani.

— Não sei. Deve estar em algum lugar — respondeu Lourds.

— Aqui — disse Leslie.

Lourds seguiu a voz dela através das estantes e todos foram atrás dele.

*

Enquanto os trabalhadores saíam da construção em chamas, Natashya se deu conta de que a estratégia do guarda suíço que sobrevivera tinha passado de ofensiva para a defensiva. Também sabia que ele havia cometido o erro de permitir-lhe chegar até o corpo do segundo homem que havia matado.

Ela deixou as duas pistolas de lado e pegou o fuzil e a bandoleira de munição. Colocou-a por cima do ombro, cruzando o peito, e verificou o carregador de munição. Estava quase cheio.

Voltar a ter armas de verdade fez com que ela se sentisse melhor.

Com calma, sabendo que seu oponente só tinha duas opções, Natashya se agachou nas sombras, ao lado da escavadeira, e esperou. Detestava não ser capaz de se mover até mais perto de Gary. Ele estava inconsciente e imobilizado no chão de pedra tão frio da caverna. Contudo, alguns dos homens continuavam perto dele. Ela esperava que o rapaz continuasse vivo e que aqueles que Gary havia salvado agora o salvassem.

O guarda suíço saiu de seu esconderijo e correu até os veículos dos

trabalhadores. Tinha optado por salvar a própria pele em vez de reunir-se aos seus camaradas nas cavernas seguintes.

Natashya colocou o fuzil ao ombro, seguiu o trajeto do homem apenas um pouco e apertou o gatilho. A bala alcançou seu pescoço, um pouco abaixo do capacete de proteção. O impacto o derrubou. Não voltou a se mover.

Uma vez a salvo dos perigos e sabendo que a caverna estava livre por enquanto, a russa correu até Gary. Os trabalhadores a deixaram passar intimidados pela arma. Muitos deles se dirigiram aos veículos para sair dali.

O movimento do peito de Gary indicou que o cameraman continuava vivo.

Ela olhou para um dos homens.

— Você! — disse Natashya com sua voz de policial.

— Eu? — perguntou o homem assustado.

— Meu amigo salvou sua vida e agora eu quero que você salve a dele — disse Natashya.

— Claro — disse o homem.

Chamou um companheiro e os dois o levantaram do chão.

— Com cuidado — aconselhou Natashya.

O homem assentiu e se dirigiram para um dos veículos. Ele chamou o motorista, que estacionou o caminhão ao lado deles.

Os homens deixaram que outras mãos ajudassem Gary enquanto eles mesmos subiam no veículo.

Natashya observou enquanto eles se afastavam. Em menos de um minuto, a caverna foi totalmente evacuada. Então, ela dirigiu sua atenção de volta para as cavernas mais adiante, onde parecia ter sido declarada a Terceira Guerra Mundial.

*

Leslie estava num extremo do ambiente, ao lado de uma caixa de vidro sob um colorido mosaico. Nele podia se ver uma imagem do Primeiro Filho no alto de um prado com os braços estendidos, chamando os homens e as mulheres que se encontravam em uma

escura selva cheia de demônios e bestas horríveis.

“Que todos nós possamos ser chamados de volta para casa em breve”, disse Lourds, lendo em voz alta os símbolos que havia debaixo do mosaico.

Sobre uma mesinha, havia uma caixa de ouro puro batido. Também havia uma nota escrita. Lourds dirigiu a lanterna até ela e a leu rapidamente.

— Pode traduzi-la? — exigiu Murani.

— Sim — respondeu Lourds.

— Então, traduza — disse Murani.

A nota era curta e concisa.

Eis o Livro do Conhecimento. Nós o tiramos do Primeiro Filho de Deus, que veio ao Jardim do Éden para nos pastorear. Oramos agora para que Deus perdoe nossos pecados.

Quando caiu a torre, depois que nós a construímos para ascender ao Céu, seguiram-se tempos difíceis. Guerreamos entre nós porque já não tínhamos uma língua comum. Apenas alguns de nós éramos capazes de aprender esse idioma novamente. E juramos que nunca iríamos ensiná-lo a ninguém. Mas o livro pertence a Deus e sempre haverá aqueles que supõem ser tão poderosos quanto Deus.

Estão equivocados.

Depois que afundamos no mar, apenas alguns poucos que podiam ser úteis se mantiveram dentro das cavernas. Estamos cada vez mais doentes por causa de um mal misterioso que nos seguiu para as profundezas.

— Será que uma doença poderia durar tanto tempo assim? — perguntou Gallardo.

— Não, além do mais você tem outras coisas para se preocupar agora — espetou Murani.

— Certamente alguma bactéria ou vírus sucumbiria ao barotrauma — indicou Lourds.

— O que é isso? — perguntou Gallardo receoso.

— Levando em conta que estas cavernas estão secas e que alguns deles sobreviveram, pelo menos por algum tempo, todo o lugar se

converteu em uma grande câmara hiperbárica. Isso quer dizer que, o oxigênio que havia dentro tinha mais pressão. Acontece o mesmo quando alguém mergulha a mais de quarenta metros de profundidade durante um longo tempo. Por isso, os mergulhadores devem se submeter à descompressão e subir pouco a pouco ou utilizar uma câmara de descompressão, que também é chamada de câmara hiperbárica. O barotrauma se manifesta quando há uma mudança de pressão dentro do corpo que não se equilibra durante o mergulho.

— Certamente você deve ter conhecido alguma mulher que gostava da atividade de mergulho submarino — comentou Leslie com azedume.

Lourds não podia acreditar como Leslie podia se mostrar ciumenta daquele jeito sob aquelas terríveis circunstâncias. Mas não havia dúvida de que era isso que a jornalista estava sentindo. Ele já havia presenciado crises de ciúmes e tivera que as enfrentar em muitas ocasiões. E de fato, a garota tinha razão. Ele tinha saído durante algum tempo com uma professora de mergulho. Uma professora grega muito linda, que se expressava muito bem, na Grécia.

— Então eles adoeceram por estarem debaixo do mar — disse Gallardo.

— Sim. Muitos homens já tentaram viver sob a água em diferentes lugares, como nos projetos Conshelf, Sealab e Aquarius de Jacques Cousteau. O mergulho de saturação, e isso foi o que os sobreviventes tiveram que enfrentar em certo sentido, pode provocar necrose óssea asséptica, que leva à perda de sangue nos ossos e possivelmente gangrena nos braços e nas pernas — disse Lourds. Em seguida ficou calado por alguns instantes. — Uma morte horrível e dolorosa.

— A nota diz mais alguma coisa? — perguntou Murani.

Lourds voltou a ler.

Sei que não viverei por muito mais tempo, talvez somente mais alguns dias, mas quero deixar esta advertência aos que encontrarem o livro. Se for da vontade de Deus, a ilha não voltará a elevar-se nunca mais e nossos pecados permanecerão enterrados no oceano. Mas sei que Deus obruará segundo o seu desejo.

Assim sendo, a quem achar este livro, se puder ler a minha mensagem, escrita na antiga língua que Deus nos arrebatou, dê

importância à minha advertência. Não o leia. Deixe-o em lugar seguro até que Deus regresse para buscá-lo e nos alivie desta carga uma vez mais.

— Quem assina é Ethan, o historiador — concluiu Lourds.

— Afaste-se do livro — disse Murani, apontando a arma em direção a Lourds.

Lourds se afastou com má vontade.

Murani enfiou a arma no coldre, se aproximou da caixa, abriu a tampa e esticou as mãos para seu interior. Quando tirou o livro, Lourds se surpreendeu de que o cardeal não começasse a arder ou que se evaporasse ao tocá-lo.

Era muito menor do que Lourds tinha pensado, levando-se em conta o que aquele volume representava. Obviamente, nada de tão importante estaria contido naquele tamanho tão pequeno. Teria uns trinta centímetros de largura e cinquenta de altura e não chegava a sete de espessura.

Como poderia conter nele todo o conhecimento de Deus?

Murani o abriu tremendo. A princípio as páginas pareciam estar em branco, mas logo se encheram de símbolos. Apareceram tão rapidamente que Lourds pensou que simplesmente não os havia visto de início.

Murani olhou o texto, parecia irritado, frustrado e atônito. Olhou para Lourds e entregou o livro a ele.

— Leia isto — exigiu Murani.

Lourds tentou ler, mas os símbolos pareciam estar brincando com ele, deixando-o numa situação complicada. Eles pareciam se mover em todas as direções, e estava sendo difícil mantê-los parados.

“Saibam que este é o Livro de Deus, e que a Sua vontade é sagrada e sem...”

Murani o fechou num só golpe.

— Você irá ensinar-me essa língua, professor Lourds. O fato de que não consigo ler o que está escrito é a única coisa que ainda o mantém vivo até agora.

Lourds não pôde pensar em nada para dizer.

— Fique com ele, Gallardo. O tenente Sbordonni precisa encontrar

agora um jeito de sair daqui — ordenou Murani.

Lourds olhou os livros antes que o obrigassem a subir os degraus; não lhe apetecia em nada ter de deixá-los ali. Queria estudá-los por mais algum tempo, mas Gallardo colocou uma de suas mãos nas costas dele e começou a empurrá-lo, fazendo com que ele quase caísse.

*

De volta à Câmara do Acordes, a tensão entre as duas facções de guardas suíços havia alcançado um ponto crítico. Lourds percebeu isso claramente apenas por ver a maneira como um dos grupos protegia o padre Sebastian.

— Cardeal Murani, me devolva o Livro do Conhecimento — pediu o sacerdote.

— E se eu me negar? — perguntou Murani, numa atitude beligerante.

— Então terei de pegá-lo a força e preferia não fazer isso — disse um dos guardas suíços.

— Obrigado, Martin — disse o padre Sebastian. — Deus conhece os Seus...

— Você está a serviço da Sociedade de Quirino. Supõe-se que tenha de me ajudar — disse Murani.

— Para recuperar o livro e colocá-lo em um lugar seguro sim, mas não para deixar que o leia — retrucou o guarda Martin. — Esse livro já causou muito dano. É preciso que seja guardado em um lugar onde não possa fazer mal a mais ninguém.

— Este livro pode fortalecer a Igreja e nos aproximar de Deus!

— Não! — gritou Sebastian. — Tudo o que ele fará será atrair a cólera de Deus novamente sobre nós!

O velho sacerdote esticou a mão em direção a Murani:

— Cardeal, entregue-me o livro... — fez uma pausa. — Por favor, Stefano, antes que seu fanatismo acabe com todos nós.

Por um momento, pareceu que o cardeal ia ceder ao pedido. Mas então ele tirou a arma do bolso de seu casaco e disparou em Sebastian antes que os guardas suíços pudessem fazer qualquer coisa.

Aquilo desencadeou o banho de sangue que vinha sendo gestado há

tempos.

Quando as balas começaram a ser disparadas, Lourds se afastou de Gallardo, que também começou a atirar. Mantendo-se o mais agachado possível, correu até Leslie, a pegou pelo braço e foram até a inclinação que levava ao poço onde estava a biblioteca. Aquele foi o lugar mais seguro que lhe ocorreu para se esconder até que a batalha terminasse. Os guardas suíços iam caindo ao seu redor.

Murani abriu o Livro do Conhecimento e, mesmo em meio ao tiroteio, sua face mostrava uma expressão triunfante.

A caverna se encheu de um ruído que foi amplificando-se com uma cacofonia de ecos que dobravam e triplicavam o som da luta. Lourds sentiu que o chão tremia sob seus pés e ficou quieto detrás de uma estalagmite que lhes ofereceu cobertura ante a tormenta de balas.

— O que é isso? — perguntou Leslie. — Um terremoto?

— Não, é uma vibração harmônica. A caverna é uma câmara acústica desenhada para recolher e amplificar o som.

O sussurro da água ao seu redor se fez mais intenso.

Lourds sentiu um frio no estômago.

— Não — sussurrou Lourds. — Acho que, quando Murani abriu o livro, ele desencadeou alguma coisa que ninguém pode controlar.

De repente, se ouviu um horrível rangido que afogou momentaneamente o som dos disparos. Depois as paredes racharam e cederam, e o ávido mar que se continha do lado de fora derramou para dentro da caverna com força suficiente para derrubar tudo à sua passagem.

Após cobrir o solo da caverna, a torrente foi em direção ao poço que havia no centro.

— Não! — gritou amargamente Lourds, correndo até ali, mas Leslie o agarrou e o conteve.

— Você não pode fazer nada! Temos que sair daqui! — gritou Leslie.

Depois de tudo pelo que haviam passado, depois de tudo a que tinham sobrevivido, a única coisa que Lourds podia fazer agora era ser uma impotente testemunha. Esgotado, caiu de joelhos enquanto a água girava e se convertia em um rodadoiro que desembocava diretamente na biblioteca.

Leslie o fez cair em si.

— Venha! Vamos! Levante-se ou morreremos aqui! — gritou Leslie.

Lourds obrigou-se a se levantar e saiu correndo em direção a entrada da caverna. Diante deles, os que haviam sobrevivido à batalha também fugiam, embora alguns deles ainda continuassem disparando.

Enquanto corria, o professor se deu conta de que o nível do mar subia muito depressa. A cada passo que dava, mais profunda era a água. Esquivou-se e saltou por cima dos cadáveres sem soltar a mão de Leslie.

Leslie gritou horrorizada.

— Guarde suas forças — disse Lourds. — Sairemos daqui, mas se continuar assim não terá forças para correr — mentiu.

Do jeito que a água estava subindo, ele não achava que qualquer um deles pudesse sobreviver. Eles se afogariam como ratos.

Um pouco mais adiante, Murani estava parado e apontando para Lourds. A água já estava na altura da cintura do cardeal. Embora Lourds não pudesse ouvir o que o homem estava dizendo, por causa do gorgolejar da água, ele sabia que Murani estava ordenando a seus homens que os pegassem.

Três guardas suíços, liderados pelo tenente Sbordonni, deram a volta e correram em direção a eles, acompanhados por Murani.

Lourds soltou um palavrão e quase caiu quando uma onda enorme lhe bateu nas costas e nos ombros e o fez cambalear. O sal fazia com que seus olhos e seu nariz escorressem. O pânico se apoderou dele quando escorregou, mas logo recuperou o equilíbrio e seguiu adiante.

Os guardas suíços, Sbordonni e Murani o estavam esperando. Eles o agarraram com força e o atiraram na caverna onde estavam as imagens entalhadas na parede.

“Tudo isso irá se perder”, pensou Lourds com consternação.

O professor mal notava a dor das algemas cravadas em sua pele ou a tensão que seus captores tinham aplicado em seus ombros ao arrancá-lo de um lugar e atirar em outro.

Lourds conseguiu colocar os pés no solo e tentou afastar-se do homem que o estava arrastando.

— Pare! — ordenou o homem.

— Vocês não podem deixar ela lá! — gritou Lourds. — Ela precisa de ajuda!

— Você é um imbecil! Se voltar, irá morrer! — respondeu Sbordonì.

Lourds continuou lutando, até que o guarda suíço o golpeou com o cabo do fuzil, deixando-o praticamente inconsciente. Suas pernas enfraqueceram e ele desabou, enquanto o homem o continuou arrastando, a água agora quase na altura do queixo.

O professor tentou concentrar-se, mas seus pensamentos davam voltas no interior de sua cabeça dolorida. Finalmente, recuperou a força nas pernas e voltou a pisar no chão. Sbordonì se deteve e voltou-se disposto a golpeá-lo outra vez com a arma.

Lourds tentou proteger-se, certo de que a pancada o deixaria inconsciente imediatamente. Em vez disso, o guarda ficou tenso e afundou. Lourds só conseguiu vislumbrar por alguns instantes o buraco que o homem tinha na parte de trás da cabeça antes de ele desaparecer debaixo da água.

— Lourds!

Reconhecendo a voz de Natashya, ele a procurou. Não a conseguiu ver em parte alguma. Havia muitos lugares onde se esconder nas paredes de rocha.

— Peguem-no! — ordenou Murani aos outros dois guardas suíços.

Os homens começaram a andar na direção de Lourds, mas caíram antes de alcançá-lo, ambos com buracos de bala no meio da testa.

Murani, com o Livro do Conhecimento agarrado firmemente por uma das mãos, tirou a arma e apontou para o professor. Antes que Lourds pudesse se dar conta de algo, ouviu-se um ruído seco, o cardeal girou e afundou na água.

“O livro!”, pensou, mas imediatamente se voltou para Leslie. De alguma forma, Lourds tinha conseguido não perder a lanterna. Leslie apenas se mantinha por cima da água e nadava contra o mar agitado.

— Levante as mãos! — gritou Natashya.

Lourds as subiu automaticamente, sem pensar, e depois refletiu em como iria salvar Leslie se nem sequer sabia se poderia salvar a si mesmo. Manteve a luz da lanterna focalizada na direção da garota.

Sentiu uma sacudida nas mãos, que se separaram quando a correia

das algemas se partiu. O som do disparo do rifle quicou na caverna.

— Vai! Salve-a! — disse Natashya, apressando Lourds.

Lourds mergulhou e nadou contra a tromba d'água que invadia furiosamente as cavernas. Aquilo era bem difícil, nadar e manter o facho de luz em Leslie, e ele esperou que ela usasse a luz como um farol para encontrá-lo.

*

Gallardo se moveu com rapidez entre as sombras. Ele sabia que precisava chegar rapidamente à superfície, mas ainda tinha mais uma missão a cumprir antes disso. Ele tinha contas a acertar com a russa, que conseguira localizar enquanto ela estava disparando contra os guardas que pretendiam prender aquele professor. Ela estava entre ele e a saída. Mas poderia se atrasar apenas alguns segundos para eliminar aquele alvo tão tentador. Na verdade, isso seria um grande prazer... Avançando com a água até o peito e a arma na mão em direção à rocha em que a havia visto, Gallardo lutava contra a corrente e seguia em frente.

Aproximou-se lentamente por detrás dela. A outra caverna tinha lâmpadas penduradas e o homem utilizou a luz que emitiam para localizar o contorno daquela piranha recortado contra a parede da rocha. Gallardo fez mira bem na nuca.

Então, quando o brilho esmaecido iluminou suas feições, ele se deu conta de que a mulher não estava de costas, e sim olhando-o de frente.

Uma dor indescritível inundou seu peito e seu coração. Tentou apertar o gatilho de sua arma, mas as forças já o haviam abandonado. Seus braços caíram para os lados, ao mesmo tempo em que cambaleava.

Seu coração parou de bater e Gallardo sentiu um silêncio de morte no interior do peito.

A mulher estava a seu lado com a cara endurecida como uma pedra.

— Você matou minha irmã, seu canalha! — grunhiu Natashya.

Gallardo viu outro clarão esmaecido, sentiu a cabeça dar um puxão para trás e depois não viu nem sentiu mais nada.

Lourds encontrou Leslie nas enfurecidas águas e a agarrou pelas algemas, do mesmo modo como havia feito o guarda suíço com ele.

— Agarre-se! — e esfalfou-se através da água.

Quase não conseguia apoiar os pés no chão, mas continuou puxando a repórter e nadando quando era necessário.

Lentamente, com o coração batendo a toda velocidade e a respiração entrecortada, notou que estava conseguindo avançar agora com certa facilidade contra a água que subia. Ou a pressão estava se equalizando, ou aquela seção da caverna, por ser maior, demorava mais para encher.

Lourds não tinha dúvidas de que a biblioteca já estava totalmente inundada.

Tentou não pensar nisso e se concentrou na luz que via na entrada da caverna seguinte. A água havia chegado ali também, mas ainda restaram alguns veículos que tinham sido abandonados pelos trabalhadores.

Quando voltou a pisar em terra firme, a garganta lhe queimava, assim como o nariz e os pulmões. Tomou impulso e arrastou Leslie para fora da água. Conseguir colocar os pés no fundo já era uma boa ajuda e ela continuou avançando com a água até a cintura.

Ele começou a pensar que talvez eles conseguissem ainda sair com vida de tudo aquilo, apesar dos pesares.

De repente, como um morto-vivo dos antigos filmes de terror de que tanto gostava quando garoto, Murani saiu da água diante dele. Tinha sangue no ombro esquerdo, mas segurava firmemente a arma com a mão direita.

— Alto! — ordenou Murani.

Lourds esperava que Natashya fosse atirar nele, mas não se produziu nenhum disparo. Murani apontou a arma para Leslie, e o professor entendeu que o cardeal iria matar a mulher e depois levá-lo prisioneiro.

Ouviu-se uma detonação de algum lugar perto da parede com as imagens talhadas que estava às suas costas.

Lourds saltou para frente, pegou a mão de Murani e o empurrou com

o ombro em direção à rocha, com um movimento que não era legal no futebol, mas que Lourds já havia empregado em uma ou outra ocasião quando o jogo endurecia. Murani tentou acertá-lo com o joelho, mas Lourds se afastou e recebeu o golpe na parte interior da coxa.

O Livro do Conhecimento caiu de algum lugar entre a roupa do cardeal, bateu na água e começou a afundar.

Antes de poder pensar duas vezes, ele soltou a mão de Murani e esticou o braço em direção ao livro. Conseguiu agarrá-lo antes que desaparecesse.

— Não! Cuidado, Thomas! — gritou Leslie, que corria até eles sem conseguir avançar muito por causa da água.

Meio de lado, Lourds viu a arma que o cardeal apontava para sua cabeça e, atrás dela, o olhar de ódio de Murani. Era impossível que o cardeal falhasse a essa distância.

Com um movimento instintivo, Lourds levantou o livro para proteger-se. O clarão iluminou a caverna por um momento e ele sentiu o impacto da bala atingindo o livro. Achou que a bala atravessaria as páginas e alcançaria seu rosto.

Mas não foi assim.

Segurando o livro com a mão esquerda, lançou a direita em direção ao cardeal. Este, em vez de lutar, se deixou cair sem forças na água. Tinha um buraco de bala entre os olhos.

Sem conseguir acreditar no que tinha acabado de acontecer, Lourds ficou observando o corpo do cardeal Murani flutuando e afastando-se para longe. Quando virou o Livro do Conhecimento para ver o estrago que a bala do cardeal tinha feito na capa, Lourds não conseguiu enxergar nem mesmo um arranhão.

— Você viu isso? A bala ricocheteou e...

O professor ia dizendo a Leslie quando ela se aproximou, mas ela o interrompeu:

— Venha, temos que sair daqui!

Lourds passou a mão sobre a capa do Livro suavemente. Não havia nenhuma mancha nem marca alguma de bala, mas ele sabia que tinha acontecido.

Natashya se uniu a eles. Tinha sangue no rosto, mas não era dela.

— Gallardo está morto. A morte da minha irmã está vingada — disse Natashya.

Lourds assentiu, mas continuava pensando no livro. Se a bala não o havia danificado, ele seria também impermeável? Ele o abriu e viu que as páginas estavam molhadas, mas não pareciam ter sofrido nenhum dano. Os símbolos flutuavam pelas folhas e Lourds começou a traduzi-los automaticamente.

— Não! — exclamou Leslie, fechando-o. Este não! Pode ler um milhão de outros livros, um bilhão deles se quiser, mas este não.

Lentamente e a contragosto ele aceitou. Correram todos juntos até a caverna seguinte conforme ia aumentando o nível da água.

EPILOGO

ESCAVAÇÕES DA ATLÂNTIDA

CÁDIZ, ESPANHA

16 DE SETEMBRO DE 2009

Lourds suava devido à umidade que vinha do oceano Atlântico. Frente a ele, continuavam os trabalhos para resgatar o que pudesse ser salvo da civilização atlante.

Tinha acabado de ser liberado pelas autoridades espanholas que haviam descido até o local das escavações. Durante os dois últimos dias, ele tinha compartilhado uma pequena cela com vários dos criminosos mais perigosos de Cádiz. Achava que havia sido uma mera tática de intimidação, mas ainda assim ele tinha conseguido se dar bem com seus companheiros de infortúnio.

Por mais eminente professor de Harvard que fosse, Lourds havia passado grande parte de sua vida na companhia de gente como essa, em suas viagens pelo mundo. Delinquentes desse tipo sempre se juntavam ao redor dos locais onde se dizia que havia artefatos antigos que poderiam valer fortunas. Logo que descobriu essa circunstância, o professor decidiu aprender a linguagem dos malfeitores, que quase sempre era uma variante do vernáculo. Os bandidos com quem havia compartilhado seu último alojamento não estavam precisamente na lista de pessoas para quem enviaria um cartão de Natal, mas ficaram tristes quando o colocaram em liberdade. Quando a polícia espanhola não o estava interrogando, Lourds compartilhava anedotas e histórias com aqueles homens, e ele havia se tornado uma espécie de celebridade, já que a CNN não deixava de transmitir imagens suas.

O Departamento de Estado Norte-Americano não tinha saído em sua defesa com muita contundência porque não sabia exatamente o que foi que ele tinha feito. Havia várias agências internacionais esperando poder falar com seu pequeno grupo. Em especial com Natashya.

No final, o papa Inocência XIV havia intercedido por eles e solicitado

clemência alegando seu trabalho em favor da Igreja. Seus captores ouviram o pedido do papa. Todos eles tinham sido postos em liberdade.

Gary ainda se recuperava no hospital. Natashya tinha saído para fazer umas ligações telefônicas. Apesar do rastro de morte que havia deixado para trás, não existiam provas que a relacionassem com elas. Parecia que a russa tinha sido capaz de limpar suas “indiscrições” com seu país natal, sendo a pior delas o fato de aparentemente não ter preenchido de forma apropriada a papelada para seu pedido de férias. E Leslie desfrutava de uma ótima relação com o estúdio de televisão que a havia contratado, porque eles tinham descoberto que a jornalista possuía muitos relatos exclusivos relacionados com a história das escavações da Atlântida e que a CNN ainda não tinha conseguido.

Ela também tinha saído de tudo isso relativamente ilesa.

Muitos dos jornalistas da televisão reconheceram Lourds e imploraram por uma entrevista. Ele recusou todas. Pensou que aquilo alegraria Leslie, pois sentia que estava em dívida com ela.

Sua presença não demorou muito em chegar aos ouvidos do padre Sebastian. O velho sacerdote tinha sido internado em um hospital, onde os médicos haviam feito curativos em seu ombro ferido, e voltado ao trabalho como encarregado da escavação.

— Professor Lourds — Sebastian o cumprimentou assim que o professor surgiu por ali.

O braço esquerdo do sacerdote estava na tipoia e ele parecia um pouco pálido, mas de resto aparentava boa saúde.

Lourds também o cumprimentou.

— Confio que o papa tenha recebido o pacote — disse Lourds.

Sebastian assentiu.

— Alegrou-se muito. Ele o colocou em um lugar seguro e tem certeza de que nunca mais trará problemas.

Na noite em que haviam saído das cavernas, Lourds se inteirou de que o padre Sebastian tinha sobrevivido ao disparo. E antes que o velho padre tivesse sido levado de helicóptero pela equipe de médicos, havia conseguido lhe entregar o Livro do Conhecimento. Não tinha a confiança suficiente em si mesmo para ficar com ele.

Sabia que não resistiria à tentação de lê-lo, seja lá qual fosse o

preço.

O padre Sebastian fez um gesto aos guardas de segurança para que contivessem a multidão que se aglomerava perto do portão de entrada. Os guardas deixaram Lourds entrar e o sacerdote o pegou pelo braço.

— Fiquei sabendo que o puseram em liberdade faz pouco tempo — disse enquanto caminhavam até o carrinho de golfe com que havia ido buscá-lo.

— Pouquíssimo tempo, quase nada — admitiu Lourds, tocando em sua roupa. — Deveria de ter procurado um hotel e trocado de roupa antes de voltar para cá, sinto muito, padre. Ainda estou cheirando a cárcere.

— Mas é claro que veio para cá correndo. Este é o único lugar aonde gostaria de ir, não é mesmo? — perguntou o padre Sebastian sorrindo.

— Sim — disse Lourds, sentando-se no banquinho de passageiro do carrinho de golfe.

O sacerdote dirigiu de volta à caverna.

— Não consigo parar de pensar na biblioteca inundada lá embaixo. — continuou Lourds. — Quero dizer, se o Livro do Conhecimento sobreviveu à bala e à água, eu...

— Ah! Mas esse livro é muito especial — interrompeu-o Sebastian. — Não se pode esperar o mesmo dos demais.

— Mas eu tenho esperanças, padre. Talvez a tecnologia empregada na fabricação do papel e da tinta fosse diferente da nossa, fosse mais avançada... Talvez tenham sobrevivido. Sou um bom mergulhador e já fiz vários mergulhos em cavernas.

Sebastian negou com a cabeça.

— Então você não se inteirou das más notícias enquanto estava na cadeia — disse Sebastian.

— Quais? — perguntou Lourds.

— Pensando bem, talvez não pudesse saber mesmo, aconteceu apenas hoje de manhã, bem cedo... — disse Sebastian.

Lourds esperou, sentindo uma grande tensão no estômago.

— Perdemos a seção de cavernas na qual estavam a biblioteca e o lugar onde estava escondido o Livro do Conhecimento — disse Sebastian.

— Mas como?

— Não sei — respondeu o padre, encolhendo os ombros. — A única coisa que eu sei é que ali não resta nada, não há mais nada. Pode ser que o mar tenha levado embora, que tenha arrancado aquilo tudo da terra e levado para o fundo. A única coisa que resta é um grande buraco que permitiu que o oceano Atlântico inundasse a maior parte do sistema de cavernas.

Lourds deixou-se cair contra o assento, sentindo-se derrotado. Durante os últimos dois dias, tudo o que tinha pensado era sobre a possibilidade de que a biblioteca, ou pelo menos os livros que ela continha, tivesse sobrevivido.

Tinha desaparecido.

— Pode ser que se consiga salvar parte das paredes, a região da cripta e alguma outra coisa mais, mas agora que a Igreja tem o que queria... — disse Sebastian.

— O papa não quer continuar esvaziando suas arcas — disse Lourds.

— Seria uma loucura — disse Sebastian, com um suspiro. — Apesar de tudo, eles ainda me permitiram limpar alguma coisa antes de partir. Sem dúvida, eu poderia atrair outros interesses, quem sabe outras pessoas que poderiam então continuar de onde paramos, não acha?

— Isso também impedirá que os meios de comunicação fiquem especulando sobre o que vocês vieram realmente buscar aqui — disse Lourds.

— A não ser que alguém comente com eles...

— Não farei isso — assegurou Lourds, assentindo com a cabeça. — De todo o jeito, jamais alguém acreditaria em mim.

— E o que você me diz da jovem jornalista? — perguntou o padre Sebastian.

— A única coisa que Leslie dirá é que seguimos umas pistas que nos levaram a uma biblioteca que estava sepultada nas cavernas — disse Lourds.

— Ela não falará nada sobre o Livro do Conhecimento? — perguntou o velho sacerdote.

— Não, ela vai se manter ao mito padrão da Atlântida. Leslie me assegurou que isso é o que dá mais audiência. Além do mais, o

Vaticano admitiria sua existência por mais que ela jurasse de pés juntos? — perguntou Lourds.

Sebastian sorriu.

— Você se surpreenderia com a quantidade de coisa que não existem, oficialmente, é claro — disse Sebastian.

— Não acho que me surpreenderia, padre, sobretudo depois de tudo o que eu vi — disse Lourds.

O sacerdote deteve o veículo na entrada da caverna.

— Ainda assim, acho que podemos encontrar algumas surpresas antes de partir. Se quiser, pode unir-se a nossa investigação — disse ele.

— Eu quero sim, eu aceito. Não há outro lugar em que deseje estar mais que não seja buscando conhecimento — disse Lourds.

— Pode ser que encontremos algum livro que saiu flutuando da biblioteca — disse o padre Sebastian, fuçando em seu bolso em busca de alguma coisa. — Enquanto isso, parece que não sou o único a não ficar surpreso com sua presença aqui. Tenho algumas mensagens de suas duas companheiras — disse ele, entregando-lhe duas folhas de papel dobradas. — Parece que querem jantar com você... As duas...

— Ah! — exclamou Lourds sorrindo, apesar da decepção que lhe havia causado a perda da biblioteca.

— Imagino que querem jantar com você em particular — disse padre Sebastian.

— Possivelmente — disse Lourds.

— Suponho que tenha um problema de agenda — disse padre Sebastian.

— Não, por sorte eu tenho bom apetite — disse Lourds, sorrindo para o ancião. — Depois de dois dias no cárcere, esta noite posso jantar duas vezes.

— Certo. Então coma com prudência e se controle. Claro que você sabe que se for apanhado jantando duas vezes na mesma noite... Bem... Isso poderia ser perigoso — disse o padre Sebastian.

Lourds enfiou os papéis no bolso, sentindo-se um pouco melhor.

— Esse é o tipo de perigo de que eu gosto, padre. E não acho que nenhuma dessas mulheres esteja procurando um companheiro

permanente de jantar.

O padre Sebastian sorriu e lhe perguntou:

— E o que pretende fazer depois disso?

— A biblioteca de Alexandria continua desaparecida — respondeu Lourds. — Ainda não perdi a esperança de encontrar alguns de seus livros. A história tem um montão de fragmentos perdidos, são inúmeras possibilidades ocultas nas histórias e nos idiomas que temos carregado durante milhares de anos. Continuarei fuçando nesses cantos e nessas fendas sempre que eu puder com a esperança de encontrar algo algum dia. Essa é a minha verdadeira paixão.

E Lourds sabia que sempre seria ela.

FIM

CHARLES BROKAW

É o pseudônimo de um autor, acadêmico e professor universitário que vive nos Estados Unidos. Brokaw é fascinado por história, arqueologia e pelas possibilidades daquilo que pode estar escondido na Terra. Além de O Código de Atlântida, ele também é autor de The Lúcifer Code.